

RES.  
417V

Microfilomado

uu

3/5/94

Bui Louisa























# DECADE SEXTA DA ASIA,

DOS FEITOS QUE OS PORTVGVESES FIZE-  
raõ no descobrimento dos mares, & conquistas das terras do Orien-  
te : em quanto gouernaraõ a India Dom Joaõ de Castro , Gra-  
cia de Sá , Jorge Cabral , Dom Affonço de Noronha.

COMPOSTA POR MANDADO DOS  
muito Catholicos, & inuenciueis Monarchas de Espanha, &  
Reys de Portugal Dom Felipe de gloriosa memoria, o pri-  
meiro deste nome; & de seu filho Dom Felipe nosso  
senhor, o segundo do mesmo nome.

POR DIOGO DO COVTO CHORONISTA,  
& guarda mòr da torre do tombo do estado da India.



Com licença do supremo conselho da santa & geral Inquisição, & do  
Ordinario, & Paço.

Em Lisboa, por Pedro Craesbeeck. Anno. 1614.

---

Com Privilegio Real. está taxado em 400. reis em papel.

420579

F 4353

RES: 4714

DEUS... FOR... PORTUGUESSES...  
... de comp... das terras do Orien...  
... a India... Dom Joao de Castro...  
... Dom Affonso de Noronha...

... PORTUGUESA...  
... de Portugal...  
... de Portugal...  
... de Portugal...

... DIAGO DO...  
... de grande... do estado da India...



... Com... de...  
... de...

... Anno. 1614.

... Anno. 1614.

# TABOADA DA SEXTA

DE CADA DA ISTORIA DA INDIA.

LIVRO PRIMEIRO  
da taboada da sexta decada  
da India.

**C**apitulo primeiro. De como foy eleito para Governador da India Dom Joaõ de Castro. E da armada com que partio para a India o anno de 1545. & de como chegou a Goa, & tomou posse da governança, & das cousas em que proveo, & da viagem que Martim Affonso de Sousa teve the o Reino. fol. 1.

Cap. 2. Da desimulaçaõ com que Cogeçofar mandou visitar o Governador: & das pazes que se fizeraõ com ElRey de Cananor, & dos recados que passaraõ entre o Governador, & o Idalxa sobre Mealecan. fol. 3.

Cap. 3. Do que aconteceu a Diogo Soares de Mello, indo para Patane, & de como foy ter a Pegu, & foy em companhia daquelle Rey contra o de Arracaõ, & do que lhe soccedeo atbe chegar a Patane. fol. 4.v.

Cap. 4. Da chegada de ElRey de Maluco a Goa, & de como o Governador Dom Joaõ de Castro otornou a mandar para o seu Reyno, & Bernardim de Sousa foy entrar naquella fortaleza, & do que aconteceu na viagem a Fernam de Sousa de Tavora,

& dos partidos com que Ruy Lopes de Villa Lobos se entregou. fol. 6.

Cap. 5. Do que mais passou Fernam de Sousa de Tavora, com os Castelbanos, & de como forã todos contra o Rey de Geilolo, & o cercaraõ na sua fortaleza, & de como se recolberã sem fazerem cousa alguma. fol. 8.

Cap. 6. Das intelligencias que Cogeçofar teve com hum Ruy Freire estando em Surrate sobre lhe entregar a fortaleza de Diu, & da gente que naquella Ilha entrou disimuladamete. f. 10. v.

Cap. 7. De como Ruy Freire chegou a Goa com as cartas que o Capitaõ da Fortaleza de Diu mandava ao Governador Dom Joaõ de Castro, e elle mãdou de soccorro seu filho Dom Fernando, e outros Fidalgns, em nove Navios, e da chegada de Cogeçofar a Diu, e do terceiro avizo que Dom Joaõ Mascaranbas teve, e dos recados que entre ambos correraõ. fol. 13.

Cap. 8. Do conselho que Cogeçofar tomou com os seus Capitões sobre o modo de como cercaria a fortaleza, & de como assentaraõ ganbar primeiro o baluarte do mar, & de huma grande machina que para isso armaraõ, & de como o Capitaõ

§

taõ

taõ lhe mandou queimar, e do que mais passáraõ atbe chegar Dom Joaõ Fernando de Castro. fol. 16.

Cap. 9. De como Cogeoçar começou a fazer a parede, & do que succedeo com a chegada de Dom Fernando de Castro, & de hum grande feito que fez Diogo de Nbaia Coutinho. fol. 17. v.

## LIVRO SEGVNDO

da sexta decada.

Cap. 1. De como ElRey Soltaõ Mahumude chegou a Diu, e de hum assignalado feito que seis soldados fizeraõ em que tomaraõ hum Mouro, & das asperas baterias que deraõ à fortaleza. fol. 20.

Cap. 2. De como os Mouros continuaraõ a bataria, & ElRey se foy da Cidade por hum ruim agouro que tomou, & do monte da rama que os inimigos levantaraõ defronte do baluarte Saõ Thomé. fol. 22.

Cap. 3. De como os nossos furta-raõ o entulho aos Mouros, & de como mataraõ Cogeoçar, & do socorro que o Capitaõ mandou pedir a Goa, & de como os inimigos entulharaõ a cava, & de outras cousas. fol. 23. v.

Cap. 4. Do recado que Rumecan mandou ao Capitaõ por Simaõ Feo, & do grande, & aspero

combate que os inimigos deraõ à fortaleza, e de como entraraõ o baluarte Saõ Thomé. f. 26.

Cap. 5. De outro muito grande, & aspero combate, que Rumecan deu à fortaleza com todo o poder, & do que nelle succedeo. fol. 28. v.

Cap. 6. De como os Mouros entraraõ pela banda da rocha, e de hum valeroso feito que huma mulher fez, & de como acodio o Capitaõ, & os lançou fóra, & de como mataraõ Juzarcaõ. fol. 30. v.

Cap. 7. De algumas cousas que passaraõ em Goa, & de como o Governador Dom Joaõ de Castro mandou seu filho Dom Alvaro de Castro do socorro a Diu, & dos asaltos que os Mouros deraõ àquella fortaleza, de que se recolheraõ desbaratados. fol. 32. v.

Cap. 8. De outras batarias que deraõ à fortaleza, & de como chegou a ella o Vigairo que foy com recado a Chaul, & Baçaim, & de hum grande asalto que os Mouros deraõ, e das grandes fomes, & necessidades que havia na fortaleza, e de hum muito honrozo, e valeroso feito que fez Martim Botelho. fol. 35.

Cap. 9. De como Rumecan mandou minar o baluarte Saõ Joaõ, & de huma falça espia de que usou com ardil para segurar

Taboada da sexta decada da istoria da India.

os nossos, & de como rebentou o baluarte, & da morte de Dom Fernando de Castro, & de outros fidalgos, & Cavalheiros. fol. 38.

Cap. 10. De como os Mouros cometerão o baluarte São João, & do grande valor com que cinco homens o deffenderão, e de outras cousas. fol. 39. v.

LIVRO TERCEIRO  
da sexta decada.

Cap. 1. Do que aconteceu na viagem a Dom Alvaro de Castro, atbe Chaul, & de como Antonio Moniz Barreto, & Gracia Rodrigues de Tavora, chegarão a Diu, & do que fez Rumecan. fol. 42.

Cap. 2. De algũs asaltos q os Mouros deraõ à fortaleza, & de huns escravos que della fugirão para os Mouros, & de como os inimigos ganbaraõ a metade do baluarte Santiago. fol. 44.

Cap. 3. Dos soccorros que partirão de Baçaim, & do que aconteceu a Luiz de Mello de Mendonça, & os mais atbe cbegarem a Diu, & do grande asalto que os Mouros deraõ, em que ganbaraõ parte de todos os baluartes. fol. 46.

Cap. 4. De outros asaltos que os Mouros deraõ à fortaleza, & de hum muito ariscado

feito que cometeo Antonio Correa por tomar hum a espia em que foy captivo, & do grande, & aspero martyrio que recebeu. fol. 48.

Cap. 5. De algumas cousas que mais succederaõ, & do que aconteceu na viagem a Dom Alvaro de Castro, & de hum grande motim que ouve dos Portuguezes contra o Capitaõ. fol. 50 v.

Cap. 6. De como Dom João Mascaranbas, por desconfiança sahio aos inimigos, & lbes gainbou as primeiras estancias, & a parede, & os cometeo no campo, aonde foy desbaratado, & morto Dom Francisco de Menezes, e outros Fidalgos. fol. 53.

Cap. 7. De como os Mouros ganbaraõ as peças da artelharria do baluarte São Thomè, & de como Rumecan mandou fazer hum a nova Cidade, junto da nossa fortaleza, & das Náos que este anno passáraõ, digo este anno de quarenta & seis partirão do Reyno, de que era Capitaõ Mõr Lourenço Pires de Tavora, & de como Dom Manoel de Lima cbegou a Goa, & das novas que deraõ ao Governador dos successos de Diu, & do soccorro que mandou. fol. 55.

Cap. 8. De como Dom Alvaro de Castro mandou Luiz de Almeida a esperar as Náos de Me-

Meca, & de como tomou duas, & dos mais danos que algumas armadas que sabiraõ de Baçaim, & Chaulfizeraõ na enceeda de Cambaya. fol. 57.

Cap. 9. De como o Governador Dom Joaõ de Castro partio para Diu, & de Baçaim despedio Dom Manoel de Lima para a enceeda de Cambaya: & da guerra que por ella fez: & de como as Náos que partiraõ do Reyno no anno de 1546. de que era Capitaõ Mõr Lourenço Pires de Tavora chegaraõ a Cõchim, & Lourenço Pires de Tavora partio de soccorro para Diu. fol. 58. v.

Cap. 10. De como o Governador Dom Joaõ de Castro chegou à fortaleza de Diu, & do conselho que tomou sobre a desembarcaçaõ, & de como se ordenou para dar batalha aos inimigos. fol. 61.

#### LIVRO QUARTO da sexta decada.

**C**ap. 1. De como o Governador D. Joaõ de Castro sabio da fortaleza, & cometeo as estancias dos inimigos, & do muito primoroso, e bonroso desafio que tiveraõ Dom Joaõ Manoel, & Joaõ Falcaõ, & de como os nossos gambaraõ as estancias, & dos grandes, e espantosos casos que aconteceraõ a alguns

Portuguezes. fol. 64.

Cap. 2. De como o Governador Dom Joaõ de Castro apresenhou batalha aos inimigos, e da crueza della, & de como os desbaratou, & ganhou a Cidade com morte de Rumezan, & captivo de Juzarcã. fol. 67.

Cap. 3. Das cousas que mais soccederaõ, & de como Lourenço Pires de Tavora se embarcou para o Reyno, e levou consigo Rax Nardin filho de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz. E de como o Governador Dom Joaõ de Castro mandou Dom Manoel de Lima a fazer guerra à costa de Cambaya, & de como destruiu as Cidades de Goga, Gandar, & outras. fol. 70.

Cap. 4. De como Dom Joaõ Mascaranbas dezesstio da fortaleza de Diu, & o Governador Dom Joaõ de Castro a entregou a Dom Manoel de Lima, & de como Antonio Moniz Barreto foy esperar as Náos de Cambaya, & de como chegaraõ a Goa as novas da victoria, & de hum heroico grande feito que fizeraõ as Matronas de Goa. fol. 72. v.

Cap. 5. Do tempo em que os Turcos tomaraõ a Cidade de Baçora, & de como Dom Manoel de Lima foy entrar na fortaleza de Ormuz, & Dom Joaõ Mascaranbas tornou a ficar na de Diu. fol. 74. v.

Cap. 6.

Taboada da sexta decada da istcria da India.

Cap. 6. Do grande triumpho com que o Governador Dom Joaõ de Castro foy recebido em Goa. fol. 76. v.

Cap. 7. Das cousas que neste tempo aconteceraõ em Ceilaõ, & de como o Governador Dom Joaõ de Castro mandou Antonio Moniz Barreto com hum armada em soccorro de El Rey de Candea, & de como Dom Jorge de Menezes tomou a Cidade de Baroche. fol. 78. v.

Cap. 8. De como o Madure persuadio a El Rey de Candea a levantar-se contra os Portuguezes, & do que aconteceu a Antonio Luiz Barreto, na jornada, & de como atravessou toda a Ilha de Ceilaõ com as armas nas mãos, peleijando com o poder daquelle Rey. fol. 80. v.

Cap. 9. De como o Idalxa mandou alguns Capitoens sobre as terras de Salfete, & de como Dom Diogo de Almeida Capitão de Goa o foy buscar, & disbaratou. fol. 83.

LIVRO QUINTO  
da sexta decada.

Cap. 1. Do que aconteceu na jornada a Bernardim de Sousa, & de como hum armada dos Achens foy a Malacca, & de como Dom Francisco de Sá sabio aposella, & do que lbe aconteceu. fol. 84. v.

Cap. 2. De como a nossa armada achou os inimigos no rio de Parles, & da victoria que os nossos alcançaraõ, & de como foy revelado ao Padre Mestre Francisco Xavier da Companhia de Jesus, estando prégando, & a denunciou logo a todos. fol. 86. v.

Cap. 3. De como o Idalxa mandou outros Capitoens sobre as terras de Salfete, & do recado que o Governador Dom Joaõ de Castro teve de Diu, e das armadas que este anno partirão do Reyno. fol. 88. v.

Cap. 4. De como o Governador Dom Joaõ de Castro partio para Ponda, & tomou aquella fortaleza, & de hum Embaixador que o Raó mandou ao Governador, & das pazes que com elle acentaraõ. fol. 90.

Cap. 5. do fundamẽto deste Reyno Canará, & origem de seus Reys com todos os que atbe hoje reynaraõ, & donde nasceo chamarrem a este Reyno de Bisnagá, & de Narsinga. fol. 92.

Cap. 6. Da grande armada com que o Governador Dom Joaõ de Castro partio para o Norte, & de como mandou seu filho Dom Alvaro de Castro a Surrate, & do que lbe aconteceu. fol. 94.

Cap. 7. Das cousas que o Governador Dom Joaõ de Castro fez, & de como chegou a Surrate, & pas-

& passou a Baroche, aonde achou ElRey de Cambaya com hum poderoso Exercito, & de como desembarcou à sua vista, & do mais que lhe aconteceu. fol. 96.

Cap. 8. De como o Governador Dom Joaõ de Castro passou a Diu, & meteo de posse daquelle fortaleza a Luiz Falcaõ, & Dom Joaõ Mascaranhas, se embarcou para o Reyno, & de como o Governador destruiu as Cidades de Pate, & Patane. fol. 97. v.

Cap. 9. De como o Idalxa mandou Calabatecan sobre as terras de Salfete, & de como os Vreadores de Goa não deixaraõ passar Dom Diogo de Almeida Capitão da Cidade em busca delles, & da pressa com que o Governador Dom Joaõ de Castro se embarcou para Goa, & de como destruiu a Cidade de Dabul. fol. 98. v.

Cap. 10. De como o Governador Dom Joaõ de Castro passou a Salfete em busca dos inimigos, & da batalha que lhes deu em que os desbaratou de todo. fol. 100.

Cap. 11. De como o Governador Dom Joaõ de Castro proveo cousas das terras de Salfete, & de como partio para o Norte, & destruiu toda a costa do Idalxa. fol. 102.

## LIVRO SEXTO

da sexta decada.

Cap. 1. De como os naturaes da Cidade de Adem se confederaraõ com ElRey de Camphar, & lhe entregaraõ aquella Cidade, & do recado que mandaraõ a Ormuz, & a Goa a pedir soccorro. fol. 103. v.

Cap. 2. De como Dom Payo de Noronha despedio recado ao Governador Dom Joaõ de Castro, & de como ElRey de Camphar foy socorrer o filho que tinha os Turcos cercados, & do que mais soccedeo. fol. 105. v.

Cap. 3. De como ElRey de Camphar cometeo os Turcos, & de como foy morto em hum asalto, & os Turcos foraõ cercar a Cidade de Adem, & do mais que lhe aconteceu. fol. 106. v.

Cap. 4. Do recado que o Governador Dom Joaõ de Castro teve de Adem, & de como mandou seu filho Dom Alvaro de Castro de soccorro, & das galès dos Turcos, que sabiraõ de Moça em favor dos seus, & do que Dom Payo fez. fol. 108. v.

Cap. 5. De como Dom Payo de Noronha se foy secretamente de Adem, & os Turcos entraraõ aquella Cidade, & mataraõ ao Principe, & seus Irmãos, & do que aconteceu a Dom Joaõ de

# LIVRO PRIMEIRO

## DA SEXTA DECADE

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITOLO I.

*De como foi eleito pera Governador da India dom Ioaõ de Castro. E da armada com q̃ partio pera a India no anno de 1545. E de como chegou a Goa: E tomou posse da governança. E das cousas em q̃ proueo. E da viagem q̃ Martim Afonso de Sousa teue ate o Reino.*



**C**HEGADA a armada de Diogo da Sylueira a Portugal, & informado Elrey dom Ioaõ o terceiro delle das cousas da India: & vendo as cartas de Martim Afonso de Sousa, & a instancia com que lhe pedia mandasse socesso & que o mesmo mãdaua pedir por Diogo da Sylueira: Indose Elrey pera Euora passar o inuerno, começou de tratar de negocios, & entrar na eleição da pessoa que auia de mãdar por Governador da India: pera cujo cargo lhe inculcou o Ifante dom Luis seu irmão a dõ Ioaõ de Castro filho de dom Aluaro de Castro Governador da casa do ci-

uel (que ja tinha andado d'antes na India, como no capitulo 5. do 7. liuro da quinta decada fica dito) a quem, pollas partes que tinha, era muito affeçoado. E como o Ifante dom Luis tinha ja muito obrigado a Elrey pello grande amor & cortesia com que o tratava, nomeou a dom Ioaõ de Castro por Governador da India em Janeiro de quarenta & cinco: & lhe assignou seis naos com dous mil homens.

Com o despacho desta armada correu o Conde da Castanheira. Nos requerimentos se dizia q̃ não ficara dom Ioaõ de Castro satisfeito: porque como ya contra o gosto dos do conselho, que o teriaõ de ir outro com aquelle cargo, não lhe responderaõ bem, do que elle andaua pejado. Mas o Ifante dom Luis lhe disse que se embarcasse, & se calasse, que como estiuesse na India segundo as nouas que delle viessem, assi se lhe responderia: com o que se calou & auiou, mandando negociar seus filhos dom Aluaro, & dom Fernando de Castro pera irem com elle.

Aqui se conta hũa cousa de dom Ioaõ de Castro, que se lhe

A notou

notou por doudice, como outras muitas que o não eraõ. Esta foi, que passando vm dia pella porta de vm calceteiro, vio estar hūas calças de veludo mūy ricas, & de muito feitio, & detendo o caualo as pedio, & olhou: & depois de notar a obra q̄ era coriosa, pergūtou cujas eraõ? O calceteiro não o conhecêdo, disse q̄ eraõ de vm filho do Governador q̄ ya pera a India. Dom Ioaõ de Castro, dandolhe a paixão, tomou hūa tisoura & as cortou todas em retalhos, & disse ao calceteiro, dizei a effe moço q̄ faça armas, & foi passando.

Em fim como o tempo da embarcação se ya chegãdo, foi Elrey concluindo cõ os negocios da India, despachãdo Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz, pera se ir naquella armada, porq̄ auia muitos annos q̄ o tinha no reino, (como na coarta Decada, no capitulo terceiro do liuro sexto fica dito.) E não continuamos cõ elle, por q̄ de industria o guardamos pera este lugar.

Depois deste Mouro chegar ao reino, que foi no anno de vinte & sete, o teue Elrey no castello de Lixboa muitos annos sem o ouuir, & depois a seu requerimẽto o mandou leuar á Rolação, a onde lhe elle fez hūa mūy elegante fala sobre suas coufas, alegandolhe os seruiços que lhe tinha feitos, & cõtandolhe os muitos agrauos, & tyrannias que sempre recebera dos capitães de Ormuz, concluindo q̄

de tudo fizera muitas vezes queixas a S. A. por cartas, & isso mesmo aos Governadores da India, & que nem vm nem outro lhe remedeara suas queixas, por onde lhe pareceo, que S. A. não fazia conta da fortaleza d'Ormuz: & que elle por remir sua vexação fizera o que fez.

Elrey o ouuiu bem, & parendolhe que tinha justiça, o mãdou pera Monte mór o nouo, entregue ao capitaõ mór dos Ginetes, em hūa prisão liure, pera que podesse ir á cassa, & passear pella villa. Ali esteue ate a entrada deste anno, que o despachou pera ir com dom Ioaõ de Castro, & lhe fez merce dos cargos de Guazil, & Iuiz da Alfandega d'Ormuz, pera elle & pera seu filho, & que podesse mãdar a cidade de Goa cada anno vinte caualos, & que os tirasse pera os reinos do Decan forros dos direitos, & outras merces & honras: E ao despidirse, lhe disse Elrey, que folgaria de ver naquelle reino algũa cousa sua pera lhe fazer merces. Desta palaura entendeu o Guazil, que Elrey ficaua ainda desconfiado d'elle: & beijandolhe a mão lhe respondeo, que elle satisfaria S. A. & así se embarcou satisfeito. Contaõ deste Guazil muitas grandezas; antre ellas hūa foi, não querer aceitar mercê a Elrey de dinheiro, mandandolhe dar muito, & muitas vezes. E que com saber mūy bem a lin-

goa

goa Portugueza, nunca quis vfar della: & dizia muitas vezes, que o homé honrado, naõ auia de mudar ley, nem lingoa.

Antre muitas cousas que Elrey proueo pera a India, & que deu por regimento ao Governador, foi que prouesse tres Veadores da fazenda em Goa, que yaõ nomeados: vm pera a ribeira das armadas de Goa, outro pera os Contos, & outro pera a carga das Naos do Reino em Cochim. E posto que algũs digaõ, que lhe pareceo a Elrey ser assi necessario, pello grande crecimẽto em q̃ yaõ as cousas da India; o que se tem por mais certo he, que o fez por naõ ter tanta confiança de dom Ioaõ de Castro, nem o auer por homem de muito negocio.

Despachadas as cousas todas, o Governador se embarcou, & se fez á vela meado Março, indo elle em barcado na Nao Saõ Thome. Os capitaes de sua conserua eraõ, dõ Ieronymo de Meneses, d'Alcunha o Bacalhao, filho herdeiro de dõ Anrique de Meneses irmaõ do Marquez de villa Real. Era este fidalgo casado cõ hũa filha de dom Aluaro de Castro irmaõ do Governador, que ya prouido da fortaleza de Baçaim: foi muito estranhada sua ida á India, porq̃ tinha q̃ comer, & era filho mais velho de seu pay: ao menos seu irmaõ dõ Francisco de Meneses o sentio tãto assi por isso, como por ir des-

pachado com Baçaim, q̃ quando chegou a Goa, fingiose doete pello naõ ir buscar: porq̃ dizia elle q̃ tinha escrito a Elrey, que Baçaim era cousa pouca, & que naõ tirara della coula algũa: & q̃ vendo elle que seu irmaõ lho pedira, aueria q̃ o enganara, & que lhe naõ escreuera verdade. Os outros capitaes eraõ Iorge Cabral, que tãbem ya prouido com Baçaim. Dom Manoel da Sylteira, que leuaua a capitania d'Ormuz, Simaõ d'Andrade, & Diogo Rebello, que auiaõ de tornar com a carga. E tendo estas Naos boa viagem tomaraõ Moçambique, a onde o Governador achou Simaõ de Mello, com a gente da sua nao que se tinha perdido, (como na quinta Decada, no capitulo sexto, do liuro decimo fica dito.) q̃ o Governador repartio pella armada: & fazendose d'ali á vela, foraõ tomar a barra de Goa todas as naos a dez de Setebro, tirãdo a de Diogo Rebello, que era a nao Sancto Spirito, que ficou inuernando na costa de Melinde.

A cidade fez grande recebimẽto ao Governador, & Martim Afonso de Sousa lhe entregou a India na formã acostumada, por termos, & papeis que disso fez Cosme Anes, q̃ ya prouido do cargo de Secretario. A primeira cousa em que o Governador proueo, foi nos cargos dos Veadores da fazenda, que vinhaõ nomeados em segredo. Simaõ Botelho (como ja

*Sexta Decada. Da historia da India.*

difsemos) pera a Ribeira, o licenciado Manoel de Mergulhão pera os Contos, & Bras d'Araujo pera á carga das naos. Mandou Elrey pello Governador aluara de fidalgo de sua casa a Cogecemaçadim, com grande acostamento, & lhe escreveu cartas cheas de mimos, & honras, o que tudo o Governador lhe mādou logo; & hũa prouisaõ pera as suas naos poderem nauegar pera Meca, & pera os mais portos que quizesse liuremente, sem nossas armadas entenderem com ellas: o que Cogecemaçadim estimou muito, & o teue por merce & honra assinalada: mandando visitar o Governador com presentes & cousas coriosas. O Guazil d'Ormuz tãto que desembarcou em terra, logo despido recado a Ormuz a chamar seu filho Rax Nordim, porque determinaua naõ se ir pera Ormuz sem o deixar em Goa, pera o mandar o anno seguinte pera o Reino, por acabar de satisfazer ao gosto d'Elrey: & tanto que chegou a Goa o entregou ao Governador, & elle se embarcou pera Ormuz.

O Governador achou Mealecan preso na torre da menagem, & tomando informaçãõ de suas cousas, o mandou soltar, & lhe fez muitas honras, mandandolhe dar casas, assinandolhe dous mil Xerafins pera seu entretenimento: & despachou Simaõ de Mello pe-

ra ir entrar na fortaleza de Malaca, & com elle Diogo Soarez de Mello, que estaua prouido pello Governador Martim Afonso de Sousa da capitania de Patane, alem de Malaca, pera fazer ir os mercadores da China, despachar suas fazendas a Malaca: porque por naõ pagarem direitos, tinhaõ feito naquelle porto escallã, no que a fazenda d'Elrey recebia notauel perda. E vendo quaõ necessario era acodirse áquillo, o despachou, passandolhe grandes prouisoões sobre aquelle negocio: dandolhe hũa fermosa Galeota, com corenta Portugueses; & assi se fizeraõ á vela por fim de Setembro, & de suas viagens adiante daremos rezaõ.

O Governador mandou dar grande auiamento as Naos da carreira, pera irem a Cochim tomar a carga. E porque Martim Afonso de Sousa andaua pera se embarcar, o mandou requerer Bastiaõ d'Afonseca feitor de Goa, por cento corêta & oito mil, oitocentos & vinte & cinco pardaos d'ouro, dos quatroçêtos mil, q̄ difsemos na quinta Decada, no capitulo primeiro do liuro decimo, lhe dera Cogecemaçadim em Março, quãdo se foi ver com elle em Cananor; que carregou em receita sobre o mesmo feitor, ficando-lhe em si, & passandolhe escritos razos, que lhe daria delles despeza, ou lhos entregaria. E como

Martim

Martim Afonso de Sousa, desejava de levar o dinheiro a Elrey, pois o cauára, (porque o Governador apertava por elle) mandoulhe dizer, que em Cochim pera onde ya o entregaria ao veador da fazenda, pois era pera a carga das Naos. Com isto quietou o Governador, & elle se embarcou pera Cochim, pera onde foi tambem o licéceado Manoel de Mergulhão pera fazer a carga. E sendo em Cochim, andou Martim Afonso de Sousa dilatando de dia em dia, a entrega dos cento quarenta & oito mil oito centos & vinte & cinco pardaos d'ouro, ate ser tempo de se embarcar, que desenganou o veador da fazenda, dizendo, que o dinheiro que elle cauara não queria q̄ o Governador se lograsse delle, que em Portugal o entregaria a Elrey; & com isto se embarcou na Nao São Thome, deu á vela a treze de Dezembro, indo embarcado com elle Aleixos de Sousa, & Iorge de Sousa Chichorro irmãos: & Fernão da Sylua Cômendador & Alcaide mor de Alpalhão, Martim Correa da Sylua, Iorge Pimentel, Afonso Pereira de Lacerda, Christouão de Sá, dom Ioaõ Coutinho, filho bastardo de dom Góçalo Coutinho de Caparica, & outros. Foi esta nao tão lestes, & negociada q̄ no conués não leuou mais, q̄ algũas capoeiras, amarras, & pipas d'agoa pera se gastarem nös primeiros dias.

Não deixou Martim Afonso de Sousa embarcar nella matalotagem a pessoa algũa, porque a todos os que se embarcaram deu de comer, ate aos grumetes. E teue tão boa viagem que sorgio na barra de Lixboa a treze de Junho do anno de corenta & seis, coufa nũca acontecida ate entaõ: E a mesma viagem faraõ todas as naos q̄ partirem tão cedo, & tão lestes como foi esta. E em quanto as naos foraõ proprias d'Elrey, & a carga dellas corria por sua conta, fizeraõ sempre suas viagens, & aconteciaõ poucos defastres: mas depois que se contratarãõ á mercadores, & que a carga dellas corria por elles, saõ acontecidas grandes perdas & defaunturas, porque a cobiza do ganho as faz carregar de feiçaõ, que nem lhe fica lugar pera se marearem, nem pera leuarem hũa amarra: E assi afogou & sumio o mar a muitas com o sobejo pezo que lhe poem: & a mór parte das que saõ desaparecidas se presume que foi nos primeiros dias com qualquer tempo, porque nem yaõ pera se poderem marear, nem alijar cousa algũa, & assi as comeo o mar. E na barra de Cochim se foi hũa nao (pello grande, & espantoso pezo que tinha) ao fundo: porque como lhe meteraõ mais d'aquillo com que podia, não pode o mar com ella, & assi a sorueo. E se estas defordens se não emmendaõ, não

deixará de auer todos os annos, grandes defastres, & destruiçõs: & porque sobre esta materia auemos de falar a diante mais largamente, o deixamos agora. Este anno naceo o Principe Carlos em Valladolid a oito de Junho, & a Raynha dona Maria sua mãy faleceo d'ahi a quatro dias.

CAPITULO II.

*Da dissimulaçãõ com que Cogeçofar mandou visitar o Governador. E das pazes que se fizeraõ com Elrey de Cananor. E dos recados que passaraõ antre o Governador, & o Fdalxa sobre Mealecan.*



OMO Cogeçofar andaua com a tençaõ danada, preparando com mûy grãde segredo as cousas necessarias pera o cerco, que com Soltaõ Mahamude tinha assentado de pôr á fortaleza de Dio, na entrada de Mayo seguinte, tempo em que não podesse ser socorrida da India. E como corria neste negocio com dissimulaçãõ, quis segurar dom Ioaõ Mascarenhas capitãõ d'aquella fortaleza, & o mãdou visitar, & fazerlhe queixas de Manoel de Sousa de Sepulueda quebrar o contrato das pazes, em lhe mandar desmanchar as pare-

des, pedindolhe quisesse consentir em se tornarem a alcuantar, porq̃ pera isso mandaua officiaes. Dom Ioaõ Mascarenhas recebeu bem este Embaixador, por quem lhe mandou responder, que elle era seu seruidor, & que em quanto ali estiuesse por capitaõ, o mostraria por obras: mas que no negocio das paredes não podia deixar bolir sem recado do Governador dom Ioaõ de Castro, que nouamente era chegado, & que naquelle particular corresse com elle: & que dandolhe elle licença estaua muito prestes pera com sua pçsoa, & todos os seus soldados, ajudar a carretar a pedra pera ellas. Com esta resposta (por encobrir mais sua peçonha) despidio logo vm capitaõ dos principaes da corte pera ir visitar o Governador, & a confirmar com elle as pazes, & lhe mandou vm presente de duas peças de borcado de Turquia, & cinco de veludo de Meca de Cores, tres de chamalotes azeitonadas, & vm leito dourado sobre preto. Este Embaixador foi muito bem recebido, & ouuido: & o Governador o despachou logo, confirmando-lhe as pazes em todos os capitulos, tirando no da parede sobre o que se tornou a tomar conselho, & se assentou, que seria grande afronta do estado se tal se lhe concedesse. Cõ este desengano ficou Soltaõ Mahamude mûy malencionizado: porque como trataua de

de leuar aquelle negocio por via de comprimētos, & dissimulaçãõ, sentio muito a mudãça que se lhe fazia nos apontamentos, & isto lhe accendeo mais o desejo que tinha de tomar aquella fortaleza: pera o que mandou em muito segredo dar pressa as cousas necessarias pera o cerco.

O Governador teue visitaçoẽs, & Embaixadores de todos os Reys visinhos: & o do Idalxá lhe requereo com muita instancia que lhe comprisse os contratos que estauaõ assentados antre elle & o Governador Martim Afonso de Sousa, nas materias de Mealecan: que ou o mandasse pera onde estaua assentado, ou lhe tornasse as suas terras de Salsete, & Bardes. O Governador lhe respondeo, que elle era chegado de nouo, & que tomaria informaçãõ d'aquelle negocio, & faria nelle o que fosse justiça: & que pera mandar Mealecan pera fora de Goa, tempo auia ate Abril que era a mouçãõ de Malaca & Maluco. Com este entretimento quietou o Idalxá por entãõ, mas elle não largou Ioaõ Fernandez de Nigreiros, que o Governador Martim Afonso de Sousa, pouco antes que acabasse lhe tinha mandado por Embaixador, aquem elle tinha reteudo cõ mais de vinte Portugueses sobre este mesmo negocio, com lhos o Governador mandar pedir: antes lhe estreitou as prisoẽs, porque bem

entendeo, que aquillo do Governador eraõ comprimentos, & não oufaua de romper a guerra, porq̃ tinha vm muito grande freyo em Mealecan: porque receaua que se se possessẽ em campo, ouuesse algũa perturbaçãõ em seus capitaẽs: & assi dissimulou por entãõ ate ver em que aquillo paraua: porq̃ a todo o tempo que lhe bem viesse podia lâçar maõ das suas terras.

Cogecemaçadim com as cartas, & honras d'Elrey, & do Governador, despidio logo vm homem seu, com hũa grande visitaçãõ ao Governador dos parabens de sua vinda, & agradecimentos da merce que lhe Elrey fazia, & vm mūy arrezoado presente de Carlás finissimas, Beitilhas, Rambotins, & outras peças ricas, & coriosas, & hũa muito fina alcatifa grande, & de muito preço, o que tudo foi aualiado em tres mil cruzados; mandando offerecer ao Governador tudo o que d'elle comprisse pera o seruiço d'Elrey de Portugal, cujo vassallo era. O Governador recebeu este homem bem, & lhe fez muitas honras, mandando entregar o presente ao Thesoureiro d'Elrey, & carregarlho em receita pera sua fazenda: & não quis tomar pera si cousa algũa, porque em todo seu tempo viueo taõ puro, & desinteressado, que ate cousas muito poucas que lhe dauaõ, mandaua que se vendessem pera Elrey. E despidio

este homem muito satisfeito, escreuendo a Cogecemaçadim hũa carta muito honrada, & de grandes agardecimentos: & assi escreueo a Elrey de Cananor outra chea de mimos, pondo a culpa da morte de Pocarale ao capitão q̃ o matou, pedindolhe, que pois Martim Afonso de Sousa, em cujo tempo aquellas cousas acontecerão, era ido pera o Reino, que quisesse correr com elle em paz & amizade, porque Elrey seu senhor lhe encomendaua muito, que corresse com as cousas de seu seruiço muito a ponto, & que de sua parte estaua prestes pera tudo, mandandolhe as cartas d'Elrey, porq̃ todos os annos lhe escreuia, encomendãdo a Cogecemaçadim fosse terceiro nas pazes, sobre o que escreueo ao capitão Diogo Aluarez Tellez. Todas estas cartas foram dadas, & o Cogecemaçadim se meteo de por meyo, & tratou o negocio das pazes, & de temperar Elrey de feição, que o moderou, & o tornou á amizade antiga, & se ouue algũa satisfação, nos a não achamos na India por ser tudo perdido. O Governador depois de escreuer pera o Reino, ficou entendendo em algũs negocios de justiça, & fazenda: despachando dom Ieronimo de Meneses pera a capitania de Baçaim, & Antonio de Sousa Coutinho pera a de Chaul, que lhe Elrey mandou, pellos muitos seruiços que lhe fez

no cerco dos Rumes em Diu, a onde elle esteue por capitão do baluarte do mar.

CAPITULO III.

*Do que aconteceu a Diogo Soares de Mello, indo pera Patane, & de como foi ter a Pegú; & foi em companhia d'aquelle Rey contra o de Arraçãõ: & do que lhe soçedeo ate chegar a Patane.*



Artidos Simão de Mello, & Diogo Soares de Mello, como atras dissemos no primeiro capitulo, pera Malaca: depois de passarem a ilha de Ceilaõ, & entrarem no grande golfo de Nicubar, lhes deu taõ grãde tempo, que esteue Diogo Soares de Mello perdido: & foilhe necessario ir arribando em popa á vontade dos ventos. Simão de Mello como ya em um Galeão forte & possante, soffreo o tempo, & depois que lhe passou ficando-lhe os geraes, foi tomar Malaca em fim de Outubro, & tomou posse da fortaleza com que começou a correr. Diogo Soares de Mello foi lançado com aquelle tempo na costa de Pegú, & sendolhe ja passada a Moução pera Malaca, pareceolhe melhor ficar naquelle porto que ir buscar outro, porque ja auia

auia de esperar ate Abril; & chegando áquella barra, achou nella Alvaro de Sousa, vm fidalgo que foi casado com hũa irmã de dom Christouaõ de Moura (o grande priuado d'Elrey dom Felipe, Marquez de Castel Rodrigo, & Comendador mór d'Alcantara, & oje segunda vez Visorrey dos Reinos de Portugal.) Este Alvaro de Sousa estaua ali com vm Galeaõ fazendo aquellas viagens, & festejou muito Diogo Soarez de Mello, porque era muito seu parente, deixando se ficar no Bandel, fazendo seu negocio.

Andaua naquelle tépo o Bramá Rey de Pegú ajuntando vm muito grosso exercito, pera ir cõtra o Rey de Arracaõ que era seu vassalo, porque se lhe tinha rebelado. Alvaro de Sousa como ya muitas vezes á cidade, & falaua com Elrey, lhe fez a saber como era chegado á quelle porto vm grande capitaõ Portuguez, que ya pera a banda de Malaca, que trabalhasse de o leuar comsigo naquella jornada, porque era muito bom caualeiro, & leuaua outros fidalgos, & bons soldados. Elrey mandou logo pedir a Diogo Soarez de Mello, se visse com elle, porque importaua muito. Diogo Soarez foi a elle, acompanhado de todos os seus, muito lustrosamente vestidos; Elrey o recebeo muito bem, & lhe fez muitas honras & gafalhados, & lhe pediu logo, que

em quanto lhe naõ fazia tempo pera sua jornada, o quisesse acompanhar naquella pera que estaua de caminho, & que a elle & a todos os seus faria muitas merces. Diogo Soarez de Mello se lhe offerreceo com muito gosto: & assentaraõ que elle & Alvaro de Sousa fossem por már com toda a armada, & que Elrey iria por terra, mandandolhes logo dar hũa quantidade de dinheiro pera partirem com seus soldados.

Prestes o exercito, & negociada a armada, mandou Elrey que o fossem esperar sobre a barra de Arracaõ, indo Alvaro de Sousa no seu Galeaõ, & Diogo Soarez de Mello na sua Galeota, & todos os Portugueses que estauaõ em Pegú em outra que Elrey tinha, & perto de sessenta embarcações outras da terra, em que yaõ algũs capitaães Pegús com gente d'Elrey; & dada a vela foraõ seguindo seu caminho. Elrey tambem começou a marchar, leuando vm milhaõ de homẽs, & tres mil Alifantes, & vm grande numero de embarcações, que nauegaõ por aquelles rios, q̃ saõ muitos & grandes, & retalhaõ todo aquelle Reino, que saem de hũa mesma vea com o Gange, & tem como elle suas correntes, & innundações.

Diuidé o Reino de Arracaõ do de Pegú outros alpes mayores, & mais intrataucis, que os que diuidem Italia de França; & de Alemanha,

manha, por onde era necessario abriſe caminho, porque lho não deixou a natureza, & pera iſſo ya o Bramá negociado de todas as couſas neceſſarias; & chegando a elles começou a por as mãos á obra, metendo nella duzentos mil gaſtadores, q̃ os começaraõ a cortar por hũa parte que lhes pareceo melhor de abrir; mas como tudo eraõ penedias aſperiffimas, & muito ingremes, & a ferra que ſe auia de cortar, tinha perto de duas legoas de groſſura foi luzindo a obra pouco; com Elrey mandar dobrar a gēte que andaua no ſeruiço della; & deixalos emos por hora em ſeu trabalho, por continuarmos com a armada.

Partidos Alvaro de Souſa, & Diogo Soarez de Mello de Pegú; tanto que entraraõ no már de Bégála, lhes deu vm tempo taõ groſſo, que os ouuera de comer, & como os Pegús não ſaõ homens do mar, & os ſeus nauios yaõ mal aparelhados, algũs ſe foſſobraraõ; & outros deraõ á coſta. Alvaro de Souſa foi correndo no ſeu Galeaõ pera a banda de Ceilaõ, & vendo que o tempo lhe não daua lugar pera mais, correo a ilha por fora, & foi demandar a coſta da India. Diogo Soarez de Mello na ſua Galeota, & a outra de Pegú em que yaõ os Portugueſes, chegaraõ ſe á terra, & á ſombra della ſorgiraõ; a onde eſtiueraõ em grande perigo; & todauia crescendo o tempo. lhes

foi necessario leuarenſe, o que fizeram com muito trabalho; & dando traquetes foraõ correndo tormenta pera a banda de Pegú, & quis Deos que ferraraõ aquelle porto, aonde entraraõ ſem ſaberẽ nouas de Alvaro de Souſa.

Diogo Soarez de Mello deſpedio logo vm ſoldado chamado Luis Alvarez em companhia de alguns Pegús, pera ir dar nouas a Elrey do que paſſaua: & a pedir-lhe que pois o tempo era gaſtado (por ſer já em Março) lhe mandaffe licença pera ir a onde o Governador o mandaua: & que lhe fizeffe merce da fuſta que mandou em ſua companhia. Eſte homem foi em doze dias a onde Elrey eſtaua occupado na obra da Serra, que era infinita, de que ya já deſconfiando, & dandolhe o recado de Diogo Soarez de Mello, & contandolhe o ſocello da jornada, & perdição de ſua armada, & que de Alvaro de Souſa não auia nouas, ficou Elrey muito triffe & magoado: & mandando logo leuar maõ da obra, tornou a voltar pera Pegú. E porque ya deuagar, deſpedio Luis Alvarez com repolta á Diogo Soarez de Mello, mandandolhe os agardecimētos de ſeu trabalho; & vm preſentẽ de tres moças muito fermofas, & vm moço filho d'Elrey de Chalaõ, & Poraõ, que catiuou quando tomou aquelles Reinos, que podia auer perto de dous annos;

nos: & assi lhe concedeo a fusta que lhe pedio, & tudo o mais que lhe fosse necessario pera sua jornada. E escreueo a seus Veadores da fazenda, que tudo se lhe desse em abastança: & lhe mandou rogar muito, que quando se tornasse pera Goa tomasse aquelle porto, & que se visse com elle, por que era muito seu amigo, & desejava de lhe fazer merces. Este recado chegou a Diogo Soarez de Mello, q̄ estimou muito o presente, por que era muito pera isso. E tendo licença d'Elrey se fez prestes, negociando a fusta de que lhe elle fez merce: & tomando as cousas necessarias deu á vela pera Malaca, a onde chegou: & dahi se partio pera Patane: escreuêdo Simaõ de Mello capitão de Malaca áquelle Rey que estaua de paz com o Estado, da qualidade, partes, & pessoa de Diogo Soarez de Mello, pedindo-lhe o fauorecêse em quanto estivesse em seu porto. E assi ficou Diogo Soarez de Mello fazendo ir os mercadores a Malaca, com o que aquella Alfandega começou a crescer nas rendas.

### CAPITULO IIII.

*Da chegada d'Elrey de Maluco a Goa. E de como o Governador dom Joaõ de Castro o tornou a mandar pera seu reino. E Bernaldim de*

*Sousa foi entrar naquella fortaleza. E do que aconteceu na viagem a Fernaõ de Sousa de Tauora. E dos partidos com que Ruy Lopez de Villalobos se entregou.*

Anno 1546.



O M Jorge de Cristo, que trazia Elrey Aeiro de Maluco (que na quinta Decada, no capitulo quinto, do liuro decimo, fica dito, que deixamos em Malaca) partio d'aquella fortaleza taõ cedo, que chegou a Goa em Feuereiro deste anno de corenta & seis, em que com o fauor diuino entramos. O Governador recebeu aquelle Rey com muita honra, mandandoo agasalhar, & darlhe todo o necessario. E porque era tempo de proouer nas cousas de Malaca, & Maluco: principalmente nas d'aquelle reino, a onde por morte d'Elrey dom Manoel, que morreo em Malaca, naõ ficaua outro herdeiro senaõ este Aeiro, que podesse gouernar: posto que Elrey dõ Ioaõ de Portugal, ficou no testamento do Rey mortono meado por herdeiro dos reinos de Maluco, (como no fim da quinta Decada, no capitulo decimo do liuro decimo fica dito.) Tomando o Governador o parecer dos fidalgos & capitaes sobre aquellas cousas, se asentou, que pois Iurdaõ de Freitas

capitão

capitaõ de Maluco,naõ mandaua aquelle Rey por culpas que delle tiuesse, senaõ por se recear q̄ com a chegada d'Elrey dom Manoel feito Christaõ,ouuesse algũa alteraçãõ; que se tornasse a gouernar aquelle reino da maõ d'Elrey de Portugal.

Assentado isto, o Governador em vm dia solenne,tendo pera isso dado recado aos vereadores, fidalgos,capitaes,& officiaes da fazenda & justiça,em sala publica inuestio Elrey Aeiro no reino de Maluco, & o aleuantou por esse, com condiçãõ, & declaraçãõ, que recebia aquelle reino da maõ d'Elrey de Portugal; & que todas as vezes que o quisesse lho tornaria a entregar liure & desembargado á pessoa que elle mandasse: do q̄ tudo se fizeraõ autos assinados por Elrey, & jurou nas maõs do Governador de ser seruidor & vassalo d'Elrey de Portugal, elle & todos os q̄ delle herdassem aquelle reino; o que tudo se fez com o mór apparato & solennidade que pode ser.

E pera ir fazer esta inuestidura deste reino, mandou o Governador dom Ioaõ de Castro a Bernaldim de Sousa que se fizesse prestes, porque auia de ir a Maluco leuar aquelle Rey,por comprir assi ao seruiço d'Elrey de Portugal. Bernaldim de Sousa lhe disse,que elle pera o servir viera á India,& que em tudo o faria com muito

gosto. O Governador lhe deu todas as cousas que lhe pedio, assi pera a viagem, como pera o prouimento da fortaleza,& aos quinze dias de Abril se embarcou, entregandolhe o Governador pella maõ Elrey Aeiro,que foi acompanhando ate o terreiro dos paços, a onde se despedio do Governador muito satisfeito das honras,& merces que lhe fez: & assi se mostrou sempre agardecido: tanto, que podemos dizer, que o mata-raõ por seruiço d'Elrey de Portugal,como em seu lugar diremos. Embarcados todos foraõ seguindo sua viagem em que os deixaremos,por continuarmos com Fernaõ de Sousa de Tauora, que no fim da quinta Decada, no capitulo decimo,do liuro decimo,deixamos partido de Malaca pera Maluco de socorro contra os Castelhanos.

Foi este capitaõ seguindo sua viagem sem achar contrastes ate forgir no porto de Talangame da ilha de Ternate em Nouembro passado. Iurdaõ de Freitas o foi buscar, & lhe deu conta do estado em que as cousas d'aquellas ilhas estauaõ, & do que tinha passado com os Castelhanos que Elrey de Tidore tinha muito mimosos, & estaua com elles taõ soberbo, que cuidaua que mûy cedo seria senhor de todas aquellas ilhas. Fernaõ de Sousa desembarcou na fortaleza a onde se agasalhou Ruy Lopez

Lopez de Villalobos, tanto que foubeser chegado vm capitão nouo sem saber quem era, despidio vm Espanhol em hũa Corocora com hũa carta pera elle, toda cheia de comprimentos, offercimentos, & desculpas, resumindose em lhe pedir, que quisesse correfsem em paz, & amizade, como era rezaõ tiuessem duas naçoës, vassallos de dous Reys taõ conjuntos em parentesco, & mais em terras taõ apartados, antre Mouros & Genticos, que por natureza eraõ inimigos mortalissimos de Christaõs, porque naõ amauaõ a algum senaõ por seu interesse, ou grande necessidade. Fernaõ de Sousa vêdo a carta taõ palaurosa, & taõ copiosa de comprimentos, (couisa de que os Espanhoes naõ saõ auaros) respondeolhe por outra muito breue, que continha o seguinte.

SENHOR

**G**ouernador da India me mandou nesta armada, sabêdo q̄ era chegada outra de Espanhoes a estas ilhas, contra os contratos que estaõ feitos antre os Reys de Portugal, & Castella. A mim me chamaõ Fernaõ de Sousa de Tauora, & assi como sou pequeno de corpo, sou muito curto de comprimentos, v. m. se determine porque eu naõ venho cá, senaõ a fazer o seruiço d'Elrey de

Portugal, como me he mandado. Aqui está esta fortaleza a onde se pode agasalhar ate se ir pera Espanha, porque naõ he rezaõ, que perturbe o comercio. & trato destas ilhas que saõ d'Elrey de Portugal, & quando o naõ quizer fazer, far-sea o que conuem.

Com esta carta assi seca despidio o Espanhol, que pasimou de ver em homem taõ pequeno tamanha determinação: porque Fernaõ de Sousa de Tauora era vm dos pequenos homês de Portugal, mas muito grande de animo, & saber. Ruy Lopez de Villalobos pella carta bem entendeu que aquelle homem era de conclusaõ. E porque naõ tinha, nem gente, nem armada pera se defender, mandou tratar com Fernaõ de Sousa de Tauora sobre se verem ambos, onde, & como lhe a elle parecesse. E correndo sobre isto recados de parte a parte, vieraõ a concluir que se vissem cada vm em sua Corocora, com leuar cada vm tres cõpanheiros, & que fossem as vistas no mar antre Ternate & Tidore, tanta distancia de hũa como de outra. E ao dia limitado, embarcouse Fernaõ de Sousa de Tauora na sua Corocora muy bem negociado, leuando pór cõpanheiros, Lionel de Lima, Manoel de Misquita, & Ioaõ Galuaõ, & vm pagê nacido na India que se chamaua Caceres, q̄ este anno de noventa & sete em que isto escreue-

*Sexta Decada. Da historia da India.*

mos, faleceo nesta cidade de Goa, onde sempre viueo rico & honrado, & chamauase Gaspar de Caceres, de quem nos soubemos o successo desta jornada, porq̄ daua de tudo muito boa rezaõ. Ruy Lopez de Villalobos partio de Tidore em outra Corocora muito ligeira, leuãdo comsigo don Alfonso Anriquez, Bernardo de la Torre, Gonçalo d'Auila, & vm pagem Naraua.

Chegadas às embarcações hũa á outra proa com proa, a onde os capitaes yaõ em pé, & sobre quem entraria primeiro vm na outra se passou vm grande espaço em cumprimentos, & todauia Ruy Lopez de Villalobos saltou na de Fernão de Sousa de Tauora, que o leuou nos braços, & isso mesmo aos companheiros. Recolhidos ao toldo que estaua alcatifado, & com algũs coxins de brocado & veludo se asentaraõ todos. Fernão de Sousa de Tauora, depois de passarem as palavras de cumprimentos, disse que elle era ali vindo por mandado do Governador da India, por saber que eraõ chegadas naos d'Españha áquellas ilhas contra os côtratos que estauaõ feitos antre os Reys de Castella, & Portugal, que logo ali mostrou (porque os trazia muito autenticos,) & cõtinhaõ em soma, q̄ o Emperador Carlos Quinto auia por bem, que nenhũ vassalo seu, assi dos portos dos reinos de Castella, como da noua Es-

pañha, fossẽm as ilhas de Maluco, em quanto durasse o tẽpo do concerto que sobre ellas tinha feito, com Elrey dom Ioãõ de Portugal seu cunhado, sob pena, que o dito Rey de Portugal podesse mãdar prender, & castigar, qualquer capitaõ ou capitaes Espanhoes q̄ a ellas fossẽm, como reueis, & quebrantadores da paz & amizade q̄ antre ambos os Reys auia, (como melhor se veraõ na nossa coarta Decada, no capitulo primeiro, do liuro setimo.)

Depois de lidos estes contratos, & lhos mostrarem pera os verem á sua vontade, lhe disse Fernão de Sousa de Tauora, que lhe pedia mnito naõ quisesse quebrantar, & perturbar esta paz & amizade antre estes Reys tantas vezes conjuntos em parentesco: que em lugar do castigo que o Emperador mandaua que se lhe desse, quisesse ir com elle pera a India com todos os seus, & que se lhe daria todo o necessario, & se lhe naõ buliria em nauio, artelharia, nem fazenda. E que os que se quisessem ir pera o reino, lhes daria o Governador embarcaõ franca & liure: & que os que quisessem ficar em Goa, & pella India, nas cidades, & fortalezas d'Elrey de Portugal, seriaõ nellas ágasalhados como naturaes, & que vsariaõ dos priuilegios & liberdades, de q̄ vsauaõ os cidadãoes & moradores Portugueses. Ruy Lopez vendo

os papeis, & considerando os partidos que Fernão de Sousa de Tauora lhe cometia, veyo a concluir que os aceitaua, pois que assi era seruiço do Emperador: & que elle & todos os da sua companhia se iriaõ pera a fortaleza de Ternate dentro em tres dias primeiros seguintes, com condiçãõ que Elrey de Tidore ficasse na graça dos Portugueses, & tornassem a correr em amizade como dantes. Disto se fez vm auto por vm daquelles companheiros, em que Ruy Lopez & os seus se assinaraõ, com Fernão de Sousa de Tauora, & seus companheiros.

Acabado este auto com grandes exteriores de alegria de todos, despidio Fernão de Sousa de Tauora o seu pagem Caceres na Corocora de Ruy Lopez, pera que fosse ao seu Galeão buscar de jantar, por que tinha deixado recado que se lhe fizesse, pera conuidar os Castelhanos, o que se fez em quanto se tresladaraõ os papeis, & Caceres voltou muito depressa com o jantar, & foraõ todos servidos muito bem, & com muita abastança de tudo o que na terra auia. Ali estiuerãõ em conuersaçãõ ate bem tarde, dando Fernão de Sousa de Tauora a Ruy Lopez de Villalobos algũas peças curiosas da India, que pera isso leuaua já, & o mesmo fez aos companheiros, que todos se despediraõ muito contentes & satis-

feitos: ficando Fernão de Sousa de Tauora, com Ruy Lopez de Villalobos de o ir visitar a Tidore d'ahi a tres dias, primeiro que se elle passasse pera Ternate, pera o fazer amigo cõ aquelle Rey.

CAPITULO V.

*Do que mais passou Fernão de Sousa de Tauora com os Castelhanos: & de como foraõ todos contra o Rey de Geiolo, & o cercaraõ na sua fortaleza. E de como se recolherãõ sem fazerem cousa algũa.*



**O**HE GADO Ruy Lopez de Villalobos a Tidore, começou a auer antre os seus grandes murmurações sobre os contratos que fizera com Fernão de Sousa de Tauora: estranhãdolhe muito fazer hũa cousa como aquella sem parecer de todos, (porque estauaõ mais com o olho no interesse do crauo que esperauaõ levar a noua Espanha, que no seruiço de seu Rey) auendo que não podiaõ tambem ser os Portugueses taõ puros, que lhe comprissem os contratos em todo: pelo que começou a auer alteraçõs, & bandos contra Ruy Lopez de Villalobos, fazendose cabeça delles dom Alonso Anriquez, que se a-

chou presente a os contratos, & lhe pareceraõ bem, & se assinou nelles, pondose todos em armas pera matarem Ruy Lopez de Villalobos, que se recolheo em suas casas com cincoenta arcabuzeiros, trabalhando por apasiguar don Alonso Anriquez, sem o poder reduzir á rezaõ, porque estauaõ todos determinados a lhe não obedecer naquelle particular, nem se passarem a Ternate, no que Elrey os fauorecia em segredo, pello proueito que tinha de ter comsigo os Espanhoes: & tambem porque ficaua odiado com os Portugueses, de quem ja determinaua de se não fiar.

Destas alteraçõs não sabia Fernão de Sousa de Tauora cousa algũa, & estaua prestes pera recolher os Castelhanos por quem esperaua no cabo dos tres dias assinados, como tinhaõ assentado. Ao terceiro dia pella menhã se embarcou Fernão de Sousa de Tauora em hũa Corocora com os mesmos companheiros que da outra vez leuou, & partio pera Tidore a visitar Ruy Lopez de Villalobos como lhe tinha prometido, porque aquelle dia por noite esperaua que se passassem todos os Espanhoes a Ternate. E antes de chegar a Tidore vm tiro de espingarda, chegou a elle hũa Corocora mūy ligeira, em que ya vm criado de Ruy Lopez de Villalobos, por quem lhe

mandaua pedir por merce, que não quisesse por entaõ chegar a terra, porque compria assi ao seruiço d'Elrey de Portugal, & que ficassem as visitaçoẽs pera o dia seguinte. Fernão de Sousa de Tauora, que não sabia o que ya em Tidore, ficou apaixonado, cuidando que este recado de Ruy Lopez de Villalobos era estar arrependido dos concertos que estauaõ feitos: & disse ao homem que dissesse a seu amo, que aquelle recado lhe ouuera de mandar primeiro que partira de Ternate, & que pois já estaua taõ perto, não auia de deixar de o ver & visitar, & com isso mandou remar pera diante. Ruy Lopez de Villalobos da sua janella vio ir ambas as Corocoras, & endireitarem cõ a terra: & porque não ouesse algũa alteraçãõ nos do bando, sayo de casa muito apressado com os cincoenta arcabuzeiros, & foi esperar na praya a Fernão de Sousa de Tauora, que chegando a terra saltou nella com os cópanheiros. Ruy Lopez de Villalobos o recebeu muito bé, & tomádoõ em meyo dos arcabuzeiros se foi recolhêdo pera sua casa, dando ordem pera que os arcabuzeiros ficassem sempre em guarda: festejãdo muito a Fernão de Sousa de Tauora, dandolhe muito bem de jantar, & sobre mesa lhe deu conta de tudo o que era passado, & de como dô Alonso Anriquez com os Espanhoes

nhoes estauão bandeados contra elle, & que essa fora a rezaõ porq̃ lhe mandara pedir que não chegasse a terra, por escusar algũa vniaõ, porque queria primeiro ver se os podia quietar. Fernão de Sousa de Tauora sentio muito aquelle negocio, & teue a Ruy Lopez de Villalobos por homem de muita honra & primor. E parecendo-lhe necessario temperar aquellas cousas, mandou pedir a dom Alõso Anriquez, que se quisesse ver com elle da maneira que ordenasse, porque compria así ao seruiço do Emperador: & tantos recados correraõ de parte a parte, que lho concedeo dom Alonso Anriquez, mandandolhe dizer, que as vistas fossẽm jũto das casas de Ruy Lopez de Villalobos com dous companheiros. E chegados ao lugar ordenado, por taes modos se ouue Fernão de Sousa de Tauora, com dom Alonso Anriquez, & tantas obrigações lhe pos, & tãtas cousas lhe disse, que o quietou, ficando com elle de ir moderar os do seu bando, & de logo tornar a elle, como fez, deixando os seus apaziguados, & Fernão de Sousa de Tauora leuou dom Alonso Anriquez pella maõ a casa de Ruy Lopez de Villalobos, & os fez amigos, & pella mesma maneira a todos os mais. Elrey tambem veyo a casa de Ruy Lopez de Villalobos a visitar Fernão de Sousa de Tauora, que o recebeo com muita honra,

& se fizeraõ amigos: & deixando tudo quieto se despedio de todos, ficando elles de se irem pera a fortaleza ao outro dia, como fizeraõ: recebendoos Fernão de Sousa de Tauora com muitas honras; agasalhando na fortaleza a Ruy Lopez de Villalobos, dom Alonso Anriquez, & Bernardõ de la Torre: & a os mais mandou dar casas pella cidade, com que ficaraõ satisfeitos. Ali ficaraõ todos correndo com grande amizade, não lhe tocando Fernão de Sousa de Tauora em suas fazendas, nem em couza algũa sua.

E porque aquelle negocio que era o principal a que Fernão de Sousa de Tauora particularmente foi, estaua acabado, determinou de entrar no de Catabruno, Rey de Geilolo. E praticando com Iurdaõ de Freitas sobre suas cousas, & tomando informação dellas, soube como aquelle tyranno matara o seu Rey, & tinha inquietas todas aquellas ilhas, auexando muito aquella Czristandade, (que era muita) & que por mar & por terra fazia guerra aos Portugueses, defendendolhes os mantimentos & nauegações com suas armadas. E praticando aquelle negocio cõ os capitaes Portugueses & Castelhanos, assentaraõ que era necessario acodir áquillo, & castigar aquelle tyranno, o que se auia de fazer cõ ir todo o poder dos Portugueses, & Castelhanos, & de toda a

da a ilha, offerecendose Ruy Lopez de Villalobos pera isso. Fernão de Sousa de Tauora mandou pedir á Raynha, & aos Regedores do reino, que os quisessem ajudar com suas Corocoras, & com toda a gente que podessem, o que elles lhe concederaõ, mandando fazer prestes aque lhes pareceo. Ruy Lopez de Villalobos, dom Alonso Anriquez, Bernardo de la Torre, que entraraõ no conselho, com todos os Espanhoes se fizeraõ prestes. E como Fernão de Sousa de Tauora desejava de se tornar áquelle anno pera a India, deu tanta pressa a estas cousas, que em Fevereiro pos todo o poder no mar, indo elle no seu Galeaõ, & Iurdaõ de Freitas no Saõ Ioanillo de Ruy Lopez de Villalobos, & os Espanhoes repartidos por toda a armada, & as Corocoras de Ternate em que ya vm dos Regedores: & dando á vela em poucos dias foraõ forgir no porto de Geilolo; a onde o tyranno Catabruno tinha hũa fermosa fortaleza, mûy bem prouida de gente, artelhaia, & mantimentos pera dous annos, em que elle estaua muito confiado, esperando pellos Portugueses, de cuja jornada elle logo foi auisado, & por isso se tinha repairado muito á sua vontade: mandando fazer derredor do muro mûy grandes cauas cheas de estrepes perigosissimos.

Fernão de Sousa de Tauora

tanto que forgio tomou conselho com os Espanhoes, & com os seus capitaes, & com a gente de Ternate, sobre o modo que teria em se cometer á fortaleza: & assentouse, que a bateassem os Galeoës pella banda do mar, (por ficar a tiro de bataria.) E com o poder todo se cometesse por assaltos.

Ordenado tudo o que era necessario, desembarcaraõ os nossos vm pouco afastados da fortaleza, tendo algũas escaramuças com os Geilolos que lhes fairaõ a defender a desembarcação: mas a pezar de todos, & com dano seu se foraõ assentar perto da fortaleza, onde fizeraõ seus valos, & trincheiras mûy fortes, & defensaueis, & affetaraõ algũas peças de campo nos lugares mais commodos pera a bataria. Auia no exercito antre Portugueses & Espanhoes coatrocentos, toda gente mûy limpa & escolhida, & mil & quinhentos Ternatezes.

Prestes & negociado tudo pera a bataria, foraõse os Galeoës chegando perto á terra, & começaraõ de hũa & de outra parte a bater o muro com taõ grande força, que lhe derribaraõ os altos, que logo foraõ repairados. Catabruno, que era homem esforçado, & animoso, naõ se contentando com se defender dentro na fortaleza, sayacada dia fora a dar assaltos aos nossos, & a trauar com elles escaramuças, de que sempre ouue dano.

Nisto

Nisto se foraõ gastando algũs dias, naõ cessando a bateria, que naõ fez mais que derribar o muro pellos altos.

Fernaõ de Sousa de Tauora sendo informado do modo de como o tyranno estaua prouido, & fortificado, entendeo que auia mister muito vagar, pera se concluir aquelle negocio: & vendo que se lhe ya gastando o tempo, determinou de cometer a fortaleza á escala vista, & meter daquella feita todo o resto, ou pera a tomar, ou pera se defenganar. E preparando-se de escadas, alauancas, picoes, machados, & todos os mais petrechos desta sorte: em vindo o dia limitado de madrugada saõraõ todos do arrayal postos em armas, & foraõ cometer a fortaleza, levando a dianteira Ioaõ Galuaõ, & Bernardo de la Torre. E chegando-se aos muros pera lhe encostarem as escadas, deraõ nas trapeiras que estauaõ cubertas, em que cairãõ muitos encrauandose nos estrepes, que eraõ mũy agudos, & acodindolhes os outros, tiraraõ os viuos com muito trabalho, & risco: porque de cima do muro chouiaõ sobre elles espingardadas, & frechadas, de que a mór parte saõraõ empenados.

Vendo Fernaõ de Sousa de Tauora aquelle negocio, tocou a recolher, porque lhe naõ matasem toda a gente, ficando muito enfadado de Iur daõ de Freitas, sendo

capitaõ de Terraõ, naõ ter intelligencias pera saber de como os imigos estauaõ fortificados, & dõde se auiaõ os nossos de guardar, & poslhe toda a culpa desta jornada.

Vendo Catabruno que os Portugueses se recolhiaõ quasi desbaratados, ficou taõ soberbo, que sayo da fortaleza com perto de tres mil homẽs, & com grande determinação os foi cometer, estando ja recolhidos dos valos pera dentro. Vendo Fernaõ de Sousa de Tauora aquelle atreuimento lhe sayo ao campo, & lhe apresentou batalha que elle naõ refusou: & assi trauados todos se começaraõ a ferir & matar com muita cruza, fazendo os Portugueses, & Espanhoes neste dia cousas taõ asinaladas, que com dano muito conhecido dos imigos os arrancaraõ do campo.

Ao outro dia tornou Catabruno a prouar sua ventura, lançãdo diante algũs dos seus; pera obrigar aos nossos a lhes sairem, porque desejava de se tornar a baralhar com elles. Estes corredores chegaraõ perto dos valos, aquem sayo Ioaõ Galuaõ com cem homẽs, & dando nelles os foi arrancando do campo. Catabruno como vio a cousa trauada arrebetou cõ grande poder sobre os nossos, que lhe tiueraõ o rosto com grande determinação, & antre todos se trauou hũa muito aspera batalha, em que

CAPITULO VI.

*Das intelligencias que Cogeçofar teue com vñ Ruy Freire, estando em Surrate, sobre lhe entregar a fortaleza de Diu. E da gente que naquella ilha entrou dissimuladamente.*

Ioão Galuaõ, depois de ter bem mostrado o valor & esforço de sua pessoa, quis a fortuna que acabasse naquelle feito de muitas & muy grandes feridas, que elle estimou pouco, a te as forças o desemparraram.

Os seus vendoo morto se foraõ recolhendo desbaratados, mas farrãolhes os capitaes Portugueses, & Espanhoes aos recolher, o que naõ poderaõ fazer sem se trauarem cõ os imigos, a que assinalaraõ bem de seu ferro: & ouueraõ por seu partido recolherese pera a sua fortaleza. Fernaõ de Sousa de Tauora sentio tanto a morte de Ioão Galuaõ, que se vistio de preto, por ser muito seu amigo. E desengandose d'aquelle negocio, entendendo, ou imaginando que Iurdaõ de Freitas estaua ja contra seu gosto, auendo corenta dias que ali eraõ chegados, se tornou a embarcar, & se recolheo a Ternate, a onde pouco depois faleceo de febres Ruy Lopez de Villalobos. Fernaõ de Sousa de Tauora como foi tempo se partio pera Malaca, leuando consigo os Espanhoes, & o seu Galeaõ Saõ Ioanillo: & em Malaca se encontraraõ com Bernaldim de Sousa, & com Elrey Aeiro: & ali estiueraõ ate ser tempo de partirem vns pera Maluco, & outros pera a India.



**V**ENDO o Governador dom Ioão de Castro, que se gastaua o veraõ, proueo as fortalezas do Norte de gente, & moniçoes, principalmente a de Diu, pera onde mãdou duzentos homès, debaixo das capitancias de dom Ioão, & dom Pedro d'Almeida, filhos de dom Lopo d'Almeida, de Gil Coutinho, & de Luis de Sousa, filho do Chanceler mór do reino. Estaua neste tempo Cogeçofar em Surrate, ajudando as couças necessarias pera o cerco que determinaua por á fortaleza de Diu, tanto que entrasse o mez de Mayo, em que se naõ podia esperar socorro de Goa. E como trassua de continuo em sua imaginaçãõ modos & ardijs cõtra aquella fortaleza, tentou vñ muito diabolico, que se o Deos naõ atalhara, naõ podera deixar de se perder, & foi desta maneira.

Estaua no mesmo tempo em Surrate vñ Portuguez, morador em Diu, chamado Ruy Freire, taõ familiar amigo de Cogeçofar, de muitos

muitos tempos a tras, que tinha delle tença: & quando ya a Goa, lhe negociava peças & brincos, & ainda fazendas que por elle mandava as naos do reino, & a mór parte do veraõ residia em Surra-te, onde em quanto estava comia & bebia com o Cogeçofar. Em fim era tanta sua amizade que o cometeo pera lhe dar entrada na fortaleza de Diu, prometendolhe hũa soma douro, & hũas aldeas de muita importancia. E como o diabo o véceo cõ taõ grãde interessẽ, vieraõ a se concertar, que se viesse o Ruy Freire pera Diu, & que elle Cogeçofar, seria naquella ilha na entrada de Mayo: & que como la estiuessa lâçasse peçonha (que lhe logo deu) na cisterna donde todos bebiaõ, & que trabalhasse por dar fogo á casa da poluora. E quando não tiuessa lugar pera isso, ordenasse chaues falsas, pera lhe abrir vm postigo da fortaleza de noite quãdo lhe elle fizesse vm sinal. E q̃ quando tambem isto não podesse vir a effeito, que entãõ o meteria hũa noite escura dentro na fortaleza pella banda do mar, onde elle pousava, & sobre quem tinha hũas varandas baixas, por onde com escadas de corda podia meter dẽtro toda a gente que quisesse. Ordenado isto antre elles desta maneira, o Ruy Freire se fez prestes pera se ir pera Diu.

Andava ali tambem vm mourisco estante em Diu, chamado

Francisco Rodriguez, de quem o Ruy Freire era amicissimo, & sentindo nelle natureza pera ser seu companheiro em taõ grande maldade, & perversidade, lhe deu conta do negocio, sem o Cogeçofar saber, prometendolhe vm grande quinhaõ de tudo o que lhe dessem. O mourisco não foi muito de rogar, & aceitou acompanhalo, & ajudalo em tudo. Com esta determinação se foraõ pera Diu, a onde como homẽs de casa começaraõ a notar a casa da poluora, pera verem por onde se lhe podia pôr o fogo: (descuidandose por entãõ da cisterna, pello permitir Deos nosso Senhor assi, porque bem lhe poderaõ lançar a peçonha, se logo o tentaraõ.

Partidos estes homẽs, despido logo Cogeçofar vm capitaõ com quinhentos Turcos, que lhe Elrey de Zebit tinha mandados de Mecca, com regimento que se fossem meter na cidade de Diu, & que com a mór dissimulação que possessem defendessem venderse na cidade lenha, nem mantimentos, por os Portugueses os não comprarem, porque não queria se declarasse a guerra ate elle chegar: & pera segurar dom Ioaõ Mascarenhas lhe escreueo pello mesmo capitaõ hũa carta cuja sustancia era esta.

Que Elrey lhe tinha feito merce d'aquella ilha, & que ficava pera ir tomar posse della, & que o que

*Sexta Decada. Da historia da India.*

que disto mais estimava era ficar taõ seu vizinho pera de mais perto o servir: que lhe pedia muito tiueffe lembrança da sua taõ antiga amizade, & que entendesse que todos os Portugueses teriaõ nelle muitos faoures & gazalhados, assi em suas fazendas, como em tudo o mais que lhes delle comprisse: & que aquelle capitaõ que mandava diante lhe faria merce fauorecer, & ajudar, & que o tratasse como seu vassalo, porque ya fazer certos negocios que lhe importauaõ, pera o que lhe auia de ser necessario seu fauor: & que se naõ pejasse com elle, porque naõ ya senaõ pera o servir.

Chegado este capitaõ a Diu aos quinze d'Abril, mandou a carta a dom Ioaõ Mascarenhas, que vendoa taõ chea de comprimentos, naõ deixou de lhe parecer nouidade: & dissimulando com o negocio, mandou fazer seus offerecimentos ao capitaõ Turco: & ordenou logo comprar á formiga todos os mantimentos & lenha q̄ pode: lançando suas espias, pera saber a determinação do Turco, & despido outras pera á corte a saber o que lá se tratava. Cogeoçar deu ordem pera que de todos os lugares vizinhos a Diu se leuassem todos os mantimentos q̄ auia, & se recolhessem na ilha os que podessem, & os mais se posessem na villa dos Rumes, a onde mandou fazer grãdes seleiros pe-

ra isso: & assi começaraõ a se recolher hũa grande soma delles.

Dom Ioaõ Mascarenhas foi auisado pellas espias da cidade dos muitos mantimentos que nella se recolhiaõ, & com muita pressa: & com isso lhe fizeraõ os moradores queixume, que ja na cidade lhe negauaõ lenha, arroz, & mais coufas, & que as praças eraõ de todo aleuantadas, estando ate entaõ cheas de tudo, & comprando nellas os nossos o que queriaõ pellos preços ordinarios. Dom Ioaõ Mascarenhas bem entendeu o negocio: & logo mandou com muita pressa recolher pera a fortaleza (porem com dissimulação, porque queria que os imigos se declarassem primeiro) todos os pedreiros, cauouqueiros, carpinteiros, & todos os mais officiaes que viuiaõ fora: & assi mastos, vergas, tauoado, madeira, & tudo o desta sorte: & mandou pello lingo a vm recado ao capitaõ Turco, cuja substancia era.

Que lhe parecia nouidade fecharemse as tendas na cidade, & naõ se venderem as coufas que ate entaõ os Portugueses compravaõ por seu dinheiro: & que Cogeoçar lhe escreuera, que aceitara aquella cidade pera serem amigos de mais perto, mais firmes, & mais verdadeiros, que elle o naõ mostrava nas coufas que defendia, q̄ aquillo eraõ indicios de guerra: que logo mandasse abrir as tēdas & ven-

& vender aos Portuguezes todas as cousas de que tiueſſem neceſſidade, ſenaõ que elle iria em peſſoa á cidade, & as faria abrir, & o caſtigaria por treſpaſſar os mandados de Cogeçoſar.

O Turco mandouſelhe desculpar com affirmar que tal não ſabia, que ſeria aquillo algũa deſordem dos ſeus ſoldados por algum intereſſe: que elle tiraria deuaſſa do caſo, & que os que achaffe culpados na perturbação das pazes ſeriaõ logo caſtigados, porque elle não era ali vindo ſenaõ pera conſervar a antiga amizade dos Portuguezes, porque aſſi lho mandava Cogeçoſar. E logo mandou lançar pregoes que ſe vendeſſem aos Portuguezes, todas as cousas como dantes, franca, & liberalmente, ſob pena de morte:

Dom Ioão Mafcarenhas bem via que tudo eraõ inuençoës, mas diſſimulava com iſſo por ſe apro-ueitar do tempo, mandando cóprar pellos caſados todo o mantimento, lenha, madeira, murroës, & tudo o mais que achafſem, & podeſſem. Neſta conjunção chegaraõ as eſpias da corte, & affirmaraõ que na cidade de Champanel, ſe ajuntava vm exercito taõ poderoso de gente, artelharia, & moniçoës, que aſſombraua o mundo, & que claramente ſe dizia ſer contra aquella fortaleza de Diu. Dom Ioão Mafcarenhas não perdendo com aquellas nouas ſeu

animo, & conſelho, deſpidio logo hũa embarcação có cartas aos capitaes de Chaul, & Baçaim, em q̄ lhe daua conta do eſtado em que ficava, pedindolhes, que com muita preſſa o ſocorreſſem com gente, & moniçoës: & que auifaſſem ao Governador, & lhe mandafſem as cartas que lhe eſcreueo entaõ: & com iſſo ficou dando preſſa as cousas que ſe recolhiaõ, & naquella liberdade que durou ſõ tres dias, ſe meteo na fortaleza hũa grande ſoma de tudo, porque logo ſe tornaraõ a aleuantar as praças, com a chegada do outro exercito que entrou na ilha a vinte d'April, com que ſe começou a romper o ſegredo da guerra.

Dom Ioão Mafcarenhas foi auifaõ logo, & no meſmo dia deſpidio outra embarcação, com cartas aos capitaes da outra coſta, em que lhes pedia o ſocorreſſem, por que eſtaua com pouço mais de duzentos homês: & o meſmo eſcreueo ao Governador dom Ioão de Castro. Ao outro dia depois que eſte exercito chegou ſe tornaraõ a fechar as praças, & logo o capitão mandou recolher os Portuguezes, & não conſentio irem mais a cidade.

E inſpirado Deos em vm Abexim, (pera que ſe deſcobriſſe a maldade de Ruy Freire,) ſe ſayo da cidade a onde pouſava, & ſe foi á fortaleza, & diſſe aos porteiros q̄ o leuaſſem ao capitão, o que logo foi

— 76

*Sexta Decada. Da historia da India.*

foi feito, & lhe disse que tinha cou-  
fas de importancia que tratar com  
elle: & recolhendo-se pera hũa ca-  
mara lhe disse, que elle era natu-  
ral do reino da Abafsia nacido  
Christão, mas que fora catiuo mo-  
ço, & feito Mouro por força, &  
que no seu coração confessaua a  
Deos verdadeiro, & que elle o mo-  
uera ao vir auisar de hũa grande  
traição que lhe estaua ordenada:  
& que em paga d'aquelle seruiço  
que lhe fazia, não queria mais del-  
le, senão que ordenasse, quando  
fosse tempo, com que se podesse  
passar a sua patria. E então lhe  
contou todos os tratos que esta-  
uaõ feitos antre Ruy Freire & Co-  
geçofar, sem lhe nomear o Ruy  
Freire, mas somente dizerlhe, que  
estaua o Cogeçofar concertado cõ  
vm Portuguez da fortaleza pera  
deitar peçonha na cisterna, & dar  
fogo ao Almazem da poluora, &  
pera o meter dentro na fortaleza.  
Dom Ioaõ Mascarenhas ficou cõ-  
fuso, & embaraçado com aquelle  
negocio, & reuoluendo mil cousas  
pella fantasia, cuidando se poderia  
aquillo ser ardil do Cogeçofar,  
pera lançar zizania na fortaleza,  
& pera fazer desfacoçoar os Por-  
tugueses todos. Mas por outra par-  
te a confiança do Abexim (q̃ lho  
affirmou muitas vezes, dando-se  
por penhor de sua verdade) lhe  
fazia crer que aquillo era obra de  
Deos, que queria que aquella for-  
taleza se não perdesse. E tendo tu-

do aquillo em segredo, defendeo  
ao Abexim, que não dissesse a  
pessoa viua cousa algũa deste ne-  
gocio: encomendando ao Alcai-  
de mór que o agasalhasse, & o tra-  
tasse muito bem, liuremente, poré  
cõ resguardo, & olho nelle: & co-  
meçou a tirar muito em segredo  
inquirição d'aquelle negocio sem  
achar rasto algũ. Mas como Deos  
nosso Senhor tinha postos seus di-  
uinos olhos naquella fortaleza,  
fundada sobre ossos de tantos ca-  
ualeiros & martyres de Christo,  
não querendo que seus templos  
fossem profanados de Mouros,  
ordenou que aquella verdade se  
descobrisse por outra via, & foi  
desta maneira.

Auia na fortaleza hũa molher  
Turca de nação, casada com vm  
homé da terra, que se fez ali Chri-  
stão, viuia bem, & era muito ami-  
ga de Deos: Costumaua esta mo-  
lher ir á cidade a comprar algũas  
cousas, & nestas idas foi conhecida  
de vm d'aquelles Turcos por na-  
tural, & tomou amizade com ella  
de feição, que a persuadio a se de-  
ixar ficar na cidade, descobrindo-  
lhe o segredo que o Abexim tinha  
dito ao capitão: affirmandolhe, q̃  
tanto que Cogeçofar chegasse se  
lhe entregaria a fortaleza: porque  
vm Portuguez que pousaua sobre  
o mar o auia de meter nella por  
hũa varanda que tinha. A Turca  
como boa molher dissimulou cõ  
o negocio, mostrando folgar com

o auiso: & disse que ya negociar suas cousas pera se tornar pera a cidade. E indose pera a fortaleza descobrio ao capitão tudo o que passara com o Turco, do que elle ficou marauilhado.

E vendo que conformaua com o que o Abexim lhe tinha dito, deu muitas graças a Deos por tão grande merce, conhecendo que aquillo era obra sua. E dissimulando com o caso foi correr as estancias todas como que as queria prouer, & assi as casas da banda do már, & achou as de Ruy Freire com a varanda, por onde facilmente se podia meter gente dentro na fortaleza. E notando bem tudo, sem fazer caso de cousa alguma, tirou outra vez em muito segredo deuassa, & achou que Ruy Freire, & Francisco Rodriguez andauão sempre juntos, & viuião ambos, & que foraõ os derradeiros Portugueses que vieraõ de Surrate. E vendo que os indicios eraõ bastantes pera lançar mão delles, não o quis fazer pellos não infamar, a te não auer proua mais clara: mas vsou de vm ardil de capitão bom Christão, & bom homem, que foi despidir o Ruy Freire em hũa embarcação ligeira com cartas pera o Governador, em que por cifras lhe daua conta do negocio, pedindolhe o mãdasse ter a bom recado: & ao Ruy Freire encomendou de palaura, que trabalhasse por lhe tornar com a

reposta, por que importaua muito, & que lhe faria merce, pello segurar.

Depois de elle partido, mãdou em outra embarcação o mulato Fráncisco Rodriguez, com outras cartas pera o capitão de Chaul, da mesma maneira, pera que o mandasse ter em resguardo, por que o tiraua de Diu por ser Mourisco, & não cõfiar d'elle, sem lhe descobrir o porque o mandaua. Vm partio a vinte & vm d'Abril, & o outro a vinte & tres.

## CAPITULO VII.

*De como Ruy Freire chegou a Goa com as cartas que o capitão da fortaleza de Diu mãdaua ao Governador dõ Ioaõ de Castro: & elle mandou de soccorro seu filho dõ Fernando, & outros fidalgos em noue nauios. E da chegada de Cogeçofar a Diu. E do terceiro auiso que dõ Ioaõ Mascarenhas teue. E dos recados que antre ambos correrão.*



**ARTIDO** Ruy Freire de Diu, como ventauaõ os Ponentes rijos, em sete dias foi a Goa, & dando as cartas ao Governador, em que

C o certi-

o certificaua de tudo, mandou logo com grande pressa lançar ao már noue nauios, em que mandou embarcar seu filho dom Fernando. As nouas correraõ logo pella cidade de Goa, a que acodiraõ todos os fidalgos a se offerecerem ao Governador pera a jornada, & os primeiros que chegaraõ effes mandou que se embarcasssem, que foraõ dom Francisco d'Almeida, filho de dom Lopo d'Almeida, que ja tinha dous irmãos em Diu. Bastiaõ de Sá filho de Ioaõ Rodriguez de Sá, veador da fazenda do Porto, a quem os soldados na India chamauaõ o çapeca (que he hũa moeda a mais pequena que ha em Goa) por ser elle muito pequeno, mas grande no animo, & no cõselho. Diogo de Reinoso: Pero Lopez de Sousa: Diogo da Sylua: Antonio da Cunha: & outros dous a que não achamos os nomes: & em tres dias os fez o Governador á vela, embarcandosse por soldados muitos outros fidalgos & caualeiros, desejosos de ganharem honra.

O Governador entregou seu filho dom Fernando de Castro a Diogo de Reinoso, & escreveu a dom Ioaõ Mascarenhas, que ficaua descansado, & não receua todo o poder d'Elrey de Cambaya, pois o tinha naquella fortaleza, que lá lhe mandaua seu filho pera ser seu soldado, que lhe pedia o ensinasse, & o possesse nos lugares

mais arriscados, & q se fosse necessario todo o inuerno o focorreria. E mãdou embarcar naquelles nauios vm Armenio com cartas pera o reino, em que daua cõta a Elrey do estado em q a India ficaua, encomendando a dom Ioaõ Mascarenhas q logo desse auiaamento, pera o lançarem na costa de Pór, pera dali partir por terra pera Ormuz, & dali passar ao reino. O Governador mandou ficar Ruy Freire em Goa com dissimulação, escreuêdo a dom Ioaõ Mascarenhas lhe mandasse a certeza d'aquelle negocio. E em quãto estes nauios seguem sua viagem cõtinuaremos com as cousas de Diu.

Dom Ioaõ Mascarenhas, tanto que se declarou a tẽçaõ dos Mouros, tratou logo de se repairar, & fortificar, mandando quebrar a põte que ya do postigo do baluarte Sanctiago, por cima da caua a te a outra banda, & mandou fazer outra leuadissa, pera que se fosse necessaria se podesse seruir por ella. Nestas cousas gastou a tenoue de Mayo, que chegou Coçofofar a Diu, com o resto do exercito, que logo se passou á cidade, onde se aposentou. O estrepito & ruido das armas, & da gente, foi logo sentido na fortaleza, onde todos trabalhauaõ em sua fortificação. Aquelle dia se passou sem mais nouidade, & tanto que anoiteceo chegou á porta da fortaleza hũa escraua que ficara na cidade,

cidade, que vinha fugindo d'aquella confusão que nella vio, & bradou aos guardas que a recolhessem, por que tinha muitas cousas que falar com o capitão, que compriaõ muito ao bem da fortaleza: Foi esta escrava logo recolhida, & leuada a dom João Mascarenhas, que se apartou com ella; & lhe disse: Sabe senhor capitão que Deos he contigo. Eu me achei em hũa parte, onde vns Mouros de casa de Cogeçofar estãuão praticando sem se recçarem de mim, & diziaõ que seu amo vinha mūy aluoroçado, cuidando q̄ esta noite lhe entregassem esta fortaleza, & depois de ser na cidade, sabendo que o homem com que pera isso estaua concertado era ido pera Goa, ficou muito triste: por isso vé senhor o que te cūpre, & não te descuides em cousa algũa: sabe a verdade disto, por que sem duuida se te tem ordido treição, por que este homem em que elles vinhaõ confiados, (segūdo os Mouros diziaõ,) tinha determinado de deitar peçonha na cisterna, & de dar fogo ao almazé da poluora, & depois meter os Mouros nesta fortaleza por sua casa.

O capitão vendo quanto todos aquelles auisos conformauaõ, acabou de cõfirmar a presunção que auia de Ruy Freire, & do Mourisco Francisco Rodriguez. E dando muitas graças a Deos, entregou a escrava a vm homẽ seu, pera que

a prouesse de tudo o necessario, & lhe mandou dar hũa quantidade de dinheiro: & tratãdo todas estas cousas cõ muito grãde dissimulação a auisou que não falasse coula algũa. E como era de noite repartio os coartos das vigias, & foi elle roldar a fortaleza toda, & a parte de sobre o már, entrando em todas as casas por não fazer caso: & chegando á de Ruy Freire, esteve vendo a varanda muito deuaagar, & notou bem que por ella se podiaõ meter os inimigos dentro muito facilmente: & achando ali vm sobrinho do Ruy Freire, o mandou pera o baluarte do már, com lhe dar a entender que o fazia por lhe melhorar a estácia, & logo tapou a varanda de pedra & cal: & as casas entregou a vm capitão de muita confiança, com algũs soldados. Ao outro dia pella menham visitou a casa da poluora, & achou rota hũa forte argamassa, que a cobria por cima a maneira de abobada, & nella vm grande buraco, por onde determinauaõ de lhe dar o fogo: & vendo taõ grãdes & manifestos sinaes de treição, deu muitas graças de nouo ao altissimo Deos por tãtas merces, quãtas lhe tinha feitas com os auisos. E sem dar conta a pessoa algũa do que passaua mandou mudar a poluora pera outra casa, que mandou fortificar bem, prouendoa de continuas guardas de muita confiança: & a cisterna mandou cercar,

*Sexta Decada. Da historia da India.*

& fechar com suas portas, que tambem entregou a pessoas mūy apuradas.

Este dia que foraõ dez do mes, chegou vm mercador gentio, morador na cidade, muito conhecido dos da fortaleza, á porta della, & disse aos guardas, que leuaua vm recado de Cogeçofar pera o capitaõ: & dandosselhe recado o mandou levar diante de si, & elle lhe disse: Que Cogeçofar lhe mãdaua dizer, que tinha muitas cousas que tratar com elle, que lhe enuiasse vm homem de recado pera as communicar. O capitaõ posto que entendeo serem tudo inuençoës de Cogeçofar, tomou parecer sobre aquelle negocio, cõ os fidalgos, & capitaës: & assentouse que se foubesse o que queria. Com isto elegeo o capitaõ vm Simaõ Feyo homem hõrado, sesudo, & de experiencia, q̄ poderia notar mūy bem as cousas. E indo em companhia do mercador foi leuado a Cogeçofar, q̄ lhe disse, que Elrey Soltaõ Mahamude lhe mandaua fazer a parede q̄ por contrato das pazes q̄ fizeraõ cõ o Visorrey dõ Garcia de Noronha, estaua assentada, q̄ Manoel de Sousa de Sepulvedo impedira. E que alé disso, mãdaua Elrey pedir ao capitaõ de Diu duas cousas, que como amigo lhe podia conceder.

A primeira, que todos os nauios dos mercadores de Cambaya podessẽm nauegar liurementemente por

toda a costa de seu Reino sem cartazes dos capitaës d'Elrey de Portugal: por que era menoscabo seu, & de seu estado tamanha obrigaçãõ.

A segunda, q̄ as naos dos mercadores naõ fossẽm constrangidas a tomar aquella fortaleza de Diu: mas q̄ podessẽm ir vender suas fazendas aos portos que lhes bẽ viesse. Pello que lhe pedia muito por merce, tomasse logo resoluçãõ naquelle negocio, porque estimaria (pois vinha ser seu visinho) naõ auer antre elles quebras, antes muita paz, & amisade. Com isto despidio Simaõ Feyo, que o capitaõ ouuiu presentes todos os fidalgos, & capitaës, que pera isso chamou: & vendo a forma do recado, lhe mãdou logo a resposta pello mesmo Simaõ Feyo, em que dizia: Que aquellas cousas que pedia se auiaõ de tratar com o Governador da India, porque elle naõ tinha poderes pera innouar, nem alterar os capitulos das pazes, que estauaõ feitas. Cogeçofar lhe tornou a mandar dizer, que Elrey naõ lhe mandaua tratar aquellas cousas se naõ com elle como capitaõ & Governador d'aquella fortaleza: & que quando lhe elle naõ quisesse diffirir a ellas, que mandaria elle correr com a parede como lhe mandauaõ, & que se elle lha defendesse, seria o quebrantador das pazes. Com esta resoluçãõ entendeo claramente o capitaõ q̄ lhe

lhe vinha Cogeçofar a fazer guerra. E tomando conselho sobre aquellas cousas, desejando de não ser elle o primeiro que quebrasse a paz, se não o inimigo, pera na guerra lhe ficar mais justiça, se assentou, que lhe mandasse dizer, que se não vinha a mais que a fazer as paredes conforme ao contrato das pazes, que bastava pera isso um Tanadar seu, & não tomar tamanho trabalho, nem vir com tamanho exercito. Com este recado tornou Simão Feo, leuando o traslado do contrato das pazes, pera que lho mostrasse: E que lhe dissesse mais, que se os elle quisesse quebrar, & fazer a parede fora do termo, & grandeza que estava naquelles capitulos, que soubesse de certo que lho avia de defender: & que esperava em Deos que o avia de ajudar contra elle, como contra quebrantador das pazes feitas pelo seu Rey.

Dado este recado a Cogeçofar, & lendolhe o contrato das pazes, yendo o capitão tão justificado, como não queria senão guerra, lançou mão de Simão Feo, & o prendeo: & logo mandou publicar a guerra pella cidade, o que se fez com grande aluoroço de instrumentos, & bombardadas. E no mesmo dia foi um grande escoa-draão de Turcos com suas bandeiras desenroladas dar vista á fortaleza, fazendo suas algazaras, & dando hũa grande salva de arcabuzaria:

& com outras bizzarras, & soberbas de que aquella barbara nação usa: O capitão os mandou também salvar com algũas bombardas de que alguns ficaraõ estirados no campo, em sinal, & penhor dos muitos que por ali se aviaõ de espedaçar: & logo mandou embandeirar os baluartes, porque se visse na cidade o aluoroço com que os esperavaõ, vestindo-se muito galante elle & todos.

E porque os baluartes não estavaõ ainda providos de capitães, o fez logo, pondo dom Ioaõ d'Almeida em Sanctiago, & com elle dom Pedro seu irmão, com trinta soldados. E no baluarte São Thome pos Luis de Sousa. No de São Ioaõ pos Gil Coutinho. E no de São Iorge, Antonio Paçanha, com trinta soldados cada um. A couraça encarregou a Antonio Rodriguez feitor d'Elrey: & a torre de sobre a porta, ao Alcaide mór da fortaleza Antonio Freire: & por estas estancias repartio cento & cincoenta soldados, de duzentos que avia na fortaleza: & dos cincoenta tomou algũs pera andarem com elle, & os mais pos em guarda da cisterna, & casa da poluora. Feito isto ajuntou todos no terreiro da fortaleza, & posto no meyo delles lhes fez esta breve fala.

*Sexta Decada. Da historia da Índia.*

*Fala que o Capitaõ da fortaleza de Diu dom Ioão Mascarenhas fez aos capitaes dos baluartes & soldados, animandoos & persuadindoos à defensão da fortaleza.*

**B** Em poderá, muito valerosos capitaes, & esforçados caualheiros, escusar de vos fazer estas lembranças, por que aquem tem tantas obrigações pera tudo, nenhũa cousa os moue mais, que o sangue, a opiniaõ, & a honra, assi particular de cada vm, como em geral desta nossa nação Portuguesa, que todos tanto deseamos cõferuar: mas satisfaço nisto a minha obrigação, pellas muitas que carregão sobre mim, como homem que á de dar conta desta fortaleza, que eu pretendo defender, com taõ valerosos companheiros, não só a todo o poder d'Elrey de Cambaya, mas ainda ao do graõ Turco, se com elle se ajuntar. E pera isto tomara que não estiueramos rodeados destes muros, por que entaõ mostramos a todos como não ha outros mais fortes peitos q nunca se renderaõ a bombardas, trabucos, nem a outro algũ ameaço de morte. E alem de vosso esforço & valor, que me assegura a victoria, ainda mo faz mais a justiça que de nossa parte temos, porque bem vistes como me justifiquei com estes imigos, por que

quis fossem elles os quebrantadores da paz, pera nos ficar na guerra todo o direito. Não me embaraça tomarnos este cerco em tempo que duuidosaméte poderemos ser socorridos de Goa, (pellas grandes tempestades do inuerno que entra) porque temos vm Deos justicozo, que nos a de dar a victoria, assi pela rezaõ que de nossa parte temos, como por que auemos de defender sua sancta fè, & a honra de nosso Rey, que com tanto custo seu, & trabalho de seus vassallos, trouxe a ley do sagrado Evangelho tantas mil legoas, por tantos riscos & perigos, & a tem dilatada por todo este Oriente, & ainda antre as mais barbaras nações delle. Estes Mouros alem de quebrantadores da paz, pelejaõ por defenderem as mintiras do seu falso Profeta, que está no inferno: padecendo tormentos eternos: Por isso ó Portugueses dinos de immortal nome & fama, aqui vos conuem mostrar a differença que ha de nação a nação. Costumados sois todos a perigos & trabalhos, por que tendes alcançado grandes victorias, & engrandecido vossa patria & nome. Agora neste trance não aja algum que não trabalhe por fazer immortal a fama Portuguesa, pondo os olhos em Deos que tendes brando, & benigno: & depois nos feitos de vossos antepassados, & nas grandes proezas, & caualarias, que nossos parentes, & amigos

amigos ha bem poucos annos obraraõ neste lugar, onde alcançaraõ victorias que pareciaõ milagrosas, destes & de outros imigos mais poderosos, & de hũa armada que podera assombrar a toda Europa se la passara: pera assi vos acenderdes no desejo de vos igualardes com elles, & alcançardes a fama que elles alcançaraõ.

Acabada esta fala, todos com os corações mûy determinados, & desejosos de se verem ja as maõs com os imigos lhe responderaõ: q̃ todos estauaõ aluoroçados pera desenganarem aquelles barbaros, & que em quanto os elle governasse os estimauaõ pouco: & dali se foraõ todos armar o mais custosamente que poderaõ, pondosse de plumas & cores alegres, & foraõ dar vista ao capitaõ, que tambem se vestio de escarlata, & em sua companhia foraõ correr as estancias, & a tomar posse dellas. O capitaõ mandou saluar a cidade com toda a artelharia, que foi hũa mostra muito pera arreçar. E que naõ deixou de por grandes descõfianças nos imigos.

### CAPITULO XIII.

*Do conselho que Cogeçofar tomou com seus capitaes, sobre o modo de como cercaria a fortaleza. E de como assentaraõ ganhar primeiro o baluar*

*te do mar. E de hũa grande machina que pera isso armaraõ: & de como o capitaõ lha mandou queimar. E das cousas que mais passaraõ a te chegar dom Fernando de Castro.*



**V**ENDO Cogeçofar perdida a occasiaõ de Ruy Freire, que lhe auia de entregar a fortaleza, em que elle vinha mais confiado, que no poder que trazia, por que bem sabia que lhe auia de ser muito difficultoso tomala por armas aos Portugueses, de quem ja tinha tanta experiencia. E fazendo ajuntamento de seus capitaes, praticou com elles sobre o modo de como se poria o cerco, & por que parte poderiaõ bater a fortaleza: & debatido antre elles este negocio, foi assentado, que se ganhasse primeiro o baluarte do már pera dous effeitos. O primeiro, pera defenderem os socorros que viessem pera a fortaleza. E o segundo, pera dali abaterem por aquella parte do már que era mais fraca, & por onde se podia tomar com mais facilidade: & que nisto se metesse todo o cabedal, porque sem isto ficaria todo o seu trabalho perdido, & naõ fariaõ mais que gastar o tempo, & as monçoens.

*Sexta Decada. Da hiſtoria da India.*

Aſſentado iſto praticaraõ sobre o modo de como ſe cometeria o baluarte: & lembrandoſe a Co-geçoſar a grande machina que no outro cerco fizeraõ pera abalroarem & entrarem o caſtello da villa dos Rumes, aſſentou que pera eſtoutro negocio ſeria de mais eſfeito: porque de maré chea podia abordar o baluarte por qualquer parte que quiſeſſem, por eſtar fundado ſobre vm penedo que eſtá no meyo do rio. E parecendo bẽ a todos, mandou logo armar ſobre hũa fermosa nao das que naueguuaõ pera Meca, tres caſtellos mũy grandes de madeira: vm na proa, outro na popa, & outro no meyo, liados, & atraueſſados com groſſas vigas, em que mandou meter muitos artificios de fogo, barris d'alcatraõ, & de outros materiaes, pera lançarem dentro no baluarte, muitos dardos, lanças, pedras, & outros instrumentos de guerra: encomẽdando aquelle negocio a vm Sangiaco, com duzentos Turcos, pera como foſſem agoas viuas, na maré da noite abordar com a nao o baluarte, & ganhalo, o que lhe fora muito facil ſe Deos o naõ deſcobrira. Porque como o capitaõ trazia eſpias mũy fieis antre os imigos, logo foi auifado d'aquella fabrica, que eſtava furta vm pouco abaixo da Alfandega com toda a gente ja dentro, eſperando pellas agoas viuas. E naõ fazendo rumor algum por naõ aluoroçar a gente,

tomou Iacome Leite capitaõ mór da armada d'aquella fortaleza, homem muito determinado, & lhe deu conta d'aquelle negocio em muito ſegredo, encomendandoſe q̃ trabalhaffe por queimar áquella machina.

Iacome Leite o ouue por muito grande aluitre, & logo ſe foi negociar. Tinha elle dous nauios de remo no mar chegados á cõuraça, com ſuas eſquipações dentro: & ſem dar conta a ſeus ſoldados, mãdou embarcar dez em cada nauio, metendo nelles muitas lanças de fogo, & panelas de poluora: & ſendo meyo coarto da modorra, tomou o remo no mór ſilencio que pode: & no começo da enchente da maré ſe deixou ir na vea da agoa: & pouco antes de chegarem á nao foraõ viſtos das vigias que eſtauaõ nella bem alerta, & comẽçaraõ a bradar. Os Turcos q̃ eſtauaõ dentro acodiraõ a bordo com as armas nas maõs, pera verem o que aquillo era. Iacome Leite aos primeiros gritos apertou o remo pera fazer o aque yaõ, primeiro q̃ os Turcos ſe podeſſem determinar. E pondo as proas na nao, cada vm por ſua parte lhe lançou logo dentro hũa grãde ſoma de panelas de poluora: & o nauio que ficou da banda da proa, cortou logo as amarras a nao. Os Turcos tambem lancaraõ ſobre os noſſos muitos tiros, arremeffos, & muito fogo. A nao como ficou deſamarada,

rada, começou a cabecear, & a leuála a maré pera dentro, não cessando antre os nossos, & os Turcos os arremessos, & espingardadas. Isto foi logo ouuido da terra, & o exercito todo se pos em armas, & acodindo á praya se metirão muitos em algũas embarcações pera irem socorrer á nao: mas quis a boa fortuna de Iacome Leite, que algũas das panelas de poluora que se arremessaraõ dentro, caissẽ em vm dos castellos, que estauaõ cheos de materiaes pestiferos, & pegando o fogo de hũa cousa em outra, foi dar na poluora, cuja força & furor lançou logo pellos ares as cubertas da nao, & os castellos, auoando abrazados os mais dos Turcos que dentro estauaõ. A nao ficou entregue ás labaredas que foraõ taes, que descobriaõ a cidade, & a gente do exercito que se embarcaua com muita pressa. Iacome Leite vendo sua boa fortuna, virou as proas a terra, & apontou os falcoes nos cardumes dos imigos que feruiaõ, & desparando nelles as cargas fez hũa muito grande destruição: & tomando o remo em punho se foi recolhendo, com sete companheiros feridos, & queimados, deixãdo acabado vm feito dino de perpetua memoria: & chegados á fortaleza foraõ todos recbidos nos braços do capitaõ, & de todos os mais cõ lououres muito publicos.

Cogeçofar acodio ao cais da

Alfandega, & vendo a grande machina em que fundaua suas esperanças abrazada, & desfeita, ficou pasmado, por que na nao perdeu mûy grande quantidade de moniçoes, & muitas peças grossas de artelharia, com que determinaua de bater a fortaleza do baluarte do mar, depois que o tomasse: & sobre tudo sintio os Turcos que elle estimaua muito, com cujo esforço & industria esperaua de acabar aquelle cerco, & deitar os Portugueses fora d'aquella ilha. E arrebetando em blasfemias disse mal á sua ventura: & depois fez voto a Mafamede, de se não auantar de sobre aquella fortaleza, a te a não arrazar, & tomar. Mas bem differente era o pensamento do capitaõ della, & de todos os mais, por que toda a noite gastaraõ em danças, & folias, auendo aquelle principio de vitoria por vm muito certo final de sempre alcançar d'aquelles imigos. Assim ficaraõ tres dias fortificandosse vns & outros, ordenando as cousas necessarias pera a bateria.

Neste tempo foi tambem o capitaõ pellas espias auisado, que se esperaua no exercito, por hũa grãde cafila de mantimentos que lhes auia de vir por már, de toda aquella costa de Balsar, a te Damaõ: pelo que logo despedio Iacome Leite, com tres nauios bem negociados, pera que a fosse esperar a te a ilha dos Mortos. E saindosse de noite

noite pella barra fora, foi corrédo aquella costa, por onde encontrou algúas Cotias, carregadas de mantimentos, que tomou, não dando a vida se não a algús que guardou pera embandeirar os seus nauios quando entrasse em Diu: & depois de deixar feito húa mūy grande destruição, se foi recolhendo, & entrou dahi a poucos dias pella barra, com as vergas cheas d'aquelles estandartes, & húa gráde cafila de mantimentos, que se recolherão na fortaleza: & as Cotias todas depois de descarregadas, se lhes mándou dar fogo no meyo do rio, pera que os imigos as vissem bem, o que foi pera todos elles húa muito grande dór & tristeza. Cogeço-far andaua como areado, & védo que lhe mandauão tomar os seus nauios por aquella costa: despidio com muita pressa recado a Surrate, que armassem vinte fustas, & q se fossen lançar sobre a barra de Diu, assi pera segurarem os seus nauios, como pera defenderem a entrada aos nossos se viessem de focorro da India. Dom Ioaõ Mascarenhas escreveu aos capitaes de Baçaim & Chaul, que trabalhassem muito por impedirem a nauegação aos Mouros por aquella coita de Balsar, & Damaõ, por q lhes não fossen mantimentos ao exercito: o que elles fizeraõ armando alguns nauios, que em poucos dias tomaraõ dous Tauris grandes, & quinze Cotias car-

regadas de mantimentos, metendo todos os que nellas acharaõ á espada.

CAPITULO IX.

*De como Cogeço-far começou a fazer a parede. E das cousas que socederaõ com a chegada de dom Fernando de Castro. E de um grande feito que fez Diogo da Nhaya (continho.*



**V**ENDO Cogeço-far que sem ter começado a guerra, tinha recebido tantas perdas (porque logo teue auiso da destruição que a armada fez pella outra costa) andaua como fora de siso, & de juizo: porque receaua roim fim áquelle negocio, & mandou com muita pressa por as mãos na obra da parede, (ou pera lhe melhor chamarmos, do muro,) o que começou a fazer com um grande numero de officiaes. Esta parede se fabricou pouco mais de um tiro de besta da fortaleza, pello começo donde depois esteue o jogo da bolla: & foi cortando da borda do rio, por aquelle tezo acima a te o már, & tinha quinze palmos de largo. E porque de dia não podiaõ trabalhar, por causa da nossa artelharía, & arcabuzaria, que lhe mataua muitos obreiros, trabalhauão de noite

noite,abrindo por baixo do chaõ caminhos intricados, & em caracol, pera a gente poder passar ao seruiço segura das bombardadas. E assi fizeraõ hũa fabrica de ruas, traueffas,& encruzilhadas,que parecia vm laberinto de Creta: mas nem com isso deixauaõ de morrer muitos: por que a nossa arcabuzaria lá os ya descobrir, & derribar. O capitaõ mandaua de noite bater os lugares onde sentiaõ trabalhar,derribandolhes a obra que yaõ fazendo,por partes. Mas com tudo, como os officiaes eraõ muitos foi o muro crescendo, & sobindo nelle alguns baluartes fortes cõ bombardeiras rasteiras, em q̄ Cogeçofar mandou assentar bazalifcos, lioes, & outras peças grossas, com que determinaua de bater a fortaleza. E defronte do baluarte Sanctiago se pos vm coartao, que lançaua pilouro de treze palmos em roda, que se entregou a vm bombardeiro Frances arrenegado, homem muy destro em seu officio, que o assistou por escoadria taõ certa na parte em que a cisterna estaua, que lhe lançaua nella todos os pilouros que queria. Vêdo Cogeçofar a parede ja aleuantada, mandou logo fazer valos, & trincheiras naquella parte baixa do jogo da bolla,pera se passar pera ali com o seu exercito, corredo com hũa cousa & com outra á mór pressa que podiaõ.

Dom Fernando de Castro, que

deixamos partido de Goa, no capitulo 7. do primeiro liuro,foi seguindo sua viagem a te Baçaim, leuando ja ameassos do inuerno; & tomando ali algũas cousas atraueffou logo o golfo,que achou taõ soberbo & alterado, q̄ se vio muitas vezes perdido com toda a armada: & passando por todos aquelles medos chegou a Diu em fim de Mayo, o que foi pera todos os nossos a mór alegria que podia ser: & embandeirando os nauios cometeraõ a barra, entrando por ella dentro, esbombardeãdo,& saluando a cidade dos Mouros,deitando nella algũs pilouros, por final dos mais com que auiaõ de seruir & ospedar os inimigos: & assi foraõ sorgir no cais a onde desembarcaraõ,achando ja dom Ioaõ Mascarenhas, com todos os fidalgos, que os leuaraõ nos braços cõ grande aliuoroço de todos.E recolhidos pera a fortaleza, os leitos dourados,& camas molles em que os agasalharaõ, pera repoufarem do trabalho do caminho, foraõ os baluartes,guaritas, & mais lugares do muro,por onde o capitaõ os repartio. Os da fortaleza ficaraõ muito vfanos com este socorro, q̄ ainda que pequeno em numero, era muito grande na estimaçaõ, pello grande valor & esforço dos capitaes,& soldados que nelle vinhaõ. Esta noite passaraõ os nossos em grandes regozijos,& festas, lançando muitos foguetes, & outros

## *Sexta Decada. Da historia da India.*

tros artificios de fogo por esses áres, pera mostrarem aos inimigos o aluoroço cõ que todos estauão, & o pouco temor q̃ delles tinhaõ.

Ao outro dia em amanhecêdo appareceu sobre a barra a armada que Cogeçofar mandou fazer em Surrate, que vindo correndo a costa de Diu, encontrou algũs nauios q̃ os capitaes de Baçaim & Chaul mandauão com gente & prouimentos: & como yaõ espalhados, dous delles foraõ cair nas mãos dos inimigos que os abalroaraõ: & posto que os poucos Portuguezes que nelles vinhaõ, pelejaraõ m̃y valerosamente, & venderaõ muito bem suas vidas, (que todos quise-raõ antes perder que ficar catiuos) foraõ mortos & espedaçados. Outros algũs nauios auendo vista desta armada dos inimigos, & conhecendoa, tornaraõ a voltar pera a outra costa. Os inimigos com aquella preza & victoria chegaraõ á barra de Diu embandeirados a dar vista a os nossos, saluando a fortaleza de longe. Dom Fernando de Castro lhes quisera sair, mas o capitaõ lho não consentio, por que bem sabia que os inimigos o não auiaõ de esperar, & que seria trabalho perdido tornar a negociar as fustas, que estauã ja recolhidas na couraça: & assi se não fez por entãõ cousa algũa, nem foi necessario: por que logo ao outro dia desapareceu a armada, que tãbem receou que lhe saissẽ os nossos.

Esta armada andou por aquella costa, des da ilha dos mortos, a te Madre faual em quanto o tempo lhe deu lugar: & como entrou o inuerno recolheose a Surrate, sem fazer mais presas que aquellas primeiras.

Dom Ioaõ Mascarenhas ao outro dia depois que dom Fernando de Castro chegou, mandou negociar vm catur muito ligeiro, em q̃ mandou embarcar o Armenio q̃ auia de passar ao reino, por quem tambem escreueo a Elrey o estado em que aquella fortaleza ficaua. Este homem foi lançado na costa de Pór, & dali em trajos de Iogue (que he hũa gente que se preza de Religiosa, & que nos trajos mostra grande desprezo do mundo: por que não trazem mais vestido que hũas capas como os m̃atos dos capuchinhos, feitas de farrapos que achaõ nos monturos,) Foi caminhando a te o Cinde, a onde achou ainda embarcaõ pera Ormuz, em que se meteo, & foi ter áquella fortaleza, & deu as cartas do Governador a Luis Falcaõ, em que lhe encomendaua nuito desse logo ordem pera que aquelle homem se partisse pera o reino: o que elle fez, negociandosse com os mercadores de Baçorá que o leuaraõ, & o passaraõ a Babylonia pello rio Eufrates acima, & dali tomou seu caminho em companhia de cafilas que sempre as ha: & foi seguindo sua derrota.

E por

E por que naõ achamos as particularidades desta jornada, passamos por ellas, & de sua chegada ao reino a diante daremos rezaõ.

Cogeçofar foi continuando cõ as obras da fortificação, a te as pór em sua perfeição: passando o seu exercito pera aquella parte, reparando pellos lugares da bataria perto de sessenta peças grossas, de bazaliscos, saluagens, aguias, & camelos: & da outra miuda hũa grande quantidade: mandando fazer muitas escadas, hũa grande soma de piçoës, alauancas, cudilins, padiolas, & em fim toda a mais couisa desta qualidade, que lhe pareceo necessaria pera aquelle negocio. Dom Ioaõ Mascarenhas naõ estaua descuidado, que tambem de dia & de noite trabalhaua em sua fortificação, vendo & notado tudo o de que tinha necessidade, esperando cada dia pellos combates, com vm animo muito determinado, & seguro.

Mas como desejava muito saber de certo o intento & determinação dos imigos, eralhe necessario pera isto tomar algum lingoa de que se podesse informar. Isto praticou algũas vezes com os fidalgos, caualeiros, & soldados, de que presumia que prestariaõ pera este feito: foi hũa dellas em tempo que se achou presente Diogo da Nhaya Coutinho, natural de Sanctarem, fidalgo de nobre geração, de grande valor, & notaueis forças, q

dissimulando seu intento, vindo a noite sem dar cõta a pessoa algũa, mais que a vm soldado, a quem pedio vm capacete emprestado, (por ser o bom fidalgo taõ pobre que a te isto lhe faltaua, sobejandolhe o animo pera pelejar com os imigos) lançandosse por hũa corda do muro abaixo, acompanhado de sua espada, & hũa lança. E indosse pera a parte donde os imigos estauaõ, pouco afastado do caminho se pós deitado com grande silencio, esperando algum bom encontro. Em pouco espaço vio vir dous Mouros bem despostos, que vinhaõ praticando, & bem descuidados de imaginarem o que lhes aconteceo. Bem sintio Diogo da Nhaya Coutinho serem dous, & recebeu cometelos, naõ por que se naõ atreuesse a pelejar com ambos, & com mais: mas por que temeo que brigando com ambos, de força auia d'auer roido, & podia ser ouuido, & elle naõ poder pór em effeito o negocio a que ya: mas tomando conselho com a necessidade do caso, & do tempo, determinou cometelos. E deixádoos passar, leuantouffe, & deu a vm tal golpe cõ a lança que logo o derribou: & remetendo ao segundo o leuou nos braços, sem lhe valer pernear, morder, nem bracejar, & assi asido chegou com elle á porta da fortaleza a que bradou que lhe abrissem depressa, & abrindolhe a porta deu com elle dentro,

de que o capitão & os mais fidalgos & caualeiros ficaraõ pasmados, & marauilhados, de taõ raro ſocello, que feſtejaraõ , muito alegres, & contentes.

E por que ſerá roubo que lhe faremos, calarmos o mais que na meſma noite lhe aconteceo, contarey o que fez, por que fiquemos ſatisfazendo aſſi a noſſa obrigaçaõ (que he dizermos as couſas que neſte cerco aconteceraõ) como a ſeu merecimento & eſforço , com fama depois de morto , já que na vida lhe faltou ventura de ter com q̃ mataffe a fome. Prometeo eſte fidalgo ao ſoldado , que lhe empreſtou o capacete, de lho tornar a trazer, certificandolhe, que antes deixaria a vida que o proprio capacete. Na briga & reuolta q̃ teue

com os Mouros lhe cayo da cabeça ſem o elle ſintir, nem achar menos, ſenaõ depois de entrar na fortaleza, & o ſoldado lho pedir. Senhor, diſſe elle, eu o vou buscar. E tornando a decer por onde decera a primeira vez, auendo que pella porta o naõ deixaria o capitão ſair, ſe foi á parte onde teue a briga, & achando o capacete o trouxe, & tornou a ſobir, & o entregou a ſeu dono. Bem merecia eſte fidalgo por iſto que fez por ſeu Rey, que enxergamos nos nelle as merces que eſtes feitos eſtaõ pedindo: mas pois as naõ teue, naõ lhe faltemos nos com o deixarmos  
nesta noſſa eſcritura da-  
do a conhecer, aos  
que o naõ alcançaraõ.

*Fim do Primeiro Liuro.*

LIVRO



# LIVRO SEGVNDO

## DA SEXTA DECADE

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITOLO I.

*De como Elrey Soltaõ Mahamude chegou a Diu. E de um assinalado feito que seis soldados fizeram, em que tomaraõ um Mouro. E das asperas batarias que deraõ à fortaleza.*



**A**CABADAS todas as obras, assi da parede, como dos valos, & trincheiras, desejou Cogeçofar de ver Elrey as primeiras batarias, porque lhe pareceo que nellas se aueriguasse tudo, mandandolhe recado a Champanel, onde elle estava com o resto de sua potècia, pera acodir a onde fosse necessario. E tanto que teue recado se abalou aforrado com só dez mil de caualo: & tanta pressa se deu q̄ chegou á villa dos Rumes dez dias depois da chegada de dom Fernando de Castro. E ao outro dia depois de sua chegada se passou á ilha pera de mais perto ver a notomia que Cogeçofar lhe prometia de fazer naquella fortaleza. E á sua entrada na cidade lhe fez

Cogeçofar taõ grandes recebimètos, & foraõ os instrumentos tãtos, que se ouuiraõ na fortaleza, enxergando na villa dos Rumes nouas bandeiras, mas pareceolhes que era gète que chegaua de refresco, naõ imaginando que podia ser Elrey. E pera saberem d'aquella nouidade, mandou o capitaõ dom Ioaõ Mascarenhas dizer a Fernaõ Carualho (que estava no baluarte do mar) que mandasse algũas pessoas de recado, de noite, no batel do seruiço, pera ver se podiaõ auer as maõs algum Mouro, de quem podessem saber o que ya na cidade.

Fernaõ Carualho, tanto que foi o coarto da modorra, despidio o batel com seis soldados que pera aquillo escolheo, cujos nomes ficaraõ em esquecimèto aos d'aquelle tempo: (porque os destes homès que naõ naceraõ illustres, & fizeram cousas abalizadas, naõ lhes luziraõ, nem em historias, nem em merces, & satisfaçoès: porque he muito antiga esta miseria Portuguesa, naõ saber dar lugar as virtudes, nem engrandecer honrosos pensamentos, antes acanhalos, & desprezalos, pellos verem auentajar nas obras a algũs, que se contentaõ da gloria de seus passados.)

## *Sexta Decada. Da historia da India.*

E esta he a rezaõ porque muitos naõ trabalhaõ por obrarem grandes proezas, porque antes querem poupar as vidas, que arriscalas sem esperança de galardão. (Mas diante d'aquelle famoso Antigono, naõ se daua lugar se naõ as virtudes, & ao valor ganhado por proprio braço, & naõ aos que os herdaraõ de seus auós, como elle disse áquel le mancebo, que por nacer nobre, queria proceder a outros que o naõ eraõ, tendo mais merecimentos.

E tornádo a nossa historia. Partidos os seis valerosos soldados, foraõ pello rio acima em grande silencio, sem tocarem com os remos na agoa, por naõ serem sentidos na terra: & no lugar em que está a Alfandega viraõ estanciamuito perto do mar em que naõ sentirãõ vigias: & parecendolhes que estariaõ dormindo se chegaraõ á terra, & saltaraõ nella muito manso, & com grande determinação cometerãõ a estancia em que estauaõ sessenta Mouros, sepultados todos em vm profundo sono, como homés que ali se naõ receuaõ de cousa algũa: & dando nos primeiros que acharãõ, mataraõ nelles á vontade: & ao tom dos golpes, & dos gritos acordaraõ os outros, andando ja o ferro dos valentes seis companheiros sobre elles: & naõ sabendo o que aquillo era, nem donde se auiaõ de guardar, embaraçauãõse vns com os

outros, por que sem verem o q̄ era, sentiaõ o cruel ferro dos seis Portugueses em suas carnes, & de outras partes as vozes & ais dos que ficauãõ estirados. E foi a coufa de feiçaõ, que aos gritos dos d'aquella estácia, se poseraõ todas as mais em armas, cuidando que todos os Portugueses dauãõ nelles. Os seis soldados que andauãõ encarnissados nos Mouros, sentindo que chegaua soccorro, se foraõ recolhendo ao seu batel, & naõ sem muito trabalho & risco, por que apertaraõ tanto com elles, que lhes mataraõ dous: & quis a ventura que os coatro ao recolher deraõ com vm Mouro na praya, que por ventura ya fogindo da morte, & liandosse vm com elle, acodindolhe os outros deraõ com elle no batel, & tomando o remo se foraõ saindo: indo a pos elles grandes nuues de frechas, & pilouros. Chegados á couraça bradaraõ as guardas, que os recolherãõ dentro: & leuando o Mouro ao capitaõ lhe contaraõ o soccesso: elle os abraçou a todos, louuandoos, & engrandecendoos publicamente. E recolhendo com o Mouro, & lingua, delles soube, que as festas que se fizeraõ eraõ á chegada d'Elrey, q̄ era vindo pera ver tomar aquella fortaleza: & assi deu rezaõ de todas as mais coufas que lhe perguntaraõ, que o capitaõ estimou muito saber, mandando ter o Mouro a bom recado, & aos soldados deu djnhei-

dinheiro de sua casa.

Taõ afrótados ficaraõ os Mouros deste soceffo , por ser no mesmo dia que o seu Rey chegou, q̄ desejavaõ de ir todos morrer ao pé dos muros da fortaleza. Cogeoçar andaua como doudo, sem saber o que dissesse, nem fizesse : & tomara ser antes alejado da outra mão, que terse taõ penhorado com Elrey, em negocio que taõ roins principios teue. Ao outro dia chegarãõ vns poucos de Mouros á falla com os do baluarte saõ Ioaõ, & lhes diffieraõ muitas iniurias, & vituperios: affirmandolhe que cedo teriaõ o pago d'aquelle atreuimento, & de naõ entregarẽ logo aquella fortaleza ao grande Rey Soltaõ Mahamude que era chegado. Os nossos lhes responderaõ que folgauaõ muito com sua vinda, por q̄ muito cedo seria dependurado de hũa d'aquellas ameyas, pello atreuimento que teue de mandar cercar fortaleza em que estauaõ Portugueses, que a auiaõ de defender a todo o mundo junto, quãto mais a elle, & aos seus, que eraõ vns coitados, couardes, & biguairins, de q̄ naõ faziaõ conta algũa.

Todas estas cousas soube Elrey, de que se ouue por taõ afrontado, & offendido, que mandou a Cogeoçar, que logo começasse a bataria, o que elle fez na força do meyo dia, com mûy grande terror & espanto : batẽdo os tres baluartes, Saõ Ioaõ, Saõ Thome, & San-

tiago, com oito peças cada vnm, & o coartao na parte da cisterna, que cada vez que desparaua, parecia que todo mundo se abalaua: & certo que pos grande espanto, & causou muito temor : Os capitaes dos baluartes, que eraõ dom Ioaõ d'Almeida, Luis de Sousa, & Gil Coutinho, tambem lhe responde- raõ com sua artelharia, batendo as estancias dos imigos com grãde furor, andando cada vnm reformãdo as ruinas que a artelharia fazia. A grita, o rugido das armas, os fuzis do fogo, o fumo da artelharia que escurecia o sol, tudo representaua o dia final do juizo. No baluarte Sanctiago de Luis de Sousa, onde estaua dom Fernando de Castro, começou a fazer a bataria mais dano, por ser mais fraco: mas logo tudo era reformado, & repa- rado de nouo.

O capitaõ dom Ioaõ Mascarenhas, que neste dia começou a mostrar os quilates de sua prudencia, & esforço, tinha dado tal ordem a tudo, que em se pedindo pedra, madeira, tauoas, panellas de poluora, pilouros, & todas as mais cou- sas necessarias, logo eraõ dadas: por que este trabalho encomen- dou a alguns homẽs velhos, com muitos escauos, & marinheiros, & assi nunca faltou cousa algũa.

Dom Fernando de Castro como era moço, & nunca se tinha visto em outro perigo, desejou de se assinalar neste, & assi deu mo-

stras de seu grãde valor, & animo, de que a fortuna lhe começou logo a ter inueja. Todos os mais fidalgos & caualeiros trabalharaõ em quanto durou o espantoso cõbate, mûy animosamente. Vns ajudando a carregar, & bornear as peças da artelharia: outros em reformar as roinas, & em outras semelhantes & necessarias occupaçoës, de sorte, que todos deraõ muito grandes esperanças, no animo com que acodiaõ a todas as coufas, & na alegria que mostrauaõ nos trabalhos, de hũa muito certa, & grande victoria. A bataria durou a te se pôr o Sol, que cessou, deixando os baluartes todos destruidos, & arrasados das ameyas & para peitos, ficãdo a artelharia toda dell'es quasi descuberta. O capitaõ dom Ioã Mascarenhas não tomando repouso toda a noite trabalhou em reedificar os baluartes, sendo todos os fidalgos & caualeiros os pedreiros, & officiaes da obra: a que deraõ tanta pressa, que quando amanheceo estaua tudo renouado, como se nunca fora derribado, do que os imigos pasmaraõ.

Ao outro dia tornaraõ a continuar a bataria com grande braueza, tornando a arruinar os baluartes por outros lugares, andando sempre os capitaes mûy prontos em reparar tudo, batendo também espantosamente as estancias dos imigos, em que o dia dantes fi-

zeraõ bem de dano: como também este em que lhe mataraõ muitos. Desta maneira foraõ continuãdo os combates naquelles tres baluartes coatro dias, aleuantãdo os nossos de noite, o que lhes derribauaõ de dia, com muito trabalho, & presteza. O coartao q̄ estaua fronteiro ao baluarte Sanctiago, que o Frances regia tinha feito na fortaleza grande dano, porq̄ derribou casãs, arruinou edificios, & lançou algũs pilouros na cisterna, que Deos sempre guardou, por que nella estaua o remedio de tudo: & andauaõ todos assombrados, por que cada vez que a tiraui fazia um terremoto, que parecia que tremia o ar, & a terra.

Mas enfadado Deos nosso Senhor de sofrer áquelle arrenegado tantas offensas, & afrontas: indireitou um dardo que se arremessou da fortaleza, sem se saber de que maõ, & tomando o Frances pellos peitos o derribou morto. Esta perda sentio Cogozofar muito, por que aquelle homem era o mais importante que tinha no seu exercito, pera o meneo da artelharia, & da bataria: & logo em seu lugar pôs outro arrenegado, que não sabendo a esquadria, nem a medida do ponto do coartao, todos os pilouros que tiraua cayaõ sobre o seu exercito, matando muitos dos seus: que isto foi tambem obra da diuina maõ de Deos, por que só áquelle

tiro

tiro se receaua na fortaleza mais que todos os outros, por que fazia mór dano.

CAPITULO II.

*De como os Mouros continuaraõ a bataria, & Elrey se foi da cidade por vm roim agouro que tomou. E do monte da rama que os imigos aliantaraõ defronte do baluarte Saõ Thome.*

**R**OISE continuando a bataria em que os nossos sofreraõ muito grandes trabalhos, por que não largauaõ de dia nem de noite as armas das costas, nem das mãos as achegas pera a reformação dos lugares derribados, sendo tudo assi em hũa parte como na outra, vozes, clamores, gritos, estrondos, fogo, fumo, trouoës, & tempestades, da cruel & horrenda artelheria, que quasi tinha ensurdecidos todos os da fortaleza. E auendo dez dias que duraua esta confusão, estando Elrey vendo hũa aspera & geral bataria, que se daua á fortaleza, desparando vm canello de vm dos baluartes, guiou Deos o pilouro de feição, que entrou pella estancia em que Elrey estaua, & matou vm priuado seu muito junto d'elle, ficando todo

borrifado do seu sangue. E como os Mouros são muito agourentos, assi este tomou aquillo a taõ roim final, & mao pronostico, que logo se foi pera a cidade, & no mesmo dia se passou á outra banda, & dahi pella posta caminhou pera Amadabá, taõ affombrado, que lhe pareceo que ainda o pilouro ya a poselle: ficando com a géte de caualo que trouxe, vm capitaõ Abexim chamado Iuzarcan homem de grande autoridade, esforço, & conselho, & grande senhor no reino de Cambaya. Cogeçofar sentio muito a ida d'Elrey, porque lhe pareceo que ya desconfiado, & pera mostrar assi a elle como a os nossos que nenhũa cousa lhe causaua temor, mandou dobrar a bataria pera fazer algũa entrada na fortaleza: por que determinaua, ou perderse de todo, ou ganhala: & assi foraõ continuando sem cessarem, a te arrazarem todos os áltos dos baluartes Saõ Ioaõ, Saõ Thome, & hũa grande parte da cortina do muro que corria de vno ao outro. Luis de Sousa, & Gil Coutinho capitaes d'elles, com os mais fidalgos & caualeiros, sofreraõ aquelles combates cõ animo muito grande acodindo logo a rodas as coulas necessarias, pelejando, trabalhando, & animando os soldados, tendo ja mortos algũs, & feridos muitos: & certo que quanto mayor era o perigo, tanto mais parecia que creciaõ forças, &

*Sexta Decada. Da historia da India.*

animo de nouo a todos pera sustentatudo, & acudir a tãta cousa, como era pelear, & reformar.

Dom Ioão Mascarenhas vêdo os baluartes arrazados acodio áquella parte, & vendo que estaua a fortaleza muito arriscada pella cortina, tratou de o fazer por dentro vm contra muro, & vendo que não tinha parte commoda pera isso, mandou logo na rotura armar vm cubello alto & grande no meyo, de traues, que seruia de triangulo, & se corria delle pera ambos os baluartes corredo com vm pedaço de muro, pera tornar a fechar aquella parte, com que ficaua mais forte. Esta obra se começou com grande pressa: & porque faltauão seruidores, por serem mortos algũs, & outros estarem doêtes, acodiraõ às molheres da fortaleza, assi casadas como viuuas a acarretar os materiaes, como ja fizeraõ outras no outro cerco passado: & a que ordenou isto foi hũa Isabel - Madeira dona honrada casada cõ - mestre Ioão Surugiao, Christão - velho, de quem tinha dous filhos, & hũa filha: esta foi eleita por capitoea de todas, formandosse vm muito grande escoadraõ dellas, de que as principaes eraõ Gracia Rodriguez molher de Ruy Freire, Isabel Diaz casada com o feitor d'Elrey, Catherina Lopez molher de Antonio Gil, & Isabel Fernandez, que depois se chamou a velha de Diu, dina do sobre nome que

lhe deraõ, pellas coufas que neste cerco fez, como em seu lugar diremos. Estas com seus filhos & escrauos, tomaraõ á sua conta acarretarem a pedra, & terra pera as obras, que traziaõ com cestos sobre suas cabeças, de algũas casas q̃ o capitaõ mandou derribar dentro na fortaleza, & o mesmo fizeraõ as traues, tauoado, & a todas as mais coufas que se pediaõ. Este trabalho comecaraõ a continuar com tanta pressa & alegria, que deu a todos hũa certa confiança de bõ fim naquella guerra, com o que ficaraõ os homens mais desaliuados pera acodirem as baterias. A obra foi crescendo de feiçaõ, que em breues dias se pos o cubello em pé, de que encarregou Antonio Paçanha, varaõ de conselho, & de muito esforço, dandolhe corenta espingardeiros. O capitaõ andava muito vfanõ & alegre, de ver a alegria, & gosto com que aquelle escoadraõ feminino acodia as coufas, assi de dia como de noite, porque o auia por vm mũy bom pronostico, & assi as ya ver muitas vezes á obra, louuandoas com palauras muito honrosas, & de muito agradecimento. A estancia q̃ era de Antonio Paçanha, deu o capitaõ a vm Ioão de Venezeanos cõ algũs soldados: Em quanto a obra do cubello durou, não cessou a bateria, que deu muito trabalho aos que andauãõ na obra, mas quis Deos que não fizesse dano, ainda

ainda que estoruaua, & impidia os officiaes, mas de noite se fez a mór parte della.

Cogeçofar tanto que vio o baluarte em pé, (com que ficauão aquellas partes caidas muito seguras) mandou fabricar defronte do baluarte Saõ Thome, outro mayor que elle, de terra & rama, pera lhe ficar ali em padrasto, & entulhar a caua: por que determinaua de entrar por ali a fortaleza. Esta obra se começou a fazer de noite, por que de dia a nossa artilharia, & arcabuzaria, lho defendia: E sentindo o capitaõ que de noite trabalhauão, mandou fazer nos baluartes tantas luminarias que aclarou todo o campo, & se descobriaõ muito bem os officiaes que andauão na obra: & affestando ali a artilharia, começaraõ a lhe dar bataria, com que lhe mataraõ muita parte dos trabalhadores, & os mais largando o trabalho ficou tudo desemparedado: porque alem dos pilouros, chouiaõ sobre os q̄ acarretauão as coufas tantos dardos, pedras, & panelas de poluora, que lhes não dauão lugar a apareceré. E posto que isto cansaua, & quebrantaua muito aos nossos, o perigo em que estauão lhes daua forças pera tudo. Mas Cogeçofar não desistindo da obra, mandou fazer nouas ruas por baixo do chaõ, pera passarem os seus encubertos pera a obra: mas ainda assi não deixou de lhes custar muito, & a po-

der de mortes dos miseros officiaes, & trabalhadores, acabou o baluarte que ficou taõ alto, que descobria todo o de Saõ Thome: E em cima d'elle mandou Cogeçofar por muitas aruores grossas com toda sua rama, que se traziaõ ali a poder de força, pera seruirem de tranqueiras aos seus: & pos ali um ferinoso esquadraõ de Turcos, & de outras nações estrangeiras, não cessando em todo este tẽpo a bataria nas outras partes, com que derribauão os baluartes de dom Ioaõ d'Almeida, & de Antonio Freire Alcaide mór da fortaleza, mas logo o capitaõ acodio a reformar tudo: em cuja obra dom Ioaõ d'Almeida, & seus irmaõs mostraraõ bem o valor de suas pessoas, comprindo muito á risca com as obrigações do sangue de que procediaõ: pelejando, & trabalhando sem tomarem repouso algum. Cogeçofar vendo a fortaleza taõ desbaratada por todas as partes, & o muito trabalho que os Portugueses passauão em as reformar, auendo que não poderiaõ já sofrer mais, & que se entregariaõ com alguns partidos: por que se não podia esperar de corpos humanos, o que aquelles homens tinhaõ passado, & passauão, auia tantos dias, sem tomarem hũa só hora de descanso, & pera lhes não dar folego, & os apertar mais por todas as partes, mandou nouamente abrir caminhos por debai-

xo da terra, pera as estancias de Alonfo de Bonifacio, Luis de Soufa, & Gil Coutinho, a te sairem á caua, por que determinaua de a entulhar, pera cometer a fortaleza por affalto: & tanto trabalharaõ neste negocio, que ainda que foy á custa de muitos dos seus, que a nossa espingardaria sempre pescua, chegaraõ a onde pretendiaõ, trabalhando dom Ioaõ Mascarenhas muito por lho defender.

E por que o lugar de q̄ se mais receuaõ, & de que mór dano recebiaõ, era o baluarte do monte da rama, mandou o capitaõ fazer vm terripleno no tauoleiro da igreja, que era o mais alto da fortaleza, pera o descubrir, & ali mãdou affestar vm bazalisco, & outras peçãs grossas, & encomedou ao Cõdestabre da fortaleza, homẽ mûy experimentado em seu officio, q̄ trabalhassẽ muito por derribar aquelle monte. E dãdo elle recado aos do baluarte Saõ Thome, pera que se recolhessem a partes seguras, por cima delle o começou a bater, & quis Deos que em quinze dias o desfizesse todo, matando muitos dos que nelle estauaõ.

Isto sentio Cogeçofar muito, & mandou correr com o entulho da caua, mandando cobrir as ruas soterraneas (por onde corriaõ os trabalhadores) com palmeiras, rama, & terra, pera andarem por baixo seguros. E ordenou grandes & fortes mantas pera as bocas das ruas

que sayãõ á caua pera seu empero: & afsi mesmo mandou fazer muitas pranchas de vigas solhadas com tauoas, pera atrauessarem a caua de hũa parte á outra, cobrindoas por cima de rama & terra molhada por causa do fogo, sem os nossos lho poderem defender: posto que pera isso lhes lançaraõ infinitos artificios de fogo. Tanto que os imigos tiueraõ lançadas as pranchas começaraõ a entulhar a caua, trazendo por baixo das ruas a faxina, terra, & outras cousas sem perigo algum.

### CAPITULO III.

*De como os nossos furtaraõ o entulho aos Mouros: & de como mataraõ Cogeçofar. E do socorro que o capitaõ mandou pedir a Goa. E de como os imigos entulharaõ a caua: & de outras cousas.*



**F**ORA M os Mouros correndo com a obra do entulho cõ muita pressa sem se lhes poder defeder, o que deu grandes cuidados ao capitaõ, traçando em sua imaginação algum modo pera poder impedir aquella obra, que era de muito perigo, praticando, & tomando conselho com todos sobre isso. Algũs homens velhos lhe disseraõ, q̄

no muro de fronte donde a caua se entulhaua estaua vm antigo & pequeno postigo, que o tempo foi escondendo com terra & cisco, q̄ de cima do muro se lançaua, por onde se podia muito bem furtar o entulho a os imigos. Naõ pareceo isto mal ao capitaõ, & indo o logo ver pella banda de dentro, pareceolhe que podia aquelle ser o melhor remedio de todos. E logo deu ordem com que se fizessem algũas mantas muito fortes, que mandou armar por cima do postigo, lançadas como pontes, & mãdou abrir & desentulhar o postigo, que ficaua escondido debaixo das mantas. E de noite os moços, & marinheiros, com cestos por baixo foraõ furtando o entulho á formiga pera dentro, estando sempre gente em guarda pera os animar, & fazer trabalhar. E ainda que os Mouros na obra do entulho corriaõ com grande numero de seruidores, & crecia muito, de noite punhaõ os nossos tanta diligencia, reuesandosse vns & outros, que lhes furtauão a mór parte sem os Mouros o sentirem. O entulho fazia vm modo de piramide muito largo no pé, & agudo na ponta: & todauia vendo elles sempre a obra em vm ser, & que lhes naõ crecia mais de vm certo limite, andauão embaraçados.

Os nossos trabalhadores yaõ por baixo solapando a modo de mina: & assi lhe fizeraõ taõ gran-

de vaõ, que naõ podendo com o pezo, esborralhou se pello pè, caindo toda aquella machina, do que Cogeçofar ficou pasmado, por q̄ nunca entenderaõ, nem sentiraõ q̄ lhe furtauão o entulho: & caindo no engano começaraõ de defender o trabalho, pondosse vm grãde escoadraõ á borda da caua, dõde lançauão grãdes penedos, muitas panelas de poluora, & outras cousas com que offendiaõ os nossos trabalhadores. Dom Ioaõ Mascarenhas os mandou socorrer por mais soldados, que sayã pollo postigo fora, & trauauão com os Mouros, ateandosse de parte a parte vm fermoso jogo de arcabuzaria, de que todos receberaõ assas de dano, acodindo a mór parte dos fidalgos & caualeiros áquelle negocio, que era de importancia. E antre estes foi Antonio Freire, que esta noite fez obras merecedoras de maiores lououres: mas a fortuna inuejosa dellas, ordenou, q̄ lhe dessem hũa espingardada de que cayo logo morto, o que se sintio bem antre todos os da fortaleza, por que este era vm dos homens, que mais sustentaua o pezo, & o trabalho d'aq̄lle cerco, cõ seu esforço, conselho, & com seu dinheiro, de que deu muito a muitos. Durou esta noite a briga vm grande espaço, em que os nossos apertaraõ taõto os Mouros, que os fizeraõ recolher. Mas dom Ioaõ Mascarenhas naõ tomando repouõ, mandou

dou com muita pressa carretar muitas traues, tauoas, & portas, que tudo foi leuado por aquellas valerosas matronas (que neste cerco á seu modo tiueraõ taõ grande quinhaõ como todos.) E tudo isto mãdou atrauessar de noite des do postigo a te a outra parte, a onde ficou aleuantado vm grande mõte do entulho, & fazendo hũa forte ponte a cobrio de terra & rama molhada, por causa do fogo, & por baixo ficaraõ os nossos defendendo a obra do entulho mais á sua vontade, & em dano dos imigos, sem elles lhe poderem empecer, & quãdo amanheceo estava tudo acabado.

Dada a noua disto á Cogeçofar, acodio ali, & vendo a obra de senganouse de poder por ali entulhar a caua, & cheo de paixão começou a esbrauejar contra os seus, porque naõ defenderaõ aquillo: & de todo desconfiou do cerco, por ver a grande diligencia & presteza com que os nossos se repairauaõ, & lhe desfaziaõ suas traças. E no pezar que aqui mostrou parecia que lhe denunciaua o coraçãõ algum grande mal seu. E estando ali dando ordem ao que se auia de fazer, ordenou Deos, & naõ permitio que tardasse mais o castigo a este imigo de sua sancta fé (nacido & criado nella) que desparassem da fortaleza algũas bombardas naquella multidaõ de gẽte que com elle se ajuntou, & indi-

reitando vm dos pilouros com elle, tomandoo pella cabeça lha fez logo em pedaços, borrifando os q̄ estauaõ derredor com seus miolos, & aquella peruersa & maldita alma, foi leuada dos Diabos as penas perpetuas do inferno, a onde serã atormentada em quanto Deos durar. Profetisado estava ja pella triste mãy (q̄ ainda viuia em Otranto catholicamente) o lugar a que auia de ir parar: por que todos os annos lhe escreuia cartas, em que lhe lêbraua que era Christãõ, pedindolhe que deixasse os enganos da falsa ley de Mafamede em que andaua embebido: & nos sobre escritos das cartas lhe punha assi. Pera Cogeçofar meu filho ás portas do inferno. O seu corpo foi logo leuado dali cõ grãde dor & tristeza de todos, & lhe foraõ dar sepultura em hũa das mesquitas da ilha com a mayor põpa q̄ podia ser. Iuntos logo todos os capitaes elegeraõ em seu lugar seu filho Rumecan, taõ mau, peruerso, & ardiloso como seu pay, que logo ali iurou a Mafamede sobre o corpo do pay, de tomar cruel vingança de sua morte, & de naõ dar vida a pessoa algũa da fortaleza. E começando a correr com sua obrigaçãõ, a primeira cousa q̄ fez, foi mandar abrir seis ruas por debaixo do chaõ que yaõ todas diffirir na caua de frente do nosso postigo, por onde lhe furtaraõ o entulho, que quasi yaõ fechar so-

bre

sobre a ponte que os nossos fizeram, por baixo donde furtauão o entulho: & sobre ella lançaão pedras de tamanha grandeza & pezo, que fizeraõ render as traues, & deraõ com toda a ponte embaixo, tratando mal alguns dos seruidores.

Vendo dom Ioaõ Mascarenhas este mau successo, mandou tapar o postigo, por que lhe não acontecesse por elle algum desastre, ficando os Mouros desafresados pera irem continuando com a obra do entulho, como fizeraõ por seis partes, que creceo tanto, que cobria ja o postigo. O capitaõ andaua muito pensatiuo, porque via que os imigos acabaraõ todas as obras que queriaõ sem lhas elle poder defender: & que lhe ya ja faltando gente, por ser algũa morta, & outros doentes, & feridos: mas não pera que com tudo isto perdesse vm ponto de seu grande animo, porem via que lhe tardaua o socorro de Goa, & que yaõ faltando mantimentos, que era mór guerra que a que lhe faziaõ os imigos: pello que mandou recolher todos os que auia pellas casas, pera se despenderem por regra: desejavaõ de certificar ao Governador o perigo em que estaua: mas via o inuerno taõ encarnicado, & cruel, que auia que nenhum homem se quereria ariscar.

Entendida esta vontade pello vigairo da fortaleza, (que era vm Sacerdote honrado, & bom homem, que naquelle cerco tinha mostrado muita charidade com todos, & por ser este, communicaua o capitaõ com elle so seus mores segredos, como foi este) se lhe foi offerecer pera ir a Chaul leuar as cartas pera se enuiarem ao Governador, & ainda ir a Goa se fosse necessario. O capitaõ estimou aquillo muito, & mandou logo negociar vm catur ligeiro em que se embarcou, com cartas por tres ou coatro vias pera o Governador: leuando por regimento que não fizesse mais que tocar Baçaim, & Chaul, & desse as cartas que leuaua pera aquelles capitaens, em que lhes pedia o socorressen com muita presteza, por q̄ ficaua em trabalhos, & que despidissem logo as cartas pera o Governador por diferentes patamares, que são caminheiros de pé. O Vigairo deu á vela & foi seguindo sua derrota, onde o deixaremos a te tornar a elle.

Os Mouros foraõ continuando có o entulho a te de todo igualarem a caua. E pella parte em q̄ estaua Gil Coutinho, que se não podia entulhar, atrauessaraõ grandes mastos com tauoas pregadas pera passarem por cima a picar o muro, o que tambem se lhe não pode defender, por que tudo fa-

*Sexta Decada. Da historia da India.*

dou com muita pressa carretar muitas traues, tauoas, & portas, que tudo foi leuado por aquellas valerosas matronas (que neste cerco á seu modo tiueraõ taõ grande quinhaõ como todos.) E tudo isto mãdou atrauessar de noite des do postigo a te a outra parte, a onde ficou aleuantado um grande môte do entulho, & fazendo hũa forte ponte a cobrio de terra & rama molhada, por causa do fogo, & por baixo ficaraõ os nossos defendendo a obra do entulho mais á sua vontade, & em dano dos imigos, sem elles lhe poderem empecer, & quãdo amanheceo estaua tudo acabado.

Dada a noua disto á Cogeoçar, acodio ali, & vendo a obra de fenganouse de poder por ali entulhar a caua, & cheo de paixão começou a esbrauejar contra os seus, porque naõ defenderaõ aquillo: & de todo desconfiou do cerco, por ver a grande diligencia & presteza com que os nossos se repairauaõ, & lhe desfaziaõ suas traças. E no pezar que aqui mostrou parecia que lhe denunciaua o coraçãõ algum grande mal seu. E estando ali dando ordem ao que se auia de fazer, ordenou Deos, & naõ permitio que tardasse mais o castigo a este imigo de sua sancta fé (nacido & criado nella) que desparallem da fortaleza algũas bombardas naquella multidaõ de gẽte que com elle se ajuntou, & indi-

reitando um dos pilouros com elle, tomandoo pella cabeça lha fez logo em pedaços, borrifãdo os q̃ estauaõ derredor com seus miolos, & aquella peruersa & maldita alma, foi leuada dos Diabos as penas perpetuas do inferno, a onde serã atormentada em quanto Deos durar. Profetisado estaua ja pella triste mãy (q̃ ainda viuia em Otranto catholicamente) o lugar a que auia de ir parar: por que todos os annos lhe escreuia cartas, em que lhe lãbraua que era Christãõ, pedindolhe que deixasse os enganos da falsa ley de Mafamede em que andaua embebido: & nos sobre escritos das cartas lhe punha assi. Pera Cogeoçar meu filho ás portas do inferno. O seu corpo foi logo leuado dali cõ grãde dor & tristeza de todos, & lhe foraõ dar sepultura em hũa das mesquitas da ilha com a mayor pãpa q̃ podia ser. Iuntos logo todos os capitaes elegeraõ em seu lugar seu filho Rumecan, taõ mauo, peruerso, & ardiloso como seu pay que logo ali iurou a Mafamede sobre o corpo do pay, de tomar cruel vingança de sua morte, & de naõ dar vida a pessoa algũa da fortaleza. E começando a correr com sua obrigaçãõ, a primeira cousa q̃ fez, foi mandar abrir seis ruas por debaixo do chaõ que yaõ todas diffirir na caua de frente do nosso postigo, por onde lhe furtaraõ o entulho, que quasi yaõ fechar sobre

sobre a ponte que os nossos fizeram, por baixo donde furtavaõ o entulho: & sobre ella lançaõ pedras de tamanha grandeza & pezo, que fizeraõ render as traues, & deraõ com toda a ponte embaixo, tratando mal alguns dos seruidores.

Vendo dom Ioaõ Mascarenhas este mau successo, mandou tapar o postigo, por que lhe não acontecesse por elle algum desastre, ficando os Mouros desafesados pera irem continuando com a obra do entulho, como fizeraõ por seis partes, que creceo tanto, que cobria ja o postigo. O capitão andava muito pensatiuo, porque via que os inimigos acabaraõ todas as obras que queriaõ sem lhas elle poder defender: & que lhe ya ja faltando gente, por ser alguma morta, & outros doentes, & feridos: mas não pera que com tudo isto perdesse um ponto de seu grande animo, porem via que lhe tardava o socorro de Goa, & que yaõ faltando mantimentos, que era mór guerra que a que lhe faziaõ os inimigos: pello que mandou recolher todos os que avia pellas casas, pera se despenderem por regra: desejando de certificar ao Governador o perigo em que estava: mas via o inverno taõ encarniçado, & cruel, que avia que nenhum homem se quereria ariscar.

Entendida esta vontade pello vigairo da fortaleza, (que era um Sacerdote honrado, & bom homem, que naquelle cerco tinha mostrado muita charidade com todos, & por ser este, communicava o capitão com elle só seus mores segredos, como foi este) se lhe foi offerecer pera ir a Chaul levar as cartas pera se enuiarem ao Governador, & ainda ir a Goa se fosse necessario. O capitão estimou aquillo muito, & mandou logo negociar um catur ligeiro em que se embarcou, com cartas por tres ou quatro vias pera o Governador: levando por regimento que não fizesse mais que tocar Baçaim, & Chaul, & desse as cartas que levava pera aquelles capitães, em que lhes pedia o socorressem com muita presteza, por que ficava em trabalhos, & que despidissem logo as cartas pera o Governador por diferentes patamares, que são caminheiros de pé. O Vigairo deu á vela & foi seguindo sua derrota, onde o deixaremos a te tornar a elle.

Os Mouros foraõ continuando có o entulho a te de todo igualarem a caua. E pella parte em que estava Gil Coutinho, que se não podia entulhar, atraueßaraõ grandes mastos com tauoas pregadas pera passarem por cima a picar o muro, o que tambem se lhe não pode defender, por que tudo faziaõ

## *Sexta Decada. Da historia da India.*

ziaõ por baixo de repairos, & ruas. Dom Ioão Mascarenhas acodio á quella parte, & vendo a ponte lançada, mādou logo cõ muita pressa fazer hũa grossa cadea de ferro raõ comprida, que podesse chegar do baluarte abaixo, em que mandou amarrar grandes sacas de gunes cheas de poluora, salitre, enxofre, & outros materiaes com fogo arteficioso por dentro, & as mandou lançar de cima sobre as pontes, ficando as cadeas prezas as argolas das peças grossas: & sendo embaixo tomaraõ o fogo com tamanha braueza, q̃ pegou nos mastos de feiçãõ, que em pouco espaço os desfez em cinza, & em caruaõ, queimando & abrazando a muitos dos que por baixo andanaõ. Rumezan acodio logo áq̃lla parte, & mandou trazer outros mastos & tauoas, de q̃ ordenou outras pontes que se lançaraõ no mesmo lugar, sobre o que se ateou vm grã de jogo de bombardadas, & espingardadas, de que os imigos receberaõ mūy grande dano, matandolhes, & derribandolhes muitos dos que andauaõ em o trabalho, cujos lugares se tornauaõ a encher logo de outros de refresco: & tantos se arriscaraõ, & trabalharaõ, que a pezar dos nossos cobriaraõ as pontes de terra & rama, por causa do fogo, ordenandolhes paredes pellas ilhargas, & outras pello meyo, que se cobriaraõ

por cima de outras vigas, sobre q̃ se armou vm forte terrado pera os debaixo ficarem seguros: o que tudo se fez á custa das vidas de muitos.

Feita esta obra começaraõ a picar o baluarte Saõ Ioão, no que gastaraõ alguns dias, auendo da nossa parte toda a resistencia possiuel: mas em fim elles fizeraõ vm portilhaõ por onde cabiaõ dez homẽs juntos: mas dom Ioão Mascarenhas mandou fazer por dẽtro vm reparo muito forte com que ficou seguro, sem os Mouros darem fé delle. Rumezan como vio aquella higar aberto, determinou de entrar por elle: & pera o fazer mais a seu saluo, mandou dar vm affalto geral á fortaleza por todas as partes, pera por ellas se repartirem os nossos poucos, & lhes ficar aquella lugar com menos risco: mas acharaõ tal resistẽcia, que com perda de muitos dos Mouros os fizeraõ afastar, fazendo todos os fidalgos, capitaes, & caualeiros Portugueses este dia obras mūy dignas de muito mayor escriptura, que naõ especificamos, por naõ gastarmos o tẽpo em louuor de homẽs, cujos feitos contados singellamente, & sem ornamento de palauras (de q̃ aquelles famosos escriptores Gregos & Romanos vsauaõ no contar dos feitos dos seus) podem escurecer a todos. O capitaõ em tudo mereceo sempre mais q̃ todos, por que

que cada um pelejava, & tinha cuidado do seu lugar, & elle dos de todos, prouendo, mandando, & gouernando, com muito animo, & prudencia, sem tomar hũa hora de descanso, & em todas as cousas taõ alegre & contente, que dobraua o esforço, & animo aos seus em o verem.

CAPITULO IIII.

*Do recado que Rumeacan mandou ao capitão por Simão Feo. E do grande & aspero combate que os inimigos derão à fortaleza. E de como entraraõ o baluarte São Thome.*

**P**ASSADO o combate, tanto que anoiteceo, ouuiraõ os do baluarte Sanctiago chamar de fora pellos da vigia, dizendo que lhe chamassem o capitão, que lhe queriaõ dizer certas cousas que importauaõ, declarandosse que era Simão Feo, o que lhe queria falar. Este recado se deu logo ao capitão, que assomou ao baluarte, & mandou perguntar a Simão Feo que era o que lhe queria? Que lhe disse. Doome tanto de todos, & vejo tudo taõ arrisca-

do, que pedi licença pera vos vir falar. Bem vedes estes muros todos derribados, as cauas entupidas, & vos faltos de tudo, cansados das vigias & trabalhos, perdidos muitos companheiros na guerra, o socorro longe, & taõ impedido com o inuerno, o poder d'Elrey de Cambaya grande, & que cada dia pode vir mais: Rumeacan capitão geral deseioso de vos não perderdes todos, pella grande amisade que seu pay teue sempre com os Portugueses, folgará de auer algum bom meyo iusto & honesto pera se escusar tanto dano. Por isso sou de parecer que diuieis de vos entregar a elle, porque está apostado a vsar com todos de muita brandura, & liberalidade: & sendo d'outra maneira, & insistindo em vossa contumacia, cerrareis as portas a toda a misericordia, & sereis grauissimamente castigados, por isso dos males escolhei o menor, por que he conselho de prudentes.

O capitão entendendo que lhe faziaõ dizer aquellas cousas por força, mandoulhe dizer que bem entendia que aquellas palauras & conselhos não eraõ seus: por que bem sabia elle que os Portugueses não costumauaõ a entregar hũa parede velha, q̃ primeiro não morressem todos cem mil mortes sobre sua defensão: que aquella

fortaleza estava ainda para se defender a todo o poder do Turco, quanto mais a um tão pequeno, & tão fraco como era o d'Elrey de Cambaya: & que esperava em Deos de muito cedo os ir buscar a suas estancias, & quebrar-lhes sua soberba: & que bem se sabia pelo mundo que os Portugueses não se venciam, nem de trabalhos, nem de medos, nem da mesma morte: que se fosse, & não tornasse ali mais com aquelles aluitres, por que o mandaria fustigar rijamente com aquella artelharia. Simão Feo que estava amarrado por muitos que o tinham, calouse, & os Mouros sem dizerem cousa alguma se recolheram, & o leuaram a Rumecan, a quem contaram tudo o que passara, de que elle ficou aceso em ira & furor, & já desejava a menham para dar um assalto á fortaleza, em que esperava de arrematar aquelle negocio. Nos nossos avia bem diferente pensamento, por que se reformaram o melhor que podiam, & se prepararam para os esperar, & desenganar: por que bem entendiam que o Rumecan os avia de cometer com toda sua potencia.

Ao outro dia em amanhecendo appareceu derredor da fortaleza todo o exercito dos Mouros, com todas suas insignias, & bandeiras desenroladas, tocando mui-

tos instrumentos, dando todos tão grandes, & espantosos gritos, & bramidos, que podera aquelle barbaro aparato por, & causar medo a muitos mil milhares de caualeiros saos, & folgados, o que não fez a tão poucos homens (que não passavam de duzentos) tão quebrantados, mal tratados, cansados, & tão moidos, de nunca despirem as armas, nem dormirem hũa hora inteira: antes crecendolhe a todos novo furor, parecendolhes pouco o que viao, se poseram em seus lugares esperando os inimigos que vinham arremetendo com o baluarte São Ioaõ com tantos estrondos, que parecia que o mundo se fundia: Luis de Sousa capitão do baluarte, & dom Fernando de Castro que com elle estava, acompanhados de Bastião de Sá, Diogo de Reinoso, Pero Lopez de Sousa, Diogo da Sylva, Antonio da Cunha, & de todos os mais capitães, que com elle tinham vindo de socorro, se lhes apresentaram com grande valor & confiança, fazendo todas as cousas, que não ha palavras com que se possam engrandecer como merecem.

O poder dos inimigos vinha repartido em duas partes. Rumecan com todos os Turcos & estrangeiros, & com toda a gente de seu pay, cometeo o baluarte São Thome: & Iuzarcã com todo

o mais poder o de Saõ Ioaõ. Rumecan lançou diante quinhentos Turcos com escadas pera encoftarem ao baluarte, como fizeraõ: cometendo a sobida com grande determinação, sendo fauorecidos dos mais com muita espingardaria. Os que sobiraõ chegaraõ a pór as mãos em cima nos muros, mas tornaraõ a virar por detras feitos pedaços, leuando outros a pos si. As bombardadas soauaõ em todas as partes, por que em todas se batia. Do baluarte do mar fizeraõ grande estrago nos imigos, por que os tomauaõ em descuberto, & empregauaõ bem nelles sua monição: Rumecan apertou com o baluarte que tinha á sua conta, fauorecendo outros que de nouo sobiaõ a elle, com tantas espingardadas, & frechadas, dardos, & pedras, que parecia chouer tudo isto dos ares sobre os nossos, que defestimando tudo, nunca largaraõ os lugares, offendendo tambem aos imigos com todo o genero de instrumentos de morte, que achauaõ, deitando sobre elles grandes cantos, muito fogo, infinitos dardos: o que tudo se empregaua tambem, que era grãde destruição, por cair sobre aquelle cardume que estaua ao pé do baluarte amontoado, fazendo nelles tal estrago, que poderaõ enternecer outros peitos, que não foraõ taõ barbaros, & crueis,

como os dos seus capitaens, que lhes não daua coufa algũa de verem tantos dos seus espedaçados, abrazados, & com as entranhas abertas.

Dom Ioaõ Mascarenhas exercitou aqui bem o officio de prudente & esforçado capitaõ, vendo, notando, prouendo em tudo, pelejando, animando, & esforçando aos seus com palauras de muita confiança & honra. O exercito das matronas fez aqui tambem seu officio, acodindo aos baluartes em que pelejauaõ, carregadas de lanças, dardos, panelas de poluora, pedras, & de outras muitas coufas desta qualidade pera empecerem aos imigos, que repartiaõ pellos que pelejauaõ. E algũas dellas se metiaõ antre aquelles valerosos soldados, & caualeiros, que estauaõ acesos em furor, chamandolhes filhos, caualeiros de Christo, pelejay por vossa fé, que Deos tendes que vos á de fauorecer, (ajudando tambem a lançar sobre os imigos os instrumetos de sua perdição.) E a boa velha Isabel Fernandez, que teue aquelle honrado sobre nome, da velha de Diu, que ja pera aquelle tempo trazia muitos bolos de asucar, & bocados doces: corria os baluartes, & aos que via mais cansados & fracos, lhes metia nas bocas algũa d'aquellas coufas, dizendolhes, esforçay filhos, pelejai caualeiros

leiros, que a Virgem nossa Senhora está com vosco.

Iuzarcan que foi cometer os baluartes São Thome, & São Ioaõ, achou tão grande resistencia em dom Ioaõ d'Almeida, & em Gil Coutinho seus capitaens, que recebo de suas mãos outro tão grande estrago como o de Rumezan. Em todas as partes crecia a crueza, & furor cada vez mais, sendo ja tantos os mortos, que estoruauão os viuos, principalmente nos baluartes, que ali onde cayaõ ficauão. Somente os feridos eraõ logo recolhidos a curar por aquellas matronas, & leuados a casa de Isabel Madeira, a onde seu marido Mestre Ioaõ sempre estava, pello não deixar o capitaõ entrar nos lugares da pejeja, pella necessidade que delle auia: & assi curaua a todos com muito amor & charidade, fazendolhe sua molher os fios, & batendolhe os ouos, alimpãdolhes as feridas por sua mão, agazalhandoos em sua propria casa, fazendolhes de comer, & dandolhes seus mimos, como se todos foraõ seus filhos. O mesmo fizeraõ as outras donas, repartindo antre si estas obras de charidade, que todas exercitauão com muito gosto, & diligencia: & pode bem ser que se ellas não foraõ que morrera a mór parte dos soldados á mingoa.

Nos baluartes (principalmente no de São Thome que estava mais

danificado) crecia a crueza muito, por que os imigos no lugar de dez que lhe matauaõ se punhaõ logo vinte: mas nós nos baluartes não: por que o que caya ali ficaua, sem auer outro que se posseffe em seu lugar: & certo que parecia, que ainda aquelles corpos assi espedassados se queriaõ aleuantar, pera tomarem vingança de seu dano. Os viuos trabalhauão tudo o que podiaõ por se não sentir o defeito & falta dos que cayaõ feridos ou mortos, enchendo vm só o lugar q̄ foi de tres, & de quatro, pelejando com tanto furor & esforço, que parecia que as forças dos mortos se vniaõ & juntauão ás dos viuos. Bastiaõ de Sá, desejando de alcançar vm nome eterno, & de illustrar com façanhas, aquelle seu antigo apellido, fez obras dinas de grandes lououres, matando & ferindo nos imigos, com muito animo & valor: a te q̄ o derribaraõ de hũa cruel frechada, que o tomou por cima do giiho, por antre os miudos, de que se mais não pode sustentar na perna, & assi foi recolhido com magoa de todos, por perderem vm tão grande defensor d'aquella fortaleza, & companheiro em seus trabalhos. Isabel Madeira o leuou pera sua casa, & o agasalhou, & seu marido o curou com muito resguardo.

Pois dos soldados que se aqui acharaõ, a que o descuido sepultou

os nomes em esquecimento: por certo que bem se poderaõ fazer delles muitos & mūy grandes capitulos, pellas grandes cousas que obraraõ, tanto sobre tudo o que se pode crer. E posto que a miseria Portuguesa de que ha taõ poucos nos queixamos, vos deixasse escurecidos, & apagados, vos ó valerosos soldados, que neste cerco sobistes o nome Portuguez: a te as estrellas, & pella fortaleza de vossos braços lhe fizestes ganhar vm nome eterno: naõ vos poderaõ tirar aos que aqui morrestes, defendendo a honra de vosso Deos, & do vosso Rey, outra gloria mayor & mais segura de que estareis todos gozando, & onde vossos nomes seraõ taõ patentes, & conhecidos, antre os cortezaõs do ceo, & vossos feitos illustrados com outros titulos tanto mayores que todos os que a terra vos podia dar, (que saõ os de martyres de Christo) que naõ tenhaes inueja a couza algũa. E todos os mais que d'aqui escapastes, & que a fortuna vos guardou pera mais comprida vida, a todo o tempo auia Deos de permitir que fosseis gozar do galardão de vossas obras: Por que se os Gétios auiaõ (como o diz Marco Tullio no sexto de sua Republica) que todo o que ajudasse a conseruar a Patria tinha vm certo & determinado lugar no ceo: quanto com mais rezaõ podemos os Catholicos esperar que todo o

que naõ só ajudou a sustentar a Patria, mas ainda a defender, & dilatar a fé de Christo, lhe aia elle em nenhum tempo de negar o galardão de seus merecimentos. E posto que o mundo os negasse a estes, q̄ mór premio & gloria podiaõ elles alcançar, que veré que suas obras foraõ famosas & grandes.

E tornando ao fio de nossa historia. Os inimigos como eraõ muitos, & recreciaõ cada vez mais, sobiraõ o baluarte Saõ Thome a pezar dos golpes dos nossos, que nenhum dauaõ em vaõ: mas assi os empregauaõ, que tinhaõ ao pé do muro vm grande numero & morte de mortos & viuos misturados: vns sem pernas, outros sem braços, outros com as entranhas passadas, com tamanhos & taõ viuos gemidos das afflições, & ansias da morte, que causauaõ medo & pavor. Vendo os nossos os inimigos em cima do baluarte, animãdosse vns aos outros, com corações de leões brauos remeteraõ com elles determinados a morrerem, ou aos deitarem fora: & de tal maneira, & com tanto esforço pelejaraõ, q̄ os mesmos Mourõs ficaraõ passados, & com mortes de muitos os foraõ arrancando do baluarte. Ao que alguns soldados valerosos bradaraõ por Sanctiago, metendosse d'enuolta com os inimigos, como leões esfaimados, & que os queriaõ comer aos bocados: & de feiçaõ apertaraõ com elles, que os

fizeraõ lançar do baluarte abaixo, onde muitos se fizeraõ em pedaços: & ainda fora o dano mayor se os mais delles naõ cairãõ sobre aquella grande multidaõ de mortos, que ao pé delle estauãõ: & sobre elles lançaraõ logo grandes alcanzias de poluora, acabando ali, banhados em sangue, & abrazados em fogo. Este foi o dia em que todos os que se acharãõ neste baluarte, poderaõ com muita rezaõ dizer aquillo que disse Cesar d'aquella grande batalha que em Espanha teue com os filhos de Põpeyo: que todas as vezes que pelejara o fizera pello interesse da vitoria: mas que aquella pelejara pella vida. Afsi aqui nesta batalha se viraõ os nossos em estado que pelejaraõ só por sua defençaõ, & naõ pella da fortaleza. Rume-can vendo taõ grande estrago tocou a recolher, leuando dos seus menos quinhentos: & afastado mandou dar fogo aos bazaliscos, & saluagens, que estauãõ apontados naquelle baluarte, em que os pilouros com grandes terremotos foraõ fazendo muitas roinas: posto que auia ja pouco que derribar nelle, por estar quasi arrazado a te o entulho. Taõ escaldados ficaraõ os Mouros deste socesso, q nunca mais ousaraõ cometer os baluartes descubertamente, mas quasi todos os dias faziaõ remediduras com todo o exercito, tornando-se logo a recolher como

viaõ os nossos postos em defençaõ: & tendo a artelharia prestes a desparauaõ junta pera os tomarem em descuberto: mas de todas estas vezes liurou Deos a os nossos, porque de todas ellas nenhum perigou. E algũas noites cometeraõ as estancias com grandes estrondos, só a fim de inquietarem os nossos. Neste tempo eraõ ja sessenta Portugueses mortos, sem acharmos entre elles algum de nome: posto q todos o mereceraõ mui honrado, pois he certo que os que receberãõ mayor dano, esses se offereceraõ aos mayores perigos, & a mesma morte.

CAPITVLO V.

*De outro muito grande & aspero combate, que Rume-can deu à fortaleza com todo o poder: & das cousas que nelle socederaõ.*



ENDO Rume-cã quaõ mal lhe socediaõ as cousas d'aquelle cerco, pareceolhe que Mafamede estaua irado contra elle: por q pello grande poder que tinha, & pouco dos Portugueses, & defenderem-se delle em hũa fortaleza arrazada a te o chaõ, ouue que seriaõ peccados cometidos contra o seu Profeta. E querendoo aplacar ordenou de noite grandes procifsoens

foens saindo da cidade em romaria ás mesquitas da ilha, com todo o exercito posto em ordem, com grandes & fermosas luminarias, & com muitos clamores & vozes, pedindo socorro a Mafamede. E entrando nas mesquitas fizeraõ grãdes oraçoës, & superstiçoens, saindo pera fora, & entrando pera dentro, andando á roda muitas vezes, & isto com tamanhos gritos, & prantos, como quando no tempo de hũa geral, & contagiosa enfermidade os Christaõs em suas procissoens, cantando suas Ladaynhas por toda a cidade, a certos passos se levanta aquella geral & piadosa voz de todos, bradando pella misericordia de Deos, com muitas lagrimas & gemidos.

Foi tudo isto visto do baluarte do mar que descobria o campo todo: & parecendo a Fernaõ Carualho aquillo nouidade, meteose em vm pequeno batel, & foi á fortaleza dar conta ao capitaõ do q̄ vira: Bem pareceo a dom Ioão Mascarenhas q̄ aquillo era algũa superstiçaõ, pera ao outro dia lhe darem geral assalto: & despido Fernaõ Carualho lhe encomẽdou que de lá o favorecesse com a artelharia: & logo foi correr toda a fortaleza, animando & esforçando a todos, pedindolhes que estivessem apercebidos, por que ao outro dia auiaõ de ser cometidos com todo o poder, mandando có muita presteza encher em todos

os baluartes muitas tinhas d'agoa pera o reparo do fogo, & prouer as estancias de muitas lanças, alabardas, panellas de poluora, pilouros, pedras, & em fim de toda a mais cousa com que se podesse offender aos imigos: negociando, & dando ordem a tudo o mais que lhe pareceo necessario, com muita prudencia, & conselho. Era este dia vespora do Apostolo Sanctiãgo, Padroeiro das Espanhas, & em rompendo o coarto d'alua, appareceo toda a fortaleza cercada á roda de todo o poder dos imigos postos em armas com muitas bandeiras desenroladas, & em meyo de todas hũa muito grande, em q̄ estaua pintada a figura de Mafamede, taõ fea, & medonha, como foraõ suas obras, que tirauaõ este dia por grande reliquia, auendo q̄ nelle se arremataria a vitoria que elles tinhaõ por muito certa. Vinhaõ tocando os instrumentos de guerra, com sòm & estrondo taõ confuso, & triste, que parecia hũa denunciaçaõ do final juizo: Porque com isso as vozarias, gritos, & alaridos d'aquelles barbaros, representauaõ os tristes condenados as penas eternas, em suas lamentaçoens, & blasfemias. Com esta representaçãõ, (que por ainda ser escuro fazia tudo mais medonho.) remeteraõ com os baluartes Saõ Ioão, & Saõ Thome, & có a guarita de Antonio Paçanha, que estaua antre ambos, repartindosse o poder

poder em tres esquadroens pera estes lugares , em que logo aruoraraõ muitas escadas , por onde os mais ousados começaraõ a sobir com grande determinação:& chegando a cima foraõ recebidos nas mãos dos nossos, que ja estauaõ prestes, onde pagaraõ seu atreui-mento , tornando os primeiros a virar sobre os de detras, de pernas a cima espedaçados, leuando muitos a pos si. Mas como a multidaõ delles era grande , não se deixaua sentir aquella perda : foraõ logo tantos outros que subiraõ, que entulharaõ os lugares, pondosse muitos sobre o baluarte de barba a barba com os nossos . Aqui foi o retinir das armas, os gritos , & estrondos de vns & outros , os instrumentos que se não deixauaõ de tocar, a artelharia que fazia seu terremoto, de sorte que tudo fazia taõ grande confusão, que parecia que toda a machina do mundo se souertia. Este foi o dia em que os Portugueses mostraraõ todo o preço & valor de suas pessoas . Luis de Sousa, dom Fernando de Castro, com os capitaens & fidalgos de sua companhia , postos diante de todos aos trabalhos, não pelejauaõ como homens taõ quebrantados, & cansados de tantos dias, se não como se áquella hora chegaraõ de socorro muito folgados. Os tres irmãos dom Ioaõ, dom Francisco, & dom Pedro d'Almeida, fizeraõ taõ grandes cousas, que

se não podem particularisar. Antonio Paçanha com seus companheiros no cubello tiueraõ muiy grande trabalho, porque foraõ muiy rijamente cometidos do poder de Iuzarcán. Em fim todos em todas as partes fizeraõ taes façanhas, q̄ pasmauaõ os imigos, porq̄ não só pelejauaõ com ambos os braços, mas ainda com os pés, com que deitauaõ grandes galgas, sobre os que estauaõ aos pés dos baluartes: & com as bocas ainda o faziaõ mais, por que hora afrontuaõ os imigos, hora consolauaõ & animauaõ aos amigos & companheiros, com que lhes dauaõ forças a vns, & quebrantauaõ aos outros: & taes andauaõ todos, que se desejavaõ lançar em baixo sobre os imigos, que muitas vezes arrácarãõ dos baluartes, fazendoos virar pera tras feitos em pedaços. A furia crecia em todas as partes cada vez mais : o dano era mayor assi em vns como em outros, os gritos rompiaõ os ares, tudo era confusão & espanto. O capitaõ dô Ioaõ Mascarenhas com seu animo, nunca rendido a trabalhos, né amedidos, com sua prudencia & cõselho gouernaua tudo , correndo de vm lugar a outro , mandando trazer as cousas que se pediaõ : no que tinha dado tal ordẽ , que em bradando por panelas de poluora, ja ali auia quem lhas metesse nas mãos: por lanças, por dardos, & em fim por tudo o mais, q̄ era tudo

do trazido as costas, & cabeças, d'aquellas honradas, & animosas matronas.

A velha Isabel Fernádez corria os baluartes có seus bolos, & bocados doces, esforçando a todos, acodindo aos fracos com aquella refeiçãõ, metendolha nas bocas por não desoccuparem as mãos que estauão offendendo aos imigos, aleuantando a voz a toda a parte a que chegaua pera que todos a ouuissent, pera se della quisessem algũa cousa a dar: dizendo, Ah filhos, caualeiros de Christo, pelejai que elle he com vosco, vede o de que tendes necessidade que logo se vos dará. E assi todas as vezes q̄ entrava nos baluartes, que a ouuiaõ, assi se animauaõ todos tanto, que pelejauaõ com alegria, & sem receyo. As outras companheiras estauão repartidas pellos baluartes da briga, & em caindo vm morto logo o afastauaõ por não ser estoruo aos viuos: & os feridos eraõ logo leuados por ellas a casa de Isabel Madeira pera serem curados.

Rumecan posto q̄ vio o estrago que era feito nos seus, não desistia do negocio, por que determinaua de ou tomar d'aquella vez a fortaleza, ou perderse de todo: & assi fazia chegar os capitaes ao assalto, o que os mais delles faziaõ com vergonha, por verem quaõ mal recebidos eraõ do nossos, em cima. Aqui se dobrou a crueza,

porque se meteo todo o resto no cometimento dos baluartes, tornãdo os Turcos do terço de Rumecan a caualgar o baluarte Saõ Thome, à custa de tantas mortes, que era espanto: Porque os nossos védo q̄ só em Deos, & nos seus braços estaua o remedio de sua saluaçãõ, com o coração no ceo pedindo fauor & ajuda, & com os braços á defençãõ, pelejauaõ todos taõ valerosamente, que com fazerem tanto, não auia, que não tiueffe inueja do companheiro que apar de si tinha, das grandes proezas que lhe via obrar.

Desta vez esteue a cousa taõ arriscada, que começou a correr hũa voz pella fortaleza, que ja os Mouros estauaõ senhores do baluarte Saõ Thome. E chegando aos soldados que vigiavaõ as casas da bãda do mar, largando tudo acodiãraõ a elle, entrando de refresco cõ aquelle furor & ira, que a noua q̄ ouuiraõ acendeo nelles: & taes cousas fizeraõ, que tornaraõ os q̄ pelejauaõ no baluarte a ficar com mais folego: por que os imigos védo o socorro pararaõ alguns, & outros se lançaraõ dos muros abaixo. Do baluarte do már não cessaua a artelharia, q̄ em roda viua não fazia se não carregar, & descarregar nos imigos, q̄ eraõ tãtos, & estauaõ taõ apinhoados, q̄ nenhũ tiro se erraua: & assi fizeraõ nelles, em quanto durou o assalto, muito grande estrago.

CAPITULO VI.

*De como os Mouros entraraõ pella banda da rocha. E de um valeroso feito que hũa molher fez. E de como acodio o capitão, & os lançou fora. E de como mataoõ luzarcã.*



**E**STANDO o affalto neste estado, luzarcã que andava pella outra parte da banda do már, mandando pelejar os seus, foi rodeando pella banda da rocha, por ver se auia por ali lugar por onde podesse entrar na fortaleza, & lá junto do baluarte Sanctiago sentio tudo calado, & quieto, & pareceolhe que estaua sem guarda, como defeito assi era: por que os soldados que ali estauaõ por aquellas casas, tinhaõ ido soccorrer o baluarte, como ja diffemos. E chamando um Sãgiaco de cem Turcos, lhe encomendou que sobisse por hũas casas que estauaõ encostadas á igreja de Sanctiago, que tinhaõ hũa varanda baixa, em q̄ logo aruoraraõ algũas escadas, por que sobiraõ alguns Turcos em muito silencio. Chegando á varanda entraraõ dentro: & um delles mais atreuido foi passando, & abriu hũa porta q̄ ya pera hũa camara, em que estaua hũa molher casada, Turca de naçaõ, que ao estrondo se aleuantou, & dão

com o Turco ficou toda trespassada de medo. O Turco vendoa affi tomoua por um braço, & lhe disse: que naõ ouuesse medo, que elle a seguraua: que soubesse que a fortaleza era tomada, que lhe desse algum dinheiro que elle a saluaria, & tomaria á sua conta.

A pobre molher dádo-lhe Deos forças, & alento, lhe disse, que esperasse que ya dentro buscarlho: & saindo-se pera fora abriu a porta da rua manso, & entrou em casa de outra visinha, & lhe disse que os Turcos ficauaõ em sua casa: ao que a outra começou a bradar alto chamando por nossa Senhora que lhe valesse, a cujos gritos acodio outra molher tambem visinha, a que naõ achamos nome: & sabendo que eraõ os Turcos entrados na casa da outra, remeteo a hũa chuça, & como lioa raiuosa sayo pella porta fora, & foi demandar a casa em que estauaõ: & chegando á porta vio que um Turco lançaua a cabeça fora, pera ver o que ya na rua. A valerosa molher com um animo varonil remeteo a elle dizendo: Ah perro que ás minhas maõs ás de morrer: & com grande valor & esforço se pós as chuçadas com o Turco, que fechou a porta, ficando ella de fora pera os naõ deixar sair.

As outras vizinhas foraõ gritando pellas ruas, & encontrando cõ o capitão lhe differeõ, que acodisse á fortaleza que era entrada pella ban-

la banda da rocha. O capitaõ sem se toruar lhes disse q se callassem que tal naõ era: & logo despido vm dos tres homens que com elle yaõ, pera que fosse buscar algũs soldados, a alguns lugares que estivessem menos apressados. E ao outro mandou que fosse pellas ruas, & todos os que achasse encaminhasse pera aquella parte, auisandoos que lhes naõ dissessem o pera que: por que se aquillo chegasse as orelhas dos que pelejauão nos baluartes, deseparalos yaõ, & perderseya tudo. O capitaõ cõ vm só pageim que lhe ficou, que sempre o acõpanhaua cõ o guiaõ de Christo, foi pera a parte pera onde as molheres o encaminharaõ, & pello caminho se lhe juntaraõ dous soldados, vm chamado Andre Bayaõ, mũy bõ caualeiro, & ao outro naõ soubemos o nome: & chegãdo á porta a onde os Turcos estauaõ, achou aqlla valerosa molher, (qual outra Poncella de França) q sem medo algũ tinha os Turcos encurralados na casa, tendolhe tomada a porta, que defendia com tamanha ira & furor, que fez pasmar a todos.

O capitaõ vendo aquelle espectáculo, ficou alegre & confiado, vendo como a te a natureza tinha em seu fauor, pois assi mudaua vm coração taõ fõgeito a medo & a temor, em outro taõ determinado que sem mostras de receo estaua offerrecida a morrer pella de-

fensaõ de sua fortaleza. O capitaõ chegando a ella, com palauras de muito louuor lhe perguntou o q era? ao que lhe respondeo, q Turcos dentro naquella casa. O capitaõ parou bradando por hũa panella de poluora: áquella hora faya de dẽtro de hũa daquellas casas vm Abexim, que ficou diante de dom Ioaõ Mascarenhas pasinado: o capitaõ vèdoo assi o tomou por vm braço, & o arremessou por diãte d'elle, dizẽdolhe q fosse trazer hũa panella de poluora, & ao passar por diante d'elle lhe deraõ hũa espingardada de cima de vm eirado da igreja, onde ja estauaõ algũs Turcos, do q o Abexim cayõ morto aos pès do capitaõ, que quis Deos polo por seu emparo, por q se naõ executasse nelle a cruel espingardada, por q fora total perdiçaõ d'aquella fortaleza.

Aquelle tempo chegou vm soldado com hũa panella de poluora, & tomandolha o capitaõ remeteo com a casa a onde os Turcos estauaõ, & dandolhe vm grande couce, deu com as portas dentro, & lançou a panela quebrandosse em meyo dos Turcos, (que eraõ mais de trinta os q estauaõ dentro) & acendẽdosse a poluora da panella, & dãdo por elles os abrazou. O capitaõ a pos a panella entrou a casa cuberto de hũa rodela de aço, & hũa fermosa espada na mão, & com elle os tres ou coatro soldados que com elle

F estauaõ:

## *Sexta Decada. Da historia da India.*

estauão : & dando em os Turcos, a poder de golpes os leuaraõ a te a varanda, fazendoos lançar, com a pressa, della abaixo sobre a rocha, a onde se fizeraõ em pedaços.

Feito isto sayose o capitaõ pera fora, & vio q̄ estauaõ sobre o eirado da igreja vm cardume de Turcos com dous guioes desenrolados, & vinhaõ ja decendo pera o muro, pera dali (que era baixo) saltarem dentro na fortaleza. A este tempo vinhaõ ja chegando algũs soldados, & debaixo se poseraõ as espingardadas com os Turcos que de cima tambem faziaõ o mesmo. O capitaõ bradou por hũa escada que logo lhe trouxe hũa mulher, & encostandoa ao eirado começaraõ algũs dos nossos a sobir, & outros debaixo aos favorecer com a arcabuzaria : mas era taõ pequena a escada que naõ cabia por ella mais que vm & vm, & o primeiro que a cima chegou tornou a virar sobre os debaixo cõ algũas lançadas.

Neste tempo acodiaõ ja soldados áquella parte, & vendo os Turcos sobre o muro, q̄ era baixo, poseraõse as espingardadas a elles, derribádo algũs. Pella banda da rocha vinhaõ sobindo mais Turcos, por que luzarcan q̄ embaixo estaua os ya favorecendo cõ mais soccorro, & asy poucos & poucos sobiraõ tantos, que entulharaõ aquelle lugar, ateandose antre elles

& os nossos hũa cruel briga, por ser toda de espingardadas, a que naõ auia reparo. O capitaõ andaua animando os seus, & bradádo por escadas, que lhe trouxeraõ, mais capazes : & arrimandoas ao muro, começaraõ a sobir os nossos, favorecendoos o capitaõ debaixo, dizendolhes : Ah valerosos & esforçados caualeiros, dia he este, pera deixardes de vossa nação hũa perpetua memoria ao múdo. Os golpes retiniaõ, os arremessos de ambas as partes eraõ muiitos : & os q̄ sobiaõ tanto trabalharaõ, q̄ a poder de golpes que receberaõ se poseraõ em cima do muro, onde os primeiros começaraõ maõ por maõ hũa aspera batalha cõ os Turcos, sustentando o pezo delles em quanto outros sobiaõ de refresco. E pondosse em cima chamando pello Apostolo Sanctiago, em cuja casa estauaõ arremeteraõ com os imigos, & cõ vm grande impetu & furor os leuaraõ de arrancada : & vendoos embaraçados vns com os outros, os apertaraõ de feiçaõ, que os fizeraõ lançar do muro abaixo sobre a rocha a onde se fizeraõ em pedaços, naõ escapando vm só.

Despejado o muro entrou o capitaõ nas casas por onde sobiraõ, & prouedo aquelle lugar de guarda, voltou pera os baluartes. Luzarcan vendo o estrago dos seus se foi recolhêdo o melhor que pode, por q̄ vinha ja a menham esclarecendo,

recendo, & de todas as partes se descobriaõ os inimigos claramẽte, varejandoos com a artilharia, & com a arcabuzaria, que antre elles fazia bem de dano.

Chegado o capitaõ aos baluartes, & vendo o perigo & crueza da batalha, & as maravilhas que os nossos faziaõ, leuanteu a voz pera os animar dizendo. Ah senhores fidalgos, capitaens, & caualeiros de Christo, fazei uos oje acabar de conhecer a estes barbaros, porque naõ queiraõ prouar mais vosso ferro: fazei que este dia do bemaumenturado Apostolo Santiago seja muito ditoso & glorioso á vossa naçaõ: Aqui me tendes com vosco por companheiro em vossos trabalhos. Ah senhores demos nestes inimigos da fé de Christo, & deitemolos fora: & querendo passar adiante o detiuerão todos, naõ lhe cõsintindo que se posse em lugar de perigo. E cobrando todos nouo animo, & rebentando de furor, remeterão aos inimigos, & com morte de muitos, deraõ com elles dos muros a baixo.

No mesmo tempo encaminhou Deos nosso Senhor um pilouro de um camello, & tomando a luzarcan de meyo a meyo o desfez em pedaços. Esta noua correo logo pellos seus que acodiraõ ao lugar a onde estaua feito pedaços pera o leuarem. Rumezan tanto que o soube quisera morrer de

pezar: & tocando a recolher o fez pera a cidade, com tamanha malenconia & tristeza, que naõ ousaua pessoa algũa a lhe falar. Os nossos ficaraõ defaliuados, & bem cansados. Perderaõse neste grande assalto sete Portugueses, ficando perto de trinta feridos. Dos Mouros morreraõ mil dos principaes, & foraõ mil & quinhentos feridos, de que depois acabaraõ muitos: & perderaõ a mór parte das suas bandeiras, & a do seu Mafamede leuaraõ toda rota & esfarrapada, que foi pera elles hũa afronta muito grande.

Dom Ioaõ Mascarenhas vendosse desapressado, & os inimigos recolhidos, deu grandes lououres a Deos nosso Senhor por taõ grande vitoria, mandando enterrar os mortos, & curar os feridos com muito grande cuidado. Ao outro dia despidio o capitaõ um nauio com cartas pera o Governador dom Ioaõ de Castro, em q̃ lhe daua conta de todos os successos, por que logo soube da morte de luzarcan, & dos inimigos que na batalha morreraõ. E porque Bastiaõ de Sá estaua muito mal de sua perna, o fez o capitaõ embarcar pera se ir curar a Baçaim, a onde ao outro dia que a fusta partio chegou arrazada d'agoa. Desembarcou Bastiaõ de Sá, & dom Ieronymo de Meneses capitaõ da

fortaleza o foi buscar, & o leuou pera sua casa a onde o mandou curar com todo o cuidado, & resguardo: & o nauio partio logo pera Goa.

CAPITULO VII.

*D'algũas cousas que passaraõ em Goa. E de como o Governador dom Ioaõ de Castro mandou seu filho dom Aluaro de Castro de socorro a Diu. E dos assaltos que os Mouros deraõ àquella fortaleza, de que se recolheraõ desbaratados.*



**D**EPOIS do Governador despedir seu filho dom Fernando de Castro ficou esperando por recado do q̃ lhe socedera na viagem, mandando encomendar as cousas de Diu a Deos por todos os Religiosos, sintindo em estremo tomalo este successo em tempo que não podia socorrer aquella fortaleza em pessoa: & sendo entrada do mês de Junho, chegou á barra de Goa velha a nao Spiritio sancto, de que era capitãõ Diogo Rebello da conserua do Governador, que elle receua fosse perdida: que (como dissemos no capitulo primeiro do liuro primeiro) foi tomar Melinde,

a onde esperou os ponentes que lhe entraraõ em Abril: & dando á vela pera Goa, tendo grandes calmarias, no caminho gastou todo aquelle tempo: & com muito trabalho foi ferrar Goa velha, a onde o Governador mandou logo embarçaõens por dentro dos rios a buscar os docentes, & a descarregar a nao. E depois do mês de Julho chegaraõ as cartas de dom Ioaõ Mascarenhas, que eraõ as que o Vigairo leuou, & se mandaraõ de Baçaim & Chaul por terra. E sabendo por ellas o grande aperto em que aquella fortaleza estaua, se foi logo pór na ribeira dos nauios, & fez logo lançar ao már os que estauaõ melhor negociãdos: & mandou chamar seu filho dom Aluaro de Castro, a quem disse que se fizesse prestes pera ir socorrer a fortaleza d'El-rey. Estas nouas se espalharaõ logo por Goa a que acodiraõ todos os fidalgos, & capitaens, a se offerecerem pera aquelle negocio, sendo o primeiro dom Francisco de Menezes, a que o Governador aceitou os offercimentos, mandandolhe que se preparasse pera o outro dia se partir com alguns nauios diante, em quanto dõ Aluaro de Castro se fazia prestes, o que elle fez com muita diligencia, acodindolhe muitos soldados, & alguns fidalgos mancebos seus parentes, & amigos pera o acópanharé: & em dous dias se pós

no mar com sete nauios, de cujos capitaes não achamos os nomes. Aos vinte & sete de Julho se fez á vela: & de sua viagem adiante daremos rezaõ.

O Governador ficou negociando o mais focorro com muita pressa: & tres dias depois de dom Francisco de Meneses, foi fazer á vela seu filho, que sayo pella barra de Goa a velha, despedindoo cõ muitas bençoens, elcreuendo por elle a dom Ioaõ Mascarenhas, & de nouo a dom Francisco de Meneses, (sem embargo de lho ja ter pedido) que ali lhe mandaua dõ Alvaro de Castro seu filho, pera não fazer mais que o que elles lhe mandassem, & assi lhe deu a elle por regimento. Os capitaens dos nauios (que eraõ dezanoue)foraõ, dom Jorge de Meneses, que depois se chamou Baroche, dõ Duarte de Meneses filho do Conde da Feira, Luis de Mello de Mendoça, & Jorge de Mendoça seu irmaõ, dom Antonio de Tayde, Garcia Rodriguez de Tauora, Lopo de Sousa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanasio Freire, Pero de Tayde Inferno, dom Ioaõ de Tayde, Balthesar da Sylua, dom Duarte Deça, Antonio de Sá, Belchior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tauarez, & Francisco Guilhaerme.

Partido dom Alvaro de Castro, ficou o Governador negociando um carauelaõ carregado de

moniçoens, & mantimentos, pera mandar a pos elle: & por ser nauio muito pezado, & não poder remar, era muito arriscado naquelle tempo, & por tal não ousaua de comer com elle a algũas pessoas que elle desejava, por que o não queria entregar senaõ a hũa de muita confiança, por ser cousa muito importante. E praticando isto com Manoel de Sousa de Sepulueda, elle lhe disse, que lhe inculcaria um fidalgo, que por debaixo do már o leuasse a Diu, & que este era Antonio Moniz Barreto. Andaua este fidalgo agrauado do Governador por cousas leues, & não se ofereceo pera ir naquelles nauios, por não querer pedir ao Governador cousa algũa, & andaua negociando um pera se partir: & de todas suas cousas daua conta a Manoel de Sousa de Sepulueda, de quem era muito amigo. O Governador lhe disse, que não se atreuia a cometer Antonio Moniz Barreto com aquelle negocio, que era um fidalgo que andaua separado, & agrauado delle: que se elle o quisesse acabar com elle, que folgaria muito de elle ir no nauio, ainda que não fosse mais que a teo entregar a seu filho dom Alvaro de Castro. Manoel de Sousa de Sepulueda foi logo buscar Antonio Moniz Barreto, & lhe deu conta do que tinha passado cõ o Governador, & lhe aconselhou que logo se fosse embarcar naquelle

nauió, por que era o mayor seruiço que podia fazer a Elrey. Antonio Moniz Barreto védo aquillo, disse que o faria. E tomando alguns amigos que tinha grangeados pera irem com elle, se foi logo embarcar, sem se ver com o Governador, porque estaua ja o nauio em Goa velha: & o Governador sabendo d'elle, o mandou logo fazer á vela pello Veador da fazenda: & foi seguindo sua jornada com tempo mûy forte: & d'elle, & de dom Aluaro de Castro, a seu tempo daremos rezaõ, por guardarmos a ordem da historia, & tornarmos as cousas de Diu.

Andaua Rumecan mûy enuergonhado, & muito mais o estaua Elrey, (que todos os dias era auifado do q se passaua) de ver hũa fortaleza toda arrazada, & posta por terra, & com taõ pouca & cansada gente, naõ só se defender a tamanho exercito: mas ainda alcançar os de dentro taõ grandes vitorias, & teremlhe mortos dous taõ grandes capitaens, & mais de dous mil homens. E tendo recado deste derradeiro socesso, mandou prender a Rumecan, & a todos os mais capitaens, da fraqueza, & couardia que nelles auia: do que elles tomados, & afrontados determinaraõ de meter todo o resto do poder, & ou tomarem a fortaleza d'aquella feita: ou morrerem todos em cima de seus baluartes, & assi se lhes compriraõ seus dese-

jos. E pera lhes ficar mais facil a entrada da fortaleza, mandou Rumecan fabricar defronte do baluarte Sanctiago vm muito grande Bestiaõ, & taõ alto, que igualaua com elle, pera se irem chegando, & pera ficarem caualeiros ao baluarte, pera o fazerem despejar. Dom Ioaõ Mascarenhas vendo obra taõ periudicial, determinou de a mandar desfazer, & o encarregou a dom Ioaõ, & a dom Pedro d'Almeida seu irmaõ, dandolhes pera isso cem escolhidos soldados.

E aos quatro dias d'Agosto ao coarto da modorra sairaõ por hũa bombardeira em muito silencio, & com hũa grande & resoluta determinação, foraõ cometer o Bestiaõ: & dádo de supito nos Mouros, que nelle estauaõ bem descuidados d'aquelle sobressalto, mata-raõ, & espedaçaraõ nelles bem as suas vontades: por que muitos receberaõ a morte, sem daré fé della, se naõ depois que se viraõ sepultados no inferno: & outros as feridas, & suas dores os despertaraõ. E como os tomaraõ de sobressalto, naõ tratauaõ de mais que de saluar as vidas, largando tudo, ficando os nossos senhores do Bestiaõ, que começaraõ a desfazer. Os que yaõ fogindo deraõ nouas no exercito do dano que receberaõ, sem saberem dar rezaõ do q era: por que naõ sintiraõ mais que cortaremnos, sem verem se eraõ os nossos cento, se quinhentos. Rumecan

mecan acodio logo lá com todo o exercito, posto em armas, mas já foi a tempo que os nossos tinhaõ desmanchado tudo: & em sintindo os inimigos se foraõ recolhendo com muita ordem, & se meteraõ na fortaleza sem se perder algum, deixando mortos perto de trezentos dos inimigos.

Vendo Rumecan aquelle dano, mandou aleuantar logo hũas muito grossas paredes defronte do baluarte Saõ Ioaõ: & a segunda noite que se começaraõ, lançou o capitaõ por hũa bombardeira catorze soldados, que pera isso escolheu, que dando de supito nos que vigiavaõ as paredes, achandoos dormindo cortaraõ os que alcançaraõ, & os mais aos gritos dos q̄ matauaõ foraõ fogindo: & ficando tudo despejado, derribaraõ as paredes com muitos seruidores q̄ pera isso leuauaõ. A reuolta foi ouuida no arrayal, & acodio vm grande tropel de Turcos, & sendo sintidos dos nossos, deixando tudo derribado se foraõ recolhendo a seu saluo.

Afrontado Rumecan d'aquella ousadia, deu recado a todos os capitaens, que ao outro dia auia de dar vm geral assalto, pera o que se prepararaõ. E em rompendo a luz da manham, começaraõ a apparecer os inimigos com suas bandeiras desenroladas, leuando diante de todas outra noua, em que estaua a figura de Mafamede, taõ fea, &

disforme, que causaua medo, leuaua os cabellos (que eraõ muito cõpridos, & espalhados) por cima do rosto, & das costas: & cõ esta medonha visãõ a que se todos encomendaraõ, remeteraõ com a fortaleza, tocando todos os seus instrumentos, & dando tamanhos gritos, que ensurdeciaõ o mundo. Os dianteiros que eraõ os Rumes & Turcos, começaraõ á sobir pelas paredes derribadas dos baluartes Saõ Thome, & Saõ Ioaõ, com hũa muito confiada determinaçãõ, de morrerem todos ou os ganharem, lançando os de detras grandes panellas de poluora, & varejando os altos dos baluartes cõ sua arcabuzaria pera afugentare os nossos, & os seus que subiaõ terem lugar de caualgar em cima.

Mas os Portugueses naõ temendo, & tendo em nada aquellas carancas, esperaraõ os inimigos com a mesma determinaçãõ, de ou morrerem todos, ou de desbaratarem de todo aquelles barbaros: & naõ tardaraõ mais em virarem os Turcos de pernas a cima, q̄ em quanto os nossos lhe naõ alcançaraõ: mas como lhe poderaõ chegar, logo lhes mostraraõ quaõ caro lhes auia de custar, quererem por os pés em cima dos baluartes, pagãdo muitos com a morte sua porfia, & atreuimento: porque assi como cayaõ dez, sobiaõ vinte, indo á porfia todos a buscar seu dano: & todauia como eraõ muitos,

& vinhaõ com aquella barbara determinação, cometeraõ todos os baluartes mûy denodadaméte, fazendo todos os seus capitaens & companheiros marauilhas nas armas. E posto que em todas as partes auia trabalho, & risco: todauia o de Luis de Sousa, em que estaua dom Fernando de Castro, com os capitaes de sua cõpanhia, esteue mais aperrado que todos, por que carregaraõ ali os mais escolhidos do exercito, & tambem estaua mais aberto, & damnificado, que os outros: mas os valerosos defensores delle fizeraõ tais cousas, que se naõ pode imaginar de taõ poucos braços poder sair ramanho estrago como se via ao pé do baluarte nos inimigos, a onde estauaõ tantos estirados, que pera os outros chegarem, era forçado passar por cima de corpos q̃ estauaõ ainda palpitando, & reuoluendosse no seu sangue, com as ansias, & affliçoens da morte. As vozes, os gritos, os bramidos, em todas as partes (por que em todas se pelejava) era cousa muito horrenda & medonha. Os baluartes quasi se naõ viaõ, por que estauaõ escondidos em nuués de fogo, & fumo, das muitas panellas de poluora, & bombardadas que delles sayao, & que sobre elles cayaõ. De hũa parte chamauaõ por nossa Senhora, & pello Apostolo Sanctiãgo: da outra pello falso & enganoso Mafamede, constrengendo

os capitaens Mouros aos seus, a scibirem, o que elles receauaõ fazer, pellos muitos que viaõ voltar feitos pedaços sobre elles. Os capitaens, fidalgos, & soldados Portugueses mereceraõ muito, por que fizeraõ tanto, que de cada vm se poderaõ fazer muitos capitulos: Por que este foi o dia em que se elles mais afsinalaraõ que todos: por pelear em meyo de chamas, & labaredas: por que em todos os baluartes era tanto o fogo, que parecia que ardia o mundo. Os que andauaõ vestidos de couro (de que muitos se proueraõ pera sua defenção) passaraõ bê, mas os mais foraõ queimados por muitas partes, acodindo as tinas d'ãgoa pera matarem o fogo, que lhe andaua pellos vestidos, que eraõ de algodaõ, tornando logo a seus lugares: & como que vinhaõ de refresco, assi entrauaõ furiosos, que pareciaõ liuens famintos.

Do baluarte do már nunca cessou a bataria, descarregando todas suas cargas nos Mouros, que lhe ficauaõ por hũa ilharga descubertos, em que fizeraõ tal estrago, que de naõ poderem sofrer tanto se afastaraõ, ficandolhes trezentos & mais mortos aos pés dos baluartes, leuando dous mil feridos, & abrazados. Dos Portugueses foi couisa milagrosa, que neste temeroso assalto naõ perigou algum, posto que ouue muitos feridos, & queimados. O capitaõ em quanto du-

rou

rou o assalto naõ descansou: correndo todos os baluartes muitas vezes, & os proueo de todas as coufas necessarias, que tudo lhe era logo trazido por aquellas honradas & animosas molheres.

Afastados os imigos, mandou o capitaõ reparar os baluartes, & curar os feridos com muita diligencia. E vendo o grande & importante reparo que era pera o fogo, vestidos de couro, mandou desfarmar seus aposentos dos ricos & fermosos guadamecis q̄ tinha, & os mandou cortar todos em vestidos, que repartio pellos que abrangerão.

CAPITULO VIII.

*De outras batarias que deraõ à fortaleza. E de como chegou a ella o Vigairo que foi com recado a Chaul & Baçaim. E de um grande assalto que os Mouros deraõ. E das grandes fomes, & necessidades q̄ auia na fortaleza. E de um muito honroso & valeroso feito que fez Martim Botelho.*

**R**ASSADO este assalto, de que Rumezan ficou bem escandalizado, mandou que se proseguisse no entulho da caua, des do

baluarte Saõ Ioaõ, a te o de Sanctiago, recebendo sempre grande dano da nossa artelharía, que lhe derribou os caminhos por onde passauão, onde ficauão enterrados muitos seruidores. Vendo Rumezan aquelle dano mandou fabricar dous Bestiaens naquella parte de muito grossas & fortes taipas, em que se affestaraõ dous liuens, a que fizeraõ seus reparos, & mantas, & com elles bateraõ fortemente o baluarte Saõ Thome, a te lhe cegarem um camelo, cõ que lhes tinhaõ feito grande dano: & com isto lhes ficou tempo mais occasionado pera entulharem a caua. Esta obra tinhaõ tomado á sua conta os Ianissaros, que neste cerco mais se auentajaraõ de todos, & assi o pagauão tambem mais, porque ja eraõ mortos nos assaltos perto de coatro centos.

Ao outro dia depois disto passar, chegou á fortaleza o padre Vigairo, que como dissemos no capitulo terceiro deste liuro segundo, foi a Baçaim & Chaul a pedir socorro, que deu o recado áquelles capitaens, que logo despideraõ as cartas pera o Governador, & comecaraõ a fazer prestes gente & nauios pera mandarem de socorro, acodindo todos a Baçaim, pera dali atrauesarem como lhes o tempo desse jazigo. E vendo o Vigairo a muita gente que ali ficaua pera se embarçar, quis leuar a Diu aquellas nouas. E posto q̄ o tempo era

*Sexta Decada. Da historia da India.*

era grosso, se embarcou no seu nauio com noue soldados, & se meteo no golfo, a onde deu em mares taõ grossos & cruzados, que os comiaõ, vendosse muitas vezes alagados, mas á força do trabalho, & diligencia de todos chegaraõ a Diu o dia que o camelo se cegou, (como acima dissemos.) Tanto q̄ da fortaleza viraõ entrar aquelle nauio, foi grande o aluoroço em todos, por que a pos elle podiaõ vir outros: & ja não ficauaõ taõ descõfiados de socorro como estauaõ. O Catur foi forgir á couraça por onde entrou o Vigairo com os seus soldados, que foraõ recebidos todos nos braços do capitaõ, & mais fidalgos, com palauras de grande louuor. O Vigairo disse a dom Ioã Mascarenhas, que em Baçaim ficauaõ quinhentos homens, com nauios prestes & negociados pera partirem em lhes o tempo dando lugar, & que não tardariaõ cinco dias. Estas nouas se espalharaõ por toda a fortaleza, que foraõ festejadas com folias, danças, & outras mostras de alegria: o que tudo foi ouuido no arrayal, a onde a fama lhes leuou logo as nouas de tudo, com que Rume-can ficou muito triste. E vendo q̄ cada dia lhes podia vir socorro, determinou de concluir aquelle negocio primeiro que elle chegasse. Pello que encomendou a seus capitaens que se bateassem todas as estancias, & se preparassem

pera darem o derradeiro assalto, em que esperaua de arrematar a vitoria.

Nesta conjunção chegou outro capitaõ chamado tambem Iuzarcan, que Soltaõ Mahamude mandaua em lugar do morto, que era tio d'estoutro: pera que ficasse em seu lugar com sua gente. A bateria se começou a dar, que durou todo aquelle dia, & parte da noite, & ao outro dia as tres horas da tarde, q̄ fairaõ os Mouros dos seus exercitos com todo o poder, leuando diante suas bandeiras desenroladas: & ao som de muitos & mûy desordenados instrumentos, remeteraõ com a fortaleza, auendo q̄ d'aquella feita a leuariaõ nas maõs. E chegando os primeiros & mais escolhidos ao baluarte Saõ Thome que estaua todo arrazado, começaraõ a subir por elle com grande soberba & arrogãcia. Luis de Sousa, dom Fernando de Castro, com seus capitaens, & dom Francisco d'Almeida, que dom Ioã Mascarenhas mandou aquelle dia passar pera ali: receberaõ os imigos como sempre, quebrando-lhe logo aquelle furor & orgulho que leuauaõ, lançando todos os q̄ alcançaraõ das paredes abaixo, feitos em pedaços. Mas como eraõ muitos, logo tornaraõ a encher os lugares, recrecendo a crueza & furia da batalha por todas as partes, tanto, que parecia que se desfazia o mundo em gritos & brami-

bramidos. O capitaõ acodio logo ao baluarte Saõ Thome, que estava mais arriscado, mädandoo pro- uer de panellas de poluora, lanças de fogo, pedras, & de todos os mais instrumentos mortaes, que tudo as honradas matronas leuauaõ sobre suas cabeças: por que tanto que auia rebate, logo acodiaõ com o seu escoadraõ ao trabalho, dando com isso müy grande aliuiõ aos homés, que se naõ occupauaõ em mais que em menear as maõs em dano dos imigos, porque tudo o q̄ pediaõ pera aquelle effeito, achauaõ logo ali prestes, que as honradas molheres eraõ as que prouiaõ, repartindo tudo por elles, sem receo de pilouros, nem fogo, em que os baluartes se desfaziaõ: antes cõ muito animo metidas antre os soldados que pelejauaõ, os animauaõ & esforçauaõ, metendolhes nas maõs as panellas de poluora, & algũas tambem as arremessauaõ sobre os imigos, que desprezauaõ todas aquellas cousas, & se metiaõ pella morte sem receo de cousa algũa. Sobre o baluarte chouia fogo: por que este dia quiseraõ os Mouros despender toda sua moniçaõ: & o que mais empeceo aos nossos, foi terem o vento contra si, que todo o fumo, & pó, do entulho, que os imigos reuoluiã com os pés, os cegaua a todos: mas elles fechando os olhos, & apertando os dentes, ferrauaõ cõ os Mouros denodadaméte, matãdo tãtos,

que naõ lhes escapauaõ se naõ os que naõ podiaõ alcançar.

No baluarte Saõ Ioaõ tambem ouue grande trabalho: por que foi cometido de luzarcan com todo o seu poder, trabalhando pello subirem: mas os seus capitaens com os fidalgos & caualeiros que os acompanhauaõ, lho defenderaõ muito bem, fazendo nos imigos müy grande estrago. Bem lhe pareceo a luzarcan que o leuasse logo nas maõs, por estar todo razo, & sem emparo algum: & porque naõ tinha ainda experimentado o ferro Portuguez, que o esforço & animo dos nossos lhe fizeraõ parecer aquelle baluarte taõ forte como se nunca fora batido, né dãnificado: porque se poseraõ aquelles valerosos defensores por muro, & a meyas delle taõ immoueis, que naõ auia bombardadas & espingardadas, nem chamas de fogo, nem ainda a mesma morte, que os abalasse, nem mouesse do lugar em que se punhaõ, fazendo tanto dano nos imigos, que ja cansauaõ de matar nelles.

Na guarita de Antonio Paçanha, tambem ouue grande confusaõ & baralha, mas em todos os lugares que os imigos cometiã, naõ achauaõ outra cousa mais, que generos de mortes, & defenganos de sua contumacia, mostrandolhes que quando cuidassem que estauaõ mais cansados, entãõ os auiaõ de achar mais fortes

fortes, & promptos, pera lhes defenderem a sua fortaleza. E assi (por não particularizarmos tantas miudezas) os trataraõ em todas as partes taõ mal, que os fizeraõ afastar, com morte de mil & seiscentos, que ficaraõ estirados, & espedaçados aos pés das estancias, leuando muito mayor copia de feridos, & abrazados. Rumecan pasmaua de ver aquelle estrago feito por taõ poucos homens, & blasfemaua contra o seu Mafamede, por que cuidaua que lhe podia elle dar cousa que não fosssem danos, & perdiçaõ.

Iuzarcan, (que esta foi a primeira vez, que vio, & experimentou as obras dos Portugueses) ficou admirado: & bem entendeo que todo aquelle trabalho era em vaõ, por que não eraõ aquelles os homens a que se tomaua a sua fortaleza, por mais raza, & disbaratada q̄ estiuesse: & assi ficou dali com taõ grandes desconfanças, que quasi corria com seu cargo por de mais.

Dos nossos morreraõ neste afalto tres, & ficaraõ feridos trinta & cinco, mandando o capitaõ enterrar vns, & curar outros: & reformar os baluartes o melhor que pode, no q̄ gastou toda aquella noite, sem dormirem todos, nem repoufarem. Ia neste tempo eraõ mortos assi na guerra, como de doenças, cento & cincoenta Portugueses: & não auia saõs mais q̄

duzentos & cincoenta, que o tempo que lhes restaua da peleja, gastauõ em reparar os muros, & em derribarem os edificios da fortaleza, & casas dos casados, pera repairo das roinas, & em desfazeré minas, & em outros muitos trabalhos, em que aquellas matronas lhes eraõ companheiras, sem lhes ficar hũa hora pera repoufarem. Mas o que mais os atormentaua, & punha em cuidados, era a falta que auia ja de mantimentos, por q̄ tinhaõ chegado a estado, que o alqueire de trigo que se achaua, valia a tres cruzados: & hũa gralha se a tomauaõ, coatro, & cinco: (por que depois de faltarem as galinhas, se dauaõ estas aos purgados, por que acodiaõ muitas aos corpos mortos, & sobre os muros as matauaõ á espingarda.) E por esta maneira todas as mais cousas a te chegarem a estado, que comeraõ, gatos, caës, & alguns legumes podres, & danados, & com isto andauaõ todos taõ contentes, & taõ esforçados, como se tiueraõ tudo de sobejo. O capitaõ supria a estas faltas com tudo o que tinha, & se se achaua por dinheiro, não perdoaua a despezas por remediar aquellas necessidades.

As monçoens eraõ acabadas, & não auia mais poluora que a que se fazia cada dia, que eraõ coatro arrobas, que despndia o bazalisco cada vez que a tiraua: mas pouuasse muita por faltarem ja pannels

neillas pera ella , que era o principal instrumêto com que se defendiaõ : de maneira que não ficauão ja mais , que os braços , & as armas de mãos . O capitaõ prouia a tudo com muita prudência : & porque faltauão as panellas pera a poluora , inuentou duas telhas dos telhados juntas , hũa com outra , com os vaõs pera dentro , & breadas pellas ilhargas , & as bocas tapadas com betume , & cheas de poluora por dentro com murroës atadas pello meyo dellas , com as pontas acesas , ficaraõ seruindo : & foi muito grande inuenção , por q̄ leuauão mais poluora que as panellas , & fazião mór dano nos imigos . Neste estado estauão as cousas , que era o mais miseravel q̄ podia ser , sem os nossos mostrarê , nem auer nelles hũa pequena tristeza , nem desconfiança , antes alegres , & taõ confiados , que lhes parecia que tinhaõ a vitoria certa .

Dom Ioaõ Mascarenhas andaua vm pouco malenconizado , por que não sabia o que se passaua no exercito , nem tinha espias que õ auifassem de cousa algũa . E por que os do baluarte de sobre a barra lhe diffieraõ que algũas noites viaõ chegar alguns Mouros a te a ponte da fortaleza , & que ali se deixauão estar sem sabêrem o pera que , & que os mais que sempre vinhaõ seriaõ de oito a te dez . Certificandosse d'aquillo , determinou de ver se

podia colher algum delles pera se informar do que la ya : & encomendou aquelle negocio a vm caualeiro da sua obrigação , chamado Martim Botelho , homem de animo , & muito determinado . Este escolhendo dez companheiros no coarto da modorra , os lançaõ pellas bombardeiras da couraça com só espadas & rodellas por irem mais leues , & tomando o caminho da ponte , de longo da agoa muito encubertos , se foraõ lançar no posto que os Mouros costumauão a ir demãdar , que era na entrada da ponte , & ali baqueados no chaõ se deixaraõ estar . Não tardou muito que não ouuissent rumor , & a pos isso enxergaraõ gente que se vinha cùegando pera a ponte , que seriaõ quasi dezoito pessoas . E entrando a ponte a onde os nossos estauão agachados , á sombra dos parapeitos que fazia de hũa & da outra parte : & sendo em meyo delles , se leuantaraõ todos a la vna , & deraõ nelles taõ de supito , & com tamanha pressa , que os não sêтираõ se não nas carnes que os nossos começaraõ a cortar ás suas vontades , falando alto pera que os do baluarte os ouuissent , que estauão pera isso alerta , que em sêtindo os os começaraõ a fauorecer , cõ as trombetas . Os Mouros ficaraõ taõ sobrefaltados que se não souberaõ determinar , & todauia sentindosse cortar leuaraõ

*Sexta Decada. Da historia da India.*

rao das armas, & poseraõse em defenõ , trauandosse antre todos hũa perigosa batalha : mas os valentes soldados Portugueses desejos de ganharem honra & credito com o seu capitaõ, apertaraõ tanto com os Mouros, que os fizeraõ voltar : somente vm Noby de naçaõ (homem de opiniaõ, & grande caualeiro, que quis antes morrer que fugir) ficou na entrada da ponte sustentando o pezo dos nossos, pelejando vm arreoado espaço com todos muito valorosamente. Martim Botelho vendo o esforço d'aquelle Mouro desejou de o auer as maõs, & pondosse diante dos companheiros endireitou com elle pera o ferir. O Noby tinha hũa mea lança, cõ que lhe atirou vm golpe, que lhe Martim Botelho tomou na rodella, & largandola no ferro cerrou com elle, & o liou: o Noby tambem o fez com elle caindo ambos, & tornandosse logo aleuantar sem se desasirem andaraõ trauados vm espaço, & posto que o Noby era membrudo, grande, & muito forçoso: Martim Botelho que nada lhe faltaua d'aquellas partes, fechando os dentes o arco, & leuanteu nos ares, indõse recolhendo com elle pera a fortaleza, fofredõ grande trabalho, por qõ o Noby perrecaua, mordida, & arranhaua: os mais companheiros naõ oufaõ de o ajudar, pello naõ estoruaõ, & assi chegaraõ á porta da for-

taleza, bradando pellos de cima. Ia a este tempo o Noby estaua seguro, por que todos estauaõ azidos nelle: & dandosse recado ao capitaõ, acodio com hũa companhia de soldados, & mandou abrir vm pequeno postigo (que deixou de tapar pera algũa necessidade) por onde os recolheo a todos dentro. Martim Botelho lho entregou. O Noby como se vio dẽtro, deixouse cair no chaõ fingindosse morto. O capitaõ entendendo que aquillo era manha, disse a vm soldado que o picasse com a ponta da espada, o que elle fez de feiçaõ, que em a sentindo se leuanteu com tanta pressa que deu materia de riso a todos. E recolhendosse pera casa fez só com a lingua perguntas ao Noby, & delle soube tudo o que quis: affirmandolhe que Rumecan estaua descontente, & desconfiado d'aquelle negocio, & que eraõ ja mortos no exercito quasi cinco mil homens dos milhores delle: & que todos os mais estauaõ ali contra sua vontade. O capitaõ o mandou por a bom recado, ficando desaliado do pejo que trazia, de naõ ter auiso do que passaua.

C A P I

CAPITULO IX.

*De como Rumecan mandou minar o baluarte Saõ Ioaõ. E do ardil de que vsou de hũa falsa espia pera segurar os nossos: & de como arreben- tou o baluarte: & da morte de dom Fernando de Castro, & de outros fidalgos, & ca- ualeiros.*



OM o socesso pas- sado, & com tardar o socorro que Ru- mecan tinha man- dado pedir a Elrey,

ficou taõ desconfiado, que receo- so de chegar cada dia a armada q̃ se fazia em Baçaim, & que com sua chegada lhe acontecesse vm desastre, mandou aleuantar a ar- telharia das estancias, & recolhela a cidade. Isto foi logo sentido dos nossos, com o que lhes dobrou o animo, entendendo as desconfian- ças dos imigos, & ouueraõ o ne- gocio por acabado. Rumecan an- daua tal, que se com sua honra po- dera aleuantar o cerco, sempre o fizera, mas ja lhe conuinha ir com aquelle negocio ao cabo, ou pera bem, ou pera mal. E chamando alguns officiaes de minas, lhes en- carregou que minassem o baluar- te Saõ Ioaõ, pera onde se tinha pas- sado dom Fernando de Castro, com Diogo de Reynoso, & algũs

capitaens de sua conserua. A mi- na se começou a fazer por aquella parte que ficaua sobre a caua, por- que como dissemos no capitulo nono do liuro decimo da quinta decada, quando Manoel de Sousa de Sepulueda alargou o sitio da fortaleza por aquella parte, che- gou com aquelle baluarte á caua, & vm grande pedaço delle ficou sobre vm entulho, & o mais so- bre a rocha. Isto sabia Rumecan, pello que mandou que se minasse a parte de sobre o entulho, come- çando-se a por as maõs á obra cõ muitos officiaes, o que se fazia pór debaixo de ruas cubertas a te o pé do baluarte, sem os nossos o sentirem. E pera mór dissimula- ção, mandou Rumecan que se pi- casse o muro por todas as partes, por que se naõ entendesse a mina. E por que tambem se naõ preca- tasssem tanto d'aquella parte, man- dou armar muitos caualos de madeira grossa, & os fez che- gar ao baluarte Saõ Thome, co- mo que determinaua de come- ter por elle a fortaleza: por que com o tento naquella machina, se descuidassem do baluarte Saõ Ioaõ.

O capitaõ védo a fabrica dos ca- ualos, receou os muito, & acodindo áquella parte, mādou com muita pressa fazer vns reuezes de vigas muito grossas nas ilhargas do ba- luarte, que lançauaõ muito pe- ra fora, pera dali descobrirem

*Sexta Decada. Da historia da India.*

bem os inimigos, donde os começaram a hostigar com soma de arcabuzaria, & com alguns falcoens, com que lhe fizeraõ bem de dano: não desistindo com tudo os Mouros da obra, nem os nossos de os escandalizar. E andando continuando na obra da mina, chegou hũa noite ao pé do muro hũa pessoa, ( que o Rume-can tinha mûy bem ensayado ) & bradou pellos de cima, pera que o recolhessem, que tinha muitas cousas que tratar com o capitaõ, que lhe importauaõ muito. O capitaõ lhe mandou lançar hũa escada de corda; por onde sobio a cima. Era este homem vm mercador, Guzarate de nação, & por as grandes promessas que o Rume-can lhe fez, se offereceo a ir com aquelle engano. Leuado ao capitaõ lhe disse, que elle vinha tocado da mão de Deos, & queria ser Christaõ: & que elle o mouera a lhe vir dar aquelle auiso, que soubesse de certo, que os Magores estauaõ ja em campo pera tornarem sobre o reino de Cambaya com muito grosso poder, & que Soltaõ Mahamude estaua por isso em grande confusão: & que era chegado de refresco a Diu vm grande capitaõ chamado Mojatecan, pera recolher o campo todo, & o levar, & que por isso os dias passados recolheraõ a artelharia: que aquellas cousas estauaõ em segredo, por não auer alteraçã,

mas que os capitaens tinhaõ determinado de dar vm muito cruel assalto á fortaleza, primeiro que se partissem d'aquella ilha, por verem se a podiaõ tomar, & que ja se preparauaõ pera elle. O capitaõ lhe disse, que lhe agardecia o auiso, & estimaua muito quererse fazer Christaõ, que elle lhe prometia de lhe fazer honras, & merces: & o mandou recolher, & ter a bom recado. E segundo nosso juizo, este ardil desta espia, foi pera os Portugueses se descuidarem, & pera o capitaõ não puxar tanto pello socorro de Baçaim que se esperaua cada dia, & pera que escreuesse ao Governador que se não abalasse, por que tudo o que o Guzarate disse era mintira: ainda que só era verdade o que disse da vinda de Mojatecan, que o dia d'antes tinha chegado de socorro com dez mil homens.

Algũ aluoroço causaraõ nos da fortaleza as nouas cuidando serẽ verdadeiras, por que ja desejavaõ de se acabarem seus trabalhos, ainda que fosse á custa do grande assalto que esperauaõ. Os inimigos yaõ continuando na obra da mina sem baterem a fortaleza, o que foi pera os della muito grande aliuio, por que ficaraõ tendo alguns dias de folego. Andaua neste tempo dom Fernando de Castro doente de febres, & sabendo q se esperaua por vm grande assalto, mandou

mandou se levar pera o baluarte Saõ Ioaõ, sem o capitaõ lho poder defender, por que desejava de se não bulir a te cobrar mais alento.

Os Mouros acabaraõ a obra da mina, & dia do Bemauéturado martyr Saõ Lourenço, que cae a dez d'Agosto, na força do meyo dia, appareceraõ os imigos com todo o poder, suas bandeiras desenroladas, tocando todos os instrumentos de guerra, com vm rustico & mal ordenado som, & com taõ grandes clamores, vozes, & alaridos, que parecia que se souertia aquella ilha: Com esta desordenada confusão se foraõ chegando á fortaleza com tantas carrancas, q̄ poderaõ causar mūy espátoso medo, a outros muitos mais, & mais folgados homens, & que não estiveraõ em fortaleza taõ rota, & desbaratada, & taõ mal prouida de tudo como aquella estaua. Mas esses poucos que eraõ estauaõ taõ animados & contentes, que em nada estimauaõ aquellas cousas. O capitaõ acodio ao baluarte Saõ Thome pera ver o campo, & pera dali prouer no que lhe parecesse. Os imigos foraõ remetêdo ao baluarte Saõ Ioaõ com aquelle tropel, confuso, sem guardarem ordem de milicia, nem distincão de bandeiras, & insignias: mas tudo misturado, & baralhado, como baros que eraõ. E chegando ao baluarte cometeraõ a subida, pelas quebradas, achando primeiro

no caminho muitos sinaes do que encima esperaua por elles, q̄ eraõ muitas das telhas de poluora que os obrazou, muitas bombardadas, & espingardadas, de que muitos cairaõ espedaçados. Os imigos como aquella arremettida foi pera segurar os do baluarte, porque determinauaõ de lhe dar fogo, tornaraõ a recuar pera tras como que fogiaõ.

Dom Ioaõ Mascarenhas que estaua no baluarte Saõ Thome, vendo aquelle termo não lhe pareceo medo, mas logo entendeo, que aquillo era ardil pera darem fogo a algũa mina: & mandou dizer a dom Fernando de Castro, q̄ se recolhesse com todos, & deixasse o baluarte, por que entendia q̄ estaua minado, & que aquelle afastar dos imigos era pera lhe darem fogo. Com este recado se comecaõ a sair alguns: o que visto por Diogo de Reynoso, disse alto.

Naõ á Deos de permitir que por medo algum cometaõ Portugueses fraqueza, & que se diga no mundo, que com temor da morte largaraõ o lugar que sustentauaõ. Pode bem ser, seja isto ardil pera cuidarmos que querem dar fogo a algũas minas pera nos afastarmos, & elles terem lugar de entrarem, & ganhar este baluarte, o que será causa de se perder esta fortaleza. Por isso senhores vede o que fazeis, não desempareis este baluarte

luarte que he d'Elrey: & se a ventura nos tem aqui guardado nosso fim, não queiramos mais ditosa, nem mais honrosa morte, & affirmouos que o q se sair daqui o ey de pregoar, por fraco & couarde.

Com estas palauras se detiuerão todos, & tornaraõ alguns dos que se tinhaõ ido. Os Mouros tanto que se afastaraõ deraõ fogo as minas que arre bentãraõ com taõ grãde estrondo, q parecia cairem os ceos. O fumo que era espesso, escuro, & medonho, cobrio toda a fortaleza de feiçaõ, que se não viaõ vns aos outros. Todos aquelles que estauaõ no baluarte, naquelle lugar que caya sobre a caua, foraõ voando pellos ares, & vns cairã dentro feitos pedaços, outros pera fora sobre o arrayal dos inimigos ainda viuos, outros foraõ abrazados & feitos em cinza. Vm soldado foi cayr fora no campo com a sua lança na maõ, sem a largar, viuo & sem lesaõ, que foi logo espedaçado dos inimigos. Dos que estauaõ neste baluarte coube milhor sorte a dom Diogo de Souto Mayor, que voando polo ar co a força do fogo cayo dentro na fortaleza com hũa lança nas maõs por que veyo escorregando a te o chaõ onde ficou, sem lesaõ algũa. Todos os que estauaõ na parte do baluarte que ficaua sobre a rocha, cairã dentro na caua, vns com pernas quebradas, outros

com braços, outros com focinhos, & outros com outros membros, mas escaparaõ alguns. Morreraõ nesta defaentura, quasi sessenta pessoas das principaes da fortaleza, & os de nome foraõ: dom Fernando de Castro, em idade de dezanoue annos, mancebo em que o mundo tinha postos os olhos, pellas grandes esperanças que de li daua: mas parece que a fortuna inuejosa do que prometia, ordenou que acabasse com tal genero de morte, pera mayor magoa do velho pay. Morreraõ mais dom Ioaõ d'Almeida, Gil Coutinho, Ruy de Sousa, Diogo de Reinoso, Luis de Mello, Aluaro Ferreira, Tristaõ de Sá, & outros. Escaparaõ treze pessoas, as tres morreraõ dali a dous dias, os mais viueraõ, & antre estes foi dom Pedro d'Almeida, que ficou taõ abrazado, que muitos dias se não aleuantou da cama.

CAPITVLO X.

*De como os Mouros cometerã o baluarte Saõ Joaõ, & do grande valor com que cinco homens o defenderã, & de outras cousas.*



**V**ENDO os Mouros tamanho estrago, & o baluarte todo arrazado, remeterã a elle com grandes

des gritas, & alaridos, pera o ganharem, mas acharaõ nas roinas cinco homens que se lhes apresentaraõ com muito grande esforço, que acodiraõ áquella parte, por q̄ estaua só, & a defenderaõ sós como se foraõ quinhentos: estes foraõ Antonio Paçanha, Bento Barbosa, Bertolameu Correa, Mestre Ioaõ, que naquelle tempo não quis estar em casa: & do quinto não achamos o nome em parte algũa, se não em Ieronymo Corte Real, neste cerco que fez em verso, que diz que era Bastiaõ de Sá, sem declarar, se era o filho de Ioaõ Rodriguez de Sá, se outro: por que pera ser aquelle, temolo deixado em Baçaim, curandosse da sua perna, a onde se foi polo mandar o capitão, num catur em que mandou o segundo recado a Baçaim a pedir socorro ao capitão, & com cartas pera o Governador, em que lhe daua conta de tudo o que a te entaõ era acontecido, como está dito no fim do capitulo sexto do segundo liuro. E em toda a India não achamos homem deste tépo que nos soubesse tirar esta duuida, basta qualquer que seja. Os inimigos (como yamos dizendo) entrãdo por meyo d'aquellas nuens de fumo, cuidando acharem a entrada franca, & que d'aquella feita ganhassem a fortaleza, deraõ com aquelles cinco Heitores, que lha defenderaõ com tanto valor & animo, fazendo taes cousas, que pas-

marãõ os imigos, & que não especificamos, por que não temos palauras bastantes pera os engrandecer.

Aqui poderamos com muita rezaõ dizer, o que Lucio Floro dos Romanos, engrandecendo suas obras, q̄ se se não acharaõ escritas em Annaes, que se poderaõ ter por fabulosas: & nos dizemos destes cinco caualeiros, (& de todos os mais que neste cerco se acharaõ) que se não ouuera ainda viuas tantas testemunhas de suas grandezas: & se não estiueraõ ainda taõ frescas na memoria de todos os homens, as façanhas que neste, & no outro cerco fizeraõ os Portugueses, que nos não atreueramos a escreuelas: ainda que não faremos mais, que contar seus feitos puros, & sem ornamento de palauras, por que elles mesmos ficaõ sendo o louuor de quem os obrou. E ainda podemos dizer mais: que aquelles dos Romanos, vieraõ a ser celebrados no mûdo mais pela eloquencia & facundia de seus Escriitores, que por sua grandeza: por que elles nunca pelejaraõ contra bazaliscos, saluagens, quartaos, & outros instrumentos diabolicos, arroinadores do mundo, & destruidores de todo o esforço, & valor delle, como o fizeraõ estes nossos Portugueses, cujos feitos não sabemos se a inueja (ainda de seus naturaes) causou ficarem muitos em esquecimento.

## *Sexta Decada. Da historia da India.*

E tornando a nossa historia. Andando a cousa trauada com taõ desigual partido como era o de treze mil homens, ( que tantos cometeraõ o baluarte) contra cinco sós, chegou o capitaõ com quinze companheiros, com o animo taõ seguro, & inteiro, como se não vira tudo taõ arriscado, & em tamanho perigo: & pondosse na defençaõ do baluarte, animádo, & esforçando os seus, fez tantas cousas, que pasmauaõ os imigos, q̃ trabalhauaõ tudo o que podiaõ por concluir aquelle negocio, andando afrontados de se defenderé de tamanho poder taõ poucos homens, & mais em vm baluarte taõ arrazado, & descuberto: & assi pelejauaõ como homens q̃ não temiaõ a morte, que muitos recebiaõ das maõs destes poucos. A crueza era grande, os gritos, alaridos, estrondos, & barbara vozeria dos Turcos & Mouros: era tudo de feiçaõ que causaua medo. Esteue aqui a cousa por muitas vezes taõ arriscada, que a cada momento tinhaõ os das outras estancias rebate, que a fortaleza era entrada. O escoadraõ feminino desemparrando as cascas, se foraõ ao baluarte pera nelle morrerem, em companhia d'aquelles esforçados defensores, & dos charos consortes que algúas ali tinhaõ, levando sobre suas cabeças poluora, pedras, & outras cousas pera offenderem

aos imigos, metendosse no meyo dos que pelejauaõ com animos varonis: esforçando, & animádo aos que pelejauaõ.

A boa Isabel Fernandez com hũa chuça nas maõs, se meteo no meyo d'aquelle conflicto, dizendo: Ah filhos, pelejemos pella fé de Christo, & mostremos a estes imigos della, que temos Deos por nos que nos fauorece. E como andaua pella fortaleza hũa voz que o baluarte era perdido, desemparraraõ alguns capitaens as estancias, & foraõ lhe acodir: & ao mesmo tempo chegou o Padre Vigairo com vm crucifixo levantado em hũa hastea, & entrou pello baluarte com aquella diuina bandeira de nossa redempçaõ aruorada: & pondosse no meyo de todos levantou a voz dizendo:

Ah caualeiros de Christo, aqui tendes a figura de vosso Deos que vos não á de desemparrar, aqui o vereis com as maõs & pés crauados, & lado aberto derramando seu preciosissimo sangue por vosso resgate: derramay vos tambem o vosso agora pello resgatar a elle, por que não vá ter a poder de seus imigos. Pelejai valerosos Portugueses, & defendey vosso Deos, que elle está com vosco nestes trabalhos, pera vos ajudar a defender. Aqui o tendes, ponde os olhos & o coração nelle, porque

que delle vos a de vir o esforço contra vossos inimigos. E assi se apresentou diante no mór perigo. Os que estauão acelos na batalha, ouuindo a voz, leuando os olhos, que viraõ o crucifixo aruorado, bradando por misericordia, remeteraõ com os imigos como liens brauos, & lançandosse no meyo delles fizeraõ taõ grande estrago, que foi espanto.

O capitão não se descuidou de sua obrigação, porque vendo o baluarte com gente bastante pera sua defensão, & que os imigos ja começauão a afracar, fayo se delle, & mandou ajuntar todos os officiaes, & escrauos: & ordenou logo pella banda de dentro daquelle baluarte, hũa muito forte tranqueira de pedra & terra, que toda foi acarretada as cabeças d'aquellas honradas molheres, posto que das mesmas roinas do baluarte acharaõ á maõ a mór parte: & assi vntrabalhauão, & outros pelejauão, sustentando o pezo da batalha, que durou a te se por o sol, & o mundo se encher de treuas, que os imigos se afastaraõ com perda de trezentos, a fora oito centos feridos & queimados. Dos nossos morrerãõ alguns, & dos cinco a que podemos dar o sobre nome de Manlios Capitolinos, morreo só mestre Ioaõ, que foi perda geral, assi por seu officio, como por seu esforço, charidade, & outras

partes de homem muito honrado. Pelejou este dia de feição, que lhe tiueraõ todos inueja, & depois que o capitão chegou de socorro, nunca se quis sair do seu lugar, com ter muitas feridas, trabalhando todos pello poupar em, & assi acabou atãssalhado.

Isabel Madeira sua molher, que andaua na obra da tranqueira com as mais companheiras, em lhe dando a triste noua, correo áquella parte com muitas que a seguireaõ, & achando o amado consorte espedaçado, o aleuontou nos braços ajudada de suas amigas, & o leuou pera sua casa, a onde o chorou com muita honra, enterrandoo logo com grande dór & tristeza de todos. E acabado o funebre auto tornou muito segura, & com grande coração a obra da tranqueira que durou toda a noite, que se acabou muito larga & forte, com o que aquella parte ficou mûy segura.

Tanto que amanheceo foi o capitão recolher os mortos, & entre elles acharaõ o bem logrado mancebo dom Fernando de Castro (que assi lhe podemos chamar) pois morreo de feição, que mais se lhe pode ter inueja que magoa, acharaõlhe a cabeça toda pizada. O capitão com todos os fidalgos o leuaraõ á igreja, & todos os mais, a onde foraõ enterrados juntos, tirando dom Fernando, que

*Sexta Decada. Da historia da India.*

do, que o puſeraõ ſeparado dos outros. Muitos dias durou o roimcheiro dos corpos mortos. E queimados que ficaraõ enterrados nas roinas do baluarte, o que deu a todos muito grande trabalho. Com iſto ficou a fortaleza em tal eſtado, que auiaõ que ſe naõ poderia defender, aſi por rota, como por falta de tudo.

E praticando dom Ioaõ Mascarenhas com os capitaens ſobre

o que fariaõ, por que ſe lhes acabauaõ as monçoens, ouue alguns de parecer, que tanto que de todo ſe acabafſem, que ſe encrauaſſe a artelharia, & que ſaiſſem todos a os imigos, & morreſſem pelejando com elles em campo, & aſi pareceo a todos bem.

Com eſta reſoluta determinação ſe foraõ reme-  
deando o melhor  
que poderaõ.

*Fim do Segundo Liuro.*



## LIVRO TERCEIRO

## DA SEXTA DECADE

## DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITULO I.

*Do que aconteceu na viagem a dom Alvaro de Castro a te Chaul. E de como Antonio Moniz Barreto, & Garcia Rodriguez de Tauora chegarão a Diu: & do que fez Rumeacan.*

**P**ARECE rezaõ que continuemos cõ dom Francisco de Meneses, & com dõ Alvaro de Castro, que no capitulo 7. do 2. liuro deixamos partidos de Goa, que foraõ seguindo sua viagem com taõ grãdes tempestades, que cada dia se viaõ alagados & perdidos: por q̃ o vento era traueßaõ, & os mares taõ aleuantados que sobiaõ ás nuens, & pera lhes porem as popas, auiaõ de arribar pera a terra, a onde ficauaõ arriscados a varar. E encomendandosse a Deos, foraõ rompendo por todas aquellas tépestades, que alem de vento rijo, & mares grossos, auia taõ grandes chuueiros, & sarraçoens, que quasi não differencauaõ o dia da noite. Alguns nauios por de todo se ve-

rem perdidos foraõ arribando á terra, & tomaraõ algũas enceadas & rios, os mais foraõ sua derrota. Dom Francisco de Meneses q̃ era partido diante, chegou a Baçaim alagado, & desaparelhado, a onde seu irmão dom Ieronymo de Meneses o reformou, & negociou, & logo se meteo no golfo pera atraueßar a Diu, mas achou taõ feroz & tempestuoso, que lhe foi forçado tornar a arribar a Baçaim, a onde chegou alagado. Ali se deixou ficar pera esperar outra conjunção: mas vendo que o tempo não cessaua, & que a fortaleza podia estar em muito trabalho, tornou-se a embarcar, & cometeo outra vez o golfo, que achou como de primiro: & querendo forçar o nauio, se desaparelhou de todo, & tornou a voltar pera Baçaim, com tudo alijado ao mar.

Ao outro dia chegou dom Alvaro de Castro com a mór parte dos nauios taõ destroçados, dos mares & ventos, que lhe foi forçado reformalos, no que se deteu tres dias, & nelles chegou Antonio Moniz Barreto no carauelaõ das moniçoens, que não passou menor trabalho que todos elles: & forgindo na barra o entregou a do.n

*Sexta Decada. Da historia da India.*

dom Alvaro de Castro, por que determinaua passar a Diu em algum nauio pequeno, pera o que se foi a terra fazer prestes. Estando aqui reformandosse, creceo o tempo de tal maneira, que esteue o carauelaõ quasi perdido. E porque era a mais importante cousa que ya de socorro, acodio dom Alvaro de Castro com alguns capitaens & nauios pera lhe valer. Antonio Moniz Barreto acodindo á praya achou hũa galueta de ym mercador prestes, & esquipada de marinheiros, & embarcandosse nella foi acodir ao carauelaõ que estaua em perigo, & nenhum nauio dos outros lhe podia chegar com vento & mares: mas Antonio Moniz Barreto forçado a galueta que era leue, & andaua na babugem da agoa, teue tal ventura, que chegou ao carauelaõ, & o socorro, & fazendolhe dar traquete o meteo pera dentro. E vendo que a galueta soffreo tamanhos mares, determinou de passar nella a Diu, & afretou a seu dono á sua vontade, & se negociou pera ao outro dia se partir em tanto segredo, que não deu conta a pessoa algũa: por que coatro ou cinco companheiros que determinaua de levar, em casa os tinha, & ao embarcar os leuaria comsigo como fez ao outro dia. E estando na praya chegou Garcia Rodriguez de Tauora, & vendoo embarcar lhe pedio o quisesse levar

comsigo, do que Antonio Moniz Barreto se escusou, com lhe dizer, que elle era ym fidalgo taõ honrado que se chegasse a Diu, auiaõ todos de dizer que a galueta era sua, & que elle naquella honra não queria companheiro. Garcia Rodriguez de Tauora lhe disse, que elle não se queria embarcar senaõ por seu soldado, & que asy o diria, & lhe daria ainda disso ym afinado cada vez que lho pedisse. Com isto lhe não pode Antonio Moniz Barreto negar a embarcação, metendosse nella, que não leuaua outra cousa mais que áuila, que he arroz torrado, lanhas, & cocos pera mantimento, & pera beberem: porque nenhũa outra agoa nem cousa de comer se podia arriscar, nem guardar.

Estando ja embarcados chegou á praya Luys de Mello de Mendoça, primo de Antonio Moniz Barreto pera se embarcar com elle: & vendo como a galueta ya pejada, lhe pedio que se passasse a Diu, lha tornasse logo a mandar pera se elle ir nella, & elle lho prometeo.

Indosse ja desamarrando chegou á borda da praya ym soldado chamado Miguel Darnide (q̄ depois viueo muitos annos em Lixboa, & Elrey se seruiuo delle) q̄ era da obrigação de Antonio Moniz Barreto: este soube áquella hora que se partia, & bradado por elle lhe disse, pois que he isso senhor,

nhor, determinais ir a Diu-sem mim. Antonio Moniz Barreto lhe respondeo, que a galueta era pequena pera elle. (E era verdade, por que Miguel d'Arnide era taõ agigantado, que trazia na cinta vm montante por espada ordinaria.) E vendo elle que o naõ queria recolher, toma a espingarda na boca, & lançoüse ao már á galueta que ya com o cabo solto. Antonio Moniz Barreto, vendo aquella honrosa porfia, ainda que ya de largo ja, & juntamente sua determinação, voltou a elle & o recolheo. E saindo pella barra fora deu á vela, & começou a traueßar, & a engolfarse. E entrando naquelle brauo & empolado golfo, deraõ naquelles marouços que os comiaõ. A galueta como era pequena & leue, faziaõ os mares della o que queriaõ. E entrando por todas as partes, & quasi cobrindoa, ella fordio sempre por diante, & foi passando & furando aquellas medonhas & temerosas ondas. Neste risco & trabalho passaraõ todo aquelle dia, & parte do outro, sem dormiré né repousarem toda a noite, & ao segundo á tarde foraõ auer vista da terra ja perto da fortaleza, q̄ foraõ demãdar, chegãdo ja de noite. Antonio Moniz Barreto ya receoso, que tiueße acontecido algum defastre á fortaleza: & indo entrando a barra, disse que ninguem falasse a te verem se da fortaleza chamauaõ por

elles. E disse em segredo a vm soldado muito de sua obrigação, que fosse de proa, & que ao sorgir estiuessse prestes, & fazédolhe elle vm certo sinal (que lhe deu) cortasse o cabo, & mandasse afastar a galueta pera fora. Indo ja dentro, foraõ sorgir junto do cais, sem falarem, nem de cima os verem por ser escuro: & assi estiueraõ em silencio pera verem se ouuiaõ algũa cousa, & sentiraõ falar os Mouros que estauaõ nas estancias á entrada da ponte, & virem alguns chegãdo pera a praya, por que ja viaõ a galueta. Antonio Moniz Barreto auendo que era tudo perdido, bradou ao soldado que estaua de proa, que cortasse o cabo: mas o soldado, por que lho elle tinha dito em segredo, & que lhe faria pera isso sinal, vendo que lho dizia alto, auendo por opiniaõ lhe respõdeo, que o fosse elle cortar.

Outros contaõ isto d'outra maneira: & dizem que tinha Antonio Moniz Barreto posto aquelle soldado na proa, por ser homẽ de recado, & q̄ presentes todos lhe dissera que se sintisse Mouros cortasse o cabo, & que o soldado bem os sintira, mas que naõ bolira, pello que Antonio Moniz Barreto q̄ estaua perto, lhe disse, que cortasse o cabo muito passo sem o ouuir alguem, & que o soldado virãdo pera elle quasi agastado, lhe disse, q̄ o cortasse elle, & deixando a proa se recolhera pera dentro, dando-

lhe a desconfiança de poderem algũa hora dizer, que elle cortara o cabo de medo. E estando nisto foraõ sintidos do baluarte de sobre a barra, & bradando as vigias perguntaraõ o que era? Ouuiendo Antonio Moniz Barreto falar Portugueses, se foi chegando á couraça, & se deu a conhecer.

Alguns dizem que ao perguntar de cima, respondera vm homem de proa, que vinha ali Garcia Rodriguez de Tauora, por que era elle de sua obrigação: do q̄ enfadado Antonio Moniz Barreto estiuera pera o arrepelar, bradando entaõ alto, sou Antonio Moniz Barreto. E dando recado ao capitãõ acodio com grande aluroço á couraça, mandando abrir hũa bombardeira por onde os recolheo dentro, leuandoos nos braços com grande prazer & aluroço de todos: por que ali acodiraõ todos os fidalgos & caualeiros, a os receber. Dom Ioaõ Mascarenhas pergütou á orelha a Antonio Moniz Barreto por dom Alvaro de Castro, & onde ficaua: ao que lhe respondeo alto que todos o ouuiffem, dom Alvaro, senhor, fica com sessenta nauios aqui em Madrefaual, & naõ tardará dous dias. Estas nouas correraõ logo pella fortaleza, que causaraõ geral alegria em todos. O capitãõ recolheo aquelles fidalgos, & os foi agafalhar, Antonio Moniz Barreto no baluarte saõ Thome, & a Gar-

cia Rodriguez de Tauora no de saõ Ioaõ: & depois de recolhidos apartou Antonio Moniz Barreto o capitãõ, & lhe disse, que dom Alvaro de Castro ficaua ainda em Baçaim sem poder atraueffar, por naõ fazer tempo.

Ao outro dia que foraõ catorze d'Agosto (coatro dias depois do desastrado socesso do baluarte saõ Ioaõ) despidio Antonio Moniz Barreto a galueta, pera vir seu primo Luis de Mello de Mendocça, em que o capitãõ mãdou embarcar vm soldado dos da mina que ficou sem maõs, por quem escreueo a dom Alvaro de Castro que se apressasse, por que estaua em grande aperto: auisando a todos os da galueta, que naõ diffessem a pessoa algũa da morte de dom Fernando, nem do desastre do baluarte. Este nauio atraueffou o golfo com muito grande trabalho, & risco, & ao outro dia foi tomar Baçaim, a onde logo se souberaõ as nouas de Antonio Moniz Barreto, & Garcia Rodriguez de Tauora serem chegados a Diu: com o que todos se aluroçaraõ pera cometerem a jornada. E deixaremos os de Baçaim por vm pouco, por continuarmos com as cousas do cerco.

Sabendo Rumecan o grãde danno que as minas fizeraõ, & da morte do filho do Governador, & de tãtos fidalgos, & caualeiros, tornou a mandar plantar a artelharia, que

que tinha recolhido, nos lugares em que d'átes estaua: por que sem duuida ouue que tomaria a fortaleza pella pouca gente que lhe ficaua, & logo com muita pressa mandou minar o baluarte Sanctiago, & picar o lanço do muro que ya pera elle: o que tudo se fazia por baixo de ruas & pontes, sem os nossos os verem, posto que bem ouuiaó o tom, sem saberem em que parte era.

O capitaó receandosse do cubello de Antonio Paçanha, mandoulhe fazer por dentro grandes & fortes reparos, & abrir escutas, pera ouuirem se o minauão. Os Mouros acharaó o muro taó forte que o naó poderaó romper com picoens: o que sabido por Rume-can, mandou trazer muito vinagre com que molharaó o muro, & depois lhe applicaraó muito fogo, com o que se começou a desfazer, (como o ja Anibal fez aos caminhos dos Alpes, por onde passou) pello que se verá, que naó faltaraó a estes capitaens todos os ardis dos passados, & que naó pelejauaó os Portugueses na India com homés nús, & despídos, & taó barbaros como alguns os fazem, se naó contra taó grandes capitaens como foraó os Carthaginenses, & contra mais bombardas das com que os Romanos nūca pelejaraó. O muro começou a cair, & no recáto antre o cubello, & o baluarte saó Thome, começaraó os Mouros hūa mi-

na, que foi sintida dos nossos: o capitaó lhe mandou logo fazer hūa contra mina: & pella banda de dentro foi aleuantando vm muro mūy grosso, & forte, em cujo trabalho supriraó as famosas molheres, com muito trabalho, zelo, & risco.

## CAPITULO II.

*De alguns assaltos que os Mouros deraó à fortaleza. E de vns escrauos que della fugiraó pera os Mouros. E de como os inimigos ganbaraó a metade do baluarte Sanctiago.*



**O**NTINVA N-do os inimigos na obra das minas, acabaraó de as fazer dous dias depois da chegada de Antonio Moniz Barreto: & ao outro que foraó desfais d'Agosto, querendolhe dar o fogo, sairaó do arrayal com suas bandeiras desenroladas, com os terrores, & espantos que das outras vezes: & com aquella rustica desordem remeteraó ao baluarte Sanctiago, como que lhe queraó dar assalto. Os nossos que estauaó ja prestes, espera-raó por elles com muita confiança. Vendo os inimigos o baluarte cheyo de gente, tornaraóse a afa-

## *Sexta Decada. Da historia da India.*

star como o fizeraõ o dia do baluarte de saõ Ioaõ: & como os nosfos estauaõ ja auifados nelle, sayraõse pera fora. Os imigos deraõ o fogo, & chegãdo ás minas, achãdo grande força nos repuxos, que pel la banda de dentro estauaõ feitos, arrebetou pera fora toda a face do muro com mûy grande braueza, & foi cair sobre os mesmos imigos: ficando mais de trezentos delles espedaçados debaixo das paredes, vazandosse o fogo pellas côtraminas de dentro, sem fazer mais dano, que ficar a fortaleza toda cuberta de vm espeffo & negro fumo.

Os capitaens, fidalgos, & caualeiros que se tinhaõ afastado, rompendo por aquellas treuas, tornaõse ao baluarte. Os imigos tanto que as minas arrebetaraõ, remeteraõ com o baluarte com todo o poder, & começaraõ a sobir pellas roinas delle: mas foraõ recebidos dos de cima nas pôtas das armas, fazendoos tornar por detras com as entranhas abertas sobre os seus. Aqui foi a mayor, & mais aspera batalha de todas as q ouue em todo o cerco: por que como os imigos estauaõ derredor do baluarte, com mais de vinte mil homens, eraõ tantos os arremessos sobre os nosfos, tanto o fogo, & tantos todos os mais instrumentos de mortes, que cobriaõ os ares. Tudo o que se via, eraõ labaredas & trouoens: quando se ouuia,

gritos, bramidos, prantos, & lastimas dos miseros, que cayaõ das maõs dos nosfos sobre os seus, abrazados, & feitos pedaços. Os Portugueses naõ estauaõ fora do dano, por que como o fogo era muito, & os arremessos taõ bastos, vns queimados acodiaõ as rinas a se banharem na agoa, & outros com as cabeças quebradas, braços, & pernas espedaçadas, sayraõse a pedir cura: de maneira que em todas as partes auia defaueuras. As honradas matronas naõ faltaraõ aqui, por que em todos os assaltos tiueraõ sempre cuidado de acodirem ao baluarte, & andauaõ antre os que pelejauaõ, metendolhes nas maõs panellas de poluora, & dandolhes todas as mais cousas que eraõ necessarias, & que se pediaõ, por que se naõ tirassem dos seus lugares: tanto que vm caya, era tirado por ellas, & leuado a curar. A boa Isabel Fernandez andaua com hũa chuça nas maõs, & com o seyo cheyo de seus bocadinhos, hũas vezes pelejando, outras animando a todos, & aos que via fracos acodialhes com seus mimos, metendolhos na boca dizendo, esforçay caualeiros de Christo, & pelejai por sua fe, q elle está com vosco.

Antonio Moniz Barreto, & Garcia Rodriguez de Tauora acodiraõ aquella parte: & por ser este o primeiro assalto em que se acharaõ, se afsinalaraõ tanto que

que com as armas banhadas em sangue, & os rostos cheyos de pó, & fuor andauão como liens, fazendo tal estrago nos imigos, que lhes fizeraõ perder aquelle primeiro furor. No cubello de Antonio Paçanha, & nas mais estancias naõ estiueraõ ociosos, antes com sua artelharia, & arcabuzaria fizeraõ por sua parte assas de dano. Os Mouros vendosse taõ mal tratados, foraõ se afastando pasmados das cousas que viaõ fazer a taõ poucos Portugueses: por que ja a este tempo naõ auia mais de cento & cinquenta: Perderaõ os Mouros desta vez duzentos, a fora os trezentos q̄ as minas lhes mataraõ. Rumecan naõ se sabia determinar, por que quanto mór cabedal metia, & quãtos mais ardis inuentaua, tâto menos fazia, & tantas morès perdas recebia.

Mojatecan, que auia pouco era chegado de socorro; ficou como assombrado do que vira fazer aos Portugueses: por que como nunca os vio pelear, tinha delles mūy diferente opiniaõ. Rumecan ja naõ sabia que fizesse: & encomendou aos mestres do campo, que batessem a igreija da fortaleza (q̄ parecia de fora por estar no mais alto della) por cuidar que nisso faria grãde offensa a nossa religiaõ, & que causaria grande magoa nos nossos, & assi foi em poucos dias arrazada, & posta por terra. Estaua neste tempo a fortaleza taõ destro

çada por todas as partes, que que de fora a via, parecia que se naõ poderia defender, nem sustentar a vni muito pequeno poder, quanto mais a tamanho exercito, a taõ potente artelharia, & a tantos outros instrumentos de guerra: por que nem tinha muros, nem cousa que podesse emparar os de dētro, mais que os seus valerosos peitos, que todos apresentaraõ as furiosas bõbardas, & as muitas, & mūy amiudadas espingardadas, & aquellas espessas nuuens de frechas, & labaredas de poluora, que cayaõ sobre todos: & assi se podia dizer por estes o que Agisilao pellos Lacedemonios, que suas cidades naõ tinhaõ outros muros, mais que os peitos dos seus cidadaaõs.

Estando as cousas neste bem roim estado, fogiraõ da fortaleza tres escrauos que foraõ leuados a Rumecan, & delles soube a miseria dos Portugueses, & da fortaleza, & tudo o mais q̄ a te entaõ era socedido, affirmãdo que naõ auia ja mais de sessenta homens saõs, q̄ podessem tomar armas, por que os pouco mais que auia estauaõ feridos & doentes. Sabendo Rumecan aquillo, mandou aos capitaens que se fizessem prestes pera ao outro dia darem vni grande assalto á fortaleza. E assi tanto que amanheceo, fairaõ de suas estancias cõ seus instrumentos confusos, & desordenados, & remeteraõ com o baluarte saõ Thome, começando

vns a sobir pellas roinas delle, & outros por escadas: mas os primeiros que chegaraõ a cima, pagaraõ logo seu atreuímento com as vidas, achando tal resistencia nos de dentro, & recebendo delles tanto dano, que ouue Rumecan, que os escrauos o enganaraõ: por que naõ parecia que pelejauaõ com sessenta, se naõ com seiscentos. Luis de Sousa capitão d'aquelle baluarte, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tauora, dó Pedro, & dom Francisco d'Almeida, que ali acodiraõ, & outros fidalgos & caualeiros, mostraraõ aos imigos o preço & valor de suas pessoas, afinalandosse Miguel Darnide entre todos. Em fim foi o estrago tal nos imigos, que tocou Rumecan a recolher, & afastado pera fora, foi cometer a tranqueira do baluarte saõ Ioaõ, cuidando que estiuessa vazia: mas naõ foi assi, por que a acharaõ taõ forte, & bem guarnecida de caualeiros, que em mūy breue espaço de tempo os desenganaraõ, com mortes de muitos.

O capitão em todas estas coufas sempre se achou muito alegre, & contete por dar animo aos seus, prouendo & governando tudo cõ muita prudencia & conselho. Vendo Rumecan quaõ mal lhe socedia tudo, recolheose a suas estancias mūy anojado, & triste, mandãdo logo fazer na parede que diuidia o exercito da fortaleza muitas feteiras, por onde a sua arcabuzaria

começou a laborar, tratando muito mal os nossos por que estauaõ defabrigados, & tornou a mãdar bater a cisterna com o quartao, em que lançaraõ muitos pilouros. Está esta cisterna á entrada de hũa rua que chamaõ a coua, q̄ foi a caua antiga dos Mouros, a onde se recolhia toda a gente inutil, & as mulheres solteiras. Fazese nesta parte duas ruas de casinhas pequenas, & naõ tem mais que a firuincia pella boca da rua a onde está a cisterna: que pella outra parte he muito alta. Nesta rua cayaõ muitos pilouros, que matauaõ algũa gente d'aquella. O capitão acodio ali, & mandou fazer no topo da rua, hũa tranqueira alta de vigas, pera reparo dos pilouros, q̄ todos entrauaõ pella boca da coua, & mandou furar as casas por dentro pera se seruirem resguardados dos pilouros.

Vendo Rumecan que todavia as minas sempre faziaõ dano, mandou fazer outras no baluarte Sanctiago, que foraõ fintidas dos de dentro, mandando logo o capitão ordenar suas contra minas, & vm muito forte repuxo, de feiçaõ, que quando os imigos lhe deraõ fogo, achou taõ grande resistencia, q̄ deu com parte do baluarte pera a bãda de fora, que cayo sobre os Mouros, & matou muitos, sem dos nossos perigar vm só: & quis Deos q̄ ficou o muro saõ, sem receber dano. Os Mouros ao arrebeutar da

mina, remeterão com o baluarte com hũa grita, & alaridos, que parecia que se desfazia o mundo, & sobindo pellas partes derribadas o entraraõ, aruorando logo em cima delle suas bandeiras, & guioes, rodeandoas de hũa boa copia d'espingardeiros, que dali varejauão pera dentro da fortaleza, com o q̄ deraõ mūy grande trabalho aos nossos. Dali se deceraõ ao muro, & foraõ a te a casa do Apostolo Sanctiago, que estaua encostada ao mesmo baluarte, a onde os nossos acodiraõ metendosse nos altos da casa, & asy ficou o baluarte, & a casa a metade dos Mouros, & a outra dos Portugueses, antre quem se tra uou hũa muito aspera batalha que durou todo o dia.

Tanto que anoiteceo, mandou o capitão fazer hũa grossa parede, antre vns & outros, o que se fez sempre com as armas nas maõs: no que gastaõ toda a noite sem repoufarem: acabada a obra q̄ foi pella menham, mandou o capitão pór vm camelo grande à porta da igreja, que ficaua sobre o alto, & descobria a parte que os imigos tinhaõ do baluarte, & dali os mandou varejar: & foi o negocio de feiçaõ, que fez nelles mūy grande estrago. Neste conflicto passaraõ os nossos muito traballio por serẽ poucos, & terem muitas partes a que acodir: mas sempre Deos os fauoreceo, com dar a todos nouo animo, & forças, pera acodirem a

tudo. Os soldados que estauaõ no alto da igreja de Sanctiago, como sempre pelejauaõ em hũa roda viua, às vezes lançauaõ os imigos fora do que tinhaõ ganhado, & outras se tornauaõ á recolher: Nisto passaraõ dous dias, em que todos os da fortaleza pelejaraõ muito bem, fortificando cada vez mais a parede que estaua no meyo de vns, & de outros: por que tudo o mais estaua seguro, com as grossas paredes que o capitão tinha feitas pella banda de dentro. Rume can tambem se fortificou sobre o entulho do baluarte que arrebctou, mandando fazer alguns valos, & tranqueiras pera se segurar nelles. O que tudo se fez sem os nossos lho poderem defender, posto que lhes custou as vidas a muitos.

### CAPITULO III.

*Dos socorros q̄ partiraõ de Baçaim: & do que aconteceu a Luis de Mello de Mendoga, & aos mais, a te chegarem a Diu. E do grande assalto que os Mouros deraõ, em que ganbaraõ parte de todos os baluartes.*



HEGADA a Galueta em que Antonio Moniz Barreto, & Garcia Rodriguez de Tauora partiraõ

de Baçaim pera Diu: ao outro dia que forão catorze d'Agosto, se embarcou nella Luis de Mello de Mendoça com noue companheiros: & a pos elle tábem dom Iorge & dó Duarte de Meneses, ambos em vm catur com defasete soldados: & dom Antonio de Tayde, & Francisco Guilherme, cada vm delles em seu nauio com quinze companheiros, & deraó á vela vns a pos os outros: ficando dom Aluaro com os mais nauios negociãdoffe pera partir ao outro dia. Luis de Mello de Mendoça tanto que se foi engolfando, como a galueta era pequena, & estoncada, & os mares soberbissimos, começouse a alagar por ambos os bordos: por que o tempo era o mais cruel que podia ser: Os marinheiros começaraó a defacoraçoar, & ainda os soldados: mas nada Luis de Mello de Mendoça, q̄ com muito animo acodia ás cousas necessarias, entregando o leme a vm homem de muito recado, & a escota, & mais aparelhos a outros de mais confiança. O tempo era taó grosso que o már parecia que feruia, & que debaixo das ondas sayaó labaredas de fogo. De cima não tinhaó menos perigo, por que tambem parecia que as cataratas do ceo queriaó fazer outro segúdo diluuió: & com isso eraó taó grandes & espantosos os fusis, & relampados, que pasmauaó todos. Os soldados pediraó a Luis de

Mello de Mendoça que quisesse arribar, por que parecia que os elementos todos estauaó conjurados em seu dano: & que era temerida de querer ir contra a ira de Deos: por que segundo auia necessidade de homens em Diu, melhor era pouparemse pera outra conjúção, que deixaremse morrer por teima. Luis de Mello de Mendoça, muito seguro, & sem mostras de algum receo os esforçou, & animou, dizêdolhes.

Esforçados companheiros não vos espantem estas carrancas, por que algũa cousa he necessario que soframos pera chegarmos a socorrer á fortaleza d'Elrey. A honra não se ganha sem riscos & perigos: com tempo quieto & brando, pouco auia que nos agardecer. Esta he a mesma galueta em que meu primo Antonio Moniz Barreto passou este mesmo golfo: & estas mesmas tempestades, pois nos que me nos temos que elle, que não passamos por onde o elle fez? & ainda que não fora pella honra que pretendemos ganhar, só pella infamia em que cairemos, vendonos arribar de medo, nos auiamos de arriscar a mores perigos: andar por diante, & vá Deos com nosco, que elle nos encaminhará.

Todavia, como a galueta era muito pequena, & os mares taó soberbos & grandes, deixandoffe vencer delles, ficou adornada, & quasi submergida. Luis de Mello de Mendoça

Mendoça acodio com os companheiros aos baldes, com que começaraõ a lançar a agoa fora, naõ largando os homens o leme, & a escota: & quis Deos que tornou a fordir a galueta, indo todos a os baldes, deitando a agoa ao már com grandíssimo trabalho, por q̄ se a lançaõ por vm bordo, tornavalhes a entrar por todos. Vendo os soldados vm tamanho perigo, requereraõ a Luis de Mello de Mendoça que arribassem: mas elle dissimulou, mandandolhes que trabalhasssem. Vendo elles tamanha contumacia, falaraõse em segredo vns com os outros, & determinaraõ de lho fazerem fazer por força.

Disto foi elle auisado por vm Gomez de Coadros, de sua obrigação, & dissimulando se foi ás armas, & astomou todas, & as meteo em vm pequeno payol: & posto em cima d'elle com hũa espada nua na maõ, disse com grande co-lera.

Ninguem seja ousado de falar em arribarmos, por que eu ou ei de morrer, ou ei de chegar a socorrer a fortaleza d'Elrey: por isso cada vm trabalhe por se segurar, & naõ temer, que Deos irá com nosco: & folgai todos de passardes comigo a ventura que eu passar: pois naõ tendes que perder mais que eu: & se passardes riscos, & perigos: os Portugueses assi seruem o seu Rey, & pera vencerem todos

os trabalhos naceraõ: por isso naõ sejamos sós os que nos deixemos vencer delles, acuda cada vm ao que lhe he encomendado, & vamos por diante.

Com isto se callaraõ todos, & foraõ trabalhando com os baldes todo o dia & toda a noite. Ao outro dia ja sobre a tarde, nauegãdo sempre por baixo da agoa chegaraõ a auer vista da fortaleza.

Cessem aqui os encarecimentos das nauegaçoens de Vlisses, & de Eneas, que aquelles famosos Poetas Homero, & Virgilio tanto celebraraõ, em versos suaues & brandos: que isto que assi toscamente escreuemos destes nossos Portugueses, passa por tudo quãto elles fabularaõ.

Tanto que os da galueta viraõ a fortaleza, assi se alegraraõ como homens que resuscitaraõ, & demandando a barra entraraõ por ella com grande risco & perigo, & foraõ forgir á couraça, por onde foraõ recolhidos dentro, & recebidos do capitaõ, & de todos os mais, com muito grande aluorço. Luis de Mello de Mendoça affirmou ao capitaõ que dom Aluaro de Castro teria ja dado a vela, & que naõ tardaria dous dias. Foi este fidalgo com seus soldados posto no baluarte Sanctiago, de que os imigos tinhaõ ganhado a mayor parte. Ao outro dia que foraõ vinte do mes d'Agosto, chegaraõ dom Iorge & dom Duarte de Mene-  
nes,

## *Sexta Decada. Da historia da India.*

neses, ( que não passaraõ menos riscos & trabalhos q̃ Luis de Mello de Mendoza ) que foraõ recebidos com grande alegria de todos, & aposentados no mesmo baluarte.

Com a vinda destes tres fidalgos ficaraõ os da fortaleza mais defaliuados. O capitaõ desejou de festejar os novos hospedes, por q̃ lhes sintio desejo de prouarem a maõ com os imigos: & quis que ao dia seguinte cometessem lança-los fora do baluarte, & pera isto deu recado a todos, pera que estivessem prestes, querendosse tambem elle achar em pessoa naquelle negocio. Tãto que amanheceo se foi dom Ioaõ Mascarenhas ao baluarte com alguns companheiros que dos outros escolheo, & cõ todos os mais que nelle estauaõ cometeo os Mouros com taõ grande determinação, que com morte de muitos delles lhes ganhou os valos que tinhaõ feitos, & os lançou fora. Rumecan teue logo auiso d'aquelle negocio, & acodio ali cõ todo o poder, & tornou a cavalgar a estancia, sobre que ouue fazeremse cousas notauéis, & muitas mortes dos imigos, que tudo faziaõ á custa das vidas dos seus.

Rumecan tanto que tornou a ganhar aquella parte, deu vm geral assalto á fortaleza, cometendo todas as estancias, que lhe foraõ defendidas com o valor & esforço acostumado, fazendo os nossos, q̃

tinhaõ chegado de refresco, cousas muito pera se escreuerem & imitarem. Estando este negocio da batalha na força do mayor conflicto, se começou a escurecer o sol, & a se cobrir o ar de nuuens mūy grossas, & espessas, que se desfizerãõ em grandes chuueiros sobre a fortaleza. Vêdo os Mouros aquella terribel trauoada, & que por causa da agoa lhes não podia empecer o fogo dos nossos, (que era o que elles mais receuaõ) remeterãõ mūy determinadamente com os baluartes pera os ganharem: mas os Portugueses á espada & lança lhes tiueraõ o encontro com muito valor, matando, & espedaçando muitos.

Dom Duarte, dom Jorge de Meneses, dom Francisco d'Almeida, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tauora, & outros fidalgos & caualeiros, fizeraõ taõ altas proezas, que muitos dos imigos deixauaõ de pelejar pellos verem. O capitaõ correndo todas as partes, & deixando as prouidas, acodio ao baluarte Sanctiago, que estaua em mór trabalho: & metêdosse antre todos, animandoos, & esforçandoos, pelejou vm espaço grande, em que os nossos apertaraõ tanto com os imigos, que os fizeraõ afloxar. Dom Ioaõ Mascarenhas não lhe consentindo o coraçãõ, nem a obrigação de seu officio, deterse ali muito, fazendo suas lembranças áquelles fidalgos, & cau-

& caualeiros, tornou a correr as mais estácias, pera ver com o olho tudo, & prouer no de que oueſſe neceſſidade: & em todas achou a batalha muito trauada. A fortaleza toda em roda ſe desfazia em gritos, alaridos, golpes, & eſtrondos de instrumentos: em fim que tudo era confuſão. Durou eſte cõflicto (que foi o mayor de todos em que aquelles cercados ſe vi- raõ) ſeis horas, a te que o tempo começou a abrir, & o ſol tornou a aparecer.

Os Portugueſes tornaraõ ſe a proyeitar das panellas de poluora, ou das telhas, com que fizeraõ hũa grande & eſpantofa deſtruiçãõ nos inimigos, que por honra ſuſtentauaõ os lugares á cuſta das vidas, a te q̃ de todo anoiteceo, que ſe recolhe- raõ. Ficaraõ d'eſta feita mortos a os pes dos baluartes, coatrocentos, a fora mais de mil que foraõ feridos: & da noſſa parte morreraõ alguns, que auiaõ de ſer ſem nome, por que não lhos achamos. Eſta noite paſſaraõ todos os da fortaleza com grande vigia: & ao outro dia em amanhecêdo entra- raõ pella barra os nauios de dom Antonio de Tayde, & Francisco Guilherme, que rompendo a braueza, a força, & impeto dos mares, & ventos, alagados muitas vezes paſſaraõ ſempre adiante, a te deſcobrirem as torres da fortaleza: que foi pera todos cauſa de grande aluoroço. Foraõ eſtes fi-

dalgos recolhidos pella couraça, & poſtos nos baluartes ſaõ Ioaõ, & ſaõ Thome: & affirmaraõ que ao outro dia ſeria ali dom Aluaro de Castro, com o que mostraraõ por cima dos muros grandes ſinaes de alegria, tangendo, & foliando, couſa que os mais dos dias faziaõ acabados os aſſaltos, pera ſe alegrarê, & alentarem.

### CAPITULO IIII.

*De outros aſſaltos que os Mouros deraõ à fortaleza: & de um muito arriscado feito que que cometeo Antonio Correa por tomar hũa eſpia, em que foi catiuo. E do grande & aſpero martyrio que recebeo.*



**V**ENDO Rumecan q̃ começauaõ a chegar os ſocorros da India, & que em todo o inuerno não tinha feito couſa algũa, eſtando a fortaleza arrazada, & com taõ pouca gente, & que tinha perdido perto de cinco mil homens: começaraõ-no a entrar mûy grandes deſconfianças d'aquelle negocio: por que bem entendeo que como foſſe tempo melhor, auiaõ de vir muitos ſocorros, & ainda a peſſoa do Governador: & que como elle chegaffe, não ſe auia de deixar eſtar

*Sexta Decada. Da historia da India.*

estar cercado, antes o auia de ir buscar a suas estancias. Causauão lhe estes discursos muito grande malenconia, & tristeza, que elle dissimulaua o melhor que podia, pellos seus o não entenderem, & não se lhe irem, & todauia parecêdolhe que era obrigação proseguir naquelle negocio, mandou fazer hũa grande mina no lanço do muro que ya do baluarte são Ioaõ a te a guarita de Antonio Paçanha: & começandosse a obra foi sintida dos nossos. O capitaõ acco- dio com muita pressa a fazer suas contraminas, & reparos: & outro muro muito grosso pella banda de dentro, em que trabalhauão todos os fidalgos & caualeiros de mistura, com as honradas matronas.

Os Mouros acabada a mina de raõ lhe fogo, & arrebrandando deu com o muro pera fora, ficando o q̄ estaua feito pella banda de dentro: & ao dar do fogo remeterão pera entrar a fortaleza por ali, cuidando ficasse tudo aberto, mas achandosse com outro muro diante, voltaraõ com todo o poder pera a guarita de Antonio Paçanha, que com a furia do fogo cayo vm bom pedaço: & posto que á cometeo brauissimamente, fez pouco, por que os nossos lha defende- raõ de feição, que com grande dano seu os fez afastar. Em quanto isto durou, das estancias dos imigos baterão toda a fortaleza em

roda: & como todos os baluartes estauão razos, cairão tantos pilottiros dentro, que parecia q̄ chouiaõ, sem fazerem dano algum nos nossos, o que se notou á milagre: auêdo que Deos os fauorecia, & tinha os olhos nelles, & assi se lhes encomendaraõ de coração: & andauão todos taõ contritos, & arrependidos de seus peccados, que era grande consolação pera elles.

Este dia ficou este assi, recolhêdosse os imigos tambêm arrezoadamente escalaurados. Rumecan blasfemaua de Mafamede, vendo tantos maos socessos, & como desesperado tornou ao outro dia cometer a fortaleza com todo o poder, fazendo elle em pessoa ao baluarte são Thome; tendo dado recado, que em quanto elle o cometia, se batessem as outras estancias, como fizeraõ. Os imigos remeterão com o baluarte com grãde determinação, trauandosse antre elles, & os nossos, hũa mūy aspera batalha, em que elles não receuaõ pèrder as vidas, por que como brutos se metiaõ pellas armas dos nossos. E tanto porfiaraõ que sobiraõ ao baluarte, & tornaraõ a ganhar aquella parte que ja tiueraõ, a onde aruoraraõ suas bandeiras. D'ali começaraõ com os nossos a mais aspera & cruel batalha que se vio, lançando os Mouros tanto fogo sobre os de dentro, que os abrazaraõ a todos.

Antonio Moniz Barreto, que aqui fez grandes marauilhas, ficou todo ardêdo em chamas sem largar o lugar, (o que todos fizeraõ pera se irem banhar nas tinas da agoa) não ficando ali mais que elle, & dous soldados que pelejaraõ como lioens: & todavia apertou tanto o fogo com Antonio Moniz Barreto, que se foi saindo pera ir buscar as tinas da agoa. Vm d'aquelles soldados, que tãbem estava abrazado, fazendo façanhas nunca imaginadas, vendo afastarse Antonio Moniz Barreto: tomou o por vm braço dizendolhe, que he isto senhor Antonio Moniz, a onde ides, & deixais o baluarte de Elrey? Não deixo respondeo elle, mas estou ardendo viuo, & vou áquellas tinas pera matar este fogo. O soldado lhe disse: em quanto as mãos estaõ sans, & podem pelejar, tudo o outro he nada, tornay senhor a voltar, não acabem os Mouros de ganhar este baluarte. Antonio Moniz Barreto vendo o esforço do soldado, voltou, & se pôs junto d'elle, tornando a pelejar como se entrara de nouo n'aquelle lugar.

Aqui esteue a couisa de todo perdida, por q̄ os inimigos, q̄ a cada momento eraõ ceuados de outros de refresco, apertaraõ tanto com esses poucos q̄ auia no baluarte, q̄ sempre acontecera vm grande desastre, se áquella hora não acodiraõ alguns dos nossos de refresco, que

apertaraõ com os inimigos de feição, que os lançaraõ fora, (fazendo aquelles dous soldados, a que não achamos os nomes, taes cousas, que pasmou Antonio Moniz, principalmente aquelle que o deteu, a quem elle leuou nos braços depois do combate passado, dizendolle palauras de grandes lououres: pedindolhe que quando se elle embarcasse pera o reino se fosse com elle, que o apresentaria a Elrey, & lhe diria seus feitos, & o faria despachar, & assi foi q̄ quando Antonio Moniz Barreto chegou ao Reino, o desembarcou comsigo, & o entregou ao Iffante dom Luis, contandolhe tudo o que com elle lhe acontecera. O Iffante o tomou por seu, & lhe fez dar a feitoria de Baçaim, que elle não siruiu por morrer primeiro, & ficou sempre conhecido pello soldado do fogo.)

O que se mais louua em Antonio Moniz Barreto, foi a confiança com que contou a Elrey, & ao Iffante, o como o soldado o fizera tornar pera o baluarte, indo elle buscar as tinas da agoa: & que sem duuida o baluarte se perdera, se o soldado não fora. E com este homem ser por isto dino de outro tão honroso sobre nome, como os Romanos deraõ a Manlio Capitolino por defender o Capitolio a os Gallos, foi o descuido Portuguesal, que nem nome, nem sobre nome ficou d'elle.

*Sexta Decada. Da historia da Índia.*

E tornando a nossa historia, lançados os Mouros do baluarte ficaraõ no entulho de fora, de tras dos reparos que tinhaõ feitos, & d'ali as lançadas, & espingardadas, pelejauão cõ os nossos todo o dia, sem tomar descanso. O capitaõ mandou reparar o baluarte, & fazer hũa parede alta & grossa, com q̃ os nossos ficaraõ mais seguros.

Ao outro dia depois q̃ isto passou, mandou o capitaõ a Antonio Correa q̃ fosse em vm catur ligeiro á outra banda, & q̃ trabalhasse por tomar algũa espia, pera se informar do que determinaua Rumezan. Embarcado Antonio Correa no coarto da modorra com vinte soldados passouse á outra bãda em grande silencio, & chegouse á terra, pera ver se sentia algũa gente, a onde estiueraõ a te de madrugada que se recolheraõ sem fazer cousa algũa: & por esta maneira foraõ cinco noites, sem fazer preza algũa, do que Antonio Correa andaua triste. E dizendolhe hũas vigias de vm dos baluartes da fortaleza, que viaõ todas as noites vm fogo no cabo da ilha, determinou de ir ver o que era. E saindosse pella barra fora foi costeandosse a terra no môr silencio que pode: & chegando áquella parte vio o fogo: & pondo á proa em terra vm pouco desuiado, saltou nella só com hũa espada & rodela, & foi muito encubertamente demandar o fogo: & sendo perto

vio estar doze Mouros assentados derredor de hũa fogueira aquentandosse: o que muito bem pode diuisar, por que a labareda os descobria todos: & voltando pera o catur chamou os soldados, & tornou pera dar nelles: & chegando perto viraõ ainda os Mouros. Antonio Correa disse aos companheiros muito passo, aqui temos boa preza, vamos por duas partes, dez por cada hũa: & demos nelles de supito, & tomemos dous as mãos, & todos os mais se mettaõ a espada. Os vijs soldados tanto que aquillo viraõ perderaõ o animo, & a vergonha, & disseraõ que aquelle negocio era muito arriscado, que elles naõ queriaõ cometer cousa duuidosa: por que pela ventura seriaõ os Mouros muitos mais que estariaõ por ahi derredor que acodiriaõ, & nenhum delles escaparia com vida, & sem esperarem rezaõ algũa voltaraõ pera o nauio.

Vendo Antonio Correa tamanha infamia & couardia em Portugueses, cousa taõ alhea delles, magoado d'aquelle negocio, que lhe acrecentou a ira, & furor: encomédouse a Deos, & determinou de cometer os Mouros. E indoõs demãdar mũy agachado, sendo ja perto deu de supito nos que alcançou com grandes gritos pera os espantar, & ferio alguns bem a sua vôtade. Os Mouros sobrefaltados espertandoos a dór das feridas, leuaraõ

leuaraõ das armas, & começaraõ de se defender, & vendo q̄ era vm só homé, ficaraõ como pasmados, & rodeandoo o começaraõ a perseguir: mas o esforçado caualeiro naõ desmayando, nem temendo cousa algũa, com sua espada & rodela se pós em defençaõ, saltando a hũa & a outra parte mûy ligeiramente, ferindo aos imigos de feridas mortaes. Mas como era vm só, & a briga durou muito, começaraõ lhe a faltar as forças, & sobejandolhe o animo: Os Mouros sintindoo enfraquecer, remeteraõ a elle & o liaraõ todos, bracejando elle, mordendo, & fazendo cousas de que os Mouros pasmaraõ. E como desejavaõ de o levar viuo a Rumecan, o ataraõ, ainda q̄ com bem de trabalho: & com grandes tangeres, & festas o leuaraõ a cidade, & lho apresentaraõ, contando-lhe as façanhas que lhe viraõ fazer, mostrando os mais delles muitas & mûy disformes cutilladas q̄ lhe elle deu.

Rumecan o estimou muito, & lhe perguntou pello estado da fortaleza, & que gente tinha, & se se esperaua cedo pello socorro de Baçaim: & se auia nouas de se o Guernador fazer prestes pera vir socorrer a fortaleza, & por outras muitas cousas. Antonio Correa lhe respondeu a tudo muito differête do q̄ o Mouro desejava, affirmandolhe q̄ na fortaleza auia coatroçetos homés, & q̄ tinhaõ de refres-

co muitas muniçoês, & q̄ a te õ outro dia se espera pello filho do Guernador, q̄ ja era partido de Baçaim cõ seiscetos homés, & q̄ o Guernador em Goa fazia hũa grande armada, & que esperaua pellas naos do reino pera se embarcar, & que sempre traria de ventagem de coatro mil Portugueses, & outras cousas desta sorte, de q̄ Rumecan ficou taõ agastado, que o mandou amarrar ao cabo de vm caualo, & tanto que amanheceo o mandou levar arrastando pella cidade, pera que todos o vissem, & depois lhe mandou cortar a cabeça.

Todos estes martyrios soffreu o caualeiro de Christo com grande paciência, & cõ o coraçãõ todo em Deos, pedindolhe misericordia, & perdaõ de seus peccados, offerecedolhe por elles aquelles torméto & morte, q̄ por hõra de sua sancta fé passaua. E de crér he que sua alma subiria banhada no quête sangue a gozar da gloriosa coroa de martyrio, & seria recebida antre os bemaumentados. Sua cabeça foi posta em hũa lâça defrõte dos nosos baluartes saõ Ioaõ, & saõ Thome, onde foi vista tanto que amanheceo. Os vijs & fracos soldados q̄ o deixaraõ, se foraõ meter no nauio, & esperãdo por elle a te amanhecer, vêdo q̄ tardaua deraõ á vela pera a fortaleza, a õde chegaraõ ao mesmo tẽpo q̄ a cabeça do seu valéte & esforçado capitaõ apparecia posta na lâça, acõpanhada d'a-

## Sexta Decada. Da historia da India.

quella infernal turba, q̄ com vozes gritas, & tangeres, mostrauão o cōtento d'aquella vitoria.

A cabeça foi logo conhecida dos baluartes, & causou em todos hũa grande tristeza, principalmente no capitaõ por perder vm tal, & taõ esforçado companheiro nos trabalhos d'aquella fortaleza. O nauio chegou á couraça, & os soldados se recolherão dentro, de quem o capitaõ soube logo a verdade, particularmente de vm delles, que lha cõfessou assi como passara, ficando admirado de tal successo: por que aquelles homẽs em todo o discurso do cerco tinhaõ feito façanhas, & recebido por muitas vezes muitas feridas: & todauia naõ os quis ver, por que o tempo naõ estaua pera proceder em outra forma contra elles: deixando-lhes por castigo a infamia com que ficaraõ, que elles purgaraõ assas bem, depois nos assaltos, assinalandosse diante de todos, & morrendo alguns de muitas feridas que lhes deraõ nos lugares em que estauaõ, sem os quererem largar.

### CAPITULO V.

*De algũas cousas que mais socederãõ. E do que aconteceu na viagem a dom Aluaro de Castro. E de vm grande motim que ouue dos Portugueses cõtra o capitaõ.*



ESTE successo de Antonio Correa ficaraõ os Mouros taõ soberbos, que se arriscaraõ alguns a fazerem sortes: como foi vm que ao outro dia determinou de tomar hũa bandeira, que estaua aruorada em hũa guarita, que se fazia antre o baluarte saõ Thome, & Sanctiago: & saindo das estancias só, & muito agachado chegou ao pé da guarita, & sobio pellas quebradas do muro, & chegou a te a bandeira de que ferrou, sem a poder arrancar: & tornou a saltar em baixo, & se recolheu. Como isto foi supitamente feito, naõ tiueraõ os nossos tempo pera lhe atirarem com algũa couisa. O Mouro vendo o pouco risco q̄ correo, deseioso de leuar aquella bandeira a Rumeacan, tornou acometer a mesma sorte, & ja naõ pode ser taõ encuberto, que naõ fosse visto d'alguns soldados de vm d'aquelles baluartes: & vendoo cometer a subida prepararaõ as espingardas, & em elle pegando da bandeira lhe deu vm pilouro pellos peitos de que logo cayo, & acodindo alguns d'aquelles soldados, lhe cortaraõ a cabeça, & a aruoraraõ em hũa lança defronte donde estaua a de Antonio Correa, o que Rumeacan sintio muito. Os Mouros que estauaõ no entulho do baluarte saõ Thome, foraõ fazendo muros & repairos cada vez mais pera dẽtro,

tro, a te se fazerem senhores da mór parte delle: & sempre o ganharaõ todo, se o capitaõ com sua muita prudencia, & prouidencia naõ acodira logo com vm bazalisco que mandou leuar á porta da igreja, donde se descobria todo o baluarte, & d'ali mandou bater as estancias, & tranqueiras que os Mouros tinhaõ nelle. O que se fez com tanta braueza, que com poucos tiros lhes poseraõ as paredes por terra, desemparrando os Mouros o baluarte, que o capitaõ mandou reformar o melhor que pode ser.

E deixaremos estas cousas por vm pouco, por que he rezaõ torne mos a dom Alvaro de Castro: que depois de reformar sua armada muito bem, logo d'ahi a dous dias, depois que partiraõ dom Jorge, & dom Duarte de Meneses deu elle á vela, com cincoenta nauios que ajuntou com os das fortalezas de Chaul, & Baçaim, & começou a atraueffar o golfo: mas como a braueza delle naõ cessaua, & os nauios eraõ grandes, & peçados, naõ podendo sofrer os mares, tornaraõ a arribar em popa, quasi perdidos, & alagados: & foraõ demandar diferentes portos: dom Alvaro com a mór parte dos nauios foi ferrar Agaçaim, com todos desaparelhados, & os mantimentos podres, & alijados ao már. Estaua por capitaõ naquella Tanadaria Luis Xira Lobo, homem fidalgo, que

com muita presteza, & diligencia reformou os nauios, & os proueo de todas as cousas necessarias.

Antre os mais nauios que foraõ correndo tormenta pera diferentes partes, foi o de que era capitaõ Athanasio Freire: este indo demandar a terra, foise metendo na ençada de Cambaya quasi alagado, & desaparelhado, & em estado que se assentou antre todos, que varassem na primeira terra que podessem tomar, por que era menos mal q̄ deixarem se morrer afogados: & así foraõ encalhar junto de Surrate, & saindo todos em terra foraõ catiuos da gente que acodio, & leuados a Elrey Soltaõ Mahamude, que os mandou meter em hũa masmorra, a onde tinha Simaõ Feo, & outros Portugueses. Ruy Freire feitor de Chaul (que largou o cargo, & se embarcou em vm nauio em companhia de dom Alvaro de Castro com vinte & coatro soldados, & muitos mantimétos, & muniçoës, tudo á sua custa) quis sua boa fortuna que o seu nauio soffresse melhor os mares que os outros, & passando a diante foi nauegando aquelle dia & noite com grãde risco & trabalho: & ao outro dia ouue vista da costa de Diu, a que se chegou, & de longo della foi demandar a fortaleza, & entrou pela barra dentro o mesmo dia que socedeo a sorte da bandeira ao Mouro: & forgindo na couraça

*Sexta Decada. Da historia da Índia.*

forão recolhidos por ella cõ grande alegria & contentamento de todos. E de Ruy Freire soube o capitaõ como ja dom Aluaro de Castro vinha cõ toda a armada, por q̃ ainda não sabia de sua arribada. Isto causou em toda a fortaleza grandes aluoroços, fazendosse tantas festas & alegrias, que se sintiraõ nas estancias dos Mouros, que logo souberaõ todas as nouas.

Dom Aluaro de Castro, & dom Francisco de Menezes, tanto que se reformaraõ em Agaçaim, tornaraõ a cometer o golfo, que ainda acharaõ colerico & furioso, mas passando por todos os inconvenientes, rompêdo por riscos, & por perigos, foraõ auer vista da outra costa, por junto de Madrefaual: & juntamente ouueraõ vista de hũa nao d'Elrey de Cambaya q̃ vinha de Ormuz. Dõ Aluaro de Castro pôs os nauios em armas, & a foi demandar, & chegando perto lhe atirou hũa bombardada a amainar, o que ella logo fez, cõfiada no saluo conduto que trazia, por que tinha partido em tempo de paz com elle. O capitaõ da nao tomou o Cartaz, & se embarcou com os officiaes no batel, & se foi ao nauio do capitaõ mór: elle como os teue dentro os represou, & mandou meter gente na nao, & que lhe leuassẽ todos os mercadores, que logo se meteraõ em ferros. Feito isto, despedio logo dom Aluaro de Castro a nao ao Governador, pe-

ra determinar se era de preza, & meteolhe dentro vm capitaõ com gente. Esta nao em poucos dias foi tomar a barra de Goa, & os mercadores foraõ desembarcados presos, & a fazenda tirada, q̃ era muito coral, alcatifas, chamalotes, larrins, & outras cousas q̃ tudo montaria perto de trinta & cinco mil pardaos: o que tudo foi a muito bom tempo, pera as despezas da armada que se estaua fazendo prestes.

Dom Aluaro de Castro tanto que despedio a nao, foi sua derrota a te tomar a barra de Diu, por onde entrou com toda a armada que passaua de corenta nauios, fermosissimamẽte embandeirados, dãdo hũa soberba salua de artelharia, cujos pilouros foraõ dar nas estancias dos Mouros, & por dentro da cidade, a onde causaraõ affas de temor. Da fortaleza lhe responderaõ com outra salua mais temerosa, por ser com bazaliscos, aguias, saluagens, & outras peças muito grossas. Dom Ioaõ Mascarenhas acodio com grande aluoroço á porta, & a mandou abrir pera por ella receber dom Aluaro de Castro, que desembarcou no cais, armado elle & todos os da armada, que seriaõ perto de quatrocentos homens: & á porta da fortaleza foi recebido do capitaõ, com grandes festas, & aluoroços de todos. Dali foi leuado as roinas do baluarte são Ioaõ, a onde seu irmão dom

dom Fernando de Castro acabou a vida, pera que nelle tomasse della mûy grande satisfaçãõ : & ali o apofentaraõ com alguns dos seus capitaens. Dom Francisco de Meneses, foi posto no baluarte saõ Thome, de que sempre foi capitaõ Luis de Soula, & os mais capitaens se repartiraõ pellas outras estancias. Dom Alvaro de Castro mandou desembarcar os mantimêtos, & monçoens que nos nauios vinhaõ, de que ja auia bem de necessidade: & com isto ficou a fortaleza muito differente do estado em que d'ãtes estaua, & com muito perto de seiscentos homês, que ja enchiaõ os baluartes & estancias.

Dom Alvaro de Castro, o mesmo dia que chegou despidio o seu nauio com cartas ao Governador, em que lhe daua conta de sua chegada, & do estado em que achou aquella fortaleza: & dô loaõ Mascarenhas o fez tambem de todos os socessos passados a te entaõ. Vendosse o capitaõ taõ prospero de gente, dauasselhe pouco ja dos imigos, & quis lhes mostrar quaõ cedo os auia de defenganar de todo: mandando logo asseltar tres camellos de marca mayor, em tres estancias fronteiras as dos imigos, & as mandou bater fortemente, & fez nellas tal estrago, que foi forçado a Rumecan fortificar se mais.

E por que nas roinas do baluar-

te saõ Thome, ficou vm façanhoso bazalisco enterrado, tratou o capitaõ de o tirar, pera o que mãdou ordenar cabrestantes & engenhos, mas nada bastou, por muito que todos trabalharaõ. E vendo que era trabalho em vaõ, mandou o liar com dous viradores grossos, pera o segurarem dos imigos: mas nem isto aproueitou, por que os imigos siruindosse por baixo das ruas & pontes, determinaraõ de acabar de derribar aquelle baluarte: & assi o foraõ solapando pellos fundamentos, a te que arrunhou de todo, & cayo pera muitas partes, ficando o bazalisco suspendido nos viradores. Isto socedeo coa tro dias depois da chegada de dô Alvaro de Castro. Vendo os Mouros todo o baluarte derribado, & o bazalisco dependurado, determinaraõ de o ganhar: & assi saindo de suas estancias com todo o poder, & com os terremotos acostumados, remeteraõ com o baluarte por onde começaraõ a sobir, & outros a dar cabos ao bazalisco por que tiraua muita gente pera o leuarem. Dom Francisco de Meneses que ali estaua de refresco acodio com os seus, & remetendo com os imigos, trauou com elles hũa muito arriscada batalha, trabalhando muito os Mouros por se porem em cima do baluarte: Mas como os nossos pelejauaõ ja mais defafogado, & com mais brio, pello nouo socorro, foi-

*Sexta Decada. Da historia da India.*

lhes muito facil, lançarem os inimigos fora do baluarte, & os fizeraõ recolher a suas estácias, com mortes & feridos de muitos dos Mouros . O capitaõ mandou vigiar se auia mina pera prouer nisso.

Os soldados da armada de dõ Alvaro de Castro , ouuindo falar em minas, tendo sabido o defastra do socesso do baluarte saõ Ioaõ, receando acõtecerlhes outra defa- uentura, & que todos os baluartes estiuessem minados, ajuntandosse quali coatrocentos postos em armas , juramentaraõse a seguirem todos a voz a vim: & depois fairoã pellas ruas com grande motim, & arrogancia, bramindo, & gritaõ, dizendo que naõ auiaõ de sofrer estar encurralados, & virem lhe os inimigos tomar as peças d'artelharia dos seus baluartes , & que naõ queriaõ morrer debaixo de minas, se naõ no campo antre os inimigos, como caualeiros. Com esta vniao, & determinação se foraõ a casa do capitaõ, & com palauras arrogantes, & desordenadas lhe requere- raõ que os deixasse ir pelejar no campo com os inimigos, & que se elle tinha ja ganhado muita honra na defensão da fortaleza, que muito mais ganharia pelejando no campo, & naõ aguardar ali a furia, & braueza do fogo das minas: por que naõ era honra dos Portugue- ses morrerem encerrados, & de fome , tendo a vitoria taõ certa como todos esperauaõ . O capitaõ

achouse embaraçado com aquel- la vniao, a que acodiraõ dom Al- uaro de Castro, & dom Francisco de Meneses, (que ja tinhaõ rebate disto) pera os apaziguarem , sem poderem acabar com elles cousa algúa. O capitaõ com muita brandura & mansidaõ lhes pedio se quietassem, & que o ouuisssem, & se lhes naõ desse razoens muito licitas pera naõ cometerẽ o que que- riaõ , que elle estaua prestes pera lhes fazer a vontade em tudo . E querendo ir por diante com a pra- tica lha atalharaõ , começando a bradar, que aquillo era couardia & fraqueza: que se elle naõ queria sair ao campo , que elles elegeriaõ antre si capitaõ que os guiasse, por que naõ auiaõ de sofrer tanta soberba aos inimigos , que tenhaõ ou- sadia pera lhes leuarem as peças d'artelharia de dentro do baluar- te, por que ao outro dia tentariaõ outra cousa de mór afronta, & vi- tuperio pera elles . Vendo o capi- taõ aquelle defatino , disse que se fosssem quietar , que elle lhes faria as vontades contra a sua, & contra o seruiço d'Elrey , & que se fizesssem prestes pera o outro dia pella menham, que elle os meteria a onde se arrependessem . Com isto se foraõ recolhendo , ficando o capi- taõ assombrado d'aquelle nego- cio : por que via quaõ arriscado era. Todo aquelle resto do dia, & toda a noite trabalharaõ dom Al- uaro de Castro, & dom Francisco de

CAPITULO VI.

*De como dom Joaõ Mascarenhas por desconfiança sayo a os imigos, & lhes ganhou as primeiras estancias, & a parede: & os cometeo no campo a onde foi desbaratado, & morto dom Francisco de Meneses, & outros fidalgos.*



O outro dia tanto que amanheceo, armandosse os soldados do motim se forraõ juntos ao terriro da fortaleza, chamando a altas vozes pello capitaõ, & pedindo batalha, com palauras mûy soberbas, & desordenadas. Dom Alvaro de Castro, & dom Francisco de Meneses, acodiraõ logo pera os quietarem com branduras, mimos, & promessas, o que tudo era pior: por que quanto mais lhes diziaõ, tanto mais destemperados se mostrauaõ. O capitaõ entrandolhe a desconfiança, disse a dom Alvaro de Castro, & a dom Francisco de Meneses: Ora em fim senhores façamoslhes as vontades, & encomendemonos a Deos. E encarregando as estancias a seus capitaens repartio por ellas cem homens: & de todos os mais, que eraõ perto de quinhentos, fez tres batalhas, dando as duas a dom Alvaro de Castro, & a dom Francisco de Meneses,

de Meneses, & o padre Vigairo, com os mais fidalgos, & capitaens pera os moderar, sem os poderem mouer de sua pertinacia. Bem diferente do que fizeraõ aquelles valentes soldados Romanos, que aleuantados contra o seu Dictador, Quinto, Fabio, Maximo, pera que desse batalha a Anibal, com outra semelhante arrogancia & soberba á destes nossos Portugueses: & dá-dolhes o bom velho Fabio suas rezoens, & apontandolhes os inconuenientes que tinha pera não romper batalha com os imigos, tiueraõ tanta força & auctoridade suas palauras, que os fogeitaraõ, moderaraõ, & apaziguaraõ de todo. Por que as leys da disciplina militar, que antre nos falece, os trazia mûy enfreados. E se antre as virtudes que os Portugueses tem, como saõ fortaleza, valor, & fidelidade, tiueraõ esta da disciplina militar, & da obediencia na guerra, poderaõ fazer em tudo ventagem áquelles antigos Romanos, & ainda a todas as mais naçoens do mundo. Nem se pode negar que este motim destes Portugueses, foi hũa temeridade guiada de seus esforçados & grandiosos animos, que lhes fazia parecer que tudo pera elles era pouco, & facil.

(:)

*Sexta Decada. Da historia da India.*

neses, & a outra tomou pera si. E postos em ordem sairão da fortaleza pello postigo, & remeterão cõ as estancias, que os inimigos tinham á boca da caua, & aos primeiros encontros as ganharaõ com mortes de muitos Mouros, fogindo os mais pera o exercito, indo os nossos a pos elles. E chegando as paredes (que estauão ja com as portas fechadas) as comearão a sobir.

- Dom Aluaro de Castro pedio a
- Iorge de Mendoça, & a seu irmão
- Luis de Mello, que o ajudassem a sobir ao muro, & que tiuessem o olho nelle, o que elles fizeraõ pondo em cima, & elles logo a pos elle saltaraõ da outra banda. O mesmo fez dom Fráncisco de Meneses com os mais da sua cõpanhia, sendo os primeiros Antonio Moniz
- Barreto, Garcia Rodriguez de Ta-uora, dom Iorge, & dom Duarte de Meneses, dom Francisco, & dõ Pedro d'Almeida irmãos, & outros fidalgos & caualeiros, que foraõ com grande determinação pera darem no exercito.

- Rumecan, Iuzarcan, & Mojatecan, acodindo cõ seus escoadroens fora, deraõ com os nossos, comecandosse antre todos hũa muito
- aspera batalha, mûy desarranjada,
- & sem ordem algũa da nossa parte. Dom Francisco de Meneses tinha ajuntado a si a mór parte do seu escoadraõ, com que cometeo
- os inimigos pello alto do jogo da bolla, (por que ali foi a batalha) &

rompendo nelles com grande furia & força, animando, & esforçando os seus, foraõ fazendo grande destroço nos Mouros. O capitão cõ o guiaõ de Christo que ya vm pouco atras, chegou as paredes vm espaço pequeno, depois de dom Aluaro de Castro, & dom Francisco de Meneses estarem ja da outra banda, & achou os principaes soldados do motim embaraçados nas paredes, & sem as oufarem a sobir: por que des que viraõ a grossura & altura dellas ficaraõ como pasmados. Elle vendo os assi chegou a elles dizendo alto: Que he isto, oufados & atreuidos nas palavras, & taõ timidos & couardes nas obras? que do vosso brio, & arrogancia, ou pera melhor dizer, o vosso mal considerado esforço? como não sobis effas paredes? que medo he o que vos ata as mãos, tendo á taõ pouco a lingua taõ solta? seguime que eu vos guiarey a onde estaõ os inimigos, & quero ver se os achaes taõ fracos como dizeis. E cometendo as paredes as sobio, seguindo todos mais por vergonha que por vontade (bem arrependidos do que tinhamõ cometido.) E saltando da outra banda comete-raõ os inimigos, que andauão baralhados com dom Aluaro de Castro: & com aquelle primeiro impeto os arrancaraõ vm pouco do campo. Dom Francisco de Meneses, que pella parte de cima pelejaua, tendo feitas muitas cousas di-

nas de quem era, & muito grande estrago nos Mouros: parece que enuejosa a fortuna de sua virtude & esforço, ordenou que lhe desse vm pilouro de vm arcabuz, que o passou de parte a parte, desbaratando em vm muito pequeno momento taõ grandes forças, & taõ honrosos pensametos. Os seus em o vendo cair logo se foraõ retraindo desordenadamente. Dom Alvaro de Castro na parte em que pelejava, carregava sobre elle vm grande esquadraõ, & foraõ tantas as espingardadas & frechadas sobre os seus, que lhe cayraõ muitos, & a mór parte dos outros começaraõ a perder o campo. Vendosse dom Alvaro perdido se foi recolhendo pera as paredes com o rosto nos inimigos, pelejando sempre com muito valor & esforço. Vendo Jorge de Mendoça a cousa taõ arriscada (posto que tinha hũa espingardada em hũa perna) tomou dom Alvaro de Castro nos braços, pera o por encima da parede, mas a fraqueza lho naõ deixou fazer, & todavia acodiolhe seu irmão Luis de Mello, que o ajudou a sobir. Neste trance deraõ a dom Alvaro de Castro hũa pedrada na cabeça, de que cayo da outra banda atordado. Luis de Mello pós tambem o irmão em cima da parede, ficando embaixo elle, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tauora, & outros fidalgos, que fizeraõ cousas notaveis, susten-

tando o impeto dos inimigos, em quanto os outros sobiaõ. Aqui deraõ hũa espingardada em Luis de Mello de que cayo, mas foi logo aleuantado pellos' companheiros, & posto em cima da parede, & recolhido, & leuado á fortaleza, & depois foi morrer a Chaul da ferida. O capitaõ na parte em que andava, teue logo auiso da morte de dom Francisco de Meneses, & do desbarato de dom Alvaro de Castro: & no mesmo tempo lhe gritou vm soldado, que acodisse á fortaleza, que era tudo perdido, primeiro que os Mouros entrassẽ nella: & tomando estas novas com grande paciencia & animo tocou logo a recolher.

Os seus tanto que souberaõ d'aquella desaventura começaraõ a se por em disbarato. Vendo elle a desordem com que alguns se recolhiaõ, acodio a isso, dizendo:

Que he isto soldados, que vergonha he essa? como arriscais assi a fama Portuguesa por vm pequeno temor da morte? a onde vos ides? esperais de vos salvar deixando o vosso capitaõ no campo? Tornai valerosos caualeiros, & seguime, que oje auemos de alcançar hũa famosa vitoria: & com isto voltou a ter o encontro aos inimigos, que carregavaõ sobre elles como homens vitoriosos. O capitaõ com alguns que o seguiraõ, fizeraõ aqui tudo o que se podia esperar de seu animo & esforço, matando,

& derri-

*Sexta Decada. Da historia da India.*

& derribando muitos dos imigos. Aqui mataraõ dom Frãcisco d'Almeida de hũa arcabuzada, tendo feito por seu braço coufas muito notaueis. Dom Ioaõ Mascarenhas vêdo tudo perdido, andaua como liaõ brauo antre os imigos, com o rosto cheyo de pó, & suór, as armas todas banhadas em sangue, & cortadas por algũas partes, a espada ja sem fios de cortar pellas armas dos imigos: & gritádolhe vm soldado que se recolheffe por que tudo se perdia, elle o fez com grãde magoa, & dór de seu coração, leuando os seus mûy bem ordenados, & o rosto sempre nos imigos. Os da companhia de dom Aluaro de Castro, que pelejauaõ encurralados ao muro: fizeraõ todos coufas dinas de muito mayor escritura, por que ali carregou Rumecan com o seu esquadraõ, apertando tanto com elles, que encrauarã nas paredes Ruy Freire, Francisco Guilherme, & outros: os mais ajudandosse vns aos outros o melhor que poderaõ sobiraõ o muro. Lopo de Sousa ficou a hũa parte cercado de vm corpo de Mouros, & elle em meyo de todos como liaõ feroz, ferindo a hũa & a outra parte, a te que lhe deraõ com vm dar do de arremesso pollos peitos de que cayo morto. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Ta-uora, dom Duarte, & dom Iorge de Menezes, ( que trazia defassete feridas, que o fûror lhe não deixa-

ua sentir ) com outros fidalhos & caualeiros, com o rosto nos imigos & as costas na parede, fizeraõ coufas admiraucis, & não esperadas de taõ poucos homens, & taõ cansados, ficando todos em barreira às frechas dos imigos, de que todos estauaõ bem empenados, & toda-ua tinhaõ diante de si vm monte de mortos.

Rumecan vendo todos os nossos desbaratados, mandou a Mojatecan, que com cinco mil homẽs fosse demandar a fortaleza, & se meteffe nella, por que os que escapsem da batalha não tiueffem a onde se acolher, & asy acabassem todos. Mojatecan foi pello muro adiante a te hũa porta que mãdou abrir por onde sayo, & foi demandar o baluarte saõ Thome, cuidãdo que estiueffe sem gente: mas Luis de Sousa com seus companheiros o começaraõ a fostigar de bombardadas & espingardadas, de que lhe mataraõ muitos. O capitaõ foi logo auifado d'aquelle negocio, & recolheose pella bãda da praya em muito boa ordem, voltando aos Mouros de quando em quando, fazendoos afastar a te terem lugar pera caualgarem as paredes, & de cima com a arcabuzaria varejaraõ o campo, pera todos os mais terem tempo de se recolharem, como fizeraõ: & na ponte acharaõ a gente da companhia de dom Aluaro de Castro, que estauaõ fauorecendo os q̃ chegauaõ. Aqui

Aqui soube o capitão, como dom Alvaro de Castro era recolhido na fortaleza com a cabeça tão mal tratada, que auiaõ todos que não escaparia, o q̄ elle sintio em estremo. E recolhendosse á fortaleza mūy anojado foi ver dom Alvaro de Castro, que achou curandosse, & sem fala: encomendãdo ao Suruijãõ, tiuesse muito grande conta com sua cura, & com a de todos os mais feridos, que foi ver curar.

Ficaraõ d'esta caualgada mortos dos nossos, trinta, em que entraraõ os fidalgos que ja nomeamos, & setenta mal feridos, todos capitaens & fidalgos, em que entrava Nuno Pereira, que ficou pior que todos. O capitão quise-  
ra morrer de paixãõ do feito, & segundo a coula esteue arriscada, ainda lhe fez Deos mūy grande merce, em se não perder de todo. No baluarte saõ Thome peleja-  
uaõ com Mojatecan brauissimamente: & acodindo os que escaparaõ da batalha o fizeraõ recolher com muitos dos seus menos, & feridos.

## CAPITULO VII.

*De como os Mouros ganbaraõ as peças da artelbaria do baluarte saõ Thome. E de como Rumecan mandou fazer hũa noua cidade junto da nossa fortaleza. E das naos que este*

*anno de corenta & seis partiraõ do Reino, de que era capitãõ mōr Lourenço Pirez de Tauora. E de como dom Manoel de Lima chegou a Goa. E das nouas que de-  
raõ ao Governador dos soccessos de Diu, & do socorro que mandou.*



O outro dia depois que passou o triste & desafortunado soccesso, achandosse mal Nuno Pereira, pedio licença ao capitãõ para ir morrer a Goa, a sua casa: a onde era casado de pouco, & rico, & dandolha se embarcou no seu nauio, & se fez á vela: escreuendo dom Ioã Mascarenhas ao Governador o soccesso passado, pedindolhe que se apressasse ao ir socorrer: & de sua viagem adiante daremos rezaõ.

Rumecan vêdo a grãde vitoria q̄ alcãcou dos Portugueses, ficou tão soberbo, que ja lhe não daua da vinda do Governador, & logo mãdrou profeguir na obra do baluarte saõ Thome, com tençaõ de o por no andar da caua: & assi o foraõ sol lapando tanto por baixo, que não se podendo ja sustentar o pezo do bazalisco (que ficou em vaõ) quebraraõ os viradores, & cayo em baixo, & cõ elle vm fermoso liaõ, q̄

sempre ali esteue . Rumecan aco-  
 dio áquella parte, & os mādou re-  
 colher, sem os nossos lhe poderem  
 valer, o que o capitão sintio mui-  
 to, & o ouue por grande afronta.  
 E vendo o baluarte todo quebra-  
 do, mandou fazer pella banda de  
 dentro outro muito forte com de  
 graos pera dentro. Nesta obra pe-  
 lejaraõ sempre em todas as estan-  
 cias , por que a quíseraõ os Mou-  
 ros diuertir, mas as molheres cõ os  
 officiaes foraõ proseguindo nella,  
 ficando todos os mais de fora pe-  
 ra a peleja. Desejaua Rumecan de  
 mostrar aos nossos o pouco que re-  
 ceaua a vinda do Governador : &  
 pera os desenganar que estaua ali  
 muito deuagar , fez duas cousas :  
 hũa foi, atraueffar a passagem do  
 rio (que passa da Alfandega á vil-  
 la dos Rumes ) com pontes sobre  
 barcas fortíssimas, & largas, cuber-  
 tas de terra, & rama , pera passará  
 as carretas que traziaõ os manti-  
 mentos a te a cidade. Foi esta obra  
 mūy grande, & feita com grandes  
 despezas, por ser (como distemos)  
 sobre grandes barcas furtas , com  
 muitas & grossas amarras, & auer  
 naquelle canal sete braças de fun-  
 do, & correr a agoa nelle cõ grãde  
 furia . A outra obra foi começar  
 hũa fermosa cidade na parte a on-  
 de tinha o exercito, com fermosos  
 aposentos pera si , & pera os capi-  
 taes, & muito grandes & altas mes-  
 quitas, o q̄ se fez com muita pressa,  
 & em quanto esta obra dura dare-

mos conta das cousas que neste  
 tempo socederaõ em Goa.

Os Mourõs como he seu costu-  
 me, (& como ja o fizeraõ no tẽpo  
 de Antonio da Sylueira, quãdo os  
 Rumes tinhaõ cercado aq̄lla forta-  
 leza) espalharaõ por todo o Rei-  
 no de Cábaya q̄ tinhaõ tomado a  
 fortaleza de Diu, & así o escreue-  
 raõ aos Reys Mouros do Balagate.  
 E como sepre a má noua voa , foi  
 deboca em boca ter a ilha de Goa,  
 a onde se começou a espalhar hũa  
 voz surda que fõi ter as orelhas do  
 Governador, se saber nẽ poder en-  
 secar dõde fora, & quem a leuara.  
 Isto causou em seu peito hũa grãde  
 tristeza, posto q̄ a encobria bem, &  
 receaua q̄ tiueffe acontecido algũa  
 desauentura, por q̄ nem tinha no-  
 uas do que ya na fortaleza , nẽ da  
 chegada de seu filho dom Aluaro  
 de Castro : & andando com estas  
 malenconias, sorgio hũa nao na  
 barra de Goa, de seis q̄ eraõ parti-  
 das do reino, de q̄ era capitão mór  
 Lourenço Pirez de Tauora , & os  
 mais capitaes eraõ, dõ Ioaõ Lobo,  
 Ioaõ Rodriguez Paçanha, Fernaõ  
 d'Alvarez da Cunha, Aluaro Barra-  
 das, & dõ Manoel de Lima, q̄ era o  
 q̄ sorgio na barra a quinze de Se-  
 tembro. Vinha este fidalgo proui-  
 do da fortaleza de Ormuz , a pos-  
 dõ Manoel de Sylueira: & alé dos  
 merecimentos que tinha pera lhe  
 darem tudo o que pedisse , teue o  
 seu despacho esta occasiãõ.

Depois q̄ dom Manoel de Lima  
 chegou

chegou a Portugal, agrauado de Martim Afonso de Sousa (como na quinta Decada, no capitulo settimo do liuro decimo temos dito) deixou-se andar em Lixboa, sem querer, né ir ver Elrey a Almeirim a onde estaua: & affirmauasse que esperaua por Martim Afonso pera o desafiar: o que foi entendido dos grandes. E fazendosse a armada de Lourenço Pirez de Tauora prestes pera se partir, não faltou quem disse a Elrey os desgostos com que dom Manoel de Lima andaua: & alguns dizem q̄ o Conde da Castanheira dom Antonio de Tayde, que era primo com irmão de Martim Afonso de Sousa, falando com Elrey lhe dissera, que sem duuida dō Manoel de Lima mandaria desafiar Martim Afonso de Sousa, que o bom seria euitar aquillo, pello desgosto que S. A. disse auia de ter: q̄ o melhor meyo que auia pera isso era despachar dō Manoel de Lima pera a India, & mandalo naquella armada, por q̄ Martim Afonso de Sousa vinha ja por már, & não se podia encōtrar, & que metendosse o tempo neste meyo, se curariaõ estas cousas. Elrey parecēdolhe aquillo bem, mādou chamar dom Manoel de Lima, & lhe disse, q̄ era seu seruiço ir á India, por ter nouas de Rumes, & que lhe fazia merce da fortaleza de Ormuz, & de hũa nao pera ir nella por capitão. Dom Manoel de Lima, vendo os termos por on-

de Elrey leuaua aquelle negocio, não pode deixar de se embarcar & teue tal vétura, q̄ foi tomar Goa indo todas as mais naos por fora, & com tempos mūy roins tomar Cochim, como adiante diremos. Dō Manoel de Lima desembarcou, & foi ao Governador, q̄ o recebeu cō muita hōra, estimādo muito sua vinda, pellas muitas partes q̄ este fidalgo tinha, & muito grande experiencia das cousas da India: & por que tinha nelle vm grande cōpanheiro, pera os trabalhos que se lhe offerenciaõ.

Poucos dias depois da chegada de dom Manoel de Lima, quando o Governador estaua em maior agonia, por não ter nouas de Diu: entrou pella barra de Goa, o nauio que leuou dom Alvaro de Castro. O homem que vinha nelle á entrada da barra de Goa soube as nouas que corriaõ nella: & ainda que leuaua as da morte de dom Fernando de Castro, embandeirou, & enramou todo o nauio, & foi entrado pello rio de Goa, atirando muitas bōbardadas pera alegrar a cidade: A este aluoroço acodio toda a gente ao cais a saber nouas (que ja não podiaõ deixar de ser boas, pois vinhaõ tão festejadas.) O capitão do nauio em desembarcando foi leuado nos ares a casa do Governador, q̄ estaua cō o Bispo dom Ioão d'Albuquerque, & cō o padre Frey Antonio do Casal, custodio dos frades de saõ Frã-

*Sexta Decada. Da historia da Índia.*

cisco: & chegãdo ao Governador, leuantouffe elle muito depressa, & antes que lhe falasse o homem, lhe perguntou se a fortaleza de Diu estava por Elrey de Portugal? Ao que o homem lhe respondeo: si está senhor, & estará em quanto os Portugueses forem viuos.

Ouindo o Governador isto, com os olhos arrazados de lagrimas de prazer, se ajoelhou, com as mãos leuantadas ao ceo, dãdo graças ao altíssimo Deos por tamanha merce: & o mesmo fez o Bispo & Custodio. O Governador mandou logo trazer hũa rica cabaya de borcado, & a lãçou aos hõbros do homem, mandandolhe, q̃ fosse por toda a cidade dar aq̃llas tão boas nouas, o que elle fez, acompanhado de vm grande tropel de gente. O Bispo mandou recado as igrejas que repicassẽ os sinos, que todo o dia não cessarão. O Governador depois deste aluoroço leo as cartas, & achou nellas as nouas da morte de seu filho, fazêdo o mũdo naquillo seu officio, q̃ he não dar vm gosto sem o agoar logo com hũa grande tristeza. Pello que dizia o sabio mũy bem, q̃ o pezar occupaua os estremos do prazer. Por isso receaua Philippo pay de Alexandre dãdolhe tres boas nouas em vm dia, que viessem ellas sem seus descõtos: & leuantãdo os olhos a os ceos, pedio aos Deoses, q̃ aquelle grande prazer se lhe agoasse cõ algum pequeno pezar.

O Governador tanto que deu com as tristes nouas, que lhe cortaraõ bem o coração, encobrioas de feiçãõ, que ninguem lhas sintio. Estando alsi neste aluoroço, não seriaõ passadas duas horas, quando entrou pello rio o nauio de Nuno Pereira, que auia dous dias era falecido, & trazia seu corpo: & dãdossẽ as cartas ao Governador, por ellas soube a grande defaueitura da saida do capitãõ, & da morte de dom Francisco de Meneses, & de tantos fidalgos, & caualeiros, cousa que o cortou muito: mas a morte do filho o trespasssou, por que tãto que foi noite que se recolheu metido na sua camara disse mil magoas, chorando rios d'agoa por aquellas venerãdas cans abaixo, não dormindo toda a noite q̃ passou em viuos sospiros das saudades do filho.

Aquelle mesmo dia foi enterado o corpo de Nuno Pereira em saõ Francisco, acompanhado do Governador, Bispo, Cabido, freguesias, & de todos os fidalgos, & cidadãos, fazêdolhe seu officio cõ grande & funeral pompa. Ficaraõ a este fidalgo tres filhos, vm macho chamado Duarte Pereira, que tambem morreo em Goa, estando desposado com hũa filha de vm cidadão rico, & duas filhas, dona Ines que casou com Afonso Pereira de Lacerda, cujo filho he Manoel de Lacerda, q̃ foi capitãõ de Chaul, & ainda viue: & dona Ioana que

CAPITULO VIII.

*De como dom Alvaro de Castro mandou Luis d'Almeida a esperar as naos de Meca, & de como tomou duas: & dos mais danos que algũas armadas que sairão de Baçaim & Chaul fizeram na enxada de Cambaya.*

que foi casada com dom Ioaõ Lobo irmão do Baraõ velho, de que ouue dom Diogo Lobo que oje viue casado na cidade de Goa. E por falecimento de dom Ioaõ Lobo, casou segunda vez com dom Pedro de Soufa, q̄ foi capitão de Goa: & agora acabou de ser de Cofala.

Ao outro dia se fez hũa muito solenne procissão em q̄ o Governador foi vestido de escarlata por encobrir sua tristeza, & por alegrar o pouo, q̄ andaua assombrado das roins nouas que os Mouros espalharaõ. Este mesmo dia despido o Governador, Vasco da Cunha, pera q̄ fosse por todas aquellas costas recolher os nauios da armada de dõ Alvaro de Castro, q̄ estauaõ em diferentes portos, & q̄ os leua se a Diu, escreuendo por elle a dõ Ioaõ Mascarenhas os agardecimentos dos trabalhos q̄ tinha passado, rogandolhe, que por nenhũa occasião saisse mais da sua fortaleza, & que affas tinha feito em a defender. E logo a pós Vasco da Cunha despido o Governador seis carauelas carregadas de mantimentos, muniçoens, escadas, picoens, cudi-lins, enxadas, cestos, padiolas, & de todas as mais cousas desta qualidade, pera effeito do que determinaua: & mandou embarcar coa-trocentos espingardeiros. Destas carauelas foi por capitão mór Luis d'Almeida: & de suas viagens a diante daremos rezaõ.



**V**ENDO dom Manoel de Lima o trabalho em que a fortaleza de Diu estaua, & que ainda se receuaõ outros mayores, se foi ao Governador, & se lhe offerceõ pera ir diante com trezentos soldados a sua custa, por que naõ era rezaõ, que estando tantos, & taõ honrados fidalgos, taõ arriscados naquella fortaleza, estiuessse elle em Goa fora d'aquelles trabalhos: por que elle naõ queria a vida, & a fazenda, se naõ pera tudo se despender & gastar em seruiço d'Elrey. O Governador lhe agradeceõ muito aquelle offercimento com palauras mûy honradas, dizendolhe, que bem sabia o grande zelo que sempre tiuera do seruiço d'Elrey: mas que a elle lhe naõ conuinha largalo de si, por que se queria aproveitar de seu conselho, & esforço, que se fizesse prestes pera ir em sua companhia em vñ nauio li-  
K 2 geiro,

geiro. Dom Manoel de Lima não pode fazer outra cousa, mandando logo negociar hũa fusta que escolheo pera isso. O Governador foi dando grande pressa a toda a armada, por que esperaua de se partir tanto que lhe viesse o socorro de Cochim, & Cananor, que tinha mandado pedir. E em quanto isto tarda daremos rezaõ de Vasco da Cunha, & de Luis d'Almeida que deixamos partidos de Goa.

Vasco da Cunha como ya em nauio ligeiro, foi mais apressado tomando as bocas dos rios, & enceadas, por onde foi recolhêdo alguns nauios que por ali ficaraõ desaparelhados da companhia de dom Aluaro de Castro, & os leuou cõsigo a te Baçaim, a onde achou dom Ieronymo de Meneses muito anojado pella morte de seu irmaõ dom Francisco de Meneses, & tinha perto de quinze nauios prestes pera ir em pessoa socorrer a fortaleza de Diu: mas por ter nouas que o Bramaluco senhor de Damaõ fazia gente pera vir sobre aquellas terras tanto que elle partisse, sobresteue na ida. Vasco da Cunha tomou os nauios que ali achou, & atraueffou logo pera Diu, & no meyo do golfo encontrou as carauelas de Luis d'Almeida: & ajuntandosse todos entraraõ em Diu, com hũa fermosa armada toda embandeirada, tocando muitos instrumentos, & dando grandes

saluas de artelharia: o que foi pera vns grandes mostras de contentamento & aluoroço: & pera outros de mayor dôr & tristeza: por que bem entenderaõ os imigos o roim socesso em que aquella sua jornada auia de vir a parar: por q̃ lhes lembrava quanto lhes tinha custado o tempo do inuerno, em que os nossos não tiueraõ socorro mais q̃ de coatro nauios sem gente, & que ja entraua o veraõ, & começauaõ a chegar armadas poderosas, & q̃ se esperaua ainda pello Governador: estas cousas causaraõ grandes desconfianças em todos.

Dom Aluaro de Castro, que tinha poderes em toda a armada do már, sendo auisado que em Surrate se esperaua por algũas naos de Meca, com conselho do capitaõ despidio Luis d'Almeida com tres carauelas, de que a fora elle eraõ capitaens Payo Rodriguez d'Araujo, & Pedrafonso, dandolhes por regimento que se fossẽ por na barra de Surrate, & que ahi esperassem as naos que a auiaõ de ir demandar. Dada a vela foraõ sorgir a onde leuauaõ por regimento: & passados alguns dias depois de ali estarem, viraõ vir de már em fora duas naos enfunadas, hũa mũy grande & fermosa, & a outra de menos porte: & leuando ancora puferaõse as carauelas em armas, & com os traquetes dados as foraõ demandar: & como ellas vinhaõ com vento em popa, em védo as

do as carauelas foraõ virando em outro bordo: mas como as carauelas largaraõ as velas, & eraõ muito ligeiras logo as alcançaraõ. Luis d'Almeida abalroou a nao grãde, em que vinha por capitaõ vm Ianiffaro, parente de Cogeçofar, que trazia muita gente, & muy boa artilharia: & ferrando hũa da outra começaraõ hũa muito aspera batalha, trabalhando vns por entrarem, & outros por se defenderem: mas todauia os nossos entraraõ a nao dos Mouros, & dentro se começou antre todos outra noua batalha, em que os nossos fizeraõ tanto, que cõ morte de muitos Mouros se renderaõ os mais, & o capitaõ Ianiffaro acharaõ ferido de muitas feridas, & Luis d'Almeida o mandou passar á sua carauela pera ser curado. Payo Rodriguez d'Araujo, bordou a outra naueta q̃ tambem rendeo.

Feito isto deixaraõ se ficar mais algũs dias, em que tomaraõ algũas embarçaõens de mantimentos. Pedrafonso rendeo vm Tabó que vinha de Ormuz com muita fazenda. E acabandosselhes os dias do prouimento, se foraõ recolhendo com as naos por popa, & entraraõ pella barra de Diu, com todos os Mouros que catiuraraõ enforcados pellas vergas. Dom Aluaro de Castro estimou muito o soçeffo, & mãdou cortar as cabeças aos Mouros, & lançalos no rio com a enchente, & antre ellas foi tambem

a do capitaõ Ianiffaro, parente de Cogeçofar, que daua por si, trinta & dous mil pardaos d'ouro, auêdo os capitaens que se os aceitassem fariaõ offensa a tantos, & taõ honrados fidalgos & caualeiros, como naquelle cerco eraõ mortos. As fazendas das naos foraõ desembarcadas, & em dinheiro d'ouro & prata & fazendas se fizeraõ, cincoenta & coatro mil, trezentos & oitenta & oito pardaos ( que tantos achamos nas receitas dos officiaes d'aquelle tempo sobre quem se carregaraõ.) Foi isto hũa grande ajuda pera as despezas da guerra, de q̃ pagaraõ logo a todos seus coarteis, & fazendo os capitaens muitas merces, por que tinhaõ pera tudo poder.

Rumecan ouuera de morrer de paixãõ, tanto que as cabeças foraõ conhecidas, por que foraõ dar á praya junto do exercito.

No mesmo tempo fairaõ algũs nauios de Baçaim, & Chaul, de cujos capitaens naõ achamos os nomes: que entraraõ pella enxada de Cambaya pera defenderem os mantimentos que yaõ pera o exercito, & tomaraõ muitas embarçaõens carregadas delles, & os Genticos & Mouros dellas, foraõ enforcados nas vergas em Palancos, & com estas bandeiras se recolheraõ a suas fortalezas.

Rumecan mãdou minar a guarita de sobre a porta em que esteve Antonio Freire: & proseguin-

## Sexta Decada. Da historia da India.

dosse na obra foi sintida dos nossos, a que acodio o capitão com muita presteza, & lhe mandou fazer por dentro suas contraminas & reparios, por que se caya aquella torre ficaua por ali a fortaleza toda descuberta. Os Mouros acabaraõ a obra da mina a dez dias de Outubro, em que lhe deraõ fogo arrebetando com grande furor, mas não fez mais dano que derribar algũa parte da face de fora, ficando dos soldados que nella estauaõ tres feridos. Com estas cousas andaua Rumecan como doudo, vendo quaõ mal lhe socedia tudo, & mandou com muita pressa abrir no muro da fortaleza (naquelle parte que ficaua fronteira á cisterna) dous grandes buracos, em que mãdou affestar dous camellos pera a baterem & derribarem: o que tudo se fez por baixo das ruas & pontes, sem os nossos lho poderem defender: & aos primeiros tiros mandou o capitão prouer, por que se lhe arrombauaõ a cisterna perderseyaõ todos. E ordenou com muita pressa hũa parede muito grossa na frontaria da cisterna, que se fez de duas faces entulhada, & ficaua seruindo de bestiaõ: & em cima mandou plantar dous camellos de marca mayor contra os dos imigos, & dos primeiros tiros lhos fez recolher.

Rumecan pasmaua da breuidade com que os nossos repaira-

uaõ tudo, & ja se não sabia determinar: & todauia determinou de cansar os nossos, mandando logo fazer outra mina no baluarte Sanctiago, que logo foi sintida & atalhada, como as dantes: & vm pouco afastado do baluarte saõ Thome, mandou o capitão fazer hũa grossa parede que foi correndo a te o de Sanctiago, por que se arrebetasse não ficassem descubertos: não deixando aquellas honradas molheres de exercitar seu officio, (posto que ja na fortaleza auia gente bastante pera o trabalho, mas quiserãõ ellas a te o cabo do cerco, ter tambem quinhaõ em todos os trabalhos delle.) Acabada a mina deraõlhe os Mouros fogo ao primeiro de Nouembro: & como tinha contraminas vazouse a força por ellas: & todauia arrebetou vm pedaço de parede pera fora.

### CAPITULO IX.

*De como o Governador dom Joaõ de Castro partio pera Diu, & de Baçaim despidio dom Manoel de Lima pera a ençada de Cãmbaya: & da guerra que por ella fez: & de como as naos que partiraõ do Reino no anno de 1546. de que era capitão môr Lourenço Pirez de Tauora, chegaram a Cochim, & Lourenço Pirez*

*co Pirez de Tanora se partio  
pera Diu de socorro.*



**I**NHA o Gouvernador assentado em cõselho socorrer Diu em pessoa, com todo o poder, & resto da

India, pera o que se fazia prestes com mūy grande pressa, esperando pera se partir, pello socorro de Nayres que tinha mandado pedir aos Reys de Cananor, & Cochim.

E pera isto tinha mādado dar embarcaçoens, ordem, & dinheiro se fosse necessario: & tinha mandado recolher todos os mantimētos que podessem de toda a costa do Canará: & em quanto estas cousas tardauaõ, negociou a armada,

& mandou fazer gēte da terra pelas ilhas vizinhas á de Goa, donde se ajuntaraõ mil & duzētos piaēs, de que deu a capitania a Vasco Fernandez Tanadar mór da ilha de Goa: dando a cada cento seus

Naiques pera os regerem: & mandou fazer alardo de todos os Portugueses que auia em Goa, que o podiaõ acompanhar, & achou perto de dous mil, que mandou exercitar aos Domingos, & dias Sãctos,

no campo de saõ Lazaro, a onde mandou fazer a fortaleza de Diu de madeira, & a parede, & estancias dos inimigos, assi & da maneira que estauaõ, (por que lhas tinha dom Ioã Mascarenhas mandado, mūy bem pintadas) & cõ mui-

tas escadas que repartia pellos capitaens, & elle em pessoa armado, como se oueße de entrar em batalha de verdade, com as bandeiras repartidas, & gente posta em ordem, cometiaõ as paredes dos inimigos, encostandolhes suas escadas, ensayandosse assi do modo q̃ as auiaõ de aruorar, encostar, & sobir, no que andauaõ muito bem exercitados.

E sendo quinze de Outubro, começaraõ a chegar os socorros de Cananor & Cochim, de muitos nauios & gente: & CogeCemaçadim mādou ao Governador hũa fermosa nao carregada de mātimentos, arroz, legumes, manteigas, carnes, pescados, & lhe escreueo hũa muito honrada carta, em que lhe offerecia todo o dinheiro que oueße mister pera a jornada. E por que ainda vinhaõ atras mais nauios, quis o Governador illos esperar a Baçaim, & em defassete de Outubro se fez á vela, entregando primeiro o gouerno ao Bispo dõ Ioã d'Albuquerque, & ao capitaõ dom Diogo d'Almeida Freire.

A armada que o Governador leuaua, eraõ doze Galeoens, de que a fora elle (que ya em saõ Dinis) eraõ capitaens Garcia de Sá, Iorge Cabral, dom Manoel da Sylueira, Manoel de Soufa de Sepulueda, Iorge de Soufa, Ioã Falcaõ, dom Ioã Manoel Labastro, Luis Alua rez de Soufa, & outros a que não achamos os nomes. Leuaua mais de

de sessenta nauios de remo, cujos capitaens eraõ, dom Manoel de Lima, dom Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, dom Diogo de Soto Mayor, o Secretario Antonio Carneiro, com quem ya seu filho Vicente Carneiro, Alvaro Perez d'Andrade, dom Manoel Deça, Jorge da Sylua, Luis Figueira, Ieronimo de Souza, Nuno Fernandez Pegado, o Ramalho, Lourêço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serraõ, Cosmo Fernãdez, Manoel Lobo, vm catureiro chamado o Rey de Zamzibar, Francisco d'Azueudo, Pero de Tayde inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Cosmo de Paiua, Vasco Fernandez Tanadar mór de Goa, que leuaua á sua conta doze ou quinze nauios, cotias, & Taurins, em que yaõ os Canarins de Goa, & outros nauios de Cananor, & Cochim. E dada a vela em seis dias foi forgir na barra de Baçaim da banda de fora, a onde dõ Ieronimo de Meneses seu cunhado o foi visitar, & lhe deu as nouas que auia de Diu, depois da chegada de dom Aluarõ de Castro. O Governador por que esperaua por mais armada, que em Goa se ficaua negociãdo, naõ quis passar sem ajuntar todo o poder. E por naõ estar ocioso, quis nesses dias q̃ auia de se deter fazer guerra a Cambaya: pera o que despido dom Manoel de Lima com seis nauios ligeiros, com regimento que fosse

por dentro da enceada ás prezas dos nauios que leuauaõ mantimentos pera o exercito. E assi despido alguns nauios pera se irem pór na pōta de Diu a esperar as naos Portuguezas, que auiaõ de vir de Ormuz, pera que as fizessẽ arribar a Baçaim, pera o acompanharem, pera mór terror & espanto dos Mouros, como fez: por q̃ fizeraõ voltar tres ou coatro que yaõ ja na volta de Goa.

Dom Manoel de Lima tanto que deu á vela foi corrédo a costa de Damaõ, a te Gandar, & por vezes tomou trinta cotias de mantimentos, mandando espedaçar toda a gente que nellas achou, tirãdo sessenta Mouros escolhidos, que mandou meter nos nauios, & os pedaços dos corpos mortos mandou meter em algũas das cotias as mais pequenas, que se leuaraõ a toa, a te as bocas dos rios, a onde as largaraõ com a enchente da maré, que as leuou a te as pouoçoens, a onde foi visto aquelle terribel & medonho espectaculo, que encheo a todos de temor & espanto, dizẽdo mal aos que foraõ occasiaõ d'a quella guerra. Dom Manoel de Lima como passaraõ os dias limitados, tornou-se pera o Governador, onde chegou com os nauios embandeirados com os corpos dos sessenta Mouros que pera isso mã douguardar.

O Governador vendo o bom-socesso, logo o tornou a mandar com

com trinta nauios ligeiros pera q̄ tornasse pella mesma ençada, & fizesse por ella toda a guerra que podesse, não perdoãdo a lugar marítimo algum: & que o fosse esperar a ilha dos mortos. Dom Manoel de Lima se fez á vela com os nauios, cujos capitaens eraõ, dom Manoel Deça, Alvaro Perez d'Andrade, Jorge da Sylua, Luis Figueira, Ieronymo de Sousa, vm sobrinho de Francisco Siqueira o Maluar, Nuno Fernandez Pegado, o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serraõ, Cosmo Fernandez, o Rey de Zãzibar, & outros. Com dom Manoel de Lima, & outros capitaens foraõ embarcados todos os fidalgos Reynois, (que assi chamaõ na India aos que aquelle anno vem do Reyno) dom Fernando, dom Antonio, dom Duarte, todos Limas, parentes do capitaõ mór, dõ Ieronymo, dom Antonio, dom Gomez, todos da geraçã dos Deças, Bernabe de Sá, Mathias de Sousa, Miguel Carneiro, filho de Pero d'Alcaçoua Carneiro, que entãõ era Secretario d'Elrey dom Ioãõ, & depois foi Conde das Idanhas, & outros. E em quanto esta armada vay seguindo sua derrota daremos rezaõ das naos do Reyno q̄ faltaõ.

Depois de passarem o cabo de boa Esperança, tendo grandes contrastes, & gastandose lhes o tempo, tomaraõ a derrota por fora da

ilha de saõ Lourenço, & com muitos riscos & trabalhos foraõ tomar Cochim aos vinte dias de Outubro. E sabendo Lourenço Pirez de Tauora capitaõ mór das naos, do cerco de Diu, & de como o Governador ficaua em Goa prestes pera lhe ir focorrer, achando ainda alguns nauios que a cidade negociava pera lhe mandar, fretou hũa fermosa Galeota, & se embarcou nella com corenta fidalgos, & caualeiros da sua armada, & tomando todos os nauios comsigo, deu á vela pera Goa mûy apressado, & sem se deterem couisa algũa foraõ seguindo sua jornada.

Dom Antonio de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, que com elle vinha despachado com a fortaleza de Malaca, negociou hũa carauela, & ajuntando sessenta soldados se embarcou logo pera Diu, & chegando todos á barra de Goa acharaõ ja o Governador partido, & sem se deterem passaraõ a diante. Lourenço Pirez de Tauora que ya em nauio ligeiro, chegando a Dabul soube estar ali o Governador, & sem lhe querer falar passou adiante, & foi atrauessar de Baçaim, & em dous dias foi auer vista da fortaleza de Diu cercada, & entrãdo pella barra dentro foi sorgir no cais. As vigias, que ja tinhaõ perguntado quem eraõ, deraõ recado ao capitaõ, que acodio com dom Alvaro de Castro, & todos os fidalgos, & capitaens,

*Sexta Decada. Da historia da India.*

capitaens, & mandádo abrir a porta o receberão, & a todos, cõ grandes aluroços. E recolhendo na fortaleza, tomou o capitão a Loureço Pirez de Tauora por seu hospede, & os outros fidalgos foraõ repartidos pellas estancias. De todas estas cousas eraõ os imigos logo auifados, & todos os socorros q̃ entrauaõ de nouo, o mesmo dia da uaõ assaltos, por mostrarem quaõ pouco temiaõ todos: & assi o deraõ este, em que os hospedes provaraõ a maõ em dano dos imigos. E deixalos emos agora vm pouco, por tornarmos a dom Manoel de Lima.

Que partido de Baçaim foi tomar o rio de Surrate de noite, & de madrugada entrou por elle com a maré, & foi desembarcar em hũa mûy fermosa pouoação, que se chama dos Abexins, hũa legoa pelo rio acima da banda do leuante, & cometendoa com grande determinação, acharaõ nella mûy grande resistencia, por que foraõ lĩtidos, & os moradores estauaõ ja postos em armas, & todauia depois de grande referta foi entrada com morte de muitos Mouros, metendoa toda a ferro, & a fogo, matando toda a cõsa viua, que acharaõ pera mayor terror, & espanto: & depois deraõ fogo ás casas, em que arderaõ muitos celeiros de trigo, milho, graõs, & outros legumes, & o mesmo fizeraõ a algũas naos q̃ estauaõ no porto, cujas labaredas

foraõ vistas da fortaleza de Surrate, que era de Rumecan, & onde tinha sua molher, & filhos, q̃ caufou em todos vm grande temor: & antre as peffoas que os nossos catiuaraõ (que foraõ mais de duzentos) naõ deraõ vida mais que a vm Mouro a quem cortaraõ as maõs, pera ir dar fe do que vira.

Acabado este feito sayosse a armada pera fora, & foi tomar a cidade de Ansote, fermosa, & estendida em vm campo razo, de grandes & custosos edificios. Aqui desembarcaraõ os nossos, dando o capitão mór a diãteira a Aluaro Serraõ, & cometendo a cidade em muito boa ordem a entraraõ logo, levando os imigos diante de si em vm tropel, (que foraõ os que sairãõ fora a esperar os nossos.) Dentro na cidade, posto que ouue grãde baralha, todauia os imigos a descompararaõ, & a deixaraõ aos nossos, que nella fizeraõ a mesma crueza que na dos Abexins, espedaçando muitas & mûy fermosas Baneanas, & Bramanas, (por que as auia ali mûy bellas & aluas.) E assi nellas, como em toda a mais cõsa viua que acharaõ, fizeraõ tamanhas, & taõ desumanas cruezas, que excederaõ a natureza Portugueza: por que assi como ella estremou aos seus em valor & esforço a muitos, assi o fez a todos em piedade, & pouca crueza. D'ali se passou a armada a outros lugares vezinhos, que passaraõ a mesma

CAPITVLO X.

*De como o Governador dom Joaõ de Castro chegou à fortaleza de Diu, & do conselho que tomou sobre a desembarcação. E de como se ordenou pera dar batalha aos inimigos.*



MESMO dia que o Governador partio da ilha dos mortos, ja sobre a tarde chegou á vista d'aquella taõ destrozada & desbarada fortaleza, o que foi pera todos causa de muito grande aluoroço. E tanto que della começaraõ a enxergar aquella fermosura dos Galeoens & Naos, que pareciaõ montanhas que yaõ á vela, & aquella multidaõ de fustalhas, todas embandeiradas com fermosos toldos, estandartes, & gualhardetes, q̄ enchiaõ todo o már, mandou logo o capitaõ embandeirar os baluartes todos, & desparar toda a artelharia, pera mostrar o aluoroço có que os esperauaõ. Lourenço Pirez de Tauora se embarcou logo na sua Galeota, & foi buscar o Governador que vinha ja em outra a que se tinha passado, toda toldada de borcado rico. E chegando a ella depois de a salvar saltou dentro. O Governador foi auifado logo de como era Loure-

L ço Pirez

ma defaentura que os passados. E así correo dom Manoel de Lima toda aquella ençada, por onde fez taes cousas, q̄ causou & pôs espanto a te na corte de Amadaba: & o que se mais sintio foi, a queima que se fez de todos os mantimentos que tinhaõ recolhidos, pello que começou o reino todo a padecer muiy grãde falta delles.

O Governador dom Joaõ de Castro, tanto que despidio dom Manoel de Lima, deu pressa a muitas cousas, & recolheu a armada que ya chegando pouco & pouco. E por que os de Diu se animassem, despidio o captureiro chamado Antonio Rodriguez, com cartas ao capitaõ & a seu filho, em q̄ lhes fazia a saber de sua chegada, certificandolhes que logo seria có elles: Este homiem em coatro dias foi & tornou com a reposta, & así em quanto se ali deteue cada dous dias tinha recado de Diu, por que trazia naquelle caminho tres captures ordinarios. O Governador depois de recolher de todo a armada, deu á vela & foi tomar a ilha dos mortos, a onde se deteue dous dias, em que dom Manoel de Lima chegou com toda sua armada vitoriosa, & chea de prezas. O Governador o recebeo com muitas honras, & ao outro dia que foraõ seis de Novembro se fez á vela pera Diu.

*Sexta Decada. Da historia da India.*

ço Pirez de Tauora, & acodio de-  
- pressa a bordo ao leuar nos bra-  
- ços, tendo com elle muitas pala-  
- uras de muitos primores & corte-  
- zia: & recolhidos ao toldo soube  
- delle todas as nouas do reino: &  
- de sua viagem: & por ser ja tarde  
- mandou o Governador forgir a ar-  
- mada na ponta da outra banda da  
- terra firme, a onde foi ter com el-  
- le dom Ioaõ Mascarenhas, que o  
- Governador recebeo com muitas  
- honras: & logo mandou chamar  
- Garcia de Sá, Iorge Cabral, Ma-  
- noel de Souza de Sepulueda, & ou-  
- tros fidalgos & capitaes velhos, &  
- cõ todos praticou sobre o modo q̃  
- teria na saída cõtra os imigos, por-  
- q̃ elle não vinha pera estar cerca-  
- do, se não pera descercar a fortale-  
- za d'Elrey. Depois de debatidas  
- de parte a parte muitas cousas, as-  
- sentaraõ, q̃ o Governador cõ toda  
- a gente desembarcasse de noite, &  
- se recolhesse na fortaleza, sem os  
- imigos o saberem, ficando toda a  
- arma da fora: & q̃ o dia q̃ se ouues-  
- sem de cometer os imigos entra-  
- se toda a armada pella barrã den-  
- tro ao final de tres foguetes, que  
- deitariaõ da fortaleza: & que na  
- representação mostrasse que vi-  
- nha nella o Governador com toda  
- a gente, & que pera isso metessem  
- pellas perchas das fustas muitas lâ-  
- ças aruoradas, & que as fustas pas-  
- sassem pella fortaleza, como que  
- queriaõ ir desembarcar na alfan-  
- dega, a onde forçado os Mouros

auiaõ de acodir: & que o Gouverna-  
- dor entaõ saisse da fortaleza com  
- todo o poder pera ganhar as pare-  
- des, & estancias mais facilmente, &  
- com menos risco.

Assentado isto tornou-se o capi-  
- taõ pera a fortaleza, tendo em se-  
- gredo o que estaua assentado. To-  
- da aquella noite gastou em man-  
- dar fazer muita soma de escadas  
- de corda, pera recolher na fortale-  
- za toda a gente em segredo. O  
- Governador ao outro dia foi for-  
- gir com toda a armada na baya  
- & pouso das naos, da banda de fo-  
- ra, saluando a fortaleza & a cida-  
- de com a mais soberba salua de  
- artelharia que ja mais se vio, por  
- que durou muitas horas. Rume-  
- can tambem lhe respondeo com  
- outra, pera lhe mostrar o pouco  
- que o receaua. O Governador mã-  
- dou Luis d'Almeida, Antonio Le-  
- me, Francisco Fernandez Morica-  
- le, em tres carauelas que fossem  
- forgir defronte das estancias dos  
- imigos, & lhas bateassem de dia, &  
- de noite, & mandou recado ao ca-  
- pitaõ do baluarte do már, que os  
- ajudasse de lá. Estas carauelas fo-  
- raõ forgir a onde o Governador  
- mandou, fazendo grandes arron-  
- badas pera defensão da artelharia  
- dos imigos, & começaraõ a dar sua  
- bateria com grande terror, mas  
- tambem das estancias os vareja-  
- raõ bem.

Durou isto tres dias & tres noi-  
- tes, em q̃ toda a gente da armada  
- se me-

se meteo na fortaleza por escadas de cordas, & o Governador com todos os capitaens, & fidalgos velhos, pella couraça nõ mór silencio que pode ser. No exercitõ tanto que viraõ o grande poder do Governador, que o julgauã pelas vazilhas da armada q̃ cobriaõ o mâr, começou a auer antre todos varios pareceres: pör que bem sabiaõ elles que o Governador os auia de ir buscar, & que nõ era bê que se esperasse tamanho poder. Rumecan andou por todo o seu exercito curando aquellas desconfianças, & prouendo nas cousas q̃ lhe pareceraõ ser necessarias: mãdando pör sobre as paredes, muitos barris d'alcatraõ, grande quantidade de pedras, & galgas, pera se lançarem sobre os nõssos ao cometer dellas: & deixou ali quinze mil soldados pera sua defesaõ, em q̃ entrauaõ todos os Rumes, Turcos, & mais estrangeiros: por serem homens de mais confiança. E receãdõsse que o cometessem pello baluarte de Diogo Lopez de Siqueira, (q̃ ficaua da banda do mâr, a onde a ponta do muro ya fene- cer, por auer ali hũa calheta, em q̃ podiaõ pojar nauios de remo) o mandou renouar, & guarnecer de algũas bombardas grossas, & pös nelle setecentos homẽs de guarniçaõ. E na pöte q̃ atrauessaua o rio des da alfandega a te a villa dos Rumes, mandou pör outras bombardas, & outros seiscentos solda-

dos, temendõsse q̃ as fustas fossem ali lançar gente: & assi se deixou estar taõ confiado como quẽ estaua em sua casa, & que tinha a vitoria por certa.

O Governador tãto que se vio na fortaleza, chamou todos os fidalgos velhos, & capitaes da armada a conselho, & lhes disse: que elle determinaua de cometer as estãcias dos imigos, & porque elle nõ queria fazer cousa algũa sem o parecer de todos, lhes pedia que liuremente lho dissessem: & começando a votar, vns foraõ de parecer q̃ se cometessem os imigos: & outros que nõ, dizendo que nõ era bê se arriscasse a India em hũa só batalha com taõ desigual partido como tinhaõ: por que acontecendo vm desastre se perderia tudo. E q̃ posto que alcançassem a vitoria, auia Elrey de estranhar muito ao Governador, & a todos que ali estauaõ, consentirem por se o Estado todo em vm tombo de dado (como lá dizem) sobre isto se baralhou todo o conselho, com grandes gritos, porfias, & altercaçoens.

O Governador se aleuantou, & mandou que se callassem, & disse a Garcia de Sá (que ainda estaua por votar) que dissesse seu parecer, o que elle logo fez, aleuantandõsse em pé, com aquella sua veneranda & longa barba que lhe daua pellos peitos: com aquella sua autoridade & grauidade,

a que todos tinhaõ mūy grande respeito, pedindo que o ouuissẽm, por que ainda se não quietauaõ. E sospendendosse v̄m pouco aquelle reboliço, falando o bom velho com o Governador lhe disse estas palauras.

Eu senhor nūca ferei de parecer q̄ deixeis de dar batalha aos imigos, por duas rezoēs. Hũa por que vendo os imigos q̄ os receaes, vos viraõ cometer dentro nesta fortaleza: a outra por que não conuem á reputaçã do Estado, que o Governador da India esteja como encurrallado, por que pera isso muito melhor fora ficardes senhor em Goa, & mandar todo este poder, que ainda que não fizera mais, q̄ segurar & defēder a fortaleza, não daria oufadia aos imigos (como teraõ) se vos virem cercado. Estes Mouros estaõ agora medrosos, & acouardados, por que tẽ os olhos cheyos da grandeza d'aquella armada, em que não deuem de cuidar, que em tantas & taõ grandes vazilhas naõ aja mais que tres mil homẽs, mas julgaõ o poder pelo apparatus della: & ao menos deuem d'esperar sete ou oito mil. E como aõ de estar com esta imaginaçã, tantos lhe aõ de parecer os tres mil com que lhe auẽis de dar a batalha: & em vos vendo sair desta fortaleza vos aõ de temer & arreçar, & pelejar com temor & defconfiança. Por isso senhor vede o que fazeis, por que no cometer

estã naõ só o credito & opiniaõ do estado, mas ainda a vitoria. E pois temos Deos que nos á de ajudar, & fauorecer, não temos que arreçar: que se a eu podera segurar com o penhor da pessoa & da vida, por certo que o fizera.

Tiuerãõ tãta força estas palauras q̄ sospenderaõ a todos tanto, que bradaraõ por batalha. O Governador foi muito grãde o seu aluoroço, pedindo a todos que se fizessẽm prestes pera o outro dia, & aquelle gastou todo em ordenar sua gente por esta maneira.

A dianteira encomendou a dõ Ioaõ Mascarenhas com quinhentos homens, pera quem se passaraõ os capitaes & fidalgos seguintes. Antonio Moniz Barreto, dom Ioaõ Manoel, Ioaõ Falcaõ, Garcia Rodriguez de Tauora, Antonio da Cunha, dom Manoel da Sylueira, Frãcisco d'Azeuedo Coutinho, Iorge de Sousa, & outros: & asy lhe deu o Governador Vasco Fernandez capitaõ mór dos Canarins, com seiscentos escolhidos, & quinhentos Naires d'Elrey de Cochim.

A seu filho dõ Aluaro de Castro ordenou outra cõpanhia de outros quinhentos homẽs, em que entrãuaõ todos os fidalgos & capitaens da sua armada.

A dõ Manoel de Lima deu outra tãta gẽte, cõ os mais dos capitaens & fidalgos que com elle se acharãõ na ençada de Cambaya.

O Governador ficou com o resto da gente, que seriaõ quasi mil homens, a fora Canarins, & Malauires: deixando pera o acõpanharem, Lourenço Pirez de Tauora, Garcia de Sá, Jorge Cabral, & Manoel de Sousa de Sepulueda: ordenando ficar o Alcaide mór na fortaleza com trezétos soldados. Todo aquelle dia passaraõ em se prepararem, & em se confessarem todos, a que suprio o Custodio de saõ Fráçisco com seus companheiros, que aqui exercitaraõ bem o officio de verdadeiros & charitativos Religiosos.

Tanto q̄ amanheceo se armou um fermoso altar no meyo do terreiro da fortaleza, em q̄ o Custodio disse Missa, & deu o diuino Sacramento da Eucharistia a todos com muito grande veneraçãõ, & deuaçãõ, sendo o Governador, capitães, & fidalgos velhos os primeiros. Acabado este solenne auto, (que foi de mûy grãde alegria, & consolaçãõ pera todos) aleuantouffe o Governador no meyo de toda aquella multidaõ de soldados, & alçando a voz, lhes fez esta breue pratica.

Muito valerosos & esforçados fidalgos & caualeiros de Christo: se a alegria & desejo de vos ver ás mãos cõ os inimigos que em todos vejo, cuidasse que vos procedia de temeridade, confessouos que estiuera menos cõfiado do que estou: mas como sei mûy certo que vos

nace da lembrança de quem sois, & da vontade que tendes de imitar no valor & esforço áquelles antigos Portugueses nossos antepassados, naõ ha cousa que me faça recear cousa algũa: por que aquelles naõ sõ se tiueraõ por satisfeitos de vencerem grandes exercitos em Africa, com pouca & mal prouida gente: mas ainda aos Romanos q̄ nunca foraõ vencidos d'outrem. Lembrouos as grandes vitorias q̄ no cerco passado á bem poucos annos aqui alcançamos, d'outros inimigos mais esforçados & poderosos que estes, (que com o fauor diuino auemos de vêcer muito depressa.) Lembrouos tambem, que a baralha que auemos de ter, á de ser aspera, cruel, & arriscada: & tanto, q̄ ou elles, ou nos auemos de acabar naquelle campo. E quãdo isto for (o que Deos naõ permita) naõ deuem elles de ficar pera se gloriarẽ da vitoria, por que todos auemos de trabalhar por vingar a morte do companheiro que a par delle cair: mas tambem vos affirmo, q̄ a mais desta gente anda forçada, & aõ de trabalhar todos de saluar as vidas, pellas poucas esperanças de honra, & de proueito que disto esperaõ auer: por que as duas coulas que mais fazem arriscar a vida aos amigos de honra, saõ, a honra & fama nesta vida, & galardãõ perpetuo na outra. De nada disto podem estes ter esperanças, por que as honras do seu Rey saõ tratalos

como escrauos: a fama com elles se acaba: só no inferno vão gozar do galardão de suas obras em penas perpetuas. Nos não así, q̄ os que d'aqui escaparmos, temos por muito certas as honras & merces do nōsso Rey, que nos ama como pay: & os que morrerem ficaraõ viuendo no mundo em fama, & suas almas iraõ gozar de hũa bem-aventurãça, que não tem fim. Por isso senhores fidalgos & caualeiros de Christo, pelejemos confiados, como quem pejeja diante de seu Deos, & do seu Rey, defendendo suas hōras, como verdadeiros Christaõs, & filhos. Aqui tendes a figura d'aquelle Christo I E S V Senhor & Saluador nōsso: (A este tempo aruorou o Custodio vm deuoto Crucifixo, sobre hũa hastia no ár, pera que de todos fosse visto) este he o que vos á de ajudar, & fauorecer, & debaixo de taõ piadosa, preciosa, & poderosa bandeira pejejai seguros, & desbaratemos diante d'elle todos estes imigos de sua sancta Fé, & nome.

Toda aquella multidaõ, & cõcurso que eitaua suspenso, & calla-

do, ouuindo, dependurado da boca do Governador, ouuindolhe com grande atençãõ o que lhes dizia: em vendo aruorar aquella sacratissima figura de nōssa Redençãõ, se prostraraõ todos logo por terra, & com os olhos arrazados de lagrimas, adoraraõ aquella diuina imagem, pedindolhe misericordia, fauor, & ajuda, & bradando por batalha. O Governador lhes disse que se fizessem prestes pera o outro dia, repartindo aquelle as escadas pellos fidalgos, & capitaens de mais recado: prometendo ao primeiro que sobisse as paredes, se fosse fidalgo, hũa viagem de Bengala: ( que entãõ era das mais importãtes da India, por se fazer com nauio d'Elrey, & leuar resgate seu. ) E se fosse caualeiro, ou soldado, duzentos cruzados em dinheiro. Este dia a tarde entraraõ na ilha de Diu dous capitaens, Accedecan, & Alucan, com cinco mil homens, que Elrey despido de Amadaba, tanto que teue recado que o Governador ficaua em Baçaim.

*Fim do Terceiro Liuro.*

LIVRO



## LIVRO QVARTO

## DA SEXTA DECADE

## DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITVLO I.

*De como o Governador dom João de Castro sayo da fortaleza, & cometeo as estancias dos inimigos, & do muito primoroso, & honroso desafio que tueraõ dom João Manoel, & João Falcaõ: & de como os nossos ganharaõ as estancias. E dos grandes, & espantosos casos que acontecerã a alguns Portugueses.*



OS onze dias do mês de Novembro, em que a Igreja Catholica celebra a festa de são Martinho,

Bispo, & Confessor, em rompendo a menham, mandou o Governador fazer sinal á armada com os tres foguetes, & elle se pôs no terreiro da fortaleza com a bandeira de Christo, armado, pondo em ordem as cousas necessarias: & mandou ao Alcaide mór que se tirasẽ as portas fora de seus antigos couces, & que ficasse a fortaleza aber-

ta. E querêdo ja fair por ellas chegou o padre Custodio, acompanhado dos frades que comsigo leuaua, & vm Crucifixo aruorado em hũa lança, & posto em meyo de todos rezou em voz alta o Euágelho de são Ioaõ, & acabado, fez hũa absoluição geral a todos, concedêdolhes remissaõ de todos seus peccados, por virtude dos Breues Apostolicos, que os Summos Pontifices tinhaõ concedido a Elrey dom Manoel de gloriosa memoria, pera todos os que morressem na guerra. Com isto ficaraõ todos taõ animados, & esforçados, que lhes feruiaõ os coraçõens nos peitos.

Aqui aconteceu vm caso espãtofo de honra a tres soldados Reinois, que tinhaõ vindo em companhia de Ruy Lourenço de Ta-uora, naturaes do Torraõ, patria de Antonio Moniz Barreto, que eraõ parentes vns dos outros, que naõ he beim calar-se. Estes soldados desejosos de ganharem fama & honra, tanto que as bandeiras se começaraõ a por em ordem, foraõ demandar Antonio Moniz Barreto, que estaua na diãteira cõ hũa escada que lhe tinhaõ encomendada:

*Sexta Decada. Da historia da India.*

mendada: & chegando a elle lhe deraõ hũa carta de sua mãy, em q̄ lhos encomendaua muito, pedindolhe, os fauorecesse, & agasalhasse, por que eraõ naturaes d'aquella villa, & filhos de homens honrados. Antonio Moniz Barreto leu a carta que o alegrou muito n'aquelle tempo, por ser de sua mãy: & disse aos soldados, que a guardassem, que se elle escapasse da batalha lha deffem, por que faria tudo o q̄ nelle fosse, assi por sua mãy lho encomendar, como pello elles merecerem. A isto tomou vm delles a maõ, & disse, que as merces & honras q̄ delle queraõ eraõ ali, que depois naõ auiaõ mister coufa algũa: & se por aquella cartalhes auia de fazer pello tẽpo muitas, sãõ hũa naquella queraõ delle, & era, lhes entregasse aquella escada, pera elles a aruorarem a onde lhes elle mandasse. Antonio Moniz Barreto vendo a opiniaõ & brio dos soldados, lhe entregou a escada dizendolhes, vedela ahi, & nella vos entrego toda minha hõra, eu a ey por muito bem arriscada nas maõs de soldados de taõ honrosos pensamentos.

A armada tanto que vio o sinal que lhe fizeraõ da fortaleza, estando ja prestes & negociada: por que Nicolao Gõçaluez (a que aquelle negocio estaua encomendado) tinha aruoradas muitas lanças por todos os nauios, que estauõ fermosamente embandeira-

dos, & tinha cortados muitos muros em pedaços, & acesos os reparatio pellos moços, & marinheiros, pera que os imigos cuidassem que eraõ espingardas. E arrancando do posto em que estaua com sessenta nauios de remo, tocãdo muitos tambores, pifaros, & outros muitos instrumentos, com tamanhos gritos, & alaridos de moços & marinheiros, que punha medo. E como isto era de madrugada, fazia parecer aq̄lla cousa mais medonha. Assi foraõ entrando pello rio dentro, indo diante a Galeota do Governador, com seu toldo de brocado, & bãdeira de Christo por coadra, pera que cuidasse os Mouros, que ya elle ahi: & voga arrãcada foraõ passando pellas estancias dos Mouros, cõ aquellas carrancas, como que queraõ desembarcar na ponte da Alfandega.

Rumecan parecendolhe q̄ vinha ali o Governador, deixando as estancias encomẽdadas a luzarcan com oito mil homens: acodio aquella parte acompanhado de Mijatecan, Alucan, & Accedecan, com todo o mais poder. A armada leuaua toda artelharia ceuada: & tanto que emparelhou com as estancias foilhes dãdo hũa fermosa salua, de que matou algũs Mouros. O Governador que ja estaua prestes, tanto que a armada passou pellas estancias, sayo da fortaleza tocando suas trombetas, & outros muitos generos de instrumentos bellicos.

bellicos'. Dom Ioaõ Mascarenhas capitaõ della, que leuaua a dianteira, foi cingindo a caua, pera ir cometer pello cabo do muro, n'aquella parte em que estaua o baluarte de Diogo Lopez de Siqueira.

Aqui aconteceo vm caso milagroso, & foi, que estauaõ affestadaõ algũas peças de artelharia pera a ponte, por onde os nossos auiaõ de sair aos imigos, & antre ellas entrava aquella grande, medonha, & temerosa, que oje está na fortaleza de São Giaõ na barra de Lisboa, q̄ estaua carregada de jellalas, que he hũa moeda de cobre grossa & redonda, que té valia de tres reis.

Os Mouros tanto que os nossos fairoã da fortaleza, vendo a ponte entulhada delles puzeraõ fogo as bombardas por coatro vezes, sem de algũa dellas o tomar: & sem duuida que se Deos assi o naõ permitira, d'aquelle só tiro fora o Governador desbaratado. E por q̄ naõ passemos por outro milagre, de que os Mouros foraõ testemunas: elles mesmos affirmaraõ q̄ em quanto a batalha durou, viraõ sobre as ruinas da igreja hũa molher taõ fermosa & resplandecete, que com os seus rayos os cegaua a todos: & isto particularmente testemunharaõ os que ficaraõ catiuos na batalha.

E tornando aos da dianteira, tanto que sobiraõ a caua a outra banda remeteraõ com o muro em

que começaraõ a aruorar suas escadas. Os imigos como estauaõ á lerta despararaõ nelles sua artelharia: & quis a fortuna que vm pilouro acertasse na escada de Antonio Moniz Barreto, que leuauaõ os soldados da villa do Torraõ; & fazendoa em pedaços, assi ella, como as rachas della mataraõ os tres soldados logo, atalhando selhes em frol seus taõ honrados pensamentos.

Aqui socedeo outro caso mūy dino de memoria, & foi: q̄ estado em Goa desafiados dom Ioaõ Manoel, com Ioaõ Falcaõ, por certas paixoens que tiueraõ, andando o Governador pera se embarcar, & vendo que em tempo de taõ grande necessidade era rezaõ que se poupassem pera socorrerem a fortaleza d'Elrey: concertaraõse ambos, que o primeiro que sobisse a parede dos imigos em Diu, esse ganhasse a honra do desafio. E assi saindo diante de todos, leuando cada vm sua escada remeteraõ cõ o muro, a onde as encoftaraõ quasi a vm mesmo tempo. Dom Ioaõ Manoel tinha pedido a Antonio Moniz Barreto que o favorecesse na sobida, & lhe tiuesse a escada como fez: o mesmo pidio Ioaõ Falcaõ a outros fidalgos seus amigos.

Dom Ioaõ Manoel sobindo pela escada, & lançado a maõ direita pera a ferrar da parede ja em cima, lha cortaraõ os Mouros, & acodindo com a esquerda lhe fizeram

rao o mesmo, & vendosse sem maos, nao sintindo o furor de seu animo a perda dellas, foi com os cotos dos braços pera se pendurar & suspender do muro, trabalhando por se por em cima, (por que o desejo da honra lhe fazia muito faciles todos os riscos, & perigos: & estando quasi em cima lhe deu um golpe pello pescoço, que lhe lançaraõ a cabeça fora, atalhãdo á morte hũa das mais honradas opinioens que no mundo naceo. Era este fidalgo filho de dom Bernardo Manoel, & d'ũa filha do Conde de Villa noua, neto do grã de dom Ioão Manoel, que foi camareiro mór d'Elrey dõ Manoel, & guarda mór, & almotace mór, & capitaõ dos ginetes.

Ioão Falcaõ deseioso tambem de ganhar a honra do desafio, sobio pella escada ajudado d'aquelles aquem se encomendou, & chegando á borda do muro, foi morto de muitas cotiladas & lançadas, nao desmerecendo aqui cousa alguma do outro. Por esta maneira se encoftaraõ muitas escadas de logo a logo do muro, por que as outras duas companhias de dom Aluaro de Castro, & dom Manoel de Lima chegaraõ logo, trabalhando muitos por subirem, fauorecendoos os debaixo com sua espingardaria: começandosse de parte a parte hũa muito rija, & cruel batalha sobre a entrada: & todavia algũs dos nossos caualgaraõ o mu-

ro, & se poseraõ em cima ás cutiladas com os Mouros: & como a cousa foi taõ baralhada, & sobiraõ por tantas partes, nao se pode averiguar quem foi o primeiro. Mas dos primeiros foraõ Miguel Rodriguez Coutinho, d'alcunha Fios secos, cidadaõ nobre de Goa, mũy bom caualeiro: & Cosmo de Pãua. Este homem deu aqui grãdes mostras de seu esforço, por que teue só o pezo de todos os inimigos q̄ carregaraõ áquella parte, & como o muro era largo cercandoo um monte delles, trabalharaõ pello matar, mas elle defendendosse de todos, ferindo & derribando algũs se fez taõ temido a todos, que nao ousando a lhe chegarem por diante o perseguiaõ por detras, & pellas ilhargas com muitos arremessos, andando elle ja ferido de muitas feridas: & como estaua em meyo de tantos, um Turco teue tempo de lhe dar um golpe por detras por hũa perna q̄ lha cortou quasi toda. Vendosse o esforçado caualeiro sem perna, pós o outro gollho no chaõ, & assi se defendeo grande espaço, fazendo cousas notauéis a te que o mataraõ. Aqui neste tempo sobio Antonio Moniz Barreto o muro, & achou Miguel Rodriguez Coutinho Fios secos, cercado de muitos Mouros, & remetendo com elles os começou a cortar, pondosse á ilharga de Miguel Rodriguez Coutinho, & ambos tiueraõ um grande pezo dos inimigos

imigos que recrecerão.

Vasco Fernádez Tanadar mór de Goa, tambem foi dos primeiros que sobiraõ ao muro, & em cima se pôs como vm liaõ brauo em meyo dos Mouros, sem receo da morte, fazendo nelles grãde estrago: & sendo mūy perseguido de alguns Turcos, remeteo com vm, & deu tal golpe por cima do turbante, que lho cortou todo, & a cabeça a te o meyo, caindo lhe a os pés, & abaixandosse pera o acabar de matar, cuidando que estaua ainda viuo, lhe deu outro Turco hũa cotilada pellas costas, que lhe cortou vm grosso cotaõ de malha, & o fendeo pello meyo, caindo sobre o Mouro que tinha aos pés. Ia os nossos sobiaõ com menos trabalho o muro: por que os que estauaõ em cima o tinhaõ fráqueado.

Dõ Ioaõ Mascarenhas, foi correndo a parede a te o cabo, a onde estaua o baluarte de Diogo Lopez de Siqueira, que cometeo cõ grãde determinação: & posto q̄ nelle achou mūy aspera resistencia, o ganhou, com morte dos mais dos Mouros que nelle estauaõ, naõ lhe custando taõ pouco, que naõ perdesse perto de dez homens, em q̄ entrou Franciscod'Azueudo, q̄ este dia fez cousas em que mostrou bẽ seu valor & esforço: & estando ja em cima do muro, no meyo de vm esquadraõ de Mouros, em que fez mūy grande destruição: & está do obrando cousas dinas de quẽ

era, lhe deraõ com hũa lança de arremesso, de que acabou cõ muito louuor, passado de parte á parte. Dom Ioaõ Mascarenhas depois de ganhar o baluarte, & o muro d'aquella parte, passouse ao campo da outra bãda, & tocou a recolher os seus á sua bandeira, & formando vm fermoso esquadraõ, foi demandar os imigos, que estauaõ ja em outro, & lhe apresentou batalha ja no campo largo, em que a nossa arcabuzaria jugou bem á sua vontade. Aqui se trauou hũa muito aspera batalha, com grande destruição dos imigos, em q̄ os nossos pelejaraõ de maneira, que a poder de golpes arrancaraõ os Mouros do campo, & os leuaraõ a te os meterem dentro na cidade.

Os mais capitaens dom Alvaro de Castro, & dom Manoel de Lima, cometeraõ o muro por diferentes partes, & depois de muitos casos acontecidos, que se naõ podem particularizar, o sobiraõ, lançando delle os imigos, com grande estrago seu delles, & naõ sem dano, & mortes d'alguns dos nossos. Ganhado o muro se deceraõ abaiçao, & formaraõ seus esquadroens, & ao som de tambores & pifaros foraõ cometer Iuzarcan, que estaua com seis mil homens em vm corpo, antre o muro & o exercito, & começaraõ com elle hũa muito trauada & arriscada batalha, que esteue por vm espaço bem suspensa da parte dos nossos, por estarem  
com

com luzarcan todos os Rumes & Turcos do exercito, que pelejauão mūy valerosamente. Quando o Governador chegou á parede, ja achou a passagem franca, & sobio por ella com a bandeira de Christo apar de si, que leuaua Duarte Barbudo mūy bom caualeiro, indo cercada de Lourenço Pirez de Tauora, Garcia de Sá, Iorge Cabral, Manoel de Sousa de Sepulveda, & d'outros muitos fidalgos velhos, que leuaraõ sempre o Governador em meyo: & decendosse abaixo tocou a recolher, & ajuntou a si dom Alvaro de Castro, & dom Manoel de Lima com suas bádeiras, que andauão em batalha com luzarcan: & tendo ja aquelle poder junto, deu Sanctiago nos inimigos, que se trauaraõ com os nossos mūy determinadamente, cõ grande dano & risco d'ambas as partes. Mas como os Portugueses pelejauão diante do seu Governador, ou ueraõse de maneira na briga, que arrancaraõ os Mouros do campo, fazendoos recolher a suas estancias. O Governador mandou que apertassem com elles, & entrassem de enuolta, & afsi os de diante cometeraõ os valos que sobiraõ a pizar dos inimigos, mas com grande dano, por que aqui se perderaõ muitos dos nossos. O Governador ya júto da bandeira Real de Christo, & mandou ao Alferez que lha posesse em cima das estancias dos Mouros, o que elle logo fez, bra-

dando vitoria, vitoria: mas como os tiros & arremessos eraõ muitos, deraõ algús no Alferez que o derribaraõ dos valos abaixo. Aqui tornaraõ os Mouros a cobrar animo, & rebentaraõ das estancias cõ tamanha furia, q̄ começou a auer nos nossos grande desordem. Os fidalgos que yaõ com o Governador acodiraõ á bandeira Real, ajudando a aleuantar o Alferez, que cõ muito animo & risco seu a tornou a aruorar sobre os valos, brandando vitoria, vitoria. Os Mouros tornaraõ a apertar tanto, & tantos arremessos choueraõ sobre elle, que o derribaraõ muito mal tratado. Vendo o Governador o risco & perigo em que estaua, & que os seus parecia q̄ afracauaõ, adiantouse com hũa adarga embracada, & hũa fermosa, & larga espada na mão, & pondosse diante de todos lles disse.

Ah fortes & esforçados Portugueses, oje he o dia que vosso nome á de sobir por todos os passados, naõ receeis cousa algũa, passay adiante, que aqui está o vosso Governador diante de vos offerecido aos mesmos riscos & perigos, segui-me & fazei o que eu fizer. E chegando á bandeira achou ja o Alferez em pé muito mal tratado, dos tiros, & arremessos cõ que lheraõ: & leuandoa diante, apeli-dou o Apostolo Sanctiago, & começou a sobir os valos. Os fidalgos, capitaens, caualeiros, & solda-

dos em vendo o Governador diã-  
te a trepar os valos, pegado á ban-  
deira de Christo remeteraõ com  
taõ grande impeto, que despre-  
zando tanto genero de instrumẽ-  
tos de mortes, como eraõ os que  
sobre elles cayaõ, sobiraõ em ci-  
ma, lançando delles os inimigos cõ  
muito grande estrago, & assi os fo-  
raõ seguindo a te os enfiarem,  
nas estancias.

O Governador foi passando a-  
diante, com duas frechas craua-  
das na adarga, & muito alegre, &  
gentil homem fez aruorar a ban-  
deira de Christo sobre as estan-  
cias donde algũas vezes foi der-  
ribado o seu Alferez, que logo se  
tornou a levantar. Aqui se ateou  
outra noua batalha: mas como  
os nossos leuauaõ aquella furia,  
& quasi victoria, apertaraõ tanto  
com os Mouros, que de todo lhe  
ganharaõ as estancias. Rume-  
can tanto que teue recado do que  
passaua, tornou a voltar pera as  
estancias, que ja achou em poder  
dos nossos, & remetendo com el-  
les pera lhas tornar a ganhar, se  
tornou a atear a mais cruel & as-  
pera batalha, que a te entaõ ou-  
ue, em que todos fizeraõ cousas  
espantosas: & assi os Mouros por  
ganharem as suas estancias, co-  
mo os Portugueses pellas naõ  
perderem, aconteceraõ casos mui-  
to dinos de muito mayor escri-  
tura. Em fim no cabo do nego-  
cio, depois de muitas mortes, &

danos, os Mouros se recolheraõ  
desbaratados, & os nossos ficaraõ  
senhores das estancias.

## CAPITULO II.

*De como o Governador dom  
João de Castro apresentou  
batalha aos inimigos, & da  
cruzã della: & de como os  
desbaratou, & ganhou a ci-  
dade, com morte de Rume-  
can, & catiueiro de Iuzar-  
can.*



TANTO que Ru-  
mecan se vio com  
as estancias perdi-  
das, se foi retraindo  
pera o campo, a on-  
de se ajuntou com Iuzarcan, que  
se vinha recolhendo desbarata-  
do de dom Ioão Mascarenhas,  
& ali formou seus escoadroens  
pera pelejar com os Portugueses  
no campo largo. O Governador  
vendo que se preparauaõ pera  
lhe dar batalha naõ a refusou, an-  
tes com grande determinação se  
fayo dos valos & estancias, & or-  
denou seus escoadroens, dando a  
quella dianteira a dom Aluaro  
de Castro seu filho, que foi co-  
meter os Mouros com mais ordẽ  
dando sua surriada de arcabuzaria  
de que cairaõ muitos dos inimigos.  
Aqui se baralharaõ todas as coti-  
M ladas,

ladas, retinindo os golpes de armas, & atroando o mundo com os espantofos gritos & alaridos de vns & de outros. Foi aqui a crueza mūy grande, por que se feriaõ em descuberto, & sem emparo algum: mas como o poder dos inimigos era grande, & de todas as partes lhes foi acodindo sempre mais gēte, estiuerã os nossos quasi perdidos, & desbaratados: mas chegou aquelle tēpo o padre frey Antonio do Casal, cõ o crucifixo aruado na lâça, & passãdo por meyo dos nossos foi bradãdo alto: Ah caualeiros de Christo, aqui tendes a figura de vosso Deos, q̄ he o q̄ vos guia, esforçay & passay auante, por q̄ com tal capitaõ não ha q̄ recear, & com isto se foi por diante de todos, chamando por Sanctiago, como varaõ mūy animoso & Religioso. Tãta força tiuerã aquellas palauras, & a vista de Christo crucificado, q̄ infundio em todos novos espiritos, & rebentando como vrn furioso torrente q̄ dece do alto Apenino, deraõ Sanctiago nos Mouros, fazēdo nelles tal estrago, q̄ a pezar seu, & cõ morte de muitos os arrancaraõ do campo, começandosse a declarar a vitoria pellos nossos. Rumecan vendosse quasi perdido, tornou a voltar animando os seus com palauras de muita obrigação, & com tanta furia tornou a dar nos Portugueses, que os fez voltar com grande desmancho.

Aqui acodio o Governador acompanhado de Lourenço Pirez de Tauora, Garcia de Sá, Iorge Cabral, Manoel de Soufa de Sepulueda, & de outros muitos fidalgos, & apresentandosse diante de todos tiuerã o encontro aos inimigos, não deixando o Governador de arriscar sua pessoa, sem os que com elle andauã o poderem ter. Dom Aluaro de Castro, & dom Manoel de Lima com suas companhias estiuerã mūy apertados, & sempre acontecera vm grande defarranjo, se elles não trouxeraõ tanto o tento nos seus, acodindolhes nas mores afrontas & necessidades, fazendoos ter, & apresentandosse elles com os fidalgos de sua companhia ao encontro dos inimigos. Na volta que fez Rumecan, esteue tudo perdido por todas as partes, por que não só pelejauã contra os nossos os que traziaõ armas, mas ainda toda aquella multidãdo de gente inutil, que lançauã sobre os nossos tantas pedras, tiros, & outros arremessos, que parecia chourem coriscos, & trouoens do ceo. E como o Custodio andaua diãte de todos animandoos, & esforçandoos, permittio o Senhor, por dar mór animo aos seus, que d'aquelles numeros infinitos de pedras que cayaõ sobre todos, acertasse hũa em vn braço do crucifixo, que lho quebrou todo: & vêdo assi o Custodio, levantou

levantou a voz, & começou a dizer.

Ah caualeiros de Christo, vedes aqui a imagem de nosso Deos ferida & escalaurada diante de vós, que fazeis que não vingais tamanha offensa, & injuria, feita a vñ senhor que vos remio pello seu precioso sangue: seguime filhos meus, & caualeiros Christaõs vamos vingar nosso Deos: & com isto remeteo com os inimigos, brandando por Christo.

Ouindo todos aquellas palavras, & aleuantando os olhos q̄ lhe viraõ o braço depêdurado do cravuo pella mão, clamando todos a grandes brados, misericordia, misericordia, arrebentaraõ cõ aquella furia que lhe fazia levar o desejo de satisfazerem & vingarem aquella injuria feita ao Senhor: & rompendo nos Mouros, com grande estrago delles, os arrãcaraõ do campo, indo matando nelles a te os meterem pella cidade dentro: mas todavia não foi sem dano, por que ali cairã muitos dos nossos mortos & feridos: & antre estes Manoel de Sousa de Sepulueda, q̄ ficou estirado no campo com muitas feridas.

Aquelle tempo chegou ao cais hũa fusta, em que vinha de Baçaim Bastiaõ de Sá, filho de Ioã Rodriguez de Sá, de se curar da frechada que lhe tinhaõ dado em hũa perna, (como fica dito no fim do capitulo sexto do segundo li-

uro.) E sabendo estar o Governador no campo o foi logo demandar, com alguns companheiros que trazia: & chegãdo áquelle parte, achou Manoel de Sousa de Sepulueda estirado no campo, & chegandosse a elle o aleuantou. Elle lhe pedio que fossem ambos juntos em busca do Governador, por que se não auia de recolher sem elle: Bastiaõ de Sá, que não se tinha achado n'aquelle conflito, não querendo que se acabasse sem elle, disselhe, que não era tempo: & passou a diante a te chegar aos nossos que andauã ja dentro na cidade enuoltos com os inimigos: & pondosse na dianteira com os primeiros, começou a pelejar como quem vinha de represa, & deseioso de o fazer. Os Mouros como yaõ ja de arrancada, & os nossos com aquelle animo & furia acabaraõ de os desbaratar, & de os espalhar pella cidade. Vendo dom Manoel de Lima, (que pelejava na dianteira, & tinha feito grandes cousas) a vitoria por nós, apartouse cõ o seu esquadraõ, & foi a pos vñ corpo de Mouros, que se yaõ recolhendo pella banda da praya, & dom Alvaro de Castro, que aqui mereceo muito, foi sempre seguindo Rumecan pella cidade dentro pello caminho que vay ao Bazar, pelejando sempre.

Dom Ioã Mascarenhas tanto que desbaratou Iuzarcan, o foi

feguindo pella parte a onde oje está a ermida de Nossa Senhora, que então era o lugar da forca, leuandoo sempre diante a te o meter pella porta da cidade, a onde entrou de enuolta fazendo vm mūy grande estrago nos imigos: Iuzarcan se foi ajuntar com Rumezan (como ja diffemos) cō parte dos seus.

O capitão chegou a te o meyo da cidade, donde despidio recado ao Governador como ficaua nella, & os imigos por aquella parte desbaratados. Este recado chegou ao Governador a tempo, que tambem ja os imigos que elle seguia, se punhão em desbarato: & prometeo ao homem que lho leuou grandes aluiçaras: por que a te então não sabia de dom Ioaõ Mascarenhas: & logo o tornou a despindir, mandando dizer ao capitão dom Ioaõ Mascarenhas, que fosse recolhendo os seus, & o esperasse a onde estaua a te se elle ir ajuntar com elle.

Dom Manoel de Lima que foi seguindo os Mouros que tomaraõ o caminho da praya, leuou os sempre diante de si, fazendo nelles muito grande estrago, a te as casas d'Elrey a onde parou, & despidio recado ao Governador, que ja tudo era rendido, & em lho dando deu muitas graças a Deos por tamanha merce, & foi tomando o caminho da praya: & chegãdo a onde elle estaua o leuou nos braços,

dando a elle, & a todos, muitos, & publicos lououres. Estaua dō Manoel de Lima cō a sua bādeira aruorada sobre a artelharia que os Mouros tinhaõ á porta da alfandega, q̄ eraõ alguns bazaliscos, aguias, & saluagens de metal, de marauilhosa grãdeza. O Governador lhe disse, q̄ pois elle ganhara aquellas peças, lhe fazia merce em nome d'Elrey de vm d'aq̄lles bazaliscos, o mayor. Dō Manoel de Lima lhe fez sua inclinação pella merce, aceiteãdo: mas disse logo, q̄ tornaua a fazer seruiço della a Elrey. O Governador mãdou ver se estaua algué nas casas do Soltam Mahamude, & achãdoas vazias, mandou meter nellas hũa cópanhia de cem soldados, & tomãdo dom Manoel de Lima cōsigo, tornou a entrar na cidade pella porta da alfandega, & sayo ao Bazar grande, a onde achou seu filho dom Aluaro de Castro, que a te ali foi apos os imigos, em quem tinha feito grande destruição. D'ali o mandou que cō a sua companhia corresse a cidade, & ajuntasse a si toda a gente desmandada, & o fosse esperar á porta que sayo por aquella parte ao cãpo, & o Governador cō toda a mais gente foi encaminhãdo pera onde estaua dō Ioaõ Mascarenhas. Dom Aluaro de Castro foi recolhêdo os soldados, q̄ com hũa brutal crueza andauãdo pellas casas matãdo, & espedaçãdo molheres, mininos, & velhos, não perdoãdo ainda

do ainda a te os brutos animais: & foi a crueza taõ espantosa, que corriaõ pello meyo de todas as ruas regatos de negro sangue, carregãdoffe todos de prezas que pellas casas tomavaõ, de ouro, prata, aljofar, deixando as mais fazendas que eraõ muitas & ricas, pollas naõ poderem leuar. Dom Alvaro de Castro depois de com muito trabalho recolher todos a si, esperou em meyo do Bazar pello Governador que logo chegou, & afsi foraõ marchando a te darem com dom Ioão Mascarenhas, que ainda estava ás lans com os imigos, que tornaraõ a voltar a elle: mas vendo elles o poder deixaraõ tudo, & se foraõ recolhendo pera fora da cidade.

O Governador ajuntou a si todas as bandeiras, & ao som de tãbores & pifaros foi marchando pera o campo a onde sayo, & vio que se ajuntava todo o poder dos Mouros em vm corpo, & estavaõ á sua vista, Rumecan, Accedecan, Iuzarcan, Mojatecan, & Alucan, cõ oito mil homens, postos em som de batalha, & em muito boa ordẽ, com determinação de tornarem a buscar os nossos. O Governador por naõ arrefecer da vitoria, mandou a dom Ioão Mascarenhas, & a seu filho dom Alvaro de Castro, que cada vm por sua parte come-tessem os Mouros, por que elle o queria fazer pella testa do esquadraõ.

Apartados os capitaens foraõ

demandar os imigos, & os comerãõ com muito grande determinação, ateandoffe antre todos hũa muito arriscada batalha. O Governador os foi tambem demandar depois de andarem ja enuoltos, & pegou com elles com taõ espantosa furia, que com morte de muitos os começou a arrancar do campo. Os capitaens que pelejavaõ pellas ilhargas com dom Ioão Mascarenhas, & com dom Alvaro de Castro, tanto que viraõ q̃ Rumecan começava a perder o campo, enfraqueceraõ de maneira, que se poseraõ em desbarato. Os nossos vendo isto apertaraõ tanto cõ elles, que os fizeraõ ir retraindo com tanta desordem, que cayaõ vns sobre os outros. E foraõ se mettendo tãto os nossos com os Mouros. que vm Gabriel Teixeira mui bom caualeiro passõu tanto adiante, que chegou ao Alferez da bandeira Real de Cambaya, & derribandoo de vm golpe lha tomou das maõs, & se recolheo com ella arretandoo, & bradando vitoria, vitoria.

Iuzarcan pelejou muito bem, & depois de ter muitas feridas, & andar muito fraco, & cansado, cayo antre o tropel dos seus que yaõ fugindo: & sendo conhecido dos nossos, lançaraõ maõ delle, & o leuaraõ ao Governador, que o estimou muito, encomendando a alguns homens de recado que o leuasssem á fortaleza, & o mandas-

*Sexta Decada. Da historia da India.*

sem curar, & ter a bom recado.

Rumecan védosse de todo desbaratado, & indosse recolhendo muito cansado & fraco, por leuar duas espingardadas, receoso de ir ter as mãos dos Portugueses, despio os trajos que trazia, & vestiose de hũa pobre cabaya por não ser conhecido, & achando vm cauouco com alguns corpos mortos se lançou antre elles, pera ver se por ali podia escapar: mas como não ha fugir á mão de Deos, ali lhe foi dar hũa grande pedra na cabeça, ou fosse da mão dos nossos, ou dos seus, que lha fez em pedaços: & assi acabou no mais miseravel estado, o mais poderoso & soberbo Mouro que auia em todo o reino de Cambaya, nem em todos os do Oriente naquelle tempo.

Os nossos foraõ seguindo a victoria pello campo adiante, por espaço de meia legoa, a te de todo desbaratarem os inimigos. Vm Jorge Nunez bom caualeiro que ya por aquella parte pera onde Rumecan se recolheo, (que parece leuaua o olho nelle) & indo ter ao cauouco achou aquelles Mouros mortos, & antre elles vio, & conheceo Rumecan, (por que o conhecia mūy bem) & cortandolhe a cabeça a lançou as costas, & a leuou ao Governador, que a estimou muito, & prometeo ao soldado de lhe fazer merce, como depois lhe fez. Este homem viueo depois muitos annos casado na cidade de Da-

maõ, & tem ainda nesta era de nouenta & sete, em que isto escreuemos, molher & filhos, & elle em quanto viueo se chamou Jorge Nunez o Rumecan: & depois que faleceo se enterrou em saõ Fráçisco de Damaõ, a onde oje aparece sua sepultura com hũa mão & hũa cabeça pellos cabellos tomada, & vm letreiro que diz: Aqui jaz Jorge Nunez que matou Rumecan. Desta verdade não achamos outra testemunha mais que esta, & parece que lhe deue de ficar o direito pella muito antiga posse em que está, que nós lhe não queremos tirar.

O Governador tanto que vio a victoria arrematada se foi recolhendo pera a cidade, que entregou liberalmente a saco aos soldados q̄ nella se ceuaraõ bem, & elle se foi ás casas d'Elrey, & nellas achou toda a recamara de Rumecan, de ouro, prata, peças ricas, caualos, jaezes, armas de muitas sortes, o que tudo mandou por a bom recado, & a artelharia toda, que eraõ corêta peças grossas de bazaliscos, a te camellos de marca mayor, & outras muitas de outras sortes.

Affolada a cidade se recolheo o Governador pera a fortaleza a descansar, & a dar folga a gente, q̄ andaua mūy cansada, mandando recolher, & enterrar os mortos, & curar os feridos com muita diligencia, & resguardo. Sobre a tarde tornou a sair fora com as bandeiras ordena-

ordenadas, & entrou nas estancias dos inimigos, a onde se acharaõ muitas monçoens, mantimentos, armas, & hũa grãde soma de aluioes codilins, machados, pás, padiolas, escadas, & todos os mais petrechos de minar: tudo isto mandou recolher pera a fortaleza, no que se gastou aquelle dia & o outro.

Morreraõ na batalha dos Mouros, cinco mil, conforme a hũa carta que achamos do Governador dom Joaõ de Castro no cartorio da Sé de Goa, que escreueo ao Bispo dõ Joaõ d'Albuquerque, quando lhe mandou as nouas da victoria, em que lhe relata em breues palauras esta jornada.

Foi catiuo luzarcan, & perto de seiscentos homens de armas.

Morreo Rumecan, Accedecan, Alucan, & outros muitos capitães.

Tomaraõse muitas bandeiras, armas, & outras muitas cousas, que no triumpho do Governador adiaõte melhor se veraõ.

Portugueses morreraõ trinta & cinco, & ficaraõ feridos duzentos & cincoenta. O Governador despido logo vm cidadão nobre & caualeiro, chamado Diogo Rodriguez d'Azeuedo, em vm nauio muito ligeiro, com cartas pera o Bispo, capitaõ, & cidade de Goa, em que lhes daua as nouas da grãde victoria que tinha alcãçado dos capitaens d'Elrey de Cambaya. E a cidade em particular escreueo

hũa muito honrosa carta, em que lhe representaua as necessidades em que ficaua de dinheiro pera a reformação d'aquella fortaleza, q̃ lhe pedia lhe quisessem emprestar vinte mil pardaos sobre vns cabellos da sua veneranda barba, q̃ pera isso lhe mandou dentro na mesma carta, prometendolhe de os desempenhar tanto que chegasse a Goa: & da jornada deste homẽ a diante daremos rezaõ.

### CAPITULO III.

*Das cosas que mais socederaõ:  
& de como Lourenço Pirez de Tauora se embarcou pera o Reino, & leuou consigo Rax Nordin, filho de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz.  
E de como o Governador dõ Joaõ de Castro mandou dom Manoel de Lima a fazer guerra à costa de Cambaya, & de como destruiu as cidades de Goga, Gandar, & outras.*



O outro dia, depois que o Governador despido o recado pera Goa, tornou a correr a cidade, tendo ja recado certo, que toda a gente que escapou da batalha era passada á outra banda da terra firme,

& mandou desmanchar a ponte q̄ ya da alfandega pera a villa dos Rumes, & desfazer a parede da cõtenda, & todas as estácias dos imigos, que deraõ a todos muito trabalho, por serem muitas, & muito fortes, & a parede cõprida & muito grossa. Depois de tudo isto feito, tomou o Governador parecer com todos os capitaens & fidalgos velhos, sobre a reparaçãõ & fortificação d'aquella fortaleza: & de cõmum cõselho se assentou que se alargasse mais o sitio, por ser dentro muito estreita: & que se fizessem outros muros novos por fora da caua, & se abrisse á roda outra mais larga, & mais funda. Assentado isto começou o Governador a pór as mãos á obra com muita presteza.

Lourenço Pirez de Tauora chegandosselhe o tempo de se ir embarcar, se despedio do Governador, que escreueo por elle a Elrey muito largo dos merecimẽtos dos homens que n'aquelle cerco se acharaõ, & de si muito pouco, por q̄ se reportaua em tudo ao capitãõ mór das naos, como testemunha de vista. Foi embarcado pera o reino com Lourenço Pirez de Tauora na sua mesma nao Rax Nordin, filho de Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz, que leuou grande casa. O Governador ficou proseguindo na reedificação, & fortificação da fortaleza. E por que lhe deraõ por nouas, que em Surrate se esperaua

por duas naos de Meca muito ricas, despedio dom Manoel de Lima com trinta nauios, em que yaõ os mais dos capitaens que das outras vezes o acompanharaõ: dandolhe por regimento, que em quáto as naos tardassem fizesse por aquella ençada toda a guerra que podesse: mas que naõ tocasse na cidade de Goga, por ser auisado q̄ toda a gente que escapara de Diu, estaua ali recolhida.

Dom Manoel de Lima foi seguindo sua jornada de longo da costa pera dentro da ençada: & ao segundo dia depois que partio lhe deu vm temporal da bãda do Sul, com que estiueraõ os nauios quasi perdidos: & correndo com traquetes foraõ sorgir nos poços de Goga á vista da cidade, ficando em remanso por causa das restingas & canais em que os mares quebraõ. Os da cidade tanto que ouueraõ vista da armada, a começaraõ a despejar, & a se recolherem pera as aldeas do sertão. Estaua hũa nao de Mouros do Zamaluco surta tambem em vm d'aquelles poços, & vendo os della o despejo da cidade, como leuauaõ cartaz, & eraõ de paz, começaraõ a capear com bandeiras aos nossos, pera q̄ acodissem, & desembarcassen. Os da armada bem viraõ o capear da nao, mas naõ entendendo o por q̄ o fazia, pareceolhes que era nao de Cambaya, & que de confiada em sua fortaleza, & muita gente q̄ trazia,

trazia, lhes fazia aquellas alguazaras, & os defafiava. Dom Manoel de Lima como era homem mūy colerico, & desconfiado, vendo q̄ o tempo lhe não daua lugar pera ir demandar a nao, estava pera arrebrantar de pezar. E lançando a vista a hūa & a outra parte, vio o despejo da cidade, & ir pello campo grādes exercitos de molheres & mininos, com suas fazendas ás costas em compridas fileiras (afsi como se vem as prouidas formigas carregadas de seu mantimento a buscar as couas em que se agafalhaõ) & entendendo entã que o capear da nao era auiso que lhe daua d'aquelle despejo que se fazia com receo da armada: mandou chamar todos os capitaens, & lhes disse.

Que bem viaõ, que o tēpo lhes não daua lugar pera sairem dali, & que pois á sua vista se despejava aquella cidade, & mostrava tanto temor delles, que pareceria fraqueza não seguirem a vitoria, & porẽ aquella cidade (que era das mayores de Cambaya) a ferro & a fogo, & darem nella vm bom ceuo a seus soldados. Porem posto q̄ traziaõ por regimento, que não tocassem nella, que a causa que mouera ao Governador a lho defender, fora, ser auisado que ali estava toda a gente que escapara da batalha de Diu, que era muita, pellos não pór a perigo. Mas q̄ pois viaõ fogir os imigos á sua vista com tã-

ta desordem, parecia que se auenturava pouco, em acabar de destruir as reliquias do exercito imigo se ali estava, & que vissem todos o que lhes parecia naquelle negocio.

Como todos os que ali estauaõ desejavaõ tanto, ou mais, que o capitaõ mór desembarcar naquella cidade, todos a hūa voz differaõ, q̄ não era bem se perdesse hūa taõ grande occasiaõ como aquella: q̄ desembarcassẽ, & seguissem a vitoria em que auia taõ pouco risco, pois aquelles imigos yaõ desbaratados por si proprios. Vendo dom Manoel de Lima a resoluçaõ de todos, como o tempo ya ja cessando, embarcou se logo em hūa pequena galueta & foi sondar o esteiro, por onde se entra á cidade (de quem ja na coarta Decada, no capitulo quinto do liuro setimo demos larga relaçaõ.) E vendo que de baixa már era forçado ficarem todos os nauios em seco, notou hūa coroa de area, que em meyo do esteiro deixava a maré depois de vazia, em que as fustas podiaõ ficar: por que por derredor distancia de vm coarto de legoa, & em partes mais, era tudo vaza, que atollava a te o pesçoço: por onde ficavaõ ali seguros de poderem ser cometidos. E visto tudo mūy bem se tornou pera a armada, & deu recado aos capitaens, pera que se fizessem prestes.

E tanto que a maré começou a encher

*Sexta Decada. Da história da Índia.*

a encher cometeo a entrada do esteiro, & pojando em terra desembarcarão todos os capitaens cõ sua gente & badeiras, & o capitão mór com o guiaõ de Christo, & pondosse em ordem começaraõ a marchar pera a cidade, pella bñda do fertoõ, por pontes que tinha, que atraueffauaõ os esteiros, q̃ a cercuaõ quasi a roda. E cõ grande determinação a entraraõ achãdo pouca resistencia, por que a gente da guerra occupouse toda em saluarem as molheres & filhos: & algũa desobrigada que acodio a defender a entrada foi logo desbaratada. Dom Manoel de Lima mandou dar fogo á cidade por algũas partes, por os seus se não desmandarem no roubo. E como nella auia muitas terecenas de mantimentos, manteigas, cifas, drogas, & muitas mercadorias, tomou tamanha posse, & aleuantou ao ceo taõ grandes, espeffas, & negras nuuens de fumo, que cobriaõ toda a cidade. Os nossos foraõ por hũa parte della a te sairem ao campo largo da outra banda, por onde se acolhia a gente (de que aquelles campos yaõ cubertos) fugindo cõ tanta pressa, que lhes parecia que yaõ apos elles aquellas temerosas chamas. Dom Manoel de Lima ouue por desnecessario seguios, & tocou a recolher, & prinieiro que a maré vazasse se embarcou, leuãdo tres Baneanes catiuos, & com todos os nauios se recolheo pera a

coroa da area a onde os ancoraõ: & depois da maré vazia ficaraõ em seco muito seguros.

O capitão mór soube dos Baneanes, que a gente da guerra que estaua na cidade era pouca, & que toda a que viera de Diu, ou a mór parte della, se espalhara logo por esse fertoõ: & que essa que auia cõ os naturaes se foraõ recolhendo pera hũa villa que estaua dali a hũa legoa. E informandosse do caminho, & de tudo o mais que quis, tomou conselho com os capitaens sobre se iria cometer aquella villa, a onde todos auiaõ de estar des cuidados: & assentandosse que si, se fizeraõ todos prestes pera a outra maré que lhe cayou no coarto d'alua. E desembarcando em terra, deixando cem homens repartidos pella armada, se foraõ marchando com grande ordem, & resguardo, leuando os Baneanes por guia. E antes da menham romper chegaraõ á villa sem serem sentidos, por que não se receuaõ de tal: & cometendoa com grande impeto, tomando todos dormindo, & cansados do trabalho da fogida, fizeraõ em todos tamanha destruição, & vsaraõ de taõ grandes cruezas, com todo o genero de gente que acharaõ, que foi espanto. E assi aquelles miseros q̃ foraõ fugindo da morte com taõ grande trabalho, a foraõ achar, quando cuidaõ que della estauaõ mais seguros, & na mayor quietação, & repouso.

repouso. O lugar foi todo abraçado: & todo o gado que pellos câpos acharaõ, foi morto, & lançado dentro em seus pagodes, por afrõta de sua Religiaõ: & así nos pocos & tanques de que bebiaõ, pera lhes ficarem immundos, & abominaueis pera sempre, (por que a onde toca o sangue da vaca, não tem purificação algũa pera isso.) Depois de cortarem, assolarem, & destruirem tudo, mandou o capitão mór enforçar os tres Baneanes q̄ tomou em Goga, dentro no seu mayor Pagode, o que foi pera os Gentios a mayor abominação & afronta que podia ser: & com isto se recolheraõ pera Goga sem lhes acontecer defastre.

Embarcado o capitão mór se fayo pera os canais, & como lhe o tempo deu lugar se fez á vela, & atraueffou a enceada á outra banda, & acharaõ aquelle golfo taõ furioso, que estiueraõ quasi perdidos, & alagados, & tanto que lhes veyo a vazante, foilhes necessario forgirem, o que fizeraõ em alguns pocos, por que ali são tudo alfiques, & em muitas partes de baixa már ficaõ descubertos: & quem não for muito bõ Piloto d'aquella enceada, & não tiuer muito conhecimento dos forgidouros, ficará sobre elles a muito risco de se perder: & muitas vezes se aconteeo ficarem alguns nauios parte sobre elles em seco, & parte em nado dependurados em mui-

to perigo a te tornar a maré.

He o fluxo & refluxo no fundo desta enceada taõ soberbo & impetuoso, que se perde a vista nelle: & se acertar de dar vm nauio em parte que toque, em vm breue momento he feito pedaços. E quem está na cidade de Cambayete, em começando a vazar a maré, em vm breue espaço vé tudo quanto a vista alcança, seco & esprayado, samente vm pequeno canal em q̄ ficaõ os nauios escorados por ambas as partes com vigas que pera isso trazem: & depois quando a maré torna a encher vem com tanta soberba, fazendo vm macareo taõ medonho, que parece q̄ quer encapellar toda a cidade: & trás comligo tamanho terremoto, que estando eu naquella cidade, a primeira noite que o ouuimos nos pós muito grande medo, por que parecia que se foruertia a cidade, & em muito pequeno espaço torna tudo a ficar vm már de agoa, q̄ parece que não ha coufa que o seque. E querendo eu por coriosidade experimentar a ligeireza deste macareo me pus na praya, em vm bom ligeiro caualo Arabio (em parte que só aquella pequena onda da resaca podia chegar.) E em vendo vir o macareo com grande terremoto hũa grande distancia, lhe pus as pernas, mas antes de vm tiro de pedra passou por my como vm rayo, deixando me bem molhado. E quem bem notar Pli-

*Sexta Decada. Da historia da India.*

nio, & Ariano autor Grego, falando da cidade de Barigaza (que sem duuida he a de Cabayete, como em outro lugar mostraremos) verá que claramente falaõ deste mareo: por que dizem que a cidade de Barigaza está em defassete graos, & que tem vm grande rio, & reuolumento, & impeto de agoas.

E tornando a nossa armada, passou toda a noite surta nos pozos com grande trabalho, & chegada a menham deraõ á vela, & foraõ ferrar terra defronte da cidade de Gandar, que está situada per vm fermoso rio acima, por onde entraraõ os nauios, & chegãdo a cidade desembarcaraõ nella, & a cometeraõ com muito boa ordẽ, & entrandoa sem acharaõ defensaõ, por ser toda pouuada de Gẽtios mercadores, que á despejaraõ em vendo a armada: Os nossos ameteraõ a sacco, & acharaõ nella muitas, & muito ricas roupas, por que se fazem ali as milhores de todas as cidades de Cambaya. Depois que os nauios foraõ cheyos, poseraõ fogo á cidade em que toda se consumio. Dali se passaraõ pella ençada mais dẽtro, destruindo todos os lugares maritimos. E por que ja estauaõ muito no sacco, tornaraõ a voltar a te Baroche, fazendo por toda a sua costa grandes danos & incendios, tomando muitos nauios carregados de fazendas & mantimentos. E acabã-

doselhes o tempo dos prouimentos, tornaraõ a voltar pera Diu vitoriosos.

CAPITULO IIII.

*De como dom Joaõ Mascarenhas desistio da fortaleza de Diu, & o Governador dom Joaõ de Castro a entregou a dom Manoel de Lima: & de como Antonio Moniz Barreto foi esperar as naos de Cambaya: & de como chegaraõ a Goa as nouas da vitoria: & de vm eroico feito que fizeraõ as matronas de Goa.*



AVA o Governador dom Ioaõ de Castro muita pressa as obras da fortaleza por ser ja em Fevereiro, tempo em que lhe era necessario acodir a Goa pera prouer nas cousas de Malaca, & Maluco. Dom Ioaõ Mascarenhas vendo a merce que lhe Deos tinha feito, determinou de se ir pera o reino, sem embargo de naõ ter cumprido o tempo da sua fortaleza, por que naõ queria della mais que a hõra que lhe ficaua d'aquelle cerco, & pedio ao Governador que a prouesse, por que sem duuida elle se auia de ir com elle pera Goa. O Governador

Gouernador o quis tirar d'aquelle proposito, dádolhe muitas rezoões pera isso, & lembradolhe que era muito necessario esperar ali recado d'Elrey, que forçado auia de ter muita conta com suas cousas: & por muitas que lhe disse sobre este negocio o não pode acabar com elle. Vendo o Gouernador que lhe era necessario prouer aquella fortaleza, cometeo alguns fidalgos velhos com ella, & todos se lhe escusaraõ, dizendo por fora publicamente, que pois dom Ioão Mascarenhas auia de leuar a honra & gloria do cerco, que leuasse tambem os trabalhos da fortificação da fortaleza. Isto foi ter ás orelhas do Gouernador, de que se muito enfadou: por que não se sabia determinar no que fizesse: & quando chegou dom Manoel de Lima andaua elle muito malenconizado: & estando um dia praticando com elle sobre este negocio o achou de feição, que se atreueo ao cometer com aquella fortaleza, pondolhe diante a muita conta q' Elrey com elle tiuera, & o grande seruiço que naquillo lhe faria. Dom Manoel de Lima posto que sabia que muitos lha tinhaõ engeitado, não lhe dando por isso a desconfiança, lhe disse, que pois elle auia que nisso seruia a Elrey, q' elle a aceitaua com muito gosto. O Gouernador o meteo logo de posse della, & elle começou a correr com suas obrigaçoens muito

bem, profeguindo na obra da fortificação com muita pressa.

O Gouernador como trazia muitas intelligencias por todo o reino de Cambaya, foi auisado que em Surrate se esperaua por algúas naos de Ormuz, pello que logo có muita pressa despidio Antonio Moniz Barreto com quinze nauios ligeiros, com regimento que se fosse lançar na costa de Pór, & Mangalor, a onde ellas auiaõ de vir demandar a terra, & que as tomasse. Antonio Moniz Barreto se foi lançar naquella paragem, a onde se deixou andar: & nós tambem o deixaremos, porque he necessario continuarmos com Diogo Rodriguaz d'Azeuedo, que atras no fim do capitulo segundo do liuro coarto deixamos partido pera Goa, com as nouas da vitoria.

Este homem se deu tanta pressa, que em breues dias foi ter áquella cidade, & deu as cartas ao Bispo, Regentes, & Vereadores, por que souberaõ da grande vitoria que Deos lhe dera: & espalhandosse as nouas pella cidade, começou toda a desfazer em festas & alegrias, ordenando o Bispo muito solennes procissoens, pera com ellas se darem lououres a Deos pellas merces que lhes tinha feito: & despidio logo cartas a Cananor, & a Cochim, a onde se fizeraõ tambem outras có muito grãde deuação.

ção. Os Vereadores mandaraõ a-  
juntar o pouo em camara, & o do  
meyo leo a carta do Governador,  
& dentro nella acharaõ o rico pe-  
nhor da sua veneranda barba em-  
burilhado em outro papel, &  
vendo o que dizia na carta, fez so-  
bre isso hũa breue fala a todos,  
em que lhes representaua a neces-  
sidade em que estaua o Governador,  
& como naquelle negocio ya  
toda a saluação & remedio da In-  
dia, que aquelle era o tempo em q̃  
os bons Portugueses auiaõ de mo-  
strar o grande amor & zelo que  
tinhaõ ao seruiço do seu Rey, que  
os saberia mûy bem galardoar  
com honras, priuilegios, & liber-  
dades. Que era muita rezaõ que  
todos acodissem, & emprestassem  
ao Governador aquillo que boa-  
mente podessem, por que assi o en-  
comendaua elle muito, & q̃ a paga  
feria nos direitos da alfandega, &  
nos dos caualos.

Vendo os cidadaõs a honrosa  
carta do Governador, & a guede-  
lha de sua branca barba, mouidos  
do zelo Portuguez, differaõ que  
estauaõ muito prestes pera vende-  
rem (se fosse necessario) os filhos  
pello seruiço de seu Rey, & pera a  
defensaõ de seu estado. E saídos da  
li foraõ a suas casas ordenar o que  
cada vm auia de dar, (por que este  
negocio naõ correo por força, nem  
com as desordês q̃ em semelhãtes  
casos acontecem, se naõ por gosto,  
& amor.

Sabendo as molheres dos cida-  
daõs aquella necessidade, leuadas  
de vm hõroso zelo, tiraraõ as ma-  
nilhas d'ouro dos seus braços, & os  
ricos colares esmaltados de seus  
pescoços, & os cintos de rica pedra  
ria, cõ q̃ se costumauaõ arrayar nos  
dias de suas mores festas; & as que  
menos podiaõ, as cadeas, orilheiras  
& ancis. E dádo tudo isto aos ma-  
ridos lhes differaõ, que tudo se em-  
penhasse & vendesse pera o serui-  
ço do seu Rey, & pera a defensaõ  
de sua patria.

Louué agora os escritores aquel-  
la grande liberalidade, com que  
as matronas Romanas mandaraõ  
offerecer ao Senado suas joyas pe-  
ra as despezas da guerra: por que  
nenhũa dellas emprestou mais q̃  
hũa onça de ouro: por que pella  
ley o piaõ naõ podia ter mais em  
joyas lauradas. Os cidadaõs ajuntã  
do logo o dinheiro que cada vm  
pode o leuaraõ á camara, & com  
elle as joyas das molheres, que tu-  
do prefazia mayor contia de di-  
nheiro, do q̃ o Governador pedia.  
E recolhendo tudo em vm cofre,  
& a guedelha da barba do Gover-  
nador em outro pequeno guarne-  
cido de prata, lhe mandaraõ tudo  
pello mesmo Diogo Rodriguez  
d'Azeuedo: escreuédolhe hũa bre-  
ue carta, em que lhe certificauaõ  
que se fosse necessario empenharẽ  
seus filhos pera o seruiço de seu  
Rey, que todos o fariaõ com mui-  
to gosto. E em quanto este recado  
naõ

naõ chega ao Governador, continuaremos com Antonio Moniz Barreto.

Auendo poucos dias que estaua furto na parte em que o deixamos, veyo dar com elle hũa fermosa nao de Cambaya cheya de muitos, & mūy ricos mercadores da Persia: dos reinos do Zamaluco, & Idalxa, que se nella embarcarão por trazer seguro, & cartaz do Governador, que tomou antes que a guerra se rompesse. E indoa demãdar amainou logo as velas cõfiada no cartaz: & o capitaõ que se chamaua Nacoa Nacael, com alguns mercadores principaes se meteraõ no batel, & foraõ demãdar a fusta do capitaõ mór com o cartaz na maõ. Antonio Moniz Barreto o guardou, & os reteue, mandando meter hũa guarniçaõ de soldados na nao pera a guardarem, & dando á vela se foi cõ ella pera Diu, onde depois da nao chegar mandou o Governador por os mercadores a bom recado, & descarregar a nao de toda a fazenda, q̃ importou de ventagem de vinte mil cruzados, a fora doze caualos Persios muito fermosos. Os mercadores estrãgeiros disseraõ ao Governador, q̃ elles eraõ de reinos amigos, & q̃ se embarcarã naõlla nao por trazer seguro, & cartaz seu q̃ elles naõ tinhaõ culpa na guerra, nẽ eraõ vassallos d'Elrey de Cãbaya, pello q̃ naõ podiaõ perder suas fazendas. O Governador ouuindo

os de sua justiça os mandou soltar, dizendolhes q̃ a fossẽm requerer a Goa, que lá lha fariaõ se a tiuesse, mandando a nao pera Goa, entregue a Simaõ Botelho veador da fazenda, pera lá vender algũa, que ainda lhe ficou, & fazer prestes os prouimentos pera Malaca, & Maluco: & na nao mandou embarcar muita artelharia, & outras cousas das que se tomaraõ na cidade.

Nesta conjunçaõ chegou a Diu Diogo Rodriguez d'Azeuedo cõ as cartas, & emprestimo da cidade, & lendoas o Governador, & abrindo os cofres em q̃ vinha o dinheiro & joyas das molheres dos cidaõs, sabendo pellas cartas, & de Diogo Rodriguez d'Azeuedo, o amor com q̃ lhas mãdauaõ: assi se moueo d'aquelle zelo, & liberalidade, q̃ lhe rebẽtarã as lagrimas pellos olhos fora. E vendoffe prouido de dinheiro da nao, sem tocar em nenhũa cousa das que lhe mandaraõ, tornou a enuiar tudo, assi & da maneira que veyo, pello mesmo Diogo Rodriguez d'Azeuedo, por quem escreueo á cidade hũa muito hõrosa carta, cheya de muitos offerecimentos, & agardcimentos, que se lhe deu.

E certo que segundo ouuimos a algũas pessoas d'aquelle tempo, q̃ quando as matronas de Goa viraõ outra vez as suas joyas sem se nelas bolir, que o sintiraõ em estremo: & que antes tomaraõ que se desfizeraõ todases moeda pera os

gastos da fortificação da fortaleza de Diu, que tornaremlhas a mandar, tanto pode a afabilidade, virtude, & zelo Christão de um bom Governador, que não só se faz senhor das fazendas dos homens, mas ainda de seus corações, & vontades, que Deos fez tão livres pera todos. E quanto ao reuez acontece ao capitão austero, aspero, & tacanho: por que não faz mais que criar nos coraçoes dos homens odio, & auorrecimento.

E deixando esta materia: Chegadas as nouas desta tomada da nao a Elrey Soltaõ Mahamude, que andaua como doudo da perda de Diu, foi tamanha sua paixão, que arrebentou em furor, mandando leuar diãte de si Athanasio Freire, & Simaõ Feo, com todos os mais Portuguezes que estauão catiuos, que eraõ perto de trinta, & ali os mandou cortar, & espedaçar: recebêdo todos aquelle martyrio, com grande constancia, & paciencia, & com os coraçoes postos em Deos, por cujo seruiço & amor o sofriaõ.) E assi de crêr he, que iriaõ juntos receber aquella gloriõsa coroa, que no ceo está aparelhada pera os martyres de Christo, que padeceraõ semelhantes tormentos por seu amor.

(·:·)

CAPITULO V.

*Do tempo em que os Turcos tomaraõ a cidade de Baçorã. E de como dom Manoel de Lima foi entrar na fortaleza de Ormuz: & dom João Mascarenhas tornou a ficar na de Diu.*



**A**ND AVASSE o Governador dom Ioão de Castro negociando pera partir pera Goa, porque tinha ja a obra da fortificação em boa altura (por fazer de nouo um muro por fora da caua velha, com outros baluartes mayores, & mais capazes, com os mesmos nomes dos velhos, & pella banda de fora outra caua, que cortaua de már a már, mais larga, & mais alta que a antiga.) Isto tudo pode fazer tão depressa, por que achou todas as cousas necessarias dentro na ilha, que tinhaõ os imigos juntas pera suas fabricas & edificios, & a pedra da parede da contenda aleuantou a mór parte dos muros. E andando o Governador concluindo com estas obras, chegou hũa fusta de Ormuz, com cartas do capitão Luis Falcaõ, pera o Governador, em que lhe daua conta, de como os Turcos com o fauor de algũs Arabios, auia pouco tinhaõ tomado a cidade de Bacorã

Bacorá a Mahamede Afenan Rey della, que era amigo do estado, depois de a ter de cerco muitas dias por már & por terra: & que o Rey era recolhido pera o fertoão, & que se ajuntara com Mir Raxete, & com Mir Marcar, com Coge de Lamixá, & com outros capitaes Arabios d'aquellas fronteiras, & q̄ ficauão todos com dez mil caualos no campo, fazêdo guerra aos Turcos, & que os fauoreciaõ os Gizaes, (que saõ os Arabios que viuẽ nas ilhas q̄ o Eufrates faz naquella parte, que por serem alagadissas não se receuaõ dos Turcos, nem elles os podiaõ conquistar.)

O Governador sintio muito aquellas nouas, por que os Turcos não eraõ vizinhos cõ q̄ se auia de dissimular: & bem entendeo que tanto q̄ ali meteraõ o pé, se auiaõ de estêder por todo aquelle estreito: & q̄ ficaua a nossa fortaleza de Ormuz tendo nelles hũa muito roim vizinhança. E querêdo prouer naquellas cousas, começou a negociar gente, & armada, mandando recado a Chaul a dom Manoel da Sylueira, que lá se estaua curando, que se apressasse pera se vir embarcar pera Ormuz, por q̄ lhe cabia o tempo d'aquella fortaleza de que estaua prouido. E tendo negociada a armada que auia de mandar, & que esperaua por dom Manoel da Sylueira, lhe trouxeraõ nouas que era falecido: por que estes saõ os brincos da fortu-

na, quando vm homem cuida lograr os fruitos de seus trabalhos, en taõ acode ella com seus reuezes. O Governador sintio muito a morte deste fidalgo, por suas muitas & boas partes. Era casado com hũa irmã de Martim Correo da Sylua, de quem tinha vm filho menino, que se chamaua dõ Martinho da Sylueira, q̄ foi capitaõ de Diu, como em seu lugar diremos. E por que dom Manoel de Lima era prouido desta fortaleza de Ormuz a pos dom Manoel da Sylueira, lhe mandou o Governador que se fizesse prestes, & se embarcasse logo, tratando de prouer a fortaleza de Diu de capitaõ: mas não ousaua de cometer fidalgo algum, por que lha tinhaõ ja engeitado muitos (como dissemos atras, no capitulo coarto deste coarto liuro) de que andaua muito desgostoso. Dõ João Mascarenhas entendendo-lhe suas malenconias, & que andaua descõfiado dos fidalgos dizerê, q̄ pois elle auia de leuar as honras, & satisfaçoens do cerco, leuasse tambem o trabalho da reedificação da fortaleza, se foi ter com o Governador, & se lhe offereceo pera tornar a ficar naquella fortaleza a te a vinda das naos, (por que entendia compria assi ao seruiço d'El rey: o Governador lho agardeceo cõ palauras muito hóroas, & logo o meteo de posse, & a dõ Manoel de Lima despachou pera Ormuz, cõ dous galeoës, & algũs nauios de

*Sexta Decada. Da historia da India.*

\* remo : & dom Payo de Noronha  
- que com elle ya em vm Galeão a-  
- uia de andar no estreito de Baço-  
- rá, fauorecendo os Arabios contra  
os Turcos.

\* Chegou dom Manoel de Li-  
- ma á Ormuz por todo Abril, & to-  
- mou posse da fortaleza , & orde-  
- nou logo có Elrey, & Guazil, pro-  
- ueremse as de Catifa, & Barem, de  
gente & moniçoens, mandandoas  
reformatar muito bem . E por que  
adiante auemos de tratar do que  
- neste estreito aconteceo o deixare-  
- mos agora , por concluir com as  
- cousas de Diu.

- Depois que o Governador teue  
- a fortificação da fortaleza em esta-  
- do defensauel, ordenoulhe quinhē  
- tos homens de presidio com seus  
- capitaens pera lhes darem mesas,  
- & deixou muito dinheiro pera se  
- lhe pagarem coarteis, & muito tri-  
- go, arroz, vacas, manteigas, legu-  
- mes, pera lhes darem, & muitas  
- moniçoens, & artelharia, que foi  
- dos Mouros repartio pellos baluar-  
- tes, & só aquella peça muito faça-  
- nhosa (que depois mandou ao rei-  
- no por espanto, que agora está no  
- forte de saõ Giaõ) fez embarcar  
- em hũa muito grande barcaffa, q̃  
- custou muito grande trabalho a  
- meter dentro . E na nao em q̃ foi  
- pera o reino, por não poder entrar  
- pello cisbordo , a abrião ao lume  
- da agoa, por onde a meteraõ : &  
- em Portugal segundo ouuimos,  
- nunca se pode tirar se não depois

da nao estar no estaleiro. Esta peça  
com outras grandes que ainda oje  
- estaõ nos baluartes de Diu, ficaraõ  
- do primeiro cerco de Antonio da  
- Sylueira, por que o Baxá Soleimaõ  
- as não pode embarcar.

O Governador mandou lançar  
pregoens por Gogalá, & pellas al-  
deas vizinhas em lingoa Guzara-  
te, que todo o mercador así natu-  
ral, como estrangeiro, Mouro ou  
Gentio, que se quisesse passar pera  
a cidade de Diu : & así todos os  
mais officiaes de toda a mecanica,  
o podessẽ liurementemente fazer, por  
que se lhes guardariaõ todos os  
seus costumes, & se lhes faria fauor  
& justiça. Cõ isto começaraõ a en-  
trar algũs, & pouco a pouco se tor-  
nou a cidade a pouoar. E por que  
nas cousas da alfandega não auia  
por entaõ que prouer (por ser ja  
entrado o inuerno) não bolio nel-  
las : & ordenou ficarem ali todos  
os pedreiros, cauouqueiros, & mais  
officiaes que de Goa leuou, a que  
fez muito boas pagas . E de toda  
aquella fabrica de codolins, picoes  
cestos, enxadas, padiolas, & de tu-  
do o mais, deixou por olheiro vm  
Pero Fernandez, homem de baixa  
sorte, Galego, por ser muito diligẽ-  
te & esperto.

Deste se conta que escreueo nas  
primeiras naos hũa carta a Elrey  
dom Ioão, em que lhe daua conta  
de como o Governador o deixara  
encarregado d'aquelle seruiço, &  
de como aquelle anno se fizeraõ  
tantas

tantas braças de muro, tantas de caua, tantos fornos de cal, & que andauão na obra tantos pedreiros, & destas particularidades muito. Esta carta estimou Elrey, & folgou de auer, & lhe respondeo, encomendandolhe que todos os annos o auisasse de todas aquellas cousas, o que elle sempre fez, & Elrey lhe respondia.

Sabido isto pellos fidalgos, fize-raõ de Pero Fernandez o pasquim de Roma, escreuendo alguns a Elrey em nome de Pero Fernandez tudo o que queraõ que elle soubesse do gouerno de Portugal & da India, em que se defenfadauão bem. E depois que as cousas da alfandega se poseraõ em ordẽ, proueo Elrey os cargos della em algũs Castelhanos, criados da Raynha dona Catherina, o que naõ cayo no chaõ a Pero Fernandez, ou aos que falauaõ por elle: & escreueraõ hũa carta a Elrey, em que lhe dauaõ conta das obras primeiro que tudo, & depois lhe dizia. Hũa coufa se vio ca que escandalizou muito a todos, que foi prouer v. A. os cargos desta alfandega em Castelhanos criados da Raynha, auẽdo ca muitos caualeiros que pelejaraõ em ambos os cercos, & ficaraõ aleijados, q̃ os mereciaõ melhor, tenha v. A. daqui por diante mais conta aos Portugueses que ficaraõ aleijados pella defenõ da sua fortaleza, & achara quem no sirua cõ gosto em semelhantes perigos.

Esta carta foi dada a Elrey que a leo & dissimulou, mas naõ respondeo mais ao Pero Fernandez. E certo que quanto a nós, a carta era sua, por que era vm homem solto & falador, & dizia tudo, pelo que era odiado dos soldados: por que poufaua no terreiro da fortaleza, & todas as madrugadas se sobia a vm eirado alto q̃ tinha, & como Mouro encina do Alcoraõ bradava taõ alto, que o ouuiaõ por toda a fortaleza, chamando a os officiaes ao trabalho: & muitas vezes chamava por alguns soldados conhecidos, nomeãdoos, foaõ sahi de casa de vossa amiga foam, & vos foaõ da vossa tal, & asy ya dizendo hũa ladainha do que elle queria.

O Governador depois de ter dado ordem a tudo, se despedio do capitaõ, & dos fidalgos & caualeiros que ali ficauaõ, & se embarcou pera Goa, deixando dom Jorge de Meneses com seis nauios pera andar o resto do veraõ na encada de Cambaya, defendendo os mantimentos que naõ passasse a Cambaya. O Governador como leuaua o vento em popa foi em coatro dias a Goa, & forgio naquelle barra, onde foi visitado do Bispo, regentes, & cidade: & os Vereadores lhe pediraõ se detiuesse alguns dias, por que lhe estauaõ preparando o recebimento: por q̃ era rezaõ que triumphasse de hũa taõ grande vitoria como lhe nosso

Senhor dera. Elle o fez assi ficado em Pangim dando despacho a muitas coufas.

CAPITULO VI.

*Do grande triumpho com que o Governador dom João de Castro foi recebido na cidade de Goa.*



ESTEVE o Governador em Pangim tres dias, por q̄ chegou aos onze de Abril húa coarta feira, & ao Domingo seguinte que foraõ quinze do mes fez sua entrada. Tinha a cidade mandado fazer no Bazar de santa Caterina vm fermoso cais, pera nelle desembarcar o Governador, por querer entrar por aquella parte: & por que a porta do muro ali era pequena, rasgou selhe toda de alto abaixo, & cobriroõse as paredes de húa parte & d'outra de peças de bordados, & de veludos de cores: em cima das paredes de húa & da outra banda, estauão dous grandes lioes de pedra com as gargantas & cabeças douradas, & nos peitos fermosos escudos com as armas dos Castros, que são seis arruelas azuis em campo de prata, como as trazê os da casa do Governador do Ciucl. O cais entrava muito na agoa, & estava todo cuberto com fermosos arcos de peças de sedas, &

delle a te a porta do muro que se rasgou era vm fermoso bosque de aruoredo que fazia tudo muito sombrio. É todo aquelle campo de longo do muro, por onde auia de ir a te o cais dos paços dos Visorreys, estaua toldado, alcatifado, & enramado: & pella banda do már, muitas peças d'artelharia ceuadas, todas enramadas, & có suas bandeiras, & o mesmo todas as naos & Galeoens que estauão no rio. Acodiraõ mais todas as almadias de Goa, & de todas as ilhas vizinhas (que eraõ infinitas) enramadas, & embandeiradas, & era de feição, que cobriaõ o rio, que ficava parecendo vm verde bosque. As ruas do cais a te a Misericordia, & della á Sé, estauão custosamente guarnecidas, & as ganelas armadas de panos d'ourõ, & sedas com muitas, & muito custosas inuencõens. Tinhaõ os Vereadores ordenado na boca do terreiro que oje he do paço húa fortaleza de madeira cuberta de papel, ou teardas, com seus baluartes & cubellos, pella traça da de Diu: & dentro nella muitos lascarins com foguetes, bombas de fogo, & algúas bôbardas, & espingardas, muitas panelas de poluora, & outros arteficios de fogo. Pella mesma maneira tinhaõ ordenado muitas folias, & danças de inuencõens muito custosas, & destes regozijos tudo o que o tempo lhes deu lugar.

O Governador ao Domingo a tarde

tarde, abalou de Pangim nesta ordem. As naos, galeoens, carauelas, & todas as mais vasilhas de alto bordo diante, com todas as velas dadas, fermosamente embandeiradas: & logo atras aquella soma de fustas que eraõ mais de oitenta em ordem com muitas charame-las, trombetas, atabales, tambores, pifaros, pandeiros, folias, & outros instrumentos alegres, todas enramadas, & embandeiradas, fazendo vm tamanho estrondo, que parece q̄ se desfazia o rio de Goa. O Governador ya detras de toda a armada em hũa Galeota toldada de borcado, & embandeirada de fermosas bandeiras, & estandartes de sedas de cores. Yaõ com elle embarcados todos os fidalgos velhos da armada.

Nesta ordem foraõ entrando pello rio acima, por meyo d'aquelle fermoso & alegre bosque de alamedias, bateis, & outras embarcaçoens embandeiradas. E chegãdo os galeoens defronte da fortaleza forgio o saõ Dinis, que era do Governador, que ya diante de todos com a bandeira real na gauia, & saluou a fortaleza cõ as velas em cima issadas nos palancos, & pella mesma maneira todos os mais galeoens & naos, que foi a mais soberba cousa que se podia ver. Acabada a salua, chegou a armada de remo, & deu a sua: & abrindosse as fustas de hũa parte & d'outra, foi passando o Governador por

meyo dellas, & pós a proa no cais. O Condestabre mór a quem era encarregado aquelle negocio mãdou desparar toda a artelharia que estaua em terra, que era muita, que tambem foi outro muiy grande terror & espanto.

O Governador desembarcou no cais, que entraua muito pella agoa, ao som de muitos instrumentos: vinha vestido em hũa roupa Francesa de cetim cramesim, toda guarnecida de ouro, com golpes pellas mangas, tomadas com botoens ricos, & vm jubaõ do mesmo teor, & vns altos de grã á Portugueza antiga, com algũs golpes: por cima do jubaõ leuaua hũa coura de laminas assentada em borcado, & crauada de pregos de prata: na cabeça leuaua hũa gorra de veludo preto com fermosas plumas, & espada, & adaga d'ouro. No cais o estauaõ esperando o capitãõ da cidade dom Diogo d'Almeida Freire, & os Vereadores: q̄ o receberaõ com muito grandes cortesias. O Governador se detue ali a te desembarcar toda a gente da armada, & se pór em ordem afsi como entraraõ na batalha, cõ suas bandeiras desenroladas, ao som de tambores, & pifaros: naõ postos em fileiras por causa das cousas do triumpho, que auiaõ de ir no meyo, mas a modo de procissaõ de longo das paredes.

Posto tudo em ordem abalou o Governador do cais em meyo do

do capitão & vereadores : & chegando á porta do muro que se rōpeo, achou vm cidadão chamado Thome Diaz Cayado, que lhe fez hũa fala em Latim mūy eloquēte & elegante, toda em louuor da victoria q̄ lhe nosso Senhor deu dos capitaens d'Elrey de Cambaya, com que toda a India ficaua segura, & fora de receos, louuandolhe sua prudencia, esforço, segurança, & presteza : acabada a fala, desfizerãose os instrumētos todos, que parecia que o mundo se fundia. Aqui se despararaõ algũas peças d'artelharia de boca larga, que esta uão apontadas pera o ar com pouca poluora, cheyas todas de maça-paens, empenadilhas, fartens, & outras coriosidades desta sorte, que em lhe dando o fogo as lançou a força da poluora por esses ares, & como yaõ fracas, tornaraõ a cair sobre grandes cardumes de moços, Mouros, Gentios, & de todo o mais pouo. Os Vereadores estenderaõ vm muito rico pallio, & tomaraõ o Governador debaixo del- le : & vm cidadão chamado Tristaõ de Paiua, que era procurador da cidade chegou a elle, & lhe tirou a gorra da cabeça com muita cortesia & reuerencia, & apos em vm fermoso prato de bastiaēs dourado, & a leuou diante do pallio alto: & ao mesmo tempo vm vereador lhe pós na cabeça hũa coroa de palma, & na mão vm fermoso ramo della: & assi começou

a entrar pella cidade, pella rua do hospital que vay de longo do muro pera o terreiro do paço. Ya jũto d'elle seu filho dom Aluaro de Castro, & diante do pallio o padre frey Antonio do Casal Custodio de saõ Francisco vestido em hũa sobre pelis, & com o mesmo crucifixo que tirou na batalha, leuando na haste da lança, com o braço quebrado, da pedrada que lhe deraõ.

Diante vm pouco d'elle ya a bandeira Real das armas de Portugal: & diante della Iuzarcapitaõ d'Elrey de Cambaya, que foi catiuo na batalha, vestido em hũa cabaya de veludo pardo, em meyo do Secretario Cosme Anes, & do Ouuidor geral Antonio Martins. Leuaua as mãos cruzadas, os olhos baixos: diante d'elle yaõ sete bandeiras dos capitaens d'Elrey de Cambaya, & vm muito grande guiaõ, arrastandosse todas pello chaõ. Diante dellas yaõ as dos nossos capitaens aruoradas: & antre hũas & outras yaõ todos os catiuos de Cambaya, que passauão de seiscentos, metidos todos em correntes que leuauão arrastando. Diante delles yaõ dous Trabucos, & algũas carretas de artelharia miuda, por que a grossa naõ pode leuar-se nem ainda menear-se. E diante outras muitas carretas carregadas dos despojos da guerra, armas, espingardas, sayas de malha, lanças, croques, mascaras de ferro, & outras

& outras muitas inuençoens de petrechos de guerra.

Nesta ordem foraõ a te o terceiro do paço, a onde estaua a fortaleza armada, que começou a desparar sua artelharia pera o ár, & despidir bombas de fogo, & foguetes, & arremessar panellas de poluora pera hũa parte que pera isso estaua despejada, tudo com muito boa ordem & compasso, cousa que o Governador folgou muito de ver. Dali atraueffou toda a rua direita, que estaua fermosa cousa pera ver, com muitas damas pellas janelas, com rosas, boninas, agoas de cheiros, que de cima derramauaõ sobre o Governador. Os Gentios, & officiaes de todos os officios, foraõ ali offerecer cousas pertencentes a seus officios: os ouriues do ouro, ouro batido feito em pedacinhos: os da prata o mesmo: os mercadores das sedas, estendiaõ por baixo dos pés do Governador, pedaços de peças, & lançauaõ pello chaõ, finos camarabandos: & os das roupas finas, beirames, & outras muitas peças, tudo com mûy grãde regozijo de todos.

O Governador foi todo o caminho muito alegre & rizonho, & assi desta maneira chegou á misericordia, a onde entrou & fez sua oração, & offereceo sobre o altar hũa rica peça de borcado. Dali foi pella rua do Crucifixo, & virou pera saõ Franciisco, a onde os frades o

estauaõ esperádo em procissão da banda de fora, & o receberaõ com *Benedictus qui venit in nomine Domini*, cantando, & assi entrou na igreja a onde fez deuota oração, & offereceo outra peça de borcado. Dali se foi á Sé, a cuja porta estaua o Bispo dom Ioaõ d'Albuquerque, vestido em Pontifical, acõmpanhado de todos os Conegos & cleresia em procissão, esperando ao Governador, com o sanctissimo lenho da cruz em suas veneraueis mãos. O Governador tanto que chegou a elle, se debruçou, & lançou a seus pés com grande acatamento, & reuerencia, com o rosto, & venerandas cans banhadas em lagrimas, & beijou a sanctissima reliquia: & detras a foi acompanhando a te o altar, a onde o Governador fez sua oração, & offereceo duas fermosas peças de borcado. E posto que era costume naõ acompanharem os vereadores aos Governadores mais que a te a Sé, quiferaõ estes pello mais honrar trazelo a te sua casa, q̄ eraõ as do Sabayo. E ao entrar do terceiro, que estaua todo feito vm fermosissimo & espello bosque, largaraõ muitas lebres, perdizes, rollas, & outros passaros, que vns começaraõ a correr por antre a gête, outros a auoar por esses ares, que foi hũa das mais fermosas cousas que se podia ver. Com esta alegria & regozijo chegaraõ aos paços, onde os vereadores se despidiraõ

pidiraõ do Governador ja de noite, que toda se passou em folias, tâgeres, & outros sinaes de alegria, andando o pouo pellas ruas bradando a altas vozes, viuua o nosso libertador da patria, titulo tambẽ merecido, & taõ bem dado, como os Romanos deraõ a Furio Camillo.

E querẽdo os Vereadores gratificar, pello amor que a todos mostraua, & pello muito que merecia, o mãdaraõ tirar pello natural em vm fermoso painel, & o pose-raõ na camara de Goa, junto de Afonso d'Albuquerque. Este auto se fez com grandes festas & ceremonias, que tudo o Governador agradeceo, afsi com palauras como com obras, solicitando com El rey muitos faouores pera aquella cidade. Naõ faltou a este triumpho pera se igualar com todos os dos Romanos, mais que aquelles carros de caualos, que costumauaõ leuar, por ornato de seus triúphos. E soou tanto por toda a Europa este, que quãdo o contaraõ á Raynha dona Catherina disse, que dõ loaõ de Castro vencera como Christaõ, mas que triunfara como Gentio.

Naquella parte do muro que se rompeo pera o Governador entrar, mandou elle logo fazer vm altar ao bemaumenturado saõ Martinho, em cujo dia ouue aquella grande vitoria, com vm fermoso retabolo de oleo: & ordenou com

a cidade, q̃ todos os dias d'aquelle bemaumenturado sancto, se fizesse hũa solenne procissãõ, & se dissesse Missa, & ouuesse pregaçaõ, em memoria da vitoria que Deos nosso Senhor lhe deu naquelle dia, o q̃ se guardou a te oje, & deue de guardar sempre, por ser cousa memorauel, & de louuor de nosso Senhor, de cuja maõ nos vem todos os bens.

### CAPITVLO VII.

*Das cousas que neste tempo aconteceraõ em Ceilaõ. E de como o Governador dõ Joaõ de Castro mandou Antonio Moniz Barreto com hũa armada em socorro d'Elrey de Candea. E de como dom Forge de Meneses tomou a cidade de Baroche.*



O capitolo coarto do liuro segũdo da quinta decada demos larga conta, das grandes guerras que se leuantaõ em Ceilaõ, antre os Reys de Ceitauaca Madune Pandar, & Banoega bao Pandar da Cota seuirmaõ, por lhe quẽrer tomar seu reino: & como por se liurar delle o Rey da Cota casou sua filha com Tribuly Pandar, por naõ ter filho macho que lhe herdasse o reino. Dantre este casamẽto naceo Dra-

ma bolla Bao Bandar, (que foi o que Elrey dom Ioão aleuanteou em Lixboa por Principe, & herdeiro do reino da Cota,) despidindo os Embaixadores que a isso foram, em cuja companhia mandou alguns frades de são Francisco, por cujo Custodio foi o Padre frey Antonio do Padrao, varaõ Religioso, que foi o primeiro Commissario geral que á India passou. Estes frades foram assignados para se repartirem pella ilha de Ceilaõ, para plantarem naquellas terras brauias a doutrina do Evangelho. (Por que os Reys de Portugal sempre pretenderaõ nesta conquista do Oriente vnir tanto os dous poderes, spiritual & temporal, que em nenhum tempo se exercitasse vm sem o outro.) Chegados estes varoens Apostolicos a Ceilaõ, em companhia dos Embaixadores, foram muy bem recebidos d'Elrey da Cota: dandolhes licença para poderem pregar a ley de Christo por todos seus reinos. E naõ se descuidando estes cõquistadores Euangelicos de sua obrigação, começaraõ a romper em allgũas partes o mato brauio, & semear nelle a semente Euangelica, que começou a fructificar como aquelle graõ de mostarda do Euãgelho, aleuanteando alguns templos em que o altissimo Deos começou a ser honrado, & venerado de todos. E os primeiros lugares em que se fizeraõ foraõ Panaturé,

Macú, Berberi, Galle, Belliguaõ, tudo portos de mar, em que trouxeraõ ao gremio da igreja vm grãde numero d'aquelles Gentios.

E passando ao coraçao da ilha, chegaraõ ao reino de Candea vm frey Pascoal com dous companheiros que foram bem recebidos d'aquelle Rey Iauira Bandar, primo com irmaõ do Madune, filho de vm irmaõ de seu pay, que os fauoreceu em tudo, tanto, que lhes deu vm grande chaõ, & todo o necessario para fazerẽ hũa igreja, & casas em que se agasalhassem. Ali começaraõ a laurar aquella terra infructuosa, & esteril, que naõ daua outros fructos mais que cardos, & espinhos de idolatrias nefãdas, semeando em seu lugar a semente da vida. E achando sitio em Elrey para o cõuidarem ás vodas do Senhor, o apalparaõ praticando com elle em cousas de nossa fé, & ley: mostrandolhe claramẽte a verdade della: & a cegueira, & engano de seus idolos: & tanto o vieraõ a molificar, que o renderaõ, porem naõ que recebesse a agoa do sancto Baptismo: por que teue grãde medo de o matarem os seus. E naõ querendo os padres que se perdesse aquella ouelha a mingoa, fizeraõ com elle que escreuesse ao Goernador da vontade q̃ tinha, & q̃ lhe pedisse vm capitaõ com gẽte, para o fauorecer contra os seus, se tentassẽ algũa alteraçao, cõ a mudança da ley. Com esta carta foi

*Sexta Decada. Da historia da India.*

vni d'aquelles padres, que chegou a Goa poucos dias depois do Governador dom Ioaõ de Castro triunfar. E vendosse com elle, & dandolhe conta de tudo, & lendo a carta, & entendendo por ella a vontade d'aquelle Rey Gétio, não quis perder aquella tão boa occasião: por que sabia muy bem que a principal droga, & a mais rica pedraria que os Reys de Portugal pretendiaõ desta conquista do Oriente, eraõ almas pera o ceo. E mouido tambem de seu bom zelo, pôs aquelle negocio em conselho, & assentou-se nelle que lhe mandassem ym capitaõ com duzentos homẽs pera inuernar, & assistir com aquelle Rey, a te o segurarem na fé, & no reino.

Pera esta jornada elegeo o Governador logo Antonio Moniz Barreto, a quem deu sete fustas, em que leuaria cento & cincoenta homens, despedindoo com muita pressa, dandolhe prouisaõ pera em toda a parte a que chegasse, em que achasse nauios nossos, os leuasse consigo: escreuendo por elle cartas de muitos mimos áquelle Rey, & mandandolhe peças & brincos curiosos. Antonio Moniz Barreto se fez á vela ja em fim de Abril: & de sua jornada adiante daremos rezaõ.

Poucos dias depois d'esta armada partida, chegou a Goa Fernaõ de Sousa de Tauora com os

Castelhanos, que o Governador recebeu muito bem, mandandolhes logo pagar coarteis, & dar mantimentos, dando licença pera os que quisessem ir pera o reino, o poderem fazer, dandolhes pera isso ajuda de custo, & os que quisessem ficar na India sempre foraõ fauorecidos dos Governadores. Com este recado despedio logo o Governador ym Galeaõ que ja estaua prestes com prouimentos pera Maluco, & juntamente proueo em outras cousas necessarias, por que se ya acabando o veraõ, por ficar desoccupado pera as cousas do Idalxá, de que logo daremos rezaõ, por q̃ o cerco de Diunos não deu a te gora lugar pera isso, & entre tanto concluiremos com todas as cousas do veraõ, por que nos não fiquem, q̃ temos ainda dom Iorge de Meneses na encuada de Cambaya, com quem he necessario continuemos.

Táto que o Governador o despedio, andou por toda ella defendendo que não passassem mantimentos a Cambaya, tomando algũas cotias carregadas delles. E andando ao már da cidade de Baroché achou hũa almadia pescando bem ao pego, & tomandoa feza os que estauaõ nella perguntas, do modo em que estaua aquella cidade? & os pescadores lhe disseraõ, q̃ Madre Maluco gero de Coçofofar (q̃ era senhor della) era ido á corte de Amadaba, & que tinha  
partido

partido o dia d'antes, & que a cidade estaua so sem mais gente q̄ os mercadores, & officiaes, porq̄ toda a da guerra leuara comsigo.

Dom Iorge estimou muito aquellas nouas: & metendo dentro no seu nauio os pescadores, foi demã dar Baroche de noite. E entrando por aquelle rio acima chegou à cidade de madrugada, & desembarcando logo primeiro que fosse sentido, & entrando, tomou seus moradores nas camas, & descuidados de tal sobresalto, em que fizeraõ grandes cruezas, naõ perdoando a lizo, nem a idade. Todos os que poderaõ escapar se foraõ recolhido pera o fertoã com tanta pressa, que os pais deixauaõ os filhos & molheres, & ellas os tenros filhos & crianças em seus berços, tratando de saluar cada vm tuas vidas. As casas foraõ entradas dos noslos, matando, & espedaçãdo os q̄ achauaõ: & assi foraõ correndo a cidade como liens famintos a te chegarem aos muros, onde acharãõ muita & mūy fermosa artelharia, & algũas casas cheyas de muniçoens.

Dom Iorge de Meneses tomou ali conselho sobre o que faria, & assentou se, que pella grandeza da cidade se naõ podia sustentar com menos de seiscentos homens: que se arrebatasse a artelharia ja que se naõ podia embarcar, & que se recolhessẽ primeiro q̄ ouesse algum delmancho, dom Iorge de

Meneses mandou embarcar algũas peças pequenas, & todas as mais mandou carregar de poluora a te as bocas deixãdo por todo o muro grandes carreiras della, & faindosse dos muros lhe deraõ fogo, & chegando às bombardas arrebentaraõ por esses ares com tamanho estrondo & braneza, q̄ parecia fundirse o mundo.

Feito isto embarcaraõ se os noslos cheyos de despojos, pondo primeiro fogo a mór parte das casas. Estã esta cidade fundada em vm alto, que quer imitar ao castello de Lixboa: ferã do tamanho de Sanctarem, cercada toda a rodade muro de ladrilho, que fica cingido o monte pello pè, com muitos baluartes & guaritas. Por cima dellas se descobretoda a cidade da banda do mãr & fica como aleuãtada no ar. Toda ella he de fermosas & altas casarias de dous & tres sobrados, taõ custosas, & ricas que auia muitas janelas de lacadas pera fora, com gelozias, que affirmaraõ cultarem dous & tres mil cruzados, de fermosas obras de macenaria, com grades, & tornos de marfim & pao preto mūy polido tudo, & com grãdes & claras vidraças, & outras coriolidades destas. Saõ as ruas taõ estreitas todas, que naõ podem por ellas passar dous homès a caualo jutos, ou ao menos pellas mais dellas. Ha nesta cidade officiaes mūy primos de toda a sorte de mecanica

principalmente teceloës das mais finas roupas que se sabem no mûdo, que são os bofetás de Baroche tão estimados.

Possuya o Madre Maluco esta cidade, com outras, villas derredor, & mais de quinhentas aldeas sustentava cinco & seis mil homens de cavallo, & muito grande casa que tinha. Dom Jorge de Meneses se sayo pera fora do rio muito a seu saluo, & despidio logo vm catur de que era capitaõ vm Anrique Salgado com cartas pera o Governador, & com algûas peças da artilharia que em Baroche tomou, deixandosse elle ficar na enxada fazendo guerra por todos aquelles portos.

O catur chegou a Goa, em breues dias, & espalhandosse as novas foraõ muito festejadas, & enuejadas de todos, porque foi muito venturoso feito. D'ali por diante ficou dom Jorge de Meneses tomando aquelle muito honrado sobre appellido de Baroche, porque foi muito conhecido de todos.

Madre Maluco foi logo auisado da destruiçãõ da sua cidade, & deixando tudo acodio a ella com muita pressa, achandoa toda abrazada, & assolada. Elrey de Cambaya sintio em estremo aquellas cousas, & assentou com seûr capitaens de ir em pessoa com todo o seu poder cercar a fortaleza de Diu, & não se ir de

sobre ella ate de todo a deffroir, mandando logo fazer grandes preparametos, & chamameto de vassallos por todos os seus reynos.

## CAPITVLO VIII.

*De como o Madune persuadio a Elrey de Candea a leuantarse contra os Portugueses. E do que aconteceu a Antonio Moniz Barreto na jornada. E de como atraueffou toda a ilha de Ceisãõ com as armas nas mãos, pelejando cõ o poder daquelle Rey.*



**S**A B E N D O o Madune, de como Elrey de Candea tratava de se fazer Christão, & que ti

nha mandado pedir ao Governador dom Ioaõ de Castro fauor & ajuda pera isso: receando que fosse aquillo meyo de sua destruiçãõ: & que ficasse tendo todos aquelles Reys por inimigos, tratou de atalhar a tudo, com mandar persuadir a Elrey de Candea, que se não fizesse Christão, por que tanto que o fosse, lhe auiaõ os Portugueses se tomar o reino: & que quando o elles não fizessem, que seus proprios naturales auiaõ de tratar de o matar, por não serem governados por homens de diferente

rente ley. Os homens que o Madune mandou com este negocio, tâtas cousas differaõ áquelle Rey, & assi lhe representaraõ medos, q̃ não só o trastornaraõ de todo, mas ainda assentaraõ com elle de matarem todos os Portugueses q̃ yaõ com Antonio Moniz Barreto, do que ja tinhaõ auiso: tratádosse este negocio com tâto segredo, que os padres o não entenderaõ, nem alcançaraõ.

Antonio Moniz Barreto seguindo sua viagem a te dobrar o cabo de Camorim, & de lôgo da outra costa foi a te passar os baixos de Manar, a onde armou dous nauios que ali achou, & os leuou comsigo, & deu volta á ilha pera ir tomar o porto de Batecalou, a onde leuaua por regimento desembarcar, pera dali passar ao reino de Cãdea, como leuaua por ordem do mesmo Rey. Em Gãle tomou mais algũs nauios que ali achou, que ainda q̃ tinha pouca gẽte, foilhe assi necessario pera se espalhar a fama pela terra, que leuaua muita armada.

E chegando ao porto de Batecalou com doze nauios de remo, desembarcou em terra, & mãdou tirar alguns berços & monçoens: & escolheo cento & vinte homẽs, por que os mais deixou em guarda dos nauios, & foi caminhando pera Cãdea, guiado dos Embaixadores d'aquelle Rey, que foraõ a Goa em companhia do frade de saõ Francisco: & assi caminhou al-

guns dias a te chegar á cidade de Cãdea: & entrando ja por ella foi auisado da determinação d'aquelle Rey, & de como estaua concertado com o Madune pera o matar a elle & a todos os da sua companhia, & não se soube de que parte se lhe deu o auiso. Antonio Moniz Barreto vendo aquelle negocio, & que não sofria dilação algũa, tomou hũa mũy apressada & resoluta determinação, que foi mandar logo no mesmo instante, queimar todo o fato que comsigo leuauaõ, sem deixar mais que o que tinhaõ nos corpos, com vm pouco de biscouto, & as armas, & disse a os seus.

Bem vedes valerosos soldados, & companheiros meus, o apressado auiso que nos deraõ, pera o q̃ he necessario outra apressada determinação pera segurarmos nossas vidas, & não se me offereceo outra melhor que esta: de nos pormos á ligeira, & caminharmos cõ as armas nas maõs pera a parte de Triquinimalle, pera dahi nos passarmos á Cota onde temos Rey amigo, por que pera tomarmos pera a armada, receo tenhamos os caminhos tomados, & que todos nos seraõ imigos: & pera estoutra parte temos vm Rey que nos á de recolher & agasalhar mũy bem: por isso lembreuos que a vida de cada vm está na defensão de seus braços, & de suas maõs, (deixando ás de Deos, que ellas saõ as que

nos aõ de defender, & liurar nesta jornada) por isso seguime: & tomando a espingarda as costas, começou a marchar pera fora da cidade.

Elrey de Cádea que estaua dis- simulado, esperando por elles pera depois de agasalhados, & espalhados lhe fazer a treição: tanto q̄ teue recado da determinação de Antonio Moniz Barreto, & do que fizera, bem entendo que fora auizado: & sospeitando que seria dos frades, os mandou logo prender, & despidio com muita pressa alguns Modeliares com muita gente pera irem a pos os nossos como fizeram: & dandosse pressa os encontraraõ ja hũa boa distancia fora da cidade: & dandosse pressa os encontraraõ ja hũa boa distancia fora da cidade: & cometendoos cõ grande determinação por algũas partes, não deixou Antonio Moniz Barreto seu caminho no mesmo compasso que leuaua, pondosse elle na retaguarda pera mór segurança dos seus, dando ordem pera que a espingardaria fosse laborando de feição, que nunca cessasse, pera com isso irem entretendo os inimigos como fizeram. E assi foraõ caminhando todo dia cõ muito trabalho, sem terem tempo de repoufarem vm momento, nem comerem, se não mastigãdo o biscouto seco, & pelejando. Tanto q̄ anoiteceo tiueraõ mais algum follego, & foraõ caminhãdo sempre,

mas com menos trabalho: por que ainda q̄ os inimigos sempre os perseguiraõ, foi mais floxamente: mas tanto que amanheceo tornaraõ a apertar com grãde determinação, por que recreceraõ tantos, q̄ passauaõ de oito mil.

Os nossos vendo que lhes era necessario defender as vidas, & q̄ não podiaõ ter socorro de parte algũa, fizeraõ todos taõ grãdes coufas, que não ha copia de palauras com que se possaõ encarecer, porq̄ chegaraõ muitas vezes a andarem baralhados com os inimigos a braços, & todauia sempre elles ficaraõ escalaurados: ficandolhes de hũa vez nas maõs vm Modeliar catiuo, que Antonio Moniz Barreto estimou muito, & o mandou levar no meyo a bom recado, pera se aproueitar d'elle quando lhe fosse necessario.

Deste Modeliar soube que os inimigos determinauaõ de apertar com elle em hũa ponte que estaua adiante, a onde auiaõ que todos os nossos lhes ficariaõ nas maõs, por ser o passo muito estreito. Isto não pós, nem causou temor algum em Antonio Moniz Barreto, nem em todos os mais, sómente em vm Galego, que dandolhe o medo da morte, desejando de saluar a vida, foi fazendo seus discursos, & assentou de se entregar aos inimigos: & por que não podia ser doutra maneira, fez que cansaua, deixandosse cair no chaõ como morto, dizêdo que

que ja não podia mais. Antonio Moniz Barreto, como não só trabalhava por se sair dos inimigos, mas ainda por não perder um só homem, acodio ali esforçando ao Galego com palavras brandas, dizendo-lhe que o maior trabalho era ja passado, que Deus que os tinha livrado a te então, o faria de tudo o mais que estava por passar. O Galego lhe disse que ja não podia comfigo, nem com as armas, que o deixasse ali morrer. Antonio Moniz Barreto o fez levantar, & lhe tomou a espingarda, & a pôs as suas proprias costas, & assim mesmo tudo o mais que o podia pejar, & o meteo no meyo dos soldados, & o fez caminhar: mas como elle levava ja a morte representada na imaginação, dandolhe grandes accidentes, tornou a cair no chão fazendo-se morto. Antonio Moniz Barreto, que levava o olho nelle, acodio logo para o levantar, o qual elle não quis dizendo que o deixasse, que não avia de passar dali.

Entendendo Antonio Moniz Barreto que aquillo era malenconias de medo, disse a um soldado que lhe cortasse as pernas, ou o mataste logo, por que não queria que depois dissessem os inimigos que lhe tomaram um Portuguez. E que rendolhe o soldado dar, saltou o Galego tão viuo & esperto, como se nunca tivera passado trabalho algum, & começou a caminhar em meyo de todos. Os inimigos nunca

largaram os nossos, & todavia de longe, por que a espingardaria tinha feito nelles grande estrago: por que como elles avião que tinham o negocio acabado ao passar da ponte, não se querião arriscar: mas de longe varejavão os nossos com nuvens de frechas, de que quasi todos jáo empenados. Desta maneira foraõ a te a ponte, a onde apertaram com os nossos rijamente, & foi a causa de feição, que se virão perdidos.

Antonio Moniz Barreto fez aqui o officio de muito experto capitão, & de valeroso soldado, obrando taes cousas por seu braço, & assim mesmo todos os companheiros, que se desfizerão dos inimigos, que jáo ja de mistura com elles.

Aqui acodio outra apressada & proveitosa determinação a Antonio Moniz Barreto, que foi mandar cortar as pernas ao Modeliar que levava cativo, (que era pessoa principal, & deitalo no caminho, para que os inimigos se embaraçassem com elle como fizeram, porque indo perseguindo os nossos derão com o Modeliar d'aquella feição, & detiverão-se em o levantarem, & em o mandarem para ser curado. Neste pequeno espaço se aproveitaram os nossos do tempo, & do caminho de feição, que chegaram á ponte ainda que perseguidos d'alguns. Antonio Moniz Barreto tanto que a tomou se deixou ficar na retaguarda, com os mais

*Sexta Decada. Da historia da India.*

esforçados, & mandando passar os mais, ficando elles tendo o encontro aos inimigos com a espingardaria, a te passarem poucos & poucos, & elles o foraõ fazendo com infinitos trabalhos, franqueando tambem os que ja estauão da outra parte a passagem com a arcabuzaria que laboraua sem cessar.

Antonio Moniz Barreto como foi da outra banda, mandou desfazer parte da póte, por os inimigos o não seguirem, por que aquelle rio era taõ alto, que se não podia vadear por parte algũa. Com isto ficaram os nossos desassombrados, & foraõ caminhando sem opressão a te Triquinimalle, & dali se passaraõ a Ceitauaca, a onde aq̃lle Rey os recebeo, & agasalhou muito bem, mandandolhe dar todo o necessario.

Agora engrandeça Tito Liuius o seu Decio, quando estando cercado no monte Gauro dos Samnites, que com poucos Romanos sayo de noite por meyo dos inimigos, saluandosse com todos: que posto que nós não temos tanta copia de palauras, nem taõ eloquente estilo pera realçar este feito, elle por si he tal, que contado así sem mais ornamento, mostra quanta mais vantagem faz ao do seu Decio: por q̃ este capitaõ não sayo de noite perãtre os inimigos, a onde a escuridade della fez parecer aos Samnites muito mayor o exercito inimigo: mas na força do dia, & por meyo

da cidade do inimigo, cercado de todas as partes, rompêdo por meyo delles, vendosse bem que não passauaõ de cêto & vinte: & não por espaço de meya hora, mas por tres dias continos, sem perder vm dos seus companheiros.

O Madune nas praticas que teue com Antonio Moniz Barreto, lhe deu a entender, que seu irmão Rey da Cota induzira ao Rey de Candea pera que o mataste com todos os Portugueses: & que elle auia de mostrar quanto mor seruidor d'Elrey de Portugal era, que todos os Reys d'aquella ilha, offercedosse lhe pera tudo o q̃ lhe cõprisse. Antonio Moniz Barreto teue com elle seus cumprimentos, & se despedio d'elle, persuadindo os Modeliares a Elrey que o mataste com todos os Portugueses: o que elle não quis fazer pello q̃ lhe releuaua & importaua. Antonio Moniz Barreto chegou a Columbo, a onde poucos dias depois chegarãõ Embaixadores de Candea, por quem aquelle Rey mandou dizer a Antonio Moniz Barreto, q̃ estaua muito arrependido, de tomar o conselho do Madune, q̃ lhe fez fazer aquelle desatino: & lhe mandou os berços que lá ficaraõ, & dez mil pardaos em dinheiro pera repartir com os soldados. E escreueo aos frades de saõ Francisco, que Antonio Moniz Barreto leuou comsigo, que se tornassem pera elle, por que queria comprir sua

lua palaura, & fazerse Christão: o que Antonio Moniz Barreto não consintio ate ir dar conta ao Governador: & como foi tempo se embarcou pera Goa,

CAPITULO IX

De como o Idalxã mandou alguns capitaens sobre as terras de Salfete: & de como dom Diogo d'Almeida capitão de Goa o foi buscar, & desbaratou-



A que temos concludo com as coulas d'este veraõ, entraremos nas do Idalxã, que guardamos

pera este lugar de proposito, por ser alsy necessario pera a ordem da historia. Na quinta decada, capitulo yndecimo, do livro rono ficadito. Como o Idalxã se concertou com Martim Afonso de Sousa sendo Governador que lhe daria as terras de Salfete, & Bardes de que lhe logo fez entrega: com condiçãõ que mandaria Mealecã, ou pera Portugal, ou pera Malacaõ que lhe não comprio. E. despois do Governador dom loão de Castro estar na India, lhe mandou requerer por algũas vezes que lhe cumprisse os contratos que estaõ feitos antre elle, & o Governador Martim Afonso de Sousa, cõ

mandar Mealecan pera fora de Goa, ou lhe tornasse a fazer entre ga das luas terras, a que nunca o Governador lhe diffirio. E vendo a pouca cõta que se com elle tinha neste particular, auendo por afronta soffrer tanto, porque não sõ não mandara Mealecan pera fora, como estaua assentado, mas ainda lhe tinha dado em Goa muito honrada casa, coua que elle frutia em estremo.) E vendo este veraõ occupado o Governador na guerra de Cambaya, & cerco de Diu, despido algũs capitaens com muita gente, que este laneiro passado entrarão pellas terras de Salfete & Bardes, & sem contradicãõ algũa se senhorearãõ delles, & começaraõ a arrecadar seus foros & rendimentos. Dom Diogo d'Almeida Freire que era capitão de Goa, a quem logo chegaram estas novas, praticandoas com o Bispo, Regente, & mais do conselho, assentaraõ que pois em Goa não auia cabedal pera se acudir aquillo, por ser todo ao socorro de Diu, que se prouesse a fortaleza de Rachol de gente & monicoens: & os rios de Goa d'algũas manchuas pera sua guarda, ate verem ascoufas de Diu em que parauãõ: & que vindo o Governador proueria n'aquellas coufas de proposito, & alsy se fez, ficãdo as terras em poder dos imigos.

Depois do Governador dom loão de Castro chegar de Diu, & de prouer nas coufas de Malaca, & Maluco,

## Sexta Decada.

Maluco começou a tratar destas, & pondoas em conselho se assentou, que se mandasse acodir áquelle negocio com cabedal, & que se fossem buscar os imigos a onde estivessem, & que se arriscasse tudo ate os lançar fora, por que vissem que todas as vezes que a ellas viessem os pôderião ir buscar. Com isto ordenou o Governador q̄ passasse a Salsete o capitão da cidade dõ Diogo d'Almeida, assignandolhe oitocentos Portuguezes, em que entravaõ cento & vinte de caualo, cidadãos de Goa, & mil Lascarins da terra. O Governador se foi pôr em Agaçaim, pera dar ordem áquella guerra, donde despedio o capitão que se pôs da outra banda, & foi entrando pelas terras ate a villa de Margaõ, sem achar quem lhe resistisse. Ali por espias que trazia soube estarem os imigos nas aldeas de Cocoly, & que seriaõ coatro mil, com o que pôs a sua gente em ordem, & passou a ribeira à outra banda, & foi vm dia de madrugada marchando pera onde elles estavaõ: leuando diante alguns caualos ligeiros em que yaõ descobrindo o campo.

Os Mouros que tambem traziaõ suas espias, foraõ auisados de como o capitão de Goa os ya buscar, & não oufando aõ esperar se foraõ recolhendo pera o sertão, deixando todas aquellas terras li-

## Da historia da India.

ures & desembargadas. Os nossos chegaraõ a Cocoly, que acharaõ despejado com medo, & logo mandou dom Diogo d'Almeida pregoar seguros Reays a todos, pera que liuremente podessem vir grangear & possuir suas terras & fazêdas, acodindo a Elrey de Portugal com os foros pellos mesmos foraes dos Mouros. Com isto acodiraõ todos os Gancares. & Pateis das aldeas, & foraõ dar de novo obediencia ao capitão, que os recebeo bem, & os segurou. D'aqui despidio suas espias, & soube por ellas que os Mouros eraõ passados pera Ponda: do que auisou ao Governador, que lhe mandou se recolhesse, & deixasse vm tanadar nas terras, com quinhentos piaens como fez.

Recolhido elle, mandou o Governador a Francisco de Mello Pereira, que tinha vindo rico de Bãda, que fosse estar em Rachol com duzêtos soldados Portuguezes pera segurança das aldeas, & lhe deu titulo de capitão mór das terras de Salsete: & mil pardaos de ordenado cada anno, pagos nos foros d'aquellas aldeas. Francisco de Mello Pereira se passou a outra banda, & de Margaõ pera Rachol gastou todo o inuerno, quietando & segurando as terras, & arrecadãdo os foros dellas. O Idalxá tanto que soube da fugida dos seus, & de como os nossos ficavaõ senho-  
res

res das terras sintioo em estremo:  
& despidio logo outro capitaó cõ  
mais coatro mil homens pera ir  
diante tornar a tomar as terras,  
em quanto elle negociaua mór  
exercito. Em companhia deste foi  
Gonçalo Vaz Cõutinho, homem  
fidalgo que lá andaua homifiado,  
por casos grandes, que ya por ca-  
pitaó de hũa companhia, em que  
entrauão alguns Portugueses que  
la andauão arrenegados. Estima-  
ua o Idalxá muito este homem,

por ser esforçado, & de grande a-  
nimo, & assi o mostrou bem lá an-  
tre os Mouros, & tinha naquelle  
reino rendas, & aldeas. Esta com-  
panhia partio da corte de Visapor  
este Iulho em que andamos, & do  
que passou adiante daremos re-  
zaó, por que he necessario que cõ-  
tinuemos com Bernaldim de  
Souza, & com algũas cousas  
que neste tempo soce-  
deraó em Ma-  
laca.

*Fim do Quarto Liuro.*

LIVRO



# LIVRO QUINTO

## DA SEXTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITVLO I.

*Do que aconteceu na jornada a Bernaldim de Sousa: & de como hũa armada dos Achens foi a Malaca: & de como dom Francisco Deça sayo a pos ella, & do que lhe aconteceu.*

**P**ARTIDO Bernaldim de Sousa de Malaca, (a onde o deixamos) como ficado no capitulo coarto do primeiro liuro, foi na entrada de Dezembro passado tomar a ilha de Ternate, & forgio defronte da fortaleza, & logo se embarcou em vm batel cõ seus criados, deixando Elrey na nao: & defendendo a todos os q̃ com elle yaõ, que naõ dissessem que estaua elle nella. Chegados a terra foi á fortaleza, & no caminho achou lurdão de Freitas, que naõ tinha ainda recado de cousa algũa: & védo a Bernaldim de Sousa ficou sobressaltado, por que logo lhe pareceo, que vm homem d'aquella maneira naõ ya lá se naõ a cousas gran-

des: & depois de o receber se recolheraõ pera a fortaleza, a onde acodiraõ todos os officiaes, & apresentou suas patentes, por cuja virtude tomou logo posse da fortaleza. Os filhos d'Elrey acodiraõ logo a ella sem saberem do pay: Bernaldim de Sousa os recebeu bé, & lhes disse que o fossẽm desembarcar que estaua na nao. Elles como naõ sabiaõ cousa algũa, foi taõ grande o seu aluoroço, que como doudos se foraõ á praya, & desembarcaraõ Elrey, a que Bernaldim de Sousa foi esperar á praya com todo o pouo. Desembarcado Elrey, foi recebido com muito aluoroço & alegria de todos, levando os grilhoes com que foi prezo pera a India, aleuantados no ár na maõ direita, pera que lhos vissem todos: & assi se recolheo pera sua casa. D'ahi a tres dias o mandou Bernaldim de Sousa chamar, & a todos os Regedores, & pouo, que todos se vieraõ pera a fortaleza a onde estauaõ os officiaes, & como os teue todos juntos no terreiro della, tendo ja prestes as cousas necessarias pera aquella cerimonia, fez nouamente entrega d'aq̃lle reino a Elrey Aciro, em nome d'Elrey de Por-

de Portugal, dandolhe ali a posse delle, & os Regedores tambem lhe deraõ a obediencia a seu modo. De tudo isto mandou Bernaldim de Sousa fazer autos & papeis asinados por todos. Este auto se celebrou com muitas festas de todo o pouo, ficando Elrey Aeiro d'ali em diante correndo com as obrigaçoens do reino. E por q̄ no principio de seu gouerno naõ ouue cousa notauel o deixaremos, por q̄ he rezaõ continuemos com as cousas que neste tempo socederãõ em Malaca.

Elrey de Viantana Soltaõ Alaudixa, (que foi o que Pero Mascarenhas deitou de Bintaõ, como na coarta decada, capitulo terceiro, do liuro segundo temos dito) tendo alguns agrauos d'Elrey de Patane seu visinho, & auendosse por muito afrontado & offendido d'elle, por cousas que naõ saõ da essencia de nossa historia: conuocou os Reys de Pera, Paõ, & outros visinhos, pera o irem destruir: formãdo todos hũa armada de trezentas velas, em que entrauaõ galés, lancharas, bantins, & outras embarçaçoens, em que embarcarãõ oito mil homens. Esta armada se ajuntou no rio de Ior. De tudo isto foi auisado Simaõ de Mello capitãõ de Malaca, & com muita pressa despido vm bantim muito ligeiro, por quem escreueo a Diogo Soarez de Mello, que estava por capitãõ no porto de Patane,

em que o auisaua d'aquella armada, & lhe pedia que logo se fosse pera Malaca, & naõ se quisesse achar n'aquella enuolta, por que como aquelles Reys estauaõ amigos do estado, naõ era bem que se achasse em Patane, por que entãõ seria necessario fauorecer aquelle Rey contra estoutros, pois estaua em sua terra, do que poderia resultar algum grande escandalo: porque de toda a maneira que socedesse seria grande desgosto, & desbaratandosse os Reys da liga auiaõ de lançar a culpa aos Portugueses, que fauoreceraõ o inimigo, & tomariaõ d'ahi occasiaõ pera darem trabalhos a Malaca. E se o Rey de Patane fosse vencido, naõ podia ser sem grande dano dos Portugueses, que estava certo serem os primeiros que o recebessem, por que sobre elles auia de carregar todo o pezo da guerra, pello que melhor seria escusar desgostos, & recolherse a Malaca.

Esta carta deraõ a Diogo Soarez de Mello, & parecendolhe bẽ o cõselho de Simaõ de Mello, despido logo algũs nauios de Portugueses que estauaõ ali pera a China, & elle se embarcou nas suas galeotas com setenta Portugueses, em que entrauaõ estes fidalgos. Manoel de Mello seu irmaõ, (que era capitãõ de hũa das Galeotas.) Ruy de Meillo. vin foaõ de

*Sexta Decada. Da historia da India.*

Sampayo, Belchior de Siqueira, Baltazar Soares de Mello, filho do mesmo Diogo Soares de Mello, & outros. E tomando o caminho de Malaca, tão auante como os ilheos de Calatao, (que estaõ em seis graos & meyo da banda do norte, perto de vinte & cinco legoas de Patane) ouueraõ vista da armada dos inimigos, q̄ cobria o mar. E como aquelles Reys estauaõ todos amigos do estado, pareceolhe a Diogo Soares de Mello, q̄ era obrigação visitalos, ja q̄ se não podia desfiar delles, & assi foi demandado a galé d'Elrey de Viantana: & cõ muita confiança entrou detro. Elrey q̄ ja sabia quem elle era o recebeu bẽ, fazendolhe grandes galalhados. Diogo Soares de Mello teue com elle grandes comprimẽtos, & despidindosse logo d'elle foi visitar os outros Reys que o agasalharaõ honradamente. Elrey de Paõ lhe deu hũa carta pera os seus regedores em que lhes mandaua, que tomando Diogo Soares de Mello o seu porto, & querẽdo nelle esperar a moução pera Malaca (que auia de ser no fim d'Agosto) o recolhessem & lhe dessem todas as cousas de que tiuesse necessidade. E por virtude desta carta tomando aquelle porto, lhe deraõ tudo o q̄ pedio, despejando os nauios & varãdoos: por que se auiaõ de deter mais de vm mes.

Neste tempo, que seria em Julho, socedeo lançar o Rey de Achẽ

hũa armada de vinte velas, em q̄ entrauaõ coatro galés muito fermosas de que era capitaõ mór vm Mouro muito atreuido. Esta armada se foi por no estreito de Sabao, a onde fez a algũas prezas em Iuncos que yaõ pera Malaca: & de pois que por ali andou vm mês & meyo, voltou pera Malaca a onde chegou de noite. E chegãdosse bẽ a terra vẽdo q̄ não era fintido, desembarcou da banda dos Chelins, pera ver se podia fazer algũa preza: mas como tudo estaua fechado não achou mais q̄ vns patos q̄ ficaraõ de fora a vm Chelim rico & conhecido do Achem, & tomãdoos tornou-se a embarcar. Todavia isto não pode ser taõ incuberto, q̄ não fossem fintidos, & dãdofse rebate na fortaleza, acodio o capitaõ Simaõ de Mello, que mandou logo sair fora dom Francisco Deça seu cunhado com algũa gente & achou a pouoação dos Chelins toda aluoraçada & posta em armas, & acodindo a praya, vio q̄ os inimigos eraõ ja embarcados, que se yaõ recolhendo muito vfanos cõ os patos q̄ leuauaõ ao Achem de final de como desembarcaraõ em Malaca, & foraõ correndo a costa de Perã & Quedã ás prezas.

Simaõ de Mello mãdou vm Bãtim ligeiro a espiar esta armada, & negociou com muita pressa alguns nauios que auia no porto pera mandar a pos elles. E andando neste trabalho, chegou a barra de

de Malaca Diogo Soarez de Mello com duas galeotas, o que Simão de Mello estimou muito: por que com ellas fazia armada bastante te pera ir buscar os inimigos. Tinha ja negociados dous caraveloens de mercadores de que eraõ capitães Diogo Pereira, que depois foi sogro de dom Pedro de Castro: & Gmez Barreto: & seis fustas de que tinha feitos capitães seu cunhado dom Francisco Deça, que avia de ser cabeça de toda a armada. Afonso Gentil, Andre Toscano, João Soarez, Belchior de Siqueira, & dom Manoel Deça com algũs bantins de que eraõ capitães Antonio de Lemos, Fernão d'Alvarez, & algũs Chelins: & as duas galeotas de Diogo Soarez de Mello em que elle ya, & seu irmão Manoel de Mello.

Prestes a armada, em que ya todo o cabedal de Malaca, a despedio o capitão, dando por regimento a dom Francisco Deça, que fosse a pos os inimigos, & que passados dez dias (por que não leuavaõ mantimentos pera mais) se tornasse a recolher, encomendandolhe muito que não fizesse cousa algũa sem conselho de Diogo Soarez de Mello.

Esta armada foi correndo a costa de Pera sem achar novas dos inimigos: & passando a diante chegaraõ a Pulo Botum q̄ he ilha, entrando por antre ella & a terra firme: & ali acharaõ novas que esta-

uaõ em Quedá. E querendo dom Francisco Deça ir buscar a armada, ouue rebuliço na gente della, dizendo os mais dos capitães que não aviaõ de passar a Quedá, que era longe: por que se lhes passavaõ ja os dias do prouimento: & assi se quiseraõ tornar algũs. Dõ Francisco Deça tratou de os quietar com brandura, mas não pode. A isto acodio Diogo Soarez de Mello estando todos presentes, & disse com paixão: que todo o que tratasse de deixar o seu capitão mór, que o avia de apregoar por Iudeu & couarde: & que jurava a Deos que o avia de matar, & que pera isso avia de tornar a Malaca a pos elles, por que por isso lhe avia Elrey de fazer muita merce: pois eraõ occasião de se não tomar hũa armada, que tinha feito taõ grande afronta áquella fortaleza, tendoa nas mãos & em parte que lhe não podia escapar. Disto disse tanto, que fez calar a todos, & quietandosse foraõ seguindo o seu capitão mór. Chegados a Quedá doze legoas de Pulo Botũ, souberaõ q̄ as galés estavaõ mais adiante oito legoas, em um rio q̄ se chama Parlés. Aqui ouue nos da armada outro reboliço, dizêdo: que aquillo era ja desatino, andarem de rio em rio, & quiseraõ se tornar algũs escondidamête. Disto foi o capitão mór avisado, & acodio a isso com muita prudencia, tẽperandoos, & affirmandolhes que

se os não achassem em Parles, que se tornariaõ : por que ja q̄ tinhaõ chegado a te ali , não era rezaõ q̄ por mais oito legoas deixassem de ir buscar os imigos , ja que na jornada estaua metido tão grande cabedal . E fazendo ali agoada , & negociando as armas á sua vontade, se detiueraõ aquelle dia , & ao outro se partiraõ.

CAPITULO II.

*De como a nossa armada achou os imigos no rio de Parles. E da vitoria que os nossos alcançaraõ. E de como foi reuelado ao Padre mestre Francisco Xavier da Companhia de J E S V estando pregando: E a denunciou logo a todos.*



**P**ARTIDA a nossa armada do rio de Quedá, ao outro dia sobre a tarde chegaraõ a Parles onde se giriaõ da banda de fora. E ali souberaõ d'hũa embarcação estar a armada d'etro pello rio acima tres legoas junto d'aquella cidade . O capitaõ mór tomou conselho com todos os capitaens sobre o que faria naquelle negocio, & assentouse que fossem buscar os imigos, & pelessem com elles onde quer que estiuesssem . Com aquella resolução encomendou a Diogo Soarez

de Mello que fosse sondar a barra, pera ver se podiaõ as carauelas entrar por ella , prometendolhe a dianteira d'aquelle negocio. Diogo Soarez meteoosse logo em vm balaõ ligeiro com vm piloto , & foi entrando a barra, & sondando os canais por todas as bandas, achou que poderiaõ as carauelas entrar descarregadas: & chegando a terra mandou cortar grandes ramos de aruores, com que abalifou o canal por onde auiaõ d'entrar: por que por derredor eraõ bacos & baixos.

Feito isto , & dada informação ao capitaõ mór, mandou descarregar as carauelas, & repartio o fato dellas pellos nauios, & á toa as meteo Diogo Soarez de Mello d'etro, furtas da boca do rio pera dentro juto da terra. Ia sobre a tarde despido o capitaõ mór vm Ioaõ Soarez com cinco companheiros em hũa almadia ligeira, pera que fosse espiar os imigos, & notar a ordem em que as galés estauaõ. Ioaõ Soarez foi pello rio a cima a te descobrir a pouoação, & deraõ com hũa almadia que andaua tarrafando: & por que os não conhecesssem por não darem auiso aos Achens, tornaraõ a remar pera tras sem virar (porque a almadia tinha dous lemes:) & todavia não poderaõ fazer isto tão apressado, que os pescadores não enxergassem os morriocens que leuauaõ nas cabeças, & reluziaõ ao longe, notádo q̄ aquella gen-

la gente era noua. E virando pera a pouoação deraõ conta ao capitão mór das galés d'aquillo q̄ virão, & que lhes parecera gente defacostumada. O Mouro mandou logo algũas pessoas q̄ fossẽm a algum outeiro alto donde descobriſſem a barra, pera verem se auia nella alguns nauios. Estes enxergaraõ só os mastos & gaueas das carauelas, & as fustas naõ, por estarem cozidas coa terra. Com estas nouas se tornaraõ ao Mouro capitão mór da armada, que assentou q̄ aquillo eraõ nauios de mercadores que yaõ fazer pimenta, cõ o que se segurou & quietou, auendoos por tomados. E por que ja era noite se deixou estar pera ao outro dia os mandar buscar. Ioão Soarez tornou com o recado a dõ Francisco Deça, dizendolhe q̄ naõ podera chegar a reconhecer bem as galés por causa da almadia que encontrou, & que por naõ ser reconhecido se tornara.

Esta noite passaraõ os nossos em grande vigia com as armas nas maõs. Ao outro dia que foi Domingo seis de Dezembro, dia de São Nicolao o Bispo se pòs a nossa armada em ordem: & leuãdo ancora se foraõ pello rio acima a buscar os inimigos. Diogo Soarez de Mello leuaua a diãteira: & as suas duas galeotas, & Belchior de Siqueira, & Ioão Soarez leuauaõ á toa as carauelas de Diogo Pereira, & Gemez Barreto. O capitão mór

dos Achens tambem tanto que amanheceo despidio duas galés, & doze lancháras, pera que lhe trouxessẽm os nauios que estauaõ na barra, & vindo pello rio abaixo, ouueraõ os nossos vista delles. O capitão mór dom Francisco Deça tanto que os vio, despidio coatro bantins, Antonio de Lemos, Fernão d'Alvarez, & outros pera que fossẽm diante cometer os imigos, a fim de elles despararem nelles a primeira carga, porque por resteiros lhes naõ podiaõ fazer dano: & terem os mais nauios tempo de ferrarem delles. Os bantins foraõ co remo em punho demandar as galés, & atiraraõlhe algũas berçadas, & os imigos de sofregos, alheios de mais consideração, despararaõ toda a sua artelharia, que toda lhes foi por alto.

Era isto na volta de hũa ponta que entrava no rio, que ficava encobrimdo ambas as armadas: a nossa ya de longo da terra, & em voltando a ponta deraõ de rosto com elles. E como os imigos vinhaõ ja com a sua artelharia descarregada, deulhe a nossa armada hũa fermosa salua, acertando vñ camello q̄ se atirou da carauela de Diogo Pereira em hũa das galés, & tomandoa vñ pouco diante da proa, a foi varando de parte a parte, mettendo logo no fundo. E como os nossos yaõ auiaados pera cima, & os imigos vinhaõ coa mesma furia pera baixo, naõ podendo voltar,

tar, inuistio os logo Diogo Soarez de Mello, & ferrou da outra galé, & os mais nauios cada vm do seu, começádosse antre todos hũa muito cruel, & aspera batalha, em que todos os nossos mostraraõ bem o valor & esforço Portuguez. O capitão mór afferrou de hũa lanchára, que logo axorou: & passou a diante a fauorecer os mais que pelejauão muito valerosamente.

Diogo Soarez de Mello como leuaua vm nauio muito possante com cincoenta bons & esforçados companheiros, tanto trabalhou, q̃ a poder de golpes se lançou na galé imiga acompanhado dos seus, & dentro nella á espada se auerigou aquelle negocio, matando todos os imigos sem escapar vm só viuo: & tomádo a galé á toa a trouxe com sigo. Os mais nauios que estauão inuestidos dos nossos, forãõ rendidos, & cinco delles metidos no fundo: & foi a destruição tão grande nos imigos, que o rio se tornou da cór do sangue. Acabouse de arrematar a vitoria ás nove horas do dia. E depois de tomarem algũa refeição, & a darem aos marinheiros, chamou o capitão mór todos a conselho & lhes disse. Que pois Deos lhes tinha feito merces tao grandes, que o bõ seria não arrefecerem, nem deixar enxugar o sangue das espadas, & passarem auante a acabar de concluir com aquella armada: por q̃ os imigos auiaõ de estar medrosos,

& que auia pouco que fazer com elles. Os cañados de Malaca disserãõ, que deuiaõ de se contetar coa vitoria que tinhaõ alcançado, que alem dos imigos estarem bem castigados de seu atreuimento & oufadia: não era bem que fossen pelejar coa mais armada nas barbas do Rey da terra, que era amigo do estado, & Mouro como os outros, & que forçado se auia de escandalizar & afrontar d'aquelle negocio: que melhor era daremlhe a entender que se lhe tinha aquelle respeito, por que os nossos nauios costumauãõ ir ali todos os annos a fazer suas fazendas. Não pareceo isto mal ao capitão mór: & ao outro dia mandou tirar os nauios pera fora: & querédosse ir pera Malaca, se despedio d'elle Diogo Soarez de Mello por que lhe era necessario chegar a Pegú, & lhe pediu a galé dos Achens que elle rédeo, & a leuou com sigo, & foi pera Pegú, onde o deixaremos a te q̃ tornemos a contar as cousas q̃ naquelle reino lhe aconteceraõ, que foraõ muito grandes.

Dom Francisco Deça se fez á vela pera Malaca, & em quanto não chega, daremos rezaõ do que socedeo naquella fortaleza. Atras no primeiro capitulo do quinto liuro demos conta de como o Rey de Viantana com outros amigos & confederados ajuntaraõ hũa grã de armada contra o Rey de Patane: & depois que fizeraõ este negocio,

gocio, que foi concertaremse, tornaraõ a voltar pera Ior. E sabendo como a nossa armada era em busca da do Achem, & q̃ Malaca ficaua com pouca gente, como andaua espreitãdo todas as occasiões pera ver se podia lançar mão d'alguã em que tomasse aquella fortaleza, que fora dos Reys seus antepassados, foise com toda aquella armada pór no rio de Muar seis legoas de Malaca. E dali despedio vm seu capitaõ com hũa carta a Simaõ de Mello, que estaua por capitaõ d'aq̃lla fortaleza, em que lhe dizia. Que elle fora informado q̃ a armada do Achem desbaratara a dos Portugueses, de que estaua muito anojado: que elle como amigo & irmaõ d'Elrey de Portugal, a cujas cousas mostrara sempre ter grande amor, naõ se quiseria recolher sem tomar satisfaçaõ dos Achens: que lhe pedia lhe desse licença pera forgir naquelle porto com toda sua armada: por que tinha por certo que os Achens triũfadores da vitoria dos Portugueses, pretendiaõ vir sobre aquella fortaleza, por lhe parecer que seria muito facil tomala. E que elle estaua prestes pera arriscar toda sua armada, reino, & ainda a vida pello seruiço d'Elrey de Portugal, & pella defenõ d'aquella fortaleza: & que a te naõ ter reposta sua, se naõ boliria d'aquelle lugar. E auifou ao que leuaua as cartas que notasse a gente que auia na for-

taleza, & o modo de como estaua.

Esta carta causou em todos grã de confusaõ: mas o capitaõ Simaõ de Mello com muita segurança affi por que o embaixador lha notasse, como por curar as desconfianças que auia nos rostos de muitos, lhe respondeo com os mesmos cumprimentos & offerecimentos, affirmandolhe que pera o servir contra seus imigos tinha muita gente, muitas armas, & muitas monicoens, & sobre tudo vontade, & o amor que sempre tiuera a suas cousas. E que quanto as nouas da armada, que eraõ falsas as que lhe deraõ: por que elle tinha ja recado que os seus desbarataraõ aos Achens, & que esperaua por horas por toda a armada, & que cõ ella o poderia ainda servir se quisesse tornar contra seu imigo. Por onde podia escusar o trabalho, que lhe elle seruiria muito bem, & recolherse pera seu porto. E com isto despedio o Embaixador, que deu nouas a Elrey do q̃ vira, & da confiança que notou no capitaõ, & da certeza que tinha de sua armada ter vencida a dos imigos. Esta noua por animar a todos tinha elle mandado espalhar polla terra, cõ o que o Rey Malayo naõ bolio com sigo: mas deixou se ficar no rio de Muar vinte & tres dias, que pareceraõ aos nossos outros tãtos annos. Por que com naõ ter certeza da armada, & verem vm imigo taõ poderoso, lhe tinha tirado

o sono a todos : & todavia o capitão Simão de Mello proueo a fortaleza de guarda o melhor que pode, & lançou espias sobre os inimigos de que cada dia era auisado.

Estando todos neste estremo & receyo, que o Padre mestre Francisco Xavier trabalhou por remediar com praticas mūy spirituaes & consolatorias que muitas vezes fez em publico. A te que estando pregando o mesmo Domingo em que os nossos alcançaraõ a vitoria, naquelle mesmo ponto que se concluyo, fez hũa extraordinaria mudança no rosto : & deixando o fio do sermaõ, fitou os olhos no ceo vm pequeno espaço, & depois arrebetando num spirito inflamado disse. Que deessem graças a Deos nosso Senhor, que acabara a nossa armada de vencer a do Achem. E assi deu relação da batalha como se estiuera presente a ella : por que particularizou os casos della? Com o que todo o auditorio arrebetou em lagrimas, dando graças ao altissimo & poderosissimo Deos. E logo o mesmo dia á tarde fez na ermida de nossa Senhora outra pratica spiritual, em que tornou a declarar, & falar mais particularmente na batalha: o que deu tal animo a todos, que ja não auia tristezas nem desconfianças. Poucos dias depois chegaram nouas, que o Rey Malayo era recolhido, & depois a nossa armada vitoriosa com que a fortaleza se desfazia em festas & lououres de Deos nosso Senhor.

leza se desfazia em festas & lououres de Deos nosso Senhor.

CAPITULO III.

*De como o Idalxa mandou outros capitaens sobre as terras de Salfete : & do recado que o Governador dom João de Castro teue de Diu. E das armadas que este anno partião do reino.*



**E**ICOVO Idalxa taõ afrontado de lhe lançarem os seus capitaens fora das suas terras, que determinou de entrar naquelle negocio com todo o cabedal que podesse. E depois que despedio os capitaes de que atras falamos no capitolo nono do coarto liuro, inuiuou logo apos elles, outros com mais cinco mil homens, & vm capitão dos principaes do seu reino, sobre todos, com regimento que logo se tornasse a apossar de suas terras, o que elles fizeraõ, lançando outra vez mão dellas, sem fazerem mal aos moradores, antes lhes deraõ liberdades, & lhes fizeraõ fauores. Os nossos se recolheraõ na fortaleza de Rachol sem lhes poderem resistir, por ser o poder grande.

Tanto que o Governador teue recado, bem vio q̃ lhe auia aquelle negocio de dar trabalho: & despedio

dio com muita pressa algũs nauios pera andarem nos rios, & em guarda d'aquella fortaleza: & mandou dom Diogo d'Almeida capitão de Goa, com ceto & vinte de caualo, & trezentos de pé, & mil Lascarins da terra, pera ajuntar a si o mais ca bedal q̄ trazia Francisco de Mello Pereira: & pella banda de Rachol ir buscar os imigos. Esta gente foi toda por már, & chegados a Rachol, assentaraõ seu arrayal fora no campo, & dali fizeraõ algũas entradas pellas terras ate Margaõ, tendo algũas escaramuças com os imigos, sem nunca se encontrar o poder junto: & todauia os Mouros ficaraõ arrecadado os foros, & senhoreando as terras, sem os nos- sos lho poderem defender.

O Governador pòs este negocio em conselho, por que trataua de passar em pessoa: & assentou- se que não podia por entaõ ser, por que era a força do inuerno, & as terras estauaõ alagadas & intrata- ueis, pera os Portugueses poderem andar por ellas, que se esperasse o veraõ, que viriaõ as naos de reino com gente, & que entaõ se fizesse aquelle negocio. Que se segurasse Rachol com gente, & se recolhes- se o capitão, por q̄ não fazia mais que gastar o tempo em vaõ, & fazer despezas: no que logo o Go- uernador proueo em tudo muito bem, mandando dar muita pressa a armada: por que determinaua de ir fora no veraõ, visitando elle

todos os dias a ribeira, & vendo cõ os olhos os galeoës, & os mais nauios. E aos Domingos & dias Santos fazia exercitar os bombardeiros, & os soldados no campo, em barreiras que pera isso tinha, por que este he o verdadeiro officio do Governador, & este era a re- zaõ por que entaõ os soldados se prezauaõ das armas, & se esmera- uaõ em as trazerem limpas & cõ- certadas & não empenhadas. E tã- to fauorecia este Governador os soldados que tinhaõ boas armas, & se presauaõ dellas, que passando vm dia pella rua de nossa Senho- ra da Luz, pòs os olhos em hũa ca- sa terrea em que poustaua vm sol- dado que se chamaua Francisco Gonçaluez, & violhe de frente da porta vm cauide com algũas espin- gardas, espadas, & alabardas, muy limpo tudo & concertado: & ten- do o quartao em que ya chegou- se bem á porta, & perguntou que poustaua ali. O soldado acodio de dentro á porta, & elle o festejou muito gabandolhe as armas, & mandou que lhe dessem logo trin- ta pardaos pera azeite pera as vn- tar, & disselhe que como se lhe a- cabasse, pedisse mais azeite: & o mesmo fez a outros muitos solda- dos: por que naquelle tempo fol- gavaõ os Governadores de falar com elles, & de os fauorecer & honrar.

Era ja entrado o mês d'Agos- to, & o Governador andaua dando pressa

*Sexta Decada. Da historia da India.*

pressa as coufas, por q̄ tinha muito que fazer aquelle veraõ . E sendo vinte & dous dias do mês, chegou á barra de Goa vm catur que vinha de Diu, de q̄ era capitaõ Francisco de Moraes que trazia cartas de dom Ioaõ Mascarenhas, que o Governador vio, & nellas lhe affirmava que Elrey Soltaõ Mahmude tinha vm muito grosso poder, pera com elle vir em pessoa sobre aquella fortaleza: que o bõ seria acodir elle logo em principio do veraõ, por que como la o visse, poderia ser se retraisse, & mudasse o pensamento. O Governador cõ estas nouas despidio logo recado á cidade de Cochim a pedir-lhe q̄ o quisessem ajudar nesta necessidade, que de nouo se lhe offerecia, com os mais nauios & gente que podesse: & o mesmo escreueo áquelle Rey, pedindolhe dous mil Naires, mandando ordem pera se lhe darem embarcaçoens, & todo o mais necessario . E despidio o mesmo Francisco de Moraes com cartas a dom Ioaõ Mascarenhas em que lhe fazia a saber que se ficava fazendo prestes: & que tanto que as naos do reino chegassẽ, logo se embarcaria. E escreueo por elle ás cidades de Chaul, & Baçaim, encomendandolhes que estivessem prestes pera o acompanharem todos os que podessem, por q̄ folgaria de os achar negociados por se não deter. Estas nouas correrãõ logo pella cidade de Goa: &

ajuntandosse os Vereadores em camara, fizeraõ chamamento do pouo, & lhe lembraraõ a necessidade que de nouo se offerecia, & que era rezaõ que não faltassem a ella: que seria bom fazerem seus offercimentos ao Governador pois elle era tal, que da outra vez lhe não quiserá accitar cousa algũa. E parecendo bem a todos, foraõ os Vereadores ao Governador, & lhe fizeraõ seus comprimentos, certificandolhe que estauãõ todos prestes pera o seruirem com o amor & vontade q̄ sempre nelles achou. O Governador lhes agradeceo aquillo com palauras muito honradas, & lhes pedio dez mil pardaos, que lhe ellẽs logo negociaraõ.

E passando nesta materia ainda mais adiante, alem do dinheiro que lhes pediraõ, ouue muitas molheres de cidadoens ricos & honrados que tomaraõ suas joyas em cofres & boetas, & as mandaraõ por suas filhas mininas apresentar ao Governador, pedindolhe que pois da outra vez que lhas mandaraõ, as não quis gastar, ou por que não fosse necessario, ou por outra algũa rezaõ que pera isso teria. que estimariaõ muito seruirse elle por entãõ dellas, pois era pera cousa taõ importante & necessaria . Vendo o Governador aquella grande lealdade, amor, & liberalidade, ficou admirado: & não tocando nas joyas, lhas tornou a mandar

mandar com palauras de grandes agardcimentos dizendo : q̄ mais estimaua aquelle amor & vontade, que todos os tisouros da terra : & ás mininas que leuauão as joyas, deu peças de damasco , & de outras sedas . E por aqui se vera o amor & gosto com que todos seruião o seu Rey : por que achauão nos seus gouernadores este primor honra, & verdade.

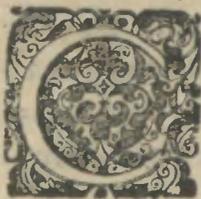
Andando o Governador dâdo pressa a armada, mandando a lâçar ao már, & prouela de mantimétos, moniçoens , & de todas as mais cousas necessarias , sendo dez dias de Setembro, chegaraõ á barra de Goa duas naos, de seis que partiraõ do reino , sem trazerem capitaõ mór, de que eraõ capitaens Baltezar Lobo de Sousa, & Francisco de Gouuea. Das coatro naos que faltauaõ, eraõ capitaens dom Francisco de Lima, que trazia a capitania de Goa, que vinha na nao são Felipe : & Francisco da Cunha no Zambuco. Estas duas naos partiãõ tarde do reino , & chegaraõ a Goa a vinte & tres de Setembro. Da outra nao , que era a Burgalezã, era capitaõ Bernardo Nacer, q̄ foi tarde tomar Sacotora a onde inuernou , & foi tomar Goa em Mayo. Da outra nao que faltaua era capitaõ dom Pedro da Silua da Gama, filho do Conde Almirante, que ya prouido coa fortaleza de Malaca, que por roim nauagaõ do seu Piloto , se foi perder

nas ilhas de Angoxa, mas saluouse toda a gente que se passou a Moçambique, & foi a India repartida pellas outras naos de Francisco de Gouuea, & Baltezar Lobo.

Este anno mádou Elrey ao Governador, que logo lhe mandasse fazer hũa fortaleza em Moçambique muito forte , & capas de recolher todos os moradores, por que se receaua de Rumes : & que a fizesse na ponta de sobre a barra , a onde estaua a igreja de nossa Senhora do baluarte: por que trataua de segurar seus vassallos , ainda que fosse com despezas de sua fazenda , & comercio das minas de Cofala, & Cuama: & tambem por ser a principal escalla das naos do reino, a onde se vaõ refazer & prouer, de taõ longa viagem : & mettendo ali pé os Rumes, alem de ser perda notauel , dariaõ grande opressaõ a toda a India.

### CAPITVLO IIII.

*De como o Governador dom João de Castro partio pera Pondã, & tomou aquella fortaleza. E de um Embaixador que o Rao mandou ao Governador, & das pazes que com elle se assentaraõ.*



HEGADAS as naos do reino, se comecou logo o Governador a fazer prestes pera

*Sexta Decada. Da historia da India.*

perá passar, & buscar os inimigos, ás terras de Salfete: & fazendo alarde da gente Portugueza, achou tres mil soldados, que repartio em cinco bandeiras: de que deu as capitánias a seu filho dom Alvaro de Castro, & a dom Bernardo, & dom Antonio de Noronha, filhos do Visorrey dom Garcia de Noronha: & a Manoel de Sousa de Sepulveda, & a Vasco da Cunha: & dom Diogo d'Almeida Freire capitão da cidade leuaua duzétos de caualo, em que entrauaõ todos os moradores de Goa. Das Tanadarias visinhas se ajuntaraõ todos os piaens da terra, que com os que estauaõ em Rachol fariaõ numero de mil & quinhentos. O Governador mandou recado a Francisco de Mello que estaua em Rachol, com trezentos homens, & quinhentos piaens, que estiuessse prestes, pera como elle entrasse nas terras pela banda de Agaçaim, que partisse elle de lá, & se juntassem na villa de Margaõ. Os inimigos tiueraõ logo auiso dos preparamentos que o Governador fazia pera os ir buscar: & tomando antre si conselho, assentaraõ de não esperaré aquelle poder, & de se passarem á fortaleza de Pondá como fizeraõ, deixando as terras em poder dos rendeiros. O Governador estando ultimamente pera se passar a outra banda, teue rebate de como os capitães do Idalxá eraõ recolhidos a Pondá: & tomando parecer so-

bre o que faria, assentouse que lá se fosssem buscar, & que os desbarataffem de todo, por que não conuinha ao Governador acodir ao norte, deixando aquelles capitães juntos taõ perto, que em se elle embarcando, logo se auiaõ de tornar a meter nas terras. Com isto se foi o Governador pór em Benestarim donde começaraõ a passar as bandeiras: & como estiueraõ da outra banda dormiraõ ali aquella noite. Ao outro dia de madrugada passou o Governador, & começou logo a marchar pera Pondá. E chegando a hũa ribeira que está a meyo caminho, acharaõ da outra bádá hũa companhia de dous mil homens que os esperauaõ pera lhes defenderem a passagem. Dom Alvaro de Castro, que leuaua a dianteira, tanto que chegou á ribeira, o começaraõ da outra banda a festejar com a arcabuzaria. Elle como leuaua boas espias o encaminharaõ pera hũa parte por onde começaraõ a passar a vao, com a agoa por cima do giolho, jugando tambem a sua espingardaria em roda viua. As mais bandeiras tambem chegaraõ á ribeira, & foraõ todas cometer a passagem por diferentes vaos.

Dom Alvaro de Castro se pos da outra banda, a onde trauou có os inimigos hũa boa escaramuça em que os nossos apertaraõ tanto có elles, que os arrancaraõ do campo, & se foraõ recolhendo pera Póda.

O Gover-

O Governador passou a ribeira á outra banda, & foi marchando em muito boa ordem, levando a gente de cavallo pelas ilhargas do exercito, & por todo aquelle caminho foraõ achando muitos estrepes, em que alguns dos nossos se encrauaraõ, levando sempre os imigos diante, jugando com sua espingardaria: & assi foraõ a te chegarem á vista da fortaleza. E da banda de fora acharaõ todos os capitaes do Idalxá postos em som de batalha.

O Governador mandou a seu filho que rompesse nelles por hũa parte: & dom Diogo d'Almeida capitaõ de Goa com toda a gente de cavallo por outra: & arrancando elles com grande furia, apellidando o Apostolo Sanctiago, aos primeiros golpes viraraõ os imigos as costas, & foraõ fugindo, naõ pera a fortaleza, mas pera o sertão, por que se naõ atreueraõ a defendela. Dom Alvaro de Castro chegou a ella, & da banda de fora esperou o Governador, que lhe mãdou que entrasse dentro, como fez, sem achar pessoa viua, nem fato, mais que algũas cousas de pouca importancia, por onde pareceo que tinhaõ ja os imigos recolhido tudo, com tençaõ de largarem a fortaleza.

O Governador tomou parecer sobre o que faria naquelle negocio, & assentouisse que se recolhessem sem tocar na fortaleza, nem

derribala: por que visse o Idalxá o pouco caso que della fazia: por q̃ todas as vezes que a quisesse tomar o podia fazer. O Governador tornou a voltar pera Goa, a onde chegou aquelle dia, tratando logo de se embarcar, & estando pera o fazer chegou vm Embaixador d'Elrey do Canará mũy grandemente acompanhado. Reinava entãõ n'aquelle reino Sidoça Rao, que andaua auia muitos annos em grãdes guerras com o Idalxá. Este sabendo as differenças que auia antre elle & o Governador, desejãdo de se confederar com os Portugueses, pera juntamente com elles, lhe fazer guerra & o destruir de todo: despidio este Embaixador, que era vm dos principaes capitaens do seu reino, & dos mais chegados de sua casa.

Sabendo o Governador da sua chegada, lhe mandou ordenar grã de recebimento, como se lhe fez, & o recebeo em sala com grande aparato: & depois de passadas as palauras da visitaçaõ lhe deu as cartas d'Elrey, & algũas joyas ricas & coriosas que lhe mandaua de presente. O Governador como estaua de caminho, o ouuiu logo ao outro dia, & o Embaixador lhe disse, que Elrey seu senhor desejava muito de ter paz & amizades com elle Governador, & que estaua prestes de sua parte pera tudo o que fosse justo & honesto: por q̃ sempre os Reys seus antecessores

correrão em muita paz & amizade cõ os Governadores passados. O Governador lhe respondeo que estimava muito querer Elrey Cidesa Rao ser amigo d'Elrey de Portugal seu senhor, que elle estava de caminho pera fora, & por concluir primeiro aquelle negocio, elle remetia o assento das pazes, ao Veador da fazenda, & Secretario, & que se ajuntasse logo com elles, & as concluisssem, por que elle desejava muito de servir Elrey de Bisnagá em tudo. O Embaixador folgou com aquella resolução. E ajuntandosse os officiaes acima nomeados com elle, dando vns & outros seus apontamentos vieraõ a concluir os capitulos seguintes.

Que Elrey de Portugal, & o de Canará seriaõ amigos de amigos, & inimigos de inimigos: & que sendo necessario se ajudaria um ao outro, com todas as forças, & poder que tiuessem contra todos os Reys da India, tirando o Zamaluco.

Que lhe deixariaõ tirar da cidade de Goa todos os caualos que a ella vierem de Persia, & de Arabia, & que nenhum passaria ao Idalxá, nem a porto seu: & que elle Elrey do Canará seria obrigado a fazer comprar todos os que se leuasssem a seus portos, & faria dar breue despacho aos mercadores que cõ elles fossem.

Que Elrey do Canará não consentiria, que mantimento algũ de qualquer sorte que fosse, fuisse de porto algum seu, pera os reinos do Idalxá, & que todos se ajuntariaõ em Onor, & Barcalor, a onde Elrey de Portugal teria feitores pera os comprarem todos: & que os Governadores da India seriaõ obrigados a mandarem lá os mercadores Portugueses aos comprar. E que pella mesma maneira Elrey do Canará defenderia que de nenhũ porto seu, nem lugar do seu, passasse pera o reino do Idalxá ferro, nem salitre, & que os mercadores dos seus reinos leuariaõ estas fazédas aos portos maritimos do reino de Canará, onde os Governadores da India os mãdariaõ comprar logo, por que os donos não recebessem perda.

Que todas as roupas do reino do Canará não iriaõ a algum dos portos do Idalxá, mas que iriaõ a Ancollá, & a Onor: & que pella mesma maneira obrigarãõ os Governadores aos mercadores Portugueses, a que as fossem lá comprar: & lhes leuariaõ cobre, coral, vermelhaõ, azougue, sedas da China, & todas as mais mercadorias que vinhaõ do reino: & que elle se obrigava a lhas fazer comprar.

Que vindo algũa armada de Turcos á India, ou qualquer navio seu particular, que elle Rey do Canará os não agasalharia em

em porto algũ dos seus : & todos os Turcos q̄ nelles viessem os mãdaria prender, & presos os inuiaria ao Governador da Inda, que pelotempo fosse.

Que conce rtando ffe Elrey do Canará com o Gouernador da India pera ambos fazerẽ guerra ao Idalxà: q̄ em tal caso, todas as terras que se tomassem seriaõ do Rey do Canará, excepto as q̄ jazem do Gate pera baixo, desde Banda ate o rio de Cintacorá: por que todas estas por antiguidade pertencẽ ao senhorio & jurdição, da cidade de Goa: & q̄ estas ficarião pera todo sempre da coroa de Portugal.

Estes cõtratos que foraõ escritos pello Secretario Cosme Anes, se jurarãõ logo pello Governador & pello Embaixador de Bisnaga, com as solennidades costumadas, & logo se pregoaraõ por toda a cidade de Goa com grandes festas. Feito tudõ isto, despidio o Gouernador o Embaixador, mandando por elle a Elrey vm muito rico presente, de caualos fermosos, peças de escarlatas, & de veludos de cores, & deu outras ao Embaixador, com que se foi muito satisfeito. O Governador se começõu a embarcar, & em quanto o faz nos pareceo bem darmos rezaõ do fundamento deste reino de Canará, & de todos os seus Reys, por ser cousa muito coriosa, & que  
ate oje ninguem es-  
creueo:

## CAPITULO V

*Do fundamento deste reino Canará, & origem de seus Reys, com todos os que a te oje reinaraõ. E donde naceo chamarem a este reino de Bisnaga. & de Narsinga.*



ESTE reino do Canará segundo suas escrituras, teue principio quasi nos annos de mil duzentos & vinte de nossa redençaõ. O seu proprio nome he Charaná thacá, que de corrupçaõ em corrupçaõ se veyo a chamar Canará. E porque (como ja muitas vezes temos dito) todos estes Gentios do Oriente, fabulaõ mil patranhas, pera virem dar vm honroso principio a seus Reys: assi estes o fazem, & contãõ muitos disbarates.

E continuando ao pè da letra com suas escrituras, affirmãõ que todos estes reinos, antre o Indo & Gange, foraõ pouoados de diuersas castas de Gentios, repartidos em muitos senhorios & reinos, cõ este titulo de Rayas, que eraõ como juiztes, & cabeças de Tribus, debaixo de cujo gouerno viueiraõ muitas centenas de annos, em mūy grãde liberdade, sem conherẽ Rey, Emperador, nẽ tyranno,

atè os annos acima ditos : & que naquella parte aonde depois se fũdou a fermosa , & rica Cidade de Bisnaga ( como logo diremos ) se leuantou vm Bragmane de vida sancta & Religiosa antre elles , & lhes começou a prègar, & dar leys, & costumes novos. Deste affirmuaõ q̄ não comia mais q̄ hũa vez na sômana , & ainda essa vn pouco de leite, que lhe costumaua a leuar vm pastor d'aquelles campos, que ya ao mato a onde se elle aposentaua , & a onde muitas vezes o achaua enleuado em contemplação. Tanto continuou este pastor isto , que nunca lhe faltou com o seu ordinario seruiço , aquelle dia determinado. E vm delles o achou em vm grande extasi , & arrebatamento , que lhe durou grande espaço . E tornando em si achou o pastor apar de si com a reção do leite, & pondolhe a mão na cabeça o benzeo , dizendolhe , tu seràs Rey , & Emperador de todo este Induistaõ , & eu o pedirei a Deos.

Isto se soube logo antre os pastores, & começaraõ a tratar aquelle con diferente veneração , & o fizeraõ cabeça de todos. Elle como era sagaz & astuto , ajuntando vm grande exercito delles , se fez jurar por Rey , & sayo a cõquistar aquelles Rayas , & seus estados, que estauaõ já reduzidos a cinco: porque fazendo a cobiça seu officio, os que mais poderaõ , lança-raõ mão dos estados dos outros: &

alsi tinhaõ constituido cinco Reynos mūy prosperos, & grandes, que eraõ os do Canarà, Taligas, Cangiuarám, Negapataõ, & o dos Badagàs. E alsi o fauoreceo a fortuna que se senhoreou de todos estes Reynos & estados. E vendosse taõ grande senhor, se intitidou Bocà Rao, q̄ quer dizer Emperador. Sabendo vm Rey do Dely , como aquelle pastor, se tinha aleuantado com tantos Reynos, o foi buscar cõ muito grande exercito , & juntos ambos em vns campos que se chamauaõ Quis quedá, vieraõ a batalha, em q̄ o Rey do Dely foi derrotado: & em memoria d'aquella vitoria fundou o Bocà Rao no mesmo lugar em que a batalha se deu, hũa fermosissima Cidade, a q̄ pòs nome Visaja Nager, que quer dizer, Cidade de vitoria: a que nõs corruptamente chamamos Bisnaga, & ainda damos della o nome a todo o Reyno, não se chamãdo antre os naturaes senão o Reyno do Canarà.

Este Bocà Rao , tendo reynado vinte & cinco annos ; entregou o Reyno a vm filho seu , chamado Harcará Rayo , & elle se recolheo a acabar em vida solitaria, no mesmo lugar em q̄ aquelle Bragmane sancto viueo. O filho que lhe succedeo foy homem valeroso, & cõquistou muita parte dos Reynos do Decan , & depois de reynar corenta annos faleceo, deixando por herdeiro vm filho chamado

Dava Rayo, que conquistou todos os reynos do Balagate, & reynou vinte annos. Por sua morte lhe socedeo no reino seu filho Visia Rao que foy valeroso, & muito rico de thifouro, teue grãdes guerras com o Rey do Deli, que era Mouro cõ quem confinava da parte do norte: & em hũa batalha que ambos tiueraõ foy este Visia Rao morto: tendo reinado vinte annos. Socedeolhe nos estados seu filho Diua Rao, que foy vingar a morte do pay, & conquistou os reynos do Deli, & Mandou, & reinou dez annos, ficandolhe dous filhos mininos, a que não soubemos os nomes, que ambos reynaraõ, vm doze annos, & outro dezasseis. E em tempo do primeiro irmão que ficou minino em poder de titores, tornaraõse lhe a rebellar os reinos do Deli, & Mádou: & aquelle Rey (q̃ era Xano Saradim, como loã de Barros lhe chama, & as escrituras Canaras, Tagalaca, como já na quinta decada temos dito) entrou pellos reynos do Decan, perto dos annos de mil trezentos & doze, cõ grandes exercitos, & os conquistou todos, deixando nelles vm sobrinho por Governador, o Rey do Canará ficou recolhido na cidade de Vizaia Nager, com todos os reynos que possuirãõ seus primeiros fundadores, que saõ os cinco que atras ficaõ nomeados.

Falecidos estes dous irmãos filhos de Diua Rao, sem terem her-

deiros, lhes socedeo no reyno vm tio irmão de seu pay, chamado Narlinga, que foy muito valeroso. Este não quis tomar o titulo de Rao, que he de Emperador, nem o de Rayo, que he o de Rey, (como alguns dos Reys passados se intitularãõ) mas tomou o de Naique por mais humilde, que he tão to como dizer capitaõ, ou duque: & assi se ficou chamando Narlinga Caique. E por que este viueo muitos años, & foi valeroso, & fez sempre muitas guerras aos Mouros, foy muito nomeado no múdo, & os estrangeiros Italianos, que antes dos Portugueses vieraõ à India por terra, como este reyno era o mais rico de todos os do Oriente, & o Rey Narlinga grande fauorecedor de estrangeiros, & todos o continuauaõ mais: diziaõ cà na Europa, que vinhaõ do reyno de Narlinga, ou que yaõ pera o reyno de Narlinga: dando a todo o reyno o nome do Rey: & assi o nomeaõ loã de Barros, & damiaõ de Goes: porque lhe naõ souberãõ dizer a rezaõ deste nome.

Viueo este Rey vinte annos, & socedeolhe Crisna Rao, que foy o mais valeroso Rey de todos, & tornou a conquistar o reyno do Deli, a onde já reynava Soltaõ Hamed, filho de Togalaca. E aos vinte & oyro annos do reinado deste Crisna Rao, se levantou o grande Tamurlang, que foy perto dos annos de Christo, de mil trezentos & no-

uenta & coatro : & teue com este Crisna Rao, aquella asperissima batalha que conta Ruy Gonçaluez de Clauijo, no seu Itenerario, quando foi por mandado d'Elrey dom Anrique o quarto, ao Graõ Tamurlaõ ( como já na quinta decada temos dado mais particular rezão. )

E porque este Crisna Rao leuaua no seu exercito grande numero de Christaõs, dos que fez o Apóstolo São Thome, que eraõ seus vassallos, ouue Ruy Gonçaluez de Clauijo, que aquelle Rey era Christaõ, & assi o affirma no seu Itinerario . Reynou este Crisna Rao, trinta annos, socedeolhe Rama Rao, que reinou sessenta & dous: & já em seu tempo o Decã era todo possuido de Mouros. Por sua morte herdou o reyno Marfanay Rao, & socedeolhe seu filho Crisna Rao, que teue grandes guerras com o Idalxã: porque em seu tempo se aleuantaraõ aquelles Capitães com os reynos do Decan, (como na quinta decada dissemos.) E o Idalxã lhe tomou as fortalezas de Rachol, & Mundager, que eraõ os estremos de seus reinos. Reinou este vinte & cinco annos: & em seu tempo descobrio aquelle valeroso Capitaõ Vasco da Gama a India E segundo Fernão Lopez de Castanheda, este foy o que mãdou offerrecer as terras de Salfete, & Bardes, a Ruy de Mello, capitaõ de Goa, sendo o Governador Diogo Lo-

pez de Siqueira no estreito de Mecca. Mas Ioão de Barros diz, que no disbarato do Idalxã, depois que este Crisna Rao lhe deu a batalha, & tornou a ganhar as suas fortalezas, que lançaraõ mão das terras de Salfete, & Bardes vns Gentios, d'algunha os Gijs, que estauaõ em poder de vm Mouro, vassallo do Idalxã: & que este vendo que os Gentios se leuantaraõ contra elle, mandara recado a Ruy de Mello capitaõ de Goa, que fosse tomar posse d'aquellas terras como fez: mas como quer que fosse, ellas foraõ dadas a Elrey de Portugal.

Por morte de Crisna Rao, socedeo seu filho Trimal Rao, que ficou continuando a guerra com o Idalxã. Este faleceo depois de reynar dezaseys años, sem deixar herdeiro, & socedeolhe vm tio seu amado Vche Tima Rao, que era vm doudo, como o nome o declara: porque vche em lingua Canará quer dizer doudo, & Tima era o seu nome proprio. Este fez tãtos desatinos, & tantas destruiçoens nos reinos, & tisouros, que não o podendo sofrer os pouos o mata-raõ, tendo reynado tres annos, & aleuantaraõ por Rey vm sobrinho de Crisna Rao, filho de seu irmaõ, chamado Achita Rao, que reinou quinze annos, & faleceo sem herdeiro. Os grandes aleuantaraõ por Rei vm menino de pouco mais de treze annos, chamado Cidesa Rao que era neto de Crisna Rao, & he este

este, em cujo nome vieraõ os Embaixadores, do capitulo atras ao Governador Dom loaõ de Castro.

Tanto que este moço foi jurado por Rey, acodio á Cidade de Bifnagâ Rama Rayo, que era casado com hũa filha d'Elrey Crisna Rao & capitaõ geral de seu reyno, que estaua governando aquella parte dos Badaguas, & Taligas: & como era muito poderoso, & grande capitaõ, metose na corte, & lançou mão do Rey moço, & o meteo em hũa torre fortíssima, com grandes grades, & portas de ferro, a onde o teue em quanto viueo, como hũa estatua, com o nome sò de Rey: mas com todas as despezas, gastos, & apparatus que podera ter se fora, & estiuera liure. Tinha este Rama Rayo outros dous irmãos, entre quem repartio o governo do reyno, conuem a saber, Atrim Rayo, a quem deu tudo o q pertencia á justiça: a Vingata Rayo tudo o da fazenda: ficando elle sò com o cargo de capitaõ geral, & governador de todo o reyno. E pera encobrirem sua tyrannia, yaõ todos tres vm dia no anno á torre a onde estaua o Rey, & se lhe prostauião pello chaõ, fazendolhe sua veneração como vassallos, & catiuos: sendoo na verdade o Rey delles: este Rama Rayo foy grãde Capitaõ, & fez grandes guerras a todos os Reys Mouros do Decan (como pello discurso da historia, com o fauor diuino contaremos.)

E desta maneira fica bem clara, & entendida a origem, & principio deste reyno, & de seus Reys: & tirada a confusaõ que auia em seus nomes.

CAPITULO VI.

*Da grande armada com que o Governador dom Joaõ de Castro partio pera o norte E de como mandou seu filho dõ Aluaro de Castro a Surraie & do que lhe aconteeo.*



**D**ESPEDIDOS os Embaixadores de Rey do Canará, se embarcou logo o Governador em nauios ligeiros, pondosse no mar cõ hũa armada de cento & sessenta fustas, em que entrauaõ algũas que ja eraõ chegadas de Cochim, com que se fez á vela. Os capitaens q nellas o acompanharaõ, foraõ, dõ Aluaro de Castro seu filho, dom Roque Tello, dom Pedro da Sylua da Gama, dom loaõ d'Abranches, dom Iorge Deça, dom Bernardo da Sylua, Vasco da Cunha, dom Francisco de Lima, Francisco da Sylua de Meneses, dom Iorge de Meneses Baroche, Manoel de Sousa de Sepulueda, Cide de Sousa, Duarte Pereira, Diogo de Sousa, Gracia Rodriguez de Taura, dom loaõ de Tayde, dom

*Sexta Decada. Da historia da Índia.*

Ioão Lobo , Gaspar de Miranda, dô Bras d'Almeida, Iorge da Sylua , dom Pedro d'Almeida, Pero de Tayde Inferno , Antonio Moniz Barreto, Cosme Anes Secretario, Belchior Correa, Bastião Lopez Lobato, Antonio de Sâ o Rume, Alvaro Serraõ, dô Antonio de Noronha, Diogo Alvarez Telles, Antonio Anriqs, Aleixos d'Abreu, Antonio Diaz, Baltezar Lopez da Costa, Damiaõ de Sousa , Manoel de Sâ, Fernão de Lima, Afonso de Bonifacio , Antonio Rabello, Antonio Rodriguez, Antonio Diaz Pereira , Belchior Cardoso, Cosmo Fernandez, Nuno Fernandez, Francisco Marques, Duarte Dias, Diogo Gonçalvez, Francisco Alvarez , Francisco Varela , Luis d'Almeida, Francisco de Brito, Gõçalo Gomez, Gregorio de Vasconcellos, Gomez Vidal Capitaõ d guarda do Governador, Antonio Pessõa veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcaõ, Gooçalo de Valapares, Galaor de Barros, Galpar Pirez, Ioão Fernandez de Vasconcellos, Fernão d'Alvarez Cernache, Ioão Soarez, Ignacio Coutinho, Ioão Cardoso, Ioão Nunez Homem, Ioão Lopez, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soarez, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandez, Manoel Afonso, Marcos Fernandez, Nuno Gonçalves de Liaõ, Pero de Caceres, Pero de Moura, Ruy Paez, Pedro Afonso, Pero Preto, Luis Lobato, Simaõ

d'Arede, Francisco da Cunha, Simaõ Bernardes, Thome Branco, Patraõ môr da ribeira, que ya no galeaõ saõ Ioão, carregado de mâtimentos, & moniçoës, Coge Percoly lingoa. E os nauios que vierão de Cochim, de que eraõ capitaens, Francisco de Siqueira, Vasco Nunez, Baltezar Dias nobre, Francisco de Siqueira o moço, Francisco Fernandez o Moricale, que traziaõ quinhentos Nayres, q̄ Elrey de Cochim mandaua: & mais nauios de Cochim, & Cananor, que chegaraõ indo já o Governador á vela, de que eraõ capitaens, Luis da Veiga, Guilherme Pereira, Gomez Carualho, Ioão Fernandez, Pedralvarez, Lançarote Gonçalues, Paulo de Pedrosa, Pedre Anes, Rodrigo Ribeiro, Simaõ Ferreira, Ioão de Magalhaës, Cosme Brãlão, & outros muitos fidalgos, & caualeiros, que nesta jornada foraõ em nauios seus, a que não achamos os nomes. Com toda esta frota foi o Governador sorgir na barra de Baçaim, donde despido espias a Cameaya, pera saber da determinação d'Elrey. E escreueo a dom Ioão Mascarenhas, como ja ficaua taõ perto d'elle, pera que o auisasse de todas as cousas.

Estando o Governador aqui dando despacho a muitas cousas: teue auiso, que Caracem, genro de Cogçofar, estaua por capitaõ de Surrate, & que tinha muito pouca gente, & taõ descuidado, que muito facil-

facilmente se podia tomar aquella fortaleza. O Governador como não dormia nesta materia, nem ya buscar aluitres, nem fazendas, despido logo seu filho dom Alvaro de Castro com oitenta nauios, dos milhores da armada, dandolhe por rigimento, que tomasse de noite o rio de Surrate, & mandasse em muito segredo espia a fortaleza, & achando que estaua com tão pouca gente como lhe tinhaõ dito, lhe desse vm assalto, & acomettesse, & leuasse nas maõs, porque elle ya logo a pos elle. Dom Alvaro de Castro deu á vela, & ao terceiro dia chegou a Surrate: & entrando de noite o rio, sorgio no primeiro poço, & despido logo sete nauios ligeiros, pera que fossem a te auer vista da fortaleza, & a reconhecerem bem, & trabalhasssem por tomar algũa espia q̄ lhes desse rezaõ do estado em que ella estaua. Estes nauios foraõ entrando o rio com o começo da enchente, & chegaraõ a te auerem vista da fortaleza, donde lhes atiraraõ algũas bombardadas, por que foraõ sintidos, & sem aguardarem mais voltaraõ pera o capitaõ mór, bradando dom Iorge Baroche, ( que era vm dos capitaens ) que não se recolheffem sem verem de que, por que as bombardadas não os comiaõ. & todauia elles se foraõ retraindo. E como ja eraõ sintidos de todos, passando por hũa estancia que estaua da banda da

villa dos Abexins, lhes atiraraõ algũas bombardadas: & como elles yaõ ja desconfiados, chegando á fala assentaraõ, que dessem naquella estancia, por se não recolherem sem fazerẽ algũa cousa. E armandosse poseraõ as proas em terra, onde saltaraõ com grande determinação: & remetendo com as estancias as entraraõ a poder de golpes, matando alguns Mouros que ali estauaõ em guarda de algũas peças de artelharria que ali tinhaõ para defenderem aquelle canal, que tomaraõ todas, & embarcaraõ muito a seu saluo, & foraõse recolhendo com a vazante da marè.

Dom Alvaro de Castro, depois de despido estes sete nauios, o fez logo a outros dous, de que eraõ capitaens Francisco da Sylua de Meneses, & Ioaõ Fernandes de Vasconcellos, pera que fossem ver se podiaõ tomar algũa pessoa em terra, de que se podessem informar de que passaua na fortaleza. Estes foraõ pello rio acima com a mesma marè, a te vm Pagodinho que está antes da villa dos Abexins, que he vm poço em que sorgem as naos de Meca: & ali desembarcaraõ em terra, mandando Francisco da Sylua os marinheiros do seu nauio com algũas vasilhas para fazerem agoa, em vm tanque que estaua vm tiro de Espera pella terra dentro, ficando os capitaens com sua gente em terra  
pera

pera os fauorecerem. Caracen capitão de Surrate, tanto que vio voltar os nossos nauios, & ouuio as bombardadas nas estancias dos Abexins, deitou logo quinhentos homens pera que fossem socorrer os seus, por que logo entendeu q̄ pelejauão. Estes quando chegaraõ, acharaõ ja a estancia, & a artelharia perdida. & passando adiante fõraõ a te o pagode, a onde os outros dous nauios estauaõ, sem saberem vns dos outros, somente terem os nossos rebate, por alguns moços que andauaõ desuiados, q̄ appareciaõ Mouros.

Francisco da Sylua de Meneses ficou enfadado por q̄ os seus marinheiros estauaõ fazendo agoada & se lhos matasem ficaria elle ar riscado a se perder, ou ao menos o nauio: & disse a Ioaõ Fernandez de Vasconcellos. q̄ elle auia de ir buscar os seus marinheiros, & arriscarse a tudo: Ioaõ Fernandez lhe disse que elle o acompanharia. E assi se foraõ com setéta soldados que ambos tinhaõ, em que entrauaõ trinta de espingardas: & postos em muito boa ordem foraõ demandar o tanque, & recolheraõ os marinheiros todos. E voltando pera as fustas por antre vm palmarinho que ali estaua, acharaõ mais de duzentos Mouros metidos nelle, que lhes tinhaõ tomado o caminho das fustas. Os nossos cerraraõse em vm esquadraõ, repartindo as espingardas

pellas ilhargas, & assi com muita determinaçaõ cometeraõ os inimigos, desparando sua arcabuzaria. E passando auante os diuidiraõ, rompendo por antre elles: & naquella ordem se foraõ recolhendo, & pelejando pera todas as partes sem cessar a arcabuzaria, com que derribaraõ muitos Mouros. Desta maneira chegaraõ a vista das fustas, a tempo que as sete de cima vinhaõ emparalhando com aquelle lugar. E vendo dom Iorge Baroche os dous nauios furtos, & ouuindo a espingardaria em terra, pòs nella aproa, & desembarcou com os seus soldados, & achou ainda os nossos baralhados com os inimigos, & dádo de refresco nelles os fizeraõ recolher, & com isto todos se embarcaraõ a seu saluo com poucos feridos, & com vm só menos, que os Mouros mataraõ, por que o acharaõ no palmarinho sobido em hũa palmeira pera lhe tirar os cocos: & depois de morto o despiraõ, & lhe acharaõ derredor da cinta vm corriaõ com duzentos venezeanos, que naõ fiaua se naõ de si, com que determinaua de se embarcar aquelle anno pera o reino. Embarcados os nossos, se foraõ ao capitão mór, a onde ja estauaõ os outros seis nauios, que tinhaõ dito a dom Aluaro de Castro tantas carrancas da fortaleza de Surrate, que desistio do negocio: posto que dom Iorge Baroche gritou, & bradou sobre isso, dizem-

dizendo a dom Alvaro de Castro que lhe roubauão sua honra. Dom Alvaro de Castro despedio vm caur ligeiro ao Governador com nouas de tudo o que era passado, deixandosse elle ficar furto nos canais da barra.

CAPITVLO VII.

*Das cousas que o Governador dom João de Castro fez: & de como chegou a Surrate, & passou a Baroche, onde achou Elrey de Cambaya com vm poderoso exercito: & de como desembarcou à sua vista: & do mais que lhe aconteceu.*



GOVERNADOR depois de despindir seu filho dom Alvaro de Castro, ficou dando ordem, & des-

pacho a algũas cousas. E como alé de ser muito caualeiro, era fonfaraõ, & roncador, sabendo que andaua gente de Cambaya naquella cidade, que forçado auia de escrever lá nouas, deitou fama, que auia de ir a te a cidade de Amadaba, & tomar Elrey ás mãos, & que o auia de espetar & assar viuo. E mandou fazer na ferraria (q̃ elle muitas vezes visitaua) vns espetos de ferro m̃uy grandes, dizendo que

eraõ pera assar Elrey, & os seus capitaens. E por que sobre isto acõteceo hũa galantaria de vm soldado com o Governador, naõ deixaremos de a contar.

Estando o Governador vm dia na praya a onde estaua a ferraria, vendo os espetos, atraueffou vm pouco afastado vm soldado chamado Fausto serraõ de Caluos, filho de Vasco Serraõ que foi juiz do terreiro do trigo de Lixboa. Ya este soldado em corpo com suas armas, como todos andauão, & leuaua na cinta detras, hũa machadinha de Rume m̃uy bem feita, que era coufa que cestumauão a trazer os soldados, por que lhes seruia quando entrauaõ em algũ nauio de imigos de cortar hũa enxarfea, hũa driça, & hũa amarra: & alem disto seruia tambem de arrombar caixoens, & fardos, pera tomarem suas prezas. Isto estranhaua o Governador muito, & tinha má opiniaõ do soldado que trazia estas machadinhas, por que dizia que mais andaua com o tento em roubar, que em pelejar. E como elle conhecia este Fausto Serraõ do paço, a onde seruiu Elrey limpamente, vendoo passar, chamou, & lhe disse, se quer vos senhor soldado, pera que trazeis essa machadinha? O outro entendoo lhe respondeo, tragoa senhor pera escoartejar Elrey de Cambaya, & seus capitaens, quando os vossa senhoria mandar assar neffes

nesses espetos, por que inteiros não o poderaõ fazer bem. O Governador lhe gabou muito a reposta, & lhe disse, q̄ folgaua muito com aquillo.

Acabados os negocios que o Governador tinha pera fazer, se embarcou, & foi ter á barra de Surrate, a onde dom Aluaro seu filho auia oito dias que estaua. E de hũa espia que dom Iorge Baroche tinha tomado de nouo, soube como a fortaleza estaua socorrida de muita gente: & não se querendo deter ali foi passando a diante a te a barra de Baroche onde entrou, & mandou Francisco de Siqueira capitaõ dos Nayres d'Elrey de Cochim, que fosse sondar todo o rio, & espiaffe a fortaleza, & trabalhasse por saber do modo que estaua. Elle o fez assi, & foi pelo rio acima, a te perto da fortaleza, & viu nos campos della (que são mūy grãdes) assentado o exercito d'Elrey de Cambaya, em que auia mais de cento & cincoenta mil homens, que tinha ali chegando aquelle dia em socorro das fortalezas, de Baroche, & Surrate: por lhe terem dado auiso que o filho do Governador estaua sobre Surrate: & que elle ficaua em Baçaim com grande poder, pera se ir ajuntar com elle. O Siqueira tanto q̄ soube as nouas pella gente de hũa almadia que tomou, voltou pera o Governador, & lhe disse tudo o que vira. E como elle estaua ja

determinado a entrar dentro, & auer vista da fortaleza: dandolhe a desconfiança, não querendo que em algum tempo se dissesse que se recolhera de medo d'Elrey de Cambaya, determinou de lhe dar vista. E pera isso mandou embandeirar toda a armada, & pór toda a gente em armas: & tanto que a enchente começou, entrou pello rio acima, com aquella multidaõ de fustas que o entulhauaõ todo. E chegando á vista da fortaleza, menos de meia legoa della: pos a proa em terra, & mandou desembarcar todo o poder, ordenando, & formando vm muito fermoso escoadraõ. Estaua Elrey de Cambaya a vista do Governador pera o feritaõ, com o seu exercito em forma de lũa, com oitenta peças d'artelharia de campo na testa delle: & diante della lançou seis mil homẽs pera a encobrirem: por que se os nossos o cometessem, os fossem estes leuando a te os meter na artelharia, com que esperaua de o desbaratar, como ja o fizera o Turco Solym, quando nos campos Calderanes desbaratou o Xeque Ismael.

Estauaõ antre o nosso exercito, & o d'Elrey de Cambaya, hũas grandes varzeas de milho ja alto & crecido, por antre quem se meteraõ alguns Portugueses desmandados com seus arcabuzes, pera verem se podiaõ derribar alguns dos inimigos. O Governador ajuntando

tando os capitaens lhes disse, que a elle lhe parecia bem dar batalha a Elrey de Cambaya, por honra & credito do estado da India: por que não era bem que dissessem, que o Governador della se recolhera, & refusara batalha alguma: que elle esperava em Deos auia de alcançar hũa muito honrosa vitoria, com pouco risco & perigo: & que quando seus peccados fossem grandes, retraindoſſe com as costas na sua armada, que estava com as proas em terra, cuja artilharia varejava todo aquelle campo, não podia acontecer de faltar, dandolhes sobre isto outras muitas rezoens. Os capitaens todos não só foraõ de contrario parecer, mas antes lhe requereraõ, que não quisesse pôr a India em balanço: por q̃ o poder do inimigo era muito grande, & que ja começava a cingir todo aquelle campo. (E assi era, por que Elrey de Cambaya, tanto que vio o Governador em terra, assentou de lhe dar batalha, & fez o seu exercito em forma de lã, vindo cingindo todo o campo, saindo a te o rio com duas pórtas em que auia distancia de hũa a outra de mais de hũa legoa.) Dizendolhe os capitaens que atentasse bem n'aquelle negocio: por que se antre os nossos soldados, q̃ eraõ bisonhos, começasse a auer desmãcho, que poderia acontecer hũa grande desauentura á embarcação: que o bom feria contêtarſe

com aquella honra de esperar ali n'aquelle lugar Elrey de Cambaya com as costas na sua armada: pera se Elrey de Cambaya o quisesse cometer; o esperar de roſto a roſto: & que se contentasse com o q̃ fez o Emperador Carlos Quinto, quando esperou o Turco Soleymaõ em Viena, por q̃ tudo o outro mais era temeridade. O Governador vendo todos contra si, desistio de sua opiniaõ.

Vendo dom Iorge Baroche q̃ o Governador mudara o conselho, pediolhe quinhentas espingardas pera se meter antre aquelles milhares, pera dar dous pares de cargas nos inimigos, & q̃ esperava em Deos de lhes derribar hũa copia delles: & q̃ não quisesse mór honra que fazerſe aquella afronta nas barbas do seu Rey. O Governador lho concedeo. E andando dom Iorge ajuntando os soldados de espingardas, passou por vm que estava armado com a sua ás costas, muito bem posto no chaõ, & de muita pessoa. Dom Iorge lhe perguntou se ya com elle, o soldado lhe disse que não, por que aquillo era desatino, & que estava certo quantos la fossem, ficarem todos espedaçados, & seus corpos pera matimento das gralhas, & adibes d'aquelles campos de Baroche. Foi isto em parte que o Governador o ouuiu: & chamando o soldado lhe perguntou o que dizia? elle lhe disse. Não vedes senhor aquel-

R            la mul-

la multidaõ de Mouros, que cobrem os campos: pera que deixaes arriscar quinhentos homens per entre aquelles milhos, a onde se ouuer vm desmanho, todos se aõ de perder? O Governador tomando aquillo por agouro, mandou a dom Iorge que sobre estiuessse na ida: & auendo tres horas que estaua em campo, se embarcou muito a seu saluo, sem os inimigos o inquietarem, nem cometerem, & com a vazante da maré se fayo pera fora, ficando Elrey de Cambaya afrontado, de o Governador desembarcar á sua vista, & de elle o naõ cometer, nem lhe dar batalha.

CAPITULO VIII.

*De como o Governador dom Joaõ de Castro passou a Diu, & meteo de posse d'aquella fortaleza a Luis Falcaõ, & dom Joaõ Mascarenhas se embarcou pera o reino. E de como o Governador destruiu as cidades de Pate, & Patane.*



**P**ARTIDO o Governador de Baroché foi atrauessando pera Diu, mandando alguns nauios diante, & outros por dentro da enxada a fazerem toda a guerra que

podesssem como fizeraõ, tomando muitos nauios, & dando em muitos lugares, que poseraõ a ferro & a fogo, sem deixarem cousa em pé. O Governador chegou a Diu, a onde dom Ioaõ Mascarenhas o foi buscar á barra, & elle desembarcou em terra, & dom Ioaõ Mascarenhas lhe pediu logo que prouesse aquella fortaleza de capitaõ, por que era tempo de se elle ir embarcar pera o reino, como ficara assentado na entrada do inuerno passado. O Governador lhe disse que si, & mandou que se negociasse: tratando de prouer a fortaleza sem saber determinar o que nisso faria: por que ja o veraõ passado lha engeitaraõ alguns, & naõ oufaua de cometeraõ alguém com ella.

Estando nesta indeterminaçãõ, chegou áquella fortaleza Luis Falcaõ, que vinha de seruir a capitania de Ormuz, a onde ficaua dom Manoel de Lima, que foi bem recebido do Governador, por que logo determinou de lhe dar aquella fortaleza, sem embargo de ter delle grandes culpas que de Ormuz lhe mandaraõ, por que alem de ter muitas partes, era rico, & tinha que gastar. E logo ao outro dia estãdo ambos sós lhe disse, que elle como seu amigo que era, desejava de pór suas cousas em bõ estado, & de naõ chegarem a Elrey as culpas q̄ delle auia, & que pera isto naõ auia outro melhor meyo que

que aceitar elle aquella fortaleza, & feruir Elrey nella: por que entrão lhe ficaria lugar pera romper suas deuças, & escreuer a Elrey como o ficaua firuindo naquella fortaleza, que muitos lhe engeiraraõ por estar rota & aberta. Luis Falcãõ lhe teue em merce aquella lembrança & desejo que mostraua de lhe fazer merce, dizendolhe que estaua muito prestes pera feruir a Elrey afsi naquillo, como em tudo o mais que lhe mandasse, & despender quanta fazenda tinha com muito gosto. O Governador lho agradeceo muito: & logo lhe deu a posse da fortaleza, & dom Ioã Mascarenhas se embarcou pera Cochim, & dahi pera o reino.

Passado este negocio, que foi em breues dias, se embarcou o Governador, & se passou a costa de Pôr, & Mangalor, & por toda ella fez hũa cruelissima guerra, destruindo, & assolando de todo as cidades de Pate & Patane, que eraõ fermosissimas, posto que as acharaõ despouoadas de seus moradores, que se tinhaõ recolhido pera o sertão com medo do açoute Portuguez. A cidade de Pate tinha a hũa banda vñ fermoso & forte castello, com tres muros mñy fortes, & tres cauas mñy largas: as portas eraõ de madeira mñy grossas, todas chapeadas, & atrauessadas de barras de ferro grandes & fortes, q̃ o Governador desejou de

mandar leuar pera Goa, mas naõ pode ser por sua grãdeza: & os soldados as tiraraõ de seus couces, & as lâçaraõ no már. Aqui acharaõ duas costas de Balea tamanhas, q̃ depois em Goa (por onde o Governador as mãdou embarcar) fizeraõ dellas vñ arco na boca da rua que vay dos assougues pera a porta da cidade, que tomauaõ do canto a onde pouia vñ liureiro, a te o outro a onde está vñ cirgueiro, que será de largura de treze passos. Este arco durou ali a te o tempo do Governador Francisco Barreto. Nesta cidade de Pate tomaraõ os nossos muitas fazendas, que seus moradores naõ poderaõ recolher, & em seu porto, & em outros se queimaraõ perto de duzetas embarcaçoens de toda a sorte, em q̃ acharaõ muitos mantimentos, de que se a armada proueo, & algũas fazendas.

Destroida & assolada toda esta costa, voltou o Governador pera Baçaim, pera escreuer ao reino, & desembarcou em terra, a onde determinaua de estar de uagar, por que queria gastar todo aquelle veraõ na guerra de Cambaya: & por que tambem em quanto Elrey Soltaõ Mahmude o vísse andar por ali, naõ boliria comsigo. D'aqui despidio espias a Cambaya, a saber o que lá ya: & foi auisado que tanto que elle se partio de Baroche, prouera Elrey aquella fortaleza:

& a de Surrate, & se recolhera á cidade de Amadaba.

Aqui soube o Governador de um mercador Gentio (que ao tempo que dõ Alvaro de Castro chegou a Surrate, estava naquella cidade com sua fazenda) que Caracen capitão da fortaleza, tanto que soube estar a armada de dom Alvaro de Castro sobre a barra de Surrate, fora tão grande o seu medo, que mandava suas molheres, & tisouros pera as cidades do sertão, ficando elle prestes & á ligeira, pera se a armada cometesse a fortaleza, largala, & recolher-se. O Governador tanto que soube isto quisera morrer de paixão, pondo a culpa d'aquelle negocio aos capitaens dos nauios que dom Alvaro de Castro mandou reconhecer a fortaleza, ficando tão malenconizado, & triste, de perder hũa tamanha occasião, que não tinha gosto de cousa algũa, nem o viaõ rir. E um dia solene estando na igreja de nossa Senhora armãdo caualeiro Vasco Nunez capitão dos Nayres d'Elrey de Cochim, sendo presentes todos os fidalgos. E depois de fazer este officio, que foi feito com grande cerimonia: como a magoa da perda de Surrate lhe não saya do coração, chamou ali por Antonio Pessoa Veador da fazêda, & lhe disse. Antonio Pessoa, quando vos releuar algũa cousa de vossa honra, fazeya por vós, & não a encomendeis a outré.

Dom Alvaro de Castro seu filho, & os capitaes q̄ com elle foraõ naquella jornada, sintiraõ muito aquelle negocio, & andauaõ tão enuergonhados que não ousauaõ de aparecer diãte do Governador, q̄ ficou escreuêdo pera o reino, por ser ja entrada de Dezembro.

CAPITULO IX.

*De como o fidalxã mandou Calabatecan sobre as terras de Salfete: & de como os Vreadores de Goa não deixaraõ passar dom Diogo d'Almeida capitão da cidade em busca delles. E da pressa com que o Governador dom João de Castro se embarcou pera Goa, & de como destruyõ a cidade de Dabul.*



Idalxã tanto que lhe deraõ as nouas do desbarato dos seus capitaens, & de como o Governador lhe tomara a sua fortaleza de Pôdá, & q̄ estava outra vez de posse das terras de Salfete, auendosse por muito afrontado, & offendido, despidio cõ muita pressa um capitão principal chamado Calabatecan, com vinte mil homẽs, em q̄ entravaõ tres mil de caualo, mandãdolhe q̄ tornasse a ganhar as terras, & se deixasse ficar nellas, fazendo

fazendo guerra á cidade de Goa. Este capitão ajuntou a si os mais q̄ ja andauão por Pódá, & por aquellas partes, que eraõ os que fugiraõ ao Governador: & entrando pellas terras de Salfete se tornaraõ a appossar dellas: & Fernão d'Araujo capitão de Rachol, com Diogo Soarez contador, que era capitão da gente da terra, se recolheraõ na fortaleza, a onde se fortificaraõ muito bem. As nouas disto chegaraõ logo a Goa: & ajuntandosse o Bispo, capitão, & mais regentes, praticaraõ sobre o modo que naquillo se teria, & o capitão se offerreceo, pera ir com toda a gente q̄ auia em Goa, a lançar os imigos fora, dando rezoens pera afsi ser necessario: & parecendo bem a todos, assentaraõ que fosse. E logo se começou a preparar, & a fazer chamamento dos casados pera o acompanharem. Os Vereadores de Goa tanto que aquillo viraõ, sabendo que o poder dos imigos era muito grande, & que acontecendo vm desastre ao capitão se poderia perder aquella cidade, forãõ a casa do Bispo, a onde mandaraõ chamar o capitão, & lhe requereraõ que não passasse á outra banda, nem saísse fora da cidade, & ilha de Goa, por que lho não auiaõ de consentir, né deixar passar com elle os moradores, emcampando-lhe a cidade & ilha de Goa. O capitão lhes disse, que não era credito do estado dissimular com aquel

le negocio, q̄ caualeiros, cidadãos, & soldados estauaõ em Goa, pera poderem dar batalha á pessoa do Idalxá, quanto mais áquelles capitães, que ainda que traziaõ muita gente, era toda fraca & coitada, & que elle esperaua em Deos de os desbaratar com pouco risco. Os vereadores replicaraõ, que em nenhũa maneira o auiaõ de consentir, que pois não auia perigo na tardança, que se sobre estiuesse, por que aquillo não duraria mais que a te a chegada do Governador, & que entaõ todos passariaõ aos lançar fora. O capitão não pode por entaõ fazer cousa algũa, & despidio logo recado ao Governador de tudo o que era passado, prouêdo entre tanto Rachol, de gente, & muniçoens, & os rios de nauios, & manchuas.

Este recado chegou ao Governador, & vendo as cartas, & o que era passado, esbrauejou contra os vereadores, por impedirem a passagem ao capitão, & o mesmo dia tornou a despedir a mesma embarcação com cartas ao Bispo & capitão de agardcimentos, do modo de como procederaõ naquelle negocio, affirmandolhes que logo seria n'aquella cidade: encomendãdo muito ao capitão, que com toda a gente de caualo, & de pé, que ouuesse o esperasse em Agaçaim, por que dali pretendia de passar a Salfete. E aos vereadores escreueo hũa carta mūy azeda, reprehendendoos

dendoos de impedirem a passagem ao capitaõ , com palauras asperas.

Despidida esta embarcaçãõ, logo o Governador se embarcou, & deu á vela pera Goa. E chegando de frente da cidade de Dabul, que he á principal escalla que o Idalxá tem naquella costa, determinou tomar nella vingança do atreuimento que teue, em mandar seus capitaens sobre as terras que eraõ de Elrey de Portugal: & deu recado aos capitaens da armada, pera que se fizessem prestes pera o outro dia, ficando fora aquella noite. E tanto que foi o coarto d'alua cometeo a barra, dando a dianteira a dom Alvaro de Castro, & foi pór a proa na praya da cidade, por meyo de todas as bombardas que lhe atiraraõ. Dom Alvaro de Castro que leuaua ordẽm do Governador do que auia de fazer, saltou em terra com dous mil homẽs, & com os Nayres d'Elrey de Cochim: & na praya achou o Tanadar da cidade, com vñ grãde corpo de gente, com quem trouou hũa fermosa batalha, em que ouue algum dano de parte a parte, mas todauia os imigos foraõ arrãcados do campo.

O Governador desembarcou com toda a gente, & fez della duas batalhas, hũa deu a seu filho, & a outra tomou pera si, & assi foraõ cometendo a entrada da cidade, a onde acharaõ muito grande resi-

stencia, por que pelejauaõ seus moradores pella defençaõ das molheres, filhos, & fazendas. E posto que os nossos tiueraõ grãde trabalho, & risco, por fim do negocio apertaraõ com os imigos de feiçaõ, q os romperaõ, entrando a cidade de enuolta com elles, tendolhe os imigos sempre o rosto, & pelejãdo com muito valor: Mas como os nossos yaõ com aquelle impetu, & o Governador com todo o cabedal era ja entrado, foraõ leuados os Mouros de rondaõ com grande estrago seu: & de tal maneira apertaraõ com elles, que os deitaraõ fora da cidade, ficando ella em poder dos nossos, com vñ muito grossõ recheo que se meteo a sacco, & foi de feiçaõ, que se enche-raõ todos os nauios, sem se ensecar a terça parte da cidade. E depois de todos fartos á sua vontade, poseraõ fogo a tudo o mais q sobejou, destroindo, assolando, derribando toda a cidade de sorte q nada della ficou em pé. Queimaraõse assi em terra, como no rio, muitas naos, & embarcaçoens de toda a sorte, ficando aquella miseravel cidade conuertida em caruoës, & cinza. Em fim o castigo foi tal, q em quanto durar a India, durará sua memoria.

O Governador se embarcou logo por se não deter, & deu á vela com muita pressa pera Goa, & foi demandar a barra de Murimãgaõ, que he a de Goa velha, por onde

onde entrou, & foi forgir em Agaçaim, a onde achou dom Diogo d'Almeida capitão da cidade de Goa, com cento & cincoenta de caualo, com muitas barcaças, & & jangadas, pera a passagem da outra banda. O Governador se deteu ali aquelle dia, tomando informação do estado das cousas, & despidió espias pera saber a ordem & modo em que o inimigo estaua. Ao outro dia pella menham começou a passar todo o seu exercito da outra banda de Salfete, no q̄ gastou todo o dia & noite.

CAPITULO X.

*De como o Governador dom João de Castro passou à Salfete em busca dos inimigos: & da batalha que lhes deu, em que os desbaratou de todo.*

**P**ASSADO o Governador á outra banda, teue logo auiso pellas espias que Calabatecan estaua cõ todo o poder na villa de Margaõ, que seria duas legoas & meya dali donde estaua. E pondo sua gente em ordem, fez de toda a de pé duas batalhas, de dous mil homẽs Portugueses cada hũa. A primeira que era a vanguarda deu a dô Aluaro de Castro seu filho, com quem auiaõ de ir todos os Nayres

de Cochim, & Lascarins da terra, debaixo da bandeira do Tanadar mór de Goa. A outra batalha tomou o Governador pera si, com quem ficaraõ todos os capitaens & fidalgos velhos. Da gente de caualo q̄ ya toda debaixo da bandeira do capitão da cidade, tambẽ fez duas batalhas, que auiaõ de ir pellas pòtas do escoadraõ da vanguarda: & nesta ordem foraõ caminhando em busca dos inimigos ás tres horas da tarde, deitando diante alguns caualos ligeiros, pera lhe descobrirem o campo. E antes de chegarem a Margaõ distancia de meya legoa, teue o Calabatecan rebate do Governador ir em pessoa a buscalo: & naõ ousando ao esperar, leuouse com tanta pressa que deixou as tendas armadas, & os caldeiroens no fogo com a cea, & passou o rio á outra banda pellos vallos, que logo mandou quebrar por os nossos o naõ seguirem, & se recolheo pera as aldeas de Cocoly. O Governador foi caminhando a te Margaõ, & antes da villa teue recado que os inimigos yaõ fogindo com muita pressa. E chegando ao lugar a onde os inimigos auiaõ estado, achou o arrayal com todas suas tendas, camas, & mesas, a onde se todos aposentaraõ, & agasalharaõ á sua vontade, por que acharaõ tudo o de que tinhaõ necessidade pera comer. Aquella noite passaraõ ali com grandes vigias, & ao outro dia, que

*Sexta Decada. Da historia da India.*

foi do Apostolo são Thome Padreiro da India, se leuátou o exercito, & foi marchando em busca dos imigos, mandando o Siqueira diante com hũa companhia de Nayres aos espiar, & a descobrir o campo. E chegando á ribeira, ouue vista dos Mouros da outra bāda: por que o Calabatecan tanto q̄ amanheceo, acodio a tomar os passos da ribeira, porque o Governador não passasse. O Siqueira voltou logo ao Governador, & lhe disse que ali tinha os imigos da outra banda da ribeira. O Governador ya em vm palanquim, de que em lhe dando as nouas saltou logo fora, & caualgou em vm fermoso caualo melado, & tomando hũa lâça & adarga, correo por todo o exercito muito rizonho, dizendo a todos.

Eya filhos ali temos os imigos, vamos a elles, que pouco tendes q̄ fazer, por que pera vosso esforço, & pera o aluoroço que em todos sinto, tomara que foraõ mais, pera que ficara a vitoria mais gloriosa.

E passandosse a dianteira a onde ya seu filho dō Alvaro de Castro, & dom Diogo d'Almeida cō a gente de caualo, lhes deu a noua, & mandou que se posessem em ordem. E chegando á ribeira, querendoa cometer a vao, a acharaõ muito alta, & indo demandar o vallo, tambem o acharaõ quebrado: mas com a pressa ficou ainda algũa parte pequena por onde os

nossos de pé começaraõ a passar, & da outra banda acharaõ Calabatecan, que mandou vm capitaõ que os comettesse como fez. E como aquella parte era estreita, carregando os imigos sobre os nossos, os tornaraõ a lançar fora dos vallos. O Governador acodio áquella parte, & vendo retirar os nossos, ficou taõ enfadado, que começou a bradar com elles, dizendo-lhes que fogiaõ. O capitaõ dom Diogo d'Almeida foi auisado que abaixo fazia a ribeira vm vao, por onde a gente de caualo podia passar com a agoa pellas cilhas, & indo demādar, chegou a elle, & começou a passar: & sendo ja com alguns da outra parte, chegou Calabatecan com dous mil homens, por que teue auiso que a nossa gente de caualo passaua pello vao. Ya o Mouro em vm soberbo caualo acubertado, & elle armado de armas inteiras & fortes: & em lugar de elmo & viseira leuaua hũa máscara de asso que elles vsaõ: & chegando a aquella parte diante dos seus, foi remetendo aos nossos. Dō Diogo d'Almeida que o conheceo assi pellos sinaes, como pello capitanear que fazia, em o vendo pós a lança no reste, & abalou pera elle dizendo: Ah caõ olha por ti, que deste encontro se acabará tudo. E encontrandosse ambos de meyo a meyo, barafustando os caualos vm com o outro foi Calabatecan do encótro ao chaõ: & ainda não foi nelle

nelle, quando se levantou com o terçado na mão, & lançando a esquerda ás redeas do cavallo de dō Diogo d'Almeida (que estava como atordoado da pancada) foi pera decer com o golpe, & sem duvida o tratara mal se lhe dera, mas foi sua dita tal, que vm pagem de cavallo que leuaua com outra lâça, chegou áquella hora pera lhe socorrer com ella: & vendo o Mouro que levantaua o braço, abaixou a lança, & pôs as pernas ao cavallo, & tomando o Mouro pellos peitos, deu com elle no chaõ, mas também logo se tornou alevantar có grande furia, & remetendo com o pagem lhe leuou as redeas, & ao mesmo tempo deceo com vm raõ façanhoso golpe, que tomando pella adarga lhe cortou hũa borda, & foi decendo aos peitos do cavallo, & o abriu todo, caindo elle no chaõ. Dom Diogo d'Almeida, posto que o seu cavallo estava fraco, lhe pôs as pernas, & encontrando o Mouro o leuou por debaixo dos pés, a onde foi morto d'alguns que lhe pôserão também as lâças, sem se poder aueriguar quem foi o que o matou: por que ouue muitos que lhe tomaraõ peças de seu corpo, mas ficou melhor de partido vm lorge Madeira, que lhe tomou o terçado & adaga, que eraõ d'ouro com muita pedraria: & também algũas cadeas & aneis ricos, & se affirma que valeraõ as peças dez mil pardaos.

Os nossos de cavallo, que ja a este tempo estauão da outra banda, andauão baralhados com os Mouros, assinalandosse de todos o capitão Francisco da Sylua de Menezes, Tristaõ de Tayde, Aluaro da Gama, Antonio Pereira, Aluaro de Caminha, Antonio Ferraõ, & outros, que todos mataraõ, & derribaraõ tantos, que o menos que coube a cada vm dos nossos senta de cavallo (que não passaraõ mais a te entã) foraõ tres.

Andando assi a cousa baralhada, correo a noua pello exercito da morte de Calabatecan, com o que os seus se foraõ recolhendo. Dom Aluaro de Castro pella outra banda do vallo cometeo outra vez a entrada, & os seus soldados enuergonhados do que lhes o Governador disse, a pesar de golpes entraraõ por elle, & se pouseraõ da outra banda. O Governador como vio o vallo franco, passou com o resto do exercito, & achou o filho baralhado com os imigos, que acodiraõ ali, & remetendo com a sua batalha (por que o câpo era muito grande) deu Sanctiago por hũa banda, & apelidando o bemaumenturado Apostolo saõ Thome, cujo dia era: Salvador Fernandez Alferez da bandeira Real se foi metendo com ella no meyo dos imigos, a que acodio o poder, & se traçou hũa muito aspera batalha de parte a parte. Dom Diogo d'Almeida capitão da cidade, tanto q

(por

(pôr onde passou) se vio desapparecido dos Mouros, ajuntou toda sua gente a si, & foi demandar a baralha, por que vio a bandeira Real da outra banda. E rompendo nos inimigos por hũa ilhargã, começou a fazer nelles grande destruição.

Estãdo a cousa neste estado chegou a noua da morte de Calabartecan aos outros capitaens, & em lha dando largarão o campo, deixando a fogir, & desemparrãdo tudo. Os nossos foraõ seguindo o alcance, matando, & derribando nelles sem virarem a te a outra ribeira, a onde se lançaraõ a agoa como desatinados, & ali fizeraõ os nossos nelles muito grande estrago. O Governador tocou a recolher, & mandou recado aos de diãte, que se viessem pera elle, como fizeraõ, ficando o Governador no campo, em que ouue a vitoria, vendo os mortos: & acharão dos de cavallo perto de duzentos, & seiscentos de pé, a fora os que se mataraõ no alcance, q̃ foraõ mais de dous mil. E muitos mais se perderão, se não meteraõ nas toucas ramos verdes, q̃ era o sinal q̃ os nossos piaẽs Genticos traziaõ pera serem conhecidos dos nossos, com o que escaparaõ a mof parte delles. O Governador se tornou pera Margaõ, a onde descansou aquelle dia.

Foi esta vitoria taõ celebrada, & festejada em Goa, que nos dias das festas nas folias, a que o Governador era muito afeiçoado, se

lhe cantaua um romance, que um corioso fez, que começa.

*Pellos campos de Salsete,  
Mouros mal feridos vaõ,  
Vaylbe dando no alcance,  
O de Castro dom Joo:  
Vinte mil eraõ por todos, &c.*

Ao outro dia disse o Governador aos soldados: Filhos, & caualheiros meus, cõ uosco eide ir tomar o Idalxã pella barba, fazei uos prestes, ide cõ soar a Goa, q̃ eu vos vou esperar em Pangim, q̃ temos muito que fazer. E partindosse dali, se embarcou no rio de Agaçaim: & á vista da cidade q̃ lhe fez grande salua, se foi pera Pãgim, a onde teue á festa, & toda a gente ficou em Goa. Ali em Pãgim acabou o Governador de escrever pera o reino, & pellas oitauas despedio as vias pera Cochim, & tomaraõ as naos de vergã d'alto, & a te vinte de Janeiro se fizeraõ todas á vela, & tiueraõ boa viagem.

Nestas naos foi dõ Ioaõ Mascarenhas, q̃ Elrey recebeo muito honradamente, pello grãde cerco q̃ sustetou em Diu, & lhe fez depois muitas hõras & merces. Este fidalgo nũca mais quis tornar á India, & dizia se q̃ fora muitas vezes cometido pera a ir governar: Elrey o fez do seu conselho do estado, & lhe deu tenças & comẽdas grossas, & depois sendo o Cardeal dõ Henrique Rey de Portugal, foi um dos cinco

cinco governadores do reino. Foi filho de dō Nuno Mascarenhas, filho segundo do primeiro capitão dos ginetes, dom Fernão Martinz Mascarenhas. Casou depois q̄ da India veyo pera o reino, com dona Ilena, filha de dom Ioão de Castello branco: deulhe Elrey a Alcaidaria mór de Castello de vide: teue dous filhos, dō Nuno Mascarenhas, & dom Pedro Mascarenhas.

CAPITULO XI.

*De como o Governador dom João de Castro proueo nas cousas das terras de Salfete. E de como partio pera o norte, & destruyo toda a costa do Idalxá.*



O M O o Governador dō Ioão de Castro pretendia continuar na guerra do Idalxá, & destruilhe

todos os seus portos de már: naquellas oitauas proueo nas cousas de Salfete, deixando ordenado o capitão dom Diogo d'Almeida, com cento & vinte de caualo, & mil piaens da terra, pera quietar & segurar aquellas aldeas: & nos rios de Rachol deixou alguns nauios da armada pera guarda delles, cujos capitães eraõ, Gaspar Fernandez, Gonçalo Gomez, Luis d'Almeida, Iorge Fernandez, Inacio Coutinho, Ioão Pirez, Ioão Homé

& outros. E deixando dado ordem a outras muitas cousas, tanto q̄a festa passou, logo se embarcou na mesma armada, acodindolhe toda a gente sem faltar hũa pessoa (por que andauão todos satisfeitos & contentes: & o de que o andauão mais era, das palauras, honra, & amor com q̄ o Governador os tratava, & assi desejavaõ de se aventurar, debaixo de sua bandeira, & pór as vidas a todos os riscos; & perigos.) Pello que deuem de trabalhar muito os Governadores, & Visorreys, de ganharem os coraçõens dos homens, se querem yr a ser famosos no mundo: com aquellas tres cousas em que o grande capitão Gonçalo Fernãdez encerraua todas as leys da guerra: q̄ eraõ, Capitão clemente, maõ larga, & boca prudente: por que nenhũa cousa ata mais õs coraçõens dos homens, que prudẽcia nas palauras, presteza nas obras, humanidade na execuçaõ.

ANNO 1548.

E tornando ao nosso fio: Recolhendo o Governador toda a armada, sayo pella barra fora na entrada deste mês de Janeiro de corenta & oito, em q̄ com o fauor diuino entramos: & começando no rio de Chaporá duas legoas de Goa, q̄ he o primeiro do estado do Idalxá, mandou assolar, derribar, & queimar tudo, & que se não perdoasse a cousa algũa, nem se deixasse em pé aruore de fruto, nem palmeira,

palmeira, que era toda a sua sustancia. E em muitas partes em que o Governador desembarcou em pessoa, tanto que via a algum soldado cortar hũa palmeira, ou qualquer outra arvore, o abraçaua dizendo-lhe, ah soldado, agora matastes dous Mouros. Tanto trazia os olhos nos seruiços dos homens, que nunca algum fez cousa boa, q̃ não fosse logo louuada publicamente delle, & depois satisfeita cõforme ao tempo, & á posse do estado. E assi foi destruindo Banda, Meludi, Achará, Tamboná, Mazagam, Carapataõ, Raiapor, & todos os mais lugares d'aquella costa, ate Dabul: fazendo as mores cruizas & danos que se podiaõ imaginar.

E por que ya auisado que a cidade de Dabul de cima estaua cõ vm grosso recheyo, por que se tinhaõ recolhidos os mais dos mercadores de derredor a ella, pella auerem por segura, por estar duas legoas pello rio acima, deu recado aos capitaens pera que se fizessem prestes pera o outro dia, por que determinaua de a destruir. E sendo no coarto d'alua, entrou cõ toda a armada pello rio dentro, & passaraõ pella cidade, que estaua ainda escondida debaixo das cinzas, & caruoens, em que auia pouco a deixaraõ os nossos consumida, & chegaraõ á outra cidade ao romper da manhã: & pondo as proas em terra saltou nella dom Aluaro de Castro com sua com-

panhia, por que em todas estas cousas sempre leuou a diãteira: & cometendo a cidade a acharaõ despejada de gente, & fazendas, por q̃ o terror & espanto do que o Governador ya fazendo por aquella costa, fez recolher tudo o mais pera o fertoã. E não achando os Portugueses em que executar sua furia, o fizeraõ nos antigos & soberbos templos & edificios, por ser a cidade em si mūy populosa: & deixaraõ assolado & destruido a te os derradeiros aliceces, dando fogo a tudo, que cõsumio as pedras em cinza, cortando, & destroindo as hortas, fazendas, & palmãres, sem deixarem hũa arvore em pé: & o mesmo fizeraõ a todas as aldeas q̃ auia pello rio acima de hũa & outra banda, em que catiularaõ algũs mesquinhos, matando muito gado grosso, & miudo: & em fim ficou tudo pera muitos annos não tornar em si.

Dali se embarcou o Governador, & foi dando, & destroindo todas as mais pouoçoens que auia a te o rio de Cifardaõ, que diuide o estado do Idalxá do Melique: não deixando cousa em pé: de sorte que por toda aquella costa não auia outra cousa, se não nuuens de espesso fumo, que cobriaõ os ares, & escondiaõ a claridade do sol. Chegando a Chaul entrou no rio a dar despacho a alguns negocios, & ali ouuiu na sua galé vm Embaixador do Melique, que auia dias ali

ali estava esperando por elle, por quem aquelle Rey lhe mādou fazer muitos offercimentos pera contra o Idalxá, por que não estava amigos. O Governador o ouviu bem, agardecendolhe aquella vontade, confirmando com elle nouamente as pazes com os capitulos em dano do Idalxá: & despidio o Embaixador muito satisfeito.

Acabado este negocio se foi pera Baçaim, donde despidio dom Antonio de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, com vinte nauios ligeiros pera continuar na guerra de Cambaya, da outra banda da costa de Diu, a te Por, & Mangalor: & o mesmo fez a dom Jorge Baroche com outros tantos nauios, pera andar de Agaçaim a te Baroche, defendendo aquelle már, por que não entrasse cousa algũa em Cambaya, né saísse pera fora, por lhe dar perda em suas entradas, & alfandegas, como lhe deu notauillissima. Em Ba-

çaim desembarcou o Governador em terra, & mādou dar coatro meças aos soldados, cujos capitaens eraõ, dom Aluaro de Castro, dom Bernardo de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, dom Pedro da Sylua da Gamma filho do Conde Almirante, que descobrio a India. E Gomez Vidal, capitão da guarda do Governador: deixandosse ali ficar cõ determinação de se não recolher, se não a inuernar: por q̄ dali queria mandar fazer guerra a Cambaya, & ao Idalxá, por ficar em meyo d'ambos aquelles reinos, como fez, espalhãdo nauios por suas costas, que lhe fizeraõ toda a que lhe poderaõ fazer: tomandolhes muitas embarçaõens carregadas de fazendas & mantimentos. E por q̄ não ouue cousa notauel que socedesse a estas armadas, concluímos com ellas assi em soma: por que temos outras muitas couças que nos chamaõ, a que he necessario acodir.

*Fim do Sexto Liuro.*

S

LIVRO



# LIVRO SEXTO

## DA SEXTA DECADE

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITULO I.

*De como os naturaes da cidade de Adem se confederaraõ com Elrey de Camphar, & lhe entregaraõ aquella cidade: & do recado que mandaraõ a Ormuz & a Goa a pedir socorro.*



O capitulo coarto do quinto liuro da quinta decada fica dito, como o Baxá Soleymaõ Eunuco, despois de se levantar desbaratado de sobre Diu, fogindo á armada Portugueza fora ter á cidade de Adem, a onde deixou por Baxá Mir Mostafa torto de vm olho, com quinhentos Turcos de guarniçaõ. Em seu lugar socedeo depois outro Baxá chamado Marzam, homem tambem mau & pueriso, como todos os Turcos o saõ. Este com todos os mais vsando de suas naturezas, assi auexaraõ, mal trataraõ, & persegui raõ aos naturaes, & moradores da quella cidade, afrontandoos em suas molheres & filhas, q̄ de não

poderẽ ja sofrer mais, trataraõ de sacudir do pescoço taõ pezado jugo, & isentaremse de taõ tyrânica seruidaõ: & pera isso se cartearaõ em muito segredo cõ Alibem Soleimaõ Rey de Camphar, seu visinho, prometêdolhe entrada dentro na cidade, & de o leuatarem por seu Rey. Por tal modo trataraõ este negocio, que lhe deu Elrey orelhas, & lâçou maõ dos cóprimetos. E ordenado antre elles o modo q̄ se auia de ter: depois de tudo assêtaõ partio Elrey de Cãphar com mil homẽs do seu reino, q̄ deixou entregue a seu filho mais velho, leuiãdo comsigo dous q̄ tinha mais: vm legitimo, moço de treze, ou coatorze annos, & outro bastardo de vinte & dous, homẽ mui fermo so, & bê disposto, & de muito bom entendimento: & tal ordem teue na jornada, que chegou de noite a Adem, & foi demãdar a porta por onde auia de entrar á cidade, a onde ja os conjurados o esperauã, que o meteraõ dentro sem serem sintidos. E logo cometeraõ o castello que foi entrado a poucos golpes, & mortos os q̄ nelle estauã de guarniçaõ, & catiuos vinte & cinco Turcos, os mais delles bõbardeiros,

ros, ficando senhor do castello.

O Baxá Marzam tanto que fin-  
tio o reboiſſo, ajūtou os Turcos, q̄  
ſeriaõ perto de quinhentos, & ſe  
fez forte em ſeus paços, por q̄ não  
ſabia o q̄ aquillo era: & ali eſteue  
a te amanhecer. Elrey de Cáphar  
q̄ eſtaua no caſtello, paſſada a noi-  
te, ſe pós em ordem pera ir dar ba-  
talha ao Baxá: por que ja ſabia q̄  
eſtaua forte nos paços, mandando-  
lhe diante vm recado, em que lhe  
fazia a ſaber, como fora chamado  
dos moradores d'aquella cidade  
pera ſeu Rey, que ſe quiſeſſe que  
ſe viſſem ambos em campo, & q̄  
ſe aueriguaffe aquelle negocio  
por armas em hũa batalha cam-  
pal, que eſtaua preſtes pera iſſo.  
E que ſe tambem lhe quiſeſſe  
largar aquella cidade que era ſua  
que elle lhe daua licença pera ſe  
poder ſair della liuremente, com  
ſuas molheres, filhos, armas, &  
tudo o mais que com ſigo podeſſe  
leuar.

Dado eſte recado ao Baxá, co-  
mo elle & todos eſtauaõ medro-  
ſos, aſſentaraõ deixar a cidade, co-  
mo logo fizeraõ, leuádó cada vm  
o que pode, ficando Elrey de Cá-  
phar ſenhor de tudo, & auido de  
todos os naturaes por Rey. E lo-  
go mandou fortificar a cidade, &  
proueo os paços & baluartes, de gé-  
te de guarnição, por que bem en-  
têdeo que os Turcos não eraõ ho-  
mões que diſſimulauaõ com afron-  
tas. O Baxá Marzam, com todos

os ſeus ſe foraõ meter em hũa for-  
taleza q̄ eſtaua pera o ſertaõ quaſi  
oito legoas, donde ſaya todos os  
dias a dar viſta a cidade, occupan-  
dolhe os campos todos, & toman-  
dolhe os paſſos do ſertaõ, pera q̄  
lhe não podeſſem entrar manti-  
mentos, no que lhe deu grande  
trabalho. Vendo Elrey que d'a-  
quella maneira ficaua arriſcado a  
hũa defauentura, & fome, cha-  
mou a conſelho os moradores de  
Adem, & praticou com elles o  
modo q̄ ſe podia ter, pera os Tur-  
cos os não inquietarem, nem po-  
rem de cerco, por que yaõ ja ſin-  
tindo a falta de tudo.

E praticando ſobre iſto, foraõ  
os mais de parecer, que mádaſſem  
a Ormuz a pedir ſocorro aos Por-  
tugueſes, & que ſe lhes prometeffe  
a fortaleza, pera com ſeu fauor  
& proteiçãõ ficarem ſeguros dos  
Turcos. E que entre tanto mádaſ-  
ſe recado a ſeu filho, que ficaua  
em Camphar, que ajuntaffe to-  
da a gente que podeſſe, & foſſe  
cercar a fortaleza dos Turcos, &  
trabalhaſſe pella tomar, primei-  
ro que foſſem ſocorridos de Ba-  
çorá. Pareceolhe a Elrey mui-  
to bem aquelle conſelho, & com  
muita preſſa eſcreueo a ſeu fi-  
lho que ajuntaffe tres mil ho-  
mens, & foſſe cercar os Turcos,  
& ſe não leuantaſſe de ſobre a-  
quella fortaleza ſem lha tomar:  
& juntamente deſpidio hũa ter-  
rada com cartas ao capitaõ de

Ormuz , em que lhe pedia o mandasse socorrer, offerecendo-lhe os partidos que dissemos, da fortaleza da cidade, & alfandega della.

O Principe de Cãphar em lhe dando as cartas do pay, ajütou logo tres mil homens muito bé negociados, & foi com elles marchãdo pera a fortaleza em q̃ os Turcos estauaõ, q̃ tendo auiso de sua ida, se recolher aõ dentro, & se fortificaraõ. O Principe lhe pôs cercõ, mas por ser mancebo & pouco experimentado deixou de tomar a fortaleza nos primeiros dias. Os q̃ leuauaõ o recado pera Ormuz foraõ tomar Caxem pera fazerem agoa: & sabẽdo aquelle Rey como yaõ buscar os Portugueses pera lhe entregarẽ a cidade de Adem, como era grande imigo dos Turcos, por serẽ auorrecidos de todos, & era muito amigo dos Portugueses, despedio logo trezentos Fartaquins em socorro de Adẽ, mandãdo offerecer a Elrey de Camphar, tudo o q̃ mais ouuesse mister a te os Portugueses chegarem. Estes chegaraõ em poucos dias áquella cidade, a onde foraõ mũy bem recebidos d'Elrey, & postos nos mais importantes & principaes paços & baluartes pera sua defensaõ.

A terrada que ya pera Ormuz, entrou em breues dias do Cabo de Rosalgate pera dentro no mês de Outubro passado, & ali encontrou dom Payo de Noronha, que

andaua por capitaõ mór d'aquelle estreito cõ doze nauios de remo. E sabendo do Embaixador d'Elrey de Camphar ao que ya a Ormuz, despedio hũa das fustas da sua armada em sua companhia, cõ cartas ao capitaõ dom Manoel de Lima, em que lhe pedia por merce que se elle naõ auia de ir em pefsoa aquelle negocio, lhe desse licença pera o fazer cõ aquella armada q̃ trazia. Chegado este recado a Ormuz, pareceolhe ao capitaõ este negocio duuidoso, & ouue q̃ naõ poderia Elrey de Camphar sustentarse contra os Turcos, por que estaua certo acodirlhe socorro de Baçorã: & q̃ se se metesse cabedal naquella jornada, estaua arriescado a ser de nenhum effeito, pello que logo despedio o Embaixador d'Elrey, & a fusta de dom Payo, a quem escreueo, que fosse em companhia do Embaixador de Adem, em dous nauios quaes elle escolheffe, & os mais deixasse em guarda d'aquelle estreito: & q̃ se achasse ainda Elrey de Camphar naquella cidade, q̃ se metesse dentro com cincoenta homẽs, por q̃ esses bastauaõ pera se defender dos Turcos, em quanto lhe naõ ya mais socorro: & q̃ lhe despedisse logo recado pera lhe mãdar gẽte & nauios: & quando naõ, q̃ se tornasse pera aquelle estreito.

Dado este recado a dõ Payo de Noronha, logo se partio pera Adẽ, na galeota em que andaua que se chamaua

chamaua santa Isabel, em que leuaua corenta soldados escolhidos, & outro nauio de que era capitão Pero Fernandez de Carualho com trinta: Os caualeiros conhecidos q̄ dom Payo escolheo pera esta jornada foraõ, Ioaõ d'Albuquerque, Antonio da Rocha, Fráncisco Vieira, Diogo Correa, Antonio de Figueiredo, Antonio Cornejo, que ainda oje viue em Chaul, de que foubemos a mór parte destas coufas. Pero Cornejo seu irmão, Christouão das Neves, Martim Gralho, Fráncisco Rodriguez, & outros. E dando á vela pera Adem em companhia do Embaixador, foraõ correndo a costa de Arabia, tomando todas as angras, enceadas, & bayas, por onde encontraraõ algũas geluas, & terradas de Mouros da outra costa de Barborá, Zeilá, Mete, que tomaraõ, hũas vazias, outras com seus recheos, fogindolhes pera a terra todos, somente tres que se catiuarã. E chegando á fortaleza de Dofar entrando a baya, lhe atiraraõ muitas bombardadas: & achando surta hũa nao carregada de cifas, lhe poseraõ o fogo, que ardeo brauissimamente: & hũa terrada que se foi a bicar a terra, a foraõ tirar a poder de espingardadas, & afastãdoa pera fora, armaraõ nella hũa forza, em que enforcaraõ os tres Mouros que tomaraõ nas terradas atras: & outros alguns que acharã na nao: & depois poseraõ

fogo á terrada á vista da fortaleza.

Partidos d'ali chegaraõ a Xael, cujo Rey foi sempre amigo dos Portugueses, & estaua fora em campo contra o Rey de Caxem: que tẽdo sabido, que tinhaõ de Adem mandado chamar os Portugueses pera lhe entregarem aquella cidade, receandosse delles, deixou recado na fortaleza, que se por ali passasse armada Portugueza, a prouessem de tudo o necessario, fazendo da necessidade virtude: por que ja que vinhaõ ser seus vizinhos queria comẽçar a grangear sua amisade. Os Regedores da fortaleza tanto que viraõ as fustas em seu porto, mandaraõ visitar dõ Payo com um bom presente de coufas da terra, & agoa em abundancia, offerecendolhe o de que mais tiuesse necessidade. Dom Payo pella que tinha aceitou tudo detendosse ali áquelle dia: & ao outro tornou a continuar seu caminho, & foraõ tomar o porto de Berrumá antes de Adem, donde partiraõ á meya noite, & foraõ tomar de madrugada a baya d'aquella cidade a onde forgiraõ. Foraõ logo dadas a Elrey nouas que eraõ chegadas fustas dos Portugueses, com o que toda a cidade se aluoroçou: & despidio pessoas principaes de sua casa, pera que fossem desembarcar o capitão, a quem mandou os parabens de sua vinda, & muito refresco de car-

neiros, galinhas, & d'outras coufas que auia na terra.

Dom Payo se negociou logo, & desembarcou, com só coatro homens que escolheo, & na praya achou alguns caualos, mûy bem concertados, & acubertados, pera sua pessoa. E caualgando em vm, os mais leuou diante de si: & os soldados derredor delle: & entrou em casa d'Elrey, que o recebeu cõ muita honra, deitandolhe aos hõ-bros hũa fermosa xamata, q̄ são vns panos de seda & algodaõ laturados d'ouro, que aquelles Reys costumaõ a trazer, por capas, & he a mór honra que podem fazer a hũa pessoa grande quando a querem muito festejar & honrar. Ali logo praticaraõ sobre as coufas d'aquella cidade, dizendolhe que era d'Elrey de Portugal, & que como sua lha entregaua, pera tratar de sua fortificação, & defesaõ. E por serem horas de jantar, o mã-dou agasalhar em hũas casas, que pera isso tinha despejadas, & se lhe deu todo o necessario. Aqui esteue dom Payo a te noite, que se recolheo ao seu nauio: & ao outro dia desembarcou com toda a gête das fustas posta em armas, que ainda q̄ taõ pouca, lustrauua muito: & foi ver Elrey que o leuou pella maõ, & lhe foi a mostrar o muro, & fortificação da cidade da banda do fertoã, entrando nos baluartes em que estauaõ os dous filhos, que receberam dom Payo com muita

honra. Ali deixou em companhia do legitimo Pero Fernandez de Carualho com dez soldados, & cõ o bastardo Antonio de Figueiredo com outros tantos: & os outros repartio por estancias mais perigosas: com isto ficaraõ os naturaes mais descansados, por descarregarrem sobre os nossos todo o trabalho da fortificação & vigia.

CAPITVLO II.

*De como dom Payo de Noronha despidio recado ao Governador dom Joaõ de Castro: & de como Elrey de Camphar foi socorrer o filho que tinha os Turcos cercados, & do que mais socedeo.*



NTRE as coufas que dom Payo de Noronha tratou cõ Elrey, das primeiras foi, que deuia mandar Embaixador ao Governador a darlhe conta do que era passado, & pedirlhe socorro: por que elle determinaua de mandar vm nauio com recado de como ficaua n'aquella cidade. A Elrey pareceo bem aquelle conselho, & mandou logo embarcar vm seu cunhado, irmaõ de sua molher, no nauio saõ Francisco, em que tinha ido Pero Fernandez de Carualho, de que dom Payo de Noronha deu a capitania

pitania a Diogo Correa, & por elle escreueraõ ambos ao Governador todas as cousas focedidas a te en- taõ, pedindolhe que lhes man- dasse gente & moniçoens pera se- gurança d'aquella cidade, que fi- caua a deuação & seruiço d'Elrey de Portugal: dando Elrey a seu cunhado todos os seus poderes pe- ra tudo o que assentasse com o Governador.

Este nauio se fez á vela tres dias depois de dõ Payo chegar áquel- la cidade: & de sua jornada adian- te daremos rezaõ, por que he ne- cessario cõtinuarmos com o Prin- cipe de Camphar, que estaua so- bre a fortaleza dos Turcos.

Este Principe se ouue taõ floxo neste negocio, pella pouca experi- encia que tinha das cousas da guerra, que deu atreuimento aos Turcos pera lhe sairem algũas ve- zes, & darlhes alguns assaltos com perda & afronta sua, do que o pay foi logo auisado. E receando que a pouca disciplina militar do filho desse occasiã aos Turcos pera o desbaratarem de todo, determi- nou de lhe socorrer. E por que ti- nha a cidade de Adem segura em poder dos Portugueses, quis elle em pessoa acudir aquelle negocio primeiro que viesse a mayor mal. Disto deu conta a dom Payo, pe- dindolhe que em quanto elle ya socorrer seu filho, quisesse tomar aquella cidade em sua guarda, cõ os dous filhos que nella deixaua, &

com os trezentos Fartaquins que lhe vieraõ de socorro, por que se elle naõ fosse aueriguar aquelle ne- gocio, nunca teria fim, que como elle lá chegasse enuiaria seu filho, que lhe pedia muito, que tanto q̃ tiuesse nouas de sua chegada, o fos- se esperar á porta da cidade, & o leuasse pella maõ a te o meter em sua estancia, & lhe desse alguns Portugueses pera sua guarda. Isto lhe pedio parece, por segurar o fi- lho que auia de ser o herdeiro, porque deuia de se reccar dos ou- tros filhos. Pedindo mais a dom Payo, que se elle morresse naquel- la demanda o fizesse logo aleuan- tar por Rey. Dom Payo disse q̃ o seruiria em tudo como lhe man- daua.

Elrey se despedio d'elle leuando dous mil homens comsigo: & no caminho encontrou o filho que se ya recolhendo, por naõ poder atu- rar os assaltos dos Turcos, em que lhe mataraõ muita gente. E sabẽ- do o que era passado ficou enfa- dadissimo, & apaixonandosse con- tra o filho, naõ lhe querendo es- cutar rezoens, tomadolhe a gente que trazia, lhe mandou que se fos- se pera Adem, & que naõ entrasse na cidade sem o capitaõ dos Por- tugueses o ir buscar, & o levar pel- la maõ a te o pór na sua estancia, & que naõ fizesse se naõ o que lhe elle mandasse.

Despidido o Principe, foi Elrey marchando pera a fortaleza dos

Turcos, & o Principe pera Adem. Aquella noite que se Elrey partio, se recolheo dom Payo de Noronha nos paços com alguns Portugueses, & toda a noite ouuiraõ por toda a cidade grande reuolta, & muitos gritos, & alaridos, & andar a gente pellas ruas de hũa parte pera a outra, o que embarçou muito os nossos, por não saberem o que aquillo era: & toda a noite estiueraõ com as armas nas mãos na mór confusaõ & temor que podia ser. Tanto que amanheceo, não fazendo dom Payo discurso, nem consideraçãõ algũa: & sem mandar saber o que aquillo era, se fayo dos paços, & se foi embarcar na sua galeota, & della mandou recado a Pero Fernandez de Carualho, & aos mais que estauaõ nas estancias, que se recolhessem como fizeraõ. Isto sintiraõ os filhos d'Elrey muito, por que estauaõ cõ elles seguros & descansados.

Ao outro dia chegou á porta da cidade o filho mais velho d'Elrey, & não quis entrar dentro, se não pella ordem que seu pay lhe tinha dado: pello que mandou recado a dom Payo de Noronha de como era chegado, pedindolhe o fosse recolher na cidade, por q̃ não podia entrar nella sem elle: por assilho ter seu pay mandado. Dom Payo se lhe mandou escusar com se fingir mal desposto, mandando-lhe dizer, que mûy bem podia entrar na cidade pois era sua. Sobre

isto tornou o Principe a lhe mandar dizer, q̃ todavia elle não auia de trespassar os mandados de seu pay, nem auia d'entrar sem elle, & sobre isto correraõ recados de parte a parte por coatro vezes, sem dô Payo querer desembarcar. Vendo o Principe aquillo entrou na cidade, & se foi meter na estancia do pay com seus criados & apaniguados. Tanto que anoiteceo mandou dom Payo a Antonio de Figueiredo, & a Pero Fernandez de Carualho com os soldados de sua cõpanhia q̃ se fossem pera a estancia do Principe, & que tanto que fosse manhã logo se recolhessem ao nauio, a onde elle se deixou ficar. Isto foi continuando muitos dias sem dom Payo desembarcar nelles, com ter cada dia muitos recados do Principe, & com alguns caualeiros honrados de sua companhia lhe fazerem algũas lembranças de sua honra, determinando esperar ali no már recado do Governador, (por que ouue por sem duuida que lhe fariaõ treizaõ.

### CAPITVLO III.

*De como Elrey de Camphar cometeo os Turcos: & de como foi morto em um assalto, & os Turcos foraõ cercar a cidade de Adem: & do mais que lhes aconteceo.*

**E**LREY de Camphar tanto que se apartou do filho, como dissemos no capitulo atras, foi marchando pera a fortaleza dos Turcos, que logo foraõ auifados de sua ida, & estauaõ recolhidos nella. E chegando Elrey a ella lhe pós cerco á roda, & a cometeo com muita determinação por alguns dias, auendo sempre mortes, & danos de ambas as partes. Elrey como era muito animoso, & bom caualeiro, determinou de aueriguar aquelle negocio depressa: & mandou pera isto effeto fazer muitas escadas, pera meter todo o cabedal naquelle derradeiro assalto. E tendo tudo prestes cometeo a fortaleza com grande furia & animo, rodeando de escadas: & cometendo os Camphares a sobida muy animosamente, mas todauia como o auiaõ com Turcos homẽs taõ experimentados na guerra, & taõ cursados nos trabalhos, custou-lhes muitas mortes, & feridas, mas naõ sem dano seu. Elrey de Camphar andaua animando os seus, fazendoos sobir, & acodindo as partes mais necessarias: & em fim taõ trabalhou, que caualgaraõ os seus o muro, trauandosse em cima hũa aspera batalha. Mas quis a vêtura dos Turcos, que se desse hũa espingardada em Elrey de Camphar, de que cayo logo morto. Os seus tanto que o viraõ assi, perdendo o

animo tornaraõ a alargar os lugares que tinhaõ ganhado, & se recolheraõ a seu arrayal com bem de dano. E sem tratarem mais de Adem, foraõ logo caminhando pera Camphar, sem lhes lembrar que deixauaõ o seu Principe naquella cidade: por que estaua certo irem os Turcos com esta victoria a cercalo, ficando taõ descoraçoados, que nem mandaraõ auisar o Principe, nem trataraõ de mais que de segurarem suas vidas.

As nouas da morte d'Elrey, ou hũa fama surda della, chegou a Adem sem se saber como, nẽ por onde, & assi chegaraõ ás orelhas do Principe, que as encobrio o melhor que pode, por que receou que os Portugueses o dessemparassem, & que todos os da cidade se leuãtassẽ contra elle. Naõ deixou de chegar a dom Payo de Noronha vm rumor deste negocio, com que se embaraçou, & mandou perguntar ao Principe que nouas tinha d'Elrey seu pay, & elle lhe mandou dizer que muito boas: & todauia indosse ellas declarando mais, lhe tornou a mandar dizer, que se era verdade que Elrey era morto lho naõ negasse, por que soubesse certo que se tal fizesse que se iria. Vendosse o Principe apertado, lhe mandou dizer em segredo a verdade de tudo: & que por lhe parecer assi necessario, & por os seus se naõ alterarem o tinha encuberto, & que isso auia elle tambem de  
fazer

fazer por não darem animo aos naturaes pera tratarem algũa alteração, por que o tempo não estava pera nojos, nem pera desconfianças.

Isto fez algum aballo em dom Payo de Noronha, mas ja lhe era necessario esperar recado do Governador, como lhe tinha escrito. Os Turcos tanto que viraõ o arrayal dos imigos levantado, mandandoos espiar, sabendo de certo que se yaõ pera Camphar, foi o seu aluoroço grande: por que bẽ entẽderãõ que em Adem auia de auer algũa mudança com as nouas da morte d'Elrey, & alguns descõcertos antre os filhos: & não querendo perder taõ boa occasiãõ, forãõ logo pór cerco á cidade, amanhecendo vm dia sobre ella. Dom Payo de Noronha foi auisado disto, & mandou dizer ao Principe, que a primeira cousa que auia de fazer, era mandar arrecadar em boa prizaõ aos vinte & cinco Turcos, que siruiaõ de bombardeiros, ainda que pera mais segurança, era melhor mandar lhes cortar as cabeças pellos não vigiarem. O Principe os mandou logo meter em hũa forte masmorra, & a chauce della mandou entregar a Pero Fernandez de Carualho.

Os Turcos começaraõ a dar muitos & mूंy continos assaltos á cidade, ainda que não tinhaõ artelharia: mas tinhaõ muitos & mूंy grossos mosquetoens, que as-

sestauaõ sobre pontaletes, emparados com hũa rocha que estava perto, donde os desparauaõ nos muros, & baluartes, com que derribauaõ muitos: & da banda da praya de baixa már faziaõ o mesmo. A todos estes rebates acodiaõ Pero Fernandez de Carualho, & Antonio de Figueiredo com seus soldados, que sustentauaõ o pezo todo, rebatendo os imigos, & animando aos naturaes. O Principe, & seus irmaõs, mostraraõ sempre muito grande animo, pelejando, & animando os seus nas estancias em q̃ estavaõ. Dom Payo de Noronha a alguns assaltos que ouue apressados sayo a terra, & acodio a elles, mas passados, tornou se a embarcar. Os Turcos que eraõ homens que se não descuidauaõ de cousa algũa, tiueraõ algũas intelligencias com alguns dos naturaes q̃ guardauaõ algũas estancias peitãdoos grandemente, pera lhe darem entrada: & de tal maneira trataraõ estas cousas que as leuaraõ ao cabo: concertando de em vm dia limitado lhes darem de noite entrada como fizeraõ. E pera diuertirem os nossos, cometerãõ o baluarte do Principe, em que estava Pero Fernandez de Carualho, com grandes gritas & estrondos. E estãdo a coula embaraçada na briga, deraõ os naturaes entrada a Marzam, que com duzentos & cincoẽta Turcos foi metido dentro na cidade, por hũa porta sem os sentir alguem

alguem: & deixou se ficar da bāda de dentro: ou por que se não atreueo a entrar, ou por esperar pella menhá, por que era ja no coarto d'alua.

Na estancia do Principe se pelejana com muito valor laborado a espingardaria dos nossos, com q̄ derribaraõ alguns Turcos. A menhá vinha ja esclarecendo, & os capitaens Turcos que estauaõ no assalto, não sabião o que era acontecido a Marzam, por que não sintiaõ reuolta na cidade, o que os embarçou muito. Os que estauaõ dentro foraõ sintidos, & correo logo hũa voz pellas estancias, q̄ eraõ Turcos entrados na cidade, a que acodiraõ alguns Fartaquins pera aquella parte, por onde diziaõ que estauaõ. Na estancia do Principe foi sintida a confusão sem se saber cousa algũa: & saindo se Pantaliaõ da Maya pera ir ver o que era, foi ajuntando alguns Fartaquins, & chegando áquella parte, que vio os Turcos dentro que começauaõ a arrebentar (por que ja esclarecia a menhá) não desmayou, nem mostrou fraqueza, antes com muito animo remeteo com elles, bradando por Sanctiago, & com isto os embarçou de feição, que os deteu, sendo mūy bem ajudado de cincoenta ou sessenta Fartaquins, que pelejaraõ valerosamente: Pantaliaõ da Maya apertou tanto cõ elles, que os fez outra vez acuar, & tornar ao lugar em que dātes esta-

uaõ, pondosse as espingardadas cõ elles, não desparando tiro que não mataffe algum. As nouas disto correaõ logo por toda a cidade, a que acodio Pero Fernández de Carualho com alguns Portuguezes, pedindo ao Principe, q̄ se não bolisse de sua estancia: & ajuntando toda a gēte que pello caminho achou, foi correndo aquella parte a onde achou Pantaliaõ da Maya ás espingardadas cõ os Turcos, & dando nelles com grande furia os foraõ leuando, matando d'aquelle primeiro impetõ oiteenta; & os mais se deitaraõ pellos muros abaixo, sobre as rochas q̄ d'aquella parte auia, em que se algũs elpedaçaraõ, ficandolhes ali suas armas, que os Fartaquins recolheraõ, que ainda que todos pelejaraõ neste trance muito valerosamente: todavia a honra & gloria desta vitoria se deue a Pantaliaõ da Maya, por que elle foi a vnica occasiaõ della. Os Turcos q̄ estauaõ no assalto, tendo as nouas do que tinha acontecido ao Baxá Marzam, se recolheraõ muito tristes pera suas tendas, & tanto que foi noite leuantaraõ o campo, & se foraõ meter na fortaleza a onde primeiro estauaõ, com mais de cēto menos.

Tanto que ao outro dia amanheceo, que os nossos tiueraõ rebate de serem os inimigos recolhidos, disse Pero Fernandez de Carualho ao Principe que saisse ao campo,

campo, & seguisse os inimigos que  
yaõ desbaratados, que estaua cer-  
ta a vitoria. O Principe o fez assi,  
leuando todos os Portugueses, &  
foi mais de hũa legoa sem os po-  
der encontrar. E voltando chegou  
ao arrayal dos Turcos, a onde a-  
charaõ muitos mortos, & alguns  
feridos taõ mal, que os naõ pode-  
raõ leuar. O Principe mandou por  
a tudo o fogo em que se tudo cõ-  
sumio. Dom Payo de Noronha  
que estaua embarcado, mãdou vi-  
sitar o Principe, & darlhe os para-  
bens da vitoria, & dizerlhe que os  
Turcos q̄ estauaõ presos lhes mã-  
dasse logo cortar as cabeças, por q̄  
naõ ficasse d'aquella gente, q̄ era  
peruerfa, algum viuo. O Principe  
o fez logo assi, mandandoos ma-  
tar, & lançar no fogo que andaua  
no exercito, & se recolheo á cida-  
de, a onde mandou castigar algũs  
culpados na entrada dos Turcos.

Ao outro dia sayo dom Payo a  
terra, & foi visitar o Principe, &  
lhe disse que deuia mandar reca-  
do a Camphar a fazer gente, pera  
ir cometer a fortaleza dos Turcos,  
& acabalos de destruir de todo, &  
lançalos fora d'aquellas terras, por  
que com o medo que leuauaõ naõ  
auiaõ de esperar. Ao Principe pa-  
receo bem aquelle conselho, & mã-  
dou vm criado seu em hũa embar-  
cação pequena & ligeira, & com  
elle vm soldado chamado Fran-  
cisco Vieira pera fazer dar pressa  
áquelle negocio, ficando o Princi-

pe prouendo na guarda & defen-  
saõ da cidade, que tudo carregaua  
sobre os noſſos.

## CAPITVLO IIII.

*Do recado que o Governador  
dom Foaõ de Castro tene de  
Adem: & de como mandou  
seu filho dom Aluaro de Ca-  
stro de socorro. E das galês  
dos Turcos que sairaõ de Mo-  
ça em fauor dos seus: & do  
que dom Payo fez.*



**P**ARTIDO Diogo  
Correa de Adem, cõ  
o cunhado d'Elrey  
de Camphar, que le-  
uauaõ recado ao Go-  
uernador, como fica dito no segũ-  
do capitolo deste sexto liuro, co-  
mo yaõ com moução, foraõ na  
entrada de Janeiro tomar a costa  
da India: & sabendo estar o Go-  
uernador em Baçaim, foraõ de-  
mãdar aquella cidade, a onde des-  
embarcaraõ, mandando o Gouer-  
nador receber o cunhado d'Elrey  
mũy bem, & lhe fez muitas hõras,  
& gasalhados. E vendo as cartas  
& sabendo o que era socedido, &  
como a cidade de Adem estaua  
por Elrey de Portugal, ficou mui-  
to aluoroçado, & o ouue por gran-  
de ventura sua, tendo muitos com-  
primentos com o cunhado d'El-  
rey,

rey, mandando agasalhar, & dar-lhe todo o necessario.

O Governador mandou logo chamar seu filho dõ Aluaro de Castro, & lhe disse q se fizesse prestes pera acodir aquelle negocio com muita breuidade. As nouas correão logo pella cidade, que causarão em todos grande aluoroço, acodindo todos os fidalgos & capitaes a se offerecerem ao Governador pera aquella jornada: o q elle estimou muito, fazendo logo roldos q auiaõ de ir nella: indosse por na praya a dar ordem á armada que auia de mandar. E entre todos os nauios de remo escolheu trinta, os milhores negociados que logo mandou cifar, concertar, & aperceber de todo o necessario, nomeando os fidalgos q auiaõ de ir nelles, que eraõ os seguintes.

Dom Antonio de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, Antonio Moniz Barreto, que diziaõ que ya nomeado por capitaõ de Adem, dom Pedro Deça, dom Fernando Coutinho, Pero de Tayde Inferno, dom Ioaõ de Tayde, Aluaro Pays de Sotto Mayor, Fernaõ Perez d'Andrade, Pero Lopez de Sousa, Ruy Diaz Pereira, Pero Botelho o porca, irmão de Diogo Botelho, do Iffante dõ Luis, Luis Homem, Aluaro Serção, Belchior Botelho veador da fazeda, q ya pera os negocios d'aquella cidade, Gomez da Sylua, Antonio da Veiga, Luis Alvarez de

Sousa, Ioaõ Rodriguez Correa, Diogo Correa, o mesmo q veyo de Adem, Diogo Banha, vm catur de Pero Preto, Aluaro da Gama, feitor da armada, & outros.

E por que o Governador estaua falto de dinheiro, mãdou carregar hũa carauela de drogas, pera as despesas da armada (por que valiaõ na costa de Arabia muito) de que fez capitaõ Andre d'Aguiar. E mandou carregar outra carauela de mantimentos, de que fez capitaõ Afonso Iorge.

Andando o Governador dando pressa á armada, chegou áquelle porto vm nauio da outra costa de Arabia, em que vinha vm Embaixador d'Elrey de Caxem, q o Governador mandou desembarcar, & leuar diante de si: elle se humilhou a seus pés, dádolhe cartas que lhe o seu Rey mandou, em que lhe dizia, que confiado em ser grande seruidor d'Elrey de Portugal, & muito antigo amigo do estado da India lhe mandaua pedir ajuda & focorro, pera tornar a cobrar parte do seu reino, que Elrey do Faraque seu visinho lhe tinha tomado, que lhe pedia posse os olhos em sua necessidade, & lhe quisesse valer nella, por que não acabasse de perder o reino em que todos os Portugueses que por ali passauão achauão gasalhado & recolhimento. O Governador disse ao Embaixador, que tudo o em que podesse ajudar & fauorecer a

Elrey seu senhor, o faria. E q̄ fora ditoso em soceder o negocio de Adem, & em mādā lā aquella armada, por q̄ teria o socorro mais depressa: mandandolhe q̄ se agasalhasse, & negociasse, por q̄ a armada auia de partir logo.

O Governador vendo que era muito necessario acodirse a Adē com muita pressa: & que seu filho dom Aluaro de Castro era forçado deterse alguns dias, por causa dos prouimentos da armada: despido com muita pressa dom Ioão de Tayde com coatro nauios, de q̄ eraõ capitaens a fora elle, Gomez da Sylua, Antonio da Veiga, & outro a que não achamos o nome: dandolhe por regimento que se metesse na fortaleza de Adem a te chegar seu filho. Estes nauios deraõ á vela, & por lhes dar o noroeste grosso desaparelhou v̄m, de cujo capitaõ não achamos o nome, & foilhe forçado tornar-se pera Baçaim: os mais foraõ seguindo sua jornada, em que os deixaremos a te tornar a elles.

O Governador ficou dādo pressa á mais armada q̄ despido algũs dez dias depois de se partir dom Ioão de Tayde: dādo grādes regimētos a seu filho, & encomendandolhe muito q̄ restituisse Elrey de Caxem a seu estado: & mādou embarcar o cunhado d'Elrey de Adē cō dó Antonio de Noronha, muito satisfeito, & contēte, mandando áquelle Rey muitas peças ricas &

coriosas: & o Embaixador de Caxem se foi no seu nauio muito encomēdado a dó Aluaro de Castro. Dada esta armada á vela, foi seguindo sua viagē, em q̄ a deixaremos, por q̄ he necessario continuar mos com as cousas de Adem.

Dom Payo de Noronha (como acima dissemos) esteue sempre embarcado, esperando por recado de Ormuz, a onde tinha mādado hũa champana com cartas ao capitaõ, em q̄ lhe daua conta de todas as cousas socedidas a te entāo: & lhe pedia lhe mandasse gente, moniçoēs, & mantimentos. E estādo ali sayo da boca do estreito hũa naueta, que se foi chegando pera a baya. Dom Payo a foi demandar, & della soube ser do Guazil de Ormuz: & não lhe souberaõ dar rezaõ, nem nouas de Mocá, nem de Suez, por que vinha dos portos do Abexim: & fazendoa sorgir em hũa enxada antes de chegar a Adem, se tornou ao porto, & mandou recado ao Principe da embarcaõ, por que ja se tinha visto da fortaleza. Este mesmo dia sobre á tarde, teue dom Payo recado que aparecia outra embarcaõ: & mandou Pantaliaõ da Maya que a fosse reconhecer de cima de hũa guarita alta, donde se affirmou ser Galé, & assi o disse ao Principe, que logo mandou meter na naueta do Guazil corenta espingardeiros. Pouco depois deraõ duas almadias recado

cado a dom Payo, que apareciaõ duas Galés de Turcos, com o que ficou sobrefaltado, mandando pedir ao Principe que o prouesse de gente, como fez, com cincoenta Fartaquins que mandou embarcar em vñ tarranquim que ali estaua, de que fez capitaõ Christouã das Neves: & fazendosse prestes na sua galeota, com todos os Portuguezes que mandou recolher, foi buscar a terrada do Guazil, pera a recolher ao porto, & chegando a ella a achou mūy crespa, & postos os Mouros, que eraõ perto de cento, em armas pera se defenderem das galés que ja se viaõ: & vendo os nossos deraõ grandes apupadas de aluoroço. As Galés, que eraõ pequenas, hũa vinha a terra a remo, & a outra ao már á vela. Esta vendo os nossos nauios, com muita pressa ferrando de remo se foi chegando pera a outra, que ja a ya demandar. Dom Payo deu toa á naueta do Guazil, & foise saindo da enceeda, & as galeotas o yaõ seguindo: o que visto por elle, pos em parecer de todos os Portuguezes, se pelejaria com as galeotas, dizendolhes que eraõ pequenas, & que naquellas tres embarcaçoens que tinhaõ auia muita gente. Os companheiros lhe disseraõ que se recolhesse a Adem que lhe estaua entregue, & que a defendessem a te morrem todos sobre ella. Com isto se foi dom Payo recolhendo pera a

baya, vindo ja as galeotas atiro de camello.

Recolhido dom Payo, mandou com muita pressa deitar ao már hũa galeota de tres que estauaõ varadas de longo da couraça, & a proueo de artelharia que lhe mandou o Principe, com muitas moniçoens, & a entregou a Christouã das Neves, com os Fartaquins q̄ lhe o Principe tinha mandado: & ajuntando os Portuguezes todos lhes disse, que elle sem embargo de tudo determinaua de pelejar com as Galés ( que foraõ forgir na enceeda a onde esteue a naueta ) por que pera isso tinha aquellas duas galeotas cheyas de muito boa gente; & a naueta do Guazil, que se offereceo pera o acompanhar. A todos pareceo bem, & toda aquella noite se prepararaõ de pilouros & poluora: & tanto que amanheceo tomaraõ o remo em punho, & foraõ demandar a enceeda a te onde as Galés se tinhaõ recolhido: & antes de chegarem as viraõ sair de dentro com hũa Galé real mais; que aquella noite se foi ajuntar a ellas. Vendo dom Payo quaõ desigual partido ficaua tendo, se tornou a recolher pera a baya.

As galés forgiraõ fora da enceeda a onde estiuerãõ cinco ou seis dias, em que se ajuntaraõ a ellas mais oito Galés mūy fermosas, & outras coatro galeotas,

q̄ tomaraõ o remo, & passaraõ de largo por defrõte da cidade, & foraõ forgir em outra enxada a diãte de Adem, a onde auia obrigada dos leuantes que ventauaõ rijo, desemasteandosse, & armando suas tendas, como quem queria estar deuagar. D'ali mandou o Baxá, que nellas vinha, recado a os Turcos que estauaõ na fortaleza, & hũa companhia mais de duzentos homens, pera que fossem pór cerco a Adem, como logo fizeram, tanto que se lhe deu. E partindo della vieraõ assentar seu arrayal á vista dos muros, cometendoos por assaltos algũas vezes, achando sempre grande resistencia nos nossos: por que sempre dom Payo mandou assistir Pero Fernandez de Carualho na estancia do Principe, por naõ desamparar tudo de todo. O Baxá das Galés mandou desembarcar algũas peças de artilharia pera baterem a cidade da banda do sertão, & entre ellas foi hũa que lançaua pilouro de tres palmos & meyo de roda, que se assentou em vm morro, que ficaua sendo padraõ da fortaleza, donde a começou a bater rijamente, lançandolhe dentro muitos pilouros, de que receberam assas de dano.

CAPITULO V.

*De como dom Payo de Noronha se foi secretamente de Adem: & os Turcos entraõ aquella cidade, & mataõ ao Principe, & seus irmãos. E do que aconteceo a dom Joã de Tayde na jornada: & de como os Turcos lhe correrãõ.*



**V**ENDO o Principe as rijas batarias q̄ lhe dauaõ, & o dano que faziaõ cada dia, de mortos & feridos, &

o medo q̄ todos os naturaes mostrauaõ, se ouue por perdido, & mãdou pedir a dõ Payo q̄o quisesse ver, por q̄ tinha muitas cousas que tratar cõ elle. Dõ Payo o fez, indo á estancia em q̄ elle estaua. O Principe lhe deu conta de tudo o que passaua: pedindolhe q̄ se passasse com todos os Portugueses pera aquellas estácias, & que o ajudasse a defender aquella cidade que era d'Elrey de Portugal. Dom Payo lhe disse que si, & deixousse ficar aquelle dia com elle, em que os Mouros foraõ continuando com sua bateria, metendo aquella peça grossa muitos pilouros dentro na cidade. Dom Payo como a naõ tinha visto, & vio o estrago que fazia todas as vezes que tiraua ouue aquelle negocio por muito arriscado

arriscado: & dissimulando, tanto que foi sobre a tarde que a bataria cessou, foise elle recolhendo pera a sua embarcação, & escreveu vm escrito a vm soldado por nome Diogo Vaz de sua obrigação, em que lhe dizia, que tanto que aquelle visse, desse recado em segredo a todos os Portugueses, pera que depois que anoitasse se recolhessem aos nauios de dous em dous sem fazerem aluoroço, o que todos fizeraõ. Somente vm Manoel Pereira, que disse que aquella cidade era d'Elrey de Portugal, que a não auia de largar, nem auia por onde, deixando ficar no baluarte do filho mais moço d'Elrey, a onde estauaõ recolhidos todos os soldados. Dom Payo se sayo da baya de noite sem o ninguem saber, & dando á vela se fez na costa do Abexim por se desuiar das galés. Ao outro dia foi o Principe auisado de sua ida, o que sintio em extremo: mas encobrioo aos seus o melhor que pode, assi por não auer alteração nos naturaes, como por os Turcos o não saberem, (porque só a fama de estarem os Portugueses naquella cidade lha fazia inexpugnauel, & acometiaõ com desconfianças.) Não deixaraõ elles de continuar nas suas batarias, em que Manoel Pereira fez cousas de homem de grande animo, esforço, & honra, correndo as estancias, animando a todos, com lhes segu-

rar que não tardaria muito o socorro de Goa: com o q̃ o Principe & os irmaõs ja não receuaõ os inimigos, fazendo tudo o q̃ lhes parecia necessario pera defensão d'aquella cidade, reparaõdo, & reedificando a o melhor que podiaõ, pelejãdo em todos os assaltos mui esforçadamente, não os largando nunca o Manoel Pereira, que era todo o seu conselho, por que nada faziaõ sem elle.

E certo que nos faz perder o gosto desta escritura, não sabermos dar a conhecer este Manoel Pereira por patria & parentes, por que era muito justo ficasse bem conhecido no mundo: mas coubelhe a sorte & ventura de outros muitos, a quem o descuido Portuguez (de q̃ nos não podemos deixar de queixar muitas vezes) tem sepultado em perpetuo esquecimento.

E não ficará tambem de todo nelle vm Francisco Vieira, de quem no capitulo atras demos rezaõ que o Principe tinha mandado de Adem a Camphar buscar gente. Este estandoa fazendo n'aquella cidade, dandolhe as nouas de como dom Payo se fora de Adem, largando tudo por maõ se embarcou na almadia em que tinha ido, & de noite entrou na baya por antre as galés, & desembarcou em terra, & foi muito bê recebido na cidade, dando conta ao Principe de como deixaua algũa gente ordenada

pera vir a pos elle : & que não lhe sofrera o coração esperar por ella, que vinha ali offerecido ao seruiço d'Elrey de Portugal, & seu. O Principe o estimou muito : & assi elle & Manoel Pereira fizeraõ em quanto durou o cerco coufas muito nota ueis, & dinas de mayor galardão, do que ambos tiueraõ.

Auendo vinte & vm dias que dom Payo se tinha ido de Adem sem os Turcos o saberem : quis a desauentura que fogisse vm dos naturaes da cidade, & se fosse ao arrayal dos Turcos: & sendo leuado ao Baxá, lhe disse como os Portugueses eraõ idos, & que a cidade estaua com pouca gente, offerecendo selhe pera os meter dentro nella, por vm passo mūy escuso. Parece que neste negocio não entrou este so, mas auia de ir concertado com algum dos capitaens d'algũa estancia, por que esta mesma noite no coarto da modorra foraõ metidos na cidade: & como aquellas horas estauaõ todos descuidados, arrebetando pellos baluartes, foraõ matando & espedaçando a quantos achauaõ. Sintindo o Principe a grita & aluoroço sem saber o que era, tomou as armas: & com os q̄ o seguiraõ acodio ao baluarte do irmão bastardo, a onde a reuolta era grande, por q̄ aquelle Iffante pelejaua com muito valor & esforço. E acodindo o Principe ali deu com os Turcos que vinhaõ recrecendo, & depois de elle & seu

irmão terem bem mostrado seu esforço & coração, foraõ este Principe & seu irmão mortos, cõ todos os seus, não sem dano & estrago dos Turcos, de que elles por suas maõs derribaraõ muitos. O irmão mais moço do Principe, com quem estaua Manoel Pereira & Francisco Vieira no seu baluarte, tambem foi entrado de vm numero de Turcos, com quem todos tiueraõ hũa muito aspera batalha, fazendo assi o Principe, como os Portugueses, coufas muito notaueis, sustentando aquelle baluarte a te se perderem todos. E vindolhes nouas q̄ o Principe era morto, & a cidade toda entregue nas maõs dos Turcos: tomaraõ Manoel Pereira, & Francisco Vieira o moço Iffante, & se foraõ saindo do baluarte: o que entaõ poderaõ fazer, assi pello grãde escuro que fazia, como pella confusa reuolta que auia em todas as partes, andando ja tudo misturado sem se conhecerẽ vns aos outros: & se sairaõ fora da cidade, com alguns da casa do Principe, & foraõ caminhando apressadamente pera Camphar. Os Turcos andaraõ pella cidade fazendo tamanhas cruezas, que foi espanto, não dãdo vida a coufa algũa que a tiuesse, tornando a ficar senhores della como dantes.

Dom Ioaõ de Tayde que deixamos partido de Baçaim com os tres nauios, foi seguindo sua viagẽ atrauessando de largo, & em poucos

cos dias foi auer vista da costa de Arabia, & de longo della foi demandar a cidade de Adem, cuidãdo achar nella dom Payo: porque não tomou fala por toda aquella costa do que lá ya. E entrando a baya a remo, foraõ dar de rosto com as galés que estauaõ dentro, bem chegadas ao baluarte que faz á baya: & não se embaraçando em cousa algũa, tornaraõ a voltar pera fora largando as velas, por que ventaua ainda o leuante rijo. Os Turcos em vendo os nauios leuaraõ ancora com muita pressa, & firaõ a pos eles taõ apressados, q̄ antes de terem andado hũa legoa os alcançaraõ. Gomez da Sylua, & Antonio da Veiga, que lhe ficaraõ mais perto, vendosse debaixo dos esporoens das Galés, como yaõ cozidos com a terra, ouueraõ por melhor partido vararem nella & salvar suas pessoas, como fizeraõ. Dõ Joaõ de Tayde que leuaua melhor nauio, foi metendo de ló tudo o q̄ pode, escapando algũas vezes debaixo dos esperoens de tres galés que o seguiaõ, ajudandosse da vela, & do remo: animando os marinheiros, & dádolhes muito dinheiro: & quis sua boa fortuna que sobreueyo a noite: & tanto que o ár escureceo, fazédosse em outro bordo, foi correndo pera a costa do Abexim, & em poucos dias foi tomar o ilheo de Mete, na costa de Barbora, & Zeilá. Ali varou o nauio, & o espalmou, & o alimpou:

dando hũa larga folga aos marinheiros do trabalho passado.

A gente dos dous nauios que vararaõ em terra, foraõ de longo do már pera Camphar: a onde acharaõ Manoel Pereira, & Fráncisco Vieira, que tinhaõ chegado cõ o Iffante, que ja estaua jurado por Rey, que os mandou agasalhar mûy bem, & darlhes todo o necessario.

E tornando a dom Payo: Tanto que se sayo de Adem, foi demandando a costa do Abexim, & della tornou a voltar pera ir esperar a Caxem recado da India. E corrédo a costa da Arabia, tomou por ella fala, & soube ficar ja a cidade de Adem em poder dos Turcos, & o Principe, & todos mortos: & indo demandar Caxem, antes de lá chegar encontrou com dous nauios que dom Manoel de Lima capitã de Ormuz lhe mandaua de socorro, de que eraõ capitaens Aleixos Carualho, & Bras Cortez, que leuauaõ gente, mantimentos, & moniçoens: & vendosse com elles lhes deu conta do que passaua, & de como tinha por nouas que a cidade de Adem era perdida, o q̄ elles muito sintiraõ, ainda que o não poderaõ crér, dizédolhe Aleixos de Carualho que elle auia de passar a Adem, & saber a certeza do que la ya, pois elle não tinha outra, que a que lhe deu a gente da terra: dom Payo o quis tirar disso, mas não pode, pello que lhe

foi forçado tornar a voltar com elles. E chegando a Xael, querendo entrar no porto a saber nouas, lhes atiraraõ da fortaleza, (que tinhaõ os Fartaquins tomada a Elrey de Caxem nosso amigo) tantas bombardadas, que os ouueraõ de meter no fundo. E saindosse pera fora, tomando conselho, assentaraõ ir esperar recado da India aos ilheos de Canecanim, (porque por hũa terrada que acharaõ de Caxem souberaõ, como os Turcos estauaõ em Adem.) E assi os forraõ demandar, & ali se deixaraõ ficar.

Dom Ioaõ de Tayde tanto que espalmou & alimpou o seu nauio, determinou de ir esperar na costa de Caxem a dom Aluaro de Castro, que naõ podia tardar muito: & dando á vela com os ponentes se foi afastando de Adem, & depois foi demandar a terra: & chegando aos ilheos de Canecanim, achou dom Payo de Noronha cõ os outros nauios, & delle souberaõ o que lhe tinha socedido com as galés: & assentaraõ de esperar ali a armada, como fizeraõ, tendo grande vigia no már.

CAPITULO VI.

*De como dom Aluaro de Castro chegou aos ilheos de Canecanim: a onde soube a perda da cidade de Adem: &*

*de como foi sobre a fortaleza de Caxem, & a tomou.*



ARTIDO dom Aluaro de Castro de Baçaim, logo o Governador dom Ioaõ de Castro o fez tam

bem pera Goa, pera acodir às cousas do Sul: & pera de mais perto continuar na guerra do Idalxá, dando despacho a todas as cousas d'aquellas fortalezas do Norte: deixando na enxada de Cambaya com hũa boa armada dom Iorge Baroche, & escusandose de tudo o mais deu á vela pera Goa ja em Abril. Chegado áquella cidade comecou logo a entender no despacho das cousas do Sul, auindo pera ir entrar em Malaca dom Pedro da Sylua da Gama, filho do Conde Almirante dom Vasco da Gama, por acabar Simaõ de Mello, que lá estaua, seu tempo. E pella mesma maneira despachou Duarte de Miranda capitaõ da carreira de Maluco, que foi embarcado no galeaõ Bufara, carregado de gente, prouimentos, roupas, mantimentos, & monçoens: & de caixoens cheyos de esquipaçoens feitas, conuem a saber, calsoens, chapéos, çapatos, pera lá se repartirem pellos soldados: por que neste tempo tinhaõ os Governadores tanta conta com elles, que a te os vestidos feitos lhes mandauaõ, o que tudo se lhes daua: & como chega-

ua o galeão da carreira, mandaua o capitaõ chamar a todos, & reparia por elles tudo, & com isso lhes pagaua seus coarteis, & mantimētos. O que tudo se mudou, porque todas as coufas boas acabaõ de pressa, & as más nunca.

Despedidos estes capitaes, ficou o Governador defafogado pera profeguir na guerra do Idalxá, mādado dobrar as fustas & máchuias, que andauão nos rios, que fizeraõ grãdes destruiçõs em suas aldeas. E por que he rezaõ que continuemos com dom Alvaro de Castro, deixaremos po hora tudo o mais a te seu tempo.

Partido de Baçaim, como temos dito no capitulo coarto deste sexto liuro, com toda sua armada jūta, como leuaua os leuãtes em popa, foi em poucos dias auer vista da costa de Arabia: & sem tomar porto algum, foi de longo della demãdar a cidade de Adem. Chegando aos ilheos de Canecanim lhe sairaõ os nossos nauios, de que soube tudo o que era socedido, affi da perda de Adem, como das galés que correraõ a dom Ioaõ de Tayde. Isto sintio dom Alvaro de Castro em estremo, por que bem entendeo que fora tudo pello grãde descuido, & pouco discurso de dom Payo de Noronha. O Embaixador & cunhado do Rey velho morto de Adem, que ya embarcado com dom Antonio de Noronha, se foi ao nauio do capi-

taõ mór muito triste, & desconfolado, pellas roins nouas que tinha ouuido. Dom Alvaro de Castro trabalhou pello consolar, mas naõ pode: elle pedio que mandasse algum nauio a Camphar a saber a certeza d'aquellas nouas, dos Portugueses que lá diziaõ que estauaõ por que elle as naõ podia crer. O capitaõ mór lhe pareceo bem, & despidio logo dom Ioaõ de Tayde pera ir lá a saber o que era passado, & a recolher a gēte das fustas de sua companhia, que ja sabiaõ q̄ lá estaua.

Dom Ioaõ de Tayde chegou a Camphar, & os Portugueses o foraõ receber á praya, com grande aluoroço, & delles soube toda a verdade: & em sua companhia foi visitar Elrey, que lhe fez muitas hōras, & lhe cōtou por extenso tudo o q̄ era passado: & de como depois de dom Payo se sair de Adē, se sustentara vinte & vm dias, pello esforço, & animo de Manoel Pereira, & Francisco Vieira, & de como elles o liuraraõ, & por elles estaua naquelle seu estado. Dom Ioaõ de Tayde sintio muito as nouas, & pedindo licença a Elrey pera levar todos os Portugueses, lha deu, & vm tarranquim pera irem, por que naõ cabiaõ todos na fusta, & com elles voltou pera o capitaõ mór. Dom Alvaro de Castro recebeu aquelles perdidos com muitos gasalhados: & de Manoel Pereira & Francisco Vieira soube muito particular-

- particularmente todas as nouas, de  
 - que ficou muito anojado, por se  
 - perder hũa cousa tamanha, por cul-  
 - pa de vm fidalgo tão honrado.

O Embaixador cunhado d'Elrey de Camphar, certificado da morte de seu cunhado, & de seus filhos, ficou em tão grande estremo desconsolado, que pediu ao capitão mór que lhe desse licença pera se ir pera Camphar, ja que fora tão mofo, que foi seu trabalho de balde. Dom Alvaro teue com elle muitas palauras de comprimētos, & lhe deu algũas peças, assi pera elle, como pera Elrey seu sobrinho, dizendolhe que se consolasse, por que Elrey seu cunhado, & seus sobrinhos morreraõ como muito bons caualeiros em defençaõ do seu reino, que quem morria tão honradamente, mais se lhe deuia ter inueja que magoa. A isto respondeu o Mouro, (que era muito auisado) que antes essa era a dôr q̄ leuaua, de ver morrer em seruiço d'Elrey de Portugal vm cunhado, & dous sobrinhos, & muitos parētes: & vm capitão Portuguez não querer fazer outro tanto por seruiço & honra de seu Rey: com isto se despedio d'elle. Dom Alvaro fingia muito aquellas palauras, pello que tocava ao credito & hõra dos Portugueses: & muito mais as deuia pera bem de sentir dom Payo de Noronha, diante de quem as elle disse.

Despedido o Embaixador pera

Camphar, pôs o capitão mór em conselho o que faria, & por todos os capitaens se assentou, que no negocio de Adem não auia q̄ fazer: & que ja que ficaua de vago, deuiaõ de ir fauorecer Elrey de Caxem, & restituirlhe a fortaleza de Xael: assi pello mandar o Governador, como pera castigarem os Fartaquins que nella estauaõ, por esbombardearẽ os nossos nauios quando no seu porto entraraõ: como dissemos no capitulo atras. Assentado isto deu dom Alvaro de Castro á vela pera Xael, a onde chegou na entrada de Abril, & entrou dentro com todos os nauios, sem da fortaleza lhe atirarem bõbardada algũa: & logo desembarcou em terra com toda a gente: & mandou ordenar algũas escadas dos destures dos nauios, pera cometerem a sobida.

A fortaleza de Xael era vm castello pequeno de adobes cõ quatro cubellos, & tudo tão estreito q̄ bastaua pera o guardar, & defender trinta & cinco Fartaquins, (por que não tinha mais d'etro em si. O capitão d'elles vendo desembarcar os nossos, lançou fora hũa mulher velha que sabia falar Portuguez, por quem mandou perguntar ao capitão, que era o que queria, que elle era seruidor d'Elrey de Portugal, & se queria aquelle castello, que logo lho entregaria, & que se iriaõ com suas pessoas, & armas. Dom Alvaro de Castro ouuiu

ouuiu a velha perante os capitaes, & ouue alguns de parecer, que lhe auiaõ de accitar a fortaleza assi como a offerenciaõ, pois della naõ queriaõ mais que entregala a El-rey de Caxem: mas os mais disse-raõ que se entregassem todos os q̄ nella estauaõ á merce do capitaõ mór. Ao que a velha disse que os Fartaquins naõ eraõ homens que se entregassem assi. E tornandosse pera a fortaleza disse de fora o que se tinha assentado. A isto responderaõ os de dentro, que chamais entregãr á merce? & deitando fora algũas bandeiras, começaraõ a atirar algũas bombardadas de que mataraõ alguns, & feriraõ muitos. Dom Aluaro abalou com todo o poder, & rodeou a fortaleza, arri-mandolhe logo algũas escadas, por onde os nossos começaraõ a sobir, franqueandolhes os outros o muro com a arcabuzaria, que era tâta, que naõ ouzaraõ os Fartaquins a aparecer. Fernão Perez foi o primeiro que começou a sobir por hũa escada, leuando o seu guiaõ diante, & a poder de golpes o pôs em cima do muro. Por outra parte tambem sobio Pero Botelho quasi ao mesmo tempo, & diante delle o seu guiaõ, que leuaua vm reinol de vm pelote preto comprido mûy valente homem, que sobio ao muro, & com hũa maõ sustentou o guiaõ, & com a outra pelejou valerosamete, o que tudo se notaua debaixo mûy bem. Co-

mo estes dous capitaens foraõ em cima, & ganharaõ aquella parte, ficou logo franca pera subirem todos.

Antonio Moniz Barreto, dom Antonio de Noronha, dom Ioaõ de Tayde, & outros capitaens foraõ demandar a porta, leuando os seus soldados destures pera vay vens: & indo Antonio Moniz Barreto diante, deu em hũa trapeira q̄ estaua cuberta, a onde se escalarou todo de maõs & rosto: & todauia leuantandosse foi seguindo os mais que chegaraõ à porta, & a começaraõ a arrombar. Os nossos que ja estauaõ em cima do muro foraõ accurrando os Fartaquins em dous cubellos, a onde se fizeraõ fortes, & se defenderaõ valerosamente. Alguns dos nossos deçaraõ abaixo pera abrirem as portas aos que estauaõ de fora, & as acharaõ por dentro entulhadas com fardos de tamaras, de que estauaõ taõ macissas, que naõ dauaõ de si nada aos vay vens, & desentulhandos as abriraõ, & entraraõ todos, & sobidos aos muros, acharaõ os Fartaquins que se defendiaõ nos cubellos que estauaõ cercados dos nossos, pelejando como liens brauos: & algũas vezes sayaõ fora a dar nos nossos, ferindoos brauamente sem receyo de morte, nem de feridas que todos traziaõ. De hũa vez sayo vm valente Fartaquim de vm destes cubellos, por se ver apertado dos de fora, & re-meteo

meteo com Gomez Ferreira homé fidalgo, mūy bom caualeiro, q̄ era o que mais o perseguia, & ferrando com elle o leuou nos braços: & como era mūy forçoso & membrudo, deu com elle no chaõ, & o leuou debaixo: mas Belchior Rabello que estaua perto delle se lançou logo sobre o Mouro, & ás adagadas o matou, ficando ferido em hūa maõ. Em fim a referta foi grande, & os Fartaquins com ferẽ taõ poucos pelejaraõ esforçadamente, mas como o numero era taõ desigual, foraõ entrados nos cubellos, & mortos todos a espada, custando esta caualgada, cinco dos nosõs, que ficaraõ mortos, & mais de corenta feridos de espingardadas.

Despejada a fortaleza, a entregou dom Alvaro ao Embaixador d'Elrey de Caxem, mandando curar os feridos, em que auia alguns perigosos, que o mesmo dia embarcou na fusta de dom Payo, & o mandou pera Goa, pera ir dar conta ao Governador do que era socedido. Dom Alvaro se vio com Elrey de Caxem, & porque era o tempo gastado, ñaõ se deteu com elle muito, & se fez á vela ja em oito de Abril. Dom Payo chegou a Goa com os doentes, & deu as cartas de dom Alvaro de Castro ao Governador, & sabendo por ellas o que passaua ficou mūy magoado, & despidio dõ Payo sem o querer ouuir, mandã-

do desembarcar os doentes pera o hospital, a onde logo os foi visitar, leuando dinheiro na algibeira que repartio por todos, encomendando muito sua cura.

Certo que antre as virtudes que este fidalgo tinha, que eraõ muitas, a q̄ mais resplandecia nelle era a da charidade pera com os soldados da India, por que os ñaõ trataua senaõ como se foraõ todos seus filhos. As nouas de Adem correraõ logo por Goa, ficando dom Payo taõ defacreditado com todos, que era vergonha: & asy teue Elrey com elle taõ pouca conta, que nunca o despachou, senaõ depois de velho, & casado, & em quanto viueo ficou com este labeo: por que ainda q̄ estas cousas de si ñaõ saõ pera esquecer, na India andaõ sempre mais viuas na memoria dos homens, que em toda a outra parte: Tanto, que sendo este fidalgo ja velho, passou pella sua rua um cidadaõ rico & honrado, & achou a sua porta chorando hūa moça: & perguntandolhe de que se queixaua, lhe respondeo a moça, que em casa de dom Payo lhe tomaraõ os seus moços hūa galinha, & que lha ñaõ queriaõ dar. Ao que o cidadaõ lhe disse: Calate filha, ñaõ te mates, se fora Adem largarãta, mas galinha, ñaõ ta ande dar.

Dom Alvaro chegou alguns dias depois de dom Payo, & o Governador

CAPITVLO VII.

*Da armada de Lourenço Pirez de Tauora que chegou ao reino com as nouas da vitoria de Diu: & das naos que Elrey despedio em Outubro. E das honras & merces que mandou ao Governador dom Foaõ de Castro.*

uernador lhe fez vm grande recebimento . E porque sabiaõ todos quanto folgaua o Governador de lhe engrandecerem o negocio de Xael , naõ se falaua em Goa em outra coufa , sendo ella em si taõ pequena como temos dito . E por que sobre isso aconteceu hũa galãtaria que disse vm cortezaõ, naõ deixaremos de a contar.

Tinha o Bispo dom Ioaõ d'Albuquerque vm clerigo auifado, & de ditos, com que elle folgaua de praticar, & a que fazia muitas perguntas por esta maneira. Qual he a coufa que de amarga se faz doce, & a que de grande se faz pequena, & a que de pequena se faz grande? Ao que o padre lhe respondeo muy apressado: que a coufa que de amarga se faz doce, foraõ as bombardadas de maçapaens cõ que receberaõ o Governador dõ Ioaõ de Castro, quando veyo de Diu . E a coufa que de grande se faz pequena, foi a tomada de Barroche, por que a tomou dom Iorge de Meneses: & a que de pequena se faz grande, foi Xael, por que a tomou o filho do Governador. O Bispo festejou muito a reposta, & a galantaria do aludir: mas todauia ambas estas coufas foraõ muito boas, & muito dignas de louuar.

(·:·)

**L**ourenço Pirez de Tauora Capitaõ mór da armada q̄ partio da India, teue taõ prospera via

gem, que chegou ao reino com todas as suas naos juntas, & sorgio na barra de Lixboa, a onde Elrey estava, que ja tinha sabido as nouas da vitoria de Diu, por cartas que da ilha terceira lhe mãdaraõ, por hũa carauela que foi diante alguns dias. Tanto que Elrey soube das naos, mandou desembarcar o capitaõ mór, a quem acodiraõ todos os grãdes, & fidalgos da corte, q̄ o acompanharaõ a te o paço, a onde elle entrou, leuãdo sempre pella maõ Rax Nordim, filho do Guazil de Ormuz. Elrey os recebeu muy bem, & sabẽdo do capitaõ mór as coufas do cerco, & da vitoria mais particularmente, ordenou de festejar ao outro dia as boas nouas, como fez, vestindosse elle, & os Iffantes, & toda a corte de festa, & ouue vm solenne

officio, & missa em Pontifical, & um douto & grande sermão, em louuor d'aquella espantosa victoria, em que se tratou da prudencia, presteza, & esforço do Governador dom Ioaõ de Castro, em que todos os que se acharão n'aquelle negocio tiueraõ muy grande quinhaõ: principalmẽte os mortos, affirmando q̃ eraõ dinos de serem nomeados por martyres, pois morrerãõ pella fẽ de Christo. Elrey escreueo logo ao Summo Pontifice, & a todos os Reys Christaõs a merce que lhe Deos fizera na grande victoria que o seu Governador da India alcançara dos capitaens do Rey de Cambaya, do que todos lhe mandaraõ os parabens. Não se falua em toda a Europa n'outra cosa senaõ n'aquelle temeroso cerco de Diu, & na grande victoria que os Portugueses alcançaraõ do mais poderoso Rey de todo o Oriente, cuja memoria durou por muitos tempos.

Elrey dom Ioaõ depois que affi por informação de Lourenço Pirez de Tauora, como pellas cartas do Governador, soube o estado em que a India ficaua, & q̃ as coufas de Cambaya ficauãõ ainda prenes, quis acodir a ellas com muita pressa, mandando negociar seis naos pera lhe mãdar de soccorro, fazendo chamamẽto de gente por todo o reino, que acodio toda a q̃ se ouue mister.

E por que se não pode dar expe-

diente a todas as seis naos juntas, despido Elrey tres que fez á vela o primeiro de Nouembro, dia de todos os Sanctos, de que deu a capitania mór a Martim Correa da Sylua, a quẽ fez merce da fortaleza de Diu. Os outros dous capitaens eraõ Antonio Pereira, & Christouaõ de Sá. E querendo Elrey gratificar ao Governador dom Ioaõ de Castro, os grãdes seruiços q̃ lhe tinha feitos, & o grande zelo com q̃ arriscou seus filhos na força do inuerno, & a morte de seu filho dõ Fernando de Castro, lhe mandou mais tres annos da governança da India, cõ titulo de Visorrey: & lhe fez merce de dez mil cruzados pera ajuda de pagar suas diuidas, q̃ tomara nos direitos da alfandega. E a seu filho dom Aluaro de Castro, mandou o cargo de capitão mór do már da India, cõ o ordenado q̃ teue Martim Afõso de Sousa: & lhe fez merce mais de dous mil cruzados pera ajuda do custo, & a todos os fidalgos q̃ se acharãõ no cerco, & na batalha, escreueo cartas muy hõrosas, & lhes mandou honras & merces, tendo tãta conta cõ todos, que nenhum ficou queixoso.

Partidas estas naos, mãdou Elrey dar muita pressa as outras tres, de q̃ deu a capitania mór a Francisco Barreto, fazendolhe merce da fortaleza de Baçaim, a quem despachou, & fez á vela entrada de Dezembro. Os capitaens de sua companhia eraõ dom Heitor Aranha fidalgo,

fidalgo, casado em Euora, com hũa dona Maria Caroché : & Pero de Mesquita, que Elrey despachou com a capitania do Galeão da carreira de Maluco. Todas estas naos foraõ seguindo sua derrota, & por que estas da conserua de Francisco Barreto partiraõ mais tarde, quando tomaraõ Moçambique foi a tempo que affirmaraõ os Pilotos que o naõ poderiaõ ja passar á India, pello que ficaraõ ali inuernando.

Martim Correa da Sylua foi seguindo sua viagem, a te se apartarem as naos de sua conserua, com alguns temporaes que lhes deraõ, & em Moçambique se tornaraõ ajuntar, donde partiraõ meado Março, & acharaõ na linha muitas calmarias, pello que se detiuerãõ muito. A nao de Antonio Pereira depois de passar a linha se foi encostando a Sacotorá, a onde as correntes o leuaraõ, & por aquella paragé gastou todo o mês de Abril. E vendo que era tarde pera ir demandar a barra de Goa, se fez na volta de Ormuz pera ir la inuernar, a onde chegou por fim de Mayo, & dom Manoel de Lima festejou muito sua chegada. Antonio Pereira lhe deu as cartas d'Elrey, q̄ yaõ cheyas de grandes agardcimentos de seus seruiços. Esta nao inuernou n'aquelle porto, & naõ sabemos se tornou pera o reino, ou se ficou na India.

Martim Correa da Sylua, &

Christouaõ de Sá, passadas as calmarias, foraõ seguindo sua derrota, & indo demãdar a costa da India lhes deraõ algũas trouoadas, com que Martim Correa da Sylua foi desgarrando, & sem poder ferrar a barra de Goa, foi tomar Angediua, a onde se recolheo pera inuernar, despedindo dali recado ao Governador, pera q̄ o mandasse prouer de amarras, & de todo o mais necessario, & pera q̄ madaße buscar os doentes, q̄ trazia muitos. Christouaõ de Sá, soubese o seu Piloto marear melhor, por q̄ tanto que tomou fundo na costa da India, foi metendo de ló pera se pôr abalrauento de Goa, como fez, & foi auer vista da terra por Carapataõ, & dali foi demandar a barra de Goa, a onde sorgio quasi no mesmo tempo que Martim Correa da Sylua tomou Angediua. O Governador tanto que lhe deraõ nouas da nao do reino na barra, madoi com muita pressa muitos nauios pera a descarregarem, & meterem dentro, & desembarcar Christouaõ de Sá, que recebeu cõ muitos gafalhados, & lhe deu a via d'Elrey, q̄ o Governador abrio, & achou as prouisoens, & aluaras das honras & merces q̄ lhe fazia a elle & a seu filho: o que estimou muito, por ver que tinha Elrey conta com seus seruiços. E ainda ouue por mór merce a carta q̄ lhe escreueo de satisfaçoens d'elles, & naõ estimou menos a carta que o

Iffante d'ó Luis lhe escreuia, por q̄ era Principe que elle muito amaua pellas obrigaçoens q̄ lhe tinha, por que elle foi o q̄ o pós naquelle estado, & o que sollicitou com Elrey todas suas cousas.

E por que ambas são sustáciaes nos pareceo bem irem aqui insertas pera a todo tempo se saber, como os Reys de Portugal tratauaõ os vassallos que o seruiaõ: & pera que os Visorreys & Governadores da India vejaõ quanto os Reys estimaõ escreueremlhe os merecimentos dos homens na verdade, sem odio, nem affeição, & não formarem em alguns desmerecimentos, q̄ pella ventura não tiueraõ, só por paixãõ, & pera os homiziarẽ com o Rey, como alguns fizeraõ. E tambem foi necessario irẽ aqui as copias destas cartas por honra deste bom Governador, pera que todos saibaõ quaõ bem tomou Elrey a batalha que deu aos capitaens d'Elrey de Cambaya, por q̄ não faltaraõ calumniadores que attribuiaraõ aquelle cometimento mais a doudice que a prudencia, & esforço.

### CAPITULO VIII.

*Que contem a copia das cartas que Elrey dom Joaõ, & o Iffante dom Luis seu irmão escreuerãõ ao Visorrey dom Joaõ de Castro.*

### Carta d'Elrey.



ISORREY amigo, eu Elrey vos inuio muito saudar. A vitoria que nosso Senhor vos deu contra os capitaens d'Elrey de Cambaya, foi de grande contentamento pera mim, como he rezaõ que eu tiueſſe por tal, & tamanho vencimento: & por quaõ grandes merces, & ajudas niſſo recebestes de nosso Senhor: pello que elle seja louuado. Muito se dete á vossa prudencia, & grande animo que na quelle dia mostrastes, & assi no que fizestes no grande & apressado socorro que mandastes á fortaleza de Diu em taõ desuairado tempo, offercendo o amor de vossos filhos, em que se vio bem quanto mais pode com vosco o que importaua a meu seruiço, que o effeito natural de pay: o que eu assi estimo como he rezaõ: vendo que não taõ somente desbaratastes taõ grande poder de inimigos, mas ainda destes segurança a toda a India, no grande receo que aos imigos della fica com esta taõ grande vitoria, & todos estes seruiços que me fizestes he rezaõ que eu tenha na cõta que elles merecem.

Do falecimento de vosso filho dom Fernando de Castro, recebi muito grande desprazer: & assi por elle ser vosso filho, como por q̄

ya bem mostrando naquella idade, qual ouuera de ser em toda a outra: & pois acabou taõ hõradamente, & em taõ grãde seruiço de nosso Senhor, & meu, deueis de sentir menos sua perda, & dar graças a nosso Senhor, por como foi seruido que acabasse, o que sey q̃ vós fizestes, mostrando ainda no esquecimento de sua morte a lembrança do que compria a meu seruiço. Destas cousas todas eu serei sempre lembrado, & naõ sómente volas conhecerei no grande contentamento dellas, mas ainda com muitas merces, á que agora quis dar principio nessas que vos faço a vos, & a vosso filho dom Aluaro de Castro, guardando o remate dellas pera o cabo de vossos seruiços, q̃ eu confio, & tenho por muito certo q̃ seraõ taes, quaes foraõ os que a tegora me tendes feitos. E com esta confiança, & com a experiencia q̃ disso tenho, desejando muito neste tẽpo de vos fazer em tudo merce, considerando quanto isto compria a meu seruiço, & vendop por vossas obras, quanta mais conta tinheis com elle, que cõ todas vossas cousas, ouue por bê de vos naõ dar a licença pera vos virdes como me pedis: pello que vos encomendo muito, & mando q̃ o ajais asfi por bê, & que nesse cargo me queiraes ainda servir outros tres annos: & no fim delles vos mandarey licença pera vos virdes embora: & eu espero em Deos

nosso Senhor que vos dé muito boa disposiçaõ pera o fazerdes. E porem se por cima do que tanto cumpre a meu seruiço, como he ficardes ainda seruindome nessas partes, vos a vós parecer, que tendes todauia necessidade de vos virdes, folgarey de mo escreuerdes, & entre tanto esperareis por minha reposta. Pero d'Alcaçoua Secretario a fez em Lixboa a 20. de Outubro de 1547.

*Carta do Jffante dom Luis.*



**H**ONRADO Visorrey. Recebi vossa carta que veyo nesta armada de Lourenço Pirez de Ta-uora, em que dizeis que recebestes a minha, que por Luis Figueira vos mandey: & agradeçouõs muito dizerdesme, que vos pareceraõ bem as lembranças que vos fazia, & muito mais o pordelas em obra, & abastaua pera o eu crér, que seria asfi, ainda que vos eu naõ conhecera, ouuir o que lá fazeis, & ver quaõ a boca cheya me escreueis vossos trabalhos, pobreza, & abstinencia: cousas com que se vence o diabo, o mundo, & a carne, que nessas partes da India tem tanto poder, o q̃ he mayor vitoria q̃ a d'Elrey de Cambaya, né ainda de todo o poder do Tur-

co. Pello que em quanto viuerdes não deueis de temer cousa algũa, mas antes esperay em nosso Senhor, que vos ajudará como agora fez na defensão, & batalha de Diu. Em cuja vitoria vos tendes muito que lhe louuar, pois vos fez instrumento de tanto seruiço seu, & de Elrey meu senhor: & de tanta hõra vossa, & de todos os Portuguezes: assi dos que se acharão com vosco, como dos que estiueraõ ausentes. E certo que vos tendes feito nesta jornada, des do primeiro dia que tiuestes nouas do cerco de Diu, a te o dia de vossa, & nossa vitoria, tudo o que entendo, que vm valeroso, & astuto capitaõ podia fazer, assi na presteza dos socorros, como em pordes vossos filhos por balifas da fortuna, & perigos do inuerno, & mares da India, pera q̃ os outros os tiuessem em menos: no que se mostra bem claro, quanto mais parte tem em vos o seruiço d'Elrey meu senhor, & obrigação de vosso cargo, que os effeitos naturaes de pay, que são os q̃ mais forçaõ a natureza: & no sofrimẽto que mostrastes na morte de dõ Fernando de Castro vosso filho, se confirma bem esta opiniaõ: & certo que eu o senti por mim, & por vós, & o ouue por mûy grãde perda, por quaõ certos sinaes se nelle viaõ de seu grande esforço, & creio que nisto lho quis Deos pagar, cõ o tirar de vida taõ trabalhosa, por meyo taõ honrado, & de tãta glo-

ria sua, que deue de ser grãde causa de vossa consolaçaõ.

Dom Aluaro de Castro vosso filho não empregou mal sua jornada, pois com tantos trabalhos & perigos socorreo a fortaleza de Diu, a tempo que sua chegada foi por entaõ o remedio della: & do como se nisso ouue, & no dar nas estancias dos imigos, & em tudo o mais, lhe lanço muitas bençoens por vossa parte & minha.

E tornando a vossa determinaçaõ de auenturardes vossa pessoa, & o estado da India por socorrerdes Diu, foi mûy boa, pois de o não fazerdes, estaua tanto mais auenturado, & o chegardes a Diu, & ordenardes vossa desembarcaçaõ, & mandardes que os nauios comessem a terra ao tempo q̃ auieis de dar a batalha, & o modo do cometer que nisso tiuestes, tudo me pareceo dino de agora & sempre darmos muitas graças a Deos nosso Senhor, & de sua Alteza vos fazer muitas merces, á que agora da principio como vereis a cerca de vós, & de vosso filho: & assi o deue fazer, & fará aos fidalgos & caualeiros que nessa jornada com vosco o seruiroã, em especial a dom Ioã Mascarenhas, que se ouue no pezo desse cerco como honrado capitaõ, & esforçado caualeiro. Folguei muito de ver o modo que tiuestes no escrever á S. A. sobre os seruiços que os fidalgos & caualeiros que nessas partes andaõ, lhe fizeram

zeraõ no negocio de Diu, no que se vio que tinheis com seus trabalhos conta: Isto fazey sempre por amor de mim, & folgai de louuar os homens, por que ja que está certo naõ faltar, quem diga delles os males, (que aueis de castigar, os que nelles sentirdes) rezaõ he tambem que os bons os aleuanteis, pera que os que lá naõ poderdes galardoar sua Alteza por vossa informaçãõ o faça.

Eu faley sobre vossa vinda, como me escreuestes, que me elle naõ concedeo, & me deu pera isso duas rezoens, que a meu parecer ainda que vós tenhaes muitas pera vos desejardes de vir, sua Alteza tem muitas mais pera vos mãdar rogar que o siruaes nesse gouerno outros tres annos, o que aueis de folgar de fazer por seruides a nosso Senhor, pella grande merce, que vos tem feito, & a sua Alteza pella confiança que de vós tem, & contentamento de vosso seruiço. E confiay em Deos que vos dará forças pera poderdes com os grandes trabalhos, & defordens da India. E eu espero nelle que fazendo vos assi, venhaes encher estes picos da serra de Sintra de ermidas de vossas vitorias, & que as visiteis & logreis com muito descanso vossõ. Nas cousas particulares vos naõ falo, por que Elrey meu senhor vos escreue o que ha por seu seruiço, em resposta da carta geral que lhe escreuestes, que vi-

nha em muito bom estylo, & em muito boa ordem. Escrita em Lisboa a 22. de Outubro de 1547.

CAPITULO IX.

*De como o Visorrey dom João de Castro adoeceo: & de hũa notauel fala que fez aos officiaes d'Elrey sobre sua pobreza. E de como faleceo: & em que tempo. E das partes & qualidades de sua pessoa.*



**V**ISORREY dom João de Castro (de cujo titulo logo comecou a vsar) despedio com muita pressa as cartas d'Elrey pera Diu aos fidalgos que la ficauãõ inuernãdo, & pera os capitaes de Chaul & Baçaim, por que a todos Elrey escreueo: & o mesmo fez pera Cananor & Cochim. E logo teue o Visorrey o recado de Martim Correa da Sylua. E sabendo estar em Angediua, despedio apressadamente alguns nauios de remo, com todas as cousas que Martim Correa lhe pedia: & muitas esquipaçoens nouas, & conseruas pera os doentes que mandaua trazer, & muito dinheiro & prouimentos pera toda a mais gente que auia de ficar inuernando na nao, pera se lhe pagarem seus quarteis, & darem seus mantimentos. Estes nauios volta-

raõ logo, & por elles mãdou Martin Correa da Sylua as vias d'Elrey, & os doentes todos, que foraõ leuados ao hospital, onde foraõ mūy bem curados. O Visorrey se pagou de dez mil cruzados, de q̄ lhe Elrey fez merces, que logo pagou a pessoas que lhos tinhaõ emprestados, pera as despezas das jornadas que fez.

Andaua o Visorrey neste tempo achacoso, triste, & malenconizado, & com vns fastios de tudo: por q̄na verdade depois da morte de seu filho dom Fernando, nunca mais o viraõ sem achaques: & sobre isso era homem que tratava mal sua pessoa nos regalos della: por que o seu comer foi sempre muito moderado, & o seu dormir pouco, & os trabalhos que tinha leuados na guerra foraõ muitos & muito grandes, & em fim todas estas couças o traziaõ mūy fraco & debilitado. E sobre tudo lhe deiraõ hūas febres de que logo cayo em cama cõ roim opiniaõ dellas: & elle se sintio de feiçaõ, que bem vio que naõ estava pera entender em couça algũa. Pello que entregou o gouerno ao Bispo dõ Ioaõ d'Albuquerque, & ordenoulhe por coadiutores o capitaõ da cidade dom Diogo d'Almeida Freire, & o doutor Francisco Toscano Chanceler do estado, & Baltiaõ Lopez Lobato Ouuidor geral, & Ruy Gonçaluez de Caminha veador da fazenda: sobre quem descarre-

gou todas as couças do estado: por que se recolheo com seu confessor pera tratar só de sua alma.

E por que estava taõ pobre, q̄ naõ auia em sua casa dinheiro cõ que se corresse coas despezas de sua infirmitade, & com o ordinario de seus criados, & elle naõ se queria indiuidar, nem pedir ja aos homens emprestimo, fez vñ dia chamamento de todos os deputados, & de outros perlados & pessoas doutas, & religiosas, como foraõ o Padre mestre Pedro Vigairo geral da India: Frey Antonio do Casal Custodio de Saõ Francisco: o Padre mestre Francisco da Companhia de IESV: & os officiaes da fazenda d'Elrey. E tẽdo todos presentes, assi deitado em sua cama, ja fraco & debilitado lhes fez esta breue fala.

#### *Fala do Visorrey.*

**M** Andeuos senhores chamar pera vos dizer o estado, & necessidades a que sou chegado: q̄ naõ ouue oje nesta casa dinheiro com que se comprasse hūa galinha pera minha pessoa. Porque fiquei taõ despezo & indiuidado pellos grandes gastos que fiz estes dous annos nas guerras passadas, que a te dos meus ordenados estou pago adiantado a te quinze de Setembro que vem: & confieffouos que naõ ouso a pedir dinheiro em prestado a pessoa algũa per a mim, como nunca fiz, por que o ouue por

por mūy grande inconueniente pera o homem que está neste cargo: por que lhe conuem que esteja liure & isento com os homiens pera fazer justiça direita a todos. E pois não tenho outro remedio peço aos veadores da fazenda, & officiaes d'Elrey que aqui estão, q̄ estes coatro meses que ha d'aqui a te virem as naos do reino, me queiraõ ordenar hũa despeza honesta da fazenda d'Elrey, pera os gastos de minha casa conforme a minha calidade, & á pessoa que represento. E se virdes que tenho alguns gastos desnecessarios & sobejos, vos peço que os corteis: & pera isso não quero que pessoa de minha casa corra coas despesas della, pera que o dinheiro de S.A. seja despellido com muito resguardo. Tambem vos peço que ordeneis vm official pera se lhe dar aquillo que aluidrardes que se pode despender comigo, pera correr tudo por sua mão. E assi vos peço que algũas diuidas que ainda ficaraõ, que não pude pagar (que todas tenho feitas em seruiço d'Elrey nas guerras passadas por mar & por terra, em dar de comer a muita gente, & sustentar muitos soldados) que as queiraes mandar pagar do dinheiro d'Elrey. E assi isto, como tudo o mais mandareis assentar em vm liuro separado q̄ estará em poder do tífoureiro d'Elrey, pera a todo o tempo que eu o poder pagar, o faça. E se eu mor-

rer, elle auera por bem de me fazer merce de tudo.

E tomando vm missal, pos sobre elle a mão direita dizendo: Por este juramento dos santos Euangelhos que a te esta hora em que estou, não sou em encargo a fazenda d'Elrey d'vm só cruzado, nem a algũa outra pessoa de cousa que lhe tomaste Cristão, Iudeu, Mouro, ou Gentio: nem nunca em quanto gouernei a India tiue genero algum de trato de mercadoria, nem por outra algũa via tenho, ou tiue proueito algum: antes ate gora viui & gastei de meus ordenados, sem me ajudar de outra algũa cousa. Nem em meu poder nem fora delle tenho se não aquillo que trouxe de Portugal pera o seruiço & autoridade deste cargo. E àinda desta pouca prata de meu seruiço he quasi ametade diminuda, parte por ma furtarem, parte por se gastar & quebrar. E de tal maneira & taõ registado fui sempre em minhas despesas, que fora do ordinario não tiue algũa hora posse pera comprar outra colcha alem desta que tenho na cama: nem em minha casa se achara peça que eu fizesse neste estado, tirando hũa espada d'ouro, com algũas pedras de pouca substancia, & vm capacete guarnecido de prata, que fiz pera meu filho dom Aluaro, por que determinaua de o mandar este anno que embora vem a Portugal,  
a servir

a servir Elrey nosso Senhor na corte & na guerra: E de tudo isto que aqui disse & jurei vos peço que mandeis fazer um termo em que todos os que aqui estaes se assine: pera que a todo tempo q̄ se achar o contrario disto que aqui jurei, Elrey nosso senhor me castigue como a perjuro a fé, & destruidor de sua honra & fazenda.

Este auto se fez logo, & oje está o proprio, em que todas as pessoas nomeadas se assinarão em um liuro dos registos da fazenda dos contos de Goa, donde o nos tiramos & treslados. E certo que assi devia de andar escrito nos animos de todos os Governadores, & Visorreis da India. E se isto soccedera em tempo d'aquelles antigos Gregos, q̄ com muita rezaõ poderão tresladar este termo em laminas d'ouro, & pregarem nas sobre as portas do Oraculo de Delphos, junto d'aquella notavel, & memoravel sentença que nellas tinhaõ, de, Nosce te ipsum. Por que não ha mór conhecimento de si mesmo, nem mór desprezo de tudo, q̄ o que teue este Visorrey: por que nem aquelle grande desprezo de ouro, & riquezas d'aquelle famoso capitão Fabricio Romano: nem o de effoutro Themistocles Grego chegaraõ a este. E com muita rezaõ podera a vida deste Visorrey ser regra & niuel de todos os outros, & os Reis de Portugal darem o treslado deste auto por regimẽ-

to a todos os q̄ pera a India despaçassem: por que nelle lhes mostrarem a pureza que aõ de ter em sua fazenda: o como aõ de ser registados, & desapegados de tudo pera poderem fazer justiça. O como aõ de deixar servir aos officiaes seus cargos pois lhos Elrey dá por seus serviços como a elles a governança da India: & não taparem as bocas tanto a todos, como depois alguns fizeraõ, que os não deixavaõ comer, sendo a tençaõ d'Elrey que se fartem em seus cargos (como Elrey dom Ioaõ o segũdo disse áquelle Almoxarife que dizia q̄ morria de fome, que pois tinha carne, pescado, azeite, vinho, & biscouto, que se fartasse.) Mas foi o mundo tanto de mal em pior, & assi se trocaraõ estas bollas depois, que este Visorrey pedia aos officias d'Elrey que lhe dessem de comer, & oje não basta pedirem elles aos Visorreys que os fartem, por q̄ comem todos tanto por suas maõs por regra, que não leuaõ bocado a boca que lhe não seja contado. E deixando esta materia que escandaliza, tornemos a nossa historia.

Os veadores da fazeda com os deputados do governo ordenaraõ ao Visorrey pera despeza de sua casa tudo abastadamente: mas o q̄ lhe limitaraõ, & o liuro em que se lançou esta despeza nos o não achamos buscando bem. A doença do Visorrey foi tanto por diante, que

aos catorze dias della deu a alma a Deos nosso Senhor, depois defeitos todos os actos de muito bom Christaõ, com grande dór & magoa de toda a India, que todos o sintiraõ em extremo, por q̃ o amauão como pay.

Faleceo a seis de Junho de 1548. em idade de corêta & oito annos, tendo governado dous & oito mezes, em que entraraõ catorze dias q̃ só logrou o titulo de Visorrey. Buscou se seu testamento pera verem o que mandaua a cerca do seu enterramento, & achouse em hũa boeta do reino, cuja chaue elle comsigo trazia: & dentro nella lhe acharaõ hũas disciplinas q̃ mostra uão que vsaua muito dellas, & a guedelha da barba que mandou de Diu em penhor á cidade de Goa do emprestimo que lhe pedio pera reparar a fortaleza dos grandes danos que no cerco lhe fizeram, & tres tangas Larins. Aberto o testamêto achouse nelle que sua molher & seu filho dom Alvaro de Castro eraõ seus testamêteiros: & mãdaua que o enterrassem em saõ Francisco, & que seus ossos fossem depois leuados á sua capella de Cintra. E encomendaua a seu filho dom Alvaro de Castro que logo se fosse pera o reino. As mais particularidades do testamêto não apontamos, por nos não serem necessarias pera a historia.

Foi dom Ioaõ de Castro filho do Governador de Lisboa dom

Alvaro de Castro (como no principio da historia dissemos) foi casado com dona Lianor Coutinha, filha de Lionel Coutinho que mataraõ em Calecu com o Marichal, & de dona Mecia d'Azeuedo. No estado da mocidade foi bem instruido nas artes liberaes, depois de taõ bom Latino que podia julgar de antre estylo & estylo (como se vio n'aquelle curioso tratado que fez na jornada do estreito do már roxo, quando foi com dõ Esteuaõ da Gama: em que muito curiosamente da rezaõ do por que se chama, roxo, & d'aquellas manchas vermelhas que se achaõ por todo aquelle estreito, com bé diferentes fundamentos, do que fizeram outros que escreueraõ sobre isto, cujo tratado dirigio ao Iffante dom Luis.) Foi muito inclinado & affeiçoado á Mathematica, de que teue por mestre o grande & insigne doutor Pero Nunez em companhia do Iffante dom Luis que tambem a aprendeo. Na quella armada que Elrey mandou de loorro, de que foi capitaõ mór Antonio de Saldanha, foi elle por capitaõ d'hũa Carauela. E cõtasse delle que acabada a jornada, mãdando o Emperador fazer merce de dous mil cruzados a cada capitaõ d'aquella armada Portuguesa, só dom Ioaõ de Castro õs não quis aceitar, dizendo: que elle fora por mandado d'Elrey de Portugal, & que elle lhe faria merce.

Depois

Depois o mandou Elrey a Ceita com hũa armada a talhar a Almina. E assi se feruiu delle nas armadas das ilhas: & depois foi á India com dom Garcia de Noronha ao primeiro cerco de Diu (como fica dito no capitolo oitauo do terceiro liuro da quinta decada) & em tudo deu de si grande satisfação. Morreolhe seu pay, herdou aquella quinta de Cintra a onde se recolheo a filosofar ja dêpois de ser de corenta annos, cortando todas as aruores de fruto que tinha, em cujo lugar fez plantar outras agrestes & peregrinas: & fez ali debaixo de hũa lapa hũa ermida muito deuota. Aqui o ya o Iffante dom Luis ver & communicar: & dali

se lhe affeioou de feição, que o enculcou a Elrey pera o mandar por Governador a India, onde o feruiu com muito zelo, amor, inteireza, & pouca cobiça, como pelo discurso da historia se tem visto: fazêdo tantas, & taõ continuas guerras aos imigos por mar & por terra: andâdo de continuo embarcado com as armas ás costas: Que se affirma que de puro trabalho morreo. E tambem se pode affirmar de sua muita caridade, continencia, pouca cobiça, grãde temor de Deos, & em todos os mais exteriores de Christaõ: que sua alma estará na gloria recebendo o premio & galardão de todos os seus trabalhos.

*Fim do Sexto Liuro.*

LIVRO



# LIVRO SETIMO

## DA SEXTA DECADE

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITOLO I.

*De como por morte do Visorrey dom Foaõ de Castro socedeo Garcia de Sá: & das pazes que fez com o Fdalxã.*

**E**STANDO ainda o corpo do Visorrey dom Ioaõ de Castro por enterrar posto no meyo da capella, mandou o veador da fazenda Ruy Gonçalvez de Caminha trazer o cofre em que estauão as soçessõens da governança da India, que eraõ cinco: & abrindoo per ante todos os officiaes, fidalgos, & capitaens, tirou a primeira & a deu a dom Diogo d'Almeida capitão da cidade, que a examinou cõ o Ouuidor geral, & achou q̄ estaua sam & inteira, sem nella se bolir. E tornandoa ao veador da fazenda, elle a deu ao Secretario que leo em alta voz o titulo de fora que dizia assi. Primeira soçessãõ da governança da India, que se abrirá falecendo o Visorrey dom Ioaõ de Castro, o que Deos não permita: & ao pé estaua Elrey assinado. E abrindoa

a foi lendo alto pera que todos a ouuiffem, & achou nella dom Ioaõ Mascarenhas, que era ido pera o reino. E tornandoa ao cofre, tiraão a segunda, com quem se fez a mesma diligencia, & lendoa acharão dom Iorge Tello, que também era ido pera o reino. E tirada a terceira com quem também se fez a mesma diligencia que coa primeira & segūda, acharão soceder Garcia de Sá que estaua presente: a quem logo ali lhe fizeraõ entrega da governança da India na forma acostumada naquelles estados: dando a menagem do estado da India nas mãos de dom Diogo d'Almeida, capitão da cidade.

Aqui aconteceu hũa galantaria que se notou a Iorge Cabral, que estaua presente: que vendo abertas tres soçessõens disse: Dera algũa cousa agora por saber qual he o rapaz da quinta soçessãõ, que o quarta bem ley que sou eu: & assi o foi por falecimento deste Governador, como a diante em seu lugar se dirá.

Feito o auto da entrega da India, que foi aos seis dias do mes de Iunho do anno de corenta & oito: depois de se enterrar o cor-

po do Visorrey, o mais solenemente que poderaõ, se recolheo o Governador pera sua casa, & comecou a entrar nos negocios de seu cargo. Visitando a ribeira das armadas, & os almazens, mandando prouer todos muito bem, & negociar os nauios com muita pressa, por que determinaua de se embarcar no veraõ.

As nouas da morte do Visorrey dom Ioaõ de Castro corraõ logo por esse fertoã, com que o Idalxá despido vm Embaixador chamado Motabarcaõ, Regedor do seu reino, com grande apparatus pera ir visitar o nouo Governador, & a lhe fazer novos requerimentos sobre as cousas de Mealecan, dandolhe todos os seus poderes pera tratar, & assentar pazes, por que lhe naõ vinha bem ter guerra com os Portugueses, por q̃ lhe era necessario desoccupar-se de tudo pera resistir ao Rey do Canará que lhe fazia dura guerra, & por auer á maõ certas cidades que lhe elle tinha tomadas. Este Embaixador chegou a Goa em Agosto, & o Governador o mandou buscar, & recebeu com grande apparatus, & depois de passada a visita o ouuiu. Elle lhe disse que o Idalxá seu senhor dera as terras firmes de Salfete, & Bardes, ao Governador Martim Afonso de Soufa, com condiçaõ que mandaria Mealecan pera o reino ou pera Maluco, como cõsta d'aquel-

les contratos que apresentaua. Que lhe pedia lhos comprisse, & lhe entregasse Mealecan, ou lhe largasse as suas terras, & tanadarias. O Governador lhe respõdeo, que o Governador que com elle fizera aquelles contratos, estaua no reino, & que elle sem recado d'Elrey de Portugal, naõ podia fazer cousa algũa n'aquelle negocio. Que se trataua só de se segurar de Mealecan, que elle o teria taõ fechado & guardado, que na sua imaginaçaõ estiuesse taõ longe de passar ao Balagate, como se estiuera no reino de Portugal. E q̃ se o pedia pera o ter em custodia em outra parte, que em nenhũa elle podia estar mais seguro que na ilha de Goa, rodeada de vm muito largo rio, & com tantas guardas, & vigias, que naõ podia dar hũa volta na sua cama, que naõ fosse sintido, com o que se auia de auer por satisfeito. O Embaixador despido logo correo ao Idalxá desta reposta, que lhe escreueo que confirmasse nouas pazes, mandandolhe capitulos dellas. E tornando o Embaixador a apertar com o Governador, & mostrandolhe os apontamentos do Idalxá, depois de vistos em conselho, & praticados por todos os capitaens & fidalgos: concluiu-se as pazes com os capitulos seguintes.

Que de nouo se confirmauão as pazes & amizades como d'antes estauão feitas com os Governadores

res passados, com condição q̄ logo entregaria o Idalxá o Embaixador que lá tinha reteudo, do tempo de Martim Afonso de Sousa, com todos os Portuguezes, & todas suas fazendas.

Que nunca mais daria soldo a nenhum Portuguez, que fosse fugido pera seus reinos.

Que as terras firmes de Salsete, & Bardes, nunca mais falaria nellas, & ficariaõ a Elrey de Portugal pera todo sempre, sem os Reys de Visapor terem mais nellas direito algum.

Que se em algum tempo viessem Galés de Rumes á India, seria elle Idalxá obrigado a ajudar, & socorrer o Governador, que no tal tempo governasse a India, com mantimentos, marinheiros, por seu dinheiro: & que nada d'isto dariaõ em algum dos seus portos aos Rumes, nem os agasalhariãõ nellas.

Estes coatro capitulos acima são os q̄ o Idalxá concedeo ao Governador: & os que concederaõ ao Idalxá, são os seguintes.

Que os Governadores da India seriaõ obrigados, a terem vm feitor na cidade de d'Abul, que daria cartazes a todas suas naos, & nauios que d'aquelle porto saíssem, & nelle carregassem.

Que os mercadores, q̄ dos portos de Persia, & Arabia fossem a Goa cõ caualos, os poderiaõ passar ao Balagate: & q̄ os donos delles

podessẽ leuar suas armas, sem lhe entenderem com ellas.

Que o Idalxá poderia mandar leuar todos os annos da cidade de Goa quinze caualos forros de direitos, pera sua pessoa.

Que poderia o Idalxá mandar leuar de Goa todos os annos tres mil pardaos, empregados nas fazendas q̄ quisesse, sem pagar direitos, nem lagimas da sayda.

Que o Governador da India teria Mealecan em muito boa guarda, & vigia, & o naõ mandaria pera fora de Goa, sem primeiro o fazer a saber ao Idalxá.

Destas pazes foraõ lingoas, Coage Percoli por parte do Idalxá, & Ioãõ de Crasto pella do Governador, & logo se juraraõ na cidade de Goa com grandes solenidades: & o Governador despedio vm Embaixador pera ir á corte d'Elrey a velas jurar, & tomar entr'ega do Embaixador & Portuguezes. Este Embaixador foi muito bem recebido d'Elrey, q̄ jurou per ante elle as pazes, & as mandou apregoar por seus reinos: & lhe fez entrega do Embaixador & Portuguezes. O Governador entêdeo o que faltaua do inuerno em algũas cousas do gouerno da Republica. E por q̄ faltaua moeda na cidade, mandou bater hũa d'ouros, da ley dos pagodes redõdas, que vinhaõ da terra firme, que era de corenta & tres pontas, q̄ responde a vinte quilates & vm coarto: & cada

marco d'ouro fica respondendo a sessenta & seta moedas & duas tãgas, oito graõs, & dezasseis auos de graõ. Esta moeda mandou chappar & cunhar d'húa parte com a figura do bemauenturado Apóstolo são Thome, padroeiro da India: & da outra com as quinas das armas reaes de Portugal, & ficaraõse chamando são Thomes, moeda que ainda dura na India & corre por toda ella. E toda a pessoa que metesse ouro na moeda, mandou que de cada marco d'ouro laurado pagasse dous são Thomes: vm pera Elrey, & outro pera os officiaes.

## CAPITULO II.

*De como mataraõ em Diu Luis Falcaõ capitaõ d'aquella fortaleza. E das armadas que Elrey despidio pera a India.*



**E**STANDO húa noite Luis Falcaõ no coarto da prima em sua casa, assentado em húa cadeira, com o rosto pera húa porta que saya pera vm baluarte, onde os soldados vigiauaõ toda a noite, & tinha antre as pernas vm minino, seu filho natural (que depois se chamou Aires Falcaõ, & foi capitaõ de Baçaim, & de Diu,

& tem oje filhos & netos) & como elle estaua com candeas acesas, & os que passauaõ pera o baluarte yaõ de longo da porta, que estaua vm pouco aberta, aponta-raõ da banda de fora com húa espingarda nelle, & tomandoo pella cabeça, deraõ com elle morto no chaõ: & acodindo os seus aos gritos do minino, acharaõ ja o capitaõ morto: & correndo a voz pella fortaleza, acodiraõ todos a sua casa, sem saberem donde lhe aquillo podia vir: & ali de comum consentimento elegeraõ por capitaõ vm fidalgo pobre, acanhado, mas bom homẽ, & bom Christaõ, chamado dó Artur de Crasto. Ao outro dia depois de Luis Falcaõ ser enterrado, se tiraraõ grandes inquiriçoës, sem acharem rasto de cousa algũa.

E como isto era ja entrada de Setebro, despidio dom Artur vm nauio pera Goa com cartas ao Go uernador do que era socedido. Este nauio foi tomar Baçaim: & sabendo dom Ieronymo de Mene-ses, capitaõ d'aquella fortaleza o socesso, receãdo q̃ ouucesse na terra algũa alteraçãõ, se embarcou logo, levando dous nauios com cincoenta homẽs, & atraueffou o golfo (por q̃ os fidalgos d'aquelle tempo traziaõ mais o pensamento no seruiço de Deos, & do Rey, que em outro algum interesse: & assi Deos os ajudaua, & honraua, & lograuaõ o seu pouco, que entãõ tirauaõ

tirauão das fortalezas , o que oje não vemos fazer ao seu muito dos d'agora.) Chegado dom Ieronymo a Diu , o foi dom Artur com todos os da fortaleza buscar ao cais, & o leuou pera sua casa, & logo perante todos lhe pedio, q̄ quillesse tomar entrega d'aquella fortaleza , & lhe offerencia as chaues, por que elle não queria aquella carga. Dom Ieronymo de Menezes teue com elle grandes comprimentos, não querêdo tomar as chaues, dizêdolhe q̄ elle vinha ali a ser seu soldado, & que tudo estava bẽ nelle : & assi ficou sendo seu hospede a te chegar Martim Correa da Sylua como logo diremos, por que he necessario que cõtinuemos com as naos do reino.

Depois que Elrey despido aquellas duas armadas, de que eraõ capitaens mores , Martim Correa da Sylua , & Francisco Barreto, pellas nouas que teue da vitoria de Diu, sabendo que ainda ficaua o estado de guerra com Cambaya perigoso, determinou mandar mais armadas, & gente: por q̄ pera cousa taõ importante, como era socorrer a India, em que esperaua que a ley do Euangelho tanto se dilataffe, não receua despezas, nẽ o impediaõ trabalhos ( q̄ não faltauaõ no reino ) & assi mandou com muita pressa negociar onze naos que repartio em tres capitãias . Das cinco fez capitaõ mór Manoel de Mendoça , que despa-

chou com as fortalezas de Cofala, & Moçambique, que despido entrada de Março. Os capitaens de sua companhia eraõ Iorge de Mendoça, q̄ leuaua á capitania de Goa, Aluaro de Mendoça, Manoel Rodriguez Coutinho , & Bastiaõ de Tayde.

As outras seis naos partirãõ a te vinte do mesmo mês. Das tres dellas era capitaõ mór dõ Ioaõ Anriques, que leuaua a capitania de Malaca: & os capitaens das outras duas naos eraõ Ayres Moniz , & Antonio d'Azambuja. O outro capitaõ mór era Ioaõ de Mendoça o chu, que tambem trazia a capitania de Malaca: & os capitaes de sua conserua eraõ, Fernão d'Aluarez da Cunha, & Diogo Rebello. Estas armadas tiueraõ taõ boa viagem, que Fernão d'Aluarez da Cunha foi ferrar a costa da India em Iulho, & por achar o tempo verde se recolheo a Angediua , a onde estava Martim Correa da Sylua, & d'ali despido recado ao Governador das armadas q̄ eraõ partidas do reino, & das nouas da saude d'Elrey, q̄ foraõ muito festejadas. E entrada de Setembro se fizeraõ á vela pera Goa , & juntamente com ellas forgiraõ as armadas todas, & a de Francisco Barreto que estava de inuernada em Moçambique, q̄ foi hũa fermosa cousa pera ver, por que enchiaõ aquellas naos todo aquelle porto.

Nestas armadas mandou Elrey

os primeiros frades da ordem dos Pregadores, pera na India exercitarem seu officio, & veyo por Vigairo geral de todos, o Padre Frey Diogo Bermudes Castelhana varão douto, & de vida religiosa, & exemplar, & trouxe doze frades, que foraõ bem recebidos em Goa, & fundaraõ o celebre conuento, q̄ oje tem n'aquella cidade.

CAPITULO III.

*De como nesta armada do anno de 1548. de que era capitãõ mór Manoel de Mendoça, trouxeraõ os Padres da Companhia hũa cabeça das onze mil virgens, que foi muito bem recebida em Goa. E das nouas que o Governador Garcia de Sã teve de Diu: & despachou Martim Correa da Sylua pera aquella fortaleza. E dos Embaixadores que a Goa vieraõ dos Reys visinhos.*



V I T A S cousas vieraõ nestas armadas, que alegraraõ a India: mas sobre todas foi hũa cabeça das onze mil virgens, que alguns padres da Companhia trouxeraõ, reliquia muito pera estimar, & q̄ a cidade de Goa o fez muito, & assi

foi recebida com procissaõ muito solenne, em que se achou o Bispo reueftido, & o cabido com todas as freguesias, & ordens: & foi leuada da Sé de Goa a te o Collegio de sancta Fé, que se agora chama de saõ Paulo, que he vm dos Collegios sumptuosissimos, que os padres da Companhia tem pello mundo dos principaes. Com estas armadas ficou a India prospera, de naos que ficaraõ nella, (por que só coatro tornaraõ com a carga) de gente, de dinheiro, & mais cousas. Manoel de Médoça, capitãõ mór das cinco naos em chegãdo a Goa faleceo de hũas camaras de q̄ vinha doente.

No mesmo tempo chegou o catur de Diu com as cartas de dô Artur de Crasto, & de dom Ieronymo de Meneses, em que lhe dauãõ conta da morte de Luis Falcão, que o Governador Garcia de Sá sintio muito, pello que logo despachou Martim Correa da Sylua pera ir entrar naquella fortaleza, & mandou em sua companhia o doutor Manoel de Mergulhaõ a tirar deuaflã da morte de Luis Falcão, & escreueo cartas de grandes agardecimentos a dom Ieronymo de Meneses, pella presteza com q̄ acodio a Diu. E assi despachou Iorge Cabral pera ir entrar na capitania de Baçaim, por ter dom Ieronymo de Meneses acabado seu tempo. Martim Correa da Sylua partio em nauios muito ligeiros,

geiros, & em oito dias foi áquella fortaleza, & tomou posse della, & dom Artur de Craſto ſe embarcou com dom Ieronymio de Meneſes pera Baçaim, que entregou a fortaleza a Iorge Cabral, & dahi ſe paſſou a Goa.

O doutor Manoel de Mergulhaõ fez muito grandes diligencias ſobre a morte de Luis Falcaõ, a te dar tratos a vm ſoldado, por algũs indicios que ouue, mas naõ confeſſou couſa algũa, nem nunca ſe pode deſcobrir a verdade, & aſſi ficou eſte negocio em ſegredo muitos tempos, a te q̃ ſendo Francisco Barreto Governador da India, falecêdo em Bengala vm mulato que ſe chamaua foaõ Leite, q̃ á hora de ſua morte diſſe, que ſe naõ demandafſe a morte de Luis Falcaõ a peſſoa algũa, por que elle o matara.

O Governador tratou de ir ao Norte, por que as couſas de Cambaya eſtauaõ em aberto, & quis prouer a coſta do Malauar, pera onde deſpidio por capitaõ mór Francisco de Siqueira com quinze nauios. Era eſte homem de caſta de Nayres, muito grande caualeiro, & tinha feito tantos ſeruiços ao eſtado, que o fez Elrey fidalgo, & lhe mandou o habito de Chriſto com boa tença. Eſte veraõ fez pela coſta de Cananor, que eſtaua a-leuantada, muita guerra, queimandolhes muitas pouoaçoens, & deſtruindolhes, & cortandolhes mui-

tas palmeiras, & fazendas.

Partidos eſtes nauios ficou o Governador deſpachando os Embaixadores do Camorim, que foraõ confirmar as pazes: & outros do Rey do Canará, & do Zamaluco, do Cotamaluco, & outros que foraõ a viſitar o Governador por ſua ſocellaõ, & a confirmar as pazes. Todos eſtes foraõ bem recebidos & deſpachados. E nas pazes que confirmou com o Rey do Canará fez mudança nos capitulos contra o Idalxá, por ja ter com elle feito pazes, ficando de fora, que nem fauoreceria vm nem outro.

Paſſado iſto deſpachou as naos que auiaõ de ir tomar a carga pera o reino, & eſcreueo a Elrey o eſtado em que a India ficaua. Neſtas naos ſe embarcou dom Aluaro de Caſtro, filho do Viſorrey dõ Joaõ de Caſtro, por capitaõ da nao Roſairo: & ſe embarcaraõ outros muitos fidalgos a requerer ſeus ſeruiços. Neſta armada mandou Coge Cemaçadim, mil quintaes de gengiure, & duzentos de pimẽta, de ſeruiço á Rainha dona Catherina, pera vns chapins, por que tinha della todos os annos carras muito honroſas, & peças, & brincoſos corioſos da Europa: & aſſi mãdou vm Alifante pera ſeruir na ribeira das naos.

Deſpedidas todas as couſas do reino, ficou o Governador fazêdo preſtes toda a armada pera ſe embarcar, & acodir ás couſas de Cam-

baya, por que estauão prenhes, & podiaõ parir novos trabalhos. E andandosse negociando com muita pressa, lhe chegaraõ cartas de Ormuz do capitaõ dom Manoel de Lima, em que lhe fazia a saber, como ficaua aleuantado nas terras do Magostaõ vm capitaõ Abexim Abixlalá, & que tinha tomado a fortaleza de Manojaõ, dõde fazia grande guerra a todo o reino, & lhe impedia as Cafilas que vinhaõ pera Ormuz, com que a alfandega padecia grandes faltas. Estas nouas sintio o Governador muito, por serem aquellas rendas as principaes da India: & despidio com muita breuidade Pantaliaõ de Sá com quatro nauios de remo, em que leuaua perto de cento & cincoenta soldados, que se fez á vela na entrada de Nouembro, & de sua jornada adiante daremos rezaõ.

CAPITULO III.

*De como o Governador Garcia de Sã partio pera o Norte: & das pazes que fez com Elrey de Cambaya, & mandou Francisco de Sã a Surrate.*

Anno 1549.



ESPACHADOS todos os Embaixadores, & as naos pera Cochim, logo o

Governador se começou a embarcar, entregando o governo ao Bispo, & a dom Francisco de Lima capitaõ d'aquella cidade, & com elles outros deputados. E na entrada de Ianeiro deste anno de carenta & noue, em que com o fauor diuino entramos, se fez á vela: Leuaua seis galés, coatro galeoës, dez caruelas, & sessenta nauios de remo. Os capitaens dos nauios grandes, eraõ Francisco Barreto, Christouaõ de Sá, Francisco de Sá de Meneses, dom Ioaõ Anriques, Ioaõ de Mendoça, Aluaro de Mendoça, Manoel Rodriguez Coutinho, Manoel de Sousa de Sepulueda, dom Antonio de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, dom Ioaõ de Tayde, Pero de Tayde Inferno, dom Payo de Noronha, dom Ioaõ Lobo, Lopo Vaz de Siqueira, dom Duarte Deça, dom Iorge Deça, Iurdaõ de Freitas, & outros muitos fidalgos & caualeiros que yaõ nos nauios pequenos. E com bom tempo foi o Governador tomar Chaul a onde se deteu poucos dias, & passou logo a Baçaim, pera mandar continuar na guerra de Cambaya.

Dali despidio Francisco de Sá de Meneses com hũa galé & doze nauios pera se ir pór sobre Surrate, por ser auisado que se esperaua por hũa nao do Achem muito rica. Francisco de Sá se foi lançar sobre aquella barra, defendendo a nauêgação aos nauios de Camba-

ya, em que fez algúas presas. Da chegada do Governador a Baçaim foi logo auisado Elrey Soltaõ Mahamude: & como estaua ja enfadado da guerra, & por causa della seus vassallos pobres, & perdidos, & todo o mantimento de seu reino assolado & destruido, & os pobres & mesquinhos clamauão por paz, determinou de a mandar pedir. Pera isto despedio logo um Embaixador pessoa principal de sua casa pera ir visitar o Governador, & darlhe os parabês de sua socessão, & a volta disso a palpalo com pazes, dandolhe poderes pera tudo o que com elle assentasse. Este Embaixador partio da cidade de Cambayete em tres nauios muito ligeiros, com muitos criados & casa: & em poucos dias foi ter a Baçaim, & forgio na agoada, donde mandou recado de sua vinda: O Governador mandou preparar seu recebimento, & embandeirar toda a armada: & deu recado a todos os fidalgos, & capitaens pera se irem pera elle vestidos muito custosamente. E tendo tudo prestes mandou buscar o Embaixador, que foi passado a hũa galé, ricamente toldada, & alcatifada, & acompanhada de outras, foi entrando pello rio por antre a armada, q̄ lhe deu hũa fermosa salua: & chegado a terra foi desembarcado, & acompanhado da guarda do Governador, & de todos os casados, a te a fortaleza, a onde estaua espe-

rando em falla ricamente aparamentada, & o recebeo com grandes gasalhados. E depois de lhe perguntar pella saude d'Elrey, & por outras cousas breuemente o despedio, & o mandou agasalhar na cidade em casas que pera isso tinha mandado preparar.

D'ali a tres dias o ouuiu com o Secretario, & alguns fidalgos velhos, & elle lhe deu sua embaixada, cuja sustancia era: Queixarse Elrey do Governador dom Ioão de Castro, naõ querer cumprir os contratos das pazes que tinha feitas com o Visorrey dom Garcia de Noronha, & que fora causa da guerra, desejando elle de conseruar a paz & amizade com Elrey de Portugal: & que pois elle socedera em seu lugar lhe pedia quisesse emendar aquellas cousas, & cumprilhe os capitulos das pazes. O Governador lhe respõdeo em forma, deitando de tudo a culpa a Cogeçofar, que fora o autor de todas as guerras. E vindo o Embaixador a puxar por pazes, o remeteo ao Secretario, & outros officiaes. E fazendo seus apontamentos, elle por parte do Soltaõ Mahamude, & o Secretario pella d'Elrey de Portugal, que vistos em cõselho, se vieraõ a concluir as pazes com as mesmas condiçoens q̄ estauaõ d'antes assentadas, tirando o negocio da parede, que naõ foi licito conceder selhe: & nas cousas da alfandega, que ficasse a metade do

do rendimento della pera Elrey de Portugal, assi como ja estaua cōcedido ao Governador dō Estuaõ da Gama.

Estas pazes mandou o Governador logo apregoar por Baçaim & Diu, jurandoas muito solenmente: & despidio o Embaixador com vm rico presente pera Elrey: & mandou outro Embaixador pera ir á cidade de Amadaba a ver jurar as pazes por Soltaõ Mahamude, o que elle fez com grandes festas & alegrias de todos, & as mādou apregoar por todo o seu reino & na cidade de Diu. Passado isto mandaraõ logo assi Elrey, como o Governador officiaes pera correrem com os rendimentos da alfandega, pello modo, & ordem q̄ estaua assentado pellos contratos feitos com o Visorrey dom Garcia de Noreña, que se veraõ na quinta decada, no capitulo setimo do quinto liuro. Com isto cessaraõ ás guerras de Cambaya, & a cidade de Diu se tornou a engrandecer como no estado primeiro. O Governador vendo tudo quieto, & que não auia que fazer no Norte, voltou logo pera Goa, a onde chegou em Janeiro, & começou a entender nos prouimētos de Maluco, & em outras muitas cousas: & ordenou em Goa a casa da poluora, no lugar em que oje está: & mandou armar alguns Galeoens, Carauelas, Galés, & fustas, a que deutanta pressa, que antes que fa-

lecesse (como logo diremos) tinha acabado húa soma disto.

## CAPITVLO V.

*De como Elrey de Tanor, na costa do Malauar se fez Chri slaõ, & veyo a Goa: & do grande recebimēto que se lhe fez.*



**N**A Õ se descuidauaõ neste tempo os conquistadores spirituaes, de exercitar seu officio por todas as partes, & assi cada dia metiaõ na manada de Christo grande soma de infieis, em que entrauaõ muitos Reys & senhores. E destes, os que mereceraõ muito foraõ o Padre Mestre Diogo, clérigo, & letrado, que he aquelle aque Mapheo chama Diogo de Borba, por ser natural d'aquella mesma villa. E Miguel Vaz Vigairo geral, ambos grandes Religiosos, & de muita virtude: que por serem estes, indo depois o Miguel Vaz pera o reino, o tornou Elrey dom Ioaõ logo a mandar com o mesmo cargo de Vigairo geral, & com breues do Papa, pera como Inquisidor Apostolico deuaflar em segredo, de certos Christaõs novos muito ricos, que viuiaõ em Goa escandalosamente, fazendo as cerimoniaes Iudaicas

Judaicas de que a India se começaua a inçar.

E chegando este Religioso a Goa prendeo algúis, & os mandou pera o reino, o que lhe custou a vida: por que os mais tiueraõ maneira com que o mataraõ com peçonha. O Mestre Diogo seu grande amigo sintio tanto sua morte, q̃ logo se meteo frade em saõ Francisco, onde em poucos dias faleceo, & affirmauasse que de nojo. Estes homés ambos fizeraõ muita Christandade: & o Mestre Diogo em tempo do Governador dom Esteuão da Gama, passou a costa da Pescaria a chamado dos Parauás pera se fazerem Christaõs.

Saõ estes Parauás naturaes de toda aquella costa, & viuiaõ de pescar aljofres, que por ella ha muitos: & depois que os Mouros fizeraõ ali sua viuenda, & tiueraõ posse & poder, começaram aos auexar, & priuar d'aquella pescaria, querendolhes tomar aquelle proueito pera si. E querendo elles remir sua vexação, por conselho de vm Ioaõ da Cruz de sua nação, q̃ ja tinha andado no reino de Portugal, mandaraõ Embaixadores a Cochim a pedir focorro, & que se queriaõ fazer Christaõs. Era entaõ neste tempo capitaõ d'aquella cidade, vm fidalgo bom homem, chamado Gonçalo Pereira, (que zeloso do seruiço & hõra de Deos) mādou em seu fauor hũa armada, que opprimio os Mouros, & liber-

tou os Parauás, que se começaram a bautizar (por q̃ na armada mandou o capitaõ Religiosos pera isso.) A isto acodio o Padre Mestre Diogo, & fez muitos Christaõs. E como entaõ não auia na India mais que os frades de saõ Francisco, que não podiaõ acudir a tanto, por que eraõ poucos, & andauaõ repartidos pellas armadas, & estauaõ na cidade de saõ Thome (cuja casa ja estaua a sua conta) ficaraõ aquelles tenros Christaõs, sem poderem ser visitados de Religiosos, se não pellas Corefmas, a que lhe acodiaõ alguns de Cochim, a te q̃ chegaraõ os padres da Cõpanhia, que tomãdo o padre Mestre Francisco Xavier informaçãõ d'aquella costa, & d'aquelles Christaõs, se foi lá com alguns companheiros q̃ ja tinha recebidos, & tornou a aquentar aquella Christandade, & augmentala, com vm grãde numero de infieis que conuerteo, & fundou por aquella comarca perto de corenta templos, em que se lhes administrassem os officios diuinos, & ali deixou alguns religiosos de vida approuada, pera os doutrinarem, & insinarem as coufas de nossa fé.

D'aqui se passou o Padre Mestre Francisco à ilha de Malaca, a onde fez Christaõs dous Reys, & hũa grande quantidade do pouo, o que aconteceu estes annos atras passados. E neste presente em que andamos, estaua por Vigairo na

fortaleza de Chale vni clerigo chamado Ioaõ Soarez, homem de boa vida, que tomou grande amizade com o Rey de Tanor, que costumaua a ir muitas vezes á fortaleza, & assi se lhe affeiçoou, que se atreueo ao conuidar as vodas do Senhor, sobre o que lhe disse tantas cousas, que o rendeo, & o catechizou. E indo ter áquella fortaleza o Padre frey Vicente companheiro do Bispo, que andaua visitando em seu nome, & achando aquelle Rey disposto pera receber o sancto bautismo lho deu em segredo, sem o saber mais que o Vigairo, & o capitaõ que era Luis Xira Lobo que foi seu padrinho, & lhe poseraõ nome dom Ioaõ. Este segredo quis elle que se tiuesse, por que receaua alteraçã nos seus, & todauia continuaua com os padres, & ouuia suas Missas & pregaçoens, sem mudar o trajo de Gẽtio, nem tirar a linha que he a sua insignia, pera mayor dissimulaçã mas trazia vni crucifixo muito escondido a que se encomendaua. E como Deos o tinha tocado, & elle andaua satisfeito, naõ pode deixar de se descobrir á molher, & tanto lhe pregou, & tantas cousas lhe disse da bondade de nossa ley, que a conuerteo, & a trouxe a Chale, & em segredo a bautizou o padre Vigairo, com dous ou tres filhos mi-ninos que tinha. E como elle de verdade estaua abrasado em seu coraçã com a ley de Christo, &

todas as cousas della lhe pareciaõ cada vez melhor: & ouuindo falar nos officios diuinos que em Goa se celebrauaõ, no grande aparato & cerimonia delles, desejou summamente de ir a Goa, assi pera os ver, como pera ir dar obediencia ao Bispo, como a prelado mayor da India. Isto communicou com o Vigairo, que lho louuou, & o escreueo ao Governador Garcia de Sá, & ao Bispo, a quem Elrey tambem significou por cartas sua vontade.

Estas cartas chegaraõ ao Governador em fim de Março: & praticando com o Bispo sobre este negocio, offereceraõ se lhe algũas difficuldades, pera o que foi necessario fazer ajuntamento de Theologos. E sendo todos presentes lhes leo o Governador a carta d'aquelle Rey Christaõ, & a do Vigairo, pera que soubessem dos grandes desejos que tinha de vir a Goa a dar obediencia a seu prelado, como filho Catholico da Igreja: q̃ elle folgaria de o satisfazer em tudo como homem conuertido de nouo á nossa sancta fé, pera que os outros se mouessem a recebela, vêdo quanto nós honrauamos, & estimauamos os que se conuertiaõ a ella. Os Theologos praticaraõ sobre aquelle negocio, & disseraõ alguns que naõ era licito receberse vni homem que sendo Christaõ, trazia ainda descuberta a insignia de Gẽtio, por que a fé naõ se auia de

de confessar samente com o coração, mas com a boca, & sobre isto deraõ muitas rezoens, & alegaraõ a diuina escriptura. O Bispo votando n'aquelle negocio disse, que quanto á linha, que aquelle Rey trazia por fora, não era inconueniente algum pera deixar de ser auido por Catholico, por que da Escriptura sagrada tinhamos q̄ Ioseph Ab Arimathia, Nicodemus, Gamaliel, & outros homens, auidos por justos & sanctos, que foraõ discipulos do Senhor encubertamēte por medo dos Iudeos, não mudaraõ seus vestidos: & q̄ os Apostolos de Christo Senhor nosso, primeiro que fossem cheyos do Spirito sancto, estiuerãõ alguns dias escondidos em hũa casa: & q̄ São Sebastião sendo Christo, andaua com trajos de Gento, & soldado Romano: & que quando lhe foi necessario confessar a fé de Christo, o fez, & morreu por ella. Que aquelle Rey estaua ainda tenro na fé, & era licito concederemlhe algum tempo pera ir molificando seus vassallos, pera os trazer á ley de Christo, o que se auia de fazer com tempo, por que (segundo o Sabio) todas as cousas o tinhaõ. Com estas rezoens concederaõ todos que se lhe desse licença pera vir a Goa, com o que despidio o Governador logo dom Ioaõ Lobo com oito nauios pera ir buscar áquelle Rey, & hũa galeota muito bé pe-

trechada pera sua pessoa, & vm Ioaõ Lopez cidadão de Goa nella, com todo o seruiço de cama, & mesa pera sua pessoa.

Estes nauios chegaraõ em poucos dias á barra de Tanor, tendo ja este Rey recado da vinda dos nauios, por cartas que Luis Xirra Lobo lhe mandou diante. El-rey se começou a negociar pera se embarcar escondidamente, o que não pode ser com tanto segredo, que os seus familiares o não viessem a saber: & acodindo os Regedores lhe fizeraõ força, & o fecharãõ na fortaleza. Mas como elle estaua com aquelle feruor, & desejo, lá teue maneira com que de noite se lançou do muro abaixo por hũa corda, & escalaurado na cabeça, & mãos foi ter á praya, & a nado foi tomar vm dos nauios da armada, & dandosse a conhecer foi leuado ao capitãõ mór, que com grandes honras o embarcou na galeota, & o entregou a Ioaõ Lopez, que o agasalhou & seruiu muito bem, dandolhe trajos á Portuguesa, que pera isso leuaua feitos, & por todo o caminho a te Goa o foi seruindo muito abastadamente.

Dom Ioaõ Lobo despidio diante recado ao Governador, que lhe mandou preparar vm muito honroso recebimento, pedindo á cidade que lhe fizesse todas as honras que faria a vm Rey de Portugal se ali viesse. Chegado El-

rey á barra de Goa, achou nella dom Francisco de Lima capitão da cidade que o esperaua cõ muitos nauios embandeirados, & hũa fermosa Galé ricamente paramentada pera sua pefsoa. Depois de o receber, & saluar, o passou á Galé, & foraõ entrando pello rio dentro a te as casas de Sanctos, que estauaõ prestes pera elle: O rio estaua coalhado de embarcaçoens grandes & pequenas embandeiradas, & enramadas, com muitos, & diuersos instrumentos, danças, folias, & inuençoens, de feiçaõ que foi a mais fermosa coufa que Elrey nunca vio: & sobre tudo o que mais estimou foi ver aquella fermosura, & grandeza da cidade de Goa, & os diuinos templos; que de hũa & d'outra parte do rio lhe yaõ mostrando, a quem elle ya fazendo seu acatamento. Chegado ás casas de Sanctos (que eraõ de Antonio pefsoa) foi desembarcado, & agasalhado aquelle dia & noite, com todo o seruiço Real, que o Governador tinha repartido por casados, com camas muito ricas & coriosas. Ao outro dia se tornou a embarcar na galé, & rodeado de mais de cem nauios de remo, cheyos de muitos instrumentos de alegria, foi a te o cais q̄ oje he dos Visorreys, onde se lhe deu hũa soberba salua de artelharia, com grande terror, & espanto. Ali desembarcou á Portuguesa, com çapatos, calças, capa, & espa-

da d'ouro, colar, gorra, com plumas, & no cais achou o Governador acõpanhado de todos os fidalgos, & capitaes, que o recebeo com muitas honras. E pondoo á sua mão direita foraõ andando pera a cidade por baixo de muitos & fermosos arcos de rama, & de peças de seda de todas as cores, & com muitas outras louçainhas.

E chegando á porta que sae ao cais, achou o capitão da cidade com os vereadores & officiaes da camara, muito bem vestidos: & o capitão dom Francisco de Lima, primeiro que Elrey entrasse pera dentro chegou a elle com o procurador da cidade, que leuaua nas mãos vm muito rico prato de bastiaes d'ourado, & nelle as chaues da cidade, que lhe o capitão apresentou, dizendolhe.

Estas senhor saõ as chaues desta cidade, que oje em nome d'Elrey de Portugal apresentou a V. A. & nella pode d'oje por diante mandar tudo, como se fora de V. A. por que disto he elle muito seruido. Elrey cõ muita graça, & com mostras de grande contentamento, d'aquella honra, que elle estimou sobre todas, tomou as chaues & disse, q̄ elle era irmão & seruidor d'Elrey de Portugal, & q̄ como tal merecia todas aquellas honras, & gasalhados que lhe faziaõ: & pondoo sobre sua cabeça as tornou ao capitão.

Acabado isto estenderaõ os vereadores

readôres v m muito rico paleo, & o tomaraõ debaixo, indo o Governador sempre á sua maõ esquerda praticando com elle muito rizonho, & alegre. E entrando na cidade acharaõ o Bispo reueftido em Pontifical, com vm crucifixo nas maõs, & todo o cabido, clerigos, & religiosos em prociffaõ. Chegado Elrey ao Bispo, prostrouffe degielhos diante delle com muita veneraçãõ, & fez sua adoraçãõ ao crucifixo, & o beijou com muita humildade. E assi em prociffaõ foi leuado pella rua direita que estaua muito ricamente paramentada, com lindas & coriofas inuençoens, & muitas damas pellas janellas, ricamente ornadas & atauadas, que de cima lançauãõ muitas & preciosas agoas de cheiro, & muitas rofas, & boninas: & a cidade, & aquella rua toda se desfazia em danças, bailos, tangeres, & folias. E era taõ grande o concurso da gente, que não podiaõ todos os meirinhos, & justiças fazer caminho. As bombardadas assi no mãr, como na terra, eraõ tantas, que parecia que se desfazia o mundo. Chegados á Se, que estaua fermosamente armada, & com muitas charamelas, & trombetas, pòs o Bispo o Crucifixo no altar mayor, & Elrey fez sua oraçãõ muito deuotamente, & a capella, que era excellente, cantou o hymno, Te Deum laudamus, &c. & no cabo

delle lançou o Bispo a bençaõ, assi vestido como estaua em Pontifical.

Acabado este deuoto acto (que moueo muito áquelle Rey) foi d'ali leuado às suas proprias casas a ceualo, acompanhado do capitaõ, & de todos os cidadaõs, indo diante delle aguarda do Governador, com os leus officiaes. Ao outro dia foi Elrey visitar o Governador, & lhe pediu mãdafse chamar o Bispo, & perlados, & os fidalgos velhos, que tinha q̄ lhe dizer. E vindo todos lhes fez ali esta breue fala.

Depois que Deos nosso Senhor foi seruido, & ordenou por sua diuina mitericordia q̄ eu saiffe das treuas em que estaua, & entrasse na luz da verdade, & que tiuesse conhecimento de sua diuina ley: nenhũa outracoufa mais desejei, q̄ trazer á mesma verdade, não lã meus subditos & vassallos, mas ainda todos os Reys & Principes Malauares, meus visinhos, & acender em sodos olume da fẽ: mas he necessario proceder neste negocio (q̄ he de mudar ley) com muita ordẽ & brandura, por quaõ difficultoso he, querela arrancar logo da primeira pancada das gentes q̄ estaõ taõ areigados em seus antigos ritos & supersticoes. E eu como quẽ os conhece, & fuy de sua mesma ley & natureza: entendo que he necessario muito tempo, & muitas molificaçoes & mimos, cõ q̄ deter

mino correr com todos. E quanto ao que toca a mim, eu me atreuo (mediante a graça diuina) prometter diante deste tão Catholico ajuntamento, que tenha sempre muito inteiramente abraçada a fê de Christo: & ao mesmo Deos dou por testemunha de minha consciencia: & cada dia lhe peço com grande veneraçã, & humildade, me dé forças pera poder resistir nas batalhas spirituaes, cõtra os imigos d'alma, porque sem elle o não poderei fazer: & como Catholico filho da igreja dou d'agora por diãte a obediência, ao Bispo meu perlado q̄ está em lugar do sũmo Pontifice, & conheço a igreja Romana por cabeça de toda a Christandade. E assi lhe peço como perlado, & cura da minha alma, q̄ me de o Sacramẽto da cõfirmação, porq̄ me não fique acto algum de Christãõ por fazer.

Acabada esta fala lhe respondeo o Bispo. Que louuaua, & engrandecia muito ao Senhor Deos por tamanha merce como aquella, & que aquelle sançto zelo Catholico que mostraua de seu seruiço, elle teria cuidado de lho pagar, com o sustentar em sua fé. E que quanto a seus vassallos, era necessario pera se mouerem a receberem a sançta ley de Christo, saberem elles que a tinha elle recebido: por que os costumes dos Reys, era muito natural seguiremnos os vassallos: & que

os homens mais se mouiaõ por exemplos, que por preceitos. Que pera merecer mais com Deos, & obra tamanha ir adiante, compria descobrirle a seus vassallos, & que não receasse alteraçã algũa: & q̄ confiasse mais na ajuda, & fauor diuino. que na prudencia & saber humano. E que quanto ao Sacramento da confirmação, estaua prestes pera isso: & logo na capella do Governador lhe deu a sançta Crisma, & o Governador foi seu padrinho.

Esteue Elrey dez dias em Goa, em que correo, & visitou todos os templos sançtos, & esteue aos officios diuinos, & a vm de Pontifical que o Bispo celebrou com mũy grãde aparato. Em todas as igrejas se lhe armaua setial, & lhe dauã o Euangelho, & a paz, & o incensauãõ, como costumaõ fazer a os Reys Christãos. Em todos estes dias assi de dia, como de noite, ouue muitas festas, danças, momos, autos, touros, canas, com tantas riquezas, & apparatus, que estaua aquelle Rey pasmado de ver o estado, & costume dos Portugueses. Deraõlhe os fidalgos muitos banquetes, & peças.

Passados os dez dias, despedido do Governador, Bispo, & cidade, se tornou pera seu reino nos mesmos nauios. Estas nouas creueo o Governador & o Bispo a Elrey nas naos seguintes, que elle festejou muito, & as mandou  
a Ro-

a Roma a dom Afonso d'Alencastro que lá estaua por Embaixador, pera que o fizesse a saber ao sancto Padre, que entaõ era Iulio terceiro, que mandou fazer em Roma grandes procissoens, & disse Missa em Põtifical, & ouue vm douto sermaõ, em que se disseraõ muitos, & grandes lououres d'Elrey dom Ioão de Portugal, por em seu tempo entrarem na manada dos Catholicos, os mais barbaros Principes do Oriente.

## CAPITVLO VI.

*Das cousas que acontecerã a Francisco de Sá em Surrate, com hũas naos de Mouros. E de como o Governador Garcia de Sá despachou as cousas de Maluco. E do casamento de duas filhas.*



**F**RANCISCO de Sá de Meneſes q̄ estaua sobre Surrate esperãdo as naos do Achem, se deixou estar sobre aquelle porto a te meado Março: & hũa tarde ouue vista de duas fermosas naos, & de hũa Galeota, que com o Noroeste em popa v inhaõ demandar a terra. Eraõ estas naos do porto de Tanaçarim na costa de Pegú, & vinhaõ carregadas de muitas & ricas fazendas. Francisco de Sá tanto q̄

as vio, preparouſe, & poſto em arinas as foi demandar, & ſendo a tiro de camelo lhes tirou a amainarem, mas como ellas vinhaõ confiadas na muita artelharia, & na muita & eſforçada gente que traziaõ, naõ fizeraõ calo de couſa algũa, & deixaraõ ſe vir ſeu caminho com o vëto que era muito freſco. Francisco de Sá as rodeou, & foi eſbombardeãdo, por ver ſe as podia deſaparelhar, o que naõ fez, ainda que todauia lhes foi deſfazendo as obras de cima, com cujas rachas lhes matareaõ muita gente: mas ellas como vinhaõ auiaadas, & com vento proſpero, foraõ tambẽ laborando com a ſua artelharia com que deſaparelharaõ algũas fuſtas, & matareaõ alguns ſoldados. Os noſſos naõ oularaõ a inueſtir as naos, aſi por ſerem os mares grãdes, como por ellas ſerem muito alteroſas, & naõ quiſeraõ arrisicar os nauios, & aſi foraõ cõ ellas a te a barra de Surrate, a onde lhes anoiteceo. Francisco de Sá vendo que tinha os nauios deſtroçados, & que as naos estauaõ ſurtas no primeiro poço, a onde lhes naõ podiaõ ja fazer dano, que o naõ recebeſſe elle mayor, voltou pera Baçaim, a onde reformou os nauios, & d'ali ſe fez á vela pera Goa.

O Governador depois de chegar áquella cidade, começou logo a entender nos negocios de Maluco, & nos de Iurdaõ de Freitas, que ſe andaua liurando das culpas q̄

lhe Bernaldim de Sousa tinha mādado, o que cessou pella morte do Visorrey dom Ioão de Castro . E mandando o Governador que se corresse cō elle fizeraõ o feito findo, & o despachou com os letrados, & pronunciou que fosse Iurdaõ de Freitas acabar o tempo de sua capitania, & que se lhe tornasse toda a fazenda que lhe estava socrestada. Com esta sentença se começou a fazer prestes pera se embarcar no Galeaõ da carreira, de q̄ era capitaõ dom Iorge Deça . O Governador por q̄ sabia que Iurdaõ de Freitas viera de Maluco muito quebrado com Bernaldim de Sousa, a quem por suas partes & qualidades quis mostrar respeito, & euitar escandalos, despachou Christouaõ de Sá seu sobrinho por capitaõ de hũa Carauela pera ir a Maluco, & lhe deu hũa prouisaõ em segredo, pera Bernaldim de Sousa lhe entregar a elle a fortaleza, em que ficaria por capitaõ a te Bernaldim de Sousa se embarcar pera a India, & que depois entregasse a fortaleza a Iurdaõ de Freitas: por que naõ quis que Bernaldim de Sousa, o tempo que estivesse em Maluco, ficasse debaixo da jurdição de Iurdaõ de Freitas, por atalhar desgostos & desordēs.

Partidos estes nauios, despachou o Governador alguns capitães pera irem inuernar a Diu, & a Ormuz, & proueo nas cousas d'aquellas fortalezas, & de outras co-

mo lhe melhor pareceo.

E por que se via velho, & com duas filhas molheres, & sem mãy, ordenou de as casar como fez . A mais velha chamada dona Lianor d'Albuquerque, com Manoel de Sousa de Sepulueda ( com quem se dizia que estava ja casada a furto do pay . E a outra dona Ioana d'Albuquerque com dom Antonio de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha: q̄ tinha a capitania de Malaca : & era o mayor, & mais fermoso homem q̄ na India auia: a quem deu o bom velho em casamento tudo o que tinha: & ambos foraõ jutos á porta da igreja a pé : por que poufaua o Governador nas casas do Sabayo, q̄ estão perto da Sé . O Bispo os recebeo, & a cidade lhes fez muitas festas . Dom Antonio de Noronha ya muito galante, & custosamente vestido : Manoel de Sousa naõ leuaua mais que os trajos ordinarios que costumaua a trazer.

De Manoel de Sousa naõ ficou no mundo geraçaõ algũa de sua molher, por que se perdeu indo pera o reino cō sua molher & filhos, como em seu lugar diremos. Teue dous filhos antes de casar, vñ macho, & hũa femea, em hũa molher casada com vñ homem muito nobre & fidalgo nos liuros d'Elrey, q̄ sua mãy depois da morte do marido declarou por seus : a filha foi leuada pera o reino a onde a meteraõ

teraõ Freira: o filho era vni soldado taõ pontual, & caualeiro, q̃ naõ oufou pefsoa algũa a lho descobrir, & afsi faleceo ca.

Dom Antonio de Noronha viueo tambem pouco elle & sua molher, & ficoulhe vni filho chamado dom Garcia de Noronha como o auó, que foi leuado a Portugal minino a onde se criou, & de pois de ter idade pera feruir Elrey, tornou á India com vni aluara de lembrança pera lhe daré Ormuz. Casouffe na India com dona Felipa filha do Licenciado Tintino Martins, Procurador dos feitos da fazenda d'Elrey, homem nobre, Christaõ velho: viueo tambem este fidalgo pouco, ficoulhe hũa filha chamada dona Ioana como sua auó, que sua mãy leuou pera o reino, & se foi apresentar em Aueiro, em companhia de hũa sua irmã, molher de Francisco de Sousa Tauares, o manco.

## CAPITULO VII.

*Das cousas que acontecerã em Ormuz, no aleuantamento do Bislalà: & de como dom Manoel de Lima o mandou matar.*



VIA no reino de Ormuz vni capitaõ Abexim chamado Bislalà, que Elrey de Ormuz trazia com

guarniçaõ de soldados nas partes de Manojãõ, pera fauorecer as cafilas que vinhaõ pera Ormuz, das partes de Persia, & Coraçone, & todas as mais, pera as segurar de muitos ladroens, que por ali as costumauaõ a saltar, por cujo medo deixauaõ muitas vezes de vir a Ormuz, & aquella alfãdega padecia muitas faltas. Este Abexim vendosse com poder, fez o que todos os Mouros fazem quando se lhes offerece occasiãõ: que foi grãgear a gente que trazia, & adquirir outra, & levantar-se com aquellas partes todas, recolhendosse na fortaleza de Manojãõ, que he vinte legoas pello fertoã dentro. E d'ali faya a saltar, & roubar as cafilas, & todas aquellas terras, com que veyo a engrossar, & a se fazer muito poderoso. Disto foi logo Elrey de Ormuz auisado, & deu conta do negocio a dom Manoel de Lima, capitaõ d'aquella fortaleza, pe dindolhe que lhe desse ajuda pera mandar contra o Bislalà, pois aquelle reino era d'Elrey de Portugal: & as perdas lhe tocavaõ mais que a elle. Dom Manoel de Lima mandou logo negociar vni Aleixos Carualho, & lhe deu cento & vinte Portugueses pera passar á outra banda, em companhia dos capitaens d'Elrey de Ormuz, pera irem buscar o aleuantado, & segurarem os naturaes, q̃ fogiaõ, & desemparruaõ as terras. Esta gente andou da outra banda perto de

dous mezes , tendo alguns recontros com os imigos , de pouca importancia.

Estando o negocio neste estado chegou Pantaliaõ de Sá que atras dissemos, no capitulo terceiro do liuro setimo partido de Goa pera acodir a este negocio . Dom Manoel de Lima o despido logo pera a outra banda com a gente que leuaua, & com a outra que lá tinha. Aleixo Carualho per fez trezentos homens, & em companhia dos capitaens d'Elrey de Ormuz que leuauaõ dous mil, foraõ buscar o aleuantado . E como elle andaua muito poderoso , & era ladraõ de casa, que sabia as entradas, & saídas, naõ lhe daua dos nossos cousa algũa, nem tambem se queria encontrar com elles : por que como trazia grãdes espias, naõ fazia mais que desuiarse, & fazer todos os danos que queria, & podia, comendo as terras sem contradição algũa. Pantaliaõ de Sá andou por aquelle Magostaõ mais de dous mezes sem fazer cousa algũa , & enfadado de tudo se recolheu pera Ormuz, sem ordem do capitaõ , que se tomou muito , & tiueraõ sobre isso taes palauras , que o mandou Pantaliaõ de Sá desafiar por hũa carta : dom Manoel de Lima lhe respõdeo por outra, que elle guardaua sua carta pera responder a ella, como acabasse o tempo d'aquella fortaleza, de que tinha dado a menagem a Elrey : & como

se desobrigasse, elle lho lembraria. Pantaliaõ de Sá se embarcou pera a India, & depois que dom Manoel de Lima acabou o seu tẽpo, naõ se encontraraõ nella, por que o tempo o desuiuou, que Pantaliaõ de Sá foi despachado depois com Cofala, & casou na India , a onde esteve a te o tempo do Conde do Redondo , em que se foi pera o reino: & lá encontrãdosse em hũa rua (estando a cousa bem esquecida de tantos annos, & elles taõ velhos) saudandosse, Perguntou dõ Manoel de Lima a Pantaliaõ de Sá, como estaua? elle lhe respondeo que velho. Ao que dom Manoel de Lima lhe disse, velho naõ está vossa merce , se naõ muito bê desposto. Desta palaura (segundo que na India nos contaraõ alguns fidalgos) entrou a desconfiãça em Pantaliaõ de Sá de maneira, que indosse pera casa lhe mandou hũa carta em que lhe tornou a lembrar as cousas de Ormuz, pedindolhe que se vissem no campo. Dom Manoel de Lima o foi esperar a elle, & pelearaõ, & se feriraõ: & o que mais passou cá se sabe no reino, & ficaraõ pera naõ deixarẽ de ser amigos, como foraõ.

Tornãdo às cousas de Ormuz. Vendo dom Manoel de Lima que o leuantado andaua senhor das terras sem lho poder impedir , tratou de o mädar matar. Tinha elle vm criado Galego, valente homem, & muito determinado: & tomando

em segredo lhe perguntou, se se atreuia a fazerse fugidisso pera a outra banda, & meterse no exercito de Bislalã, & matalo à besta? & dizendolhe o Galego que si, praticou este negocio com Elrey, & elle lhe passou vm formaõ com letras grandes, & fermosas, chapado com chapa de suas armas, em que perdoaua geralmente a todos os q̄ andauão com Bislalã: & que ninguem entendesse com aquelle Galego se mataste o Bislalã, antes a todos os que o fauorecessem lhes faria muita merce. Com este formaõ se fingio o Galego agrauado, & fogido de dom Manoel de Lima, & passouse ao exercito, a onde andauão outros Portugueses fogidos, & se agasalhou com elles. Ali se deixou andar alguns dias: & vm delles, andando o Bislalã a caualo em campo no meyo de sua gente, encarou o Galego nelle hũa besta, com vm farpaõ, & tomando pel los peitos, deu com elle do caualo abaixo morto. E no mesmo instante aleuantou em hũa lança o formaõ d'Elrey, bradando alto, formaõ d'Elrey, formaõ d'Elrey, perdão d'Elrey pera todos. E acodindo alguns Parseos tomando o Galego, vendo o formaõ d'Elrey, & o perdão tão copioso, & o Bislalã ja morto, se desfez o exercito, & vns se foraõ pera Ormuz, & outros pera outras partes. O Galego se foi pera Ormuz, & Elrey, & o capitão lhe fizeraõ muitas mer-

ces: & desta maneira ficaraõ ascoulas do Manojão quietas.

## CAPITULO VIII.

*Do que aconteceu a Diogo Soares de Mello em Pegũ. E de como foi em companhia d'aquelle Rey contra o de Siãõ E do poder, estado, e ordem, com que este Rey caminha: E do que lhe aconteceu a te chegar a Siãõ.*



O capitulo nono do liuro quinto da quinta decada temos da do cõta, como o Bramã Rey dos reynos de Ouũ, & outros, cõquistou os de Pegũ, & sojeitou todos aquelles viinhos. Este vendosse tamanho se nhor, sabendo que o Rey de Siãõ tinha vn Alifante branco, a que todos os Gentios tinhaõ muito grande veneraçãõ, auendo que a elle como a cabeça de toda aquella gentilidade lhe pertencia mais, que ao Rey de Siãõ, mandoulho pedir por Embaixadores, que lhe inuiou com grande magestade, de que o outro zombou, não lhe respõdendo a proposito. O Bramã auédosse por muito offendido, & afrontado, determinou logo de ir conquistar aquelle reino, & trazer o Alifante branco. E fazendo chamamento de todos os Reys seus vassallos,

*Sexta Decada. Da historia da India*

vassallos, ajuntou innumeraueis exercitos, com que partio contra aquella reyno, quasi nos annos de mil, quinhentos, corenta & coatro. E chegãdo àquella cidade lhe pos taõ estreito cerco, que lhe mãdou aquella Rey cometer todos os partidos que quisesse, tirando o Alifante branco, que elle auia por cousa religiosa, affirmandolhe q̄ sobre elle auia de perder seus reinos. O Bramã que auia muitos meses que estaua n'aquelle cerco: & se esperaua pellas enchentes d'aquelle rio, que alagaõ todos aquelles campos, fez com elle pazes cõ estas condiçoens.

Que o Rey de Sião ficaria seu vassallo, & lhe daria hũa filha pera casar com ella: & que todos os annos lhe mandaria outra dos seus principaes, & certos Alifantes de seruiço. Assentadas as pazes, lhe mandou o Rey de Sião a filha, q̄ elle recebeo por molher' & aleuãtando os exercitos voltou pera seus reinos. Foraõ tontinuando cõ estas pareas a te este anno passado de corenta & oito, em que o Bramã mandou a Sião a recolher as pareas como costumaua, & a lhe trazerem a molher. E querendo Elrey de Sião tomar hũa filha a vm d'aquelles seus principaes, como tinha feito os annos passados a outros de que estauãõ escandalizados, falandosse todos, ou fosse por consentimento do Rey, ou naõ, basta que deraõ nos Em-

baixadores, & os mataraõ.

Chegadas estas nouas ao Pegu sentio as muito o Bramã, & determinou vingar aquella offensa, mã dando logo chamar todos seus vassallos, & ajuntou gandes exercitos, & grandes preparametos, pera não tornar de Sião sem tomar aquelle reyno, & auer aquella Rey às mãos. Disto foi logo o Rey de Sião auisado, & fez chamamento de seus vassallos, & fortificou a cidade de Odia, em que elle residia, lançãdo fora toda a gente inutil, deixãdo só a que podia pelejar, que se affirmava que eraõ perto de seiscentos mil homens. E mandou fortificar vm passo de hũas serras, por onde o Bramã auia de passar, & pòs d'aquella parte vinte mil homens de guarnição, & na cidade recolheo mantimentos pera dous annos, mandou fundir muitas peças de artelharia de brózo: porque tinha officiaes excellentes, & muito cobre que lhe vinha da China todos os annos: & affirmauasse que tinha coatro mil peças assentadas pellos muros, em que auia algũas que lançauãõ pilouro de coatro palmos de roda, & dali pera baixo a te falcoens. E alem disso muitos trabucos, & petrechos de guerra pera sua defensaõ.

O Bramã depois que ajuntou seus exercitos se pòs com elles em campo, & dizia-se que tinha vm milhaõ, & quinhẽtos mil homẽs, & coatro mil Alifantes, & tantos bois,

bois, caualos, & outras bestas de carga, feruidores, roffadores, & officiaes de todas as mecanicas, em tanta quantidade, que quasi se não podiaõ numerar. E estando Elrey ja pera se partir chegou Diogo Soares de Mello (que deixamos partido do rio de Parles, depois d'aquella grande vitoria das galés do Achem, como atras fica dito no capitulo segundo do quinto liuro) que Elrey estimou muito, cõuidandoo pera ir com elle naquelle jornada, com todos os Portugueses que em Pegú auia. E lhe mandou dar muito dinheiro pera repartir por elles, como fez, ajuntando perto de oitenta. Elrey começou logo a marchar nesta forma.

Cada Rey vassallo com toda a gente de seu reino ya separado a hũa parte, tanta distancia vns dos outros, que nunca se ajuntauaõ nẽ misturauaõ: & por tal ordem, que sempre Elrey de Pegú ficaua no meyo, & o mesmo era ao assentar dos arrayaes, por que cada vm o punha sobre si, perto de meya legoa vns dos outros. Só Diogo Soares de Mello com os Portugueses, punha sua estancia muito perto da d'Elrey, por que fiaua mais delles a guarda de sua pessoa, que de seus naturaes.

As principaes pessoas que nesta jornada se acharaõ cõ Diogo Soares de Mello, foraõ seu irmaõ. Dõ Fernando de Noronha filho de

vm irmaõ do Marquez de villa Real, clerigo, que foi o que se perdeu em Baçaim, sendo capitaõ da nao do Governador Martim Afonso de Sousa: Ioaõ de Sousa Rates, Athanasio d'Aguiar, & outros.

Assi foi caminhando este barbaro Gentio, com tanta magestade & grandeza, que excedia a todos os Reys do mûdo, por que nenhũa noite se agasalhaua se não em casas muito fermosas, todas d'ouradas, & lauradas, que cada dia lhe armauaõ de nouo pera isso: por que de Pegú lhe leuauaõ a madeira, armaçaõ, teçtos, portas, & todo o mais necessario, sobre Alifantes que caminhauaõ sempre diãte: & na paragem em que Elrey auia de assentar o arrayal se armauaõ as casas com tanta breuidade que era espanto, por que só pera isso yaõ mais de dous mil officiaes, ferreiros, carpinteiros, cerradores, pintores, d'ouradores, & todas as mais, & vns armauaõ, outros d'ourauaõ, & pintauaõ, outros forjauaõ pregos, & ferragem: de maneira, que quando ja Elrey chegaua, tinha vns fermosos passõs de muitas camaras, varandas, rétretes, cozinhas, em que se recolhia com suas molheres, & os paços todos cercados á roda como hũa fortaleza muito forte. Deixando outra magestade de baixellas d'ouro, & pedraria, de caualos a destro, de Alifantes ageezados pera sua pessoa. De carros triumphantes guardados

necidos & laurados d'ouro, q̄ era hũa machina infinita . Desta maneira foraõ caminhando por via de Martabaõ, que era mais perto.

E chegãdo a vm rio que ali vem embocar (que era vm grande braço do Menaó, q̄ será mais de hũa legoa de largura ) mandou Elrey armar hũa ponte sobre barcas surtas a muitas amarras, por causa da grande corrente, pera por ella passar todo o exercito : Que assi na grandeza como na obra, passou pella que mandou fazer Xerxes sobre o Elesponto, quando passou a Grecia. Por ella passaraõ aquellos innumeraueis exercitos que o Pegú leuaua, & foraõ caminhando de longo de hũas altissimas serras, quasi vinte & cinco dias, sem acharem passagem pera a outra bãda, q̄ parece serem os montes Mandius de Ptholomeo.

Por este caminho passaraõ os nossos grandes fomes, por que os Pegús, & Bramás, não costumãõ levar nos exercitos mais que arroz por que comem todas as ceuandilhas da terra, folhas, & raizes de aruores . E tanto que assentaõ seus exercitos, logo se metem pellos matos á caça de cobras, lagartos, bogios, vssos, tigres, & de toda a outra cousa peçonhenta, de que fazê suas iguarias que comem com o arroz . Mas os Portugueses foraõ comendo á falta de outras carnes, as de Alifantes, caualos, bufaras, & outras aque não eraõ costumados.

E no cabo de vinte & cinco dias, q̄ caminhauaõ de longo d'aquellas serras, foraõ dar em hũa quebrada que ali faziaõ, como aquellas dos montes Caspios, que oje chamaõ Derbent. Aqui tinha Elrey de Siaõ feitos vns muros fortissimos que tapauaõ aquella entrada, com vinte & cinco mil homens de guarniçaõ, pera sua defensaõ.

E por que não auia outro passo fenaõ aquelle, assentou o Bramá sobre elle seu exercito, & cometeo a Diogo Soarez de Mello aquelle negocio, & deulhe Calagoni senhor de Martabaõ com trinta mil homens. Diogo Soarez de Mello mandou assentar algũas peças de artilharia em alguns bastiaes que ordenou, com que mandou bater as trãqueiras dos imigos por muitos dias, sem lhe fazer mais dano, que pellos altos, por serem muito fortes. Os nossos quasi que andauaõ desconfiados d'aquelle negocio, & determinaraõ de cometer aquellas tranqueiras por assalto, o que prouaraõ por algũas vezes sem as poderem caualgar, & tanto porfiaraõ que se poseraõ em cima com muito risco seu, por que lhe matareaõ dous companheiros, & feriraõ todos os mais : & dom Fernando de Noronha leuou hũa espingardada pello pescoço, que lho passou de parte a parte, mas não perigou, por que lhe não tomou a guella. Sobida a tranqueira deraõ os nossos entrada franca as gentes de

de Calagoni, & da outra banda tiueraõ grandes batalhas com os Sioens, em que foraõ desbaratados de todo. Elrey de Pegú passou todos os seus exercitos por aquella parte, & foraõ caminhando por campos muito grandes, & espaçosos, a te auerem vista da cidade de Odia, a onde aquelle Rey estava recolhido com seis centos mil homens de guerra, prouido de mantimentos, & moniçoens para dous annos. O Bramá assentou o seu exercito em hũa parte alta, meya legoa da cidade: & a todos os outros Reys seus vassallos mādou, que cada vm por si assentasse o seu em torno delle, de sorte que ficasse impedida a entrada & saída: & encomendou a Diogo Soarez de Mello a bataria, que fabricou algũas trincheiras em partes mais acomodadas para baterem a cidade, & nellas mandou assentar muitas peças de campo, de todas as sortes.

### CAPITVLO IX.

*Da descripção da cidade de Siao: & de como o Bramá a cometeo, sem fazer cousa alguma: & de como foi contra a cidade de Camambee.*



Cidade de Odia principal do reino de Siao, que he esta sobre que o Bramá está, fica pello rio acima corenta legoas, que he aquelle a que Abrahão Hortelio chama Menaó: que pella situação das tauoas de Ptholomeo parece Doris fluuium, cujas bocas elle mete em perto de vinte graos. He este rio tamanho, & de tal fundo, que a te a cidade podem chegar júcos, & naos nossas, será aqui de largura de meya legoa. E pella margem delle de hũa & outra parte, he todo pouoado de lugares, villas, quintas, palmares, arequaes, & de todas as fruias da India. Dase de longo delle muito gengiure, & tantas canas d'assucar, que he vm numero infinito, de que fazem muito assucar, & vm vinho estilado como agoa ardente de que bebem. Ha por este rio acima algũas tabancas, que são como portagens em que se registaõ os que vaõ para a cidade, & pagaõ alguns direitos, & costumes. E assi mesmo ha muitas varelas, que são mosteiros, em que viuem seus religiosos, & alguns delles muito sumptuosos, & dourados pellos tetos & curucheos. Vaza este rio seis meses, & enche outros tantos. E no tépo das vazantes vaõ os nauios para cima á toa, por que he muito alcãtilado de ambas as partes. A vazante dece com muito

Z

grande

grande impeto, mas a enchente taõ vagarosa & branda, que se não enxerga. E o dia da lûa do derradciro mês, supitamente arre-benta, & alaga todos aquelles campos, muitas legoas á roda, de feição, que ficaõ duas & tres braças de agoa. E por esta rezaõ tem os Sioens suas pouoçoens em lugares muito altos, como os moradores do Egypto: & ficaõ no tempo destas inundaçoens em ilheos no meyo do mar, & ser-uense de hûas pouoçoens ás outras, com embarcaçoës pequenas. Nas costas da cidade que fica pelo rio acima da banda do leuante, he a terra mais alta, & posto que se alaga, não ha tanto.

No tempo que o rio começa a encher, começaõ os laura dores a lurar suas terras, & a semealas: & quando chegaõ as enchentes, ja o arroz está assafonado, & taõ alto, que ficaõ as espigas por cima da agoa: por que he taõ fertil, q̃ a palha do arroz he taõ grossa como vm dedo: & n'aquelles corenta dias que duraõ estes enchentes, vaõ os lauradores com estas embarcaçoës, q̃ são infinitas, & nellas muitas festas, & tangeres, a segar, & á cortar as espigas que ficaõ por cima da agoa, & leuaõ as almadias carregadas pera suas pouoçoens, a onde tem suas eiras. Estes dias são os de mayor regozijo seu que todos os mais do anno.

No tempo destas inûdaçoës to-

das as alimariás do mato, veados, gazellas, tigres, vacas brauas, & outros: se acolhé aos altos, & ali vaõ os Sioës com muitas embarcaçoës a cassa, & dellas os estaõ matando as espingardadas, frechadas, & as pancadas, que he hûa cassa de muito gosto & recreação. E he taõ grande o numero destas alimarias que mataõ, que carregaõ d'ali todos os annos muitos juncos de seus pellames, & os leuaõ a Iapão, a onde fazem muito proueito: por que d'aquellas pelles fazem muitos trajos, quimoës, & outras cousas muito lauradas, como cada dia vemos trazer á India, de que fazem fermosos caparazoens, bastardas, couras, & outras coriosidades, por que são as pelles fermosissimamé te lauradas.

Quando este rio quer tornar a vazar (que he em outra certa conjunção da lûa) sae Elrey da cidade com todos os seus grandes em muitas embarcaçoens muito d'ouradas, & paramétadas cõ muitas festas, tangeres, & instrumentos de toda a sorte, & dizem que vay Elrey lançar a agoa fora, & esta he a sua mayor festa de todas. Tem Elrey mãdado pór vm masto no meyo do rio, guarnecido, & forrado de sedas de cores, & nelle pendurada hûa fermosa joya pera o que mais remar, & chegar primeiro a ella. E postos todos os nauios em ala, arrancaõ a vm sinal que lhe fazem, & vaõ reman-

do á porfia, com tamanhos gritos alaridos, & vozarias, que parece que o mundo se funde: & o primeiro que chega, leua o preço. E neste curso se encontraõ vns com os outros, & se quebraõ, & se espedaçãõ, & desaparelhaõ dos remos, de maneira, que he hũa confusão muito pera ver de fora. Por onde não são tão barbaros, que em seus jogos, & festas, não imitem os antigos Troyanos. (Por que da mesma maneira Eneas, quando chegou a Cicilia festejou com o curso de suas Galés, pondo coriosos preços pera a mais ligeira.) E depois destes Sioens ganharem o preço, tornaõ a voltar pera a cidade com tantas festas, gritas, & tangeres, que parece que se desfaz o már, & a terra em estrondos. Recolhido Elrey á cidade: como n'aquella maré, que he a conjunção que começa vazar a agoa, dizem que o seu Rey a foi lançar fora: por que estes gentios todos os attributos que se deuem a Deos os daõ aos seus Reys, & crêm que todos os bens lhes vem delles.

Quanto á grandeza da cidade de Odia, não ha Portuguez que disso possa dar verdadeira informação, por que os não deixaõ andar por ella. Mas podesse conjeturar por hũa experiencia que fez vm corioso, com quem nos co-

municamos isto.

Este diz, que estando n'aquella cidade, desejava de saber a grandeza della, se embarcara em hũa d'aquellas embarçaõens da terra pequena, & muito ligeira, com determinação de rodear a cidade, (que he toda cercada de agoa) & que partira vm dia de madrugada do bairro dos Portugueses, & que quando tornara era ja alta noite, & affirmava que por sua estimatiua andaria mais de oito legoas. He esta cidade, como agora dissemos, rodeada do rio, & ella toda cercada de muros de adobes: & não fica antre ella & o rio mais, que vm releixo de oito ou noue passos. Tem toda á roda fermosos baluartes, & muitas guaritas, guarnecido tudo de muita, & muy grossa artelharia de bronzo. Na face da cidade, a onde as naos forgem, tem vm arrabalde que tambem he cercado de muro, com seus baluartes, a onde se agasalhaõ os forasteiros, & he feito a modo de ilha, & se diuide da cidade por vm esteiro, sobre que estaõ algũas pontes pera sua firuintia. Tem este arrabalde bairros separados pera todas as naçoens, pera não viuerem misturados, & cada bairro tem suas portas com que se fecha. A cidade he toda retalhada de braços do rio, que por muitas partes en-

traõ, & tornaõ a sair por outras ao mesmo rio: & em todas estas entradas & saídas, tem portas fechadas com cancellas muiy fortes & grossas, por onde abrindosse, entraõ dentro na cidade todas as embarcaçoens pequenas. Ha por dentro muitos & frescos jardins, hortas, & quintaes, pera seus passatempos, & outras grandezas que deixamos, por que naõ sofre a historia tanto.

E tornando a ella: O Bramá tanto que assentou o arrayal, começou a bater a cidade por muitas partes. Elrey de Siaõ, a parte de que se mais temia (que era vm baluarte a onde o rio era mais estreito, & de menos fundo) a naõ quis fiar se naõ dos Portugueses, que mandou recolher d'etro, que quasi seriaõ cincoenta: & elegeraõ por seu capitaõ Diogo Pereira (de que ja em outra parte falamos, fogro de dom Pedro de Crasto, irmaõ do Conde do Basto, & do Arcebispo de Lisboa dom Miguel de Crasto, filhos de dom Diogo de Crasto, & de dona Lianor de Taide) que ali estaua com hũa nao sua: que com muito valor & esforço defendeo aquella parte, fazendo della muito dano nos Pegús, & Bramás: & sem duuida que foraõ os Portugueses a total occasiaõ de se naõ tomar aquella cidade. E por que as particularidades deste cerco naõ fazẽ a caso

pera nossa historia, as deixamos.

Vendo o Bramá que tinha gastado o tempo sem ter feito couza algũa: & que se yaõ chegando as crecentes do grande rio Menáõ, temendo que se o tomassem n'aquellas varzeas, o alagassem, & fouertessem, teue modo com que mandou cometer os Portugueses que estauaõ dentro, que ou lhes dessem por ali entrada na cidade, ou deixassem de pelejar, & defender aquella parte, (por que nisso estaua entrála elle.) E que lhes daria a todos tantas riquezas, & ouro, que ficassem todos bem ricos. A isto lhe mandaraõ os Portugueses aquella reposta que os da cidade de Synania deraõ ao Consul Bruto quando os tinha cercados, que vendo a constancia & valor com que se defendiaõ, lhes mãdou pedir hũa soma d'ouro, & que leuantaria o cerco, ao q' lhe responderaõ, que seus passados lhes naõ deixaraõ ouro pera remirem as vidas, se naõ armas pera as defenderem.

Esta reposta diz Valerio Maximo; que desejava que saira da boca d'algum Romano, por que naõ era dina de ser dada por outra algũa naçaõ. Assim estes valerosos caualeiros Portugueses, que estauaõ em Siaõ, mandaraõ dizer ao Bramá, que os Portugueses naõ remiaõ suas vidas se naõ com as armas: nem vendiaõ sua lealdade

dade por todo o ouro do mundo: que foubesse em certo, que em quanto elles fosssem viuos, não entraria elle naquella Cidade. E que ainda depois de todos mortos, & espedaçados (se podesse ser) lha auiaõ de defender.

Vejaõ logo quanto mais dinos de louuar, & engrandecer foraõ estes, que aquelles Romanos, que estando no capitolio cercados dos Franceses se resgataraõ com ouro.

Vendo o Bramã taõ grande defengano, leuanteu seu exercito, & foy marchando auante com tençaõ de ir cercar a Cidade de Camabe, ou Campape, como lhe alguns chamaõ, que era a segunda do reyno, & a onde o Siaõ tinha todos os seus tisouros: & assi de longo d'aquelle fermoso rio Menao foy caminhando vinte dias, a tẽ chegar àquella Cidade, q̃ era muito grande, & fermosa, cercada toda á roda com seus baluartes, & guaritas, & com hũa fermosissima caua. Estaua dentro vm Capitaõ Siaõ, com duzentos mil homẽs de peleja, & com todos os prouimentos necessarios pera muitos tempos. O Bramã assentou seus exercitos derredor da Cidade, & deu o cargo de a combater a Diogo Soares de Mello com os Portugueses, que depois de feitas suas trincheiras, vallos, & repairos, & prantar as peças de artelharía, começou

por hũa parte a bater a Cidade, & por outra a entulhar a caua por algũas partes, pera poder chegar a picar o muro: o que tudo de dentro lhe defenderaõ, & atalharaõ com muito fogo, desfarmãdo em vaõ todos os trabalhos que naquelle negocio tinhaõ cometido.

Calagoni senhor de Martabaõ, que era homem muito auisado, & experto, mandou fabricar vm grãde castello de tres sobrados, sobre grandes rodas, & machinas mũy fortes, guarnecido por fora de traues, & mastos mũy grossos, fechados com ferragens fortissimas, pera poderem sustentar a furia da artelharía. E depois de acabado com grande custo, & trabalho, o fez chegar ao muro com os Alifantes, pera por elle o entrar, leuando dentro muitos homens d'espingardas, & algũas peças de artelharía, & muitas panelas de poluora, & outros arteficios de fogo. Os de dentro vendo abalar aquella machina (que era hũa cousa espantosa) meteraõ em algũas bombardas grossas, vns virotoens de pao ferro taõ grossos como entenas, & nas cabeças atrauessadas em cruz, hũas traues grãdes ferradas, & pondo fogo às bombardas, deraõ aquelles virotoens no Castello com tamanho terremoto, que o desfizeraõ por cima, & dandolhe com outros o

acabaraõ de desmanchar, & arruinar de todo. O Bramà andaua a-frontado de naõ fazer n'aquella jornada algũa cousa notauel, & os nossos tambem andauaõ bem desconfiados.

Athanasio d'Aguiar, que era um soldado valeroso, ordenou hũas muito grossas, & fortes mantas, com grandes traues, & tauoens ferrados por cima, & com muitas rodas, com que as fez encostar ao muro, que mandou picar por hũa grande multidaõ de gastadores Pegus, & Bramás, & começaraõ a fazer alguns pequenos postigos. Os de dentro acodiraõ áquella parte, com muitos arteficios de fogo, que lançaraõ sobre as mantas, & se cõsumiaõ elles sem fazerem nenhum nojo a os que trabalhauaõ. Vendo os Sioens que nada d'aquillo aprobeitaua, por causa das mantas com que se emparauaõ os que trabalhauaõ debaixo dellas, & que estauaõ arriscados a se perderem por ali, começaraõ a fazer reparos por dentro: & não curando já do fogo por verem que não empeciaõ co elle aos Pegus, & Bramás que os tinhaõ cercados, vsaraõ d'outro ardil: & este foy que encherã muitas jarras de sugidade de gente delida com ourina, & dando com ellas do muro abaixo em cima das mantas se fizeraõ em pedaços, & aquelle sujo, & fedorento licor coandosse pellas gretas do

tauoado, foy calar abaixo, & deu sobre os que trabalhauaõ, & em lhes tocando aquelle fedorento material, largaraõ logo tudo, & se recolherã pera as suas estancias por naõ poderem soffrer taõ mao cheiro, & pasmados d'aquelle negocio, diziaõ que os Sioens eraõ diabos, por que quando lhes não aprobeitauaõ as armas ordinarias, pelejauaõ com outras, de que nunca outra algũa nação do mundo vsou, & contra quem não auia reparo algum. O Bramà vendo o tempo gastado, depois de passadas as enchentes, leuanteu seu exercito, & se recolheo pera seus reynos pello mesmo caminho que leuou.

## CAPITVLO X.

*De como faleceo o Governador Garcia de Sã, & das partes, & qualidades de sua pessoa.*



**D**E P O I S que entrou o Inuerno, não se occupou o Governador Garcia de Sã em outra cousa mais, que em reformar a armada, & mandar dar pressa aos nauios que tinha começados, visitando os mais dos dias a ribeira, alma-

almazens, & a casa da poluora. E na entrada do mês de Julho desta era de corenta & noue em que andamos, adoeceo de hūas febres agudas, & como era homem de setenta annos, logo o cortaraõ de feiçaõ, que deu ruins sinaes de sua faude, & entendendo os Medicos que se lhe ya chegando seu termo limitado, auisaraõ disso o Bispo, pera que lhe dissesse que tratasse das cousas de sua alma, como fez. E entendendo elle aquella verdade largou tudo por maõ, & se fechou, pera tratar do que lhe cõuinha, confessandosse muito deuaagar, & tomando os diuinos Sacramentos, & depois fez seu testamento, & comprio com todas as cousas de verdadeiro Christaõ, & teamente a Deos: & aos treze dias do dito mês falecco desta vida presente, com grandes exteriores de arrependimento de seus peccados. Estiueraõ com elle o Bispo, os Padres de São Francisco, de São Domingos, & da Companhia, que o consolaraõ, & lhe lêbraraõ as cousas que conuinhaõ à sua alma. Foy sua morte muito sentida de todos, por que era fidalgo muito brando, afabel, humano, & taõ desinteressado, que com auer sido duas vezes Capitaõ de Malaca, & hūa de Baçaim, & vm anno Governador da India, não tinha de seu mais que o dote que deu a suas filhas, que não passou de vinte mil

cruzados a cada hūa. Falecido o Governador se abrio seu testamento, & acharaõ por seus testamenteiros seus genros. Mandaua que seu corpo fosse enterrado na Capella mòr de Nossa Senhora do Rozairo, no chaõ, aos pès da sepultura de sua molher dona Catherina, & que fosse vestido no habito do Padre São Francisco, como se fez. Foy acompanhado de todas as Ordens, Cabido, & Freguesias, & de todos os fidalgos vestidos de preto, & da Irmandade da Misericordia.

Foy este fidalgo filho de Ioaõ Rodriguez de Sã, o primeiro Alcayde mòr do Porto: era homem de boa estatura, muito gẽtil homẽ, & taõ alegre, q̃ alegraua a todos: tinha hūa muito alua, & veneranda barba, q̃ lhe daua pellos peitos, foy homem de muita verdade, grande conselho, & muito zeloso do seruiço d'Elrey: foi de muito boas repostas, & nunca deu escandalo publico em quanto andou na India, senaõ aquelle da mãy de suas filhas, antes que a recebesse por molher. Fez de nouo cinco ou seys Galeoens, & Carauelas, & muitas fustas: mandou reformar as fortalezas de Ormuz, Diu, & Cananor. Deixou nos almazens duas mil espingardas, que mandou fazer em Cochim, Coulaõ, & Ceilaõ, & em outrrs partes. Fez de nouo a casa da poluora onde oje está, proueo

*Sexta Decada. Da historia da India.*

de novos engenhos, & encheo os  
almazens de mantimentos, Coto-  
nias, Cifas, remos, & de tudo o  
mais. Não fez diuidas no estado,  
& pagou algũas velhas. Não ficou  
delle posteridade no mundo mais  
que sua bisneta dona Ioana de No-  
ronha, filha de dô Garcia de No-  
ronha seu neto ( como pouco ha  
dillemos) que por não ter sua mãy

dote que lhe dar a meteo freira no  
Mosteyro de Aueiro,segundo nos  
differaõ . Não deixou este Go-  
uernador morgados na terra, que  
he final, que lhos teria o Senhor  
guardados no Cec, onde sua alma  
iria descansar perpetuamente. Go-  
uernou vm anno, & vm mès, &  
sete dias,

*Fim do Setimo Liuro.*

LIVRO



## L I V R O O I T A V O

## D A S E X T A D E C A D A

## D A H I S T O R I A D A I N D I A .

## C A P I T V L O I .

*De como por morte do Governador Garcia de Sá, socedeo na governança da India Jorge Cabral. E da armada que este anno de corenta e nove partio do reino, de que era capitão môr dom Alvaro de Noronha.*

**L**EVADO o corpo do Governador Garcia de Sá a nossa Senhora do Rosário, depois de se lhe fazer o officio muito solenemente: Primeiro que fosse enterado, abriu o veador da fazenda o cofre em que estauão ainda duas soçessões da governança da India: de cinco que Elrey tinha mādado na armada de Manoel de Mendoça, & tirou a coarta, (por q̄ na terceira tinha socedido Garcia de Sá.) E deu a ao capitão dom Francisco de Lima, que com o Licenciado Antonio de Barbuda, Ouvidor geral da India a examinou, pera ver se se tinha nella bolido, & achandoa pura, & sem se

nella tocar, a deu ao Secretario q̄ a abriu, & lendoa alto se achou nella Jorge Cabral, que estaua por capitão de Baçaim, o que todos estimaraõ muito, por que era um fidalgo em que auia todas as partes necessarias pera o cargo. E védo que estaua em Baçaim, donde não podia vir se não em Setembro, se abriu o regimento que na India auia sobre este negocio, & se achou que mandaua Elrey, que socedendo algum Governador nas vias, estando fora de Goa, desdo cabo do Comorim, a te a ponta de Diu, se esperasse por elle: & entre tanto governasse a India, o Bispo, capitão da cidade, & ouvidor geral: & que estando destes limites pera fora se não esperasse por elle, & se abrisse a outra soçessão (o que Elrey mandou ordenar depois d'aquellas grãdes differenças que ouue antre Pero Mascarenhas, & Lopo Vaz de saõ Payo, como temos contado na coarta decada, no capitulo sexto, do liuro segūdo.) E por que o Bispo, dom Francisco de Lima, & o Ouvidor geral estauaõ presentes, lhes fez o Veador da fazenda entrega da India, a te vir o Governador

dor Iorge Cabral, de que se fez um termo, em que todos se assignaraõ. Passado isto, foi o corpo do Governador Garcia de Sá enterrado, & os regentes se recolheraõ, & começaraõ a correr com as cousas do governo. E despidaõ logo correos por terra com cartas pera o Governador, em que lhe faziaõ a saber de sua soçessão. Estas cartas lhe chegaraõ primeiro que se acabasse o mês de Julho: & vêdoas elle, & sabendo da morte do Governador Garcia de Sá, & de sua soçessão, sintio muito sua morte, & não se aluoroçou com a governança, antes esteue pera a não aceitar: por que se as cartas que se mandaraõ por terra a Elrey, da morte do Visorrey dom Ioão de Castro, chegaraõ antes das naos serem partidas, sem duuida viria Governador nellas: & quando não, não poderia faltar no Setembro seguinte. E que pera se arriscar a não ser Governador mais que um mês, ou quando muito um anno, muito melhor lhe era deixarse estar em Baçaim, & acabar coatro annos, q̄ tinha d'aquella capitania, & irse pera o reino com cousa com que podesse viuer, & não depois de Governador embarcarse pobre, & se cousa algũa: & assi ficou suspenso, sem se saber determinar. Mas sua molher que era vaam, como o são todas, lhe disse, que melhor era ser quinze dias Governador da India que dez annos capitaõ de Baçaim:

& que ja Elrey lhe ficava em mais obrigação, & lhe avia de fazer diferentes honras & merces. A cidade de Baçaim acodio logo ao novo Governador, & lhe fez muitas festas, & elle se começou a negociar pera se partir pera Goa, mandando pera isso armar alguns navios muito ligeiros, em que se embarcou aos oito dias de Agosto, & aos quinze dia de nossa Senhora da Assumpção chegou a barra de Goa, & desembarcou em Páçim, a onde os regentes lhe foraõ entregar a India: & depois entrou na cidade a onde se lhe fez o recebimento costumado, & começou a entender nas cousas do governo. E a primeira que fez foi despachar Francisco Barreto pera ir entrar na capitania de Baçaim, de que era prouido: & mandou dar pressa á armada, & lança-la ao mar, por que determinava ir a Cochim, por andarem as cousas d'antre o Camorim, & Elrey de Cochim muito rotas, & os odios antigos muito acesos.

E sendo alguns dias passados de Setembro, sorgiraõ na barra de Goa coatro naos de cinco que do reino partiraõ, de que era capitaõ mór dom Alvaro de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha que vinha despachado com a capitania de Ormuz. Os mais capitaens de sua côserua, eraõ Diogo de Mendoça, Iacome Tristaõ, & Ioão Figueira. Da outra q̄ faltava,

faltava, era capitão Diogo Botelho Pereira, o que foi na fusta ao reino, (como na quinta decada, no capitulo segundo, do primeiro liuro fica dito) que em Outubro foi tomar Cochim. Vinha com elle embarcado Rax Nordin, filho de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz (q̄ o pay mandou pera Portugal na armada de Lourenço Pirez de Tauora, como no principio desta decada se vé, no capitulo terceiro, do coarto liuro que esteue tres annos no reino com grandes gastos, & despezas: & sempre lhe fez Elrey tantas honras, que nos seroens reais o mandava assentar nos de graos do estrado com os filhos do Duque de Borgança: & serua hũa dama d'aquellas, a que mandava muitas peças & brincos, muito ricos, & coriosos, & ella o fauorecia pello honrar. E depois de ser Guazil de Ormuz, foi áquella fortaleza vm irmão desta senhora, mancebo o mais gentil homem de seu tempo, & sabendo o Guazil delle o foi buscar, & lhe deu muito dinheiro, & peças ricas. Despachou Elrey a Rax Nordin, com os cargos de Guazil do reino de Ormuz, & com o de juiz da alfandega d'aquella cidade, assi como seu pay os tinha, por sua morte.

Este Diogo Botelho Pereira por aquella ida que fez ao reino na fusta, não lhe quis Elrey responder muitos annos a seus requerimentos, & depois lhe deu a capi-

tania de saõ Thome, onde adoeceo de hidropesia, & engrossou tanto como vm tonel, & se foi pera o reino, & este anno o despachou Elrey com a capitania de Cananor, & se embarcou assi enfermo, & grosso, & affirmava-se que bebia dous almudes d'agoa cada dia. Enrou logo na sua capitania que não logrou, por que morreo no primeiro anno.

Antes que esta armada partisse do reino, foi Elrey auisado que em Espanha se faziaõ cinco naos prestes pera passar a Maluco, & q̄ o capitão mor dellas era o mesmo Fernão de la Torre, que Fernão de Sousa de Tauora trouxe de Maluco, & que os outros capitaens eraõ don Alonso Anriques, Pero Pacheco, Gonçalo de Aualos, & Ioaõ Gayetano: que todos tinhaõ ido a Maluco em companhia de Ruy Lopez de Villalobos. Disto auisou Elrey ao Governador, & lhe mandou que prouesse n'aquellas coufas, & que mandasse hũa armada a Maluco: o que elle determinou fazer como fosse tempo: E por q̄ a costa do Maluar não ficasse desamparada, despidio por capitão mor della, Fráçisco de Siqueira o Maluar (de quem muitas vezes temos falado na quinta decada nos socorros do primeiro cerco de Diu, sendo capitão d'aquella fortaleza o grande Antonio da Sylueira) que era grande capitão, & entendia a guerra muito bem:

& tinha

& tinha destruido o Malauar, como quem sabia as entradas & saídas: & pellos muitos seruiços que tinha feitos ao estado, o fez Elrey dom Ioão fidalgo, & lhe mandou o habito de Christo com boa tēça. Leuou doze nauios, com que andou a mór parte do veraõ por aquella costa, fazendolhe toda a guerra que pode. E o Governador ficou dando despacho, a outras muitas cousas, & auiamento ás naos, pera irem tomar a carga a Cochim.

## CAPITULO II.

*De como o Rey da Pimenta se passou à parte do Camorim perfilhandosse com elle: & do recado que o Governador teue disso.*



**O**S Reys de Cochim (como ja algũas vezes temos dito) ficão tendo antre toda aquella gentilidade do Malauar, toda a superioridade no espiritual, como Bragmane mór que he. E por vm muito antigo costume, que não podemos bem auerigoar, são obrigados os Reys da Pimenta a lhe darem suas molheres & filhas pera as leuarem de sua honra, que he a mayor que se lhes pode fazer, quãdo casaõ. Por que todos estes Gentios

do Oriente tiueraõ sēpre em seus costumes, o intento em suas delicias & torpezas: que não pode ser mayor na vida, que quando estas Princesas casaõ, entregarēnas primeiro ao Rey, que a seus maridos, auendo que com isso ficauão purificadas. E assi depois disto, todos os filhos que ellas parem, sejaõ cujos forem, são auidos & perfilhados pello Rey de Cochim, & elle os recolhe & cria como filhos. E como o Principe de Bardela se criaua por esta rezaõ com Elrey de Cochim, tinha tanta amizade com os Portugueses, que ya a Cochim ver as festas, touros, & canas: por que naquelle tēpo, tudo eraõ regozijos, & desenfadamentos. E assi este veraõ passado, parindo a molher do Rey da Pimenta mãy d'aquelle Principe, foi Francisco da Sylua capitaõ de Cochim, com todos os casados a Bardela onde residia, & lhe festejou o parto com lhe jugar as canas, & com outros passatempos, & algũas vezes foi ajudar aquelle Rey nas guerras que tinha contra Elrey de Porcá seu vizinho, tudo á conta d'Elrey de Cochim.

Este Principe que ja era Rey da Pimenta, por certos agrauos que teue d'Elrey de Cochim que o criara como paỹ, determinou de se passar á parte do Camorim, pera o que se carteu com elle, & tratou de se verem, o que o Camorim grangeou muito, & lhe mandou

dou sobre isso cartas mūy hōrosas, & de grandes offerecimentos, com que elle se fez prestes pera se passar a Calecut.

Destes tratos foi auisado Elrey de Cochim, & o capitaō, que sintio muito aquelle negocio, & tratou de o impedir por todas as vias que podesse, pello grande perjuizo que se seguiria ao estado d'aquellas lianças: por que se aquelles Reys se ajuntassem, seria total destruiçāo do reino de Cochim, & ficariaō as naos do reino sem terem porto, nem escalla a onde fossem carregar, nem a pimenta que era o mais importante de tudo, por que logo os Mouros a auiaō de auer toda pera si, & passala a Meca, que era o que elles muito pretendiaō, por que com a nossa entrada na India lhe arrancam os maōs aquelle trato com que todos vieraō a empobrecer. E lançando Francisco da Sylua suas contas a tudo, se foi ver com Elrey de Cochim sobre aquelle negocio, & o persuadio a emendar os agrauos de que se o Principe queixaua, ao q̄ Elrey disse, que faria tudo o que naquelle negocio lhe parecesse bem, & que tomasse elle á sua conta acabalado com elle.

Com esta reposta se passou logo Francisco da Sylua a Anche queimal, a onde áquelle Principe estaua, & o foi visitar. E no discurso da visita lhe pedio, que se decesse da opiniaō em que estaua, &

que se lembrasse que Elrey de Cochim era seu pay, & que o criara sempre com muito amor: que não era rezaō que por pequenos agrauos fizesse taō grande mudança, como passarse ao Camorim, que era o mór imigo que tinha, que elle acabaria com elle que o satisfizesse em tudo, & que lhe lembrava a muito antiga amizade q̄ tinha com os Portugueses, que sempre se mostraraō grandes seus amigos, & o seruiro em todas suas guerras contra seus vizinhos: & que pella mesma rezaō q̄ ficasse imigo d'Elrey de Cochim, ficauaō os Portugueses seus dells, & cō isto lhe disse outras muitas cousas. Mas o Principe como estaua cō aquelle appetite, disse q̄ elle entendia mūy bem o que lhe importaua aquelle negocio, & q̄ ja se não auia de decer de sua opiniaō. Vendo o Francisco da Sylua taō resoluto, & determinado, lhe disse q̄ d'ali por diã te teria o estado por seu imigo, & q̄ como a esse lhe faria toda a guerra que podesse por már & por terra, a te o destruir de todo. E apartandosse dells mandou logo apregoar guerra a fogo, & a sangue. E despidio Fernaō Rodriguez de Mariz cō algūas embarcaçōes pera tomar os passos por onde aquelle Principe auia de passar pera Calecut. O q̄ elle fez de feiçāo, que não tendo aquelle Principe outro remedio passou só & disfarçado pello pé do Gate, & assi foi ster a Calecut, a onde

o Camorim o recebo com muitas honras, & fez có elle nouas perfilhaçoens por esta maneira.

Que elle perfilhaua o Camorim em seu principe, herdeiro de seu reino por sua morte, posto q̄ ja tinha Principe herdeiro: & que o Camorim perfilhaua o Principe herdeiro do reino da Piméta em Principe segundo herdeiro do Imperio de Calecut por falecimento do Principe seu sobrinho, que era o direito herdeiro. O que o Principe da Pimenta pello muito que ganhaua se viesse a ser herdeiro do reino de Calecut, por que pella mesma rezaõ o ficaua sendo tambem do reino da Pimenta. A estas perfilhaçoens se fizeraõ grandes festas em Calecut, a que acodiraõ todos os Principes Malauares do bando do Camorim. Francisco da Sylua despedio logo vm nauio muito ligeiro, com cartas ao Governador Iorge Cabral, em que lhe daua conta de todas aquellas cousas, & que era necessario acodir a ellas em pessoa, por que começaua a auer impedimentos nos rios por onde corria a pimenta.

Elrey de Cochim começou a juntar suas gentes pera acodir áquellas cousas, pello muito q̄ lhe importaua.

(?)

## CAPITULO III.

*De como o Governador Forge Cabral partio pera Cochim: & das cousas que passaraõ naquella cidade, em quanto nella esteue: & de como Elrey da Cota lhe mandou pedir socorro contra o Madune.*



POUCOS dias depois das naos do reino chegadas, teue o Governador cartas de Francisco da Sylua capitaõ de Cochim, em que lhe daua conta das alteraçoens q̄ auia antre aquelles Reys, do que ficou enfadado por que bem entendia que eraõ trabalhos que se leuantaraõ contra o Estado, & que lhe era necessario acodir a isso em pessoa: por que receou q̄ se o naõ fizesse, naõ aueria carga de pimenta pera as naos, & mãdou dar pressa a toda a armada. E na entrada de Outubro despedio Bastiaõ de Sá, o Capecta, por capitaõ mór do Maluar, com hũa galé, & vinte nauios de remo, de cujos capitaens naõ achamos os nomes, & elle ficou dando despacho ás naos pera as despedir pera Cochim como logo fez por todo Outubro. O Governador deu expediente a muitas cousas outras, & começouse a embarcar, entregando o governo a o Bispo,

Bispo, & ao capitão da cidade, & ao Ouvidor geral que era o Licenciado Christouão Fernandez, & meado o mês de Nouembro deu a vela, leuando antre Galeoés, Carauelas, & Galés mais de trinta, & de nauios de remo perto de sessenta. Os capitaens que nesta jornada o acompanharaõ nas vazilhas grandes & galés, (por que aos das fustas não achamos os nomes) são os seguintes.

Dom Antonio de Noronha filho do Visorrey dom Garcia de Noronha: dom Ioaõ Anriques, Iorge de Mendocha, Ioaõ de Mendocha Cassaõ, outro Ioaõ de Mendocha o Chù, dom Iorge do Crasto, Pantaliaõ de Sá, Martim Afonso de Mello Pereira o Ombrinhos, Manoel de Soufa de Sepulueda, Martim Afonso de Miranda, Frãscisco de Mello Pereira, Fernaõ de Soufa de Castello branco, Gonçalo Vaz de Tauora, Pero Botelho, Fernaõ Gomez de Soufa, Belchior Botelho, que ya por veador da fazenda da carga das naos, Pedro Afonso d'Auelar, Diogo Botelho, Nuno Alvarez Carneiro, escriuaõ da matricula, que ya em hũa Carauela, com todos os officiaes d'aquelle cargo, pera em Cochim fazerem os despachos dos officiaes das naos, & de outras pessoas que se yaõ pera o reino, (por que todos os annos yaõ lá estes officiaes a isso, por se auer por melhor auimento das partes) (por que co-

mo todos os homêse de todas as partes da India q se querem ir pera o reino vaõ bulcar as naos a Cochim achauaõ ali seus despachos.

Partido o Governador foi em poucos dias a Cochim, & tomou casas em terra, começando a entender na carga das naos: mas como o Rey da Pimenta estaua lançado com o Camorim, começou a faltar, por que se impidia a passagem della pello rio abaixo, por Mouros que estauaõ em vñ forte. O Governador mandou vñ capitão, a que não achamos o nome, cõ quinhentos homêse pera os tirar d'ali, o q elle fez, cometêdoos hũa madrugada: & posto q achou muita resistencia, por serem os de dentro mais de oito centos, foi o forte entrado, & os mais dos Mouros metidos á espada, & o forte derribado, queimado, & posto por terra: ficãdo este capitão naquelles rios, fauorecêdo a passagê aos mercadores, q traziaõ a pimeta de cima da serra, & ao pé a embarcauaõ em tonés, em q a leuauaõ ao pezo, & feitoria d'Elrey, mas não corria tanta quantá era necessaria.

Naõ auia muitos dias q o Governador era chegãdo, quãdo lhe veio vñ Embaixador d'Elrey da Cota, q como vassallo d'Elrey de Portugal, lhe mandaua pedir com muita piedade o quisesse socorrer, porque estaua no derradeiro estremo de perder seu reino: por que o Madune, Rey de Ceitauaca seu ir-

*Sexta Decada. Da historia da India.*

maõ lhe tinha tomado a mór parte delle, & o tinha cercado na cidade da Cota, em muito risco de se perder: que aquelle reino era de seu neto, que Elrey de Portugal lhe tinha concedido, & o aleuantara na cidade de Lixboapor herdeiro delle, & que o Madune lho queria tomar, que lhe pedia o socorresse com muita gente, que elle daria logo dez mil cruzados em pimenta pera a carga de hũa nao de Portugal, que entregaria ao capitão mór que la fosse: & que daria mais de pareas cento & cincoenta bares de canela, alem dos trezẽtos que ja pagaua, & que daria logo dez Alifãtes pera o seruiço das ribeiras das armadas d'Elrey de Portugal.

Ouuida a embaixada pòs o Governador aquellas cousas em conselho dos capitaens & fidalgos, que assentaraõ todos, que se deuia de dar socorro áquelle Rey, tanto por que era vassalo do de Portugal, & pellos partidos que offerencia: quanto por atalhar que o Madune se naõ viesse a fazer senhor d'aquella ilha, por que daria muito grande trabalho ao estado, & Elrey de Portugal perderia os proueitos que della tinha.

Concluido isto elegeo o Governador pera aquella jornada dom Iorge de Castro seu tio, irmão de sua mãy, & lhe nomeou seiscentos homens, em que entrauaõ muitos fidalgos & caualeiros: & mandou

negociar os nauios q̄ auia de leuar, pera cujas despezas deu logo o Embaixador os dez mil cruzados q̄ offerceco. O Governador mandaua dar pressa á armada, & ás naos, que tudo determinaua despídir entrada na de Janeiro.

Socedeo neste tempo andar Iacome Tristaõ capitão de hũa das naos fazendo seu negocio na rua direita vm dia pella menham: & estando bem descuidado prepassou por elle vm homem em trajos de escrauo, & deulhe com hũa machadinha pello rosto tamanho golpe, que lhe derribou ambos os queixos, & decendo as guellas lhas cortou, caindo logo morto no chaõ: & o que lhe deu escoouse por antre a gente de feição, que nunca mais appareceo. O Governador sintio muito aquillo, & mandou tirar grandes inquiçoens sobre o caso, mas nunca se achou rasto de couza algũa. Suspeitouffe que lhe nacera aquillo de vm Christouaõ de Crasto, que com elle viera na nao, com quem teue hũas palauras na viagem. Este homem na volta destas naos o mandaua Elrey leuar preso pera o reino, de que elle parece foi auisado, & se meteo frade. Depois no anno de cincoenta & oito, indo pera o reino cõ dom Luis Fernandez de Vasconcellos (quãdo se perdeo na ilha de saõ Lourêço, como em seu lugar diremos) ficou na nao com outros frades

frades, por que querendoos dom Luis Fernandez de Vasconcellos tomar no batel, naõ se quiserão sair da nao por ficarem confessando & consolando os que ficauão nella, onde todos acabaraõ. A capitania desta nao deu o Governador a Ioão de Mendoça o Chú, que se foi nella pera o reino. O Governador deu pressa á carga, & á escritura do reino, & a te dez de Janeiro despido as naos, que tiueraõ taõ boa viagem, que todas chegaraõ a saluamento a Lixboa, por todo o mês de Julho: tendo Elrey despido no Março passado a dom Afonso de Noronha por Visorrey da India, como logo adiante diremos.

## CAPITULO III.

*De outro recado que o Governador Forge Cabral teue de Ceilaõ do Principe de Candea. E de como dom Forge de Craslo partio pera Ceilaõ. E do que o Governador fez em Cochim: a te se recolher. E do que aconteceu a Bastiaõ de Sã no Malauar.*



ESPEDIDAS as naos, ficou o Governador dando pressa á armada de dom Forge pera a despedir logo. E tendoa ja prestes lhe

chegaraõ cartas dos padres de saõ Francisco, que estauaõ no reino de Candea, em que lhe pediaõ que mandasse algũa gente em fauor do Principe d'aquelle reino, por q se queria fazer Christaõ. E por que he necessario darmos particular rezaõ das cousas deste Principe o faremos. Tinha este Rey de Candea vm filho legitimo, chamado Caralea bandar, que era herdeiro do reino. Este Principe teue maneira com que fez com o pay, que soltasse os frades de saõ Francisco (que prendeo, quando Antonio Moniz Barreto foi áquelle reino, como atras temos contado no capitulo oitauo do coarto liuro) que tomou taõ grande amizade com frey Pascoal, q era seu commissario, q o cometeo o padre pera ser Christaõ, pregandolhe muitas vezes das cousas de nossa fé, a que se elle ya inclinando, & afeiçoando, de maneira, que lhe naõ faltaua mais que receber a agoa do sancto Bautismo. Disto foi o pay auisado, & tratou de matar o filho, & de dar o reino a outro bastardo que tinha, chamado Comarlinga Adasana, a que queria muito grande bem. Destas cousas teue o Principe atoardas, ou auiso, de dentro da casa do pay. E querendo fogir a sua ira tomou consigo os frades, & se foi pera hũa terra do reino de Huná, & com muita gente que o seguio, fazia d'ali guerra ao pay.

De todas estas cousas auisaraõ os padres ao Governador, por aquellas cartas que lhe mandaraõ, pedindolhe que mandasse socorrer áquelle Principe contra o pay que lhe queria tomar o reino, & dalo a outro, por que se queria fazer Christaõ. Isto estimou o Governador muito, & deu por regimento a dom Iorge de Castro, q̃ tanto q̃ acabasse as cousas de Ceitauaca, passasse ao reino de Cádea, & castigasse aquelle Rey, pella traição de que vsou cõ Antonio Moniz Barreto.

Anno 1550.

Esta armada partio na entrada deste Ianeiro do anno de cincoenta, em que com o fauor diuino entramos, & a nenhum dos capitaes, & pessoas principaes que nesta jornada se acharaõ soubemos os nomes, & de sua jornada adiante daremos rezaõ.

Partida esta armada tratou o Governador cõ Elrey de Cochim sobre as cousas que compriaõ, pera se atalharem as pretençoens do Rey da Pimenta & Camorim. E por que ja não auia outro meyo, senão leuar o negocio por guerra, assentaraõ como se lhe auia de fazer: encarregando ao capitaõ, fazerlhe por már toda a que podesse, pera o que lhe deixou nauios, & gente, pera andarem por aquelles rios. E que Elrey de Cochim, cõ todos os seus aliados, lha fizessem por terra.

Assentadas estas cousas, & ordenadas, se despidio o Governador d'Elrey, & a cidade, & se embarcou pera Goa, deixando de Cochim a te Panane, Fernão Rodriguez de Castello branco, com oito nauios, & pera se recolher a inuerner a Cochim, & Bastiaõ de Sá cõ a sua armada na costa, a onde andaua, & elle chegou a Goa no fim de Ianeiro.

Bastiaõ de Sá andou pella costa do Malauar todo o resto do veraõ, fazendo ao Camorim toda a guerra que pode, dandolhe em muitas pouoçoens, & tomadolhe muitos nauios, & defendendolhe os mantimentos de feiçaõ, que pós aquelle reino em muitas necessidades. E sendo tempo de se recolher a inuerner a Goa o fez: passado pella costa do Canará, onde recolheo as pareas q̃ aquelles Reys costumauaõ a pagar. Só os Chatis da cidade de Barcelor se refusaraõ a dar setecentos fardos q̃ lhes pediaõ, dizendo que elles não tinhaõ obrigaçaõ algũa, q̃ os obrigasse a isso, nem elles estauaõ penhorados a elles, nem por pareas, nem por contratos de pazes: por que se alguns annos os pagaraõ, foi por que de suas proprias vontades offereceraõ ao Governador Martim Afonso de Sousa aquelles setecentos fardos d'arroz, em modo de seruiço, & não de obrigaçaõ: que quando lhes mostrassem algũa sua, entaõ não tinhaõ que fazer.

fazer. Bastião de Sá lhes mandou dizer, que bastaua a posse em que Elrey estaua de oito ou noue annos: & que pois elles todos effes annos os pagauão aos outros capitaens mores, elle se não auia de leuantar de sobre aquelle porto sem os leuar. Vendo os Chatins & gouernadores da cidade aquella determinação, lhe mandaraõ os setecentos fardos de arroz. E logo despideraõ dous procuradores homẽs antre elles principaes, chamados Trametim Chatim, & Drimy Chatim, pera irem tratar aquelle negocio com o Governador.

Estes homens foraõ a Goa, & o Governador Iorge Cabral os ouuiu m̃y bem, & elles em nome de sua republica lhe disseraõ, que os capitaens mores do Maluar os obrigauaõ a lhe darem setecentos fardos de arroz cada anno, não tẽdo elles obrigação algũa pera isso, mas somete, por que de suas liures vontades os deraõ, & offereceraõ ao Governador Martim Afonso de Souza, de seruiço. E por que elles desejavaõ de ter paz & amizade com o estado da India, & seũs gouernadores, & estarem debaixo de sua guarda & emparo, q̃ auiaõ por bem os regedores d'aquella cidade de Barcelór, de darem, & pagarem cada anno de pareas quinhentos fardos de arroz, pera ajuda das armadas: & que os pagariaõ em Outubro (que era o tempo em que a nouidade se recolhia)

O Governador vendo suas rezoẽs, & sabendo da casa dos contos, que não auia obrigação algũa dos ditos fardos de arroz, lhe aceitou os quinhentos fardos, de que os procuradores d'aquella cidade lhe fizeram suas obrigaçoẽs: & o Governador lhe passou carta de vassalagem, em que se obrigaua elle, & todos os Governadores da India, a fauorecerem os moradores d'aquella cidade: & que lhe não seria feito agrauo, nem sem rezaõ algũa, & que lhes dariaõ seguros, & cartazes pera suas naos, & nauios poderem nauegar por aquella costa seguramente. Com isto se despideraõ os procuradores, satisfeitos, & contẽtes. E correrãõ d'ali por diante os regedores d'aquella cidade com a obrigação destas pareas muito bem: lem nunca deixarem de as pagar.

## CAPITULO V.

*De como o Governador Forge Cabral despachou dom Aluaro de Noronha pera entrar na fortaleza de Ormuz: & da armada que mandou em sua companhia, de que foi por capitaõ m̃or Luis Figueira. E das nouas que a Goa vierãõ de Galês: & de como o Governador mandou Gonçalo Vaz de Tauora a*  
A a 4 *espia-*

*espialas . E da armada que mandou a Maluco, de que foi por capitaõ mór, dom Rodrigo de Meneses.*



HEGADO o Governador a Goa, tratou logo de despachar dom Alvaro de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, pera ir entrar na capitania de Ormuz. E por que andauão hũas nouas surdas de Galés, sem se saber donde vieraõ, ordenou de mãdar hũa armada ao estreito, pera ficar inuernando em Ormuz, pera segurar aquella fortaleza. E mandou negociar dez nauios de remo, elegendo pera esta jornada Gil Fernandez de Carualho, irmão de Ruy de Sousa de Carualho, que os Mouros mataraõ em Tangere. E depois de lhe ter prometido esta armada, desejou de a dar a Luis Figueira, filho do estribeiro mór do Iffante dom Luis: & diziaõ q̄ pello tirar de Goa, por respeitos que se calaõ: & pera isto negou a Gil Fernandez de Carualho, cousas, & prouisoens que lhe pedia, porque elle desgostasse da jornada, como fez, enjeitandoa ao Governador, que era o que elle muito desejaua: & logo a deu a Luis Figueira, & mãdou dar pressa a seu auiamento. Gil Fernandez de Carualho q̄ era vm fidalgo muito pontual, vendo

que todauia o Governador descõcertara com elle, & dera a armada a outro, (por que naõ sabia a rezaõ que naquelle negocio ouue, por q̄ só estaua no peito do Governador) como aquelle negocio era de Galés, naõ querẽdo que dissessem, que deixara hũa jornada contra Turcos, por pontos leues, fretou vm nauio de remo, & ajuntou corenta soldados, a quem pagou de sua casa, & fez todos os mais gastos, pera ir em companhia de Luis Figueira, inuernar a Ormuz.

O Governador despachou dom Alvaro de Noronha, & lhe deu vm Galeaõ com muitas moniçoẽs, & juntamente com elle despidio Luis Figueira, com a suaz armada, q̄ todos deraõ á vela em Março, indo em sua companhia Gil Fernandez de Carualho, & em poucos dias chegaraõ a Ormuz. Dõ Manoel de Lima lhe entregou a fortaleza por ter ja acabado seu tempo: & Luis Figueira andou por aquelle estreito de Baçorá o resto do veraõ, & depois se recolheo a Ormuz, ficando Gil Fernandez de Carualho naquella fortaleza, dando mesa a todos os soldados que leuou á sua custa, sem querer tomar cousa algũa da fazenda d'Elrey pera isso.

O Governador depois de despachar esta armada pera Ormuz, começou a negociar outra pera Maluco, contra os Castelhanos, por que assi lho mandaua Elrey: & ele-

& elegeo pera esta jornada dom Rodrigo de Meneses, fidalgo de muitas partes. E dando pressa á armada a fez á vela na entrada de Abril. Yaõ cinco nauios grossos, de que eraõ capitaens dom Rodrigo de Meneses, Ioaõ d'Almeida, & vm foaõ Marecos da obrigação do Governador. Os outros dous capitaens eraõ, dom Ioaõ Coutinho, & Bernardo de Soufa: q̄ eraõ prouidos das viagens de Maluco: & yaõ cada vm em seu Galeaõ, pera tornarem com a carga do crauo, & ambos yaõ debaixo da capitania de dõ Rodrigo de Meneses, que leuaua prouisoens de capitaõ mór de todo aquelle Archipelago de Maluco. Nesta armada yaõ trezentos homês, muitas moçoens, roupas, & outros prouimentos, & de sua viagem adiante daremos rezaõ.

Esqueceonos dizer como o Governador pellas nouas das Galés de que ja se falaua, estádo em Cochim, despидira Gonçalo Vaz de Tauora com cinco nauios, com regimento que fosse ao estreito de Meca: & tomasse fala de algũa pessoa, & soubesse da certeza das Galés: & que quando se recolhesse pera se vir pera Goa, (a onde leuaua por regimento tornasse a inuerner) que viesse por Caxem, & visitasse aquelle Rey, que era muito amigo do estado, a quem escreueo cartas mûy honrosas, & que soubesse delle as nouas que auia,

(por que sempre auisaua aos Governadores do que auia no estreito de Meca.)

Partido este capitaõ na entrada de Feuereiro, foi seguindo sua derrota a te ferrar monte de Felix: & dali foi demandar o estreito, & entrou dentro, a onde tomou algũas geluas com alguns Mouros, de quem soube que em Sués se faziaõ prestes vinte & cinco galés, mas que naõ sabiaõ pera onde. E naõ podendo Gõçalo Vaz de Tauora alcançar mais, se tornou com algũas prezas que tomou: & nauegando de longo da costa da Arabia, foi tomar o porto de Caxem, & se vio com aquelle Rey, que lhe fez muitos gafalhados. Elle lhe deu as cartas do Governador, & algũas peças & brincos que por elle lhe mandaua, que elle estimou muito: & disse a Gonçalo Vaz de Tauora, que elle era auisado q̄ em Sués se preparauaõ vinte & cinco galés pera contra Portugueses, mas que se naõ sabia, nem declarauaõ pera onde: nem que tençaõ era a do Turco: mas que como elle fosse certo da verdade logo auisaria o Governador em Agosto: & deu-lhes cartas pera elle de grandes comprimentos, pera o seruiço d'El rey de Portugal. Gonçalo Vaz de Tauora, depois de se prouer do necessario, que lhe Elrey mandou dar de graça, se despидio delle, & deu á vela pera Goa, a onde chegou em Mayo. O Governador sabendo

bendo delle, & das cartas que El-rey de Caxem lhe escreueo a certeza das galés, aluoroçouse muito: por que auia, que se passassem á India lhe não poderiaõ escapar: & assi se vestio mūy galantemente, por mostrar a alegria que tinha, & foise logo á ribeira das armadas, & deu ordem pera se reformarẽ, & renouarem todos os galeoens, naos, & galés, tomando cada vasilha destas os seus capitaens á sua conta, com os seus officiaes, por q̄ todo o anno os tinhaõ ordenados, & pagos: & as cousas de fora repartio pellos capitaens velhos por esta maneira.

A Manoel de Soufa de Sepulueda deu o cargo dos almazés das moniçoens, pera mandar fazer panelas de poluora, lanças de fogo, & pilouros de toda a sorte. A dom Antonio de Noronha encarregou a casa da poluora. A dom Ioaõ Lobo deu o cuidado dos calafates. A Francisco de Mello Pereira entregou a tanoaria, pera mandar fazer barris, celhas, pipas, & todas as mais cousas desta qualidade. A Bastiaõ de Sá deu a cordoaria. A Ioaõ de Mendoça deu os officiaes de poleame. A dom Ioaõ Anriquez a ferraria. Todos estes capitaens residiaõ de dia & de noite nas casas que tinhaõ a cargo, dando muitos banquetes a seus soldados, com muitas folias, danças, tangeres, jogos, & outros passatempos, com q̄ todos trabalhauaõ com muito go-

sto, & muito contentes: & pellos escritos destes capitaens, daua o feitor & tisoureiro todo o dinheiro que pediaõ pera se comprarem as cousas que se auiaõ mister, & pera as ferias, & pagas dos officiaes, que elles faziaõ todos os sabba-dos: & todo este inuerno se deraõ mesas geraes aos soldados em muita abastança. O Governador estaua todo o dia na ribeira, vendo aquelle trafego, & aquella presteza com que entaõ trabalhauaõ, & acodiaõ a todas as cousas, por que só do seruiço, & obrigação da ribeira, auia perto de seiscentos homens Portugueses de todos os officios, a quem nunca se lhes deuia cousa algũa, por que se lhes pagauaõ a todos suas ferias no tempo ordenado, mūy bem. A cidade toda se desfazia em festas & alegrias: & assi andauaõ todos taõ desejosos de se verem ja as mãos com os Turcos, que o inuerno ja lhes parecia grande, & lhes era enfadonho: & os soldados a essa cõta traziaõ suas armas limpas, & muito bem concertadas, & aparelhados. E todos os Domingos assi elles, como os bombardeiros, se yaõ exercitar na barreira, estando o Governador presente, fauorecendoos, louuandoos, & dandolhes preços, aos que melhor o faziaõ.

## CAPITVLO VI.

*Da dissimulaçãõ com que Elrey de Candea mandou pedir a dom Forge de Crasto padres pera se fazer Christaõ, & de como lhe mandou dous, & com elles o capitaõ Frances: & do que lhes socedeo na viagem.*



ARTIDO dom Iorge de Crasto de Cochim, como atras dissemos no capitulo terceiro deste liuro oitauo, chegou a Columbo no fim deste mês de Janeiro: & desembarcando sua gente, começou a marchar pera a Cota. O Madune que estaua com todo seu poder sobre aquella cidade, em lhe dando nouas que a nossa armada era chegada a Columbo, com muita gête em socorro do irmaõ, aleuantou o campo, & se recolheo pera Ceitauaca: deixando as tranqueiras dos caminhos prouidas de muita gente, pera defenderem os passos aos nossos se quisessem ir a Ceitauaca. Dom Iorge chegou á Cota, & foi muito festejado d'aquelle Rey: & logo trataraõ de irem ambos juntos contra o Madune, & não leuarem maõ d'aquelle negocio a te o destruirem de todo, pera não dar mais trabalho ao estado com socorros, & armadas, em fa-

uor de seu irmaõ, que era vassalo d'Elrey de Portugal. Pera a jornada começou Elrey a ajuntar seu poder, & a negociar as cousas necessarias, de mantimentos, & seruidores, pera todo o exercito. A fama da armada de dom Iorge de Crasto, & de sua chegada a Colúbo, correo logo por toda aquella ilha.

O Rey de Candea como estaua culpado no negocio de Antonio Moniz Barreto, começou a temer, & recear, que o quisessem castigar pellas culpas que tinha cometidas: & como era homem de grande arteficio, & malicia, determinou de entreter dom Iorge de Crasto, & enganalo a te ver em q̄ parauaõ as cousas d'antre o Madune, & seu irmaõ: & pera isto despido logo Embaixadores ao visitarem. Estes Embaixadores tomaraõ a dom Iorge de Crasto ainda na Cota, fazendosse prestes pera a jornada de Ceitauaca. Dom Iorge de Crasto os mandou levar diante d'Elrey, a onde os ouiuo: & elles lhe disseraõ, que Elrey de Candea o mandaua visitar, & offerecerse pera tudo o que fosse de seruiço d'Elrey de Portugal. Que elle lhe fazia a saber, que nos negocios de Antonio Moniz Barreto, em que elle não negaua ter culpa, tinha também satisfaçoens bastantes pera ser perdoado. Que o Madune seu primo o inquietara, & remouera dos desejos que tinha de se fazer Christaõ,

Christaõ, pondolhe diante dos olhos medos, & perdição de seu reino, & aleuantamento de seus vassallos, com a mudança da ley: & q̄ do caso passado elle estaua arrependido, por que sempre fora afeiçoado á ley dos Christaõs, como os frades sempre entenderaõ nelle: que elle estaua muito resolutto em se fazer Christaõ: que lhe pedia muito lhe mandasse algũs frades pera correrem com elle. E que tambem se queria reconciliar com seu filho, & que assi esperaua em Deos de pouco & pouco ir mouendo os seus vassallos, pera que se fizessem Christaõs. Dom Iorge de Crasto estimou muito aquella em baixada, & ordenou logo de satisfazer aquelle Rey, mandando cõ os Embaixadores dous frades de saõ Francisco, & com elles o capitão Frances, com doze soldados, & lhes deu por regimento que fõsse por via de Negumbo, por se desuiarem das terras do Madune.

Partidos os Embaixadores com os nossos foraõ seguindo seu caminho, não deixando de terem algũas brigas com gentes do Madune, em que os nossos corraõ muito risco & perigo: mas liurouos Deos de todos pello valor de seus braços: & assi com muito trabalho chegaraõ a Candea. Elrey os recebeu muito bem, & mandou aposentar os frades na mesma ermida, que os primeiros fizeraõ, q̄ estaua ainda em pé: & ao capitão

Frances com seus soldados perto delles, mandandolhes dar todas as cousas necessarias. Os frades começaraõ a fazer alguns Christaõs, & entendendo em Elrey vótade pera isso, (que não tinha, por que era mau & peruerso, & o medo o fazia contrafazerse, em quanto não soubesse o que lá se passaua antre dõ Iorge de Crasto, & o Madune, a quem elle fauorecia em segredo: & assi trazia tanto resguardo, & olho no capitão Frances, & nos frades, que os não deixaua sair de vm certo limite, trazendo espias em Ceitauaca, pera ser cada dia auisado de tudo o que lá se passaua.)

## CAPITULO VII.

*De como Elrey da Cota, & dõ Iorge de Crasto, partiraõ pera Ceitauaca, & dos sitios dos fortes que por este caminho acharaõ. E de como os ganharaõ, & desbarataõ o Madune, & lhe tomaraõ a cidade de Ceitauaca.*



DEPOIS de Elrey da Cota ter juntas suas gentes, & negociadas as cousas necessarias pera a jornada, começou a marchar, indo dom Iorge de Crasto na dianteira, com todos os Portugueses, & Elrey com cinco mil homẽs na retaguarda.

guarda. Assim caminharão todo aquelle dia, e te chegarem a hũa tranqueira muito grãde, sobre um passo que ficava antre o rio de Matual, & hũa alagoa tamanha, que se affirma ter cinco legoas em roda, que estava duas legoas do porto de Columbo. Nesta parte, (por que não avia outro passo para Ceitauaca) tinha o Madune feito esta fortaleza: que era de madeira de duas faces, com entulhos muito largos, & ficava da banda do Norte do rio. E na face que caya para a banda da Cota, tinha o pano de muro trinta braças de comprimento: & na ponta que ficava para a parte do rio, estava um fermoso baluarte, com muitas peças de artilharia. Deste baluarte a te a alagoa, corria um muito espaço Bambual por espaço de meya legoa, tão intratavel, que nem as feras o podião romper. De longo a logo pella face de fora deste forte, le fazia hũa fermosa, & larga caua que se enchia de agoa da alagoa, que se servia por hũa ponte leuadiffa.

Chegado aqui o exercito, assentaraõ aquelle dia o campo, afastado do forte: & tiueraõ conselho sobre o modo de como se cometeria: & assentouisse que fosse pelos cantos do muro: para o que se fabricaraõ grandes pontes de madeira sobre rodas: & algũas mantas fortes, & escadas, em que se gataõ dous ou tres dias. E tendo

tudo prestes, um dia de madrugada, cometeraõ a fortaleza os nossos por hũa parte, & Elrey pella outra. E pondo as pontes em quepez a muitas bõbardadas & espingardadas que sobre elles choviaõ, encostaraõ as escadas ao muro, & sobindo os nossos por ellas o caual garaõ, & a poder de golpes & cotilladas deraõ comsigo da banda de dentro, a onde tiueraõ hũa muito grande batalha com os inimigos, em que ouve muitos danos, & mortes de parte a parte. Elrey da Cota com a sua gente, tambem depois de muitos trances entrou a tranqueira, com que os inimigos se acabaraõ de por em disbarato, & a largaraõ de todo, mandandolhe dom Jorge de Castro dar logo fogo em que toda se consumio. Este dia passaraõ naquella parte, & mandaraõ os feridos (que eraõ muitos) a Cota para se curarem.

Ao outro dia foraõ caminhando a te chegarem a outra tranqueira chamada a Maluana, que estava em outro passo da mesma traça, & modo da passada. E cometendo os nossos por hũa parte & Elrey pella outra, foi entrada & tomada, ainda que com muitos riscos, & mortes dos nossos: & com perda de mais de seiscentos dos inimigos, que a largaraõ.

Ao outro dia foraõ ter a outra tranqueira, duas legoas desta, chamada Grubabilem, que era mayor & mais forte que as outras, por

ser perto da cidade de Ceitauaca O pano do muro que corria na face, era mayor, & mais grosso que os das outras atras. Em cada ponta tinha dous baluartes muy grandes, & pello muro muitas guaritas muito bem providas de gente & monicoens. Da parte do rio que era o mesmo Matual, corria vm espesso Bambual, & da outra vm muito intratauel mato. Aqui nesta tranqueira estaua o poder de Madune, posto que elle estaua na cidade. Esta tranqueira foi cometida com muito grande determinação: & ouue neste cometimento muitos casos espantosos, que não particularizamos, porque não sabemos os nomes dos que os obraraõ: mas por fim do negocio, ainda que foi com perda dos nossos, a tranqueira foi ganhada: & nella ficaraõ aquelle dia descansando do trabalho, & curando os feridos que eraõ muitos.

Ao outro dia foraõ marchando pera Ceitauaca, que estaua duas legoas adiante, & no caminho acharaõ o Madune com todo o poder. E vindos a batalha (que foi muito aspera & cruel, em que ouue muito dano) ficou o Madune vencido, & desbaratado, & foi fógindo pera as serras de Diua vaca, largando a cidade em maõs dos nossos, que entraraõ nella victoriosos.

He esta cidade muito grande, & está situada antre coatro ser-

ras, & este mesmo rio de Matual a partia pello meyo, (que por outro nome se chama de Calane) que vem dos confins do reino de Candea. Da banda do sul estaõ os passos d'Elrey, sobre vm tezo, que saõ feitos a modo de hũa fermosa fortaleza, com seus muros muito grossos, & fortes, & sobesse a elles por vinte de graos muy largos & grandes. He a fortaleza coadrada, & em cada coadra tem tres portas por onde se serue, desta banda fica a metade da cidade, & da outra do Norte outra a metade, & nesta parte tem o mais soberbo & sumptuoso pagode que ha em toda aquella ilha, que he dedicado a vm idolo seu que se chama Paramisura. A fabrica deste Pagode he estranha, & affirmasse que se pòs nella perto de vinte annos, trabalhando de continuo nella mais de dous mil obreiros.

Entrados os nossos na cidade, aposentouse Elrey nos paços do irmaõ, a onde achou muitas riquezas: & dom Iorge de Crasto com os seus soldados naquella parte da cidade que foi metida a faco dos nossos, & acharaõ muito ouro, drogas, & fazendas de todas as sortes, de que se encheraõ bem. Depois se passaraõ á outra banda, & fizeraõ o mesmo, sem tocarem em os Pagodes que lho mandou assi dom Iorge de Crasto por amor d'Elrey da Cota, que nelles

nelles mandou pôr guardas. E as gentes d'Elrey foraõ as que mais roubaraõ, por que como ladroens de casa, cauaraõ, & desenterraraõ muitas riquezas. O Madune que estaua recolhido nas ferras de Dinavaca, vendosse perdido, & desbaratado, & o irmaõ senhor da sua cidade, quis vsar de seu artificio, despido seus Embaixadores a Elrey seu irmaõ, & a dom Iorge de Crasto, que entraraõ por Ceitauaca, & foraõ leuados a Elrey, que os ouiuo presente dõ Iorge de Crasto.

Elles lhe differaõ, que o Madune seu irmaõ lhe mãdaua pedir misericordia, & que bem confessaua que tinha muitas culpas, de que já estaua bem castigado, & arrependido, que lhe pedia muito se quisesse reconciliar com elle, que estaua prestes pera lhe dar todas as satisfaçoens necessarias. Elrey, que era homem de muito bom coração & natureza, (coufa alhea desta nação Chingalá) compadecido das miserias do irmaõ, parecendolhe que já não tentaria cõtra elle mais suas maldades, disse a dom Iorge de Crasto, que elle queria fazer com seu irmaõ, se lhe a elle parecesse bem. Dom Iorge de Crasto lhe disse, que fizesse elle naquella materia, o que lhe bem viesse, & o que fosse melhor pera elle, & pera quietação do seu Reyno. Com isto despido Elrey os Embaixadores, por quem

mandou dizer a seu irmaõ, que se viesse pera Ceitauaca, & que ali se reconciliariaõ, & assentariaõ as pazes, mandandolhe um seguro seu, & outro de dom Iorge de Crasto. O Madune foy logo acompanhado de alguns Modeliares muy principaes. E chegando a Ceitauaca o recebeu o irmaõ muito bem, abraçandoo com muito amor, & boa vontade, (não auendo coufa algũa disto no Madune,) & presente dom Iorge de Crasto se reconciliariaõ, & fizeram pazes com as condiçoens seguintes.

Que nunca mais elle Madune, faria guerra a seu irmaõ, & que lhe largaria todas as terras que lhe tinha tomadas. E que daria logo a dom Iorge de Crasto, cem mil pagodes pera as despezas d'aquella armada, pois elle fora occasiaõ da guerra. E que pera a jornada de Candea daria todos os seruidores, & mantimentos necessarios por dinheiro. E que Elrey da Cota seria obrigado a lhe dar tres mil homens pera o acompanharem nella.

Feitos estes cõtratos ambos, os Reys firmaraõ as pazes a seu modo, ficando ali muito amigos. Dõ Iorge de Crasto se começou a fazer prestes pera passar a Candea, como lhe era mandado: & se aquelle Rey se tiuesse feito Christaõ, aueria o trabalho da jornada por bem empregado, & fauo-

recela ya contra os sedes se tentassem algũa novidade, & tambem o reconciliaria com o filha: & quando não, castigaloya pellas culpas passadas. E começou a puxar por aquelles Reys, pellas couças que eraõ obrigados a lhe dar. O Madune comprio logo có os cem mil pagodes que deuia, com o que dó Iorge de Crasto fez duas pagas aos soldados: & assi lhe deu os mantimentos, & seruidores que lhe foraõ necessarios.

Elrey da Cota como era grãde amigo dos Portugueses, pellas muitas obrigaçoens que lhes tinha, entendendo, & conhecendo a malicia do Rey de Candea, & que tudo eraõ inuençoës, pello receo có que estaua, quis tirar a dom Iorge de Crasto d'aquella jornada, pondolhe diante muitos inconuenientes, & affirmandolhe que a jornada era muito arriscada, & perigosa, por causa dos passos difficultosos que tinha. E que aquelle Rey, posto que era seu primo com irmão, muitas mais obrigaçoens tinha ao Portugueses que a elle: que lhe affirmaua que não tinha por seguro o fiarse delle, & por que todas as vezes que visse tempo, & occasiã, lhe auia de ordenar todas as traiçoens que podesse. Dom Iorge de Crasto lhe agardeceo aquelle conselho: mas como estaua amarrado ao regimento do Governador, não se quis mouer a couça algũa fora delle, & lhe pedio a gẽ-

te que lhe tinha prometido, que lhe elle logo deu.

E depois de tudo prestes, se partio na entrada de Abril, despiddosse d'aquelles Reys: & o da Cota se foy juntamente pera seu Reyno. Dom Iorge foy caminhando por suas jornadas, de que o Rey de Candea era auisado todos os dias. E receandosse que entrando dom Iorge de Crasto no seu Reyno com aquelle poder o prendesse, & castigasse, não querendo ficar a sua cortesia, ajuntou corêta mil homiẽs, & fortificou a lua Cidade, com tençaõ de lhe defender a entrada, trazendo nelle grãdes vigias. E hũa noite teue rebate, que já os nossos estauaõ hũa legoa da Cidade, & acodindo Elrey com aquelle aluoroço com toda a gente, pera o esperar á entrada della: quis nosso Senhor que tiuesse o capitaõ Frances (que estaua como reteudo, com os seus soldados) tempo pera fogir, & com a escuridaõ da noite foi caminhãdo, & chegou a dom Iorge de Crasto, estando com o exercito absentado hũa legoa da Cidade, pera ao outro dia entrar nella: & dãdolhe rebate do modo de como Elrey o esperaua, & do grande poder que tinha, & de como tudo foraõ inuençoens, ficou dom Iorge sobresaltado, & chamou logo os capitaes a conselho, & perante todos tornou a ouir o capitaõ Frances. Vendo todos aquillo, votaraõ que

q̄ se deuião tornar logo a recolher, porq̄ estauão trinta legoas pello co-  
 ração da ilha, & q̄ auiaõ de passar  
 muitos passos estreitos & difficulto-  
 sos, & q̄ se aq̄lle Rey os fosse come-  
 ter, não tinhaõ poder pera pelejarẽ  
 cõ elle. Cõ esta resolução aleuãta-  
 raõ logo o cãpo, & voltaraõ cõ grã  
 de pressa, mas cõ muito boa ordẽ.  
 Elrey de Cãdea teue pella menhã  
 recado de lua retirada, & saindo cõ  
 todo seupoder os foy seguindo por  
 defuiados caminhos: & adiãtãdose  
 os esperou em vns passos muito es-  
 treitos & difficultos: & toman-  
 doos naquellas estreituras, em q̄ os  
 nossos se não podiaõ reuoluer, os  
 foraõ derribãdo às espingardadas,  
 & frechadas, sem os nossos terẽ re-  
 paio algũ, nẽ defensão. Dõ Iorge  
 de Crasto cõ os fidalgos & capitaes  
 ficaraõ sã poderẽ gouernar os seus  
 porq̄ como todos yaõ a fio, & diui-  
 didos, & muita distãcia vns dos ou-  
 tros, não lhes podiaõ valer, nẽ elles  
 tinhaõ quẽ o fizesse a elles, q̄ tãbẽ  
 yaõ no mesmo risco, & todos feridos.  
 Assim foraõ pelejãdo ate sairẽ  
 das terras de Cãdea, em q̄ os deixa-  
 raõ, ficãdo setecẽtos homẽs mortos  
 & perdidos por esses matos, em q̄  
 entrãuaõ coatroçẽtos Portugueses  
 & os mais Christãos da terra, & gẽ-  
 te da Cota, & todos os mais q̄ esca-  
 paraõ, feridos de muitas feridas. E  
 indo caminhãdo pellas terras do  
 Madune, lhe sayo vñ Modeliar  
 seucõ quinhẽtos homẽs, & disse a  
 dõ Iorge de Castro, q̄ o Madune

lhe pedia, q̄ se recolhesse por Ceita-  
 uaca, q̄ o esperaua, pera lhe dar todo  
 o necessario. Dom Iorge de Crasto  
 mostrou agradecerlho muito, & co-  
 mo era prudẽte bẽ entẽdeo a mali-  
 cia do Madune, & disse ao Mode-  
 liar q̄ assi o faria. E tãto q̄ foi noite,  
 q̄ se aposẽtou em vñ lugar defui-  
 ado do Modeliar, depois de o segurar  
 se leuãtou, & tomou o caminho da  
 Cota, por caminhos defuiados de  
 Ceitauaca: ficãdo lhe nas estancias  
 trinta homẽs muito mal feridos, &  
 q̄ não podiaõ caminhar. Ao outro  
 dia pella menhã, se leuãton o Mode-  
 liar, & achou as estãcias vazias, & to-  
 mãdo o fato q̄ achou, & os feridos, se  
 foi pera Ceitauaca. O Madune mã-  
 dou cortar a cabeça a todos os Por-  
 tugueses, dizẽdo lhes, q̄ o mesmo ou-  
 uera de fazer ao capitaõ, & a todos  
 os mais. Isto se soube depois de vñ  
 de aq̄lles, q̄ teue modo cõ q̄ fogio, &  
 se embrenhou, & d'ahi a algũs dias  
 foi ter a Cota. Dõ Iorge foi leu cam-  
 inho muito apressado, & encon-  
 trou Elrey da Cota cõ toda a sua gẽ-  
 te q̄ o vinha buscar, por q̄ ja tinha  
 aniso da defauẽtura acontecida, &  
 aduinhada d'elle. Dõ Iorge de Cra-  
 sto vẽdo Elrey ficou defaliuado, &  
 deu lhe grãdes agradecimentos d'a  
 quelle socoro, & foise com elle a  
 te a Cota, a onde Elrey agasalhou  
 a todos os Portugueses, & os curou,  
 & deu todo o necessario. Dom Ior-  
 ge como sarou se foy pera Colum-  
 bo, & na entrada de Setembro se  
 passou a Cochim, a onde chegou

pauco antes do Governador Jorge Cabral.

## CAPITULO VIII.

*De como o Rey da Pimenta se tornou pera o seu reino. E de como o capitaõ de Cochim o foi buscar a Bardela: & da grande batalha que lhe deu, em que elle, & Elrey de Bardela morrerão.*



DEPOIS q̃ o Rey da Pimeta fez cõ o Camorim as ceremonias de suas perfilhações, se tornou pera o seu reino, pouco depois do Governador partido pera Goa: & se meteo em Bardela cõ gente & poder, pera se defender d'Elrey de Cochim, & pera lhe fazer guerra, como começou acõtinuar cõ muitos navios por aq̃lles rios dentro. Elrey de Cochim, & o capitaõ da cidade tratarão de tomar aq̃lle Rey ás maõs, & de o destruir de todo, pera o q̃ ajuntarão suas gẽtes, & forão contra elle: Elrey de Cochim por terra, & os nossos por mar, em muitas embarcações. Leuava o capitaõ Francisco da Sylua perto de seiscentos Portuguezes, em q̃ entrãuo os da armada de Fernão de Sousa de Castello Branco, q̃ ja erã recolhidos por ser em fim d'Abril.

Chegados os nossos a Bardela,

delembarcaraõ em terra, sem lho ninguẽ estoruar, & forão assentar seu exercito em um campo muito grãde q̃ estaua fora da cidade, em q̃ o Rey de Bardela estaua cõ todo o seu poder, cõ as costas na cidade. Frãcisco da Sylua mandou alguns recados a Elrey, sobre se tornar a confederar cõ Elrey de Cochim. E correo isto de feição q̃ pedio Elrey q̃ se vissem sós no meyo do câpo, antre ambos os exercitos, o q̃ Frãcisco da Sylua aceitou: & vindo ambos sós á fala, lhe tornou Francisco da Sylua a pôr diante as obrigações q̃ tinha a Elrey de Cochim & perjuizo q̃ era pera todos aq̃lles Reys ajuntarse, & perfilharse cõ o Camorim: porq̃ como era mayor em poder q̃ todos, estaua muito certo fazerse senhor de todos aq̃lles reinos: o q̃ nunca poderia fazer, se estiuessẽ vnidos ao de Cochim. Sobre isto lhe deu tantas rezoês, q̃ lhe disse Elrey, q̃ faria naquelle negocio tudo o que quisesse. Francisco da Sylua lhe disse, que se auia de entregar nas maõs d'Elrey de Cochim, que era seu pay, & que elle disporia de suas cousas como cõ filho. A isto refusou Elrey tanto, que disse, que antes perderia a vida, & o estado que fazer tal: que se elle o quisesse levar pera Cochim, & tello na fortaleza em refens, em quanto segurasse as cousas da paz, que se iria com elle, & que tornaria a desfazer as perfilhações com o Camorim. Francisco da Syl

ua co-

ua, como era homem de pouco conselho, & governo, ainda que grande caualeiro, amarrouse a se elle entregar a Elrey de Cochim: sendo bẽ bastante satisfaçãõ a que cile de si daua, como era entregar-se a elle, & depois que tiuera em seu poder, o tempo podera curar tudo: & tornaraõse aquelles dous Reys a vnir & a aparentar. E vendo que Francisco da Sylua não queria concluir com elle naquelle negocio, despidiõse delle, dizẽdo-lhe, que pois não aceitaua o que lhe offerecia, que elle trabalharia tudo o que podesse por defender sua casa. E recolhido a seu exercito, achou mais dous mil Nayres, q̃ lhe chegaraõ de refresco, com que ficou taõ soberbo, que fez final de batalha. Francisco da Sylua se pós tambem em campo, & começaraõ a trauar vns com os outros, & da primeira surriada lhe derribou a nossa espingardaria hũa soma de Nayres: & antre elles quis Deos q̃ desse hũa espingardada no Rey da Pimenta, com o que se foi recolhẽdo pera a cidade. E como ya ferido de morte, a porta de seus paços Cayo morto, sem o saberem os que ficauãõ no cãpo em batalha muito trauada, & cruel, em que ouue muito dano de parte a parte.

As nouas da morte d'Elrey começaraõ logo a correr, com o que os seus se recolheraõ pera a cidade desbaratados. Francisco da Sylua foi seguindo a vitoria, & entrou

na cidade, a te chegar aos paços d'Elrey, a que mandou por fogo. Os inimigos tanto que viraõ as labaredas nas casas do seu Rey, tornaraõ a voltar sobre os nossos cõ tamanho impeto, que começaraõ a derribar nelles, & a mór parte se começou a recolher com grande desarranjo, ficando Francisco da Sylua com perto de cento & cincoẽta homens de opiniaõ, q̃o não quiserãõ deixar. Alguns calados de Cochim, que sabiaõ muito bẽ os costumes dos Nayres, disserãõ ao capitaõ que se recolhesse, & se contentasse com a vitoria, porque antre os Malauares, a mayor afrota de todas era queimarem as casas do Rey. Com isto se foi saindo pera o campo pelejando sempre com os inimigos, sem saber ainda da morte do Rey. Os inimigos foraõ crescendo, & carregandõ sobre os nossos de feiçãõ, que se viraõ perdidos: & ainda quis adesaventura pera mayor perdiçãõ, que naquelle mesmo tempo descarregasse, & se desfizesse em agoa hũa medonha trouoada, que ja estaua armada, que era a primeira do inuerno, & foi a agoa tanta, que afogauiã os nossos, & impidio a espingardaria com que não pode laborar. Os inimigos entendendo o negocio & vendo cessar a espingardaria, q̃ era o que os mais affombraua, cobrando animo carregaraõ sobre os nossos, & com seus arcos, que a chuua não impedia, foraõ encra-

uando, & derribando bem á sua vontade. Os nossos vendosse perdidos viraraõ as costas, & foraõse recolhendo pera a praya, a onde estauaõ os nauios, a que se lançaõ a nado. Francisco da Sylua, que era grande caualeiro, acompanhado de alguns fidalgos & caualeiros (que nunca o deixaraõ) naõ quis virar as costas, & foi sempre pelejando com os imigos, com o rosto nelles: mostrando bem seu valor & esforço. Mas como os imigos eraõ muitos, & estauaõ no campo largo, cercaraõ os nossos, & apertaõ com elles de feiçaõ, que derribaraõ dom Pedro de Sousa, Fernaõ de Sousa de Castello branco, Fernaõ Rodriguez de Mariz. Antonio Machado de Gouea, & outros fidalgos & caualeiros, todos de feridas mortaes.

Francisco da Sylua vèdo aquelle estrago, disse pera os que ainda o acompanhauaõ, que se recolhessem, por que elle se naõ queria salvar a onde via perder tâtos, & taõ esforçados fidalgos & caualeiros. E com esta furia remeteo com os imigos como vm touro feroz: & metendosse em meyo delles, fez cousas que espantou a todos. Mas como elle era sò, & os imigos tantos, & as forças lhe cansaraõ, cayõ atassalhado de cruelissimas feridas. Os imigos vendoõ cair, remeteraõ a elle pera o desfarmarem; sobre o que ouue tamanha referta (por quererem todos levar delle)

seu pedaço) que se descuidaraõ dos nossos: & os feridos que ja atrás nomeamos, tiueraõ tempo pera ajudados dos outros se recolherem á praya, a onde sobre a embarcaçaõ auia tamanho desfarrajo, que andaua o rio coalhado de homens a nado: & assi se recolheraõ com trabalho aos nauios. Fernaõ de Sousa de Castello branco, com muitas feridas, & com hũa escingardada por hũa perna, de que sempre foi manco. Dom Pedro de Sousa outra de que naõ perigou: & todos os mais com tantas feridas, que Fernaõ Rodriguez de Mariz leuaua quatorze: & se naõ fora a morte de Francisco da Sylua, cujos despojos embaraçaraõ os imigos, nenhũa escapaua.

Recolhidos todos foraõse pera Cochim, & socedeo na capitania Anrique de Sousa Chichorro. Ao outro dia mandou buscar o corpo de Frãisco da Sylua, ao que foraõ alguns nauios, & gente, & ao longo da praya o acharaõ, & a desassete Portugueles mais, nũs todos, com feridas mortalissimas: & recolhidos todos se tornaraõ pera Cochim, & lhe deraõ muiy honrosas sepulturas.

Desbaratados os nossos se recolheraõ os imigos pera a sua cidade, & fizeraõ as exequias ao seu Rey cóforme ao seu modo & costume, com muita pompa. E depois de feitas, todos os de sua casa, & que tinhaõ delle tenças, & medias,

medias, que seriaõ perto de coatro mil Nayres, sobre a mesma coua se fizeraõ Amoucos, com suas cerimoniaes, rapando as barbas de hũa ilharga, ( que he o final pera serem conhecidos, ) & juraraõ em seus Pagodes de morrerem todos em vingança da morte do seu Rey, Feito isto, logo se ajuntaraõ quinhentos os de mais obrigação, & toraõ dar na ilha de Aru, que he d'Elrey de Cochim, & a poleraõ a fogo, & a ferro. D'ali passaraõ a Cochim de cima, & entraraõ hũa madrugada pella Cidade, em que fizeraõ grandes danos, & cruzas, matando, & espedaçando muita gente. Elrey com os da sua casa, & todos os mais que poderaõ, se recolheraõ pera a nossa cidade, que se meteo em reuolta, por que chegaraõ os Amoucos a tè os arraballes. O capitaõ Anrique de Sousa Chicorro, ajutando todos os moradores, sayo a buscar os Amoucos, & foy apos elles a tè Cochim de cima, & os achou pelejando na ludiarria com os Iudeus, que se lhes defendiaõ muy bem. Os nossos deraõ nelles, & os meteraõ todos a espada, sem lhes escapar vm sò. Feito isto, deixou o capitaõ nas castas d'Elrey, Antonio de Sá Pinheiro, com trinta soldados pera sua guarda, & elle se recolheo pera a cidade, & fortificou as entradas das mas, por q se esperava pellos mais Amoucos, tendo sempre no campo grandes vigias, & atalayas.

## CAPITVLO IX.

*De como o Camorim passou ao reyno da Timêta pera tomar posse delle, por lhe pertencer pella perfilhação. E de como Fernão Rodriguez de Mariz partio pera Goa no mês de Junho com nouas das galês. E da espantosa viagem que fez.*



**A**NTO que o Camorim teue nouas da morte d'el Rey da Pimenta, com quem estaua perfilhado, logo determinou de ir tomar posse d'aquelle Reyno, como herdeiro delle: & começou a ajutar seu poder com muita pressa. Disto foy logo auisado Elrey de Cochim, q mandou rebate a Anrique de Sousa Chichorro, que vendo a importancia do negocio, mandou com muita pressa armar perto de quinze nauios, catures, manchuas, & tones, em que yaõ cento & cincoenta homens, & por capitaõ mór de todos elegeo seu cunhado Antonio Correa, irmaõ de sua molher, cavalleiro muy honrado, & antigo no seruiço d'Elrey: & lhe deu por regimento, que se fosse pellos rios dentro meter em Chor a manchora ( He esta hũa alagoa que fica nas costas da Cidade de Panane, que he taõ grande, que

## *Sexta Decada. Da historia da India.*

que affirmão os naturaes que tem vinte legoas em roda, & nella entraõ todos aquelles rios, que vão sair ao mar, que decem da serra, & por elles podem entrar nauios de remo a tè se meterem nella. No veraõ se seca toda, ficando no meyo della sempre v̄m braço do rio, em que nadaõ catures: & todos os campos à roda se sameaõ de arroz, de que se colhe hũa grande quantidade.) E porque forçado o Camorim auia de passar v̄m daquelles rios pera estoutra banda, de longo da alagoa, mandou o capitão a seu cunhado que se metesse nella, & lhe defendesse o passo.

Partidos estes nauios pellos rios de Cochim dentro, foraõ entrar na alagoa, aonde se deixaraõ estar com grande vigia. Ioaõ Pereira capitão de Cranganor, com a gente de sua obrigação, & Elrey de Cochim, tambem se foi p̄r em outros passos, porque tiuesse o Camorim tudo impedido. Elle tanto que teue a sua gente junta, começou a marchar: & chegando aos estreitos por onde auia de passar, achou todos impedidos dos nossos nauios. Antonio Correa tanto que vio a gente do Camorim, começou os a varejar com a artelheria de feiçãõ, que lhe ferio, & derribou muitos: & os imigos da outra banda se poseraõ tambem cõ os nossos as espingardadas todos os dias, & noites que foraõ muitos em que ouue dano d'ambas as par

tes. As moniçoës dos nossos se gastaraõ todas, mas Ioaõ Pereira os proueo de tudo o necessario, por v̄m passo que se chama de Matepirãõ, que he o mais seco de todos.

Disto foy auisado o Camorim, & mandou v̄m grosso poder a tomar aquelle passo, pera impedir os prouimentos aos nossos nauios. Ioaõ Pereira capitão de Cranganor, tanto que teue rebate daquelle negocio, se passou ao passo com todo o poder, donde se p̄s à bataria com a gente do Camorim, cõ que teue algũas escramuças, em q̄ os nossos fizeraõ cousas muito notauais, que por serem muitas, & miudas as deixamos, porque não sofre a historia tanto. E todauia de tal maneira lhe defenderaõ os nossos os passos, que desconfiado o Camorim se carteu com Elrey de Diãper, que era do seu bando, pera que lhe desse passagem por seu reino, pera o da Pimenta. Disto foy tambẽ auisado Antonio Correa, & mandoulhe tomar o passo de Malutur, que he pello pé da serra, por onde elle pretendia passar: mas como o rio ali de marẽ vazia não deixaua agoa pera os nauios nadarem, foilhes necessario afastaremse, por não ficarem em seco. Como isto teue o Camorim tempo pera passar á outra banda, o que ainda não pode fazer se não em trajos de jogue, que foi a couza mais vituperada pera elle q̄ todas as da

as da vida . E ajuntandosse com Elrey de Diamper , & com outros do seu bando,passou ao Reyno da Pimenta , & tomou posse d'elle, perfilhando o Principe sobrinho do morto, em Principe herdeyro, como tinha feito em vida de seu tio.

O capitão de Cochim, tanto q̄ foubeser o Camorim passado, armou todos os nauios que pode , & mandou recolher Antonio Correa seu cunhado , & lhe deu mais nauios , & gente, com que andou pellos rios de Bardela , & Diamper dentro, fazendo toda a guerra que pode,dandolhes em muitos lugares que lhes abrazou , & queimou. O capitão de Cochim ajuntando todos os casados , & toda a mais gente que auia em Cochim, foi dar na ilha de Parebalaó, q̄ era do Rey da Pimenta, & a destruiu de todo, matandolhe muita gente. E desejando de dar em Bardela, mandou solicitar os Reys de Porcã, & de Palur , & o Mangate Caimal, & o Mangate Carta de lũa, & outros senhores, & Caimais, (que sempre foraõ do bando d'Elrey de Cochim) pera se ajuntarem com elle: & não s̄o se escusaraõ , mas ajudaraõ o Camorim, porque estauaõ escandalizados do Governador Martim Afonso de Sousa lhes tirar as tenças, que lhes Elrey de Portugal mandou dar, pellos muitos seruiços que todos lhe fizeraõ nas guerras , contra o Camorim,

quando se quis ir coroar a Repelim (como na quinta Decada , no capitulo primeiro do primeiro liuro fica dito.) Por onde se verá quanto em perjuizo da fazenda d'Elrey, & do estado da India saõ algũas crecensas, que certos Governadores , & Visorreys querem fazer à fazenda d'Elrey, s̄o pera tirarem certidoens de seruiços : podendo chamar mais deleruiços & destruiçãõ de sua fazenda , que o nome que lhe elles querem pôr: por que desta pouquidade q̄ estes tinhaõ de tença, que se lhes tirou, com que os tinhaõ seguros no seruiço d'Elrey de Portugal , naceo passaremse á parte do Camorim, em dano do estado, & não acodir piméta pera as naos, em que Elrey recebeo muitos annos hũa muy notauel perda , & fazeremse muitas despezas em grandes armadas, pera andarem pellos rios de Cochim, fazendo vir a pimenta, não so comprada a mais dinheiro, mas ainda a custa de muito sangue de vassallos Portugueses.

E tornando a nossa ordem , a guerra ficou durando todo o inuerno, com muitos trabalhos, gastos, & despezas, com que tambem os imigos ficaraõ bem quebrantados. Neste tempo, que era em lunho, escreueo o capitão de Chalè hũa carta ao de Cochim, em que lhe dizia que chegara hũa nao a Capocate em Mayo, que viera de Meca, & daua por nouas cerras, q̄ ficaua

## *Sexta Decada. Da historia da India.*

ficaua em Suèz hũa armada de Galles posta ja no mar pera passar á India : & que elle tinha mandado tres ou coatro Patamares por terra com recado ao Governador, & que todos lhe tomaraõ a gête do Camorim, que lhe pedia vista a importancia do negocio, trabalhasse por auisar ao Governador por todas as vias que podesse.

Vendo Anrique de Sousa Chichorro quanto aquillo importaua, & que naõ auia ainda o caminho pellas terras do Pande (q̄ são pera cima da serra) descoberto, como depois se descobrio : quis arriscar um nauio por mar, (posto q̄ era começo do inuerno) que começou logo a negociar com muita pressa. Perã esta jornada se offerecêo Fernão Rodriguez de Mariz, que se negociou, & a tres dias do mes de Junho deu á vela, leuãdo comsigo sete companheiros. E naugando cõ mares muito grossos, alagados, & destrocados, foraõ tomar Chale, a onde se reformaraõ de todo o necessario : & dandolhe o tempo um pequeno jaziguõ tornou a seu caminho com mares taõ grossos & soberbos, que os comiaõ, & assi foraõ ferrar a baya de Canãnor, com mantimentos podres & perdidos. Ali se refizerã de outros, & tornaraõ a sua jornada. E indo de monte de lipera diante lhe cursou o tempo de feiçaõ, que se viraõ perdidos : & o que pior foi, que era o vento tra-

ueffaõ, que os naõ deixaua nauegar. E por naõ darem à costa surgiraõ tanto auante como o rio de Mangesiraõ, aonde estiueraõ com infinito trabalho ja desconfiados das vidas. Os mares creciaõ tanto, & taõ apressados, que se affirma q̄ lhe deraõ oito juntos, com que o nauio se virou : & os Portugueses tiueraõ tanto acordo, que cortaraõ a amarra, & aferrados todos no nauio : & amarrados a cordas : & assi mesmo os marinheiros, permittio Deos que os mesmos mares fossẽ encaminhando o nauio ate o embocar pello rio de Magosiraõ dentro, & tanto que o malto que ya direito pera baixo tocou no fundo, com a força da pancada saltou o nauio pera cima, & tornou a ficar virado, & os Portugueses encapellados, & a nado tornaraõ a ferrar o nauio, sem perigar algum delles : & assi chegaraõ a pouoação com o nauio destrocado, & desbaratado. Os naturaes deste rio estauã de paz com o estado, mas andauã trauados em guerra uns vizinhos com outros, & os da terra agasalharaõ os nossos, & lhe deraõ por seu dinheiro tudo o de que tiueraõ necessidade pera o concerto do nauio. Só mantimentos naõ acharã, porque por causa da guerra estaua tudo perdido : & por grande aderencia lhe deraõ dous fardos de arroz, por cincoenta pagodes : & com elles, & algum peixe tornaraõ a sua viagem, & alagados

alagados muitas vezes, & com imensos trabalhos, & perigos, foraõ ferrar Goa a velha pollo saõ João: & por dentro dos rios chegarão a Goa.

Fernão Rodriguez de Mariz se vio com o Governador, & lhe deu as cartas que de molhadas se não podião lér, & lhe contou todas as nouas do que era passado, assi das Galès, como da morte de Francisco da Sylua: & da passagem do Camorim ao reino da Pimenta. Isto sentiu o Governador muito: porque eraõ cousas que molestauão o Estado. & porque as nouas das Galès, lhe não auião de deixar acodir áquellas cousas como era necessario. A Fernão Rodriguez de Mariz fez muitas honras, & merces: & o mesmo a seus soldados, por se ariscarem assi em hũa viagem tão perigosa pello, seruiço d'Elrey. Com estas nouas mandou o Governador dar mais pressa as cousas da armada, porque sem duvida esperaua as Galès na entrada de Setembro. E deixaloemos

agora por vm pouco, por

que he necessario conti-

nuar com as cou-

sas de Maluco,

que nos ca-

bẽ aqui.

(?)

## CAPITULO X.

*Das cousas que aconteceraõ em Maluco a se chegar Jurdaõ de Frentas. E de como Bernaldim de Sousa entregou a ferialeza a Christouão de Sá: & de outras cousas q̃ mais passaraõ,*



EM OS deixado as cousas de Maluco em tregoas, os nossos com o Rey de Geilolo, que se tinha feito o mais poderoso de todos os d'aquelle Archipelago. E como era mau & tyrão, & inimigo do nome Christão, fazia toda a guerra que podia aos Christãos de Moro, dandolhes em suas pouoações, destruidolhas, matado, & catingado muitos, & cõtra o contrato das tregoas, recolhia em sua cidade todos os escravos dos Portugueses q̃ fogião de Ternate. Disto andaua tão escandalizado Bernaldim de Sousa, que desejava de lhe dar vm muito grande castigo, primeiro que fosse outro capitão. E pera ter occasião de quebrar as tregoas, cometeo a Elrey de Ternate, q̃ lhe deixasse fazer reprela em algũa gente de Geilolo, que ali andaua na cidade, pera a trocõ della auer os escravos q̃ aquelle Rey lâ tinha em seu poder. Disto se escusou Elrey, assi por se

## *Sexta Decada. Da historia da India.*

temer do outro, como por ser seu genro, seu parête, & Mouro como elle. Mas depois tendo algũs agruos delle, disse a Bernaldim de Soufa, que naquella materia podia fazer tudo o que lhe bem parecesse, que elle o ajudaria com tudo o que podesse. Com isto mandou logo Bernaldim de Soufa armar algũas Fustas, & Corocoras, & as proueo de gente, & moniçoens, & as repartio em duas capitancias, hũa dellas deu a Ruy Diaz Coelho, moço da camara do Duque de Bragança ( que entã seruia de Capitão mór do mar.) A outra deu a Manoel Lobo, & os despidio, dandolhes por regimento que se fossẽm a ilha do Moro cada vm por sua parte, & q̃ fizessẽm por aquella costa do reyno de Geilolo toda a guerra que podessẽm.

Passados estes capitaẽs ao Moro, deraõ em alguns lugares, que meteraõ a ferro, & a fogo: & catiuraraõ algũas pessoas. E depois de terem bem de catiuos, mandaraõ dizer ao Rey de Geilolo por via de Raque. Naque Regedor do Tolo, que lhes mandasse a artelharia que tinha da fortaleza, & os escrauos dos Portugueses, & que lhe mandariaõ os catiuos que tinhaõ. A isto respondeo elle, que não daria o mais roim berço por todos os catiuos. Com este desengano se recolheraõ a Ternate. O capitaõ mandou apregoar

logo guerra contra Elrey de Geilolo: & concertouse com Elrey de Temate, de lhe fazerem toda a que podessẽm: & asy armou logo Elrey suas Corocoras: & mandou Cachil Guzarete seu meyo irmão da parte da mãy, & seu capitaõ mór do mar, pera que fosse por toda a costa de Geilolo, & a destruisse. E o capitaõ mãdou em sua companhia Ruy Diaz Coelho, com toda a armada da fortaleza. Passados ambos ao Moro, deraõ em muitos lugares de Geilolo, & depois de os destruire se foraõ por sobre a sua barra, & os tiueraõ de cerco, sem oufarem as embarcaçoẽs dos pescadores a sairem fora, porque logo eraõ tomadas, o que aquelle Rey teue por muito grãde afronta. Passado o tempo do seu prouimẽto voltaraõ pera Ternate com muitas prezas, & catiuos. Depois disto se embarcou o Rey de Ternate na mesma armada, leuãdo cõsigo os Portugueses, & passou a Geilolo: & hũa madrugada desembarcou em vm lugar chamado Geima, & o destruiu, & abrasou de todo, não deixãdo couza algũa em pẽ. E querẽdo dar em outros lugares lhe chegaraõ nouas que eraõ vindos nauios da India: & q̃ lurdaõ de Freitas vinha por capitaõ da fortaleza. E como elle era seu inimicissimo, sintio tanto que leuou maõ da guerra, & voltou pera Ternate. Christouaõ de Sã, & lurdaõ de Freitas chegaraõ

rao ao porto de Talangame, a onde forgiraõ, & logo se foraõ á fortaleza, & Bernaldim de Sousa os recebeu muito bem. Christouaõ de Sá lhe apresentou a prouisaõ, & carta de guia que leuaua, por cuja virtude lhe entregou logo a fortaleza, do que Iurdaõ de Freitas ficou sobrefaltado, por que não sabia das prouisoens. Bernaldim de Sousa vendo que não se podia ir aquelle anno pera a India (por que estaua fazendo hũa Nao no porto de Talangame pera se ir nella) passouse pera lá com todos seus criados, & amigos, q̄ eraõ mais de trinta pessoas (por que se receou que os Geilolos lhe fossẽm queimar a Nao.) E ali se deixou estar dandolhe pressa: Christouaõ de Sá ficou correndo com a obrigação da fortaleza.

Iurdaõ de Freitas tomou casas em terra, a onde se aposentou a te lhe caber o tempo, sem correr cõ Elrey, nem Elrey com elle: antes muitas pessoas lhe aconselhauaõ que deuia recõciliar-se com Elrey, pois auia de ficar naquella fortaleza: o que elle não quis fazer. O Rey de Geilolo afrontado, & magoado dos nossos lhe destruirem seus lugares, armou as suas Corocoras, & mandou ao seu capitão mór que trabalhasse por lhe queimar a nao de Bernaldim de Sousa. Esta armada chegou hũa madrugada ao porto de Talangame, & querendo desembarcar sentio grã-

des vigias, & tornou-se a recolher. D'ali passou adiante, & foi dar em um lugar da mesma ilha, chamado Xulá, & o queimou & abraçou. Bernaldim de Sousa tanto que sentio os inimigos, acodio á praya pera lhes defender a desembarcação, & d'ahi a pouco vio o fogo no lugar de Xulá, & sentio muito não ter nauios pera sair a os inimigos. E vindo amanhecendo chegaraõ ali seis Corocoras, em que vinha Cachil Page irmão d'Elrey acodir a Xulá, pello fogo que em Ternate viraõ. Bernaldim de Sousa estimou muito sua chegada: & embarcandosse com vinte homens em hũa Corocora, foi com elles buscar os inimigos. E chegando a Xula, viraõ ir a armada de Geilolo ja afastada, & recolhendosse. Cachil Page, & Bernaldim de Sousa os foraõ seguindo a te a tarde com tanta furia, que Bernaldim de Sousa que ya diante, chegou a tiro d'espingarda. E olhando pellas Corocoras de Cachil Page, vio que ficauaõ mais de hũa legoa atras, o que Cachil Page fez de industria, por que era fraquissimo & muito pusilanimos: & entendendo de Bernaldim de Sousa que auia de pelear com a armada de Geilolo, se fez manco, & deixou-se ficar. Bernaldim de Sousa vendosse taõ perto dos inimigos, & que não leuaua nauios pera os cometer, foi sua paixãõ tamanha, que rebentaua: & vendo

— que feria temeridade cometer só os inimigos tornou a voltar para Ternate, & os inimigos foram seu caminho sem o querer seguir. E chegando a Talangame muito afrontado d'aquella retirada, querendosse satisfazer della, mandou fazer queixume a Elrey de seu irmão Cachil Page, & pedirhe que lhe mandasse cinco Corocoras, & mandou convidar a fortaleza seus amigos para o acompanharem em hũa jornada que queria fazer. Elrey lhe mandou as Corocoras, & da fortaleza lhe acodiraõ mais de cinquenta homens. E embarcandosse com todos os Portuguezes que ali tinha, & com os que lhe acodiraõ, partio para Geilolo. Chegando ao seu porto lançou em terra hũa pessoa, por quem mandou desafiar Elrey para hũa batalha no mar, com todas as Corocoras que elle quisesse: por que elle com só aquellas cinco o esperava. Elrey aceitou o desafio, mas não lhe sayo. Bernaldim de Sousa esperou todo aquelle dia & noite, & ao outro dia tornou dar á vela para Ternate, ficando Elrey muito abatido d'aquelle negocio. A guerra ficou correndo vns aos outros, toda a que podiaõ, dando vns nos lugares dos outros. Em vni destes assaltos foi catiuo aquelle soldado de Geilolo que cortou a cabeça ao Portuguez, por cujo feito lhe deu o Rey de Geilolo a fi-

lha, que tinha casada com Elrey de Ternate: & sendo conhecido o leuaraõ a Elrey de Ternate, que o mandou enforçar na praya. Neste estado deixamos as cousas de Maluco a te ser tempo de tornar a ellas.

## CAPITULO XI.

*Das cousas que o Governador Jorge Cabral fez em Goa. E de como lhe vierã nouas que as Gales se tornaraõ a desarmar: & despido Manoel de Sousa de Sepulveda para Cochim: & de como cercou os Principes Malauares na ilha de Bardela: & do que mais socedeo.*



ASSADO o Camorim ao reino da Pimenta, (como atrás temos dito no capitulo nono deste liuro oitauo) mandou logo cõuocar todos os Principes Malauares do seu bãdo, que eraõ dezoito, em que entrava Elrey de Tanór, seu vassalo, o que se fez Christaõ em tempo de Garcia de Sá, (como fica dito no capitulo quinto do setimo liuro) q̃ lhe acodiraõ com todo o seu poder. Elle os mandou passar á ilha de Bardela, com trinta mil Nayres, & cinco ou seis mil Amoucos da obrigação do Rey morto,

morto, pera d'ali passarem a Cochim, a tomar vingança da morte d'aquelle Rey: deixandosse elle ficar da banda do Chembe com cẽ mil homens de guerra: de maneira, que toda a potencia do Malauar estaua ali junta. Anrique de Soufa Chichorro capitão de Cochim, fortificou muito bem a cidade, & Elrey de Cochim ajuntou perto de corenta mil homens pera defender seu reino. Disto auisaraõ por terra ao Governador por muitos Patamares, q̃ chegaraõ logo a pòs Fernão Rodriguez de Mariz. O Governador andaua muito occupado na preparação da armada, por que determinaua ir buscar os Rurnes, & ficou embaraçado védo que se lhe offerenciaõ estoutros trabalhos de nouo, que naõ eraõ menores, nem de menos obrigação pera acodir q̃ os das Galés, por que estaua aquelle reino arriscado a se perder de todo, o que seria destruição do Estado.

Com estas cousas ficou suspenso, & chamou muitas vezes a conselho os fidalgos, & capitaes, & em todos ouuiu varios pareceres. E como o Governador desejava de saber o de todos os da cidade sobre aquella materia, mãdou pór na Sé de Goa hũa caixa com algũas fendas por cima por onde podiaõ caber cartas, & mandou pregar escritos pellas portas das igrejas, & pregar pellos pulpitos, que toda a

peessoa de qualquer qualidade que fosse que lhe quisesse dar seu parecer naquella materia, o fosse lançar dentro naquella caixa, ou declarando seu nome, ou encobridoo, pera que mais liuremẽte podessem dizer tudo o que entediaõ: & assi se começaraõ a lançar muitos.

E pella mesma maneira escreueo às cidades de Chaul & Baçaim, o trabalho em que ficaua, pedindo q̃ tãbem lhe dessem sobre elle seus pareceres, & o quisessem ajudar cõ nauios & gente pera aquella jornada, pondolhes diante as obrigaçoens de leaes & bons vassallos: & como aquella necessidade era geral, & cabia a todos sua parte. Estas cartas lhes foraõ dadas, & logo lhe responderaõ q̃ estauaõ todos prestes pera sacrificarem as vidas por seruiço de Deos, do Rey, & defensão de seu Estado: ainda q̃ a cidade de Chaul dizia na sua carta (cujã copia temos em nosso poder) q̃ sem embargo dos muitos agrauos que tinhaõ dos Governadores passados, em necessidade taõ vrgente, & forçada, elles se naõ lembravaõ mais que do seruiço de Deos, & d'Elrey: que elles offerenciaõ doze nauios armados á sua custa, de marinheiros, soldados, mantimentos, & moniçoens pera tres meses. E outros doze com seus marinheiros, & que de soldados, & mantimentos os prouesse elle: & assi os começaraõ logo a negociar com

*Sexta Decada. Da historia da India.*

muita presteza . O Governador daua em Goa muita pressa a todas as cousas , pera como o veraõ entrasse estar posto no mar,pera acudir a onde fosse mais necessario.E como tinha a armada,& almazens encarregado a capitaens , que corriaõ com isto,descansaua nelles,& prouia nas cousas de fora: por que naquelle inuerno se naõ tratou d'outra cousa , mais que das que compriaõ á armada . E indo vespóra de Sanctiago á ribeira a visitar a armada perguntou áquelles capitaens em que estado estauaõ, & elles lhe disseraõ , que tudo prestes . E que cada vez que quisesse pór toda a armada no mar , o podia fazer. Disto ficou o Governador taõ aluoroçado, que vendo estar o mestre da ferraria o chamou & lhe disse,que fizesse logo trezẽtos pandeiros, pera se repartirem pella armada, (por que era muito amigo de folias.)E assi andauaõ as armadas taõ alegres naquelle tempo,q se podia embarcar nellas por entertimento.

E estando com este aluoroço, mandando lâçar os nauios ao mar, lhe chegaraõ as cartas de Chaul & Baçaim,do offerecimento dos nauios . E juntamente lhe escreveu Francisco Barreto capitaõ de Baçaim, que chegara áquelle porto hũa nao q viera de Meca no fim de Mayo , que affirmava q o Turco mandara ao Baxá que estaua em Sués, negociando a armada q

sobrestitueffe, & naõ se bolisse a te seu recado,& com isso se tornaraõ as Galés a desfamar,& que era noua muito certa , & aueriguada. Estas nouas festejou o Governador muito,por lhe ficar tempo des occupado pera as cousas de Cochim.

E logo com muita pressa despidio Manoel de Sousa de Sepulueda,com coatro nauios de remo,de cujos capitaens naõ achamos mais nomes que de Gõçalo Vaz de Taoura. E lhe deu por regimento q se fosse a Cochim, & que com a armada de Fernaõ de Sousa, & có todos os nauios que mais se podessem armar , se fosse lançar sobre a ilha de Bardela , onde estauaõ os principes Malauares , & q os tiuesse dentro reteudos a te elle chegar, por que logo partia a pos elle. Manoel de Sousa de Sepulueda sayo com os nauios por Goa a velha no fim de Iulho, ( por a outra barra estar ainda soberba & perigosa.) E dando á vela foi seguindo seu caminho com muito risco & trabalho, & em poucos dias chegou a Cochim. E ajuntandosse com o capitaõ da cidade,armaraõ todos os nauios que auia,q eraõ perto de trinta: & embarcãdo nelles muita & boa gente , que ali inuernou,se passou logo a Bardela, & se lançou ao derredor d'aquella ilha,fechãdo nella aos Principes Malauares,de feiçaõ, que se naõ podiaõ sair,nem serem socorridos

ridos do Camo m que estaua da outra banda do Chambe como dissemos. E logo despidio recado ao Governador de sua jornada, & de como os Principes Malauares estauão enferrados em Bardela: & que ali lhos tinha todos, pera lhos entregar nas mãos quando quisesse.

## CAPITULO XII.

*Do que aconteceu a Luis Figueira com huas Gales de Rumes: & de como foi ao Cinde, & favoreceo aquelle Rey contra os Nautiques: & da desgraça que lhe aconteceu.*

**L**VIS Figueira que deixamos inuernãdo em Ormuz com a sua armada, tanto que entrou Agosto, negociou os nauios, & os proueo do necessario, & de quinze do mês por diante se embarcou, ficando Gil Fernandez de Carualho em Ormuz com a sua Fusta. Depois em Setembro partio pera Goa, onde chegou em Novembro: & sabendo ser o Governador em Cochim o foi lá buscar. Luis Figueira foi seguindo sua jornada pera o cabo de Rosalgate, (por que ja em Ormuz auia nouas, que se viraõ pór naquella paragem coatro Ga-

lés pequenas, & as mesmas nouas achou em Mascate, a onde os Portugueses estauão ja sobre auiso, & prestes com grandes vigias sobre elles, com determinação de lhes defenderem a desembarcação se a quisessem cometer.) E passando a diante chegou á ribeira de Teue, onde fez agoada: & ali lhe deraõ nouas q̄ as Galés estauão em Iór, vm lugar d'ali a legoas. E negociando os nauios, & fazêdo prestes as monçoens, sairão d'ali todos postos em armas, & antes de chegarem a Iór, ouueraõ vista de coatro Galeotas grandes & fermosas. Andaua nellas vm Mouro grã de coffairo, chamado Cafar: que tinha saido de Meca com tenção de saquear Mascate, & saquear as naos que em Outubro auiaõ de partir de Ormuz pera Goa, & pera outros portos da costa da India. Os imigos tanto que ouueraõ vista da nossa armada, virando em outro bordo voltaraõ pera tras, dando toda a vela: & ajudandosse do remo foraõ fogindo o mais q̄ poderaõ. Luis Figueira foi seguindo os imigos tambem com a mesma pressa: & como elles lhe leuauão muita ventagem, & as Galeotas eraõ muito ligeiras, se foraõ milhorando de feição, que dobraraõ o cabo de Rosalgate pera fora: & tomaraõ o caminho pera o estreito de Meca de longo da costa. Luis Figueira tambem dobrou o cabo a pos ellas, leuandoas a vista, & se-

guio as pouço, por que desconfiado de as não poder alcançar as largou. Alguns lhe deraõ culpa de as não seguir a te o estreito de Mecca, auendo que sem duuida as alcançara, & tomara em algũ porto. Deixadas as Galés voltou Luis Figueira pera o caminho de Goa, & foi tomar o Cinde, os respeitos por que nós o não sabemos. Elrey que estaua na cidade de Tatá, sabêdo da nossa armada, mádou vm Embaixador ao capitão mór della, a pedir lhe que lhe quisesse castigar os Nautiques, que lhe estauão rebellados: & que lhe faria paga a os soldados, & despeza da armada. Luis Figueira querêdo seruir naquelle negocio, mandou cinco ou seis nauios pera irem dar no porto dos Nautiques, & destruilos. Estes nauios foraõ áquelle negocio com o olho nas prezas q se esperauão: & andaraõ pellas costas dos Nautiques dandolhe em alguns portos & pouoçoens em que fizeraõ algum dano. E andando por ella deu vm dos nossos nauios em seco, em parte onde acodiraõ os da terra, & cortaraõ as cabeças a todos os Portugueses, & tomaraõ o nauio cõ toda sua artelharia, sem os nossos lhes poderem valer. E não cessando aqui o mal deu outro nauio em hũa restingua, a onde se perdeu: mas só se saluou a gente nos mais nauios. Com estas auualias se recolheraõ os mais pera o capitão mór que sintio em estre-

mo aquelle negor, & o ouue por grande mofina sua. E como andaua com sobeja desconfiança do negocio das Galés (que os soldados lhe não perdoaraõ, em matracas q de noite lhe dauaõ) acabou aquella desgraça, ou desastre de o desconfiar de todo, entristecendosse de maneira que o entenderaõ todos nelle. E dãdo á vela pera Goa, chegou áquella cidade ja em Nouembro, sendo o Governador Iorge Cabral partido pera Cochim, como no capitulo adiante se dirá: & tomando algũas cousas necessarias se partio em busca delle: & chegou áquella cidade, depois do Visorrey dom Afonso ser nella: como tudo melhor se dirá adiate.

CAPITULO XIII.

*De como o Governador Iorge Cabral partio pera Cochim: & de caminho destruiu as cidades de Capocate, Tiracole, Coulete, & Panane: & de como estãdo pera dar em Bardela, lhe deraõ nouas, que era chegado o Visorrey dõ Afonso de Noronha.*



**M**ANTO que o Governador despedio Manoel de Sousa de Sepulueda, logo pós toda a sua armada no mar, & ficou esperãdo que viessem

sem naos do reino, pera saber nouas, & tomar dellas mais gente. E tanto que o veraõ entrou, escreveu a Chaul & Baçaim, que ficaua posto no mar esperando pellos nauios que lhe auiaõ de mandar, & entre tanto deu despacho a muitos negocios: & fez paga aos soldados, no q̄ se gastou todo o mês de Setembro. E vendo que tardauaõ naos, & que ja não podiaõ ir senaõ a Cochim, foilhe necessario auirse mais depressa, por que se lá as achasse, & lhe viesse socessor, se poderia embarcar pera o reino: & assi se safou de todos os negocios, & se embarcou de quinze de Outubro por diante, entregando o gouerno ao Bispo, capitaõ da cidade, & Ouvidor geral, & na barra esteu a te lhe chegarem os nauios do Norte, que foraõ perto de trinta, com muitos & bons soldados, cõ cuja vinda se fez logo á vela, ja no fim do mes. A armada que leuaua era de mais de cem nauios, em que entrauaõ perto de vinte Galeoens, Naos, & Galés: & tudo o mais Fustas, & Bargantins: Os capitães & fidalgos que nesta jornada o acompanharaõ, dos que podemos achar os nomes, saõ os seguintes.

Dom Antonio de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, Bastiaõ de Sá, Pantaliao de Sá seu irmaõ, dom Ioaõ Anriquez, Francisco de Mello Pereira, Ioaõ de Mendoça, dom Ioaõ Lo-

bo, Martim Afonso de Miranda, Pero Botelho, Martim Afonso de Mello Ombrinhos, Fernaõ Gomez de Sousa, Gil Fernandez de Carualho, Lopo Vaz de Siqueira, Diogo Botelho, Pedro Afonso d'Auelar, Iorge de Mendoça, & outros muitos fidalgos & caualeiros. E seguindo sua jornada foi pela costa do Malauar assolando, & destruindo tudo: & desembarcou em Tiracole (cujo proprio nome he Quiçore) hũa cidade do reino do Camorim, grande & fermosa, & de muito trato, & mercadores, assentada, & estendida sobre a costa braua duas legoas do rio de Pudepataõ pera o Sul, que queimou, destroyo, assolou, & roubou, achãdo os soldados nella grandes prezas. O mesmo fez á cidade de Coulete, que deixou abrazada, & seus palmares cortados, & todas suas embarcaçoens feitas em caruoés. E chegãdo a Calecut, determinou de desembarcar, & destruir aquella cidade (por que seria a mayor afronta que se poderia fazer ao Camorim:) mas foi cõtrariado de todos os fidalgos da armada, que lhe disseraõ, que não era bem se ariscasse a lhe acontecer vm desastre, que era necessario pouparse, & ir inteiro pera o negocio de Bardela, a onde tinha todos os Reys & Principes Malauares, & lhe não podiaõ fogir das maõs, que era o mór, & mais importante negocio da India, & o mais honroso: pera o  
que

*Sexta Decada. Da historia da India.*

q̄ era necessario ir com a maõ muito folgada. Somete dom Ioaõ Anriquez, & Luis Xira Lobo, foraõ de contrario parecer: dizendo, que se quãdo ali naõ estaua o Camorim se naõ queimasse aquella cidade, quãdo se esperaua poderse fazer? q̄ só por credito de se dizer antre os Reys Mouros da India, que desembarcara nella, o auia de fazer. Mas como os outros votos foraõ tantos & mais, deixou o Governador aquelle negocio, & passou adia te. Chegãdo ao rio de Panane entrou nelle cõ todas as Galés & nauios de remo, pera queimar aq̄lla cidade, por ser a segunda do reino de Calecut, & a mais rica, & de mór trato q̄ todas: & por q̄ della fayaõ todos os annos muitas naos carregadas de pimẽta, & gengiure pera Meca. E entrando no rio desembarcou em terra, & cometeo a cidade: & posto q̄ nella achou grãde resistencia, foi entrada dos dianteiros, q̄ foraõ por dentro della pelejando cõ os inimigos, & hũa multidaõ delles se recolheo a hũa fermosa Mesquita, q̄ foi cometida dos nossos, & a entraraõ, metendo á espada a mór parte dos que estauaõ dentro: & vm tropel delles que seriaõ quasi sessenta se recolheraõ a hũa torre, a q̄ se sobia por hũa escada de caracol. Os nossos cometeraõ a entrada da porta, q̄ lhes foi muito bem defendida, & sobre ella feriraõ alguns dos nossos, em q̄ entrou Bastiaõ de Sá, que estaua

mais chegado a porta, trabalhãdo por entrar dẽtro com muito valor & esforço. A este tempo chegou dom Antonio de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, q̄ era vm homem agigantado, & muito grãde caualeiro: & vẽdo o trabalho em q̄ os nossos estauaõ, & como os Mouros se defendiaõ: passou por todos, & chegando á porta com hũa espada de maõ & meya q̄ leuaua, & alçãdo o escudo sobre a cabeça, cometeo a porta, & a entrou, & ao tẽpo q̄ leuanto u o escudo se arremessou vm Mouro a elle, & lhe deu hũa ferida por debaixo do braço q̄ lhe ficou descuberto. Mas elle tanto q̄ foi dentro comẽçou a cortar nos inimigos de feiçaõ, q̄ os arrãcou do lugar, & os foi leuãdo pella escada acima, indo ja cõ elle algũs dos nossos, em q̄ entrava Bastiaõ de Sá: & chegãdo cõ elles ao alto, q̄ era mais largo, tiueraõ hũa mũy fermosa batalha, em q̄ os Mouros por defenõsaõ de sua vida pelejaraõ muito bẽ: mas em fim todos foraõ espedaçados.

Despejada a cidade, pôs o Governador toda a sua gẽte no cãpo, q̄ seriaõ perto de coatro mil homẽs: & mãdou Frãcisco de Siqueira cõ algũs capitaes, q̄ fossẽm com os nauios de remo queimar as naos q̄ estauaõ duas legoas pello rio dẽtro. E por terra de longo da ribeira mandou vm escoadraõ de dous mil homẽs pera os fauorecerem, & eile ficou cõ outros dous mil no campo.

campo. Os nauios chegaraõ as naos, & lhes deraõ fogo, em que todas ellas se consumiraõ, & mais de trinta nauios outros.

Feito este negocio se embarcou o Governador: & ao outro dia forgio com a armada grossa na barra de Cochim: & elle cõ as Galès, & todos os mais nauios de remo (a q̄ toda a gente se passou) entrou pello rio dentro, & passou pella Cidade com elles embãdeirados, & postos em armas, & foy forgir aquelle dia no castello de cima. Ao outro chegou à Ilha de Bardella, a onde achou Manoel de Sousa de Sepulueda cõ toda a armada q̄ tinha a Ilha cercada cõ os Principes dentro: & saluaraõse as armadas com grandes festas, & alegrias.

Surtos os nauios, chamou o Governador os capitaes, & lhes disse, q̄ ao outro dia auia de dar em terra, q̄ se fizessem prestes: mandou-lhes que fizessem alardo da gente q̄ auia pellas embarcações, o q̄ elles foraõ fazer, & acharaõ seys mil homens Portugueses, com todos os moradores de Cochim, que alli foraõ logo em Tones, & outras embarcações. E mãdou dizer a Elrey de Cochim (q̄ estava da outra bãda cõ corenta mil homẽs) q̄ tiuesse prestes muitos Tones, & Almadias, pera a sua gente passar á ilha, quando lhe mandasse recado. Aquella noyte gastaraõ todos em prepararẽ suas armas, & o Governador em dar ordẽ no modo q̄ se

auia de ter na desembarcação, que foy por esta maneira.

Manoel de Sousa de Sepulueda auia de levar a dianteira com dous mil homẽs, q̄ auia de desembarcar por hũa parte: & o capitaõ de Cochim com outros dous mil por outra, & o Governador com o resto em meyo dambos, & Elrey de Cochim pella outra parte. E tanto que amanheceo tocou o Governador suas trombetas (que era o final a que se leuaraõ todos os nauios,) & os nossos postos em armas foraõ demandar a terra, com grandes gritas de aluoroço: & antes de chegarem lhes alevantaraõ de lá hũa bandeira branca, grande, capeando com ella.

O Governador mandou levar o remo, & esperou vm pouco: & logo chegou à sua embarcação hũa Almadia pequena, em que vinha vm homem, que lhe pediu da parte d'Elrey de Tanor (o q̄ Garcia de Sá fez Christaõ) que sobre estiuessẽ naquillo, que os Principes Malauares queriaõ com elle paz, cõ todos os partidos q̄ quisesse: & q̄ lhe desse licença pera elle vir falar com elle sobre aquelle negocio. O Governador chamou os capitaes a cõselho, & antre todos ouue varios pareceres: mas os mais disseraõ q̄ se deuia de saber o q̄ aquelles Principes queriaõ: & q̄ sendo os partidos taes, & taõ hõrosos, como era rezaõ que folsẽ, se lhe cõcedessẽ, porque assi se escusauaõ danos

danos & mortes, q̄ forçado auia de auer : & mais quádo naõ auia perigo na tardãça, nê lhes podia entrar mais gēte da q̄ tinhaõ, nê elles podiaõ sair pera fora, q̄ a todo o tēpo os tinhaõ ali fechados. O Governador despedio o homē cõ recado a Elrey de Tanor dizendolhe que por amor d'elle esperaua q̄ se visse cõ elle depressa, & se determinasē q̄ elle naõ se podia ali deter muito.

Com este recado despedio logo Elrey outro ao Governador, a saber d'elle os partidos que queria q̄ lhe fizessem. O Governador lhe mandou dizer q̄ os Principes todos q̄ estauaõ naq̄lla ilha se auiaõ de entregar em seu poder, cõ lhe elle segurar as vidas, & que entaõ fariaõ as pazes, & concertos, q̄ fossem licitos, & honestos. Sobre isto foraõ & tornaraõ recados apressados, & em esperanças, & com inuēçoens foi Elrey de Tanor entretido o Governador tres dias, & ao derradeiro à tarde chegou hũa embarcaçãõ q̄ vinha de Coulaõ, por dentro dos rios, em q̄ vinha v̄m fidalgo, q̄ ja andara na India, cujo nome nos naõ lêbra, & trazia duas cartas do Visorrey dõ Afonso de Noronha, q̄ ficaua em Coulaõ, hũa pera o capitaõ de Cochim, & outra pera Manoel de Sousa de Sepulueda por que naõ sabia ainda da chegada do Governador ali. E sabendo este fidalgo que estaua elle ali, foi demandar o seu nauio, & entrou com elle, & lhe deu re-

zaõ de si, & nouas do Visorrey, & das cartas que trazia.

O Governador ficou sobressaltado, porq̄ receou que fosse aquillo caula de elle naõ dar fim a hũa empresa taõ honrosa: & mandou chamar o capitaõ, & Manoel de Sousa de Sepulueda, & abrio cõ elles as cartãs, q̄ cõ poucas palavras lhes dizia, q̄ elle ficaua em Coulaõ & q̄ ao outro dia seria em Cochim q̄ lhes mandaua, q̄ entre tanto sobre estiuessē no negocio q̄ tinhaõ antre mãos, nem fizessem paz nem guerra a te elle chegar.

As nouas do Visorrey logo se espalharaõ por toda a armada, & começou a auer na gente grande aluroço, (porq̄ a da India he mais amiga de nouidades, q̄ todas as do mūdo.) O Governador ficou magoadado pello erro que tinha feito naquellas dilaçoēs: & todauia determinou de naõ perder aquella honra, por lha naõ vir outie arrácardas mãos: & mādou logo chamar todos os capitaēs, & lhes disse, que em q̄nto elle naõ entregaua a India, ao Visorrey, todas as coulas della estauaõ à sua conta, como quem della tinha dado a menagē. Que bem viaõ todos o cabedal q̄ estaua metido naquella jornada, & q̄ naõ era rezaõ ficasse sem effeito algum: que a vitoria estaua certa, & q̄ a honra della era de todos, q̄ lhes pedia, & rogaua, q̄ a quisessem ganhar, & se fizessem prestes para o outro dia pella menhã darem  
em

em terra, por que segūdo aquelles Principes estauaõ medrosos, & faltos de tudo, auia de auer pouco q̄ fazer em os tomar as maõs, q̄ trabalhassẽ todos por fazer com q̄ os Reinos quando chegassẽ ficassẽ inuejosos de á sua vista ganharmos taõ grande honra, como na verdade seria a mayor de todas as que se ganharaõ na India.

Todos lhe disseraõ q̄ estauaõ prestes pera o acompanharem, & q̄ lhes parecia mūy bem sua determinaçãõ. Com isto se despideraõ, & foraõ fazer prestes pera o outro dia de madrugada. Estando todos com este aluoroço, quis Deos (que nenhũa cousa faz sem causa) que aquella noite, & todo o outro dia fosse tanta a chuua, que alagaua os nauios, & naõ auia poderse acender murraõ, nem ceuar espingarda, pello q̄ deixou o Governador de desembarcar, & sobre a tarde chegou o recado q̄ o Visorrey era ja chegado a Cochim, q̄ acabou de desconfiar o Governador d'aquella empreza. Com estas nouas, os mais dos capitaes tanto que anoi-

teceo, deixaraõ o Governador, & se foraõ pera Cochim, ficando elle com muito poucos.

Vendosse elle afsi atalhado, naõ querendo que Manoel de Sousa de Sepulueda ficasse sem se lhe pagarem as muitas despezas que naquella jornada tinha feito á sua custa, & dinheiro que tinha emprestado a Elrey pera ellas, o mandou chamar, & juntamente ao Secretario, & tisoureiro, & fazendo diãte d'elle conta do que lhe era diuido, se acharaõ perto de seis mil pardaos, que ali lhe mandou logo contar, & fazer suas prouisoens & papeis correntes: por que sabia quaõ pouco costumauaõ os que socediaõ na governança, pagar as diuidas que seu antecessor tinha feitas, ainda que sejaõ em cousas taõ importantes, & necessarias. E todauia mandou que se naõ deixasse a guarda da ilha de Bardela, encarregandoa a Manoel de Sousa de Sepulueda, a te o Visorrey determinar o que se auia de fazer, deixandosse elle ali ficar a te lhe vir recado seu.

*Fim do Oitauo Liuro.*

Dd

LIVRO



# LIVRO NONO

## DA SEXTA DECADE

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITVLO I.

*Decomo Elrey dom Joaõ o terceiro mandou por Visorrey da India dom Afonso de Noronha no anno de 1550. E do que lhe aconteceu na viagem a te chegar a Cochim.*



**P**ELLA armada de Manoel de Menoça, que da India partio em Janeiro de corenta & noue, soube Elrey da morte do Visorrey dom Ioão de Castro, que sintio muito pella perda de taõ bõ vassallo, & recebeu mûy bem a seu filho dô Aluaro de Castro, que naquella armada veyo: mas todavia os merecimentos de seu pay, & seus, não luziraõ por entaõ muito nelle, por q̃ andou muitos tépos agruado, sem lhe responderem: a te q̃ depois o despacharaõ com menos do que merecia. Mas em tempo d'Elrey dom Sebastiaõ veyo a ser Veador da fazenda do reino, & dos principaes do seu conselho do Estado (de quem se dizia, que lhe tinha dado aluara pera ser seu Ca-

mareiro mór, por ter partes, & qualidades pera isso.) Sabendo Elrey que ficaua no gouerno da India Garcia de Sá que era muito velho, determinou de prouer a India, & elegeo pera isso dô Afonso de Noronha, filho do segundo Marquez de Villa real dô Fernando de Noronha: a quem deu o titulo de Visorrey, & lhe fez outras honras & mercês. Pera esta jornada mandou Elrey negociar cinco naos, & pagar dous mil homens.

A fama desta eleição correo logo pello reino, & acodiraõ á corte muitos fidalgos pera o acõpanharem nella, a que Elrey despachou, & fez muitas mercês, & os que achamos nomeados saõ estes. Dom Fernando de Meneses, filho do Visorrey dom Antaõ de Noronha, seu sobrinho, filho de seu irmão, dom Garcia, & dom Luis Telo de Meneses irmãos, filhos do Craueiro, Gonçalo Pereira Marramaque, dom Felipe de Crasto, Gaspar de Mello de saõ Payo, despachado com a capitania de Goa, dom Martinho Rolim, dom Frâcisco Mascarenhas o Palha, dom Rodrigo Lobo, filho de dom Pedro Lobo, que falecco nesta viagem, dom

dom Manoel Mascarenhas, Ieronymo Barreto Rolim, dom Francisco da Costa, filho de dom Alvaro da Costa, d'Antonio Pereira, filho de dom Ioaõ Pereira, Felipe Carneiro, filho de Antonio Carneiro, irmão de Pero d'Alcaçoua, dom Bras d'Almeida o torto. Pero da Sylua de Meneses, filho de Manoel de Magalhaes senhor da Nobrega, dom Afonso de Mon Roy, Francisco Lopez de Sousa, q̄ tinha a capitania de Maluco, dom Bras da Sylua, Luis de Sousa filho do Chanceler mór do reino, Ioaõ d'Afonseca, mantieiro da Raynha, q̄ leuaua o cargo de Veador da fazenda da India, Simaõ Ferreira, q̄ ya por Secretario: & outros muitos fidalgos & caualeiros.

Prestes esta armada se embarcou o Visorrey em Abril, mas forão os tempos taõ contrarios, que não pode sair pera fora todo aquelle mês: & ao primeiro de Mayo dandolhe jazigo sairão pera fora coatro naos. s. são Pedro, em que ya o Visorrey: Flór de la mar, de que era capitão dom Diogo de Noronha o Corcoz, irmão de d'õ Fernaõ d'Alvarez de Noronha, capitão geral das Galés de Portugal, & Semilher que foi d'Elrey dom Sebastiaõ. O Galeaõ Biscainho, de que era capitão Lopo de Sousa, & a nao santa Ana em que ya dom Jorge de Meneses o Baroche. A outra nao que era o Galeaõ são Ioaõ de Diogo de Crasto do rio,

& ya por seu contrato, de que era capitão dom Alvaro de Tayde da Gama, filho do Conde Almirante que descobrio a India, que ya prouido da capitania de Malaca, não pode sair aquella maré, & mudandosse o outro dia o vento, esperou a te dezoito de Mayo em que se fez á vela: tempo em que todos desconfiauaõ de ella poder passar: por que das naos que partiraõ diante arribaraõ (poucos dias depois de elle partir) o Galeaõ Biscainho, & a nao sancta Ana. Mas este capitão dom Alvaro de Tayde da Gama com partir taõ tarde teue muito boa viagem, por que parece que a os descendetes d'aquelle valeroso capitão dom Vasco da Gama, em certo modo reconhecẽ os mares, & os ventos algũa vassalagem, & lhe tem acatamento: nẽ sabemos que a te esta hora em q̄ isto escreuemos, acontecesse nesta carreira da India algum naufragio, ou perigo, aos descendentes deste valeroso Conde, passando por ella todos os seus filhos, netos, & Bisnetos.

As naos passaraõ quasi a vm mesmo tépo o Cabo de boa Esperança: & Flor de la mar tomou logo a derrota pera Moçambique, por ir falta d'agoa, a onde se deixou ficar a te Março, em que se partio pera a India, como adiante diremos. O Visorrey & dom Alvaro de Tayde, sem se verem, tomaraõ a derrota por fora da ilha de são

Loureço, & paſſaraõ muitos riſcos & trabalhos, com que lhes morreo algũa gente : & indo demandar a coſta da India em Outubro, deraõ lhes os Leuãtes de roſto, de feiçaõ q̄ foi o Viſorrey deſcair a Ceilaõ: & dom Aluaro de Tayde varou por fora da ilha, & foi tomar Pêgú, a onde ſe refez de agoa & mantimentos. O Viſorrey tanto que vio terra diſſe o ſeu Piloto que era da coſta da India: mas loãõ Rebello de Lima, Piloto afamado q̄ ali ya por paſſageiro, diſſe que a terra que aparecia era Columbo, & Ceilaõ. O Piloto começou a porfiar, que era a coſta da India: & eſtando neſta confuſaõ, chegou hũa embarcaçaõ, & diſſe ao Viſorrey que a terra que aparecia era Columbo. O Piloto védo aquillo, como era auido pello melhor da carreira, ficou taõ corrido, que ſe meteo no ſeu camarote, & em tres dias morreo de nojo.

O Viſorrey mandou governar pera Columbo, & ſorgio fora. Os da terra conhecendo a nao ſer do reino, foraõ logo a ella alguns nauios que ali ficaraõ da companhia de dom Iorge de Craſto : & ſabêdo ſer o Viſorrey, deſpediraõ logo recado a Cota a Elrey, & a Gaſpar d'Azeuedo Alcaide mór, que logo acodiraõ a Columbo, vindo Elrey muito bem acompanhado, que mandou viſitar o Viſorrey, com muito refreſco, & algũas peças. O Viſorrey ſoube de Gaſpar

d'Azeuedo o ſocedido auia pouco a dom Iorge de Craſto, (como diſſemos no capitulo ſetimo do liuro oitauo) & as guerras que o Madune fazia a ſeu irmão : & ſabendo ſer Elrey em Columbo, deſembarcou nos nauios, & ſe foi a terra pera ſe ver com elle, indo acompanhado de todos os fidalgos & géte da ſua nao. E recolheoſe em ſanto Antonio, moſteiro dos frades Menores, a onde Elrey ſe foi ver com elle, paſſandoſſe de parte a parte grandes comprimentos.

Ali lhe deu Elrey conta de ſuas couſas, & lhe pedio, que pois era vaſſallo d'Elrey de Portugal, q̄ ordenaſſe as couſas de modo, com q̄ ſeguraſſe aquelle reino de ſeu irmão, q̄ o trataua mal, & deſejaua de o matar. O Viſorrey lhe diſſe, q̄ elle trazia iſſo muito encarregado: & q̄ a primeira couſa em que poſſeſſe as mãos, auia de ſer naquella, & a voltas diſſo lhe pedio, duzentos mil pardaos do empreſtimo, de que ſe Elrey eſcuſou, dizendo-lhe que eſtaua muito deſpezo por cauſa das guerras, & que auia pouco gaſtara mais de ſetenta mil pardaos com dom Iorge de Craſto. O Viſorrey não ficou muito contente, & deſpedindoſſe delle ſe embarcou. E Elrey lhe deu pera mandar á Raynha naquellas naos as peças ſeguintes.

Vm collar d'ouro grande com perolas & rubis, & tres cruzeſ de Pedraria no pé com hũa grande perola

perola em baixo: outro colar com rubis, vm no meyo grande. Outro colar d'ouro cõ alguns rubis, olhos de gato, & no meyo vm olho de gato grande cõ rubis á roda. Tres braceletes d'ouro & pedraria: vm anel grande com vm olho de gato, & rubis á roda, vm fermoso olho de gato solto, o que tudo se carregou sobre o feitor da armada, & aquelle anno foi pera o reino. O Visorrey tambem leuou seus brincos: & antes de dar á vela se foi ver com elle vm filho do Madune, Rey de Ceitauaca, & o q̄ passou com o Visorrey não se sabe. Depois de o ouuir deu á vela pera Cochim.

Elrey da Cota vendo como o Visorrey se apartara delle desgostoso, despidio nas suas costas vm Bragmane Pandito com quinze mil pardaos que lhe mandaua de presente. O Visorrey chegou a Coulaõ, & ali soube do ajuntamento dos Principes Maluares em Bardela, pello que despidio aquella embarcaõ com as cartas que atras dissemos, no derradeiro capitulo do oitauo liuro. Ao outro dia depois da tempestade (por cuja causa Iorge Cabral deixou de dar na ilha) sorgio o Visorrey na barra de Cochim, & foi recebido em terra muito bem. Iorge Cabral o mandou visitar por dom Iorge de Crasto, seu tio meyo irmaõ de sua mãy, & elle lhe pagou a visita por vm escudeiro seu, por quem

lhe mandou dizer que se fosse pera Cochim, & deixasse sobre a ilha Manoel de Soula de Sepulueda, com os nauios de remo. O Governador assi o fez: & desembarcou em Cochim, & foi visitar o Visorrey que o recebo secamete, & ali lhe fez entrega da India, & se recolheu pera sua casa, mandando logo nauios a Goa em busca de sua molher, pera se embarcar pera o reino: correndo sempre muito bẽ com o Visorrey: por que como se não receaua de cousa algũa, não quis quebrar com elle, sofrendo-lhe algũas cousas, de que outros oueraõ de lançar maõ pera queixas (por q̄ he muy ordinario em alguns Governadores que acabaõ, quebrarem de industria com os q̄ lhe socedem pera lhe ficarem sospeitos, nas cousas que delles escreuerem.)

O Camorim tanto que soube da chegada do Visorrey lhe mandou Embaixadores que trataraõ com elle de pazes, que lhe elle concedeo: & não achamos com que fundamentos, nem a sustancia dellas. Somente nos disseraõ algũas pessoas, que ficou o Camorim de desistir do direito, & perfilhaõ q̄ tinha feita com o Rey de Bardela: & que daria dous Principes em refens, a te se sairem os q̄ estauaõ naquella ilha, que ficaria a Elrey de Cochim. Com isto mandou o Visorrey recolher, Manoel de Soula de Sepulueda, & os Principes

Malauares se foraõ da ilha, & o Camorim se foi pera Calecut.

Dom Aluaro de Tayde da Gamma capitaõ do Galeaõ saõ Ioaõ, q̄ foi tomar Pegù, depois de tomar agoa & mantimentos, deu à vela pera a India, & foi tomar a ponta de Galé, a onde forgio, sendo entrada de Nouembro, & ali desembarcou em terra pera curar os doctes, por q̄ estauaõ ali Portugueses, & Frades de saõ Francisco cõ hũa casinha pequena. Ali se deteue todo o mès de Nouembro, sem lhe dar dos muitos requerimètos que lhe fez Manoel de Crasto, procurador de Diogo de Crasto, cujo o Galeaõ era. Passado o mès se tornou a embarcar, & foi tomar Cochim a treze de Dezembro: & por não ser ja tempo pera o Galeaõ ir pera o reino, & auer mister concerto, o mandou pera Goa, & se recolheo em Goa a velha, a onde inuenou, & se concertou.

CAPITULO II.

*D*.algũas cousas em que o Visorrey dom Afonso de Noronha proueo em Cochim: & da armada que mandou ao estreito, sobre que ouue differenças antre dom Ieronymo de Castello branco, & dom Fernando de Meneses filho do Visorrey: & da grande

vitoria que os nossos ouueraõ em Cochim de cima, de cito mil Nayres Amoucos: & de como Iorge Cabral se embarcou pera o reino, & das partes & qualidades de sua pessoa.



**D**A S primeiras cousas em q̄ o Visorrey entendeo, foi em mandar hũa armada de cinco Fustas ao estreito de Meca, pera vigiar as Galès, pellas nouas que auia dellas. E quando sayo este negocio em conselho, que se soube: pedio dõ Ieronymo de Castello branco ao Visorrey de merce aquella jornada, & elle lha prometeo, & os nauios se começaraõ a fazer prestes. Acertou de chegar neste tempo a Cochim Luis Figueira, de que atras demos conta, no capitulo doze do liuro oitauo, que o Visorrey recebeo bem, por cima das desgraças que lhe socederaõ, por ser cousa do Iffante dom Luis, & que lhe elle encomendaua muito. Este fidalgo sabendo dos nauios que se faziaõ prestes pera o estreito, como andaua muito desconfiado da jornada passada, desejava de lhe soceder cousa em que emendasse aquella quebra, meteo todas as varias que pode com o Visorrey, pera que lhe desse aquella jornada, apertando dom Fernando de Meneses

nefes filho do Visorrey tanto com o pay, que lha concedeo (tirando a dom Ieronymo de Castello branco, a quem a tinha prometido de pessoa a pessoa, ainda que não esta ua declarado) & não sabemos có que achaques. Dom Ieronymo de Castello branco, que era vm fidalgo muito honrado, & mancebo de grãdes espiritos, & opiniaõ, auendosse por afrontado, & injuriado do Visorrey, sabendo o cabedal que seu filho dom Fernando de Meneses metera naquelle negocio, em fauor de Luis Figueira, o mandou desafiar. E indo elle ja pera o campo, ou fazendosse prestes pera isso, foi sabido o negocio, & acodio o capitaõ da cidade cõ todas as justiças, & lhes tomou as menages, prendendoos em suas casas, a te que o Visorrey, & fidalgos, parentes de vns & de outros, meteraõ a maõ em meyo, & os apasiguaraõ de maneira que ficaraõ ambos satisfeitos & amigos.

Prestes a armada, despedio a o Visorrey em Ianeiro, com regimẽto que tornasse a inuernar a Goa, com as nouas que achasse. Os capitaens dos cinco nauios eraõ, Luis Figueira, dom Felipe de Crasto, Inofre do Soueral, Ioaõ da Costa Peleja, & Gaspar Nunez, da obrigação de Manoel de Sousa de Sepulueda. Dada á vela foraõ seu caminho, a que logo tornaremos. O Visorrey ficou escreuendo pera o reino, & dando despacho a muitas

cousas: Iorge Cabral corria com a sua nao, que era a em que o Visorrey veyo, & daua pressa a seu concerto. E na entrada de Ianeiro chegou sua molher, qua tinha mãdado buscar a Goa, q̃ vinha muito anojada, por que à sua embarcaçãõ lhe falecera vm filho macho, que não tinha outro, de idade de noue annos, de beber desatentadamente de hũa pouca d'agoa de Solimaõ de vm frasco, que as molheres costumãõ curar pera o rosto, o que Iorge Cabral sentio tanto, que esteue pera morrer de paixão.

O Visorrey, depois de escreuer, & dar despacho a muitas cousas, despedio de Iorge Cabral, que ficaua correndo com a carga das naos: & o mesmo fez d'Elrey de Cochim, & cidade, & se embarcou de vinte de Ianeiro por diante, & de caminho foi visitando as fortalezas de Chale, & Cananor: & deixou por capitaõ mór na costa do Malauar, dom Antonio de Noronha filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, com vinte nauios de remo, com que andou todo o resto do veraõ.

O Visorrey chegou a Goa, a onde a cidade lhe tinha preparado vm grande recebimento, por terẽ sabido, ser irmaõ do Marquez de villa Real, a quem Elrey chamaua sobrinho. E por que fora capitaõ de Ceita, & era inclinado a gente de caualo, quando entrou pella

barra de Goa dentro, indo de longo da terra, lhe appareceraõ na praya de nossa Senhora de Guadalupe, duzentos de caualo, em ginetes ricamente geezados, & os homens vestidos à Mourisca muito custosamente. E por aquella praya a te a ponta de Pangim, que continua sempre, foraõ a vista do Visorrey escaramuçando com tal ordem, q̄ folgou muito o Visorrey de os ver. Pello rio dêtro foi o Visorrey achando infinidade de embarcaçoens embandeiradas, & enramadas, com muitos & diuersos instrumêtos de tangeres, & folias: & em terra muitas saluas de artelharia, & o mesmo das Naos, & Galeoens q̄ estauaõ no porto. Desembarcou no cais, & foi recebido da cidade com as cerimoniaes acostumadas, & com grande aplauso & contentamento do pouo. ficando correndo com suas obrigaçoens: a onde o deixaremos por continuarmos com as cousas de Cochim.

Iorge Cabral ficou dando pressa a sua embarcaçoõ: & por que faltava pimêta por causa das guerras passadas: ficou esperando que decesse pellos rios: o que foi taõ denagar, que o deteu a te catorze dias de Feuereiro, em que estaua pera se embarcar, pera ao outro dia dar a vela. Aquelle dia a noite, chegaraõ nouas, que entrauaõ por Cochim. de cima oito mil Nayres Amoucos, & que vinhaõ fazendo grandes estragos, com o q̄

a cidade se pôs em reuolta. Iorge Cabral acodio á rua direita, & cõ elle o capitaõ, & Manoel de Soufa de Sepulueda, que o Visorrey tinha deixado por capitaõ niõr dos rios pera fazer correr a pimenta. E tocando tambores acodio toda a gente com que se tomaraõ as bocas das ruas, por que os Amoucos naõ entrassem na cidade. E tanto que foi manhã, querendo Iorge Cabral passar em busca dos Amoucos, naõ o consentiraõ os Vereadores, & sobre isso lhe fizeraõ grandes requerimentos, com o q̄ sobre esteue. Despidio o capitaõ, Manoel de Soufa de Sepulueda cõ mil & quinhentos Portugueses, & outra gente da terra, pera iré buscar os imigos: ficando Iorge Cabral com a mais gente em guarda da cidade. Os nossos feitos em deus esquadroes entraraõ por Cochim de cima a onde os Amoucos andauaõ fazendo destruiçoens & cruezas muito grandes: & dando nelles, tiueraõ hũa muito grande & arriscada briga, por estarem os imigos determinados a morrerem. A batalha foi a mais aspera & acersa, de quantas os nossos tiueraõ, & em que nunca se viraõ: & todavia ainda que foi com perda de mais de cincoenta dos nossos, os imigos foraõ rotos, & desbaratados, ficando dous mil delles mortos, & atafalhados no campo, & os mais se recolheraõ, feridos muitos de espingardadas: por que a nossa arcabuzaria

cabuzaria foi a que fez nelles gran de estrago.

Auida esta vitoria se recolhêraõ os nossos pera a cidade, a onde foraõ recebidos com muitas honras, & festas. Esta noite se embarcou Iorge Cabral, & teue taõ roim & trabalhosa viagem por partir tarde, que pós oito meses no caminho, por que chegou a Lixboa em Outubro. Foi bem recebido d'Elrey, que lhe estranhou as dilaçoẽs, por que deixou de dar em Barde-la, mas despachou com coatrocẽtos mil reis de juro.

Foi este fidalgo filho de Ioaõ Fernandez Cabral Alcaide mór de Belmonte, & senhor de dous ou tres lugares á roda. Sua mãy se chamaua dona Ioana de Crasto (q̄ foi a primeira camareira mór q̄ a Raynha dona Lianor teue, quãdo logo casou com Elrey dom Manoel, por que era hũa dona de tantas partes & merecimentos, q̄ por esta rezaõ foi eleita pera aquelle cargo.) Foi Iorge Cabral casado com hũa filha de vm caualeiro muito hõrado chamado Ioaõ, filho Borges, que se chamaua dona Lucrecia, & em mancebo se namorou della, por ser muito fermosa: & parece que ouue antre ambos alguns penhorès, por onde Elrey dom Ioaõ depois o obrigou a casar com ella: por que parece que se arrependia. E quando foi pera a India despachado com a fortaleza de Baçaim a leuou comsigo, & em

sua companhia juntamẽte foi vm irmão seu della chamado Christo-uaõ Borges, que casou em Goa, & teue hũa filha chamada dona Maria Borges, que depois casou com Aires Falcaõ. D'antre ambos nacerãõ muitos filhos, que sãõ viuos: Naõ teue Iorge Cabral mais que hũa filha, que casou com vm seu primo com irmão, filho de Fernãõ d'Alvarez Cabral, irmão mais velho de Iorge Cabral: & por morte de ambos herdaraõ ambas as casas.

Foi Iorge Cabral homem bem feito, de boa estatura, muito bom caualeiro, de muita verdade, de bõ conselho, liberal, & sobre tudo bõ Christaõ. Foi taõ amigo dos bons caualeiros, & do seruiço d'Elrey: q̄ estranandolhe o Visorrey dõ Afõso de Noronha (quando logo chegou a Cochim) as muitas merces que fizera aos homens, lhe respõdeo. Bem parece senhor que naõ vistes ainda pelejar os da India: como os virdes, entãõ me desculpareis. Foi taõ desinteressado, q̄ nunca se lhe achou que tachar, & tanto: que lançandosse hũas trouas em Goa, em que praguejauaõ de todos os officiaes, nelle naõ se falou, nem tocaraõ: sendo os Governadores da India os primeiros a que os homẽs naõ perdoãõ coufa algũa: notandolhes ainda coufas que nunca fizeraõ. O tempo do seu governo foi notado por vm dos milhores da India, & tanto, que

to, que andando Antonio Moniz Barreto (sendo Governador, passando na casa, a onde os retratos de todos os Visorreys & Governadores, q̄ governaraõ a India estaõ, disse pera alguns fidalgos que ali se acharaõ, apontando pera o de Iorge de Cabral: este Caldereiro foi muito bom Governador. Chamoulhe assi, por q̄ era de Belmõte donde saõ os Caldeireiros.

CAPITULO III.

*Do que aconteceu a Luis Figueira no estreito do mar roxo: & de como encontrou o Turco Cafar com as suas Galeotas: & de como de desconfiado inuestio a capitania: & de como foi morto, & o seu nauio tomado.*



ARTIDO Luis Figueira de Goa (como no capitulo passado dissemos) foi atraueffando aquel-

le golfo, ate auer vista de monte de Felix, de longo da costa de Arabia, & foi demandar o estreito por onde entrou, & andou por elle tomando fala das Galés. E chegãdo as ilhas Aparcelladas (que saõ logo da banda de dentro) tomou hũa gelua que lhe deu por nouas, que o Cafar andaua por aquella paragem com cinco Galeotas. Luis Fi-

gueira forgio nellas, & deixou se ali ficar, & por lhe faltar agoa a mãdou fazer por Inofre do Soueral, q̄ era grande homé d'aquelle estreito, que a foi tomar da outra banda do Abexim, que era sete legoas donde elle ficaua, por que ali he o mais estreito. E auendo cinco ou seis dias que ali estaua Luis Figueira, veyo o Cafar demandalo com as suas cinco Galeotas (porque algũas Geluas lhe deraõ rebate dos nossos nauios.) E auendo vista delles, mandou hũa Galeota que rodeasse a ilha pella outra bãda, por que se lhe naõ fossem os nossos nauios por lá, & elle os foi demandar afastandosse das restingas que ali auia. Luis Figueira tanto q̄ vio as Galeotas, chamou a si os nauios que tambem eraõ coatro, & disse a seus capitaens.

Senhores, este he o dia em que podemos mostrar o esforço & valor Portuguez, & ganharmos hũa muito grande honra: cometamos aquelle imigo que eu confio em Deos, que nos á de dar vitoria delle.

E pondosse logo em armas sem esperar reposta, tomou o remo na maõ, & foi demandar as Galeotas, & como homem que andaua desconfiado endereitou com a de Cafar, que vinha diante: & dandolhe hũa surriada de arcabuzaria, & de artelharria, a inuestio pella proa: & os que yaõ no esporaõ do nauio se lançaraõ dentro, & destes ficaraõ

dous soldados dependurados dos remos, & com trabalho se sobiraõ á Galeota, a onde ficaraõ pelejãdo com muito valor, (por que a Fusta da pancada que deu, tornou a recuar, & ficou vm pouco afastada.) Luis Figueira mãdou apertar o remo, & tornou a pór a proa na Galeota, & logo se baldeou dentro cõ os seus soldados, achãdo os outros que da primeira pancada tinhaõ entrado, pelejando com todos os Turcos valerosamente. Luis Figueira como homem que desejava de se restituir, da quebra da outra jornada, com aquelle impeto com que entrou, leuou os Turcos ate o meyo da Galeota, onde se ateou hũa asperíssima batalha, em q̃ elle pelejou muito bem. Os outros nauios poseraõse de fora ás bombardadas, & espingardadas, descuidandosse de irem ajudar o seu capitaõ mór. As outras tres Galeotas dos Turcos se foraõ achegãdo pera os nossos ás bombardadas & espingardadas, de que deraõ hũa em vm pé a Ioaõ da Costa Peleja: A este tempo viraõ os nossos cair Luis Figueira de hũa espingardada de que logo morreo, tendo feito taes cousas que os Turcos ficaraõ pasmados, & o Cafar disse aos soldados que ali ficaraõ catiuos (segundo elles depois q̃ os resgataõ differaõ) que se Luis Figueira naõ morrera da espingardada, sem duuida elle ficara o rendido.

Morto Luis Figueira, nos seus soldados ouue pouco que fazer, por que os que ficaraõ viuos logo se renderaõ, sendo ja mortos dez ou doze: ficando tambem a sua fusta em poder dos Turcos. O Cafar tãbẽ ficou ferido de hũa roim espingardada por vm braço, & perdeu mais de corenta dos seus. Os outros nauios da companhia de Luis Figueira, tanto que viraõ o seu capitaõ mór rendido & morto, se foraõ afastando, & deraõ á vela com o Ponente rijo, & foraõ fugindo pera fora do estreito. As Galeotas dos Turcos os foraõ seguindo: Gaspar Nunez tanto que sayo do estreito tornou a voltar pera a outra banda do Abexim, & foi demandar Maçuá, & tẽdo vergonha de ir á India, por ver matar o seu capitaõ mór, deitou a artelha ria no mar, & com os seus soldados se foi por terra pera o Preste Ioaõ, & no mosteiro de Baroa acharaõ o Barnagais que os recebeu bem, & os encaminhou pera o seu Rey: estes todos morreraõ por lá.

Inofre do Soueral, que estaua fazendo agoada da outra banda, ouuindo bombardadas leuouse, & tomou o remo pera se ir pera o seu capitaõ mór: & indo demandando a ilha, deu com a Galeota q̃ o Cafar mandou pella outra banda, como atras dissemos, & foi ja taõ perto que naõ pode voltar. E tomando depressa as armas indireitou

reitou com a Galeota, & poslhe a proa, tendo de bordo a bordo hũa taõ aspera & acesa batalha, que foi espanto. Os Portugueses fizeraõ couſas taõ notauéis, que nos faltaõ palauras pera o encarecer: basta q̃ depois de muitas horas abordadas se afastaraõ taõ deſtroçados ambos, que se naõ ouſaraõ a cometer outra vez, & deraõ á vela cada vm pera ſua parte, com mais de ametade da gente morta, & todos os mais muito mal feridos. Inofre do Soueral, foi voltádo pera fora do estreito, & foi ſeguindo ſeu caminho. As Galeotas que vinhaõ a pos os mais nauios, os forãõ entrádo, principalmente hũa dellas, que era muito veleira, & ligeira, & como o vento era rijo, & os Turcos forçaraõ a vela, quis Deos que lhe arrebetasse, & ficasse anhota, com o que os noſſos tiueraõ tempo de fogir, & os Turcostornaraõ em busca do ſeu capitaõ. Inofre de Soueral encontrou depois os mais nauios, & todos juntos ſe fizeraõ na volta de Goa. No caminho encõtraraõ hũa nao que ya de Diu pera Meca cõ cartaz, & demandaõdo a lhe atiraraõ á maynar, o que ella fez por ir com ſeguro: & entrando os noſſos nella, moſtrandolhe o cartaz, o ſumiraõ, & a roubaraõ. Com eſtas aualias chegaraõ a Goa no fim de Abril. E ſabêdo o Viſorrey o que era paſſado, mandou prender os capitaens, & pellos naõ afrontar

com outro negocio, lhes veyo o Procurador d'Elrey com libello, q̃ roubaraõ a nao que leuaua cartaz, ao que vieraõ com ſuas contraditas, dizendo que leuaua couſas deſeſas, & aſſi o prouaraõ, com o que ficaraõ liures, mas deſacreditados.

## CAPITULO IIII.

*De como os Turcos tomaraõ a fortaleza de Catifa. E de como o Viſorrey dom Afonso de Noronha mandou dom Antaõ de Noronha com hũa groſſa armada pera a tornar a cobrar: & dos mais capitaens que despachou pera fora: & de como dom Diogo de Noronha ſe perdeo no rio de Maſagaõ: & do que lhe aconteeo a te vir a Goa.*



EPOIS que o Turco ſe vio ſenhor de Baçorá deſejou logo de o ſer de todo aquelle estreito Perſico, de hũa & d'outra banda, ate ſe vezinhar com a ilha de Ormuz, q̃ lhe naõ ſaya do pensamento, pello groſſo trato, & comercio que nella concorria de todas as partes do Oriente, & pera iſſo tinha mandado ao Baxá de Baçorá que trabalhasse por tomar Catifa, & Barem: & que metesse dentro grãdes guar  
nições

niçoens. O Baxá este verão atrás de cincoenta, querendo por as mãos a este negocio, carteousé cõ alguns Arabios de dentro de Catifa, & com promessas os rendeo, & assentaraõ que fosse com hũa armada, & os cercasse, q̃ elles lhes entregariaõ a fortaleza. Com isto ajuntando muitas embarçaõens, se embarcou com muita gente, & largio sobre Catifa, a que pós cerco da banda do mar. Estaua por capitaõ nella Moradebeque com trezentos ou quatrocentos Arabios. Este, ou que fosse auisado, ou que sospeitasse que alguns dos seus estauaõ peitados dos Turcos, quis segurar sua vida, largando a fortaleza, & se recolheo pera o serto. Desta feita ficaraõ os Turcos senhores della, & a reformaraõ, & guarneceraõ de artelharia. Estas nouas chegaraõ a Ormuz, que poseraõ a todos em grande confusaõ, pella roim vizinhança dos Turcos. Elrey o sintio muito, pella perda de hũa fortaleza taõ importante, & se vio com o capitaõ dõ Aluaro de Noronha, & despidiraõ logo recado ao Visorrey, pera que mandasse acodir a estas cousas, por que poderia aquelle negocio vir a ser de grande dano,

Estas cartas chegaraõ ao Visorrey depois de ser em Goa, & juntamente com ellas vieraõ Embaixadores d'Elrey de Baçorá, que andaua no serto fazendo

guerra aos Turcos que lhe tinhaõ tomado o seu reino: que estaua concertado com os senhores Gizares, que viuiãõ naquellas ilhas, que estaõ na garganta do Eufrates, grandes imigos dos Turcos. Por estes Embaixadores mandaua o Rey de Baçorá pedir ao Visorrey, que o quisesse fauorecer com hũa armada, que naõ fizesse mais que porse sobre aquelle porto, por que elle ficaua em campo cõ todos os Reys Arabios seus visinhos, cõ trinta mil homés, pera tornaré a cobrar aquella cidade, & lâçarem os Turcos fora: & q̃ elle se offerecia a dar a Elrey de Portugal a fortaleza de sobre a barra, & a metade dos rendimentos da alfandega.

Vistas as cartas pello Visorrey, & ouvidos os Embaixadores, vèdo a importácia do negocio, ajútou os fidalgos & capitaes a conselho, & lhe propos o caso, & leo as cartas, & disse o que Elrey de Baçorá lhe pedia & prometia. Descutida antre todos a materia, assentaraõ, q̃ era muito necessario mandar se logo hũa armada, & poder, pera tornar a tomar áquella fortaleza, assi por ser d'Elrey de Ormuz, como pera tirar os Turcos de taõ perto da nossa fortaleza: & pera entenderem que todas as vezes que meterem pé em algũa parte d'aquellas os podiaõ lançar fora: & que o mesmo capitaõ que fosse áquella empreza, depois de acabada

*Sexta Decada. Da historia da India.*

passasse a Baçorá, & fauorecesse aquelle Rey a te tornar a cobrar seu reino, por que tambem era negocio de muita importancia a fortaleza, & alfandega que offerecia, pera o que se mádasse logo um veador da fazenda pera dar ordem as suas cousas. Assentado isto nomeou o Visorrey pera esta jornada dom Antão de Noronha seu sobrinho cõ mil & duzentos homês, & sete Galeoës, & doze nauios de remo, & logo mandou dar muita pressa a esta armada, & pagar gente, que entãõ auia muita.

E em quanto se negociaua, quis prouer nas cousas de Maluco, por lhe chegarê cartas de Bernaldim de Sousa, & de Elrey de Ternate, em que lhe dauãõ cõta das cousas d'aquella fortaleza, & Elrey lhe pedia encarecidamente, que a prouesse d'outro capitaõ, por que elle naõ auia de cõsintir lurdaõ de Freitas, por ser seu imigo mortal: & q̃ naõ compria ao seruiço d'Elrey de Portugal auer diuisoës & odios antre elle & os capitaens d'aquella fortaleza. Vendo o Visorrey as cartas, praticando aquelle negocio com os fidalgos velhos, assentaraõ, que Elrey pedia justiça & rezaõ, & que o satisfizessem naquelle particular, & que se desse a lurdaõ de Freitas outra cousa. Com isto determinou o Visorrey de mádar outro capitaõ, & elegeo pera isso dom Garcia de Meneses filho do Craueiro, que com elle tinha

vindo do reino. Esta eleiçaõ fez porque era um fidalgo de muita arte, & de muito auiso, & letrado, agraduado em Canones, por que o tinha o pay mandado aprender letras pera o fazer clerigo: & vindo dos estudos á corte se namorou de hũa dama filha de um fidalgo muito honrado, com que foi achado: & receandosse tãto do pay delle, como do della, se embarcou escondidamente pera a India na nao do Visorrey, que folgou de lhe dar esta capitania, pera que tirasse della vinte mil cruzados, & se tornasse pera o reino a casar com ella: que ficaua recolhida em um mosteiro. Ordenoulhe o Visorrey um Galeaõ com muitos prouimentos & moniçoens, & passou prouisoens pera lurdaõ de Freitas se embarcar pera a India: & lhe deu carta de guia pera qualquer capitaõ que estiuessse na fortaleza lha entregar.

Prestes a armada de dom Antão de Noronha, lançoua o Visorrey fora o primeiro d'Abril: os capitaes q̃ yaõ nella saõ os seguintes. Elle no Galeaõ saõ Lourço, Ioã Fernandez de Vasconcellos, Manoel de Vascõcellos, Martim Afõso de Mello Hõbrinhos, Pedro Afõso d'Auelar, Antonio Lopez de Oliueira, o Licenceado Ieronymo Rodriguez, q̃ ya por Veador da fazêda: todos estes em Galeoës & Carauelas: os capitaes das fustas eraõ, dom Ieronymo de Castello brãco, Diogo

Diogo Pereira, Ioaõ Serraõ, Antonio Anriquez, Gonçalo de Moraes de Sousa, Martim Barbudo, Antonio de Betancór, Ioaõ Coelho, Ruy Lopez, Pedralvarez, Gonçalo Pirez, & outros. Dada a vela foraõ seguindo sua jornada, a que logo tornaremos.

Partida esta armada o fez tambem o Galeaõ de Maluco: & juntamente despachou o Visorrey a Gil Fernãdez de Carualho) irmão de Ruy de Sousa de Carualho, que os Mouros mataraõ sendo capitaõ de Tangere) pera ir a Queda com vm Galeaõ a fazer aquella viagé, q̄ era de muito proueito. E despachou Gonçalo Vaz de Tauora em hũa nao pera Bengala: nisto se gastou todo o mês d'Abril, & na entrada de Mayo lhe vieraõ cartas de dó Diogo de Noronha o Corcós, em q̄ lhe pedia embarcaçoens pera se recolher, por q̄ se perdera no rio de Mazagaõ, & estaua em terra cercado de Mouros. Este fidalgo foi por capitaõ da nao Flor de la mar, da companhia do Visorrey, & ficou em Moçambique por chegar ali tarde (como atras dissemos no cap. 1. deste 9. liuro) & em Março deu á vela pera vir inuernar á India, & no caminho achou muitas calmarias, pello q̄ gastou a te o derradeiro dia do mês d'Abril: & em Mayo vindo demãdar a costa da India, foi o seu Piloto varar cõ a nao no rio de Mazagaõ trinta & oito legoas de Goa. E tirã-

do fora o batel & esquiife, desembarcou cõ toda a gētē na boca d'aquelle rio, & em vm morro da bãda do Sul q̄ fica sobre a agoa, se fortificou com pipas & madeira, & se guarneceo da artelharria que tirou da nao, & desembarcou o cofre do cabedal, & muita fazenda outra. E despidio recado ao capitaõ de Chaul, & ao Visorrey, que o socorressem, por q̄ acodiaõ os Mouros de Carapataõ, Ceitapor, Dabul, & de outras partes, cõ a cobiça da preza, & que ficauaõ sobre elle mais de cinco mil. A cidade, & capitaõ de Chaul tiueraõ as cartas em tres dias por que era mais perto, & logo despideraõ doze nauios cheyos de muita & boa gente, que chegaraõ a Mazagaõ, com o que os nossos ficaraõ desafogados, & os Mouros se recolheraõ. Dom Diogo de Noronha naõ se quis embarcar ate vir recado do Visorrey, que em lhe dando as cartas, no mesmo dia despidio Ioaõ Peixoto, por capitaõ mór de coatro nauios: & por terra mãdou Gaspar Pirez de Matos cõ corenta piaês, & hũa grande soma de seruidores, & bois, pera trazerem o fato por terra: & escreueo a dom Diogo de Noronha, que se fosse por mar, & mandasse a gente com Gaspar Pirez de Matos.

Chegado este recado se embarcou dó Diogo de Noronha com as peffoas que escolheo nos nauios de Ioaõ Peixoto: & da mais gente, q̄

seria perto de quatroçétoz homés, fez vm muito arrezoado escoadraõ, ordenandolhe seus capitaes, & os mandou por terra, em companhia de Gaspar Pirez de Matos. E dom Diogo de Noronha como ya por mar, pós poucos dias a te Goa: & depois chegaraõ os q̄ foraõ por terra, & passaraõ todo aquelle caminho sem lhes acontecer desastre, afronta, nem enfadamento algum: por que o Visorrey tinha mandado cartas do Tanadar de Pondá, pera todos aquelles Tanadares por onde elles auiaõ de passar: com a chegada desta gente se ferrou o inuerno.

## CAPITULO V.

*Da liga que Elrey de Viantana conuocou contra a fortaleza de Malaca: & da dissimulação com que mandou visitar o capitaõ dom Pedro da Sylua da Gama.*



**S**OCEDERAM tantas cousas juntas em vm mesmo tempo, que não foi possivel continuar com ellas por não fazer confusaõ: & por esta rezaõ guardamos todas as mais que eraõ de mais lóge pera este lugar: & continuaremos agora com as de Malaca. Na nossa coarta decada, no capitulo tercei-

ro do liuro segundo temos dado conta, de como Pero Mascarenhas lançou fora da ilha de Bintaõ a Elrey Soltaõ Halaudim, filho do Soltaõ Mahamede, a quem Afonso d'Albuquerque tomou Malaca. Este Soltaõ Halaudim se passou pera Viantana, donde dom Esteuaõ da Gama, sendo capitaõ de Malaca, tambem o lançou fora, pela roim vizinhança que fazia. E nas pazes que lhe fez o obrigou a se passar pera Muar, onde estaria sem fazer forte algum: & ali se aposentou em vm lugar chamado Tangor, onde viueo tres ou quatro annos. E descuidandosse os capitaens de Malaca d'elle, se passou pera o rio de Ior, que está pegado á ponta de Viantana, por ser vm porto mûy accomodado pera o que pretendia (que era trazer a elle o trato de Malaca, & fazer com suas armadas entrar nelle todas as naos, & juncos que fossen pera a nossa fortaleza, de toda a costa de Iaoá, Siaõ, Cãboja, Borneo, & outras: o q̄ fez sem de Malaca lhe iré á mão.) Cõ isto engrossou tãto, q̄ lhe vieraõ desejos de tornar a cobrar seu reino, & a cidade de Malaca, & lançar della os Portugueses, por ter cabedal pera as despezas. Cõ este pensamento começou a fazer prestes suas gentes, & armadas, não fiando de pessoa algũa aquelle negocio, por os nossos se não aperceberem: antes lançou fama que fazia aquellas preparaçoens  
pera

pera contra o Achem. Pera isto se carteceu com os Reys de Perú, Paõ, Marruás, & outros seus vizinhos, q̄ folgaraõ de entrar naquella liga: & mandou conuidar pera ella a Raynha de Iaporá, na costa de Iaoá, com quẽ tinha rezaõ, comendolhe seus partidos, & facilitãdolhe a jornada, pello descuido cõ que os Portugueses estauaõ, & pella falta que de tudo tinhaõ.

Conuocada esta liga, fizeraõ todos os della suas juntas, & lâçaraõ suas armadas ao már, negociando artelharia, moniçoens, & mantimentos. Contra esta guerra foi sempre Laximena, que não podia Elrey deixar de lhe dar conta disto, por que era seu capitaõ geral, & como era velho, & lésudo, & sabia o pouco fruto que d'aquella jornada se auia de tirar, estando vñ dia com Elrey fõ lhe disse.

Nas cousas desta guerra, ainda que V. A. me não peça conselho, não eide deixar de vos dizer o que entendo, pella obrigação de bom vassallo. Não sey senhor se vos vè bem prouardes tantas vezes vossa fortuna com os Portugueses: por que pella experiencia que todos temos delles, bem se sabe, que ninguém pode leuar delles a melhor: Vos tendes feito pazes com dom Esteuaõ da Gama, capitaõ que foi d'aquella fortaleza, irmaõ do que oje está nella, a quem quereis fazer guerra: que por duas rezoens não podeis quebrar. A primeira,

& principal he, pello grande perjuro que cometereis contra Mafamede, & pella auctoridade & fé real, que os Reys saõ taõ obrigados a guardar: A segunda he, porq̄ da parte dos Portugueses não ha occasiaõ algũa de escandalo: antes sempre se mostraraõ amigos, & taõto, que sofreraõ cousas de que bẽ poderaõ lançar maõ. Da amizade destes homens vos resultaõ dous proueitos. Vm do trato & commercio, & o outro do fauor & ajuda nos trabalhos: por isso senhor vede o que fazeis, não queirais por vm pequeno appetite arriscar tâtas vezes a honra & a vida.

Elrey como estaua com paixãõ & odio lhe respondeo. Que elle tinha consideradas bem aquellas cousas, & deitadas suas contas, & q̄ não ya contra sua fé & obrigação, em querer ganhar aquella cidade, que directamente era sua, & fora de seus auos: & que elle esperaua em Mafamede de a ganhar d'aquella vez. Laximena se calou, & mandou fazer prestes a armada, & na entrada de Junho a pos toda no mar. Elrey se embarcou com cinco ou seis mil homens, escolhidos, & no mar esperou os Reys da liga, que se foraõ ajuntar com elle, formandosse hũa armada de mais de duzentos nauios, em que entravaõ mais de corêta juncos da Raynha de Iaporá, cujo capitaõ mór era vm Iao muito valente homem chamado Sangue de Pate, que

- trazia coatro ou cinco mil homés de peleja.

Partidos todos do porto de Ior, foraõ forgir na ponta de Bancallis que he na costa de Camatra, de frente do cabo rechado, no mais estreito de todo aquelle mar: por que de húa parte a outra auerá per to de seis legoas. Surtos ali, mandou Elrey de Viantana chamar Lacximena, & lhe disse que fosse a Malaca a modo de visitar o capitão de sua parte, & q̄ a voltas disso notasse o modo da fortaleza, & q̄ gente tinha, & se auia atoardas desta armada. Lacximena lhe disse, que elle fora a Malaca jurar as pazes com dom Esteuaõ da Gama, & que não era rezaõ que tornasse lá com recado de enganos, q̄ mandasse elle seu filho a isso, & q̄ se em Malaca ouuesse algũa sospeita d'aquella junta, podia ser que o capitão o reprezasse, & que com isso lhe ficaria occasiã pera quebrar as pazes. Pareceo a Elrey bem aquelle conselho, & despidio logo o filho de Lacximena q̄ era moço, em algũas Lancharas, muito bem acompanhado.

Chegados estes nauios ao porto de Malaca, mandou o filho de Lacximena lançar vm criado seu em terra, que foi leuado ao capitão, & lhe disse que o filho de Lacximena ficaua no porto, que lhe trazia húa embaixada d'Elrey de Viantana, que lhe pedia licença pera desembarcar. Dom Pedro da

Sylua da Gama mandou chamar os casados, & peffoas principaes, pera lhes dar conta d'aquelle negocio como fez.

Antonio Fernandez de Ilher, q̄ antre elles era o mais antigo, & rico, tomou a maõ a falar, & disse q̄ aquella visitaçã não trazia proposito algum, & que lhe parecia inuençã d'Elrey, que era falso, & maõ, que a armada que fazia em Ior, lhe não cheiraua bem, q̄ deuia de lançar maõ do filho de Lacximena, por q̄ pella ventura se restringisse Elrey de seu maõ proposito se o tiuesse: & quando todaui fosse com elle auante, era muito bom tello na fortaleza pera cõ elle fazer todos os bons partidos q̄ quisesse: por q̄ seu pay auia de trabalhar cõ Elrey pera auer o filho: & alguns outros foraõ do mesmo parecer, mas dom Pedro da Sylua lhes disse, que fosse a embaixada quaõ sospetosa quisesse, que tiuesse Elrey quaõ roins propositos ouuesse, que ja que aquelle homem vinha com nome de Embaixador que lhe auia de fazer honras & gasalhados, & que se auia de tornar liurementemente: por que não era elle homem q̄ auia de violar, & quebrar aquella boa & antiga liberdade dos Embaixadores. Com isto lhe mandou licença pera vir a elle, & o mandou receber por todos os honrados da terra. Desembarcado o filho de Lacximena foi leuado ao capitão que o esperou em

em sala paramentada, & com grã-de magestade.

O Embaixador depois dos primeiros cumprimentos, & palauras de visitaçõ, deu ao capitão hũa carta d'Elrey de poucas palauras, em que lhe dizia que elle ya com hũa boa armada contra o Achem seu imigo, & que não quis passar sem mandar saber de sua faude: q̃ lhe pedia muito, lhe mãasse Luis d'Almeida, & outro capitão de outro nauio (a que não achamos o nome) pera acõpanharem naquella jornada. A voltas disto lhe deu muito em segredo outra carta de seu pay Lacximena, em que lhe dizia.

Que Elrey seu senhor ficaua em Bacalis com hũa grossã armada, & muitos Reys vizinhos em seu fauor, que a fama que lançaua de ir contra o Achem, era falsa: por q̃ elle vinha sobre aquella fortaleza, muito contra seu parecer & vontade: que os capitaes que lhe mãdaua pedir os não desse: por que a sua tençãõ era tirarlhe nauios, & gente d'aquella fortaleza pera o enfraquecer: que lhe mandaua seu filho, que fizesse delle o que quizesse.

Dom Pedro da Sylua da Gama vendo a carta de Lacximena guardoua muito em segredo, & respondeo ao Embaixador com palauras geraes: & escreueo a Elrey outra carta breue de dissimulaçoens, & cumprimentos, sem lhe

falar a proposito nas mais cousas. E ao filho de Lacximena deu muitas peças, & brincos pera elle, & pera seu pay, a quem escreueo hũa carta muito honrosa, & de muitas obrigaçoens, & com isto o despidio.

## CAPITULO VI.

*De como os Reys da liga desembarcarão em Malaca, & ganharaõ as pouoaçoens de fora, & queimaraõ as naos que estauaõ no porto: & do que fez o capitão dom Pedro da Sylua da Gama.*



HEGADO o filho de Lacximena a Elrey, lhe deu cõta do que passara com o capitão de Malaca, & que não sintira alteraçãõ algũa na terra, nem sospeitas de guerra: & que poderia auer na fortaleza quatrocentos homens Portugueses: & que no porto estauaõ duas naos grandes. Com esta informaçãõ assentaraõ os imigos de irem amanhecer sobre Malaca, & lançarem logo gente em terra pera ganharem o recheyo das pouoaçoens de fora: & assi se fizeraõ á vela, & no coarto d'alua chegaraõ á vista de Malaca: & o Rey de Viãtana q̃ leuaua a armada ligeira, foi demandar as naos que estauaõ na ilha (hũa dellas era de Luis Men-

dez de Vasconcellos, parente de dom Pedro da Sylua, & a outra de ym Antonio Ferreira morador em saõ Thome) em que lançou tanto fogo que as abrazou: & remetendo com a terra da banda de Ilher: & o Sangue de Pate capitão da Raynha de Iaporá dos de Malaca desta banda que he a do Norte, q̄ he a pouoação dos naturaes, de q̄ he gouernador o Tumugaõ, & o Bandarâ de todos os Chelis, que saõ mercadores de toda aquella costa de Choromandel.

Aqui nesta parte desembarcou o Sangue de Pate, & cometeo logo as tranqueiras (por que a pouoação he toda cerrada. Os naturaes sintiraõ os imigos, & tomando as armas se poseraõ em defençaõ, pelejando muito valerosamente, gouernandoos o Tumugaõ, & Bandarâ, com muito animo & esforço. Elrey de Viantana, que desembarcou na parte de Ilher, que he a do Sul, foi cometer a pouoação que era de pescadores, & tambem achou muito grande resistencia. Em ambas as pouoaçoens se pelejaua com muito valor (foi isto dia do Apostolo saõ Bernabe, que cae a onze dias de Junho.) O capitão dom Pedro da Sylua da Gama tãto que sentio o reboliço, & soube da gente que ya fogindo pera a fortaleza, que os imigos andauaõ em terra, acodio com toda a gente á porta da fortaleza, & como foi manhã despidio Luis Mendez de

Vasconcellos com cem soldados a fauorecer os Chelis, & moradores da pouoação antiga de Malaca, por que ali estauaõ todos os mantimentos & fazêdas da terra. Luis Mendez chegou á pouoação, onde a briga andaua mûy acesa, & a começou a defender, & a pelear muito bem: mas como os laos eraõ muitos, & muito determinados, a entraraõ por algũas partes, com morte & dano dos naturaes. Os nossos vendo a cousa perdida ajuntaraõ a si o Tumugaõ & Bandarâ com sua gente, & fazendosse em ym corpo se foraõ recolhendo pera a fortaleza, dando guarda ás molheres & mininos, q̄ se vinhaõ recolhendo, carregadas de suas joyas, & cousas manuaes que poderaõ saluar. Foraõ os nossos tendo o encontro aos imigos, em quem com a arcabuzaria fizeraõ assas de dano. Durou isto a te mais de meyo dia, ficando os imigos senhores da pouoação com todo o seu recheyo, & muitos mantimentos q̄ se naõ poderaõ recolher, por naõ auer tempo pera isso: o que foi muito grande perda, & ouuera de pór aquella fortaleza em grande risco pella falta que delles ouue, como adiante se verá.

Aqui nos cabe lembrar o descuido com q̄ neste negocio se viuue nas fortalezas da India, a onde os capitaens dormem seu sono descansado, como se estiuerao em Alentejo, naõ lhes lembrando que

viuem

viuem antre imigos, que desejaõ de beber o sangue Portuguez: & todas as vezes que virẽ qualquer occasiaõ pera o mostrarem a naõ aõ de perder. Disto tem a culpa ym mal entendido zelo q̃ se quer mostrar no seruiço do Rey, com lhe atalharem despezas, pera acrescentarem na fazenda, pondo só os olhos em respeitos particulares, & naõ nos danos que disto se podem seguir: que saõ taõ grandes, que á falta de prouimentos se perderaõ ja duas taõ importantes fortalezas como foraõ as de Chale & Ternate, de que em seu lugar daremos rezaõ. E se auemos de falar verdade como temos por obrigaçaõ, pello juramento de nosso cargo, & pella experiencia que da India temos, de corẽta annos, affirmamos, & dizemos, que depois que na India entrou esta lingoagem de acrescentar na fazenda do Rey, se foi tudo diminuindo, por que naõ ha cousa que mais acrecente nesta fazenda, que recolheremse nos almazens de cada fortaleza dous mil candiz de arros, pera estarem em deposito, pera o tempo da necessidade, & depois no nouo vendelos, & com o dinheiro comprar outros tantos, & sempre Elrey fica ganhando. E se differem que as desordẽs dos capitaens saõ grandes, & que meteraõ a maõ em tudo o que quiserem neste negocio: pera isso tem o Rey justiças pera castigar rigorosamente quem tocar nos manti-

mentos do deposito, por que estes he necessario sejaõ taõ inuiolaueis, que se naõ toque nelles se naõ nõ tempo de guerra, ou necessidade vrgente.

E tornando a nossa ordem. Os imigos ficaraõ senhores das pouaçoens de fora, o Rey de Viantana da de Ilher, a onde logo começou a fazer hũa forte tranqueira: & os Iaos d'aquella parte de Malaca, a onde tambem se fortificaraõ, & assentaraõ sua artelharia pera baterem a nossa fortaleza. Dom Pedro da Sylua naõ faltou em cousa algũa: antes como capitãõ esforçado, & prudente, começou a dar ordem ás cousas necessarias pera a defenõ d'aquella fortaleza, prouendo os baluartes, & guaritas de capitaens & soldados. E por que da parte do mar estaua aberto, mandou correr com hũa estacada da ponte pera baixo: & alguns luncos que estauaõ no porto, que os imigos naõ queimaraõ, por estarem de fronte da fortaleza, mandou recolher pera dentro do rio, pera o que aleuantaraõ a ponte, que era de tauoado leuadissa: & todos mãdou pór naquelle face da fortaleza & pouaçaõ q̃ corre pello rio acima, bem chegados á terra, pera ficarem defendendo aquella parte, & pòs nelles algũa gente pera isso. E a cerca da cidade, que era muito grande, mãdou renouar por algũas partes, & reformar as guaritas, que proueo de

de soldados. He esta cerca de taipa á antigua, & pella banda de detrás tem hũa tranqueira de madeira entulhada a te a taipa de feição que deixaua vm andaímo de coatro passos pera seruiço da gente, & á roda della tem muitas guaritas, a fora os baluartes: o que tudo o capitão proueo, & repairou muito bem. E vendo que os inimigos plátauão suas estancias, como homés que determinauão de estar deuaçar: despido hũa embarcação ligeira, em q̄ mandou vm homem de recado com hũa carta geral, pera ir por toda aq̄lla costa de Quêdá, Tanaçarim, Pegú, a te Bengala, a dar recado a todos os Portuguezes que ali estiuessẽ com nauios, pera que o socorressẽ com géte, & mantimentos: & juntamente despido outra embarcação em q̄ mandou vm amo de vm Chely, homem honrado, pera ir a Patane a dar auiso aos nauios que auiaõ de vir de Siaõ, Camboja, & de todas aquellas partes pera Malaca: pera que não fossẽ cair nas mãos dos inimigos. Das jornadas destes dous adiante trataremos,

CAPITULO VII.

*De como os inimigos começaram a bater a fortaleza: & de como chegou a ella dom Garcia de Meneses. E de hũa saida que*

*fez aos inimigos em que o mataraõ.*



**T**A N T O que os inimigos se fortificaraõ logo começaraõ a bater a nossa fortaleza de hũa, & da outra parte, com grande terror: & della tambem os seruiaõ arrezoadamente, trazendo dom Pedro da Sylua grande vigilancia em tudo, vêdo, notando, & prouendo as cousas q̄ eraõ necessarias, não quietando de dia, nem dormindo de noite, por q̄ os inimigos lhe não dauaõ vagar pera cousa algũa destas: por que começaraõ a dar assaltos mûy apressados, & amiudados, de q̄ as mais das vezes sayaõ bem escalaurados. Poucos dias depois de sua chegada, appareco a Carauela em que vinha dom Garcia de Meneses filho do Craueiro, que deixamos partido de Goa pera Malaca, no capitulo coarto do liuro nono. Em a vendo os inimigos despedio Elrey de Viantana, Laximena com corenta ou cincoenta Lancharas, pera a irem cometer, como fizeraõ.

Dom Garcia de Meneses tanto que vio aquella armada, que se conheceo ser de inimigos, mandou em bandeirar a Carauela toda, & negociar á artelharia: & posto em armas com todos os seus assi á vela foi caminhando a te chegar á armada do inimigo. Laximena rodeou a Carauela, & começou a esbom-

esbombardear soberbamente, chegando-se a ella quanto pode, por ver-se a podia inuestir: mas a Carauela, que leuaua muita & muito boa artelharia, a começou a desparar pera todas as partes empregando suas cargas muito á sua vótade: porque como ya á vela com vento fresco gouernaua pera onde queria. Lacximena trabalhou tudo o que pode por abordar a Carauela, mas nunca pode: porque como ya á vela, receaua de pór a proa nella, por se não espedaçar, & foi de fora esbombardeando, & metendolhe muitos pilouros dentro com que lhe ferio muita gēte. Dom Garcia de Meneses mostrou nesta briga bem, que as letras não desbotauão á lança, por que acodio com tanto animo & prudencia, como se todos os annos q̄ gastou nos estudos, os despendera na milicia, fazēdo milhor o officio de capitão que de letrado. E quis sua boa fortuna que acertasse da sua Carauela com vm camello na Lãchara de Lacximena, que a fez em pedaços, & a elle, & a vm filho seu, que estauão ambos: & outros dizē que tambem a vm genro: pagãdo este maldito Mouro por mãos de Portugueses neste tempo, o q̄ deuia, no tempo de vm filho do Cōde Almirante, á morte do valeroso capitão dom Paulo da Gama, & d'outros fidalgos & caualeiros (como temos dito no cap.ii. do liuro 8. da coarta decada.

Tanto que os Malayos viraõ morto seu capitão mór logo se foraõ recolhendo pera Malaca, & a Carauela a pos elles sempre ás bõbardadas, a te deitar ferro defronte de Malaca. Dom Pedro da Sylua esteue vêdo a briga de cima da fortaleza, não sabendo que Carauela aquella podia ser: mas todavia notou que vinha nella capitão de brio, pella confiança com que se cmbandeirou, & pello procedimento que lhe via. E deitãdo vm Balaõ muito esquipado mandou saber que Carauela era, quando ja vio ir os imigos em disbarato. O Balaõ chegou a bordo, & sabendo da Carauela, & quem vinha nella, tornou a voltar com recado ao capitão, que ficou muito aluoroçado com aquellas nouas.

Dom Garcia de Meneses tanto que sorgio, deixando Gemez Barreto (que vinha com elle por capitão do mar de Malaca) na Carauela, desembarcou com poucos q̄ o acompanharaõ: & achou dom Pedro da Sylua da Gama que o aguardaua na praya, a onde o recebeo com muitas honras, & lhe deu gafalhado em terra, no lugar em que elle quis, que foi na parte do jogo da bola: por que ali era a estancia do capitão, a onde dormia, & daua mesa a muitos homēs pobres. E por que era a moução em que cada dia se esperauão nauios da India, ordenou o capitão com dom Garcia de Meneses, que ficasse

ficasse Gemez Barreto na Carauela com corenta homens, pera ir fauorecer as naos que viessem demandar aquelle porto: por que estava certo sairem os imigos a cometas. E mandandolhe meter mais duas esperas de metal, a proueo tambem de monçoens em abastança. Gemez Barreto se deixou ficar na Carauela com grande vigia, & com a amarra sempre guardada ao cabrestante. D'ahi a poucos dias ouueraõ vista de hũa nao, que era de vm Francisco Médez, & vinha de Cochim carregada de fazendas: Elrey de Viantana mandou logo as suas Lancharas pera q̃ a fossen cometer.

Gemez Barreto em védo a nao leuou a amarra, & soltou as velas todas, & meteo-se no meyo da armada dos imigos, & a foi seruido de bombardadas por todas as partes. O capitaõ da nao, védo aquella armada que vinha atirando tantas bombardadas, logo conheceo q̃ era de imigos, & naõ a ousando esperar, voltou em outro bordo. Gemez Barreto tanto q̃ a vio voltar, amainou, & yçou a vela da gauea, tres ou coatro vezes, fazendo-lhe sinal com isso pera que esperasse; mas elle como ya auiado, & cõ grande medo, naõ entendeu o sinal: antes lhe pareceo que aquella Carauela era tambem dos imigos, que a teriaõ tomada, por q̃ todos vinhaõ enuoltos, & a Carauela no meyo. Francisco Mendez naõ cu-

rando de cousa algũa foi seu caminho a te que lhe anoiteceo, & a armada se recolheo, & Gemez Barreto se tornou a pór no seu posto.

Este Francisco Mendez se foi pella costa acima com vento prospero, & passou por Pegú, & foi tomar o porto grande, & em hũa d'aquellas ilhas se perdeo, saluandose a gente toda. Os imigos foraõ continuando o cerco de ambas as partes, dando muitos & apressados combates, & assaltos, com que os nossos andauaõ mûy quebrantados: mas de todos foraõ rebatidos & escalaurados, pello esforço do capitaõ, & de todos os mais, q̃ neste cerco fizeraõ marauilhas. Os Iaos trouxeraõ hũa peça de artilharia das suas estancias, & a poseraõ defronte da ponte, & por cima della varejauaõ a cidade dentro, & faziaõ nella muito dano.

Dom Garcia de Meneses que era fidalgo orgulhoso, & desejava de se asynalar, pedio licença a dõ Pedro da Sylua pera ir tomar aquella peça, que lhe elle deu, & fazendo-se prestes com cem homẽs, & com elle Pero Vaz Guedes (de quem no primeiro cerco de Diu de Antonio da Sylueira temos da do rezaõ, no capitulo decimo do liuro terceiro da quinta decada) & outros fidalgos & caualeiros que se lhe offereceraõ pera isso. E sendo o coarto d'alua quasi rendido, sairaõ os nossos pella ponte, & de-

raõ na estancia que os laos ali tinhaõ em guarda da peça taõ de supito, que os naõ finiraõ se naõ quando ja os cortauaõ: & foi de feiçaõ que os mais dos que a guardauaõ ficaraõ ali espedaçados: & dando cabos a peça de artilharia foraõ trazendo com grande aluoroço.

O Sangue de Pate capitaõ dos laos teue logo rebate d'aquelle negocio, pellos que escaparaõ fogindo, & saindo das estancias com dous mil homens, deu nos nossos, que tinhaõ ja a peça da artilharia no lugar em que oje está a Alfandega: & com aquella furia começaraõ os soldados de dom Garcia a se desmandar, & recolher pera a ponte. Mas dom Garcia de Meneses, que era fidalgo de grande animo, posto junto da bombardarda, & com elle Pero Vaz Guedes, & alguns poucos que os quiserãõ acompanhar, fizeraõ rosto aos inimigos, & trauaraõ com elles hũa muito aspera batalha, sem se quererem recolher com verem a multidaõ dos inimigos: porque antes quiserãõ morrer, que largar a bombardarda que tinhaõ tomado. Mas como o numero era taõ desigual, apertaraõ tanto com os nossos, que os fizeraõ recolher, mas naõ a dom Garcia de Meneses, nem a Pero a Vaz Guedes que sobre a bombardarda morreraõ, sem se quererem mudar della vm passo: acabando aqui estes dous es-

forçados caualeiros, com deixarem primeiro antre os inimigos muito grandes sinaes de seu esforço. Foi aqui tambem morto Antonio Ferreira muito bom caualeiro, que foi camareiro do Conde da Castanheira.

Desbaratados os nossos, & entrando pella ponte, foi taõ grande o medo, & a desordem, que cairaõ ao mar muitos, & se afogaraõ alguns. Custou esta saída trinta homens, antre os que morreraõ na batalha, & os afogados. Dõ Pedro da Sylua vendo o disbarato sayo com cem homens a te a ponte, & recolheo os que vinhaõ fogindo: & sabendo da morte d'aquelles dous fidalgos em extremo o sintio, assi por suas pessoas, como pella mingoa & falta que lhe auiaõ de fazer: por que estaua em tempo, que auia mister homens, & mais tais como aquelles. E recolhendosse com esta magoa, foi proseguindo na defença da fortaleza com muito cuidado. E por que os assaltos foraõ muito continos & miudos, & que a historia naõ sofre particularizar, passaremos por elles, & naõ daremos rezaõ, se naõ das coufas principaes, por que temos muitas que nos chamaõ, & tocaõ por nos.

## CAPITULO VIII.

*Do que acõteceo ao homem que leuou o recado do cerco de Malaca. E de como Gil Fernandez de Carualho, que estava em Quedã se fez prestes pera a ir socorrer: & como este recado chegou ao porto grande, & dos socorros que se ajuntaraõ: & das cousas que socederaõ em Malaca neste cerco.*



**P**ARTIDO o homem que dom Pedro da Sylua da Gamma mandou com as nouas do cerco, foi correndo a costa: & chegando ao rio de Quedã (q̃ he sessenta legoas de Malaca) achou ali Gil Fernandez de Carualho, cõ o seu Galeaõ carregado de pimenta. E mostrãdolhe a carta geral de dom Pedro da Sylua, & dandolhe informação do trabalho em q̃ Malaca estava, passou auãte, & em sua companhia vm Pero Tauares capitaõ de vm nauio seu que ali estava: este pera entrar em Pegú a dar recado a Iorge de Mello, o Punho, & o outro pera passar ao porto grande a onde estava Gonçalo Vaz de Tauora a quem Gil Fernandez de Carualho escreueo, que se viesse ajutar com elle pera todos juntos cometerem

a armada dos imigos, & a desbaratarem. Pero Tauares chegou a Pegú, & achou Iorge de Mello preso, por que vindo aquelle Rey do negocio de Siaõ (como adiante diremos na setima decada) achou aleuãtado vm capitaõ seu chamado Xemido, & lhe tinha tomado a cidade de Pegú, & indo Elrey cõtra elle o ouue as mãos, & o matou: & por q̃ achou culpado Iorge de Mello em fauorecer o aleuãtado, & lhe dar moniçoões, o prẽdeo, & correramuito risco se se ali naõ achara Diogo Soarez de Mello, q̃ depois o pedio a Elrey, que lho deu.

Pero Tauares naõ achãdo ali alguẽ a quẽ dar recado, passou auãte & chegou ao porto de Arracaõ, pera dar as cartas a Gonçalo Vaz de Tauora, q̃ achou morto, por q̃ auia poucos dias q̃ dera hũa batalha a os Mogos, em q̃ foi morto cõ outros Portugueses: mas achou em seu lugar vm Ioaõ Anriquez da obrigação do Visorrey dõ Afonso de Noronha: & dãdolhe as cartas, & vendo elle a necessidade em q̃ Malaca estava, se embarcou logo no Galeaõ em q̃ tinha ido Gõçalo Vaz de Tauora: & carregãdo hũa nao de mercadores que estava no porto, de arroz, & outros mantimentos, partio pera Malaca, indo com elles Pero Tauares na sua fusta: & deixalosemos em sua viagem a te seu tempo.

Gil Fernandez de Carualho tãto que teue recado, deixando a sua

a sua nao que estaua a carga com algũs Portugueses pera sua guarda se embarcou em hũa fermosa Galeota com corenta Portugueses, & tomou o caminho de Malaca, em q̃ os deixaremos, por continuarmos com o que neste tempo socedeo naquella fortaleza.

Os imigos foraõ continuando as bararias & assaltos apressadamente, & poseraõ os nossos em estado, que muitas vezes se viraõ desconfiados, por que lhes começou a faltar o mâtimento, & ja comiaõ cousas nojentas, & auorreciueis, com o q̃ começaraõ a morrer muitos dos mesquinhos: & os escrauos a se passarem pera os imigos. E sendo ja no mes de Julho, appareceraõ duas naos que vinhaõ de Cochim carregadas de fazendas, hũa de Aluaro da Gama que estaua por capitaõ em Cochim, em que vinha Luis Martinz, & a outra de vñ Antaõ Martinz o surdo, que era casado com a mãy de dona Maria da Cunha, filha do Governador Nuno da Cunha. Os imigos tanto que as viraõ lhes firaõ com sua armada: mas Gemez Barreto, que sempre estaua á lerta, deu á vela a pos ella, & no meyo de todas as embarçaões ya esbõbardeando a hũa & a outra parte, desaparelhádo algũas, & matádo-lhe d'etro muita gête: desta maneira chegou ás naos, & voltou có ellas, vindolhes os imigos por popa atirãdo muitas bóbardadas, & re-

cebendo elles outras q̃ lhes faziaõ mayor dano: assi foraõ a te forgirẽ defronte da fortaleza. Os nossos ficaramõ muito aluoroçados có este socorro, por q̃ alguns mantimẽtos lhes leuaraõ as naos com que se remedearaõ. Dom Pedro da Sylua vendo q̃ a falta delles ya por diante, & q̃ naõ tinha esperanças de lhe virem da Iaoa, deu busca nas casas, & recolheo tudo o que achou, & o meteo em almazens, & d'ali se repartia com muita ordem pellos Portugueses: & todavia pella falta que cada vez era mayor, se lhes estreitaua a raçaõ, & creciaõ os trabalhos: por que os imigos amiudauaõ os assaltos, com o que traziaõ os nossos taõ inquietos, q̃ naõ dormiaõ, nem repoulauaõ, & por cima disto andauaõ todos taõ fracos de fome, que ja naõ auia nelles mais que os animos.

Poucos dias depois de chegarem estas naos, appareceraõ outras duas que vinhaõ da banda do estreito de Sincá Pura: hũa dellas era a nao de Bernaldim de Sousa que vinha de Maluco, de que era capitaõ Manoel de Figueiredo, & a outra era vñ Galeaõ q̃ vinha de Timor carregado de Sandalo, de que era senhorio, & capitaõ Bras Robalo caualeiro honrado, & casado com hũa Guiomar d'Aguiar, mãy de dom Vasco da Gama, filho de dom Esteuaõ da Gama. Estas naos tanto que appareceraõ logo os Malayos se embarcaraõ na sua

armada, & as foraõ cometer: & Gemez Barreto tambem em as vendendo as foi buscar, & recolher, indo sempre pelejando com a armada imiga, & tornandosse a recolher cõ as naos tambẽ pelejando, & foraõ sorgir no porto a onde ja apparecia hũa arrezoadã frota nossa. Na nao de Bernaldim de Sousa vi nha Christouaõ de Sá, que dom Pedro da Sylua recebeo bem, por ser vm fidalgo muito bom homẽ, & bom caualeiro.

Neste tempo estauaõ as cousas em estado, que se passauaõ muitos escrauos dos Portugueses pera a banda dos Iaos, por que como yaõ pescar quasi todos ao mar, na frontaria da fortaleza: & da banda de fora na boca do rio era a agoa taõ pouca, que quasi daua pella cinta a hũa pessoa: os escrauos que qneriaõ fogir, naõ faziaõ mais que lançar-se a agoa, & passarem-se a outra banda, onde os Iaos os recolhiaõ. Disto andaua o capitãõ muito enfadado, & de naõ ter algũa espia que lhe dissesse a verdade do que os imigos determinauaõ.

Como isto se praticaua na fortaleza, & o capitãõ tinha encomẽdado a todos os Portugueses, q̃ trabalhassẽ por tomar algũa espia: foise vm escrauo (Cafre de naçaõ) a seu senhor, & lhe pedio hũa espada curta, por q̃ se queria arriscar a tomar vm Iao. O senhor duuidoso se seria aquillo querer-lhe elle fogir co-

mo cada dia faziaõ os outros, esteue pera lha naõ dar: mas cuidãdo depois que se elle tinha vontade de fogir, que tanto o faria com espada, como sem ella, quis fazer do ladraõ fiel (como lá dizem) & buscando hũa espada curta lha deu. O Cafre se foi a borda do mar cõ a espada nua na maõ, & se meteo pella agoa com ella escondida debaixo, & começou a passar manso & deuagar pera a outra banda: & antes de chegar a ella acodiraõ os Iaos como costumauaõ, & metose vm pella agoa pera dar a maõ ao Cafre: o Cafre pegãdo-lhe tãbem cõ a esquerda pello braço q̃ lhe daua, aleuantou a direita que leuaua por baixo da agoa, & deu taõ façanhoso golpe com a espada por vm hombro ao Iao, que quasi o escalou, & puxando por elle o foi leuando a rasto pella agoa. O senhor do Cafre q̃ estaua destoutra banda com alguns amigos, em vendo aquelle negocio, começãraõ a jugar com sua espingardaria: por que acodiaõ ja muitos Iaos ao outro. O Cafre chegou a terra com o Iao ferrado, & o leuou a o capitãõ que estaua na ramada, que o estimou muito, & abraçando o Cafre, o forrou logo. E tomãdo o Iao a hũa parte lhe mandou fazer perguntas, & a tudo lhe respondeo verdade. Dizendo que estauaõ todos os da liga prestes pera darem vm grande assalto á fortaleza, com o que esperauaõ

uaõ de a tomar, & que seria o dia da lûa noua por que esperauaõ, pera depois de fazerem suas cerimoniaes cometerem o assalto, pera o q̄ tinhaõ feito mais de cincoenta escadas, & outros petrechos, & machinas pera encostarẽ aos muros.

Tanto que o capitaõ soube do Mouro tudo o que quis, mandou entregar aos rapazes, q̄ o espedaçaraõ. Isto se espalhou logo pella fortaleza, & começou a auer rostinhos & desconfianças. O capitaõ tratou de se fortificar por todas as partes, por que por todas auia de ser cometido.

Auia na fortaleza vm soldado, homem de mais de corêta annos, a que naõ achamos o nome (pellos descuidos de que tantas vezes nos queixamos) que diuia de ter andado por Italia, ou por Alemanha, & tinha practica das cousas da milicia, por que parece que militara por lá alguns annos. Este homẽ agasalhou a porta da fortaleza, junto de hũa bombardas que d'ali jugaua por cima da ponte: & tinha feito hũa tenda de palha em que se recolhia com suas armas, só, sem cõuersar com alguẽ, nem ser conhecido: era vm homenzarraõ de muita pessoa, tinha hũa mûy fermosa barba castanha que lhe daua por meyo dos peitos. Vendo este homem o trabalho em que o capitaõ andaua de se reparar, & fortificar, pello que lhe tinha dito o laõ, se foi vm dia a elle, & tomã-

do a parte lhe disse, que mãdasse tirar os mastos a todos aquelles luncos que estauaõ no rio, & os possessẽ por cima dos muros, pera o tempo do assalto, depois de estarem as escadas encostadas ao muro os deixarem cair de cima, & q̄ isso bastaria pera desbaratar os inimigos: mas que auia isto de ser em tanto segredo, que naõ soubesse pessoa viua o que determinaua: por que se naõ precatasem os inimigos (que logo eraõ auisados de tudo pellos que fogiaõ.) Pareceolhe ao capitaõ aquelle conselho muito bem, & logo mandou tirar os mastos aos luncos, & os mandou pôr ao pé dos muros, assi estendidos ao comprido: & por que naõ abrangiaõ pera cercar tudo á roda, mandou desmanchar casas sobradadas, & tirar lhes as vigas pera isso. E como teue tudo cheyo á roda, ordenou por cima dos muros aparelhos pera as alarem acima, quando fosse tempo. Os casados, & muitos outros que viaõ aquelle trabalho, sem saberẽ o fundamento disto, praguejauaõ, & diziaõ, q̄ aquillo era andar areado, & q̄ de medo ja naõ sabia o que fazia, o q̄ elle ouuia, & calaua, como prudente, sesudo, & experimentado, por q̄ esta he a obrigaçãõ do bom capitaõ em taes tempos.

Algũas cousas muito notauẽs acontecerãõ neste tempo, de que contaremos algũas. Aleuãtandosse vm dia o capitaõ de hũa cadeira

q̄ tinha na ramada, pera ir roldar, se assentou nella vm foão Cabral, (que era o senhor do Cafre que tomou o Iao) & disse, quero agora ser capitaõ: & pondo a perna por cima do braço da cadeira, veyo hũa bombardada dos imigos, & o tomou por ella, que logo o matou.

Estando vm homem comungando, virádossê o padre pera lhe lançar a benção, depois de ter recebido o senhor: entrou pella porta da igreja vm pilouro d'aquella peça que dom Garcia quis defender, & sobre q̄ morreo: & deu nas costas ao homem, & o fez em pedaços. Pello que o capitaõ mandou logo fazer hũa trãqueira muito forte, defronte da porta da igreja. O Condestable da fortaleza estando apontando hũa espera, que estaua á porta de nossa Senhora do Monte, veyo vm pilouro de hũa bombardada que o tomou pella testa & o matou logo.

CAPITVLO IX.

*Do grande assalto que os Mouros deraõ a fortaleza, de que sairaõ desbaratados. E do q̄ os imigos determinaraõ em dano da fortaleza: & de outro grande conselho que deu o mesmo homem contra o intento dos imigos: pello que se alevantaraõ os Malayos do*

*cercos, & ficaraõ os Faos. E de como Gil Fernandez de Carualho chegou a Malaca, & deu batalha aos imigos, em que os desbaratou.*



O ISE o capitaõ fazendo prestes pera o assalto que esperaua tendo guarnecidos os baluartes & guaritas, de muitas moniçoens, & de homens de recado, o que tudo preparou, & fez a te doze dias do mês de Agosto, em que era a lũa noua. E tanto que ao pôr do Sol appareceo, começaraõ os Mouros em suas estancias a fazer grãdes festas, tangeres, gritas, & a atirar sua artilharia. Dom Pedro da Sylua, que estaua ja prestes, & preparado, se foi as estancias, & mandou cõ muita breuidade alar acima os mastos & traues que estauaõ ao pé do muro, o que se fez muito prestes, por que estauaõ ja aparelhos, & polés guarnecidas pera isso. Sobidos ao muro os poseraõ por cima das paredes: & o capitaõ que a te entaõ naõ tinha dito o pera q̄ aquillo era, disse aos capitaens dos baluartes & guaritas, que tanto que os imigos encostassem as escadas ás paredes, & sobissem, deffem de maõ aos mastos, & os deixassem cair sobre elles.

Os Monros toda a noite passaraõ em festas & tangeres, & como foi

foi o coarto d'alua , abalaraõ de seus exercitos com grandes gritas & alaridos, leuando mais de cincoenta escadas mûy grandes sobre suas rodas, & diante dellas mantas mûy grossas & fortes, pera emparar dos que as yaõ roládo : & com hũa confusaõ rustica & barbara arremeteraõ com os muros os Malayos da banda de Ilher, & os foraõ cingindo á roda, & encostaraõ nelles suas escadas por onde começaraõ a sobir. Os nossos que estauaõ á lerta, os deixaraõ chegar bê á sua vontade, & como viraõ as escadas cheyas , deraõ de maõ aos mastos, que foraõ com vm terremoto espantoso caindo sobre as escadas que logo fizeraõ em pedaços, & a todos os que por ellas sobiaõ, & a muitos dos que estauaõ em baixo: & a pos os mastos foraõ logo muitas panelas de poluora, q̃ se desfizeraõ sobre aquelle cardume de imigos.

O Rey de Viantana, & os mais da liga vendo aquelle dano, passados se foraõ recolhendo, ficando dolhes ao pé dos muros mais de seiscentos feitos pedaços, & abrazados. Os Iaos ao mesmo tempo cometeraõ tambem polla banda do mar: & entraraõ hũa soma delles em hũa d'aquellas casas de madeira que estauaõ armadas da banda de fora da tranqueira, que o capitãõ mandou fazer naquella parte, que de maré vazia ficaõ em seco, & na enchente todas metidas

na agoa. Entrados estes nas casas, deraõ com hũa molher velha Malaya, & lhe perguntaraõ pello caminho que ya pera o monte, a onde estaua a ermida da Madre de Deos (por que estaua assentado entre elles que se apoderassem delle pera d'ali ficarem sobre a fortaleza, por que aquelle monte lhe hé padraõ) a velha lhes disse q̃ lhes mostraria o caminho: & saindo se pera fora ferrollhou a porta sobre si, & foi dar rebate ao capitãõ deste caso. Dom Pedro da Sylua tinha encomendado aquella parte do mar a Christouaõ de Sá, que ao tempo que os imigos acometeraõ, os mandou varejar com a artelharia, com que lhe matou muitos. E acodindo aq̃lla parte, disse a Christouaõ de Sá, & a outros caualheiros, que com elle estauaõ, que acodissem ás casas a onde os Mouros estauaõ metidos: & elle foi roldar as estancias a onde ouuia grandes gritas. Os nossos tanto que souberaõ estarem Mouros nas casas, se foraõ vns poucos a elles, & sobindo se em cima dos telhados os destelharaõ, & com as espingardas não faziaõ se não derribar nelles. Os Mouros tâto que viraõ os nossos em cima, & não tinhaõ por onde sair, & eraõ muitos, andauaõ pella casa correndo de hũa parte pera a outra, por que os nossos lhes não podessem tomar bem o ponto: mas todavia elles sempre os acertauaõ, & derribauaõ : & com

aquelle furia poseraõ os hombros a hũa porta que arrombaraõ, & vararaõ a hũa varanda. Os nossos se passaraõ a ella pellos telhados, & a destelharaõ, & como era mais baixa, chegauaõ lhes os Mouros com as lanças acima, & os trataraõ mal, mas elles pedindo panellas de poluora, deraõ com ellas antre elles, & abrazaraõ muitos, & outros se lançaraõ das varandas abaixo em terra, que era maré vazia, a onde foraõ tambem a mór parte mortos á espingarda. Durou esta briga a te hũa hora ou duas do dia, em que os inimigos se acabaraõ de desbaratar de todo, & se recolheraõ ás suas estácias bem escalaurados.

Vendo os Reys da liga o dano que tinhaõ recebido naquelle cerco, ajuntandosse todos a conselho assentaraõ, que se não aleuantassẽ de sobre a fortaleza sem a tomarẽ: & que pera isso se deixassem estar muito deuagar: & que esperassem pella moução em que os luncos da Iaoa auiaõ de vir com mantimẽtos pera Malaca, que os recolhessẽ, & se apercebensẽ pera todo aquelle anno: & que os Portugueses lhe não ficaria outro remedio se não entregaremse: por que como lhes faltassem os mantimẽtos da Iaoa, não auia outra parte donde os possessem esperar: que elles tinhaõ o mar & a terra por si, que se deixassem estar sem se arriscarem em saltos, que os Portugueses lhes não escapariaõ das mãos. Com esta re-

soluçaõ se fortificaraõ de nouo, & se poseraõ em ordem de ficarem ali todo o veraõ. O capitaõ foi logo auisado disto, & ouuese por perdido, por que vio que aquelle ardil dos inimigos era diabolico, & que se perseverassem nelle, forçado se auia de perder, por que como lhe faltassem mantimẽtos não auia reparo algum: & elle estava ja taõ falto de tudo, que se comiaõ cousas immundas, como caens, gatos, ratos, & ainda quando se podiaõ auer.

Andando com isto muito afombrado, cuidando no que faria, permitio Deos inspirar naquelle soldado que dissemos no capitulo atras deste nono liuro, que deu o ardil dos mastos sobre as ameças dos muros, que deixaraõ cair sobre as escadas, lhe deu outro nouo ardil.

Este soldado vendo o capitaõ d'aquella maneira, se foi a elle, & em segredo lhe disse que despidiisse aquellas naos q̄ estavaõ no porto, com fama que mãdaua dar em Ior, Paõ, Perá, Marruas, & por toda aquella costa, & que forçado os inimigos auiaõ de acodir a suas terras, por que lhas não destruissẽ: & que fossem esperar os luncos da Iaoa nos estreitos, & que ali resgatassẽ os mantimentos com roupas, & os tornassem a mãdar. Souu lhe tambem ao capitaõ aquillo, q̄ ouue que o Espirito sancto falaua pella boca d'aquelle soldado: & logo man-

go mandou chamar Luis Martinz capitão da Nao de Aluaro da Gama, & Bras Robalo capitão do seu Galeão, & Antonio Nunez também capitão da sua Nao, & na ramada lhes disse publicamente que se fossem todos jutos por aquella costa, & que dessem nos lugares de Viãtana, de Perú, Paõ, Marruas, & todos os mais, & que puzessem tudo a ferro & a fogo sem perdoarem a cousa viua, & mandou embarcar nas naos muitas roupas, das que os Iaos vão buscar a Malaca: & mandou armar duas Fustas pera irem com elles. Estes capitães se foraõ logo embarcar, & o capitão dom Pedro da Sylua lhes deu vm regimento serrado, & no sobrescrito de fora lhes dizia, que abrissem aquella tanto que fossem fora dos estreitos, & que fizessem o q̄ nelle lhes mandaua: & embarcados todos deraõ as velas.

Como estas cousas passaraõ publicamente, logo o Rey de Ior foi dellas auisado, por que trazia na fortaleza grandes intelligencias: & vendo ir aquella armada, receado elle, & todos os mais Reys que cõ elle estauaõ que lhes destruissem suas cidades, & portos, logo no mesmo dia se embarcaraõ pera lhes irem socorrer. Os Iaos que estauaõ da banda de Malaca, tãto que soberaõ serem os Malayos idos sem lhes darem conta de cousa algũa, determinaraõ de profeguir no cerco, & tomarem aquella cidade: &

pera isso se passaraõ a metade pera a banda de Ilher, a onde os Malayos estauaõ: pera de mais perto baterem & cometerem a cidade.

Ao outro dia depois que isto passou, chegou Gil Fernandez de Carualho ao porto de Malaca cõ a sua Galeota muito embandeirada: & desembarcando em terra, sayo dom Pedro da Sylua ao receber á praya, & com grandes hõras & aluoroço de todos foi recolhido dentro: & logo lhe deu conta de todo o passado, & de como os Malayos o dia dantes se recolheraõ. Gil Fernandez de Carualho disse a dom Pedro da Sylua q̄ pois elle vinha, & tinha chegado a taõ bom tempo, que lhe desse licença pera de madrugada sair aos Iaos, por q̄ esperaua em Deos de os desbaratar, & de se acabarem aquelles trabalhos, por que elle naõ se podia ali deter muito. Dom Pedro da Sylua lhe disse, que lhe parecia muito bem, & logo Gil Fernandez de Carualho se começou a fazer prestes pera de madrugada dar nelles, ajuntando duzentos homẽs, em que entrauaõ todos os fidalgos & caualeiros que ali auia. De todos estes fez tres capitaens, elle que auia de leuar a dianteira, Christouaõ de Sá, & Gemez Barreto. E tanto que foi o coarta d'alua sayo Gil Fernãdez de Carualho da fortaleza, ficando dom Pedro da Sylua á porta com toda a mais gente: & remetendo com as estancias dos imigos,

*Sexta Decada. Da historia da India.*

imigos, que estauão descuidados, deraõ nelles com tamanhos estrôdos, que primeiro que soubessem o que era, tinhaõ os nossos mortos mais de cento . E baralhandosse todos, fizeraõ os nossos taõ grande estrago nos Iaos que foi espanto. O Sangue de Pate capitão geral do exercito, acodio com vm Rey d'aquelles da Iaoa, & com todo o poder remeteraõ com os nossos, & os detiueraõ, mas não que perdessem as tranqueiras que tinhaõ casualgado. Aqui deraõ hũa lançada a Gil Fernandez de Carualho por debaixo de vm braço, de que cayo no chaõ com a força, mas logo se pôs em pé animado os seus. E quis sua boa fortuna, q̄ encontrasse com vm senhor, ou Rey d'aquelles da Iaoa, & remetendo com elle o tomou com hũa estocada em descubierto pellos peitos, de que deu logo com elle morto em terra: & lhe tomou a espada, & vm cris garnecido d'ouro.

Aqui derribaraõ o Alferez da bandeira de Gil Fernãdez de Carualho, & vm Iorge Borges acodio com muita pressa, & a tomou, & se pos em cima da tranqueira com ella. Os Iaos tanto que viraõ caido aquelle seu capitão, desemparado tudo se foraõ acolhendo pera o már: & com a pressa se deitaraõ a elle pera se saluarem nos Iuncos: Os nossos vendo a vitoria clara, foraõ seguindo os inimigos, matando, & ferindo nelles sem piedade: &

ouue muitos soldados que de encarniçados de matar nelles, com aquella furia com que yaõ, se lançaraõ com elles ao már, & dentro na agoa mataraõ muitos. Dom Pedro da Sylua vendo o desbarato dos inimigos, sayo fora com toda a gente, & ainda muitos de sua companhia chegaraõ aos derradeiros, em que tambem prouaraõ a maõ.

Foi esta destruição muito notavel, por que se perderaõ mais de dous mil Iaos, assi na terra como no mar. Dom Pedro da Sylua recebeo Gil Fernandez de Carualho com muita honra, dizêdolhe muitas palauras de lououres seus, & de todos. Ficaraõ as estancias dos inimigos com toda a sua artelharria, munições, mantimentos, & mais coufas, que dom Pedro da Sylua mandou recolher na fortaleza: & nas estancias se pôs logo fogo em que se todas consumiraõ. E pera esta vitoria ser de mór louuor de Deos & gosto de todos, focedeo aquelle dia dar hũa tormenta taõ grande, que os mais dos Iuncos dos Iaos foraõ cassando pera a terra, a onde encalharaõ muitos, & se perderaõ, com muita artelharria que traziaõ, que foi recolhida dos nossos. Gil Fernandez de Carualho, vendo aquella merce de Deos, se embarcou na sua Galeota, & leuou consigo os bateis dos Galeoens mūy bê concertados, & dando nos Iuncos fez nelles hũa grande destruição. Os que poderaõ dar á vela foraõ se aco-

se acolhendo pera Iaoa, a onde che-  
garaõ com mais da metade da ar-  
mada, & da gente perdida.

As naos que foraõ esperar os  
lucos de Iaoa aos estreitos, reco-  
lheraõ a si todos os que vieraõ, &  
com elles resgatareaõ todos os mã-  
timentos que traziaõ, a troco de  
roupas: & carregados delles se tor-  
naraõ pera Malaca, com o que a  
vitoria se acabou de arrematar,  
por que ja tinhaõ que comer. Mas  
como os gostos da vida naõ vem  
sem ser agoados có seu amargoz,  
naõ se lograraõ os nossos muito  
desta vitoria: por que tanto que a  
fortaleza ficou descercada, come-  
çaraõ os nossos a beber do poço  
da Batochina em q os Iaos tinhaõ  
lancado taõ fina peçonha, q logo  
em bebendo começaraõ todos a  
adoecer, & a morrer: ficando o ar  
taõ inficionado, que em dando o  
Sol na cabeça a húa pessoa ali caya  
logo: & assi se enterrauaõ cada dia  
doze, & quinze Portugueses: & co-  
mo doentes de peste os leuauaõ  
pelas ruas arrasto, a te vm quintal  
do hospital a onde os sepultauaõ  
juntos. Morreraõ deste mal mais  
de duzentos Portugueses, & muita  
gente da terra, do que todos anda-  
uaõ pasmados. Dõ Pedro da Syl-  
ua entendeu bem o mal donde  
procedia, & mandou logo vazar o  
poço, & alimpalo: & defendeo, q  
todo aquelle anno se naõ bebesse  
delle. Gil Fernandez de Carualho  
como vio o feito acabado, despe-

diosse do capitaõ, & se foi pera  
Queda a onde tinha a sua Nao.

Dom Pedro da Sylua vendosse  
desapressado despido a Carauela,  
em que tinha vindo dom Garcia  
de Menezes, pera Maluco, & deu a  
capitania a Gemez Barreto, & mã-  
dou nella muitas roupas, & proui-  
mẽtos pera aquella fortaleza. Esta  
Carauela se fez á vela por todo  
Agosto, & chegou a Ternate em  
Nouembro passado.

CAPITULO X.

*Do que aconteceu na jornada a  
dom Rodrigo de Menezes,  
a te chegar a Maluco: & das  
differenças que Bernaldim de  
Souza teue com Christouaõ  
Sã sobre aquella capitania: &  
de como Bernaldim de Souza  
foi cercar a fortaleza de Gei-  
lolo: & do que lhe aconteceu  
na desembarcaõ.*



ARTIDO dom  
Rodrigo de Mene-  
ses de Goa, o Abril  
passado de cincoen-  
ta, com a sua armada  
como atras dissemos no capitulo  
quinto do liuro oitauo: foi seguin-  
do sua derrota a te Malaca: Ali a-  
chou nouas que naõ auia Caste-  
lhanos em Maluco: & por esta re-  
zaõ se desfez a armada, ficando ali  
ambas as Carauelas. Dom Rodri-  
go par-

go partio pera Maluco com o seu Galeão: & o de dom Ioaõ Coutinho, & a nao de Bernaldim de Sousa, & chegou áquella fortaleza este Outubro passado, & forgiraõ em Talangame, a onde Bernaldim de Sousa estaua com a sua nao. Dom Ioaõ Coutinho lhe deu vñ maço de cartas que leuaua do Governador pera elle: & dentro achou hũa carta em que lhe dizia, q̃ em qualquer parte que aquella o tomasse se tornasse pera Maluco sendo certa a noua da armada Castelhana, & que tornasse a tomar posse d'aquella fortaleza, conforme hũa patente que tambem lhe mandaua: & com ella lhe mandou vñ aluará perã aleuantar a menagem a Christouaõ de Sá, q̃ estaua por capitaõ. Bernaldim de Sousa, posto que lhe não dera cousa algũa irse pera a India, todauia estimou muito aquella soçessão, assi por que em coatro annos que ali tinha estado, em nenhum delles se colhera nouidade do crauo, por dar muito pouco, & aquelle se esperaua que desse muito, & acabar a sua nao, & carregala: como por lhẽ ficar tempo pera ir tomar a fortaleza de Geilolo: por que andaua desconfiado da murmuraçãõ que corria antre os homens: porq̃ diziaõ publicamẽte que elle quebrara a paz com aquelle Rey, & q̃ se ya pera a India, deixandoos em guerras, & em trabalhos. Ao outro dia se foi á fortaleza, & achou Chri

stouaõ de Sá a porta da banda de fora, (estaua elle auisado da particula da patente que dizia, que sendo as nouas da armada Castelhana certas, ficasse outra vez por capitaõ naquella fortaleza, & q̃ Christouaõ de Sá se fosse pera a India.) E mostrandolhe a carta, disse Christouaõ de Sá, que não auia nouas de Castelhanos, pello que não podia entregar aquella fortaleza: q̃ a tençaõ do Governador era se ouesse naquellas ilhas armada Castelhana, ou noua certa della: por q̃ se assi não fora, não lhe pusera na patente clausula, nem condiçaõ algũa. E baralhãdoffe o negocio em gritos & porfias de má feiçaõ, disse Christouaõ de Sá, que o que se podia fazer por justiça, não se auia de levar por paixoens: que elle remetia aquelle negocio ao Ouuidor da fortaleza, & ao Alcaide mór, & que o julgassem elles. Bernaldim de Sousa lhe respondeo, q̃ ninguem auia de ser juiz de sua hora. Cõ isto ficou a cousa em roins termos, & piores esperanças: por q̃ da parte de Christouaõ de Sá pedia a justiça, & da de Bernaldim de Sousa a authoridade, & muita posse que tinha de gente & amigos. E como os homens são todos affeiçoados a nouidades, nesta reuolta se apartou vñ soldado de Bernaldim de Sousa dissimuladamente, & se pós em pé no postigo da porta da fortaleza, que só estaua aberta, (por que todos estauão da

da banda de fora occupados nas contendas) & logo se foraõ pera aquelle outros dez ou doze soldados, & tomaraõ a porta da fortaleza sem os dous da contenda overem, nem saberem. Bernaldim de Sousa como naõ queria leuar aquelle negocio por justiça, se naõ por força: disse a Christouaõ de Sá que se determinasse, que elle auia de fazer o que o Governador lhe mandaua. Christouaõ de Sá, q̄ era bom fidalgo, vendo a Bernaldim de Sousa taõ colerico, & desarrezoado, disse: ora seja senhor como quiserdes, & ficai na fortaleza, que eu me quero ir pera a India. Bernaldim de Sousa o abraçou, ficando grandes amigos, & logo ali lhe entregou a fortaleza, & elle deu a menagem della nas maõs de Lopo Mendez Botelho feitor, & Alcaide mór, como o Governador mandaua na sua patente.

Destas cousas ficou dom Rodrigo de Meneses muito tomado de Christouaõ de Sá, por se ter aconselhado com elle sobre aquella materia, & elle lhe ter dito o que auia de fazer: por que estaua apostado ao fauorecer, assi por ser da parte da justiça, como por naõ ser muito amigo de Bernaldim de Sousa.

Concluido isto, determinou Bernaldim de Sousa de fazer a jornada contra Geilolo: por que se deixasse ali aquella fortaleza, daria muito trabalho á nossa: & pe-

ra isto tratou com Elrey de Ternate, & lhe pedio que o acompanhasse nella, & elle lhe disse que o faria com muito gosto. E tambem escreveu ao Rey de Bachaõ, que se quisesse achar com elles. Bernaldim de Sousa preparou logo as cousas necessarias, & elegeo a gente que auia de leuar, que foraõ cento & oitenta Portugueses, que estauaõ saõs, & os poucos mais que auia, que naõ passauaõ de dez, deixou na fortaleza com o Alcaide mór: & mandou fazer muitos cestoes, & escadas, & carretas pera as peças de artelharia q̄ auia de leuar.

Tendo tudo negociado se começou a embarcar: elle na sua nau noua, dom Ioaõ Coutinho no seu Galeaõ, dom Rodrigo de Meneses na sua Carauela, & Manoel Boto em outra que estaua na mesma fortaleza que ya cheya de moniçoës, & petrechos de guerra, & de mantimentos. Balthesar Veloso capitão mór do mar, Christouaõ de Sá, & Diogo de Freitas, cada vm em sua Corocora.

Embarcados todos deraõ á vela, & por acharem os tempos contrarios, mādou Bernaldim de Sousa dar toas aos Galeoës pellas Corocoras, & poseraõ dez ou doze dias no caminho: & a vespora do Natal passado sorgiraõ na barra de Geilolo, & saluaraõ a fortaleza q̄ se naõ enxergaua de fora, por causa do grãde & espesso aruoredo q̄ auia

pondo em saluo: mas os que ficaram fizeram tamanho estrago nos inimigos, que com morte de mais de cento, poseraõ os mais em fugida, ficando os nossos senhores do campo, & sem se derramar sangue algum Portuguez. D'ali foraõ buscar Manoel Boto, que logo encontraraõ, & o acompanharaõ a teo arrayal, a onde se festejou a victoria com muitos tiros, & instrumentos de alegria.

CAPITVLO XI.

*Do sitio, & fortificação da fortaleza de Geilolo, & de como os nossos a bateraõ: & das cousas que socederaõ no cerco: & dos ardis de que Elrey de Tidore vsou pera ver se deixauaõ os nossos o cerco.*



**FORTALEZA** de Geilolo era de pedra, & terra solta, muito larga & forte, tinha naquella frontaria dous fermosos baluartes, era de forma triangular, & de vm angulo corria hũa cortina a te fechar em vm castello Roqueiro, grande, & forte, que tinha outros dous baluartes. Da banda que fica pera o már, que era mais

baixa, tinha da banda de fora do muro outro baluarte que ficaua sobre vm esteiro, & de longo delle estaua a cidade estendida, & elle defendia a entrada do esteiro. Tinha assi á fortaleza, como o castello em roda hũa fermosa caua toda estrepada por dentro & por fora de estrepes de Bambus machos metidos no chaõ ao marraõ, & depois agudos, vns altos, outros baixos, ao reuez vns dos outros, & taõ bastos, que naõ podia passar vm gato sem se encrauar nelles, quanto mais vm homem. Tinha Elrey dentro mil & duzentos homens escolhidos, em que entrauaõ cem espingardeiros: & á roda pellos da fortaleza, & castello, dezoito berços de metal, & de ferro. Postos os nossos naquelle lugar do outeiro que defizeraõ: comecaõ se a fortificar com cestoens que se fizeraõ muitos, por que os matos eraõ todos de Bambus, & fizeraõ seus valos, & trincheiras, em que plantaraõ a artelharia, no que gastaraõ dous dias. Elrey de Ternate, & o Principe seu genro, ficaraõ naquelle lugar que se desfez, & o capitão mais abaixo ao sopé. E vm pouco afastado em vm outeiro que ficaua padrasto á fortaleza, fez dom Rodrigo de Meneses sua estancia com os seus soldados.

Assentados todos, & posto tudo em ordem, comecaõ a bater a fortaleza de todas as estancias, cõ grande

grande furia, mas não fizeraõ mais que derribarem lhe alguns altos, q̄ logo eraõ repairados. Bernaldim de Sousa ficou enfadado, por que das estancias não se descobria bem a fortaleza pello muito aruoredo que tinha derredor: & mandou armar outros cestoes, com que se foi chegando mais á fortaleza, deixando ficar Elrey no lugar em q̄ estaua. E depois que fez a sua estacia mais perto, sobiose a vm alto que estaua vm pouco afastado para notar bem a fortaleza, leuando comsigo Cachil Guzarate: & Cachil Payo Regedor de Ternate, & alguns Portugueses. E estando notando a fortaleza, tanto que della os viraõ, descarregaraõ a montãõ alguns berços & espingardas, com que lhe feriraõ algũas pessoas, Cachil Payo de vm pilouro de berço, & de espingardadas Baltesar Veloso, & Fernão Machado. (Era este homem vm muito bom caualheiro, & na companhia de Manoel Boto, tinha pelejado muito bem, & do dia que o feriraõ a vm mesmorreo, estando ja saõ da espingardada. Esta morte profetisou elle o dia da desembarcaçaõ: por q̄ em pondo os pés na terra, olhou para alguns companheiros, & disse, nesta jornada me aõ de matar. E por não parecer que era medo, saltou, & bailou, & depois rezou o officio dos finados por sua alma: & a te a hora que morreo, sempre andou taõ alegre que alegraua a

todos: & asy foi muito sintido.) O capitaõ se recolheo muito enfadado de lhe ferirem aquelles homens, & de não achar vm bom sitio para assentar o exercito, nem de poder auer algũa espia, tendo mandado a isso alguns aventureiros.

Apartandosse vm dia Gabriel Rebello com dous companheiros, foise chegando á fortaleza, & notou a hũa parte vm lugar muito accommodado, asy para o arrayal, como para a bataria, & o foi dizer ao capitaõ que o foi ver com algũs que escolheo: & assentaraõ que ali estariaõ melhor. & logo mudaraõ para aquella parte o arrayal, fazêdolhe seus valos, & trincheiras, sobre que assentaraõ hũa espera, vm saluage, coatro camelletes, & algũs falcoens, com que começaraõ a bater a fortaleza.

Elrey de Ternate vendo que o capitaõ insistia no cerco, como era Mouro, & parente do outro, andaua ja arrependido da jornada, por que sempre lhe pareceo que o capitaõ se enfadasse logo, & que se tornasse como fez Fernão de Sousa de Tauora: & indosse ao capitaõ lhe disse, que todos aquelles trabalhos eraõ em vaõ: q̄ aquella fortaleza não se podia tomar como elle cuidaua, por q̄ tinha muita gente, muita espingardaria, & muitos mantimentos, que deuia de se recolher, & não perder o tépo. O mesmo lhe disse Christouaõ de

Sá, & outras pessoas que tambem estauão enfadadas, & que pella vé tura o tinhaõ praticado cõ Elrey. O capitão lhe disse, que ja que se abalara, auia de levar aquelle negocio auante, & que Deos o ajudaria. Elrey tornou a repetir as difficuldades que auia, & se lhe offerceo pera fazer a guerra com os seus de fora: & ir dar em todas as aldeas de Geilolo, & as destruir: em lhe trazer mantimentos, o que lhe o capitão não aceitou. Naquel les dias em que se batia a fortaleza deraõ alguns dos nossos com gēte d'Elrey de Ternate em algũas aldeas visinhas, em que fizeraõ bem de dano. A batária se foi continuãdo, mas com pouco dano da fortaleza, de que o capitão andaua desconfiado, & quísera cometela por assalto, mas não vio pera isso a gente que lhe era necessaria, & cuidando comsigo no que faria, determinou de cercar a fortaleza em roda, pera totalmente lhe to lher os mantimentos, sobre o que não tomou parecer com pessoa algũa. E logo mandou abrir hũa caua do arrayal pera a fortaleza ao comprido, & na ponta della ordenou hũa tranqueira muito forte q̃ ficaua quasi abordada aos muros, & pera ella se passou dom Rodrigo de Meneses com trinta homẽs: mas como ficaua mais baixo que a fortaleza, de cima dos muros lhe feriraõ muita gente de espingardadas.

Saõ os Geilolos taõ certos & destros nellas, que estando aqui os nossos á bataria com os do muro, vio vm Geilolo vm Ternate estar por hũa seteira apontando nelle hũa espingarda: & leuando a sua ao rosto com muita pressa, desparou no Ternate pello buraco da seteira, & lhe meteo o pilouro pella boca dentro, quebrádo lhe dous dentes: & o pilouro que deuia de ir fraco se deteu dentro na boca, em outros coatro que o Geilolo tinha nella pera mais presteza, & abaixandosse lhe cairão os cinco pilouros no chaõ, sem receber outro dano. Dom Rodrigo mandou dizer ao capitão, que a tranqueira ficaua taõ descuberta ao muro, q̃ lhe tinhaõ ferido os mais dos com panheiros seni lhes elle poder valer. O capitão o mandou recolher, do que o Rey de Geilolo mostrou grande aluoroço, & fez grandes alguazaras dos muros.

A bataria se foi continuando contra vontade de todos, & geralmente murmurauão do capitão, dizendo, que profeguiu aquelle cerco por dilatar o tempo, pera carregar a sua nao de crauo, & partir pera a India só, & ficarem os mais Galeoens da viagem. Outros, que o capitão não oufaua de dar o assalto, sem quem a fortaleza se não podia tomar. Bernardo de Sousa, & dom Ioaõ Coutinho, lhe fizeraõ alguns requerimentos, dizendolhe que a moução se ya gastando: & q̃ pello

pello q̄ todos diziaõ aquella fortaleza se não podia tomar com tão pouca gente, que deuia de se recolher, primeiro que lhe aconrecesse algum desgosto. Disto lhe deu a elle muito pouco, & mādou proseguir a bataria, & continuar na obra das cauas, pera rodear a fortaleza, que lhe não podesse entrar coufa algũa, pera os tomar á fome. Así foi cortando as cauas de noite, que de dia não podia ser, por que lho impedia a arcabuzaria da fortaleza, a te cercar á roda, com cinco tranqueiras que mandou fazer fronteiras aos baluartes dos imigos, em que plantou peças de artelharia.

No começo desta obra sempre ouue desconfianças em todos os do exercito, que não seria de effeito algum, mas depois que viraõ a traça que leuaua, & que todavia era de muita importancia, todos ajudauaõ a obra com muito gofsto. De cima dos muros bem sentiaõ o trabalho, & toda a noite faziaõ grandes fogos, pera descobrirem o campo, não cessando a sua arcabuzaria de laborar, com que fizeraõ algũ dano, & feriraõ muitos no exercito. O Rey de Tidore era auisado todos os dias por cartas do de Geilolo, do estado em q̄ as cousas estauaõ: & así o foi das estancias que os nossos tinhaõ feito á roda da fortaleza: & entendendo o muito risco em que estaua, temendosse que tanto que to-

masse aquella fortaleza, o faria também á sua, aconselhado do Rey de Geilolo, amanheceo vm dia naquelle porto com hũa armada, & forgio junto dos Galeoës: & despido logo Cachil Manuari seu irmão a visitar o capitaõ, & Elrey de Ternate: Bernaldim de Sousa o recebeo muito bem, & o ouuiu, & respondeo á visitaçaõ. Vendo elle aquelle modo de fortificaçaõ do exercito, ficou pasmado (por q̄ aquillo não se vsaua por aquellas partes) & perguntando como se chamauaõ aquelles fortes, disse-lhe que bestiaës: & dando á cabeça disse, bestiaõ bestiaõ basta pera tudo.

E quando visitou Elrey de Ternate lhe disse em segredo, que Elrey seu irmão lhe mandaua pedir, que trabalhasse muito por estoruar aquelle negocio. O que antre elles se passou sobre isto, ninguem o soube.

Despedido o Tidore se foi pera a sua armada, & Elrey tornou a dar á vela pera seu reino: mas como ya cioso d'aquelle negocio, & Elrey de Geilolo tornou a puxar por elle, pera que trabalhasse com que se aleuantasse aquelle cerco, tornou a voltar pera Geilolo, & forgio afastado da armada, & tornou a mandar o mesmo irmão a visitar a Bernaldim de Sousa. Elle entendendo o despropósito de de tanta visitaçaõ, lhe mandou dizer que se não vinhaõ a mais que

a visitalo, que lho tinha em merce: mas que se vinha a ajudar Elrey de Geilolo que lho disseffe, pera mandar recado á armada que o deixasse entrar na fortaleza: por que quantos mais estiuesssem dentro, tanto mór gosto teria da victoria. Com este recado se despidio o Embaixador, deixando dito a alguns Ternatezes como em segredo, q̄ Elrey seu irmaõ vinha queimar a nossa fortaleza, & a nao do capitaõ que estaua á carga. Isto disse, por que bem sabia que logo os Ternatezes o auiaõ de dizer, pera que em o capitaõ o sabendo, leuãtasse o cerco, & acodisse lá. Esta noua chegou ao capitaõ a que respondeo muito seguro: que lhe daua muito pouco de lhe queimarẽ a sua nao, por que por interesse algum não auia de deixar o seruiço d'Elrey: & que se lhe tomassem a fortaleza, que a todo o tempo a tornaria a ganhar, & foi profeguindo na obra das cauas, & dos fortes. Quando Elrey de Geilolo vio q̄ todauia o capitaõ ya auante com aquelle negocio, tratou de homiziar o Rey de Ternate, & o Principe de Bachaõ, com o capitaõ: & teue tal modo, que por via de Ternatezes do exercito, com quem tinha intelligencias secretas, lançou fama que o Rey de Geilolo estaua concertado com o Principe de Bachaõ, & que lhe daua hũa filha em casamento. Isto inquietou Elrey de Ternate, por que o tinha des-

posado com hũa filha sua: mas o capitaõ acodio a isto, affirmando a Elrey que tudo aquillo eraõ ardijs, & inuenções do Geilolo, pera semear zizania antre elles, com o q̄ se elle quietou algum tanto. Elrey de Tidore como não quietaua, tornou a voltar com a sua armada, com determinação de ver se podia tomar vm dos nossos Galeoens, do que o capitaõ foi auisado primeiro que elle chegasse: & mandou a dom Rodrigo de Menezes que se fosse pera a armada, & não deixasse chegar a ella Elrey de Tidore. Chegando Elrey á vista lhe sayo dom Rodrigo de Menezes em vm batel muito bé concertado, & coatro Corocoras, em que ya Cachil Ayo, meyo irmaõ de Cachil Guzarate, mãcebo muy esforçado: vendo Elrey aquella determinação voltou pera Tidore, & não curou de mais inuenções.

CAPITVLO XII.

*De como Bernaldim de Sousa tomou vm poço d'agoa, de que os cercados bebiaõ: & de como por falta della se entregaraõ a partido.*



ONTIN VANDosse a bataria, & a obra das cauas, & fortes, adoecco Elrey de Ternate, & se foi curar a seu reino, & deixou em seu lugar

lugar a CachilGuzarate, q̄ era mūy arrogante, & muito temido de todos os Malucos. Desta ida d'Elrey ouue grandes murmuraçoens & desconfianças, o que tudo soffeo, & atalhou Bernaldim de Soufa cō muita prudencia & brandura, naõ deixando de proseguir na obra, & em mandar dar assaltos. Hũa noite foi Gabriel Rabello com dez companheiros, & chegou a queimar hũas casas, & certas embarcaçoens que estauaõ varadas ao longo do muro. Os imigos de cima delle sintiraõ os nossos, & naõ oufaraõ a lhe sair, cuidando fosse algũa cillada pera os fazerem acodir ali, & cometerēnos por outra parte: & de cima atiraraõ muitos tiros, com que fizeraõ afastar os nossos, ficando hũa só casa por queimar, de quinze ou vinte que eraõ. Mas vm Tristaõ Gomez mestiço da terra, deitou de longe hũa bõba de fogo, que acertou de cair sobre a casa, que logo ardeo toda: & com a claridade enxergaraõ os nossos toda a pouoação que estaua edificada sobre o esteiro, que de agoas vijuas se cobria todo, & passaua ao seco pera a outra parte da cerca.

Esta pouoação naõ foi vista a estaõ dos nossos. E recolhen-do d'ali, deraõ conta ao capitão do que viraõ, & do modo da pouoação, o que elle estimou muito saber. E logo despidio o capitão mór do mar, com cincoenta solda-

dos, & quinhentos Ternatezes, pera que se fossẽ meter no esteiro, & dessem guarda a certas pessoas, que auiaõ de ir com lanças de fogo, queimar a pouoação, & as embarcaçoens que estauaõ varadas. E indo esta gente demãdar o esteiro, deraõ todos na vaza, em q̄ estiueraõ perdidos. E alguns que passaraõ adiante, sem guardarem ordem algũa, nem esperarem pellos mais, chegaraõ á cidade, em q̄ comecaraõ a por o fogo, com tamanhas gritas, que os moradores q̄ estauaõ dormindo, saltaraõ desatinados fora das camas, & foraõ foggindo pera a fortaleza, sem verem de que: (mas pareceolhes pellos alaridos & gritas que todo o poder dos nossos daua nelles.) Com isto chegaraõ os mais, & deraõ fogo a cidade, & a todas as embarcaçoens que eraõ muitas, que arderaõ soberbissimamente.

Feito isto se poseraõ todos em vm tezo as espingardadas com os do muro, que estauaõ vêdo aquella destruição. Elrey de Geilolo acodio ao aluroço ao muro: & vêdo arder toda a cidade, deitou fora Cachil Quebuba, seu sobrinho, & genro, com quinhentos homẽs: & vendo os nossos se poseraõ cõ elles ás espingardadas, & quis Deos que acertasse hũa no Cachil Quebuba de que cayo morto logo. E asy mesmo vm Cacis seu, & outros alguns. Durou esta briga muito grande espaço, com grande estrondo

estrondo, & quentura, assi da artilharia, como da força do sol, & do fogo que andaua na cidade, q̄ como era de madeira, & bambus, fazia vm terremoto, & labaredas, q̄ parecia vm diluuió de fogo. Os Geilolos védo o seu Principe morto, & o dano que tinhaõ recebido, se foraõ recolhendo: & o mesmo fizeraõ os nossos, leuando tres feridos, dous soldados Portugueses, & Cachil Bocaide, irmão de Cachil Guzarate, que foi por capitaõ dos Ternatezes.

Esta vitoria festejou o capitaõ muito. Acharaõse neste feito Bernardo de Sousa, Vasco de Freitas, Gabriel Rabello, Anrique de Lima, Gaspar de Morim: todos fidalgos & caualeiros mūy honrados.

Depois deste bom socesso, poucos dias, andando o capitaõ continuando na obra, foi auisado, q̄ da outra banda da fortaleza auia vns poços d'agoa doce, de que os de dentro bebiaõ: & que na fortaleza não auia outra agoa: & que se lha tomassem não lhes ficaua remedio algum de que se valeessem. E pondo em conselho isto foi cõtrariado dos mais, dizendo q̄ aquillo auia mister muito vagar, & muito tempo, & que todos andauaõ ja mortos & cansados, & elle capitaõ doente, (por que auia dias que andaua achacoso) que o bom seria cometerse a fortaleza á escala viста, & cócluir aquelle negocio, por q̄ ja todos não podiaõ mais. Ber-

naldim de Sousa dissimulou, dando-lhes a entender que accitaua o conselho: & mandou com muita pressa fazer alguns cestoës muito grandes, & ajuntar alguns madeiros, & tauoado: & tendo tudo prestes mandou a Bernardo de Sousa que se fosse pera a armada, & que com dom Rodrigo de Meneses q̄ lá estaua, nas Corocoras, posessem aquelles cestoens sobre os poços, & formassem logo vm forte em q̄ se recolhessem todos, & affestasse alguns falcoens.

Dando este recado a dom Rodrigo de Meneses foi logo demandar aquella parte, & desembarcando em terra achou muito grande resistencia, por que foi com poucos a notar o sitio: & naquelle jogg lhe feriraõ Bernardo de Sousa de hũa espingardada pella cabeça muito grande, de que não perigou, & fõilhes forçado recolheremse, pelejando todos muito valerosamente com os inimigos. Era isto sobre tarde: & no coarto da modorra, tornou dom Rodrigo de Meneses a desembarcar com todos os seus soldados, & os marinheiros das Corocoras leuauaõ os cestoës, & madeira: & Cachil Ayo com os Ternatezes de sua companhia, pera o ajudar naquella obra. E não achando resistencia, chegaraõ aos poços, & armaraõ sobre elles os cestoens, que logo se mandaraõ encher de terra.

Feito isto corraõ com hũa traqueira

queira de madeira muito forte, em que se recolherão com algũas peças de artelharia, moniçoens, & mantimentos, pera alguns dias. Tãto que amanheceo, que os imigos viraõ de cima do muro os poços tomados, lógo perderão o animo, & aleuantarão bandeira de paz, bradando rijamente por ella. No mesmo tempo entraua pello esteiro dentro Christouaõ de Sá com vm batel, & hũa máchua pera dar na cidade: & chegou a tempo que os nossos estauaõ á fala com os da fortaleza sobre pazes: & quis a desauentura, & o descuido Portuguez que leuasssem na quilha do batel hũa gamela de poluora aberta, em que cayo hũa faisca de fogo, & ateou com tanta força que arrebetou a mór parte do batel, & queimou cinco soldados, de que morrerão tres. Christouaõ de Sá, q̄ ya na Manchua, vendo o desfastre, deu toa ao batel, & se tornou pera a nao, & sem falar com Bernaldim de Sousa, se foi na Manchua pera Ternate. Os Geilolos tanto que viraõ o desfastre do batel, dissimularão por entãõ có o que pediaõ: mas como á falta d'agoa não ha reparo, nem remedio, ao outro dia, que eraõ dezoito de Março, appareceu a porta da fortaleza aberta, & Elrey com Cachil Tidore seu tio, & o Cacis mayor a ella, & mandou bradar alto ao arrayal, q̄ lhe mandasssem vm Portuguez, q̄ queria falar com elle coulas que im-

portauaõ. Dandosse o recado ao capitaõ mandou lá vm Luis de Pauia, que Elrey recebeo bem, & com elle praticou sobre pazes, que rendo logo ali conceder todos os partidos, que elle leuaua ja do capitaõ por apontamentos, sobre o q̄ debateraõ vm espaço grande, & por fim não concluireão em cousa algũa: por que os Ternatezes tiue raõ maneira com que mandaraõ aduertir aos do conselho d'Elrey, q̄ não lhe consentisssem falar em pazes, a te vir Elrey de Ternate, o q̄ elles fizeraõ. E mandou Elrey dizer ao capitaõ que mandasse chamar. Elrey de Ternate, pera concluir todos as pazes: & em quãto elle tardaua ficassẽ em tregoa, & lhes desssem agoa pera beberẽ. Isto lhe concedeo o capitaõ, despedindo logo hũa Corocora muito ligeira a Ternate com recado a Elrey, ficando correndo em tregoa: & yaõ ao arrayal algũs Geilolos taõ fracos & debilitados de não comerem nem beberem, que ouueraõ os nossos compaixaõ delles, & os Ternatezes os prouiaõ có o que podiaõ, & logo se yaõ aos poços (que nunca dom Rodrigo de Meneses largou) a faltar d'agoa. Elrey de Ternate tanto que teue recado se meteo em hũa Corocora muito sotil, & chegou ao exercito quinta feira de Endoenças: & no mesmo dia o mandou o Rey de Geilolo visitar por Cachil Timo, homem de grande authoridade  
antre

antre elles: & com elle outro Mãdarim principal. Elrey estava com o capitão, & os receberam muito humanamente, & depois das visitas trataram sobre pazes, que se concluíram com as condições seguintes.

Que Catabruno deixaria o título de Rey, & tomaria o de Sangage, que he como Governador, & que ficaria vassallo d'Elrey de Portugal, com duas mil folhas de olla, que são de palmeira para se cobrir a fortaleza, & quinhentos fardos de Sagú, que he a farinha de pão que lá se come, de pães cada anno.

Que se foyria da fortaleza, elle & os seus, com suas pessoas somente, & que tudo o que estivesse nella avia de ficar por despojos dos vencedores. E que a fortaleza se avia logo de derribar por terra, & que nunca mais faria outra.

Destas condições se fez hũa pauta para os Embaixadores leuarem a Elrey, & os despediram com muitas honras. Chegados á fortaleza deram a Elrey conta de tudo o que era passado: & lhe apresentaram os capitulos das pazes: & sem os querer ver, vestio hũa cabaya de veludo pardo (que era a mesma que Tristão de Tayde lhe mandou para o dia que se aleuanteou por Rey) & com alguns poucos dos seus se foi ao arrayal. O capitão & Elrey o fizeram a receber. Elle chegando a elles disse

contra o capitão: com esta cabaya me levantaram os Portuguezes por Rey, & com ella me tornam a despossar. Elrey & o capitão abraçaram com grandes honras, dizendolhe o capitão que se consolasse, que aquelles eram os frutos da guerra: que elle ficava com seu estado inteiro, que os títulos eram vidades do mundo. E assentandolhe todos tres em cadeiras confirmaram os capitulos das pazes, & as juraram a seu modo, ficando ali aquella noite Elrey de Geilolo.

### CAPITULO XIII.

*De como o capitão entrou na fortaleza de Geilolo, & das cruezas que se nella fizeram. E de como se derribou: & das mais cousas que socederão.*



O outro dia, que foram vinte & sete de Março, foy o capitão do arrayal com ambos os Reys, & toda a gente em armas, & entraram na fortaleza. A gente de guerra tanto que se vio dentro sem darem pello capitão, começaram a matar, & a cativar quantos Geilolos acharam, entrando pelas casas, roubandoas, usando cruezas auorecidas ao nome Portuguez. O capitão pediu a Elrey de Ternate que fosse acudir áquillo, & quando chegou

chegou achou ja mais de trinta mortos, & de duzentos catiuos, & naõ pode fazer cousa algũa naquelle negocio, por que os Portugueses deraõ por elle mūy pouco. O capitaõ como ya enfermo, deitou se em vm baileo junto da porta da torre em q̄ estauaõ as molheres & filhas d'Elrey, & junto delle se assentaraõ ambos os Reys, em vm caixaõ. Os Geilolos q̄ escapuaõ das maõs dos noffos, vinhaõ fogindo pera onde estaua o seu Rey, pedindolhe q̄ lhes valesse, ao q̄ elle com os olhos humidos respondia q̄ lhes valessem elles: & cõ ver aquellas defumanidades, & ouvir os prátos & gritos dos vassallos, estaua taõ seguro, q̄ respõdia a tudo o q̄ o capitaõ falaua com elle, muito atêto, & a proposito, sem fazer mais mouimento, q̄ de quando em quando acodir com vm lenço a enxugar os olhos. Os Portugueses & os Ternatezes andauaõ pella fortaleza roubádo & escalando as casas, de q̄ os Ternatezes leuaraõ a sustancia & melhor de tudo, assi por serem mais, como por saberê as casas de mais importancia. O capitaõ disse a Elrey de Geilolo, que mandasse tirar as molheres da torre, por que se auia de ir buscar. Isto sentio elle muito, por que lhe pareceo que lhe ficassem ali sem serem vistas, nem esbulhadas de pessoa algũa, & leuantandosse as foi tirar com grande magoa & dór de seu coraçãõ, & as le-

uou fora da fortaleza, mādandoas Elrey de Ternate & o capitaõ acõpanhar, por que lhes naõ fizessẽm algũa descortesia.

Saido o Geilolo 'pera fora com ellas as leuou ao campo, & as pôs ao pé de hūas aruores. O capitaõ mandou buscar aquelle baluarte, cuidando que se achasse nelle o tesouro d'Elrey (que elle tinha guardado em outra parte) mas acharaõ outras muitas cousas, q̄ foraõ saqueadas & roubadas. Aquella noite ficaraõ todos na fortaleza. Ao outro dia (porque se ya o capitaõ achádo mal) entregou a fortaleza a Elrey de Ternate, & deixando com elle os Portuguezes pera a desmancharem, se embarcou em Corocoras ligeiras, & se foi currar a Ternate. Aquella noite q̄ foi sabado de Pascoa poseraõ os noffos fogo a fortaleza por muitas partes, que começou a arder brauissimamente. Durou este cerco tres meses cõ muito trabalho, sol, frio, sede, & algũa fome: posto que pera a gête da terra foi grande remedio o das fruitas do mato. Morreraõ dezoito Portugueses, & dos imigos perto de trezentos.

Saõ estes Geilolos os mais esforçados homês, & mais pera o trabalho q̄ todos os d'aquellas ilhas, o q̄ mostraraõ bem naquelle cerco: por q̄ quando os noffos entraraõ naquella fortaleza, naõ lhe acharaõ nella cousa algũa de comer, nem beber, & auia tres ou coatro

dias que não comião, nem bebiaõ, & acharaõ os nossos as casas, & as ruas cheyas de mortos que cada hora cayaõ de fome, sem nunca se quererem entregar: antes diziaõ q̄ morresssem todos assi: & d'aquella maneira trabalhauaõ, pelejauaõ, & se repairauaõ. A noua desta victoria foi má de crér por todas aquellas ilhas por onde logo correo, por que auiaõ por impossiuel poderse tomar aquella fortaleza. E assi era, que se não fora a fome, nada a podera render.

Durou o sacco da fortaleza alguns dias, & se acharaõ muitas fazendas, & ouro, de que Elrey de Ternate leuou o melhor quinhaõ. E depois de tudo escalado, & a fortaleza queimada por muitas partes, se embarcaraõ todos pera Ternate. Bernaldim de Sousa depois de se achar bem de sua infirmitade, que lhe durou alguns dias: se tornou a embarcar pera Geilolo, pera acabar de derribar a fortaleza, & quietar as cousas d'aquelle reino: & foi Elrey de Ternate cõ elle, & todos os Portugueses, tirando dom Rodrigo de Meneses que por estar quebrado com elle se deixou ficar.

Chegados a Geilolo o capitãõ mandou acabar de derribar a fortaleza: & acharaõ nella muitas couas abertas de que tiraraõ muita fazenda. Catabruno, que ja se chama Sangage, des d'aquelle dia que sayo da fortaleza cõ as molheres,

nunca mais tornou a ella em quanto os nossos ali estiueraõ: & fez hũa pouoçaõ naquelle lugar a onde se deixou ficar. E sabendo que o capitãõ era chegado não se auendo ainda por seguro se foi mais pera o sertãõ com suas molheres, ficando ali na pouoçaõ dous irmaõs seus chamados Cachil Liacá, & Cachil Timou, com suas familias, que foraõ dar a obediência ao capitãõ. E sabendo elle que o Sangage era ido da pouoçaõ ficou enfadado, por auer que se não fiara delle: & rogou a seus irmaõs que o fosssem buscar, & lhe pedissem muito que o viesse ver, & mandou com elles Gabriel Rabello com alguns companheiros, & lhès deu por regimẽto q̄ tiuesssem com elle muitas palouras de comprimentos, & o persuadissem a vir velo: & quando o não podesssem mouer o notificasẽ por aleuantado, & lhe apregoasẽ de nouo guerra.

Partidos estes homẽs acharaõ o Sangage meya legoa pello sertãõ cõ hũas casas feitas sobre hũa pequena ribeira, que atrauessaua por junto de hũas fontes de agoa quente, que estaua muito fraco & debilitado. Os irmaõs, & Gabriel Rabello fallaraõ cõ elle, & lhe deraõ o recado do capitãõ, rogãdolhe todos muito que o quisesse ir ver. Elle se desculpou com dizer que ja não era gente, que o deixassem cõ sua fortuna, que queria morrer por aquellas matos, & q̄ se não tratasse

mais delle, que fizessem conta q̄ era acabado. Gabriel Rabello aperitou muito com o Sangage pera q̄ fosse ver o capitão, & que elle ficaria ali em refens, & que lhe cortasse a cabeça, se delle, nem dos seus recebesse elle, nem couza sua algũ agrauo. E não o podendo mouer quebrou diante delle hũa folha de hũa aruore, em sinal de rotura da paz (como antre elles se costuma) & se despediraõ delle, mouidos de compaixaõ do miserauel estado em q̄ o viaõ. Aquellas escusas que o Sãgage deu pera não ir ver o capitão, foraõ, por que não se atreueo a ver o rosto a Elrey de Ternate: por que auia que delle lhe nacera todo o seu mal.

Sabendo o capitão o q̄ passaraõ com elle quisera logo mãdar gēte contra elle, mas Elrey de Ternate lhe pedio que não fizesse obra por aquelle só recado: que lhe mandasse fazer outra notificaçaõ, que pella ventura se moueria, por que os trabalhos em que se vira, lhe não deixauaõ entēder quanto lhe aquillo importaua. Com isto despedio o capitão os mesmos Embaixadores, por quem lhe mandou pedir q̄ se sogeitasse á rezaõ, & que elle lhe faria todos os fauores que fossem iustos, & que não quisesse perder seu estado. Chegados áquelle lugar ja o não acharaõ, por que se tinha metido por esses matos como desesperado, pelo que se tornaraõ.

A Catabruno poucos dias depois disto lhe morreo a sua principal molher, q̄ elle muito sentio, & ouue que a fortuna o perseguiu em tudo: mas có todos estes trabalhos não lhe saya d'alma o grãde odio q̄ tinha a Elrey de Ternate: & andaua cuidando modos de vingança: & offerecendolhe o demonio vm o aceitou, & foi, que se fizesse Christaõ, & q̄ assi lhe abriria o tēpo occasioēs pera se satisfazer delle por maõs dos mesmos Portugueses: crendo q̄ aquillo q̄ outros buscaõ pera remedio de sua saluaçaõ, lhe fosse a elle instrumento de sua vingança.

Assentado nisto despedio Embaixadores ao capitão, por quem lhe mandou pedir vm padre pera o bautizar. O capitão lhe mandou vm da Companhia chamado Ioão de Beira, & com elle Baltezar Velofo: Chegados ao Sangage, que acharaõ mal, tratou o padre com elle sobre as cousas de nossa fé, & o começou a catechizar, & o obrigou a deitar fora as molheres por o mandar assi a nossa ley. Isto lhe foi a elle taõ aspero, que disse ao padre, que tudo faria se não aquillo por entaõ, que depois pouco & pouco se iria desobrigando dellas, & casandoas: por que d'outra maneira se logo as despedisse escandalizaria os parentes. Vendo o padre que não queria começar logo a fazer execuçaõ, o não quis bautizar, &

se tornou pera á fortaleza q̄ se ya acabando de derribar: O Catabru no d'ahi a poucos dias morreo mi feruelméte, ficádolhe tres filhos. O mais velho chamado Cachil Guzarate, q̄ trazia sua propria irmã por manceba, & tanto q̄ o pay faleceo foi logo a dar obediencia a Bernaldim de Sousa, & a pedirhe a confirmação do estado do pay. Elle o recebeo bem, & lho confirmou com o titulo de Sangage, cõ as pareas que estauão postas a seu pay. E por q̄ leuaua a irmã cõsigo, & o Rey de Ternate a desejava: disse ao capitão q̄ o obrigasse a deitála fora, o que o capitão fez: mas como elle lhe estaua afeiçoado, lhe pedio que lha deixasse ter que elle lhe faria Christão: o que o capitão lhe estranhou mais, & lha fez lançar fora, & Elrey de Ternate a tomou pera si. O capitão tanto que acabou de derribar a fortaleza se tornou pera Ternate. Neste estado deixaremos estas cousas, a te tornar a ellas.

## CAPITULO XIII.

*Do que aconteceu a dom Antão de Noronha na jornada de Catifa: & de como bateo aquella fortaleza, & os Turcos a despejaraõ: & do desastre que ali aconteceu aos nossos.*



ARTIDO dom Antão de Noronha de Goa, como atras dissemos no coarto capitulo deste nono liuro, foi seguindo sua derrota a te Ormuz, a onde foi muito bé recebido do capitão d'aquella fortaleza. E védosse ambos cõ Elrey, sobre o negocio da fortaleza de Catifa, assentaraõ q̄ Elrey desse tres mil homês pera a jornada, & q̄ fosse com elles o Guazil Rax Xarraf, & Mirmaxet, a quem Elrey logo mandou negociar, & preparar terradas, & outras embarcaçoens pera os levar. Em quanto se isto negociava despido dom Antão de Noronha, Manoel de Vasconcellos por capitão mór de doze nauios ligeiros, com regimento q̄ se fosse lançar sobre Catifa, pera defender que os Turcos não fosses socorridos de Baçorá.

Estes nauios chegaraõ a Catifa em poucos dias, & forgiraõ sobre aquelle porto, a onde se deixaraõ estar a te chegar dom Antão de Noronha, que foraõ dous meses, chegandolhe todos os dias nas mares cheyas á praya, a daré sua bataria a fortaleza, defendendolhes de feição os socorros por mar, que lhes não entrou dentro cousa alguma, com o que os poseraõ em muito grandes necessidades. Dom Antão de Noronha ficou em Ormuz, dando auimento ás cousas necessarias, mandando preparar  
algúas

algũas peças de bater, muitas mã-  
tas, escadãs, & todos os mantimen-  
tos, & moniçoens que pode.

Tendo tudo prestes deu á vela  
pera Catifa, leuando hũa muito  
grande armada, & toda a gente  
Portugueza, tirando a da obriga-  
ção da fortaleza. Isto era ja fim de  
Iulho, & tendo bom tempo foi em  
poucos dias sorgir sobre aquelle  
porto, a onde achou os nauios de  
Manoel de Vasconcellos, de quem  
soube o estado em que a fortaleza  
estaua, & do aperto em q̃ a tinhaõ  
posto. Dom Antaõ de Noronha  
deu ordem pera a desembarcação,  
que auia de ser ao outro dia: & fa-  
zendo alardo da gente que leuaua  
achou mil & cem Portugueses: &  
tres mil Parseos, & Aramuzanos  
debaixo da bandeira de Rax Xar-  
rafo Guazil de Ormuz, & de Mir-  
maxet Guazil do Magostaõ, em q̃  
auia muitos Mires, & capitaens do  
reino de Ormuz. E cometendo a  
dianteira a Manoel de Vasconcel-  
los, passou toda a gente da armada  
aos nauios pequenos, & aos bateis  
dos Galeoens.

Tendo tudo prestes cometeraõ  
a terra com a maré cheya, onde  
pojaraõ os nauios de Manoel de  
Vasconcellos, & os nossos saltaraõ  
logo em terra, aonde acharaõ al-  
guns Turcos de caualo, que fairaõ  
a lhe defender a desembarcação,  
com quem tiueraõ hũa arrezoadã  
elcaramuçã, leuando os nossos os  
Turcos de arrancada, a te os me-

terem dentro na fortaleza. O capi-  
taõ mór se pôs em terra com toda  
a gente com suas bandeiras desen-  
roladas: os Portugueses em vm es-  
coadraõ, & os Parseos em outro. E  
chegãdosse bem á fortaleza, assen-  
taraõ seu campo perto vns dos  
outros, & logo lhe mandaraõ fazer  
suas cauas, valos, & trincheiras, em  
que gastaraõ aquelle dia & noite,  
tudo por ordem & traça do capi-  
taõ Frances (de quem ja demos  
conta, no desbarato de dom Iorge  
de Crasto em Ceilaõ, no capitulo  
setimo do liuro oitauo) que Elrey  
dom Ioaõ tinha mandado á India,  
por ser homem que tinha muita  
noticia, & exercicio da milicia, que  
nesta jornada fez o officio de me-  
stre do campo, & de Sargêto mór.  
Depois de feitas as estancias plan-  
tou nellas cinco peças de bater, cõ  
seus repairos, & mantas muito for-  
tes. E tendo tudo negociado co-  
meçou a dar sua batãria á fortale-  
za, com tanta furia & força, que lhe  
fizeraõ algũas ruinas, & lhe derri-  
baraõ todos os altos. Os Turcos, q̃  
eraõ coatrocenos os que estauaõ  
na fortaleza, vendo a furia da ba-  
tãria, & os muros rotos por muitas  
partes, entendendo que se auiaõ  
de perder, auendo seu conselho, af-  
sentaraõ de se recolherem de noi-  
te, & largarem a fortaleza de Ca-  
tifa: & assi auendo oito dias q̃ os  
batãriaõ, sendo no coarto da modor-  
ra se foraõ saindo por hũa porta  
falsa, que ya pera o sertoã, em tãto  
H h 3 silencio,

silencio, que não foraõ sentidos se não ja nos derradeiros, que foraõ vistos de tres soldados de Pedrafonso d'Auelar, que tinha a estancia pera aquella parte, que se chamauaõ Martim Casco d'Euora, Baltasar de Goes natural de Ceita, & Pero Machado. Estes estando vigiando fora dos valos, sentiraõ rumor pera aquella parte, & viraõ que os Turcos se yaõ recolhêdo: & vendo ficar os derradeiros remeteraõ a elles com muito animo & mataraõ vm, & feriraõ algũs q̄ foraõ fogindo a pos os mais q̄ yaõ ja mūy alongados. Os tres companheiros sentindo a fortaleza despejada, entraraõ dentro, & sobiraõ sobre o baluarte fronteiro á estancia do capitaõ, & começaraõ a apellidar Portugal, ao que se levantou dom Antaõ de Noronha muito aluoroçado, & perguntando o que era, lho disseraõ, por que os do muro se tinhaõ ja dado a conhecer, chamando pellos companheiros da sua estancia. Isto pós grande aluoroço em todo o exercito.

Dom Antaõ de Noronha mãdou pôr todos em armas, & aguardou pella manham: & tanto que ella esclareceo foi caminhãdo pera a fortaleza, a onde entrou (que os tres soldados tinhaõ ja abertas as portas) & foi a pressa dos nossos tanta, que ouue homens que entraraõ por grandes aberturas, q̄ a nossa artelharia tinha feito no muro: & vm Lourço Feo da ilha

da Madeira, que ha pouco morreo, nos disse, que fora vm delles. Entrando dom Antaõ de Noronha na fortaleza (& que se não acharaõ se não algũas peças de artelharia pequenas, moniçoens, & pouca roupa que não poderaõ leuar) chamou o Guazil Rax Xarrafo, & lhe disse que aquella fortaleza era de Elrey de Ormuz, que ali lha entregaua liure & desembargada, que tomasse posse della, & a prouesse. O Guazil lhe disse, q̄ não se atreuia a defendela: por q̄ tanto que elle se partisse, auiaõ os Turcos de tornar sobre ella, & que daria nouo trabalho a Ormuz em a focorrerem. Dom Antaõ de Noronha vendo aquelle negocio, pós em conselho com os capitaens o q̄ faria nelle: & assentouse, q̄ se derribasse aquella fortaleza, por que os imigos a não tornasse a senhorear, & a fazer fortes nella.

Concluido isto, mandou dom Antaõ de Noronha que se minafsem os baluartes pera arrebentarem: o que deu a cargo a vm mestre das obras que comsigo leuou. Este homem andando abrindo as minas, foi dar em hũas necessarias de abobada, que estauaõ em o recanto de vm baluarte, & meteo nella certos barris de poluora, & por fora lhe fez seus reparios de pedra & gueche muito fortes, deixando lhe lugar pera se lhe dar fogo. Em quanto se corria cõ a obra das minas, se deixou dom Antaõ  
de

de Noronha ficar á sombra de vm baluarte, com a principal gente da armada.

E chegando Manoel de Vascócellos a elle lhe disse que fosse ver a sua mina que ja estaua acabada, (por que aquella obra repartio o capitaõ pellos fidalgos, pera se acabar mais depressa.) Dom Antaõ se foi com elle acompanhado dos mais dos que ali estauaõ, & quis sua boa ventura, & a moyna dos q̄ ali ficaraõ, que em se elle apartando, caiffe hũa faisca de fogo que andaua pellas casas da fortaleza na mina das necessarias, que estauaõ junto do baluarte em que dom Antaõ de Noronha estaua, & dando embaixo na poluora solta que estaua derredor dos barris, & tomando fogo, arrebentou a necessaria, & o baluarte, & caindo sobre os que ficaraõ á sombra delle, enterrou corenta Portugueses, & escalaurou outros muitos.

Dos mortos conhecidos foraõ vm filho de Pedrafonso d'Auelar, Pero Coelho de Crasto, Baltasar do Amaral, filho do Doutor Francisco do Amaral, corregedor da corte, Gonçalo de Moraes de Sousa, Frãcisco Botelho, filho do Meirinho da Inquisiçaõ do reino, & outros muitos caualeiros muito honrados. Dom Antaõ de Noronha acodio áquella parte, & védo a desauentura (posto que por vm muito pequeno espaço escapara della) sentio o caso tanto, que lhe

correraõ as lagrimas pellos olhos. Vendoo afsi Mir Maxet Guazil do Magostaõ, chegouse a elle, & lhe disse.

Senhor isto saõ casos da guerra, naõ vos entristeçaes afsi: lembreuos que os Turcos estaõ muito perto, & que em sabendo esta desauentura podem voltar em companhia dos Arabios q̄ os fauoreciaõ, de q̄ era Xequê vm valente Mouro chamado Bem Iabre. Dõ Antaõ de Noronha pareceolhe bem a lembrança de Mirmaxet, & mādou dar fogo as minas, que deraõ com todos os baluartes & muros por esses ares, & logo se recolheo ao arrayal, aonde passou aquelle dia & noite com grãdes vigias. Ao outro dia foi auisado, que os Turcos erã recolhidos, & que o Xequê Bemjambre estaua com oitocẽtos homẽs de caualo dali a meya legoa, vendo se lhe daua o tempo occasião pera fazer algum salto. Dom Antãõ de Noronha informado que naõ auia mais gente, & do modo de como estauaõ os Arabios alojados, ordenou de dar nelles, tendo em segredo, por que os mesmos Mouros de Ormuz os naõ mandassem auisar. E dando recado a certos capitaens, pera que estiuessẽ prestes com sua gente, tanto que o coarto d'alua entrou, despidio Pedrafonso d'Auelar, cõ perto de duzentos & cincoenta homẽs, os mais delles de espingardas, pera que fossem dar no Bemjambre.

jambre. E saindo os nossos do exercito em muito boa ordem, foraõ com espias buscar os Arabios: mas elles que traziaõ mūy grandes vigias sobre os nossos, sentiraõ o tropel que ya, & deixando o seu arrayal, se foraõ acolhendo a vnha de caualo. Os nossos chegaraõ ao lugar em que elles estauaõ, & acharaõ algūas tendas pobres, & outras cousas poucas. E por que naõ leuaõ ordem pera mais se recolheraõ ao exercito, sem lhes acontecer desastre algum.

CAPITULO XV.

*De como dom Antaõ de Noronha foi ter a Baçorâ, & entrou o rio Eufrates, & tomou hũa fortaleza aos Turcos, & do ardil de que o Baxâ usou pera a nossa armada se recolher.*



EP OIS da fortaleza de Catifa ser posta por terra, & arrasada, naõ auendo ali mais que fazer, determinou dom Antaõ de Noronha passar a Baçorâ, como leuaua por regimento pera fauorecer aquelle Rey que esperaua por elle, pera com os da sua liga cometer aquella fortaleza. E embarcãdosse despidio os nauios d'alto bordo pera Ormuz: & nelles o

Guazil de Ormuz, & o de Magostaõ, com suas companhias: passando a gente toda a dezoito Fustas. E dando á vela foraõ entrando pera o fundo d'aquelle estreito. E hũa noite lhes deu hũa tormenta com que se apartaraõ noue nauios que se desaparelharaõ. Dom Antaõ de Noronha com os outros noue foi seu caminho a te chegar á boca do rio Eufrates, a onde se deixou estar esperando pellos outros nauios. D'ali despidio vns Arabios da companhia do Embaixador d'Elrey de Baçorâ (que foraõ a Goa) com cartas alsí pera Elrey, como pera os senhores Gizares, em que lhes daua conta de sua chegada, & que ficaua esperando por recado seu, pera saber o modo & ordem que auia de ter no cometer áquella fortaleza.

Partidas estas cartas, auendo sete dias que ali estaua, chegaraõ os outros noue nauios de sua conserua, com que entrou pello rio Eufrates, & chegou a hũa ilha que faz logo dentro chamada Mouzique. Aqui estaua vm castello Roqueiro pequeno com alguns Turcos, q̄ tanto que viraõ a nossa armada o despejaraõ. O capitaõ mór mandou gente a terra que entrou dentro, & o achou vazio: aqui ficou esperando por recado d'Elrey de Baçorâ, & dos Gizares. O Baxá de Baçorâ, que era Alybaxá, tanto q̄ soube da armada Portugueza, entendendo que auia de ter intelligen-  
gencias

gécias com os Gizares & Arabios do fertoão, teue tal industria, que tomou todos os caminhos por onde se podiaõ cartear: & quis a des-aventura que ouueffe ás maõs as cartas que dom Antaõ de Noronha lhes escreuia: & como o Mouro era sagaz & prudente, fez hũas cartas falsas em nome do Rey de Baçorá & dos Gizares, escritas pera elle mesmo Alybaxá, em que lhe diziaõ.

Que elles eraõ Mouros & vassallos do Turco, & que naõ era rezaõ que fauorecessem Christaõs contra outros de sua feita, que elles queriaõ fazer aquelle seruiço ao Turco, que era entregarem-lhe a armada Portugueza toda, como ja lhe tinhaõ prometido por outras cartas: & que pera final disso lhe mandauaõ aquella carta, que o capitaõ mór Portuguez lhe mãdara: que estiueffe prestes, por que elles lhos entregariaõ todos nas maõs.

Estas cartas falsas que o Baxá fez em segredo, mandou lér em publico diante de muitas pessoas, em que entrauaõ dous mancebos, vno Venezeano, & outro Neapolitano, que elle trazia catiuos, & de industria lhes meteo nas maõs a carta de dom Antaõ de Noronha, pera que a vissem, ainda que estaua em Parseo, mas asinada do seu final ordinario. E tomou ali logo conselho com todos, sobre o modo que teria naquelle negocio. De-

pois disto passado a poucos dias mandou tirar os ferros aos dous Italianos, & lhes deu ázo pera que fogissem (outros dizem que elle mesmo lhes disse que os libertaua, & que se fossem pera onde quisessem) mas como quer que fosse, estando a armada surta em Mouzique, da outra banda, a que communmente chamaõ de Persia, sendo na verdade de Susia, a que os Mouros chamaõ Susistan (que he o mesmo que prouincia de Susia) ouuiraõ hũa noite chamar da terra, que os mandassem recolher q̄ eraõ vns Christaõs fogidos. Dom Antaõ de Noronha receando que aquillo fosse algum engano, lhes mandou bradar que se metessem dentro na agoa, a te amanhecer, & que assi naõ seriaõ sentidos. Dom Jeronymo de Castello branco, que estaua mais perto da terra, arriando a amarra, chegou-se a ella, & recolheo os dous mancebos sem dó Antaõ de Noronha o saber, & de madrugada os leuou ao seu nauio. O capitaõ mór os recebeu bem, & elles lhe disseraõ que eraõ Christaõs, & que o Baxá os libertara, & que ouueraõ por melhor partido recolherem-se á sua armada, q̄ irem por terra. O capitaõ perguntandolhes por nouas de Baçorá, lhe disse vno delles. Vé capitaõ o que fazes, & quem vens socorrer, por q̄ estás traydo, vendido, & enganado: p̄dr que saberás que os Gizares se tem carteadado com o Baxá, pera

pera te entregarem com toda esta armada: por que a carta que lhe escreueste, elles lha mádaraõ com com outras de engano que tinhaõ vsado contigo, & que por seruire o Turco elles dariaõ ordem pera vos tomarem todos ás maõs. Dom Antaõ de Noronha ficou sobrefaltado d'aquelle negocio, & ouue que podia ser, por que Mouros tudo tentariaõ contra Christaõs. E perguntando aos mancebos se viraõ elles a sua carta & final, lhe disseraõ que si, & mandando chamar todos os capitaens á sua Fusta, lhes deu conta d'aquelle negocio, & se se daria credito áquelles homens, ou se seria aquillo inuençaõ do Baxá pera os fazer tornar.

Estando debatendo todos sobre isto: Lourenço Vaz Pegado, q̄ ya por soldado de dom Antaõ de Noronha, estaua debaixo do baileo da Fusta (em que todos os do conselho estauaõ) ouuindo o q̄ se trataua, disse alto, q̄ mau seria mostrarfeihes o final do capitaõ mór aos Italianos, pera ver se o conhecem, & se he semelhãte ao da carta que viraõ? Foi isto ouuido em cima a onde se fazia o conselho, & não soou mal a todos: & pera mais se certeficarem se afsinaraõ todos aquelles capitaens em hũa folha de papel, & dom Antaõ de Noronha antre elles: & chamados os mancebos lhes deraõ a folha de papel cheya de seus sinaes, pera q̄ lhes mostrassem o final da carta q̄

la viraõ. E correndo ambos com os olhos deraõ no de dom Antaõ & disseraõ, que como aquelle era o final que elles viraõ na carta, por que era de hũa letra latina muito boa. Com isto se certeficaraõ todos ser verdade o que elles diziaõ, & que os Gizares lhes tinhaõ armado traiçaõ: & assentaraõ que se recolhessem pera Ormuz, como logo fizeraõ.

Chegados áquella fortaleza, mādou dom Antaõ de Noronha varar os nauios, & concertalos, & fez pagas aos soldados, & lhes mādou dar mesas. Pouco depois disto chegou vm mercador Mouro que passou por Baçorá, por qué aquelle Baxá mandou dizer a dom Antaõ de Noronha, que lhe pezara muito de se elle recolher taõ depressa, por q̄ desejava de o ter por hospede: gabandosse ao mercador Mouro do estratagema de q̄ vsou com os Portugueles, na inuençaõ da carta.

## CAPITVLO XVI.

*Da guerra que o Madune tornou a fazer ao Rey da Cota: & de como mataraõ este Rey por desastre: & da armada que este anno de cincoenta & um partio do reino, de que era capitaõ mór Diogo Lopez de Sousa: & de*

de como o Visorrey dom Afonso de Noronha partio pera Ceilaõ.



**A**TRAS no capitulo setimo do liuro oitauo demos conta: como o Madune Rey de Ceitauaca em Ceilaõ, depois de se ver desbaratado por dom Iorge de Craſto, se reconciliara com o irmão Rey da Cota forçado da necessidade: mas como o odio que lhe tinha era entranhauel, dissimulou em quanto foi veraõ. E tanto que o inuerno entrou, ajuntando seus exercitos abalou contra o irmão pera o acabar de destruir (por ser tempo em que não podia ser socorrido da India.) Elrey da Cota tanto que teue auiso disto, ajuntando suas gentes, mandou seu genro Tribuly Pandar, & em sua companhia Gaspar d'Azeuedo feitor, & Alcaide mór, com todos os Portugueses, que seriaõ perto de cento, pera que fossem ter o encontro ao Madune, que ja lhe entraua por seu reino. O Tribuly Pandar foi buscar o Madune, que andaua fazendo grandes estragos: & teue cõ elle alguns recontros, em que lhe matou algũa gente, & o fez recoller pera a outra banda do rio de Calane, a onde assentou seu exercito, ficando Tribuly Pandar com o seu da outra parte.

Elrey da Cota sabendo estar

ali o pay, sayo de Cota, & se foi ao exercito pera o ver: & quis a desauentura, que estando os Portugueses em hũa varanda muito grande comendo, chegasse a hũa fresta da banda de fora pera os ver, & estando nella lhe deraõ hũa espingardada pella cabeça, de que logo cayo morto, sem se saber donde sairra, & acodindo todos á reuolta acharaõ o Rey morto: & recolhendo o Tribuly, se foi com elle pera a Cota. Aleuantado o exercito, depois de lhe fazerẽ suas exequias, poseraõ o Principe Dramabella na cadeira Real, & o leuãtaraõ por Rey, dandolhe os grandes a obediencia a seu modo, sendo seu pay o primeiro, & depois o Alcaide mór, & todos os grandes do reino, o que se fez no mesmo dia, sem festas, nem apparato.

O Madune tanto que soube da morte do irmão, se foi com seu exercito ao lugar de Belegale, hũa legoa da cidade da Cota: & d'ali mandou requerer aos grandes da Cota, que lhe fossem dar a obediencia, como a seu Rey, por que lhe pertencia a elle aquelle reino por direito. Os grandes lhe mandaraõ dizer, que elles tinhaõ Rey & Principe herdeiro de direito a quem ja tinhaõ dado obediencia: & que em seu seruiço, & em defensão de seu reino auiaõ todos de morrer. Com esta reposta se foi o Madune chegando mais á cidade, & assentou seu exercito á vista della: ficando

la: ficádolhe no meyo hũa alagoa. Vendo o Tribuly Pandar aquelle atreuimento, ajuntou a gente que pode, & com elle os Portugueses, & sayo a Madune, & trauou com elle hũa aspera batalha, em que os nossos leuaraõ a dianteira, & fizeram taes cousas, que arrancaraõ do campo os inimigos, com perda de muita gente, & o Madune se foi pera ṽm lugar chamado Canabol, ficando o Tribuly correndo com a guerra & com o gouerno, por ser o Rey seu neto muito moço. Elrey ficou na Cota fazendo as exequias a seu auó, cuja morte muitos annos se sospeitou virlhe dos Portugueses peitados do Madune, ate que falecêdo ṽm Antonio de Barcelos d'ali a bem de annos, disse á hora de sua morte, que por aquelle estado em que estaua, que elle fora o que matara a Elrey da Cota por puro defastre, atirando a hũa pomba, & que se não sospetasse outra cousa, porque aquella era a verdade. Ao tempo do falecimento deste homem se achou presente ṽm Chingalá, Christão, & muito antigo, de que nós soubermos isto, & elle o disse ao Rey seu neto. Folgamos de aueriguar esta verdade por homem natural d'aquella ilha, pella roim opiniaõ que se tinha dos Portugueses nesta materia.

Estas nouas se mandaraõ logo em Agosto ao Visorrey, que ṽdo quaõ necessario era acodir aquel-

las cousas, mandou negociar a armada com muita pressa, por q̃ lhe era forçado partir em Setembro, & pôs logo toda a armada no mar, & começou a pagar gente.

Sendo dez deste mes forgiraõ na barra de Goa cinco naos, de oito que tinhaõ partido do reino, de que era capitaõ mór Diogo Lopez de Sousa. Os mais capitaens eraõ Francisco Lopez de Sousa, q̃ trazia a capitania de Maluco, Iacome de Mello, Lopo de Sousa, & Micer Bernardo. Das outras tres naos que faltauaõ eraõ capitaens, dom Iorge de Meneses Baroche, q̃ ficou inuernando em Moçambique, Ayres Moñiz Barreto, que foi tomar Ormuz, & dó Diogo d'Almeida, filho do Contador mór, q̃ foi tomar Cochim, como adiante diremos.

Este fidalgo andádo em requerimento foi despachado com tres annos da capitania de Diu, de que se elle agrauou: & querendo o Elrey satisfazer a requerimento de hũa sua irmã, dama da Raynha dona Catherina, lhe deu mais outros tres annos, cõ q̃ estaua despachado Francisco de Sousa Tauares a pos elle, que os largou a Elrey, & os trespassou em dom Diogo d'Almeida, pella capitania mór das naos do reino, que lhe Elrey deu: & quando lhe passou disto portaria ja dom Diogo d'Almeida estaua embarcado. E dizem q̃ quando Elrey deu o despacho a sua irmã, lhe

lhe differa, não cuidei q̄ vosso irmão era tão cobiçoso, ja estará satisfeito. E mandando ella a seu irmão á nao a portaria, & escreuendolhe o q̄ passara cõ Elrey, tomado elle do q̄ Elrey differa (porque auia q̄ por si merecia muito mais) tornou a mãdar a portaria a Elrey, & escreuecolhe hũa carta em q̄ lhe dizia, que nunca no seu seruiço lhe entrara respeito algum, nem cobiça, q̄ sem aquella merce elle o iria feruir á India. Elrey se ouue por deseruido de dom Diogo lhe enjeitar suas merces: & por q̄ as naos yaõ ja a vela deixou de o mandar desembarcar: mas mandou riscar de seus liuros, & o anno seguinte escreueo ao Visorrey dõ Afonso de Noronha, que se não seruisse delle em cousa algũa, como adia te diremos.

Com a chegada das naos deu o Visorrey pressa a sua embarcaçãõ: & entregando a India ao capitãõ da cidade, & com elle por deputados o Ouuidor geral, Veador da fazenda, & outros (por que o Bispo ya em sua companhia a visitar) se embarcou, & deu á vela em fim de Setembro. Leuaua o Visorrey dez Galeoens, oito Carauelas, & Galés, & perto de cincoẽta nauios de remo, antre Galeotas, Fustas, & Catures. Os capitaens que nesta armada o acompanharaõ sãõ os seguintes.

Dom Fernãdo de Meneses seu filho, dom Antonio de Noronha

filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, Eitor de Mello, Diogo Alvarez Tellez, Bastiaõ de Sá, Frãcisco de Mello Pereira, dom Ioaõ Anriquez, Martim Afonso de Miranda, Pero Barreto, Vasco da Cunha, Gonçalo Pereira Marramaque, Afonso Pereira de Lacerda, Diogo de Sousa, Diogo de Miranda Anriquez, Diogo de Mello Coutinho, Antonio de Noronha, Jorge Pereira Coutinho, Fernãdo de Castanhoso, Nicolao de Sousa, Aluaro de Lemos, Manoel do Cãto, Pero Vaz de Matos, Ioaõ da Rocha, Mathias de Trinchel, Luis Mergulhaõ, Pero Salgado Alferez do Visorrey, & seu Veador, Simaõ Botelho Veador da fazenda, Andre de Mendanha Ouuidor geral, Manoel da Cunha, & outros fidalgos & caualeiros. Nesta armada foraõ tres mil homens, gente muito lustrosa. O Visorrey deixou dado ordem as naos que auiaõ de partir pera o reino: & do Galeaõ saõ Ioaõ, que se estaua concertãdo em Goa, que ficou do anno passado, deu a capitania a Manoel de Sousa de Sepulueda, pera se ir nelle com sua molher, & casa, pera o reino. E como foi tempo partiraõ as naos pera Cochim, tomar a carga. O Visorrey foi seguindo sua derrota a te Cochim, a onde de passagem deu despacho a algũas cousas: & partindo d'ali dobrou o cabo do Comorim, & atraueffou

a Ceilaõ, a onde chegou em breues dias.

CAPITVLO XVII.

*De como o Visorrey dom Afonso de Noronha desembarcou em Columbo, & se vio com o Rey da Cota: & do concerto que ambos fizeram contra o Madune: & de como o desbarataraõ, & tomaraõ a cidade de Ceitauaca.*



**S**ERTO o Visorrey com toda sua armada no porto de Columbo, ao outro dia desembarcou: & Elrey, & Gaspar d'Azeuedo Alcaide mór lhe fizeram vm muito grãde recebimẽto, porq̃ por algũs nauios de remo q̃ foraõ diãte, tiueraõ auiso de sua vinda, & logo o foraõ esperar a Colúbo, leuãdo Elrey cõsigo seu pay, & os principaes de sua corte. O Visorrey se aposentou na feitoria, & logo despedio seu filho dõ Fernando de Meneses cõ quinhẽtos homẽs pera se ir meter na cidade da Cota, pera que tomasse os passos della, por que ninguem fuisse pera fora: o que dom Fernando fez, pondo vm capitaõ com cem homens em guarda das casas d'Elrey, pera que se não bolidisse em cousa algũa, fazendosse estas preuençoens, que escandaliz-

zaraõ a muitos: por que parecia q̃ yaõ mais a conquistar Rey amigo, que imigo. O Visorrey depois que em Columbo deu ordem a algũas cousas, se partio pera a Cota com todo o poder: & depois de se aposentar, lãçou maõ dos Modeliares principaes, & dos criados, & mais antigos da casa d'Elrey, sem elle lhe poder ir a maõ, & começou a inquirir dos thifouros dos antigos Reys, por q̃ se presumia que eraõ muito grãdes: & porq̃ não pode tirar cousa algũa delles, mãdou meter algũs Modeliares a tormento, & não sabemos com que direito & justiça: & foi nisto taõ demasiado, & leuou isto por taõ roins termos, que escandalizados todos dos tormentos que viraõ dar a alguns, começaraõ se a despejar poucos & poucos: & naquelles dias se passaraõ ao Madune, mais de seiscentos dos principaes: vendo o Visorrey q̃ lhe não descobriaõ cousa algũa, mandou buscar as casas d'Elrey, deuassãdolhe seu recolhimento, & lhe tomou todo o dinheiro de ouro, em que entravaõ quinhentos & sessenta Portugueses de ouro velho, prata, joyas, pedraria, & só o dinheiro montaua mais de cem mil pardaos, o que tudo se carregou sobre Simaõ Botelho Veador da fazenda, em vm liuro separado, que anda nos contos da fazenda de Goa, a onde vimos estas cousas. Depois de tomarem a este pobre Rey tudo o q̃

lhe

lhe acharão, tratou o Visorrey cõ elle, & com seu pay Tribuly Pandar sobre os negocios do Madune, & se cõcertaraõ desta maneira. Que o Visorrey, & elles ambos iriaõ cõtra o Madune, & q̃ se não aleuantariaõ de sobre elle ate o auer ás mãos, & o destruirem de todo, por q̃ mais lhe não podesse dar trabalho: & q̃ lhe dariaõ duzentos mil pardaos pera as despezas d'aquella jornada, cento logo, & outros cento depois, de que se passou vm conhecimẽto q̃ se encarregou sobre o feitor da armada Manoel Collaço: & depois sobre o feitor de Cochim, & delle por entrega ao recebedor dos restes, a onde o nós fomos ver: & não declara a diuida de q̃ he, se não dizer somente de uelos, sem declarar o tempo em q̃ era obrigado aos pagar, o q̃ deuia d'estar no proprio que não achamos. Afsi mais se concertou o Visorrey, com o Rey da Cota, q̃ todas as prezas q̃ se tomassẽ em Ceitauaca, se partiraõ pello meyo: a metade pera Elrey de Portugal, & a outra pera o da Cota.

Feitos & asinados estes cõcertos, se comẽçaraõ a preparar pera a jornada contra o Madune, dando Elrey da Cota logo ao Visorrey oitenta mil pardaos á conta dos cẽ mil que era obrigado a lhe dar logo: que ainda pera lhe dar estes, vendeo joyas, & outras cousas do seruiço de sua pessoa, & casa, que comsigo trazia, & por isso as sal-

uou. E logo se poseraõ em campo, Elrey & seu pay com coatro mil homẽs, & o Visorrey com perto de tres mil Portugueses. Antes q̃ partisse chegou dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór com cincoenta soldados, q̃ o Visorrey recebeo muito bem.

Este fidalgo, como dissemos no capitulo passado, partio aquelle anno do reino por capitaõ da nao Espadarte, da companhia de Diogo Lopez de Sousa, & tendo roim tempo, passou por fora da ilha de são Lourenço, & com muitos trabalhos & riscos foi tomar Cochim de quinze de Outubro por diante: & sabendo ser o Visorrey em Ceilaõ, fretou logo hũa Fusta, & ajuntou cincoẽta soldados da sua nao, & se partio em sua busca, & achou o na Cota ja no campo.

Prestes todas as cousas pera a jornada o Visorrey comẽçou a marchar em muito boa ordẽ, leuãdo a dianteira dom Fernando de Menezes seu filho, com todos os fidalgos mãebos, q̃ logo se passaraõ pera elle. O Madune tanto q̃ teue auiso da chegada do Visorrey fortificou suas trãqueiras, & guarnecneas de muita gente & moniçoẽs, & elle ficou de fora com tres mil homẽs escolhidos pera acodir a onde fossẽ necessario. Os nossos chegaraõ á primeira trãqueira, cometẽdoa por todas as partes, & posto q̃ acharaõ muito grande resistencia, foi entrada com mortes

de muitoss dos imigos: & passãdo adiante tomaraõ as outras duas trãqueiras, q̄ foraõ defendidas muito bê, mas entradas dos nossos com muito grande valor. E passando pera a cidade de Ceitauaca, foraõ os da dianteira tendo alguns recõtros com o Madune, em q̄ o desbarataraõ de todo, & elle com cem homens foi fogindo pera hũas serras muito fortes chamadas Darnagale. O Visorrey entrou na cidade de Ceitauaca sem resistencia, & se apo'entou nos paços de Madune, & Elrey da Cota junto ao Pagode: & mandou logo por guardas nas entradas da cidade, q̄ foi logo saqueada, assi dos nossos, como dos d'Elrey da Cota, & se acharaõ nella muitas prezas. O Visorrey mandou cauar os paços d'Elrey todos, pera ver se achaua os tisouros, que naõ achou: & o mesmo fez ao Pagode grande que ali estaua, em que se acharaõ muitos idolos d'ouro & prata, grãdes & pequenos, candieiros, bategas, campainhas, & outras cousas, todas d'ouro do seruiço do Pagode, & algũas peças de pedraria, q̄ tudo se carregou sobre o Veador da fazenda Simaõ Botelho: todas estas peças vaõ por adiçoẽs sã aualiaçoẽs, & por isto naõ estimamos o q̄ valeriaõ. Tudo isto o Visorrey recolheo, sem dar a metade ao Rey da Cota, como estaua cõtratado, a fora o q̄ se sonegou, & escondeo, que só Deos sabe o que seria.

Elrey da Cota mandou lâçar espias ao Madune, & sabẽdo q̄ se recolhera as serras de Darnagale, cõ poucos, pedio ao Visorrey quinhẽtos homẽs, pera irẽ cõ Tribuly Pãdar seu pay dar nelle, & auelo às mãos: por q̄ se dissimulasse com aquelle, em virando as costas logo se auia de tornar a refazer, & dar novos trabalhos áquella ilha, & ao Estado da India. O Visorrey lhe disse q̄ lhe parecia bê, & com isso lhe pedio os vinte mil pardaos, q̄ lhe ficara deuẽdo do resto dos cem mil. E como Elrey estaua pobre, & pera os oitenta mil q̄ deu, vendeo ainda cousas do seruiço de sua pessoa, como atras dissemos, naõ pode ajuntar o dinheiro, nẽ teue donde: & dissimulando o Visorrey com aquelle negocio, disse q̄ era ja tarde, & q̄ lhe era necessario ir de'pachar as naos q̄ auiaõ de ir pera o reino: & deixãdo Ceitauaca se foi pera Columbo, pera dar ordem a algũas cousas d'aquella ilha primeiro que se partisse.

### CAPITOLO XVIII.

*De como dom Antaõ de Noronha veyo de Ormuz, & foi por capitaõ mór ao Malauar, & do q̄ lhe aconteceu: & das cousas em q̄ o Visorrey proueo em Ceilaõ: & de como foi a Cochim, & deu no Chembe, & do que ali lhe socedeo.*

Deixa-



O capitolo quinze do nono liuro deixamos dom Antaõ de Noronha inuernando em Ormuz, depois d'aquelle socesso de Cati-fa & Barem. E por que leuaua por regimento que se fosse logo pera Goa tanto que entrasse o veraõ, o fez assi: & em Setembro se embarcou, & foi tomar Mascate, a onde se deteu alguns dias. Fazendosse d'ali á vela, naõ achando cô-trastes no caminho, foi tomar Goa quasi nõ fim de Outubro. Sorgindo na barra, foi o Veador da fazê-da ter com elle, & lhe deu vm regimêto que ali deixou o Visorrey, em que lhe mandaua, que tanto q̄ chegasse de Ormuz, se partisse logo com a mesma armada pera o Malauar, por naõ ficar aquella co-sta deseparada em quanto elle estiuessse em Ceilaõ.

Com este regimento se fez dõ Antaõ de Noronha prestes, & pro-uendolhe o Veador da fazenda a armada, deixando os Galeoens, se passou a hũa Galé, & com todas as Carauelas de sua companhia, que eraõ tres ou coatro, & os nauios de remo, se fez logo á vela pera o Malauar, & foi forgir com toda a armada na barra de Calecut pera defender a nauegação aos Mouros. D'ali fez toda a guerra que pode ao Camorim, mãdandolhe dar em muitas pouoçoens que lhe os nossos abrazaraõ & queimaraõ: &

deixaloemos assi agora por tornar mos a cõtinar com o Visorrey, q̄ ja deixamos em Columbo.

Ali deu ordem ás cousas d'a-quella ilha, assentando deixar coa-trocentos homês de guarnição na cidade da Cota, pera segurança della, & nomeou por capitaõ mór d'aquella ilha, & da armada que ali deixaua, a dom Ioã Anriquez, & lhe ordenou dez nauios de remo, de que eraõ capitaens dom Duarte Deça, Iorge Pereira Coutinho, Diogo de Miranda Anriquez, Fernaõ de Castanho, Antonio de Noronha, Ruy de Brito, Nicolao de Sousa, Ioã Coelho de Figueiro, & Manoel Colaço por feitor da armada. Deixou por regimento a dom Ioã Anriquez q̄ residisse na cidade da Cota: nomeandolhe por Ouuidor pera correr com a justiça a Rafael Coruinel: & o cargo de Alcaide mór da ilha proueo em Fernaõ de Carualho, que auia de residir na cidade de Columbo, assentado por conselho de todos os capitaens, que se cercasse toda á roda o mais de pressa que podesse ser: deixando logo pera isso officiaes. E assi tanto que o Visorrey se embarcou, se poseraõ logo ás mãos á obra, & se começou a cercar de taipas, de que ainda oje a mór parte está em pé. O Visorrey foi dando pressa a estas cousas pera se embarcar, & parece que determinaua de levar comsi-go Tribuly Pandar pay d'Elrey, do

## *Sexta Decada. Da historia da India.*

do que elle foi auifado, & furtandolhe logo o corpo se recolheo pera vns matos que estaõ hũa legoa da Cota, de que o Visorrey ficou muito enfadado, mas dissimulou, & apertou com Elrey que se fizesse Christaõ, por algũas vezes, de que se elle escusou com lhe dizer, que por entaõ lhe naõ conuinha mudar ley, por que como auia pouco que reinaua: & seu tio o Madune trazia o pensamẽto occupado em lhe tomar o reino, ser-lhe ya vm mũy grande aluitre, pera induzir a seus vassallos, que se fossẽm pera elle, o que seria causa de se perder aquelle reino: mas q̃ lhe daria vm Principe seu primo com irmaõ pera o leuar pera Goa, & que lá o fizesse Christaõ, & logo lho entregou, que o Visorrey mandou agasalhar no seu Galeaõ, & em Goa o fez Christaõ cõ grande solemnidade: & quando se foi pera o reino o leuou comsigo, & Elrey o mandou entregar aos padres da Companhia pera o doutrinarem, dandolhe seiscentos mil reis perã despeza de sua casa.

Andou este Principe (que se chamaua dom Ioaõ) na corte muitos annos, & Elrey lhe fazia honras, & lhe daua cadeira como aos Condes, quando com elle falaua. Depois o mandou pera a India, com os mesmos seiscentos mil reis de tença: & na cidade de Goa casou com hũa molher Portuguesa filha de vm caualeiro honrado, q̃

ainda viue: & o Principe de Ceilaõ (que assi se intitulou sempre faleceo) & jaz enterrado em saõ Frãcisco de Goa. Demos cõta breuemente deste Principe, pello naõ fazermos depois por pedaços.

E tornando a nosso fio: O Visorrey naõ se queria ir d'ali sem lhe darem os vinte mil pardaos q̃ lhe ficaraõ deuẽdo, com reclamar o Tribuly Pandar, que nada lhe diuia, por que lhe naõ comprio os contratos que com elle fizera, de perseguir o Madune a te o matarẽ, ou auerem ás maõs. E vendo o Tribuly fogido, prendeo o Camareiro mór d'Elrey, que era todo o seu gouerno, & o mãdou pera vm Galeaõ d'armada, dizendolhe que o naõ auia de soltar ate lhe pagar os vinte mil pardaos. Vendosse o Camareiro mór taõ apertado, mãdou pedir dinheiro a amigos & parentes, mas naõ achou quem lho emprestasse: & mandou vender vm cinto d'ouro que trazia, & algũas peças suas que montaraõ cinco mil pardaos, que mandou ao Visorrey com vm conhecimento, em q̃ se obrigaua a pagar os quinze mil, por todo aquelle anno. Cõ isto o mandou soltar o Visorrey, & se embarcou, dexando o conhecimento do Camareiro mór a dó Ioaõ Anriquez, pera arrecadar d'elle aquelles quinze mil pardaos. E assi antre algũas coulas q̃ lhe deixou por regimento, a que mais lhe encareceo foi, q̃ lhe prendesse

desse o Tribuly Pandar, & lho mã dasse pera Goa.

Despedido de todos deu á vela pera Cochim, adiantandosse seu filho dom Fernando de Meneses em nauios ligeiros, por que ya mal desposto, que em poucos dias chegou a Cochim. Estas nouas chegaraõ logo a dom Antaõ de Noronha, que estaua sobre Calecut: & ainda lhe affirmaraõ, que ya agruado do pay, com tençaõ de se embarcar pera o reino. Isto sintio dom Antaõ de Noronha tanto, q̄ logo se embarcou em vñ Catur muito ligeiro, pera ir remediar aquellas cousas: deixando a armada toda entregue a Manoel de Vasconcellos, & no nauio leuou cõsigo Christouaõ de Miranda irmão de Martim Afonso de Miranda, & Pedralvarez de Nobrega por estarem muito doentes, pera se curarẽ em Cochim. Chegou dom Antaõ de Noronha a Cochim aquelle dia, & achou a dom Fernando de Meneses doente de camaras, & esteue com elle aquella noite toda: o que passaraõ antre ambos não se soube: & logo pella menhá se despedio d'elle pera se tornar. Saindo pella barra fora ouue vista da armada do Visorrey, q̄ vinha demandando a barra, & foi o demandar, & com elle tornou pera Cochim. O Visorrey o deteu, por que tinha necessidade de seu conselho pera certas cousas.

Desembarcado o Visorrey, a-

chou as naos do reino tomando a carga muito deuagar, sendo ja perto do Natal, por que não corria pimenta, que o Principe do Chembe, que logo se tornou a aleuantar com o socorro do Camorim, lha impedia: & trazia por aquelles rios muitas manchuas que faziaõ grandes danos & guerras nas terras d'Elrey de Cochim: & defendiaõ a nauegaçaõ a os mercadores que traziaõ pimenta pera o pezo. E tomando parecer sobre o que faria, se assentou que era necessario darem vñ grande castigo áquelle Principe, & destrui-lo de todo, por que d'outra maneira ficaria taõ soberbo, que não poderia o Estado com elle. Com esta determinação se embarcou o Visorrey, leuando comsigo o capitaõ de Cochim com todos os casados, & toda a mais gente que estaua pera se ir pera o reino (que era muita) & foraõ em sua cõpanhia, alem dos fidalgos & capitaens que nomeamos de sua armada: Diogo Lopez de Sousa capitaõ mór das naos do reino, dom Antaõ de Noronha, Manoel de Sousa de Sepulueda, dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór, Francisco Lopez de Sousa, & Lopo de Sousa. Embarcouse o Visorrey em todos os nauios de remo: & a gēte que não coube nelles foraõ em Tones, & em outras embarcaçoens pequenas. Yaõ nesta jornada perto de coatro mil homens Portugueses,

a fora os Christaões de Cochim.

Chegado o Visorrey a Chembe ordenou a sua gente, & repartioa por bandeiras, & hũa madrugada desembarcou em terra com todo o poder. Os Principes Malauares da conjuração estauão cõ mais de trinta mil homens em campo, & deitaraõ alguns capitaens pera defenderem a desembarcação aos nossos, que logo foraõ desbaratados da dianteira. Postos os nossos em terra foraõ marchando pera a cidade, & saindolhes os Principes, trauaraõ com os nossos hũa muito arriscada & muito cruel batalha. E por que as particularidades, que os Portugueses fizeraõ nella foraõ muitas, não he possível poder contar o que cada vñ fez em particular, o deixaremos: sométe em soma diremos, que foi esta batalha mñy perigosa, em q̃ os nossos Portugueses mostraraõ bem seu valor & esforço, por que com os grandes estragos que fizeraõ nos inimigos os desbarataraõ de feição, que os fizeraõ voltar, mas não sem grande custo dos nossos: por que na força da briga deraõ hũa espingardada a dom Antaõ de Noronha em hũa perna por cima do artelho que lha quebrou toda, de que cayo logo no chaõ, mas foi leuãtado & recolhido por homens de sua obrigação que o assentaraõ sobre hũa rodela, & aos hombros o tiraraõ da batalha. Mataraõ dos primeiros dom Anto-

tonio Pereira, irmão de dom Martinho Pereira (que sendo Veador da fazenda, gouernou Portugal em tempo d'Elrey dõ Sebastião.) Manoel da Cunha irmão de Tristaõ da Cunha o segundo, Ioaõ da Sylua de Meneses, filho de Pero da Sylua d'Euora: & vñ filho de Manoel Mergulhaõ, mancebo bõ caualeiro, a fora perto de trinta sem nome.

Desbaratados os inimigos, foraõ os nossos seguindoos, assolando, & destroindolhes todas as pouoaçoens & Pagodes, & cortandolhes todos os palmares, & fazédas, não deixando couisa em pé: foi tal o castigo que se ouue o Visorrey por satisfeito. E deixando nos rios alguns nauios pera guarda delles, & pera fazerem correr a pimenta, se recolheo a Cochim, & começou a escreuer pera o reino, & dar muita pressa ás naos da carreira, que pela pouca pimenta que ouue, não poderaõ leuar mais que a metade da carga ordinaria: mas de todas as mais fazendas muita quantidade.

O Visorrey mandou dom Antonio de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, que fosse tomar posse da armada de dom Antaõ de Noronha, por elle ficar muito mal da sua perna, de q̃ ficou aleijado. Depois de escreuer pera o reino, & dar despacho a todas as naos (tirando o Galeaõ saõ Ioaõ, em que Manoel de Sousa de Sepulue-

Sepulueda ya por capitaõ , por estar carregando em Coulaõ) as fez á vela por todo Janeiro deste anno de cincoenta & dous em que entramos : & elle se embarcou & se foi pera Goa. O Galeaõ saõ Ioaõ chegou de Coulaõ , com coatro mil quintaes de pimenta , & no porto de Cochim tomou mais tres mil, por naõ auer mais, carregando doze mil: mas leuou tantas fazendas outras, que se affirma que depois que a India se descobrio a teentaõ, naõ partio nao taõ rica, & se fez á vela a tres de Feuereiro, leuãdo perto de duzentos Portuguefes, & mais de trezentos escrauos. Yaõ embarcados neste Galeaõ muitos fidalgos , & caualeiros, de que adiante diremos os nomes, quando contarmos a defaestrada perdiçaõ, & defauentura desta jornada.



HE GADO o Visorrey a Goa, começou logo a entender em muitas cousas, & mûy necessarias, principalmente sobre as da guerra do Rey da Pimenta , que ficaua em aberto, a que lhe era necessario acudir: por que pera o anno seguinte naõ faltasse pimenta pera a carga das naos. E assentou le em conselho , que mandasse inuernar a Cochim seu filho dom Fernando de Meneses, com quinhentos homens, & vinte nauios pera andarê por aquelles rios. A isto começou o Visorrey a pôr as maõs, mandãdo negociar os nauios & pagar a gente, & no fim de Março despidio seu filho dom Fernando de Meneses , a quem deu os seus poderes, & largo regimento do que auia de fazer. E mandou a dom Antonio de Noronha, que estaua por capitaõ mór do Malauar, q se recolhesse a inuernar a Goa, como fez . Dom Fernando de Meneses chegou a Cochim, & se passou logo aos rios da pimenta, por onde andou todo o inuerno , fazendo guerra aos Reys da liga, & fauorecendo aos mercadores q traziaõ a pimenta a Cochim.

E por que esta jornada toda foi de assaltos mûy amiudados, & de pouca sustancia , passãremos por elles: por que temos outras muitas cousas mais importantes , de q dar rezaõ. O Visorrey depois de despi-

CAPITULO XIX.

*De como dom Fernando de Meneses filho do Visorrey foi inuernar a Cochim: & de como Francisco Lopez de Sousa foi entrar na capitania de Maluco: & das cousas que o Visorrey dom Afonso de Noronha ordenou a cerca do Crauo: & do que socedeo em Ceilaõ.*

despidir seu filho, despachou Francisco Lopez de Sousa, pera ir entrar na fortaleza de Maluco: & a Diogo de Sousa, que era prouido d'aquella viagem, a quem deu um Galeão muito fermoso, a onde também se atia de embarcar Francisco Lopez de Sousa. E por q̄ tinha por regimento d'Elrey que remouesse os contratos que o Visorrey dom Garcia de Noronha tinha feitos sobre o crauo, fez com Diogo de Sousa outros de nouo. E por que não demos em outra parte rezaõ destes contratos em q̄ falamos o faremos aqui.

Depois que Antonio de Brito descobriu as ilhas de Maluco (como nas Decadas de Ioão de Bairos se diz, & nós o tornamos a referir) mãdou Elrey dom Manoel & seu filho dom Ioão depois, que nenhũa pessoa podesse comprar crauo em todas aquellas ilhas, se não seus feitores: reseruando, como minas pera si aquelle contrato & comercio. E por que a ilha de Ternate, a onde estaua a nossa fortaleza, era ja pouoada de Portugueses casados, que se não tiuessem algum quinhão no comercio do crauo, não tinhaõ pera que viuer naquellas ilhas: escreuerão sempre a os Governadores passados, que vsassem com elles d'algũa equidade, se não que se iriaõ viuer a onde tiuessem mais remedio. Tanto puxaraõ por isto, a te que o Visorrey dom Garcia de Noronha

fez com elles o contrato seguinte.

Que toda a pessoa podesse comprar & tratar liuremente naquellas ilhas de Maluco todo o crauo que quisesse, & que o podesse embarcar pera a India nos Galeoens da carreira: com condiçaõ que de todo o que embarcassẽ, dariaõ a Elrey a terça parte, posto debaixo da verga, sem quebras: & que por cada bar lhe pagaria Elrey tres par'daos, que era o preço por que o elle costumaua a comprar, & q̄ de frete (a que chamaõ Choques) pagariaõ de dez bares, tres, como mais declaradamente nas outras decadas temos dito.

Este contrato assi pera Elrey, como pera os homens era entraõ bom, mas como a cobiça nunca se farta, vindo a gostar todos do proueito que do crauo tinhaõ, não se contentando com o que directamente lhe vinha, inuentou a malicia humana um ardil, pera elles ficarem com tudo, & Elrey cõ nada, fazendo muitas despezas cõ aquella fortaleza, & com os Galeoens, q̄ todos os annos mandaua a ella cõ prouimentos, & foi este.

Que o crauo que os capitaens & officiaes, & mais pessoas embarcauã em seus galhados, sem ser carregado no liuro da nao, por ser forro (pellas liberdades & licenças) este era todo limpo, & de cabeça muito escolhido antre todo: & o outro que se metia debaixo das cubertas, carregado no liuro da nao, de

de que a Elrey auia de vir a terça parte, era o fujo, todo madre & bafião, q̄ valia as tres partes menos. No que Elrey começou a sentir tamanho engano, & tantas perdas, que deu por regimento ao Visorrey dom Afonso de Noronha, q̄ nenhũa pessoa embarcasse, nem comprasse em Maluco crauo algũ, se não limpo, & de cabeça, & que se desse aos mercadores mais a cinco pardaos por bar, alem do q̄ lhe a elle vinha de seus terços, pella quebra que em o alimpar tinhaõ. Sobre o que o Visorrey passou vm aluara pera se pregoar em Maluco, que mandou por dom Garcia de Meneses (que o anno atras passado despachou com a capitania d'aquella fortaleza, & por morrer na guerra de Malaca ficou a Gomez Barreto, capitão da sua Carauela.) E porque ainda com tudo isto não faltauão modos de furtarem a Elrey (a quem nunca luzia aquelle comercio, & por antre as mãos se lhe sumia quasi tudo) que rendo o Visorrey que todauia ouuesse Elrey os proueitos d'aquellas ilhas, pois as despezas eraõ todas suas: contratouse com Diogo de Sousa por esta maneira. Que pellos terços & choques que pertenciaõ a Elrey de todo o crauo que trouxesse no seu Galeão, desse coatrocentos & cincoenta bares. s. duzentos & cincoenta bares liquidos pera Elrey, & os duzentos pera as pessoas que tiuessem liberdades

per prouisoens do Visorrey: & q̄ na dita conta não entrariaõ os bares que viessem nos gafalhados delle capitaõ, & dos officiaes do Galeão, nem do Patraõ mór, & outros, que elles tirariaõ forros. Nesta companhia despachou o Visorrey a dom Aluaro de Tayde da Gama, filho do Conde Almirante que descobrio a India, por capitaõ mór do mar de Malaca, & de todas aquellas partes, com grandes poderes: por que como elle entrava na capitania de Malaca a pós dom Pedro da Sylua da Gama seu irmaõ, que lá estaua, quis ir diate vm anno que ainda lhe faltaua, por se tirar de gastos & despezas. Despachados estes capitaens de raõ á vela em Abril, & foraõ seguindo seu caminho, em que os deixaremos a te seu tempo: por cõtarmos o que neste socedeo em Ceilaõ, por não fazermos capitulo por si.

Partido o Visorrey de Ceilaõ, tratou dom Ioaõ Anriquez de prender Tribuly Pandar, pay d'Elrey, como lhe deixou por regimento o Visorrey: o que sabido por Elrey meteo a mão nisso, & pediolhe q̄ não bolisse com seu pay, & que dissimulasse com elle por entaõ, por que era necessario tornarem-se a ajuntar pera contra o Madu-ne, que estaua ja em Ceitauaca reformado, & com grande poder. Parececolhe a dom Ioaõ bem o que lhe Elrey pedia, & lhe deu seguro pera

pera o pay se vir pera a Cota, pera se concertarem sobre a guerra, que se auia de fazer ao Madune. Elrey o escreueo ao pay, & o mandou chamar. Esteue o Tribuly nas sete Corlas, a onde reinaua vm seu primo com irmão, com que tinha concertado casar Elrey seu filho com hũa irmã do primo, pera assi ficarem todos liados contra o Madune. Sabendo isto o capitaõ dõ Ioão Anriquez estimouo muito, & concertouse com o Tribuly Pandar, que partisse elle com o Principe das Corlas, com todo o poder contra o Madune, & que elle com Elrey seu filho, & o seu Camareiro mór iriaõ pella via de Calane, & que assi lhes não poderia escapar. Feitos estes concertos, começandosse a preparar pera a jornada vns & outros, adoeceo dom Ioão Anriquez de hũa infirmitade graue de que faleceo, ao primeiro de Mayo. Socedeolhe Diogo de Mello Coutinho, ou por regimento que se achou, ou por eleição, que isto não podemos aueriguar bem, que ficou continuando com suas obrigaçoens, fazendo ao Madune toda a guerra que pode, não tratando da liga que estaua feita contra elle, com o Tribuly Pádar, & o Principe das Corlas: antes determinou de prender Tribuly Pádar, como o Visorrey tinha deixado por regimento, & assi o prendeo como adiante se verá.

## CAPITULO XX.

*De como Bernaldim de Sousa foi contra Elrey de Tidore, & lhe fez derribar a fortaleza: & das defauenças que teue com dom Rodrigo de Meneses: & das cousas que mais socederaõ a te se embarcar pera a India.*



DEPOIS de Bernaldim de Sousa dar fim ás cousas de Geilolo, como temos dito no capitulo treze do nono liuro, quis tambem fazelo ás de Tidore, porq̃ estaua muito pejado com a fortaleza q̃ aquelle Rey tinha feito, pello que determinou de lha ir derribar, tanto q̃ conualecesse, & o tempo lhe offercesse algũa boa occasiaõ pera isso, que lhe não tardou muito: q̃ foi partirse aquelle Rey com a sua armada pera as ilhas dos Cellebes ás prezas, deixando a sua ilha encomendada a Elrey de Ternate seu genro & cunhado. Tanto que o capitaõ foi auisado de sua ida mandou chamar Elrey, tendo consigo todos os capitaens & caualeros principaes que auia naquella ilha, & lhe disse, que pera Elrey de Portugal ser de todo seruido era muito necessario desmancharse a fortaleza de Tidore, por que se ficaua em pé indosse elle d'aquella terra,

terra, ficaua a vitoria que tinhão auido de Geilolo imperfeita: por que estaua muito entendido, que aquelle Rey trataua com aquella fortaleza algũa nouidade, por que se elle era amigo do Estado & do seruiço d'Elrey de Portugal: não tinha de que se recear nem pera q̄ se fortificar, & se pello contrario não era razão que se lhe dissimulasse com aquelle negocio: porque depois quando se lhe quisesse acodir, poderia ser que não podesse. E que agora que aquelle Rey era fora se poderia aquillo fazer muyto bem: que lhes pedia lhes dessem nisto seus pareceres. A isto tomou a mão Elrey, & lhe disse, que não parecia couza licita entrar ninguẽ na casa alheya, em quanto o dono da pousada não estaua nella, nem iremlha deuassar: que aquelle Rey era seruidor d'Elrey de Portugal, & qua faria o que comprisse a seu seruiço: que o deixassem tornar, q̄ elle lhe faria derribar a fortaleza, sem se meter outro cabedal. Vendendo o Capitão Elrey tão arzezado, penhorouo pella palaura, dádolhe a entender que pello seruir esperaua ate elle vir.

Vindo dahi a algũs dias o Rey de Tidore da sua jornada, se embarcou logo Bernaldim de Sousa em Corocoras, & leuou cõsigo Elrey, & dõ Rodrigo de Menezes, & dõ João Coutinho, & outros Capitaes em Corocoras, & nos bateis dos Galeoës, & foi sorgir sobre o porto

de Tidore. Vêdo Elrey aquella armada, & sabêdo estar ali o capitão, o mādou logo visitar por dous irmaõs seus bê acompanhados: & a darlhe os perabens de sua vinda. E q̄ se mandaua delle algũa couza, q̄ estaua prestes pera fazer tudo, como seruidor q̄ era d'Elrey de Portugal. Bernaldim de Sousa lhe mādou dizer, que não vinha a mais que a visitalo, & saber delle se mādaua em que o seruisse. E que pois elle se mostrara sempre tanto seruidor d'Elrey de Portugal, que lhe pedia, q̄ mandasse derribar aquella fortaleza que tinha feito, pera mostrar que o que dizia não era fingido, que se se temia d'alguem, que os capitaens que Elrey tinha na fortaleza de Ternate, o defenderião de todo o mundo, como o seu Rey lhes mandaua: q̄ aquillo era mostrar desconfianças da amizade & fidelidade dos Portugueses. Elrey de Tidore tornou a mādardizer ao capitão, que elle estaua prestes pera fazer tudo o que fosse seruiço d'Elrey de Portugal: mas que aquella fortaleza não auia que lhe perjudicaua em couza algũa, porque elle a não fizera se não por amor dos Reys seus visinhos, se algũa hora tiuesse contendas com elles: & que por cima de tudo estaua prestes pera fazer o q̄ fosse justo.

O capitão não ficou contente da resposta, & pedio a Elrey de Ternate que se fosse ver com Elrey seu

seu genro, & que o persuadisſe a derribar a fortaleza, pois sobre ſua palaura esperara pera ter com elle aquelles comprimentos. Elrey aſſi o fez, & em tres dias que durarão eſtas dilaçoens, foi a terra algũas vezes, & ſe vio com aquelle Rey, persuadindoo a fazer o que lhe pedia o capitaõ, dandolhe muitas rezoês pera iſſo. E por fim de todas as praticas lhe diſſe o Rey de Tidore, que elle tinha vôtade de o ſatisfazer: mas que deixaua de o fazer, por receos que tinha de dous ſobrinhos ſeus, filhos de ſeu irmaõ Cachil Rade, que eraõ de contrario parecer, & que lhe tinhaõ dito que tal não auiaõ de conſintir: porque aquella fortaleza fora feita por ſeu pay, & que elles a queiraõ ſuſtentar, que ſe lançaſſe elle de fora d'aquelle negocio. E que alem diſſo, ſeria muito grande afronta entregarem na ſem primeiro pelejarem, como fizeraõ os Geilolos.

Eſta repolta deu Elrey ao capitaõ, que o tornou a mandar perſua dir a derribar aquella fortaleza, q̃ ſe não regeſſe pellos ſobrinhos naquelle negocio, porq̃ aquillo cheiraua a tyrannia, & q̃ parecia pretêderem aleuantaremſe contra elle, & por iſſo queraõ ter aquella força em pê pera ſeu recolhimento. E a voltas deſtas rezoês, & outras, lhe mãdou fazer requerimêtos & ameaças, & logo mãdou lâçar pregaõ, q̃ nenhũa peſſoa ſaiſſe a terra

ſo pena de morte, porq̃ até entãõ yaõ os ſoldados à cidade, & Elrey de Tidore ſe mãdara queixar d'alguns deſmãchos q̃ elles faziaõ: Ao que lhe mandou dizer, que ſe os là achaffe que os mataſſe: & que também defendeſſe aos Tidores que não viesſem à praya, por não trauarẽ deſgoſtos com os Portugueſes, porque ſe os viſſe nella, também os auia de mandar matar. Iſto foi ardil de Bernaldim de Souſa, porque os poços donde bebiaõ os da cidade eſtauaõ na praya, & por aquella maneira lhe quera defender a agoa, porq̃ outros poços q̃ na ilha auia eſtauaõ mûy longe. Sobre eſtes pregoês não deixaraõ de ſair a terra algũs ſoldados. E dizêdo ao capitaõ q̃ andauaõ algũs na praya, ſe meteo em hũa embarcaçaõ pequena com grande paixãõ, & chegando à praya vio nella Dõ Rodrigo de Meneses, & chegando perto d'elle lhe diſſe alto.

Ah ſenhor Dõ Rodrigo de Meneses, cõtra o meu pregaõ ſais em terra, tendo mais obrigaçaõ de o guardar q̃ todos, pera exêplo? embarcaiuos logo. Dom Rodrigo de Meneses como não andaua muito goſtoſo d'elle, lhe reſpondeo q̃ logo ſe embarcaria: acrecêtaõ mais, como? os homês não aõ de fazer ſeus feitos? Bernaldim de Souſa que ſe ya ja afaſtando, ouuindoo lhe reſpondeo, fazeios & ſeja pera vos. Ouuindo iſto Dom Rodrigo, reſpondeo com o conſoante. E encõtrando

trando o capitão ao Ouuidor lhe disse que fosse tomar a menagem a dom Rodrigo de Meneses, pera que não fuisse da sua embarcação, que dom Rodrigo lhe não quis dar, nem deixar assinar no termo que o Ouuidor disso fez, a Christouão de Sousa, & Antonio de Lacerda, que estauão presentes. Isto foi dizer o Ouuidor ao capitão q̄ voltou logo, tomando hũa espada & hũa rodela que lhe leuaua vm pagem, & chegou a Christouão de Sousa, & Antonio de Lacerda, & lhes fez assinar o termo, & se foi á Corocora de dom Rodrigo pera opprender, & elle se lhe pôs armado a bordo, dizendolhe que não entrasse no seu nauio, que era tão bom fidalgo como elle, & q̄ o não quisesse enxoualhar: mas todavia remetêdo Bernaldim de Sousa, lhe disse vm Afonso Figueira q̄ com elle ya: tendeuos senhor iuos armar, & fazey o que vos cumpre, & não vos aconteça vm desastre. Bernaldim de Sousa se tornou á sua Corocora á armar, & disse a Gabriel Rabello, que estaua nella, que se fosse com hũa Corocora pôr em hũa calheta do arrecife, & a Baltezar Velloso em outra, pera que dom Rodrigo se não podesse sair pera fora.

Dom Rodrigo de Meneses tanto que Bernaldim de Sousa voltou pera a sua Corocora se meteo em vm Parao, & se foi saindo do arrecife, & disse aos seus soldados que

o seguissem na Corocora. Baltezar Velloso vendo ir assi dom Rodrigo, bradou pella lingua aos marinheiros que se lançassem ao mar, como fizerao, ficando dom Rodrigo de Meneses só no Parao. No mesmo tempo á reuolta que auiz perguntou Elrey de Ternate o q̄ era: & dizêdolhe que dom Rodrigo de Meneses não queria obedecer ao capitão, lanço use a hũa Corocora, & pôs ao remo filhos & parentes, & foi remando cõ grande furia pera onde ya dom Rodrigo de Meneses, dizendo, contra o capitão d'Elrey meu senhor? & vendo que dom Rodrigo endireitaua pera a terra, lhe bradou: Ah senhor dom Rodrigo meteiuos aqui comigo, & foilhe tomando a dianteira: por que receou que se se fosse a terra se passasse ao Rey de Tidore, & desmanchasse tudo o q̄ estaua feito (por que tinha aquella tarde assentado com elle q̄ derribasse a fortaleza, do que Bernaldim de Sousa não tinha ainda recado.) Dom Rodrigo de Meneses vendo Elrey perto mandou chegar a Corocora, & se meteo cõ elle, & ao mesmo tempo chegou o capitão, & receando algũa desauentura lhe bradou Elrey que não chegasse, que elle tomava dom Rodrigo sobre si. Bernaldim de Sousa se deteu, & tornou a voltar, & dom Rodrigo se foi meter na sua embarcação, sem sair mais a terra.

Elrey de Ternate ſe tornou pera terra, & acabou com Elrey ſeu genro que ſe viſſe na praya com Bernaldim de Souſa, como fez a meſma tarde, indo com o capitão, dom Ioão Coutinho, & outros dous ou tres capitaens. E chegando a terra o abraçou Elrey, & lhe prometeo de derribar a fortaleza, pois elle tinha nella pejo: O capitão lhe fez grandes comprimentos, & foi logo indireitando pera a fortaleza, o que Elrey quis eſtoruar, por que receua que oueſſe algũa reuolta antre os ſobrinhos, contra cuja vontade conſentia no que o capitão queria, & aſſi o diſſe a Bernaldim de Souſa. Mas elle parecendo que com aquella conſiança os obrigaria, & ſeguraria, foi ſeu caminho ſempre no meyo d'ambos os Reys, & ſobio acima da fortaleza, & a vio, & notou, & logo ſe tornou a ſair, & com os Reys ſe aſſentou fora, & ali concluireão as pazes de nouo, & aſſentaraõ que ao outro dia ſoſſe Balteſar Velloſo derribar algũas pedras, em começo do concerto, & que Elrey a derribaria depois toda: com iſto ſe despediraõ com grandes corteias & cóprimentos.

Ao outro dia deſembarcou o capitão com Elrey de Ternate, & Elrey de Tidore os eſperou na praya, & todos ſe aſſentaraõ á ſombra de hũas aruores. D'ali deſpidiraõ Cachil Muneray, irmão d'Elrey de Tidore, & cõ elle Francisco

Carualho, & Manoel Carualho, mercadores q̄ reſidiaõ em Tidore, pera q̄ foſſem dizer aos q̄ eſtauaõ na fortaleza, que ſe não aluoroçaſſem com couſa algũa: & a pos elles mandou Balteſar Velloſo com hũa ſoma de pedreiros, pera irem derribar algũas pedras da fortaleza. Cachil Muneray ſobio acima ſó, & tornou a decer mũy apreſſado, dizêdo, q̄ encima eſtauaõ todos poſtos em armas, & q̄ ameaçauaõ a quãtos lá ſobriſſe: cõ iſto voltaraõ todos, & ecõtrãdo Balteſar Velloſo lhe deraõ cõta d'aquillo: & tornãdoſe pera o capitão lhe diſſeraõ o q̄ vira Cachil Muneray. O capitão enfadado diſſe a Balteſar Velloſo, ſe quer vos, credes iſto: ora tornay lá, & matéuos. Balteſar Velloſo virou cõ muito animo, & entrou na fortaleza q̄ achou despejada (porque tudo eraõ inuêçoës de Cachil Muneray, pera ver ſe podia impedir aq̄lle negocio) & pôdo as maõs á obra, derribou do alto dos muros algũas pedras, & tornouſe pera o capitão.

Feito iſto deſpidioſe Bernaldim de Souſa d'Elrey, & ſe tornou pera Ternate, muito amigo cõ o Rey de Tidore, & dõ Rodrigo de Meneses ſe paſſou pera Talangame, por ſer auifaado que trataua o capitão de o préder. Ao outro dia ſoube Bernaldim de Souſa q̄ era ido, & por eſta rezaõ ſe embarcou em algũas Cororas, & ſe foi a Talangame, & do mar mandou o Ouuidor que foſſe prender

prender dō Rodrigo de Meneses: mas elle como se temia védo chegar aquellas Corocoras, logo entendeo o que era, & se começou a pôr em armas com determinação de se defender, o que os amigos q̄ com elle estauão lhe estoruaraõ, dizendolhe que se perderia de todo: antes se saíffe de casa pera vm mato que ali estaua perto, & que furtasse o corpo á paixao do capitaõ: porque pella vêtura logo lhe passaria. Elle o fez assi, saindosse de casa á vista do Ouidor, & de Baltezar Velloso, que desimularaõ. E chegando a sua casa, & não o achãdo se tornaraõ ao Capitaõ, que desembarcou, & se foi assentar á sua porta, & lhe mandou fazer inuentairo da fazenda que se lhe achou, & fez recolher os aparelhos da Carauela, que ali se estaua concertando, porque determinaua de lha tirar. Dom Rodrigo de Meneses foy auisado que o Capitaõ lhe deuasua sua casa, & auendoo por grande afrõta, quis ir dar nelle, mas foy impedido pellos mesmos amigos, dizêdolhe que tinha varada a sua Carauela, & que não tinha a onde se recolher fazendo algum desaranjo, com o que sobrestue. Bernaldim de Sousa depois que fez o inuentairo, & depositou o que achou em mão de pessoa abonada, se tornou pera a fortaleza, & no caminho encontrou Elrey que acodia por não auer algum desastre: & voltou com o ca-

pitão que logo procedeo judicialmente com dom Rodrigo de Meneses, & à sua reueria o sentenceou em alguns annos de degredo, o q̄ fez apressadamente, porque espenua por capitaõ.

E vindo a moução de se partiré os Galeoens pera a India, se embarcou dom Ioão Coutinho na entrada do mes de Feuereiro passado: & com elle dom Rodrigo de Meneses, & juntamente se fizerão à vela, & a nao de que era capitaõ Christouaõ de Sousa capitaõ d'aquellas viagens, que auia dous annos que estaua ali esperando pella moução de crauo: & assi a Carauela de que era capitaõ Manoel Boto, que todos forão carregados, porque foi a novidade do crauo grande. Ficou Bernaldim de Sousa muito enfadado de lhe tardar recado da India, & despidio duas Corocoras, em que ya Rafael Carualho, pera que fosse a Banda a saber se auia algum recado da India, & elle ficou entendendo em derribar a fortaleza de Tidore, o que acabou com muito trabalho. Rafael Carualho chegou a Amboino, & achou naquelle porto Gemez Barrero na Carauela de dom Gracia de Meneses, que dom Pedro da Sylua da Gama capitaõ de Malaca tinha despedido com prouimentos, como atras dissemos no capitulo nono de liuro nono, & voltou em companhia de Gemez Barreto.

Chegados a Ternate, festejou Bernadim de Sousa muito as novas da victoria que dom Pedro da Sylua da Gama ouue dos imigos, & vendo as cartas do Visorrey, soube por ellas como Elrey lhe tinha feito merce da capitania de Ormuz, em que logo entrava, escreuendolhe que se fosse, & entregasse a fortaleza a dō Garcia de Meneses: & vendo que faltava dom Garcia de Meneses, & que sem duvida acharia em Malaca Francisco Lopez de Sousa seu primo (que ja o año passado ficara no reyno despachado com aquella capitania, pera se embarcar) não quiz mais esperar ali: & entregou a fortaleza a Baltezar Velloso, velho de setenta annos, & casado com hũa meya irmã d'Elrey, & despedindosse del se embarcou em algũas Corcoras, & se foy a Amboino, a onde ainda estauão os nauios de dom Ioaõ Coutinho, & os mais que tinhaõ partido de Ternate, & embarcouse na Carauella com Manoel Boto, a onde esteue a tè ser moução, sem desembarcar em terra, por se não encontrar com dom Rodrigo de Meneses, porque se ficou temêdo d'elle. Vindo a moução se partirãõ todos pera Malaca, aonde Bernadim de Sousa achou já seu primo Francisco Lopez de Sousa, que ya entrar na capitania de Maluco, que elle festejou muito, & em Malaca ficaraõ a tè a moução.

CAPITULO XXI.

Do que aconteceu as naos que partirãõ pera o reyno: & da desauenturada perdição do Galeaõ Saõ Ioaõ na costa da Cafraria.



ARTIDAS as naos de Cochim, foraõ se guindo sua viagem, & as quatro dellas posto que acharãõ

temporaes foraõ a Portugal: das outras duas, saõ Ieronymo, de que era capitaõ Lopo de Sousa, desapareceo no caminho, sem se saber, nem se sospeita a tè oje a onde. O Galeaõ saõ Ioaõ, de que era capitaõ Manoel de Sousa de Sepulveda, foi auer vista da terra do cabo de boa Esperança, em trinta & dous graos, com vento bonança: & de longo d'elle foi correndo até o cabo das agulhas, taõ chegados à costa, que sempre foraõ com o prumo na mão. Aos doze dias de Março se acharãõ Nordeste, Sudeste, com o cabo de boa Esperança vinte & cinco legoas ao mar d'elle. O dia que elles cuidauão q̄ passariaõ o cabo á outra banda se lhe mandou o vento a Oefle, & a Oesnoroeite: & começouse a taldar o Ceo com tamanhas carrancas, & suzijs, que logo mostraraõ sinaes da ira de Deos. E como era perto da noite, & o vento vinha já

carre-

carregando, foraõ arribando, porq̃ não tinhaõ mais velas que as que leuauaõ enuergadas, & ainda essas taõ velhas, que isso foi causa de sua perdiçaõ: porque em as remediar & cozer (pellas muitas vezes que se lhe romperaõ) gastaõ muito tempo, & perderaõ muito caminho: & assi foraõ arribando com pouca vela, & tornaraõ a desandar cento & trinta legoas, a tè que o vento tornou a Nordeste taõ furioso, que os fez outra vez voltar pera o Sul: & com os mares que vinhaõ feitos do Ponente, & com os que o Levante vinha alevantãdo, ficaraõ taõ cruzados, & soberbos, que o Galeaõ com ser o mayor nouio que andaua na carreira, os não podia sofrer, & pellos bordos ambos se ya alagando: & assi quasi perdidos, & com as bombas nas mãos foraõ correndo tres dias vendosse cada hora de todo perdidos, & alagados. No cabo ao coarto lhe encalmou o vento, & ficou o mar taõ grosso, & trabalhou o Galeaõ tanto, que lhe quebraõ tres machos do leme, em que entranaõ dous do pollegar, q̃ saõ os mais necessarios, & que mais sustentãõ o leme: o que ninguem soube senão o carpinteiro, que por ordem do Mestre (que era vm Christouaõ Fernandez, velho muito honrado) o não disse a pessoa algũa, por não desacoraçarem os homens.

Estando com este trabalho, tor-

nou a saltar o vento a Leste, & tornando-lhe a virar a popa, lançando-lhe o leme á banda, não lhe acodio a nao, antes toy aguçando de lò: & como o vento era rijo, leuou-lhe o papafigo da verga grande, com o que acodiraõ os officiaes a tomar o da proa, porque o não perdessem: & antes quiteraõ ficar de mar em trauez, que lem algũa vela. E em a tomando se atravesou o Galeaõ, a que deraõ tres mares taõ grossos, que com os balanças rebentaraõ todos os aparelhos, & costeiras do masto grande, da banda de bombordo, ficando-lhe sò tres. E por que o mar os comia tropeaua tanto, que não auia homem que se podesse ter em pè, pera acodir as cousas necessarias, assentaraõ que se cortasse o masto, porque lhe abria o Galeaõ, & assi o começaraõ a fazer: & em lhe dando as primeiras machadadas o viraõ arrebentar por cima das polés das coroas: & como se fora hũa cousa muito leue deu o vèto com elle ao mar com todo aquelle pezo da gauea, & mastareo, & acodindo á enxarsea lha cortaraõ, por que com as pancadas lhe não abrise o Galeaõ. Vendosse sem masto, no pedaço que ficou, armaraõ vm mastareo de hũa entena, com suas arreataduras, & guarneceraõ hũa verga: & da vela velha com alguns pedaços de outras, fizeram hũa que enuergaraõ, & deraõ a ella: mas o Galeaõ por falta

## *Sexta Decada. Da historia da India.*

dos machos do leme, não lhe quis gouernar, & acodiraõ às escotas, cõ que se ajudauão, & foraõ así piadosamente correndo. O vento foi crescendo, & a nao foi metendo de ló, até se pôr toda a corda, & o vento lhe tornou a levar a vela grande, & a da gauea, ficondolhe o Galeaõ todo atreueffado, com tamanhos balanços, que perdeo de todo o leme, ficandolhe os machos metidos nas femeas. E não bastando estes trabalhos (porque parecia que estaua tudo conjurado contra elles) começou o Galeaõ a abrir algũas agoas com q̃ o Praõ se começou a encher.

E por que de todo se não perdessem, acodiraõ ao masto grande pera o cortarem, porque os não abrisse, mas tirouos desse trabalho ṽm mar siue lhe deu, que foi tal, q̃ lho cortou pellos amboretas, como ṽm pepino, & deu com elle ao mar pella proa: & da pácada que deu no goroupés, lho lançou fora da carlinga, & lho meteo por dẽtro na nao quasi todo: & así ficaraõ sem leme, sem masto, & sem velas: & o Galeaõ lãçado no bordo da terra, de que poderiaõ estar quinze a tè vinte legoas: & acodindo os officiaes, & todos os mãs com muita diligencia, repartidas as cousas começaraõ a fazer ṽm leme, & guarnecer hũa entena pera masto grande: & a fazer velas das roupas dos mercadores, q̃ lenauã na nao, no que gastaraõ dez

dias, & depois de tudo acabado meteraõ o leme, & dando as velas não quis a nao gouernar, porque lhe ficou o leme estreito, & curro.

A este tempo ouueraõ vista da terra (porque naquelle dia que estiueraõ atraueffados, os forã as correntes, & os ventos rolando pera ella) era isto a dozoyto de Junho. Vendosse Manoel de Sousa de Sepulueda taõ perto da terra, tomou parecer com os officiaes sobre o q̃ fariaõ: & assentaraõ que já não auia outro remedio senão vararem & tratar de saluar as vidas, & que fossem así tè dez braças, a onde forgiriaõ, & no batel se poria toda a gẽte em terra. Determinado isto lançaõ hũa manchua ao mar, em que mandaraõ alguns marinheiros de recado, pera irem ver a terra, & notarem a onde aueria bõ desembarcadouro, o que elles fizeram, & a nao foi rolando pera a terra com quinze palmos d'agoa no Praõ. E indo así menos de legoa da terra, tornou a manchua, & disseraõ os marinheiros, que de frente tinhaõ hũa fermosa praya aonde só podiaõ desembarcar, por que tudo o mais eraõ rochas, & penedias alperisimas, & que não auia materia algũa de saluação. E como deixaraõ a praya marcada pella agulha foraõ gouernando o melhor que poderaõ pera ella, & chegaraõ a tè sete braças de fundo a onde forgiraõ, & logo botaraõ o batel ao mar, & botaraõ outra  
ancora

ancora á terra ja com o vento mais bonança, & estariaõ della dous tiros de besta. Manoel de Sousa de Sepulueda tomou conselho com todos sobre o que seria milhor, & assentaraõ que se puzesse em terra, & que se fortificassem, & q̄ das cousas da nao fizessẽm vm caraue laõ em que se podessem ir pera Cofala, ou Moçambique, ou mãdarem recado pera os virem buscar, & que se posesse cobro nas armas, & em algũa ropa preta, q̄ era o com que auiaõ de resgatar o que ouessẽm mister.

Assentado isto, poseraõ em cima as armas, & todos os mantimẽtos, poluora, & roupas: & logo se se embarcou Manoel de Sousa no batel com sua molher & filhos, & perto de trinta pessoas principaes, em que entrauaõ Pantaliaõ de Sá, Tristaõ de Sousa, Amador de Sousa, Diogo Médez Dourado de Seruual, Baltesar de Siqueira, & outros: & com algũas elpingardas & armas se poseraõ em terra, & tornou o batel a desẽbarcar os mais, & o mesmo fez a manchua, & assi fizeraõ tres ou coatro caminhos: & em vm delles se alagou a manchua, & se afogaraõ alguns homẽs, em que entrou vm filho de Bernardo Rodriguez. O Mestre & Piloto estiuerãõ sempre na nao a te se desembarcar tudo: & acertou de quebrar a amarra do mar, auẽdo ja tres dias que estauãõ surtos, pello que se embarcaraõ no batel

ja com tanto trabalho, por vir crescendo o vento, que chegou a terra feito pedaços, ficando na nao perto de quinhentas pessoas, em que entrauaõ duzentos Portugueses cõ o contra Mestre, & Guardiaõ.

Vendosse os da nao sem batel, largaraõ a amarra do mar, & forãõ alando pella da terra, a te assentar a nao no fundo, & como deu nelle logo se abrio em duas partes, & d'ahi a menos de hũa hora se abrio toda, vindo toda a caixa-ria acima. Os da nao se lançaraõ as caixas & tauoas: & das pancadas & afogados morreraõ corenta Portugueses, & setenta escrauos, & todos os mais foraõ a terra com muitas feridas dos paos, & pregos, & a nao em menos de duas horas se desfez toda de feiçaõ, que não foi a terra ter tauoa, nem pao, que passasse de hũa braça.

## CAPITVLO XXII.

*Do que fez Manoel de Sousa de Sepulueda, depois de estar em terra. E do que lhe acon-teceo no caminho. E da muito piadosa, & lastimosa morte de sua molher & filhos: & de como elle se meteo pello mar onde desapareceo.*



**P**OSTOS todos em terra, vêdo Manoel de Sousa perdidas as esperanças de poder fazer o caravelaõ, por não auer de que, por q̃ o mar destroçou a nao como dissemos: assentou por conselho de todos iré buscar o rio de Lourenço Marquez, a onde todos os annos vinhaõ nauios de Moçambique ao resgate do marfim. E por que auia muitos feridos, & doentes, entrunqueirouse pera esperar ate todos sararem: porque ali tinhaõ agoa, & mantimentos que da nao salua-raõ. E auendo tres dias que ali estauaõ, lhes appareceraõ noue Cafres em cima de vm monte, a onde estiuerã duas horas, & se tornaraõ sem poderem auer fala delles. E parecendo bem a Manoel de Sousa, se fosse descobrir se auia alguma pouoação perto, & se achauaõ alguns mantimentos, despidio a isso vm mulato marinheiro com vm Cafre pera falar a lingua. Estes andaraõ pella terra dous dias, sem acharem mais que hũas casas palhaças despouoadas, por q̃ parece que os moradores dellas fogiraõ de medo dos nossos.

Depois disto lhes appareceraõ sete Cafres sobre aquel outro, que traziaõ hũa vaca presa, & acenando os nossos deceraõ abaixo, & Manoel de Sousa se apartou com coatro homens pera lhe ir falar, & pera os segurar, como fez, de fei-

ção, que os trouxe a te o arrayal, & mostrandolhe pregos folgaraõ de os ver, & pondose a preço com a vaca, appareceraõ no outro outros cinco Cafres, q̃ falaraõ a estes pella lingua, & em os estes ouuindo, largando tudo, & tomando a sua vaca se foraõ recolhendo.

Manoel de Sousa de Sepulueda posto que tinha necessidade a deixou leuar, por que os não quis escandalizar. Ali estiuerã dez dias em que a gente conualeceo, & vêdoos Manoel de Sousa saõs, & em estado que podiaõ caminhar lhes fez hũa breue exortação, em que os animou aos trabalhos, lembrandolhes a merce que Deos lhes fizera em os não afogar no mar, & que elle que os posera em terra, teria cuidado delles, pedindolhes muito a todos que o não desemparassem, nem deixassem só, posto que elle não podesse caminhar tão to por causa de sua molher & filhos, o que todos lhe prometerã, & assentaraõ q̃ caminhassem sempre de longo da praya, por que era melhor caminho, & assi se comecaraõ a pôr na ordem seguinte.

Manoel de Sousa de Sepulueda com sua molher & filhos & oitenta Portugueses, & sem escrauos na vanguarda: & na dianteira d'elle o Mestre & Piloto; com todos os homens do mar, com hũa bandeira, & vm crucifixo erguido. Na retaguarda Pantaliaõ de Sá, com todos os mais Portugueses, & escra-

uos, que seriaõ perto de duzentas  
pessoas. Nesta ordem se apartaraõ  
d'aquelle lugar em que deraõ, que  
estaua em trinta & vm graos do  
Sul aos sete dias de Iulho. E come-  
çaraõ a caminhar indo dona Lia-  
nor em vm andor às costas dos  
Cafres: & andaraõ todo aquelle  
mes com muito trabalho, que em  
todos aquelles dias não comraõ  
mais que arroz, & algũas frutas  
do mato, sem acgarem cousa que  
resgatar: & yaõ taõ fracos, que de  
não poderem andar ficaraõ por es-  
ses matos dez ou doze pessoas, &  
no fim deste mes não tinhaõ an-  
dado pella costa mais que trinta  
legoas (passando de cento as que  
rodearãõ, por causa de rios, & de  
outros incõuenientes.) Este dia de-  
rãõ rebate a Manoel de Sousa de  
Sepulueda q̃ lhe ficaua atras perto  
de meya legoa vm filho seu ba-  
stardo de idade de dez annos, que  
caminhaua às costas de vm Cafre,  
que assi elle, como o minino cai-  
rãõ no chão de fracos da fome.  
Manoel de Sousa de Sepulueda se  
deteue, & prometeo quinhentos  
cruzados a quem lho fosse buscar,  
o que ninguem quis fazer por ser  
ja noite, & auerem medo das ali-  
marias brauas, que por todo aquel-  
le caminho acharaõ. Isto sintio  
este fidalgo tanto que esteue pera  
endouecer, & encomendando a  
Deos foi seguindo seu caminho, a  
onde tambem lhe ficou Antonio  
de sam Payo, sobrinho de Lopo

Vaz de sam Payo, & cinco ou seys  
Portugueses outros, & alguns es-  
crauos: & assi todos os dias daqui  
por diante lhe ficauãõ duas & tres  
pessoas de não poderem comsigo,  
que logo erãõ comidas dos Ti-  
gres, & pera ficar se apartauãõ dos  
que caminhauãõ com tão grandes  
lastimas, que não auia coraçãõ que  
se não enternecesse, & que não seu-  
tisse mais aquillo, que os traba-  
lhos em que todos se viaõ, q̃ eraõ  
bem grandes.

Neste caminho pelejaraõ al-  
gũas vezes com Cafres, que sairaõ  
aos saltar, a quem sempre fize-  
rãõ afastar bem escandalizados:  
& em vm assalto que foi aperta-  
do matareaõ com hũa azagaya  
Diogo Médez Dourado, que sem-  
pre nas brigas se apresentaua diã-  
te de todos fazendo maravilhas.  
E como a fortuna nunca come-  
ça por pouco, nam faltou genero  
de tormento que estes perdidos  
nam passassem: porque quando  
achauam frutas nos matos, ou  
cranguejos & peixe nas prayas que  
o mar lançaua fora, que elles comi-  
am por banquete, faltaualhes a  
agoa, que he mal sem reparo: &  
aconteceo venderse vm quartilho  
della por dez cruzados. E porque  
a cobiça dos homens ate no estre-  
mo nam deixa de fazer seu officio,  
nam faltaram algũs que se metiam  
pello sertam, arriscados a todo o  
perigo, a buscar agoa pera ven-  
derem: & assi em vm caldeiram,  
que

que leuaria quatro canadas (porq̃ não leuauão outra vasilha mayor) fazião cem cruzados, & Manoel de Soufa de Sepulueda lho compra, & por sua mão repartia a agoa igualmente, não tomando pera si mais, antes da sua razão partia com dous filhinhos de peito, que lhes leuauão escrauos, & escrauas.

E por que nunca faltassem auentureiros que fossem buscar esta agoa, não lhe punha preço, se não o que elles querião. Desta maneira, & com estes trabalhos & outros (que nossa historia não sofre particularizar) caminharão dous mezes & meyo, ate se meterem pello sertão, porque totalmente pello caminho da praya lhe ja faltando tudo: & chegou o estremo a comerem alimarias que achauão mortas pellos matos: & ouue pessoas que se sustentarão com pòs de ossos torrados de que fazião algum bolo, & algũas papas. E chegou a cousa a se comprar hũa pelle de cabra seca por quinze cruzados, que se lançou de molho & se comeo.

No cabo de tres mezes chegarão à terra de hum Rey chamado Oinhaca, que viuia ja perto do rio do Spirito sancto, que era vm homem grande, bem assombrado, velho, com hũa veneranda barba toda branca: & por ter algum parecer com o Governador Garcia de Sà, lhe poserão o seu nome,

Lourenço Marques, & Antonio Caldeira, que forão os primeiros Portugueses que por aquella paragem andarão: & assi era homem de muito boa condição, & amigo dos Portugueses. Este Rey sabêdo dos que vinhão perdidos, os foy buscar, & agasalhou na sua pouoação: & sabendo a determinação de Manoel de Soufa de Sepulueda que era passar auante, lhe pedio q̃ o não fizesse, & se deixassa ficar a te vir o nauio do resgate de Moçambique onde se poderia ir, & q̃ entre tanto lhe daria tudo o que na sua terra ouuesse: & que não tratasse d'outra cousa, por que se passasse d'ali auia de ser roubado, & mal tratado de vm Rey que viuia adiante chamado Ofumo, que era mau homem. Manoel de Soufa lhe agradeceo o conselho, mas disselhe que forçado auia de passar, por que se não atreuia a esperar ali vm anno.

Vendo Elrey sua determinação lhe pedio se detruesse ali algũs dias & que lhe desse algũa gente pera irem com alguns capitaens seus a darem em vm vesinho que lhe fazia guerra: Manoel de Soufa de Sepulueda lhe disse que o faria pello seruir: & pedio a Pantalião de Sà que fosse naquella jornada, & lhe deu vinte homens. Forão estes longe em companhia dos Cafres, & derão na pouoação do imigo, & lha queimarão, & destruirão & tomarão todo o gado, com que se re-

se recolherão. Isto estimou muito aquelle Rey, & partio com os nossos das prezas: nisto se detiueraõ cinco dias, & passados elles se despediraõ do Rey que os foy acompanhando, & foraõ caminhando com determinação de rodearem a barra de Lourenço Marques, & passarem os rios por cima, o que foy sua perdição. Aquelle dia chegaram a vm rio que se chama Belygane, q̄ entra na barra de Lourenço Marques, aonde entraõ outros tres chamados Anzate, Ofumo, & Manhiça, como milhor se verá na descripção que fazemos de toda esta Cafraria na decima decada.

Chegados os nossos aquelle rio pediraõ a Elrey que lhe mandasse dar algũas almadias que ali auia, o que elle fez: & Manoel de Sousa lhe pediu que se fosse, & q̄ os deixasse passar á sua vontade. Os nossos passaraõ a outra bāda, & foraõ caminhando cinco dias, em q̄ andaraõ vinte legoas, a tẽchegarem ao rio de Anzate já de noyte, & se agasalharãõ em vm areal a onde não auia agoa: & aquella noyte se ouueraõ de perder de sede, ao q̄ acodio Manoel de Sousa de Sepulueda, & mãdou buscar agoa q̄ lhe ficaua atras vm bom espaço, & por caldeiraõ della que lhe trouxeraõ deu cẽ cruzados, ao outro dia lhe chegaram tres almadias q̄ vinhaõ da outra bāda: & os negros dellas differaõ, q̄ auia poucos dias q̄ d'a-

li partira o nauio do resgate pera Moçãbique. Neltas almadias passaraõ os nossos pera a outra bāda, & já Manoel de Sousa ya taõ mal tratado do miolo, das vigias, & trabalhos, q̄ indo na almadia cõ sua molher, & filhas, lhe deu hũa mania, & arrácou pera os Cafres q̄ remauaõ, dizendo: ah perros a onde me leuais? os negros com o medo se lançaraõ ao mar, & dona Lianor se lançou com elle, dizendolhe: tá senhor, que he isto? este he o vosso fiso, & prudencia? Manoel de Sousa de Sepulueda tornou sobre si, & quictouse.

He muito pera considerar, que não sey que espirito lhe dezia, que o leuauaõ a parte, em que auia de ver morrer sua molher, & filhos ao desemparo, & que esperaua por elle o mais defaumentado, & miseravel genero de morte que se podia imaginar. Passados à outra bāda, achouse Manoel de Sousa de Sepulueda muito mal do miolo, & da cabeça, a que lhe acodiraõ com toalhas quentes que sua molher lhe punha com muitas lagrymas: por que mais a cortou ver seu marido d'aquella maneira, que todos os trabalhos que até entãõ tinha passado.

Postos da outra bāda foraõ caminhãdo, guiados de algũs Cafres da terra, que se offreceraõ a os leuar a onde estaua o seu Rey. Iã neste tempo não auia mais de cento & vinte pessõas, & dona Lianor

- taõ fermosa, taõ mimosa, & deli-  
 - cada, caminhaua a pé delcalça, a-  
 - judando a leuar os filhos, hora el-  
 - la, hora algũas escrauas que ainda  
 - lhe ficaraõ, com tanto sofrimento,  
 - & com tanta prudencia, que ella  
 - era a que consolaua, & animaua a  
 - todos, sendo com elles igual nos  
 - trabalhos das fomes, das sedes, &  
 - dos cansallos. Desta maneira che-  
 - garaõ á terra do Rey q̄ se chama-  
 - ua Ofumo: & antes de entraré na  
 - sua pouoação acharaõ vm recado  
 - seu, em q̄ lhes mandaua q̄ se agala-  
 - lhasssem fora ao pé de hũas aruo-  
 - res que lhes mostraraõ, & que  
 - ali lhes dariaõ tudo o de q̄ tiuessé  
 - necessidade: & assi se agalharãõ  
 - todos naquelle lugar, a onde lhes  
 - começaraõ a correr mantimétos,  
 - que lhes resgatauaõ por pregos: &  
 - ali se detiueraõ cinco dias: & co-  
 - mo Manoel de Sousa ya com me-  
 - lanconias, & quasi alienado, jase  
 - não governauaõ por elle, sem em-  
 - bargo de sempre lhe daré razaõ de  
 - tudo. Elle, a quẽ ja os trabalhos le-  
 - uauaõ em estado, q̄ não estauaõ pe-  
 - ra mais, determinou de não passar  
 - d'ali, & esperar a te vir o nauio do  
 - trato, & pera isso se foi ver com o  
 - Rey, & lhe pedio lhes mandasse  
 - dar casas pera se aposentarem na  
 - sua pouoação: Elrey lhe disse que  
 - si, mas q̄ toda aquella gente não  
 - podia estar ali junta, por causa dos  
 - poucos mantimentos que auia na  
 - terra: que ficasse elle na aldeia cõ  
 - as pessoas que quissé, & que to-

dos os mais se repartisssem pellos  
 lugares visinhos, a onde lhes man-  
 daria dar casas, & mantimentos:  
 mas q̄ era necessario (pera os seus  
 se fiarem delles, a onde quer que  
 estiuesssem, pera q̄ não cuidasssem q̄  
 eraõ ladroes) mandarlhe entregar  
 todas as armas, & que elle as mã-  
 daria guardar em hũa casa, pera  
 lhas tornarem a entregar, quando  
 viesse o nauio de Moçambique.  
 Manoel de Sousa lhe respondeo  
 que o faria (porque o tinha por  
 amigo dos Portugueses, pois com  
 elles tinha comercio) & ajuntãdo  
 os seus lhes disse:

Que elle ja não podia cõtinuar  
 mais os trabalhos do caminho, por  
 causa de sua molher & filhos: que  
 pois elle estaua em parte a onde to-  
 dos os annos vinha nauio de Mo-  
 çambique: mais seguro lhe era es-  
 perar ali por elle, q̄ tornar a novos  
 trabalhos, pera que ja sua molher  
 não estaua, que elle estaua resoluto  
 em se deixar ficar ali: & se Deos  
 fosse seruido, & tiuessé determi-  
 nado que acabasse ali com toda  
 sua familia, que elle era muito cõ-  
 tente, & que os q̄ quisssem passar  
 adiante o podiaõ fazer, & q̄ lhes  
 pedia, que se Deos os leuasse a ter-  
 ra de Portugueses, trabalhasssem  
 por que lhe mandasssem logo al-  
 gũa embarcação em que se fosse:  
 & que os que quisssem ficar com  
 elle o podiaõ fazer, mas que era  
 necessario entregarem as armas  
 a Elrey, pera se segurar delles:

porque

porque ja q̄ se metião em seu poder, era necessario mostrarem lhe confiança, ao menos pera q̄ os seus não cuidassem que lhe podiaõ fazer mal os nossos, & que assi remediauão tanta desauentura, quanta lhes estaua pella proa, se quisessem passar d'ali.

Alguns foraõ de parecer que se entregassem as armas, mas outros não, & destes foi dona Lianor, que disse a seu marido, que nas armas estaua todo o seu remedio, que lhe pedia por amor de Deos que tal não fizesse. Mas como Manoel de Sousa de Sepulueda não ya já em si, tomou as armas, em que entranaõ coatro espingardas, & as entregou ao Rey, do que elle teue pouca culpa, porque já não sabia o que fazia, & toda foi dos q̄ lhe consentiraõ entregalas. Repartio Elrey os Portugueses pellos seus Ancoses, que são como capitães das pouoações, pera q̄ os leuassem cõsigo, ficãdo Manoel de Sousa de Sepulueda com sua molher, & filhos, & perto de vinte pessoas na pouoação do Rey. Os Ancoses tanto que lhes entregaraõ os Portugueses sem armas, antes de chegarem a suas pouoações os despirãõ, & roubaraõ, sem lhes deixarê cousa algũa, & sobre isso lhes derãõ muita infinita pancada, & os lançaõ fora das aldeas. Tanto que os mais Portugueses se apartaraõ, logo o Rey fez o mesmo a Manoel de Sousa de Sepulueda

(por que esta foi sua tējaõ de lhes tirar as armas) & lhes tomou tudo o q̄ leuauaõ: que se affirmo que sãõ naquella compauhia auia mais de cem mil cruzados de pedraria, & joyas: & não lhes tocando nas pessoas lhes disse, que se fossem logo fora de sua pouoação, que lhes não queria fazer mais mel. ( Isto acabou de endoudecer Manoel de Sousa de Sepulueda, em q̄ sua molher trazia os olhos ) & tomando pella maõ lhe disse hue se fosse logo fora da sua pouoação, por que aquillo eraõ castigos de Deos, & q̄ fosse elle louuado cõ tudo: & tomando vm dos filhinhos no colo, dãdo o outro as escrauas, começou a caminhar pera fora, leuando o marido pella maõ, cõ tão sofrimẽro, & paciência q̄ espãtou a todos, Ya cõ elle Duarte Fernãdez, cõtra mestre do Galeaõ, cõ os mais que cõ elle ficaraõ na aldea, & o Piloto Andre Vaz, que nũca os quis deixar. Os outros ronbados, & espancados, em que entrãua Pantaliaõ de Sã, & os mais Fidalgos, & cavalleiros, despois de lâçados fora das aldeas, tornaraõse a ajuntar a paragens, & assi fizeraõ vm corpo de nouenta pessoas: mas como yaõ sem armas, & sem cousa algũa, cõ q̄ podessem resgatar o q̄ auiaõ de comer: & sobre tudo já taõ fracos, & debilitados do caminho q̄ escassamẽte podiaõ cõsigo, auorrecidos da vida se foraõ metendo por esses matos, tomãdo deluairados caminhos

mir hos, comendo das fruitas bra-  
uas, & raizes das eruas, fazêdo cõ-  
ta com Deos, & com suas almas,  
como homens que yaõ em estado  
que cada dia ficauão por esses ca-  
minhos mortos de fome.

Manoel de Soufa de Sepulueda  
com os da sua companhia foi se-  
guindo o caminho do rio de Ma-  
nheça, cõ determinação de se dei-  
xarem ficar nelle, se aquelle Rey  
Iho consintisse: & indo assi torna-  
raõ os Cafres a dar nelles, & isso q̃  
ficou sobre os corpos foi roubado  
deixandoos nũs: & dona Lianor,  
quando os Cafres a quiserão des-  
pir, o naõ quis consintir, antes ás  
bofetadas, & às dêtadas como lioa  
magoada se defendia (por que an-  
tes queria que a matastem q̃ des-  
pirenna. Manoel de Soufa de Se-  
pulueda vendo sua amada esposa  
naquelle estado, & os filhinhos no  
chaõ chorando, parece que a ma-  
goa & dor lhe resuscitou o inten-  
dimento (como acontece á can-  
dea que se quer apagar, dar antes  
disso mayor claridade) & tornan-  
do sobre si mais algum tanto, se  
chegou à molher, & tomandoa an-  
tre seus braços, lhe disse, senhora  
deixaiuos despir, & lembreuos que  
tõdos nacemos nũs, & pois disto  
he Deos seruido, sede vos conten-  
te, que elle auerá por bem, que  
seja isto em penitencia de nossos  
peccados: com isto se deixou des-  
pir, naõ lhe deixando aquelles bru-  
tos desumanos cousa algũa com

que se podesse cobrir. Vendosse el-  
la nũa, assentouse no chaõ, & espa-  
lhou os seus fermosissimos & com-  
pidos cabellos por diante, com o  
rosto todo baixo, porq̃ a podessem  
cobrir, & assi com as maõs fez hũa  
coua na area a onde se meteo a te-  
a cinta, sem mais se querer alenan-  
tar d'ali. Os homẽs da companhia  
vendõ dona Lianor, foraõse afa-  
stando de magoa & vergonha. Vê-  
do ella a Andre Vaz o Piloto que  
viraua as costas pera se ir, chamou  
por elle, & lhe disse.

Bê vedes Piloto como estamos,  
& q̃ ja naõ podemos passar daqui,  
onde parece tem Deos ordenado  
q̃ eu & meus filhos acabemos por  
meus peccados, iuos muito embo-  
ra, fazei por vos salvar, & encomê-  
daiuos a Deos: & se fordes à India  
& a Portugal em algũ tẽpo, dizei  
como nos deixastes a Manoel de  
Soufa & a mim com meus filhos.  
Andre Vaz enternecido de magoa  
d'aquelle piadoso espectaculo vi-  
rou as costas, sem responder nada,  
mas todo banhado em lagrimas,  
& foi continuando seu caminho a  
pos os outros que yaõ ja diante.  
Manoel de Soufa cõ todos aquel-  
les infortunos & magoas, naõ se es-  
queceo da necessidade da molher,  
& dos tẽros mininos q̃ estauão cho-  
rádo com fome, foise aos matos a  
buscar algũa cousa pera lhes dar, &  
quãdo tornou cõ algũas fruitas bra-  
uas, achou ja vm dos mininos mor-  
to, & dona Lianor como palmada  
com

cõ os olhos nelle, & cõ o outro no colo. Elle pôdo os olhos fitos nella, & no minino morto, ficou assi vm pequeno espaço sem falar cousa algũa: passado elle fez hũa coua na areia, & por sua mão o enterrou, lançandolhe a derradeira benção.

Feito isto tornou-se ao mato a buscar mais frutas pera a molher, & pera o outro minino, & quando tornou achou ambos falecidos, & cinco escrauas suas sobre os corpos com grandes gritos & prátos: vendo Manoel de Sousa de Sepulueda aquella desaventura, apartou d'ali as escrauas, & assentou-se perto da molher, com o rosto sobre hũa maõ, & os olhos nella: & assi esteue espaço de meya hora, sem chorar né dizer palaura. Passado aquelle termo, levantou-se & começou a fazer hũa coua com ajuda das escrauas ( sempre sem falar cousa algũa ) & tomando a molher nos braços, chegando o seu rosto ao della vm pouco, a deitou na coua com o filho: & depois de a cobrir, sem dizer cousa algũa às moças, se tornou a meter pello mato, aonde desapareceo, sem mais se saber delle, & sempre se presumio que os Tigres o comerão.

As escrauas, tanto que se elle apartou, tomarão seu caminho com grande pressa ate encontrarem a outra companhia do Piloto: & destas passarão à India tres, q̄ contarão a morte de dona Lianor &

filhos, porque sò ellas a viraõ. Era isto no mes de Agosto, em que auia seys meses que auião partido. Os da companhia que yaõ diante com Pantaliaõ de Sã, & da de Manoel de Sousa de Sepulueda, que seguiraõ o Piloto Andre Vaz, se foraõ metendo por esse sertão, por onde morrerão de fome, & com tantos trabalhos, que sò oito Portugueses escaparaõ, em que entraraõ Pantaliaõ de Sã, Tristaõ de Sousa, Baltesar de Siqueira, Manoel de Crasto feitor da nao, & o Piloto Andre Vaz, & quatorze escrauos: que deraõ com os Cafres mais domesticos, que lhes dauaõ algũa pouquidade, principalmente a Pantaliaõ de Sã que se fingio chocarreiro, & chegaua às portas dos Cafres balhando, & fazendo momos, & todos lhe dauaõ por isso algum milho. E andando espalhados pellas aldeas, sem esperanças de poderé ir a India, quis Deos que fosse vm Pangayo ( em que ya vm parente de Diogo de Mesquita, que estaua por capitaõ em Moçambique ) ao cabo das correntes, ao rio de Iuhambane a resgatar marfim: & dos Cafres que vinhaõ do sertão ao resgate, souberaõ como pella terra detro andauão Portugueses perdidos: pello que o capitaõ do Pangayo, mandou algũas pessoas de recado, com contas, & outras cousas, pera os ir resgatar se estiueessem catiuos.

Estes homẽs foraõ dar cõ elles,  
L 1 3 & foi

& foi o seu aluoroço tamanho, de verem homens conhecidos; & de saberem que tinham nauio perto, que de prazer perderão a memoria de todos os trabalhos passados, & assi se forão pera onde estaua o Pangayo, resgatando pellos caminhos todas as cousas de que tinham necessidade abastadamente. Chegando a Iuhambane forão muito festejados do capitão do Pangayo, (que nos parece que era vm foão Salgado) que os agasalhou, vestio, & curou muito bem, dandolhes tudo o de que tinham necessidade: d'ali os leuou a Moçambique, a onde chegarão a vinte & cinco de Mayo de cincoenta & tres.

O Capitão Diogo de Mesquita os foi buscar à praya, & leuou comsigo Pantalião de Sà, & Tristão de Soufa, & os mais repartio por casas de casados ricos, aonde lhes derão todo o necessario: & dona Luiza molher de Diogo de Mesquita curou muito bem os seus hospedes como se forão seus irmãos. E dandolhes Diogo de Mesquita todo o dinheiro que quizerão, se partirão pera a India. Depois correo o tempo de feição, que por morte de Diogo de Mesquita veyo Pantalião de Sà a casar com sua molher, & assi esteve duas vezes por capitão de Moçambique.

*Fim do Nono Liuro.*

LIVRO



# LIVRO DECIMO

## DA SEXTA DÉCADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITVLO I.

*De como o Turco mādou hũa armada de vinte & cinco Galès, de que era general Pirbec pera Baçorà: & do que aconteceu a algũas Galès com os nossos nauios naquelle estreito.*



TANTO que o Turco soube que a armada Portuguesa, em que dom Antão de Noronha foi (como dissemos no capitulo quatro do nono liuro) entrou no estreito de Baçorà, pera fauorecer os Arabios & Gizares: & que sem duuida lhe tomara aquella cidade senão fora o ardil de que o Baxà vsou, (receandose que viesse a perder aquella fortaleza, & que os Portugueses metessem pè nella, o que seria em discredito & detrimento de seu Estado, & sobre tudo ficaria perdendo as esperanças de se fazer senhor de todo aquelle estreito Persico, porque lhe ficarião fechando aquella garganta do rio Eufrates, por onde suas armadas

forçado auião de sair pera fora.) Determinou de prouer nisso, & segurar aquella fortaleza, & mādou com muita pressa negociar vinte & cinco Galès das que estauão em Suez, & elegeo pera capitão & general desta jornada Pirbec um grande cossairo, homem muyto determinado: & lhe deu por regimento, que fizessè em Alexandria & outros portos mil & duzentos homens, & que se metesse nas Galès, & se fosse a Baçorà, aonde acharia regimento do que auia de fazer: & que por nenhum caso tomasse Malcate, nem Ormuz, nem tocasse em cousa nenhũa dos Portugueses, & que trabalhassè muito por possar a Baçorà, sem ser visto delles.

Despidido Pirbec se passou a Suez, & gastou todo este inuerno passado em reformar as Galès, & em as aparelhar. O Turco tanto q̃ o despido, mandou hũa instrução ao Baxà de Baçorà, em que lhe mandaua que tiuesse prestes quinze mil homens, & muitas terradas, & outras embarçaõens: & que como Pirbec chegasse com as Galès, fosse pòr cerco à fortaleza de Ormuz: & não se aleuâtasse della

fem a tomar. Pirbec tanto que teue as Galès negociadas as pòs no mar pera partir em Iulho. Estas nouas correraõ logo pello estreito, & chegaraõ a Ormuz ja em Mayo, tempo em que naõ podiaõ auisar o Visorrey, nem se sabia mais certeza, que aquillo que andaua geralmente na boca dos estrangeiros. Pello que querendose Dom Aluaro de Noronha capitão d'aquella fortaleza certificar da verdade, despido vm nauio ligeiro, de que fez capitão Fernão Diaz Cesar, soldado velho, & muyto bõ caualeiro (que ja andaua em trajos de mercador, & tinha de seu perto de vinte mil cruzados) & deulhe por regimento que se fosse à costa de Xael, & que esperasse os nauios que auiaõ de vir de Meca pera Caxem, Cãphar, & todos os mais portos, & que soubesse a certeza das Galès, & quantas eraõ, & se sabião pera onde se negociauão.

Partido Fernão Diaz Cesar, foise pòr naquella paragem, & ouue fala de algũas embarcações, & lhe affirmaraõ ficarem vinte & cinco Galès em Suez ja no mar, & q̄ corria fama geralmente, que se yaõ meter em Baçorà. Com estas nouas se recolheo em Iunho, & as deu a Dom Aluaro de Noronha. E sabendo a certeza mandou logo recolher todos os mantimentos, agoa, lenha, madeira, tauoado, & outras muitas cousas pera dentro da fortaleza. E despido logo dous

nauios ligeiros, em que mandou Simão da Costa, & Miguel Collaço, & lhes deu por regimento que se fossem pòr no cabo de Rosalgate, ate que se acabasse o mes d'Agosto, que era a moução em q̄ vem de Meca pera aquelle estreito, & que auendo vista das Galès sendo mais de vinte, Simão da Costa se fizesse na volta da India, & fosse dar as nouas ao Visorrey, & que Miguel Collaço voltasse pera Ormuz, & fosse dando auiso a todas aquellas pouoaçoens de Coriate, Calayate, Mascate, & outras pera estarem negociadas, & sobre auiso.

Partidos estes nauios se foraõ pòr no cabo de Rosalgate, aonde se deixaraõ estar com grande vigia. E sendo na entrada d'Agosto, ouuerão vista de cinco Galès que Pirbec tinha mandado diante, em que vinha vm leu filho, que vinha descobrindo se auia na boca do estreito alguns nauios Portugueses. Simão da Costa tanto que vio as velas, & se affirmou serem Galès, se foi saindo pera o mar, pera descobrir se auia mais que aquellas, & não vendo mais tornou se pera dentro, porque não pode soffrer o vento Ponente, que era muito rijo. Miguel Collaço tanto que vio as Galès, voltou de longo da Costa, & foi dando auiso a todas as pouoaçoens.

Estaua em Mascate por capitão vm Ioão de Lixboa, que o Visorrey

rey dom Afonso de Noronha tinha mandado ali fazer um forte, por lho mandar Elrey assi no seu regimento, por segurar os Portugueses, que sempre estauão naquelle pouoação. Este Ioaõ de Lixboa tinha começado este forte na cabeça da serra de Bacalá, que fica sobre a barra, & auia tres meses que trabalhaua nelle, & o tinha ainda imperfeito. Tanto que lhe deraõ as nouas das Galés, logo embarcou sua mulher em hũa terrada, & outras de Portugueses q̄ ali auia, & mandou com ellas Bartolameu Diaz de Moraes, & Apolyrion Mendez por velhos, pera que se fossem pera Ormuz: & Ioaõ de Lixboa com sessenta Portugueses que ali auia se recolheu acima ao forte, & meteo dentro todos os mantimentos; lenha, agoa, & munições que tinha, & fortificouse o melhor que pode. O filho de Pirbec no tempo que Simaõ da Costa voltou pera a terra, ouue vista delle, & metendo o bastardo o foi seguindo: & como o vento era rijo, & os mares grandes, & a fusta pequena, yase afogando de feição, que chegou a Galé do filho de Pirbec a ella, & por desejar de tomar a todos viuos naõ quis meter a fusta no fundo, & se foi desuiando de maneira, que lhe ficou debaixo dos remos. E auendosse todos por perdidos, o bombardeiro, & um soldado que yaõ de proa, lançaraõ as maõs aos remos pera se saluaré

na Galé, por que antes queriaõ ficar catiuos que afogarse. Simaõ da Costa, que era homeni muito esperto, naõ descoraçou, antes encomendandosse a nossa Senhora do Rosairo: vendo que a Galé se ya desuiando da Fusta, & que lhe ya ficando a gilavento, esforçado os marinheiros foi preparando a vela; que lhe ficou abatida, & metendo de ló tudo o que pode, foi deixando a Galé abalrauento, ficando-lhe depédurados nos remos o soldado, & o bombardeiro, que os Turcos recolheraõ.

Vendo o filho de Pirbec q̄ por seu descuido se lhe ya aquella Fusta, que bolinaua mais que elle, a foi seguindo, atirandolhe bombardadas. Simaõ da Costa foi animado os marinheiros deitandolhes dinheiro na coxia pera mais os obrigar, & foi forçando a vela da fusta tudo o que pode tirando pera balrauento, de feição, que conhedidamente lhe ficaua ja a Galé, que sempre o perseguio a teanoitecer, que perdeu a Fusta da vista. Simaõ da Costa védosse desapressado, tanto que escureceo mudou o rumo, & se foi passando â costa de Persia, & de longo della foi tomar Ormuz, a onde deu as nouas das cinco Galés que causaraõ tamanho aluroço em todos, que se começou a despejar a cidade: a gente miuda pera á banda do Magostaõ, & a principal & mais rica pera a ilha de Queixo

me, que está perto de Ormuz. El-rey & Guazil se recolherão pera a fortaleza com suas molheres, & riquezas, & dom Alvaro de Noronha capitão della se recolheo dentro com todos os Portugueses, & se começou a fortificar o melhor q̄ pode. E fazendo alardo de toda a gente, achou perto de nouecentos homens, porque estauão mais de trezentos da nao Caranja do reino de que era capitão Ayres Moniz, que foi tomar Ormuz por não ter tempo pera passar à India, como temos dito atras no capitulo decimo sexto do nouo liuro. Antre toda esta gente tinha dom Alvaro de Noronha na fortaleza mais de mil espingardas, & muitas moniçoës & armas.

## CAPITULO II.

*De como Pirbec passou pera Mascate: & como o feitor de Calayate partio com recado pera Goa: & de como os Turcos desembarcãõ em Mascate, & do cerco que poseraõ à fortaleza: & de como os de dentro se lhe entregaraõ a partida.*



**I**ANTO que o filho de Pirbec perdeu Simão da Costa de vista, tornou a voltar, & quando amanhe-

ceo achouse à vista da outra costa de Arabia, auante de Mascate: pelo que lhe foi forçado tornar em busca do pay, como fez. E quis a desauentura que tanto auante como o lugar de Alfação, encontrasse a terrada em q̄ vinhaõ as molheres de Ioaõ de Lixboa, & as outras: & tomandoas consigo, a Bertolameu Diaz, & a Apolinario Mendez mandou meter a banco da sua Galé: & com esta preza chegou a Mascate, a onde ja achou seu pay: por que Pirbec como vinha muito atras com a armada toda, quando entrou o estreito não achou nouas das Galès em q̄ tinha mandado o filho, nem sabia o que lhe tinha acontecido com as nossas Fustas, & parecendolhe que o acharia em Mascate foi de longo da costa pera o buscar: & passando por Calayate onde estaua vm Esteuaõ Gomez por feitor, tanto q̄ vio passar as Galès, como era muito determinado, & valente homé, se meteo em vm Tarráquim muito pequeno, & deu á vela pera ir auisar ao Visorrey, & de sua jornada adiante daremos rezaõ.

Pirbec tanto que achou o filho, aluorocado com a preza, entrou pella barra de Mascate dentro, & sem embargo de saber como os Portugueses estauão fortificados, desembarcou em terra sem echar resistencia, & saqueou a pouoação que estaua despejada, a onde ainda achou muitas fazendas que se não

naõ poderaõ recolher. E delejoso de levar os Portuguezes ao Turco de presente, tratou de os cercar, & auer ás maõs, pera o que mandou desembarcar algũas peças de artilharia : & querendoas passar acima, naõ poderaõ levar mais que vm caõ, por ser o caminho taõ ingreme, que com muito trabalho sobiaõ por elle os homens. Sobida esta peça acima, se pos elle com todos os Turcos em cima de vm tezo que ficaua padraõto ao forte, & ali se fortificou & plantou seus bestiaens, & se cercou de valos & tranqueiras muito fortes. D'ali começou a dar sua bataria, & a commetter os nossos por muitos assaltos, & como o forte ficaua muito descuberto ás suas estancias, metiaõlhes dentro todos os pilouros, com que lhe feriaõ muitos: mas tambem os nossos os escandalizauaõ muy bem. Durou isto dezoito dias continuos, em que os Portuguezes se defenderaõ com muito valor: mas como naõ estauaõ muito prouidos, nem cuidaraõ que os Turcos se detiueßem ali tanto tempo, começoulhes a faltar a agoa, & mantimentos, & esses poucos que auia, se yaõ repartindo com grande prouisaõ, por que lhes abrangeße mais alguns dias. O Pirbec vendo os Portuguezes taõ determinados, desenganado de os entrar por força, & que o tempo se lhe ya gastando, determinou de os apalpar com os partidos q̄ qui-

lessem : & assi lhes mandou bradar por vm loaõ da Barca Portuguez arrenegado que trazia cõsigo. E vindo à fala com os de dentro lhes disse, que Pirbec mandaua dizer ao capitaõ, que se lhe desse licença mandaria falar com elle vm homem sobre cousas q̄ importauaõ muito. O loaõ de Lisboa tomando parecer com todos sobre o que faria, assentoule que se ouisse, & dandolhe recado foi o mesmo loaõ da Barca, & disse ao capitaõ, que o Baxá lhe pedia q̄ naõ quisse ir por diante com sua teima, que bem sabia as necessidades em que estauaõ, que se entregassem a elle, que lhes daria as vidas a todos, & embarcaçoens pera se passarem a India. Com isto lhe disse mais o arrenegado loaõ da Barca muitas cousas das grandezas & liberalidades de Pirbec. afirmandolhe que lhe auia de cumprir o que lhe prometia: & que se naõ quisse aceitar seus partidos que soubesse em certo, que se naõ auia de aleuantar de sobre aquelle forte sem o entrar, & que naõ auia de dar a vrda a vm sò.

Depois do capitaõ o ouir o mandou deter, & pòs em conselho aquelle negocio, apontando as difficuldades que auia, & a falta de tudo. E debatido antre todos, assentaraõ que fosse o capitaõ loaõ de Lisboa, com vm padre da Companhia que ali estaua a se verem com Pirbec, & a concluir com elle

os partidos, & que o que elles concluisssem, elles o auiaõ por feito. Com isto se foraõ ambos em companhia do arrenegado Ioaõ da Barca ao Baxá, q̃ os recebeo muy bem E assentados todos, mostrando-lhes o Baxá grande beneuolencia, lhes disse: que elle não queria naquelle negocio mayor honra, q̃ saber o Turco tomar elle hũa fortaleza aos Portugueses: que às pessoas de todos os que dentro estauaõ, lhes seguraua as vidas, & liberdades pera que se podessem ir pera onde quisessem: Nisto se esprayou tanto que aceitou Ioaõ de Lixboa os partidos, & o Baxá lhe passou vm largo saluo conduto em nome do Turco, com q̃ Ioaõ de Lixboa mandou dizer a todos os que estauaõ no forte, que se fofsem logo pera elle como fizeraõ. E como o Baxá os teue consigo, quebrando-lhes a palaura (como todos os Turcos fazem) os meteo a todos a banco nas Galès: & mandou embarcar a artelharia do forte, & toda a fazenda que dentro tinhaõ recolhida, que era muita. Feito isto se embarcou, deixando o forte vazio.

As pessoas principaes que ali foraõ catiuos com Ioaõ de Lixboa, foraõ Andre & Diogo Feyo, ambos irmãos naturaes da ilha da Madeira, que depois foraõ casados & cidadãos de Goa. Bastiaõ Criado d'Abreu, que depois foi capitão de Tarapor, & Maym, Ma

noel Castelaõ, Antonio Lopez d'Oliueira, Diogo Luis, Manoel Diaz, Antonio Pinto, & outros casados, & caualeiros nobres & honrados.

## CAPITULO III.

*De como a armada dos Turcos chegou a Ormuz: & do cerco que poseraõ à fortaleza & do que aconteceu em todo o discurso delle.*



**P**ARTIDO o Baxa Pirbec de Mascate, em poucos dias foi ter a Ormuz, & appareceo a armada vm dia do grande ferraçaõ, & foi demandar da outra banda de Chaurù, a onde pòs logo toda a gente em terra. O capitão dom Aluaro de Noronha, posto que andaua doente de quartans, sayo fora da fortaleza com seiscentos homens, deixando os mais em guarda della, & posto em muito boa ordem foi esperar os Turcos no campo, & chegou a te a cruz de fora da cidade, donde mādou espiar os inimigos, & soube estarem todos postos em terra. E tomando parecer sobre o que faria, assentaraõ que se recolhessem pera a fortaleza, a te verem o que determinauaõ os inimigos, como logo fizeraõ. Dom Aluaro de Noronha todo aquelle dia

dia & noite passou cõ grãdes vigias sobre os Turcos, & proueo nas naos que estauão no porto, q̄ eraõ corêta, por q̄ lhas naõ tomãse: & cõ muita breuidade as mãdou despejar, & atraçar á fortaleza debaixo do baluarte as mais dellas desemmasteadas, & a nao Caranja do reino q̄ era muito grãde mãdou q̄ á chegassem tudo o q̄ podessẽ, como os officiaes fizeraõ, lançãdo lhe por baixo do leme grossos viradores, & amarrados á fortaleza, porq̄ a naõ podessẽ levar, & dẽtro nella mãdou Ayres Moniz Barreto (q̄ era seu capitãõ) meter o seu Mestre (q̄ era o Rachachona) affamado em seu officio, & com elle todos os Grumetes, & o Cõdestabre com os bombardeiros, pera terem a artilharia sempre preparada.

Dõ Aluaro de Noronha depois de prouer nas naos, o fez tambẽ na defenõ da fortaleza, por esta maneira. No baluarte santo Andre pòs por capitãõ dõ Frãcisco d'Almeida, filho de dõ Pedro d'Almeida d'Euora, & lhe deu duzentos & corêta homẽs. No baluarte Sãctiãgo, q̄ cae sobre o jogo da bola, pòs Gõçalo Guedes de Reboredo, caualeiro muito esforçado cõ cẽto & trinta soldados. O baluarte da varanda tomou o capitãõ pera si cõ cẽ homẽs de sua obrigaçãõ. E no muro q̄ corre deste baluarte pera o de santo Andre, pòs Ayres Moniz Barreto cõ cincoenta homẽs. E no outro pano q̄ corre pera o de San-

ctiãgo, pòs Manoel de Sousa d'al-  
cunha, o fino macho, irmão de Fer-  
naõ de Sousa de Castello brãco cõ  
trinta homẽs. Da banda do mar  
pòs Antonio Correa, caualeiro hó-  
rado, casado, rico (q̄ casou sua filha  
com dom Antonio de Noronha,  
q̄ depois foi capitãõ de Cochim,  
em quẽ muitas vezes auemos de  
falar) & lhe deu sessenta homẽs.  
No baluarte do meyo estaua o Al-  
caide mór, q̄ era vm foaõ homẽ da  
obrigaçãõ do Cõde de Vimioso, cõ  
corêta homẽs. No meyo da torre  
da menagẽ sobre os almazẽs, esta-  
ua Elrey cõ sua molher & filhos,  
& o Guazil & Miraberús, justiça  
mór do reino cõ suas familias. A  
outra soldadesca q̄ naõ coube nas  
estancias ficou de fora com alguns  
sobre roldas, q̄ o capitãõ ordenou  
pera acodirẽ a onde fosse necessa-  
rio. O Pirbec dormio aq̄lla noite  
em terra, & ao outro dia mandou  
desembarcar a artilharia cõ q̄ de-  
terminaua bater a fortaleza: & a-  
quella foi marchando ate se pór á  
vista della: assentãdo o exercito na  
quella parte a onde esteue a alfã-  
dega velha, & se começou logo a  
fortificar cõ muita madeira q̄ acha-  
raõ na cidade, pedra, & terra, q̄ tu-  
do acharaõ á mãõ. Ao outro dia  
plantaraõ seus bestiaes & trinchei-  
ras na forma seguinte.

Na ponta da alfãdega velha po-  
seraõ vm bestiaõ cõ trespeças gros-  
sas, de corenta arrates de pilou-  
ro de ferro coado. Desta estan-

cia corria hũa tranqueira forte, a-traueffando o terreiro da fortaleza: & defrõte das casas do capitão fizeraõ outro bestiaõ, em q̄ poseraõ outras cinco peças grossas, hũas de pilouro de ferro, outros de pedra. D'aqui foi corrédo a tráqueira a te a frontaria da fortaleza, em q̄ fizeraõ vm angulo mūy forte, por causa da bataria, & d'ali foi correndo a tranqueira a te o mar, cõ tres bestiaens mais, com cinco peças grossas cada vm, ficando a frontaria da fortaleza cercada de mar a mar: & em cima dos terrados das casas d'Elrey, se poseraõ duas peças grossas, por q̄ se descobria d'ahi a fortaleza toda mūy bé. Plátadas estas estácias na forma q̄ dissemos, começaraõ os Turcos a bater a fortaleza de todas as partes, cõ muita furia & braueza, & cõ a mesma lhe respõderaõ della: & como os muros eraõ de gueche, os pilouros de pedra das peças grossas, ficauaõ metidos no muro, & encaixados de maneira (meyos d'entro, & meyo fora) que ainda que os poseraõ de industria, não se fizera a mór cópasso, & ali ficauaõ, a onde a te oje estaõ.

O capitão desejou de auisar o Visorrey, & mādou negociar hũa Fusta q̄ estaua varada ao pé da fortaleza, & despido nella Pero Fernandez de Carualho, que á noite dos quatro dias do cerco se afastou da fortaleza, & se foi a remo, a te se pór da outra bāda do Magostaõ:

& d'ali foi corrédo a costa a te o cabo de Iasques, dõde tomou o caminho ordinario. E porque esta Fusta poderia correr algũ perigo, d'ahi a outros dous dias despido outra, em q̄ mādou vm morador de Ormuz chamado Cosmo Alvarez, q̄ tomou a mesma derrota. Os Turcos foraõ cõtinuādo sua bataria, se fazeré dano algũ á fortaleza, recebēdo elles della muitos: porque o Cõdestabre, q̄ era natural de Nuarra era taõ grāde official, q̄ muitas vezes lhe metia os pilouros pelas bocas das suas bõbardas, cõ q̄ lhas fazia arrebetar, & muitas lhes matareaõ muita gēte, & lhes desfez os bestiaens, q̄ elles logo reformaraõ, mas cõ muito trabalho. Os soldados Portugueses q̄ na India saõ muito soltos & afoutos, enfadados de estaré encurralados, bradauaõ publicamēte por batalha, requerēdo ao capitão q̄ lhes mādasse abrir as portas, q̄ elles queraõ ir ganhar as estancias dos imigos, & tomar lhes toda sua artelharia. O capitão os moderou cõ muita brandura, afirmandolhes q̄ como fosse tempo o faria, mas q̄ por entaõ não lhes conuinha, porq̄ não tinha informação algũa da copia dos imigos: porq̄ se auiaõ de julgar pello numero das Galés, o menos auiaõ de ser, mais de tres mil homēs, q̄ se quietassem, por que trataua de ver se podia auer algũa espia ás maõs, & q̄ como se certificasse da verdade, elle lhes faria a todos

a vótade. Disto se não satisfizeraõ os soldados, & andauaõ quasi como amotinados, & ainda os azeda uão mais os Turcos, por q̄ tanto q̄ se acabaua a bataria, de noite lhe diziaõ do arrayal muitas cousas q̄ lhes soauaõ mal, chamãdolhes corins, q̄ quer dizer galinhas, & q̄ não prestauaõ pera cousa algũa, q̄ estauaõ em expoeirados, cõ outras cousas a este som: mas os soldados se despulhauaõ, dizendolhes, q̄ falauaõ elles, por que o seu capitaõ lhes não daua licença pera os irem lá buscar, por que se lha a elles deraõ ouueraõ de achar liõens & não galinhas: mas que tempo viria em que lho mostrariaõ. Cõ isto, & por esta causa murmurauaõ do capitaõ publicaméte, mas dom Aluaro de Noronha: como aq̄lla fortaleza era a mais importáte de todas as da India, por q̄ com ella tinhaõ os Reys de Portugal posto um grande freyo á insolencia do Turco, queria se segurar, por q̄ não tinha certeza do q̄ ya no exercito. E como andaua de coartans, intristeciaõno aquellas cousas, & malenconizauaõno mais.

Gõçalo Guedes de Raboredo capitaõ do baluarte Sançtiago, vêdo quãto o capitaõ desejava uer ás maõs húa espia, se lhe offereceo pera lha ir tomar, & elle lhe aceitou o offerecimento, & mandou fazer prestes pera de noite com cẽ homens. Pera esta saida se lhe offereceraõ todos os fidalgos & ca-

ualeiros hõrados que na fortaleza auia, a q̄ o capitaõ não quis dar licença. Prestes todos no coarto da modorra, estando ja o postigo da fortaleza aberto pera sairem pera fora: ou que receasse dom Aluaro de Noronha algum defastre, ou q̄ sospeitasse q̄ eraõ sintidos, tornou a mandar recolher Gonçalo Guedes, do que todos os que com elle yaõ ficaraõ muito tristes.

A bataria se foi continuando, mas vêdo Pirbec o pouco dano q̄ fazia a fortaleza, determinou de se levantar, & primeiro que o fizesse virou a artelharia pera as naos, & todo um dia as bateo, descarregãdo nellas aquella tempestade & trouoada de pilouros, de que os mais embaçaraõ na nao do reino, que lhes ficaua mais em bateria, mas della tambem o visitaraõ com húa fermosa salua, com que lhe mataraõ alguns, trabalhando o seu Mestre com todos os marinheiros muito bem, por que com muita presteza acodiraõ a tapar alguns rombos que lhe fizeraõ.

### CAPITVLO IIII.

*De como os Turcos aleuantarãõ o cerco: & dos recados q̄ passaraõ antre Pirbec & o capitaõ: & de como os imigos xaquearaõ a ilha de Queixome.*



O outro dia depois que isto passou, mandou Pirbec embarcar a artilharia, & aquella noite q̄ se auia de recolher chegou á fala cõ os da fortaleza vm foaõ Balieiro bõbardeiro de Mascate q̄ tambẽ foi catiuo, & disse q̄ dissessem ao capitãõ, q̄ bẽ podia mandar resgatar toda a gente de Mascate, q̄ ali estava catiua, por q̄ Pirbec lhe queria fazer esse seruiço, dizendolhe a voltas disto muitos lououres do Baxá, engrãdecêdoõ muito cõ palavras, q̄ lhe faziaõ dizer. O capitãõ entãõ soube o successo de Mascate, porq̄ ate entãõ não tiuera nouas algũas, do q̄ ficou muito triste. E por q̄ não sabia o q̄ era passado naquelle negocio, nem o modo de como catiuraraõ os de Mascate, não quis q̄ se respõdesse cousa algũa ao Balieiro. Vêdo o Baxá q̄ lhe não falauaõ a proposito mãdou salvar a fortaleza pera se embarcar, & della lhe respõderaõ com outra tamanha q̄ espantou aos imigos, por q̄ durou mais de duas horas sem cessar: por q̄ nunca os Turcos cuidaraõ q̄ dentro naquella fortaleza auia tanto cabedal: & logo se começaraõ a embarcar, auendo vinte dias que tinhaõ cercados os nossos, & ao recolher se meteraõ pella cidade a roubar com tamanha desordem, que quaesquer trezentos homens que nelles deraõ os desbarataraõ de todo.

Depois dos Turcos destruirem & arrazarem a cidade se embarcaraõ, & se afastaraõ de largo. D'ali despidio o Pirbec hũa bateira de hũa Galé que chegou perto da fortaleza, & capeou com hũa bandeira branca, & chegados á fala com os do baluarte de sobre o jogo da bola, differaõ della, que traziaõ vm recado do Baxá pera o capitãõ: elle lhe mandou abrir, & desembarcou vm Comitre Italiano, & com elle Bertolameu Rodriguez de Moraes, & Apolinario Mendez, & a molher de Ioaõ de Lixboa, & o soldado, & o bombardeiro da Fusta de Simaõ da Costa (como dissemos que ficaraõ depêdurados nos remos da Galé do filho de Pirbec) & leuados todos ao capitãõ lhe disse o Comitre, que o Baxá lhe fazia seruiço d'aquelles homens & molher, & de vm rico arco & coldre que leuaua na maõ: & que se quisesse resgatar toda a gente de Mascate, que elle esperaria por isso. O capitãõ depois que ouiuo o Comitre o mãdou meter no tronco, cõ todas as peffoas q̄ cõ elle vinhaõ, a te os marinheiros da barquinha, & ali os teue dous dias: ao terceiro os mandou levar diãte de si, & os vestio de escarlata a todos, & disse ao Comitre, que tornasse a levar a molher de Ioaõ de Lixboa, & Bertolameu Rodriguez de Moraes, & Apolinario Médez, & que dissesse ao Baxá, que elle não resgataua homens Portu-  
gueses

gueses taõ fracos, que assi se entregaraõ sem primeiro serem espedaçados, & que aquella molher a tornassem a entregar a seu marido, porque a te nella queria executar a culpa delle. E que o soldado & bõbardeiro da Fusta de Simaõ da Costa tomava, por que naõ tinhaõ culpa, por cujo resgate lhe mandava aquellas peças, dádolhe logo vm fermoso bacio & jarro de prata dourados de bestiaes, & cõ isso tambem vm rico arcabuz, & hũa fermosa espada & rodela, & q̃ diffesse ao Baxá que aquelles eraõ os presentes com que os capitaes d'Elrey de Portugal agasalhavaõ os vassallos do Turco. Com isto os mandou embarcar, sem lhe dar cousa algũa dos prantos & lagrimas d'aquella pobre molher, & dos dous velhos.

Chegados á Galé, & dado o recado ao Baxá, mandou tanto que foi noite lançar na ilha pello mesmo Comitre, a molher de Ioaõ de Lixboa, & os dous velhos: & leuãdosse prepassou por hũa nao de vm Portuguez que ficou da outra banda despejada, & dandolhe toa a leuou comfigo, & se passou á ilha de Queixome: por que foi auisado que todo o recheyo da cidade de Ormuz estava nella. E desembarcando sem resistencia algũa, a entrou & saqueou: & encheo ás Galés de riquezas, por que auia nella mais de trinta mercadores, de corenta, trinta, & vinte mil cru-

zados, em que entraua vm Iudeu Espanhol, chamado Salamaõ, que tinha de seu oitenta mil cruzados em ouro, perolas, pedraria, & outras fazendas, que tudo lhe tomaraõ, & o catiuarãõ com sua molher & familia. E da gente q̃ estava na ilha, que eraõ perto de vinte mil pessoas, catiuarãõ os Turcos as que quizerãõ, fazendo grandes crueltas & desumanidades.

Está esta ilha de Queixome afastada da de Ormuz pera a costa de Arabia duas legoas, será de trinta de comprido, & de duas, & em partes de tres de largo: começa em vm lugar chamado Laphta, & acaba em outro que se chama Cirimiaõ, que he a ponta mais de dentro. Os Turcos andaraõ nella muitos dias, por que a correraõ toda, & depois de fartos & cheyos se embarcaraõ, & se foraõ pera Baçorá. A molher de Ioaõ de Lixboa, & os dous velhos foraõ ter á fortaleza. O capitaõ tinha mandado alguns terranquins ligeiros a vigiar os Turcos, & trazendolhe nouas que ja eraõ recolhidos pera Baçorá, se foi Elrey, & o Guazil pera a cidade, que acharãõ destroida & assolada, & logo começou a correr á gente que estava da outra banda, & se tornou a pouoar & reformar.

CAPITVLO V.

*Do recado que chegou a Goa das Galês: & de como dom Diogo de Noronha o Corcós, & dõ Antonio de Noronha partiraõ pera Ormuz em duas Fustas: & de como o Visorrey dom Afonso de Noronha se preparou pera ir em pessoa a socorro: & da fala que fez na camara de Goa, pedindolhes ajuda & emprestimo.*



**E**STEVAM Gomez feitor de Calayate, que atras deixamos partido pera Goa em o Tarranquim, foi atraueffando aquelle grande golfo a te auer vista da terra de Baçaim: & entrando dentro deu recado á cidade: & depois de tomar agoa & mantimentos partio pera Goa. Causou em Baçaim grã de aluoroço a noua dos Turcos, & se começaram a fazer algũas pessoas prestes pera irem de socorro a Ormuz, & primeiro que todos foi Antonio de Sá o Rume (vm fidalgo em que muitas vezes temos falado nestas noffas decadas) este se embarcou em vm Catur ligeiro com vinte soldados, & ao outro dia se fez á vela, ferrolhando no mar todos os marinheiros em

cadeas que logo pera isso leuou em segredo: por que determinaua de passar por antre as Gales dos Rumes, & não queria que cõ o medo se lançassem ao mar. E tanta pressa se deu no caminho q̃ em vinte dias foi tomar Ormuz, andando ainda os Turcos na ilha de Queixome, & o capitaõ o recebeo com muitas honras. Esteuaõ Gomez chegou a Goa por fim d'Agosto, cousa que foi espantosa aos homens, em hũa taõ pequena embarcaçãõ atraueffar em tẽpo taõ forte vm taõ grande & perigoso golfaõ.

Chegado este homem a Goa se foi ver com o Visorrey, & lhe deu as nouas da armada dos Turcos, & de quantas Galês eraõ, por que as contou elle muito deuagar. O Visorrey posto que lhe causou aquillo algũa alteraçãõ, todauia logo determinou de acodir aquelle negocio em pessoa: & mandou chamar os fidalgos & capitaens do conselho a quem deu conta do q̃ passaua, & lhes declarou que sua tençaõ era embarcar-se logo, pedindolhes que se fizessem prestes pera o acompanharem. Todos lho louuaraõ muito, & se lhes offereceraõ com muito gofsto.

Saydos d'ali, logo dom Diogo de Noronha o Corcós, & seu primo dom Antonio de Noronha irmaõ de dom Aluaro de Noronha capitaõ de Ormuz, foraõ tomar cada vm seu nauio de remo, & ajun-

& ajuntando parentes & amigos, embarcandose cada vm com cincoenta soldados, & ao outro dia se fizeraõ á vela pera Ormuz, & forraõ seguindo seu caminho em q̃ os deixaremos a te tornar a elles.

As nouas se espalharaõ logo pella cidade, aque acodiraõ todos, velhos & moços a se offerecerem ao Visorrey, sendo dos primeiros os cidadaõs, que sempre nas semelhantes necessidades seruirãõ Elrey com as fazendas & pessoas. O Visorrey se foi á ribeira das armadas, & com muita pressa mandou preparar os Galeoens, Carauelas, Galés, & Fustas: & como na ribeira auia ainda mais de quinhentos homens do mar, repartindosse por todas as embarçaõens, as foraõ preparando sem confusaõ, nem estoruo de vns & outros, pella boa ordem q̃ naquelle negocio ouue.

A primeira cousa que o Visorrey fez, foi despedir dous nauios ligeiros, vm pera ir pellas fortalezas do Norte, com cartas ás cidades, & a pessoas particulares, em q̃ lhes apresentaua a necessidade presente, pedindolhes ajuda de gente & nauios. O outro nauio, de q̃ era capitãõ Fernãõ Farto, bom caualheiro, & grande homem do mar, pera ir a Ormuz com cartas pera o capitãõ, em que lhe affirmaua ficar no mar pera o ir socorrer, & que a pos este chegaria. O Visorrey ficou dando pressa ás cousas, mandando ajuntar mantimentos,

& ordenar moniçoës, & todas as mais cousas necessarias pera a jornada. E por que o Estado estaua falto de dinheiro se quis valer da cidade, como sempre os Governadores & Visorreys fizeraõ: & estãdo os Vereadores em camara se foi a ella, acompanhado dos capitãens & fidalgos velhos, & assentado em seu lugar lhes fez esta fala.

A natureza vniuersal mãy de todas as cousas tem posto os homens em tanta obrigaçaõ, que por ella, & pella conseruar, muitas vezes se offereceraõ a grandes perigos, & acabaraõ cousas que quasi pareciaõ impossiveis pera se poderem cometer. E ainda por esta rezaõ chamamos geralmente á terra onde nacemos nossa natureza, por que parece q̃ ali nos obrigou a ser mais inclinados, com particular affeizaõ: & da criaçaõ que nella recebemos, vem muitas vezes alcançarmos saude em nossas infirmitades, por proprio beneficio da natureza: mas eu verdadeiramente tenho por muito certo, ser a propria natureza dos Portugueses, mostrarem sua opiniaõ, & lealdade no seruiço do seu Rey & Senhor: como muitas vezes se vio por experiencia dos mūy grandes feitos que nos reinos de Portugal, & nas partes de Africa, & nestas da India, cõ muito valor & esforço fizeraõ, & acabaraõ, auendo muitas & mūy assinaladas vitorias

com muito menos gente, & desigual poder dos inimigos. E por isso praticando os Castelhanos no dano que receberão na batalha real, com grande espanto, pella desigualdade dos poderes & gente: disse Elrey de Castella que não se espantassem, que impossivel era desbaratar-se um pay de dez mil filhos: que tal era Elrey de Portugal dos Portugueses, & elles do seu Rey. E que Elrey meu senhor mais propriamente tenha este nome de pay de seus vassallos, claro parece pelas muitas honras, & grandes merces que continuamente delle recebemos, & pello amor, & boa vontade com que nos trata. E por esta rezaõ, pella confiança que sey que elle tem de vós, & eu em seu nome sempre depois q̃ a esta terra vim, tenho por mui certo que todos estaes alegres, & vfanos, de em nosso tempo socederem cousas, em q̃ fazendo grandes & asinalados seruiços a Deos, & a S. A. possais mostrar o amor, & lealdade, a q̃ vossa natureza vos inclina, & traz obrigados: & que na India sejaõ feitos muitos seruiços de grande qualidade & merecimento, nenhum se pode igualar a este, pella qualidade do negocio, & da parte, em que espero em nosso Senhor se faça. Por que Diu, & outras fortalezas podemse chamar membros particulares da India: mas Ormuz (a que he necessario socorrer, por estar em perigo, segundo tenho sa-

bido, & com armada de Turcos sobre elle) he corpo de que todos os membros recebem sustancia, & se sostem: por que alem da renda que S. A. nelle tem, a mór parte da desta cidade della lhe vem: nõ a India se podera sustentar sem a contrataçãõ de Ormuz.

Donde se infere que o Estado da India todo pende da defençãõ & segurança d'aquella fortaleza: & por os Turcos terem sabido por experiencia, nõ poderem por outra parte fazer dano na India (pello muito que receberão quando a ella vieraõ) determinaõ por todas suas forças na tomada, & destruiçãõ de Ormuz, a que com grande presteza, & muito poder he necessario acudir, & socorrer. E pois esta cidade & os moradores della taõ bem tem seruido, & mostrado sua lealdade, em todos os perigos & necessidades passadas: nesta q̃ he mui diferente, & de muito mayor qualidade & obrigaçãõ: nõ se espera que o façãõ menos, nem com menos vontade, & mais tendome por vosso capitaõ, q̃ taõ obrigado sou, assi por mim, como pellos de que descendo, a morrer pello seruiço de meu Rey & senhor: & principalmente pello de S. A. de quem tantas honras & merces tenho recebido: o que assi mesmo farey por seus vassallos, & particularmente pellos desta cidade, pella vontade & amor q̃ delles tenho conhecido.

Pello que alem de vos notificar as nouas que tenho ( que he como digo estarem os Turcos sobre Ormuz com grossa armada, & os perigos que disso podem recrecer) vos peço que pera seu socorro me queiraes ajudar com emprestar a S. A. cincoenta mil pardaos pera me fazer prestes, & os repartais antre todos de maneira que se possaõ auer sem escandalo: & cada vm folgue de emprestar aquilo que boamente lhe couber a sua parte, pois he pera tanto seruiço de Deos, & de sua Alteza, & pera segurança desta terra, & de vossas molheres & filhos: pera o que espero que vos não falte o fauor & ajuda de nosso Senhor em que todos crémos & de uemos confiar, que nos dará victoria pera gloria & louuor de seu santo nome. E o dinheiro vos será tornado por Diogo Soarez cõtratador das terras firmes, que disso fará obrigação, & nos quartes deste anno de seu arrendamento, que hora entra, volos irá pagando, & eu darei pera isso as prouisoens que vos forem necessarias, pera que com effeito sejaes pagos. Alem disso o sabera S. A. por minhas cartas, pera que com honras & merces vos satisfaça, & eu em seu nome ficarei na mesma obrigação pera sempre.

Acabada a fala aleuantouse o Vereador mais velho, & em nome de todos lhe respondco: que bem

uiaõ quaõ necessario era acodirse áquella necessidade, porque a fortaleza de Ormuz era a chauce de toda a India, & cabeça d'aquelle comercio da Persia, & Arabia, titulo de que os Reys de Portugal tanto se jaçtauaõ, que toda a cidade em geral, & cada vm dos seus cidadaõs por si estauaõ muito prestes pera seruirem o seu Rey com suas pessoas, fazendas, nauios, Fustas, dinheiro, & com tudo o mais que podessem: por que posto que em todas as necessidades passadas sempre assi o fizeraõ, que na presente, que era sobre todas, & mais em negocio de Turcos, inimigos do nome Christaõ, não auia quem se podesse escusar, antes agora cõ dobradas forças, & desejos se offerenciaõ com tudo o que a fortuna lhes deu, & que estauaõ pezarosos de não ser a posse conforme aos desejos que todos tinhaõ. O Visorrey lhe deu os agardecimentos, assi da parte d'Elrey, como da sua. Os Vereadores começaraõ logo a tirar pello pouo, & não sem algũa desordem, & ajuntaraõ vinte mil pardaos, que leuaraõ ao

Visorrey, com que se começou a negociar & lançar a armada ao mar.

(?)

CAPITULO

CAPITVLO VII.

*Da armada que este anno de cincoenta & dous partio do reino, de que era capitaõ môr Fernão Soarez d'Albergaria: & de como o Visorrey dom Afonso de Noronha se embarcou pera Ormuz, & das nouas que no caminho teue das Galês serem recolhidas: & de como despidio dõ Antaõ de Noronha cõ hũa grossa armada pera aquella fortaleza: & de como mandou Francisco Barreto com poderes de Governador a Cochim, a fazer a carga das naos do reino.*



**A**NDANDO o Visorrey dando presa a sua embarcaçãõ, sendo oito de Setebro, chegarãõ á barra de Goa tres naos, de seis que este Abril passado de cincoenta & dous tinhaõ partido do reino, de que era capitaõ môr Fernão Soarez d'Albergaria, que vinha na nao saõ Boaventura. Os outros capitaens que com elle chegarãõ, forãõ, Francisco da Cunha, na nao saõ Pedro. Bras da Sylua de Sanctarem em saõ Felipe. As tres naos que faltauãõ, eraõ a Barrileira, de

que era capitaõ dõ Iorge de Menezes Baroche: & Sanctiago em q̄ vinha Antonio Diaz de Figueiredo, que ambos ficaraõ inuernando em Moçambique. Da outra nao, que era o Zambuco, vinha por capitaõ Antonio Moniz Barreto, despachado com a fortaleza de Baçaim, & vindo demandar a costa da India, foi varar no rio de Scitapór, trinta legoas de Goa, & a gente toda se saluou em terra, com a môr parte da fazenda. Estas naos trouxeraõ nouas, como o Principe dom Ioaõ ficaua casado com a Princesa dona Ioana filha do Imperador Carlos Quinto, que era sua prima com irmã, sendo elle de idade de defasseis annos. Estas nouas festejou o Visorrey muito.

Com a chegada destas naos se começou o Visorrey a embarcar, dando despacho a muitos negocios, por que ya arriscado a naõ poder tornar se naõ em Março. E por que lhe tinhaõ chegado nouas da morte de dom Ioaõ Anriquez capitaõ de Ceilaõ, despachou pera aquella fortaleza dom Duarte Deça, & assi o fez tambẽ ás naos de Malaca, em que mandou o Licenciado Francisco Aluarez pera ir tomar residencia a dom Pedro da Sylua da Gama, & pera fazer outras cousas q̄ conuinhaõ ao seruiço d'Elrey.

Nestas naos se embarcou o padre Mestre Francisco da cõpanhia de IESV, que ya pera passar á pro-uincia

uincia de China, a cujo Rey leuaua vm rico presente que Elrey de Portugal lhe mandaua, pera por meyo delle ver se se podia dilatar naquella grande regiaõ a fé de Christo, & aquelle anno lhe tinhaõ vindo breues que o Summo Pontifice lhe mandaua de Nuncio Apostolico da India.

Despachadas estas cousas se embarcou o Visorrey no fim de Outubro, & deu á vela com hũa armada de mais de oitenta nauios, em que auia mais de trinta grossos. Os fidalgos & capitaens que nesta jornada o acõpanharaõ são os seguintes. Dom Fernando de Meneses filho do Visorrey, dom Antaõ de Noronha seu sobrinho, dom Diogo de Sousa, Gonçalo Pereira Marramaque, dom Ioaõ d'Almeida, Aluaro de Mendouça, Pero Botelho, Heitor de Mello Pereira, dom Martinho da Cunha: & dom Lopo da Cunha ambos irmãos de dom Pedro da Cunha capitão môr das Galés do reino, Pero de Tayde Inferno, Fernão de Castanho fidalgo Castelhano, caualeiro da ordem de Sanctiago, Diogo Alvarez Tellez, Bastiaõ de Sá, Afonso Pereira de Lacerda, Miguel Rodriguez Coutinho, d'alcunha fios secos, Francisco de Mello Pereira, Iorge de Mendouça, Antonio Moniz Barreto, Martim Afonso de Miranda, Pero Barreto Rolim, Antonio Pessoa, Vasco da Cunha, Antonio

de Sousa Coutinho o coxo, dom Pedro de Sousa, Ioaõ Fernandez de Vasconcellos, dom Felipe de Crafo, & outros muitos fidalgos & caualeiros que logo adiante nomearemos.

Dada a vela foraõ sua derrota com ventos Leuantes prosperos, & em poucos dias foraõ tomar Diu. Ali achou o Visorrey vm nauio ligeiro que vinha de Ormuz com cartas de dô Aluaro de Noronha, em que lhe fazia á saber serem as Galés recolhidas pera Baçorá, & lhe daua muito miuda cõta de todas as cousas acontecidas, assi em Mascate, como em Ormuz. O Visorrey sintio muito o negocio de Mascate. Logo se espalharaõ as nouas das Galés serem idas, o que todos sintiraõ muito: por que yaõ aluoroçados pera prouarem a maõ com elles. O Visorrey mandou chamar os capitaens velhos, & lhes mostrou a carta, & pós em conselho o que faria naquelle negocio. Visto por todos aquellas cousas assentaraõ, q̃ pois os Turcos eraõ recolhidos, q̃ mandasse hũa boa armada pera andar no estreito de Ormuz, & pera no inuerno se recolher áquella fortaleza, pella segurar, & que o Visorrey se tornasse pera Goa.

Com esta resoluçaõ despido o Visorrey logo seu sobrinho dom Antaõ de Noronha, com doze nauios grossos, & vinte ligeiros. Dos grandes eraõ capitaens (a fora dô

Antaõ

Antaõ de Noronha q̄ ya no Galeaõ saõ Lourenço) Gonçalo Pereira Marramaque no Galeaõ Camorim, Fernaõ de Castanho em saõ Pedro, Belchior Botelho no de saõ Thome, dom Ioaõ d'Almeida no de santa Cruz, Francisco da Costa, Aluaro de Mendocça, Pero Botelho, dom Manoel Mascarenhas, Luis Alvarez da Cunha, Diogo de Mello da Cunha, & dom Ieronymo de Castello branco em Caraelas. Nas Fustas yaõ dó Diogo de Tayde, Iorge Pereira Coutinho, Diogo de Mendocça, Ioaõ de Mello de Brito, Duarte Paym de Mello, Vicente de França, Gil de Goes, Ioaõ Alvarez Pereira, Ioaõ de Siqueira, Gómez Ferreira, & Pero Ferreira seu irmão, Vicente de Sousa, Antonio de Betancor, Diogo Pereira, Gonçalo de Moraes de Sousa, Ioaõ Serraõ, Martin Barbudo, Ruy Lopez, Antaõ de Seixas, Ruy Fernãdez, & outros. O Visorrey deu por regimento a dom Antaõ, que andasse no estreito a te Abril, & que se recolhesse a Ormuz, & que tomasse entrega da fortaleza, por que acabaua dom Aluaro de Noronha seu tempo, & que entregasse a armada a dó Diogo de Noronha que la estaua, pera andar nella a te Outubro, & que se recolhesse a Goa.

Despidida esta armada voltou o Visorrey pera Baçaim, a onde lhe chegarão nouas de Cochim, q̄ os Reys de Diamper, & Pimenta

continuauaõ na guerra cõtra o de Cochim, & que deixaua de correr a pimenta pera as naos.

Vendo o Visorrey quaõ necessario era acodir áquellas cousas, elegeo a Francisco Barreto, q̄ acabara de ser capitaõ de Baçaim (a quem socedeo Francisco de Sá de Meneses, dos oculos, & lhe deu todos os seus poderes, asy na justiça, como na fazenda, com titulo de Governador, pera em quanto estiuessse em Cochim correndo cõ a carga das naos. Francisco Barreto se partio logo, & leuou vinte nauios ligeiros, & de sua jornada adiante daremos rezaõ. Esta eleição foi muito estranhada d'alguns fidalgos, que falaraõ nella em publico, principalmente dom Diogo d'Almeida, filho do Contador mór, & Francisco de Sá, dos oculos: & outros que cuidauaõ merecer melhor aquelle lugar. O Visorrey ficou em Baçaim, dando despacho a muitas cousas, & esperando pellas segundas nouas de Ormuz. E auendo perto de vm mes que ali estaua, vieraõ nouas de Pero Lopez de Sousa capitaõ de Diu que era falecido, que o Visorrey tinha deixado enfermo, & por naõ auer prouidos cometeo o Visorrey cõ ella a dom Diogo d'Almeida, que a aceitou dizendo, que agora que o seruiço d'Elrey tinha delle necessidade, aceitaua a seruintia da fortaleza, de que elle enjeitara seis annos, por que soubesse

Elrey

Elrey q̄o não fazia por cobiçoso: que bem se via, que ya a seruir, & não a fazer proueito.

CAPITVLO VII.

*De como Diogo de Mello capitão de Ceilaõ, prendeo Tribuly Pandar pay d'Elrey: & das cousas que neste tempo aconteceraõ em Malaca, no principio da capitania de dom Alvaro de Tayde.*



**S**OCEDERA M tantas cousas juntas neste mesmo tépo, que não foi possiuel poder continuar cõ

ellas por sua ordem, por q̄as mais importâtes & sustáciaes lhes occuparaõ o lugar, & assi daremos a estas v̄m pequeno de vago, pera cõtinuarmos com as q̄ socederaõ na entrada deste veraõ, assi em Ceilaõ, como em Malaca, & por isso continuaremos com ellas juntas, cousa de q̄ sempre fugimos, por q̄ trabalhamos muito pellas separar & cõtar per si, pera se acharem diuididas quando se buscarem: Mas aqui não guardaremos agora esta ordem, por q̄ he assi necessario. E continuando cõ as cousas de Ceilaõ, falecido dom Ioão Anriquez, depois de estarem concertado cõ Tribuly Pandar, & com Elrey seu filho pera irem contra o Madune,

socedeo Diogo de Mello Coutinho (como atras fica dito no capitulo decimo nono, do liuro nono, desta sexta decada) que tanto que tomou posse da fortaleza, achando nas instruçoens que o Visorrey deixou a dom Ioão Anriquez, que prendesse o Tribuly, tratou de o fazer sem dar conta a pessoa algũa. E vendosse com Elrey lhe pedio & requereo que mãdasse vir seu pay a Cota, por que tinha que falar com elles ambos cousas que cõpriaõ ao seruiço d'Elrey de Portugal. Elrey auendo q̄ Diogo de Mello não boliria com elle, mandou chamar o pay, que veyo logo a Cota. Diogo de Mello tanto que soube ser chegado, estando em Columbo se foi lá, & em casa d'Elrey o prendeo, sem Elrey bolir comsigo, & o leuou pera Columbo, & o meteo em hũa torre que seruia de guardar a poluora, & lhe lançou hũa forte adoba de ferro.

A molher de Tribuly mãy d'Elrey, tanto que vio o marido preso solicitou a mór parte da gente da Cota, & se sayo della, & se foi pera o lugar de Reigaõ, donde tratou de sua soltura: & auendo tres dias q̄ isto tinha socedido, chegou dom Duarte Deça que ya por capitão, & logo tomou posse de Columbo. Elrey se foi ver com elle, & lhe pedio que soltasse seu pay: o que elle não quis fazer, antes lhe estreitou a prisão: & assi o

N n deixare-

o deixaremos ate seu tempo, por continuarmos com as cousas de Malaca.

O Abril passado, como ficado no capitulo decimo nono do nono liuro, deixamos embarcado pera aquella fortaleza dom Alvaro de Tayde, por que nella socedia a seu irmao dom Pedro da Sylua, que tinha ainda vm anno por seruir, & quis dom Alvaro de Tayde anticiparse tanto, & ir esperar lá aquelle tempo, por se tirar das despezas de Goa: & o Visorrey lhe passou prouisoens de capitao mór do mar de Malaca, & de todas aquellas partes: & segundo nos parece, que o isentou nas cousas da armada da jurdição de seu irmao.

Chegado elle áquella fortaleza foi bem recebido do irmao, & dos moradores, que logo no lullo seguinte dia da Visitação o elegerão por Prouedor da Misericordia. E como dom Pedro da Sylua estava mal quisto de todos, & dom Alvaro de Tayde lhe ya soceder, começaram os moradores a continuar com elle, & grangealo. Tomado dom Pedro da Sylua disto, & d'outras cousas que com isso socederão, quebrou com o irmao, & chegaram a se desordenarem, & a descomporem vn com o outro: & dom Pedro da Sylua clamaua & dizia, que seu irmao com capa de misericordia lhe ya roubar a sua fortaleza. Assim que e-

stando na mór rotura que podia ser, em fim de Outubro chegaram as naos da India em que ya o Licenciado Francisco Alvarez tomar a residencia de dom Pedro da Sylua com que logo começou a correr.

O Padre Mestre Francisco da Companhia, estava concertado com Diogo Pereira, pera vir da Sunda a onde estava ao tomar áquella cidade pera o leuar á China: Diogo Pereira como foi tempo veyo esperar seu recado ao estreito de Sincapura, a onde o padre lhe escreveu que esperava por elle: com este recado se foi a Malaca, & sorgio naquelle porto, & o padre começou a embarcar o seu fato pera se partirem. Dom Alvaro de Tayde, ou por que tiuesse algum escandalo de Diogo Pereira, ou por que quisesse dar os proueitos d'aquella viagem a vm homem de sua obrigação, mandoulhe dizer que não auia de ir na sua nao aquella viagem, por que compria assi ao seruiço d'El-rey. Diogo Pereira como a nao era sua, & viera ali só a tomar o padre Mestre Francisco alegou de seu direito, sem lhe valer cousa algua, nem lhe poder ser bom o Licenciado Francisco Alvarez: por que aquellas cousas erao no mar, a onde dom Alvaro de Tayde tinha toda a jurdição. A isto acodio o padre Mestre Francisco: & Bernaldim de Sousa, & outras pessoas,

foas, mas todas não poderaõ acabar coufa algũa, sem poderem tirar dom Alvaro de sua teima: antes meteo na nao vm homem de sua obrigação chamado Afonso de Rojes, que foi na nao, & Diogo Pereira ficou em terra. Taõ escandalizado ficou deste negocio o padre Mestre Francisco, que ao embarcâr no cais sacodio os çapatos dizendo, q̃ nem o pó de taõ má terra queria levar comsigo.

Dom Pedro da Sylua sentio tanto aquelle negocio, por ser feito a vm Religioso d'aquella sorte, que largou a fortaleza, & a entregou nas mãos do Licenceado Francisco Alvarez, dizendo que não queria mais ser capitão. E assi ficou Francisco Alvarez seruido alguns meses que lhe faltauaõ; & depois entregou a capitania a dom Alvaro de Tayde. Tanto que este fidalgo tomou posse da fortaleza, logo mandou tomar os lemes a todas as naos que auia no porto, assi d'Elrey como de partes, dizendo que tinha nouas do Achem, sobre o que teue algũas rezoens com Bernaldim de Sousa, por que lhe não quis dar o da sua Carauela, ficando quebrados, sendo d'antes grandes amigos. Estaua ali hũa nao que ya pera a Sunda, de que era capitão Gonçalo Vaz de Carualho, a quem o Visorrey deu aquellas viagens, dom Alvaro de Tayde lhe disse que eraõ suas, que o

Visorrey lhas não podia dar, & q̃ os capitaes de Malaca estauaõ de posse de as mandar fazer por sua conta, q̃ cópria ao seruiço d'Elrey ficar naquella fortaleza, por q̃ esperaua por Achens: & mãdou metter na nao vm criado seu chamado foaõ Pedrosa: & disse a Gonçalo Vaz de Carualho, que bem podia mandar trazer por sua conta certos bares de pimenta. Gonçalo Vaz vendo aquella sem razão dissimulou, & sendo tempo em que a nao se auia de partir, mandou metter em segredo dez ou doze soldados nella, q̃ se esconderaõ em hũa camara, & o dia que se auia de fazer á vela, pediu licença a dom Alvaro de Tayde pera ir a ella, & mandar recolher as suas ancoras, & as amarras. Dom Alvaro lha deu, & elle se foi á nao, & leuada a ancora, & soltas as velas firaõ os soldados da camara, & tomaraõ o criado de dom Alvaro nos braços, & deraõ com elle em vm balaõ, & o mãdaraõ pera Malaca. Dom Alvaro como soube o caso ficou taõ apaixonado, que esteue pera ir ate a Sûda a pós a nao: mas Gonçalo Vaz de Carualho foi fazer sua viagé. Bernaldim de Sousa, como dom Alvaro tinha tomados os lemes a todas as embarcaçoens, & estauaõ quebrados o capitão & elle: mandou dissimuladamente embarcar o seu fato, & o dia em q̃ esperaua de se fazer á vela, tẽdo prestes de noite hũa embarca

*Sexta Decada. Da historia da India.*

ção ligeira, se embarcou nella, & passando pella praya a onde os lemes estauão, dando cabo ao seu, deu com elle no mar, & o leuou á Carauela, & metendoo em seu lugar deu logo á vela.

Ao outro dia pela menham deraõ logo rebate a dom Aluaro, que foi sua paixão tanta, que se foi ao cais, & se embarcou em hũa Fusta, & foi a pos. Bernaldim de Sousa, & chegando a elle lhe bradou que amainasse. Bernaldim de Sousa lhe disse que se recolhesse, & se fosse pera a sua fortaleza, que aquelles feitos eraõ de mancebo. Em fim passadas algũas rezoens dom Aluaro se recolheo a Malaca, & mandou fazer vm termo, em que ouue Bernaldim de Sousa & todos os que com elle yaõ por aleuantados: & toda a fazenda que lhe ficou, que era muita, & vinha repartida pelos Galeoens de Maluco, tomou, & a julgou por perdida, & a carregou pera Elrey, & a mandou entregar a pessoas abonadas pera na India a darem ao Visorrey. Dom Pedro da Sylua se embarcou poucos dias depois no Galeaõ Sãtiago em q̄ tinha ido ao socorro de Malaca Ioão Anriquez: & dom Ioão Coutinho no seu Galeaõ, & todas as mais naos. Eo Licenceado Frãcisco Alvarez tambem se embarcou nesta companhia, com a residencia de dom Pedro da Sylua: & com hũa deuassa que tirou das

cousas de dom Aluaro de Tayde.

Dom Pedro da Sylua se encõtrou no mar com Bernaldim de Sousa, que cuidou que se tomassêdo que elle tinha passado com seu irmaõ: mas elle ya muito lôge disso, por lhe parecerem muito mal aquellas cousas: & saluandose foraõ jutos ate Ceilaõ, & desembarcaõ em Gale, & d'ali foraõ por terra a Colũbo, onde se detiueraõ algũs dias, indo visitar a prisãõ Tribuly Pandar, & o consolarãõ, & se lhe offereceraõ pera falarẽ ao Visorrey em seus negocios. E depois de tomarẽ algũas cousas necessarias se embarcaraõ & partiraõ pera Cochim. E por q̄ nos esqueceo de continuar cõ dom Rodrigo de Meneses que veyo de Maluco, & teue aquellas differenças com Bernaldim de Sousa, o faremos aqui.

Chegados elle & Bernaldim de Sousa a Malaca, sempre se ficou Bernaldim de Sousa temêdo d'elle porq̄ se ouue elle por muito afrontado, do modo cõ q̄ procedeo cõ elle. E ficando assi em Malaca sem se encontrarem, veyo dom Rodrigo a adoecer de hũas febres, & o dia q̄ tomou a purga, foi ella tal, q̄ começou a arder por dẽtro, & a gritar por agoa, dizendo que se lhe abrazauãõ as entranhas, & com esta angustia morreo logo. Naõ deixou dese sospeitar, q̄ Bernaldim de Sousa peitara o boticairo pera lhe dar peçonha: & naõ faltou que o escreuesse ao Visorrey. Foi este dom

dom Rodrigo filho de dom Antão d'Almada, capitão da cidade de Lixboa, & estaua despachado com a capitania de Diu, era bom fidalgo, & de muito grande opinião, & bom caualeiro.

CAPITVLO VIII.

*Das cousas que acontecerão a Francisco Barreto em Cochim: & de como dom Pedro da Sylua, & Bernaldim de Sousa chegarão a Goa: & do que o Visorrey dom Afonso de Noronha fez.*

**D**EIXAMOS atras no capitolo sexto deste decimo liuro Frãcisco Barreto partido de Baçaim, & seguindo sua jornada tomou Goa a onde se deteu pouco, & passou adiante a te Cochim, a onde começou a tratar da carga das naos, pera que faltaua pimenta: por que aquelles Principes Maluares do Chembe & Bardela lhe impediaõ a passagem, & traziaõ nos rios suas manchuas de que andaua por capitão mór ym Maluar Christão nacido em Cochim, chamado Vasco. Este por saber muito bem aquelles esteiros, como quem se criou nelles, daua nos mór trabalho, que se fora hũa armada muito poderosa: por que elle só ba-

stou pera pôr toda a cidade em reuolta, & ainda a armada de Francisco Barreto (por que pella falta da pimenta lhe foi necessario acudir aos rios com toda a armada.) Vasco andaua em hũa manchua muito ligeira de dous lemes: & como aquellas ilhas são muito retalhadas de esteiros, estreitos, & intricados, elle só salteaua os mercadores que vinhaõ com pimenta, & metia toda a armada cada hora em afrontas: por que andaua no meyo della, de esteiro em esteiro, de ilha em ilha, sem lhe poderem fazer dano algum. E quando os nossos estauaõ mais descuidados, daua de supito nos nauios, & passaua por elles, & lhes deitaua muitas panelas de poluora, com que os abrazaua, & trataua mal: por q̃ por sua muita ligeireza chegaua quando queria, & recolhia se quando lhe era necessario, sem auer que lhe podesse chegar, por que tanto remaua pera tras como pera diãte, & como era tão ligeiro, & não daua volta pera fogir por ter dous lemes, não auia cousa que o podesse alcançar.

Nisto se gastou todo o mes de Dezembro, & Francisco Barreto se recolheo a Cochim, deixando nos rios Ioaõ Peixoto, caualeiro muito honrado, natural de Guimaraens, por capitão mór de dez ou doze nauios, pera ficar fauorecendo algũa pimenta que ainda corria. As naos foraõ se carregãdo

com trabalho pella falta que auia de carga : & sendo ja alguns dias de Janeiro andados , chegaram os Galeoens de dom Pedro da Sylua, & de Bernaldim de Sousa : & por que faltauão drogas pera a carga, comprou Francisco Barreto a Bernaldim de Sousa pera Elrey, coatrocentos & dezaseis quintaes de crauo, a treze xerafins o quintal sujo de pao & bastaó. E tambem tomou a outras pessoas o crauo q̄ lhe pareceo, q̄ se lhes pagou muito bem. Tomada a carga deraó as naos á vela pera Portugal, & tiue-raó todas muito boa viagem.

Francisco Barreto mandou recolher os nauios que trazia nos rios, & se partio pera a costa do Maluar, a onde andou todo o resto do veraó, & em Março se foi inuernar a Goa. O Visorrey depois que no Norte deu ordem a muitas cousas, assi em Baçaim, como em Chaul, & que teue as segundas nouas de Ormuz, deu á vela pera Goa, a onde chegou no fim de Feuereiro. Poucos dias depois d'elle chegaram os nauios com dó Pedro da Sylua, & Bernaldim de Sousa, & o Licenciado Francisco Alvarez, & apresentando a residẽcia de dom Pedro da Sylua, se lhe acharaó culpas obrigatorias ao prenderem, & o mandaraó liurar: & foi condenado em algũa coufa.

O Visorrey despidio em Feuereiro Pero de Tayde Inferno cõ  
x ym Galeaó, & dez nauios de remo,

com regimento que fosse ao estreito de Meca, esperar algũas naos do Achem, & que se fosse inuernar a Ormuz, & que entregasse a armada a dom Diogo de Noronha que lá acharia. Bernaldim de Sousa achou em Goa cartas d'Elrey muito honrosas, & com ellas hũa patente em q̄ lhe fazia merce da capitania de Ormuz, em que entraria logo, por q̄ naó auia prouido algum diate d'elle: com a patente foi logo requerer a posse ao Visorrey, que lhe elle naó quis dar porque tinha por dar residencia, & alem disto lhe tinhaó mandado culpas de Malaca, em que o culpa-uão na morte de dom Rodrigo de Meneses: & o Visorrey lhe disse que naó podia entrar na fortaleza sem primeiro dar residencia, que nas naos que auiaó de partir lha mandaria tirar, & que entaó o despacharia. Naó faltaraó induzidores que lhe disseraó, que o Visorrey o entretinha por naó mandar tirar d'aquella fortaleza seu sobrinho dom Antaó de Noronha, com outras cousas que bastaraó pera quebrar com o Visorrey, se tiuera menos prudencia: mas elle dissimulou tudo, & naó se quis dar por agrauado do Visorrey, antes sempre o acompanhou, & assi o Visorrey foi taó grande seu amigo, que todos os negocios de importácia praticaua primeiro com elle que com os outros fidalgos, & lhe fazia tudo o que lhe pedia, &  
daua

daua cargos & despachos a muitas pessoas por sua ordem.

Era Bernaldim de Sousa muito auisado, facil, & de grande conuersação. E tanto, que os mais dos dias Sanctos, & Domingos ajuntaua quinze & vinte de caualo seus vizinhos & amigos, casados todos (por que geralmente era muito bem quisto) & elle com elles, vestido de loba azul de chamalote, cingido pella cinta, com vm barrete vermelho na cabeça (por que os fidalgos d'aquelle tempo não punhão sua vaidade em capotes, & calças, se não em muitos soldados recolhidos em suas casas) & com todos de caualo saya ao terreiro do paço, & tanto que o Visorrey chegaua á genela, acenaua-lhe com a mão, & lhe dizia: Ah senhor sahi ca pera fora, no campo de são Lazaro vos espero, & voltaua com sua companhia pera elle. O Visorrey mandaua tocar a caualgar, & com todos os fidalgos se ya ao campo: & lá lhe saya Bernaldim de Sousa, com os companheiros de emboscadas, & escaramuçauão, & folgauão, & como cansauão deitauão se na relua, & conuersauão com discursos graues, praticando sobre os negocios da India, & d'ali se recolhiao. E esta facilidade dos Visorreys d'aquelle tempo obrigaua aos homés a muitas cousas.

Era tão pontual, que andando passeando em vm caualo que ti-

nha muito fermoso, passou por elle vm casado, rico, & grande seu amigo, & lhe disse, se quera vender aquelle caualo, que lhe faria dar muito dinheiro por elle: elle lhe respondeo que não. E virandosse pera outro fidalgo que andaua com elle disse, má terra he a India, pareceuos que em Portugal me perguntara ninguem, se quera vender o meu caualo em que andasse? Trouxemos isto, por que vimos este primor tão trocado, q os mesmos fidalgos andauão pelas ruas conuidando com os seus caualos pera lhos comprarem.

O Visorrey começou a entrar no despacho das cousas de Malaca & Maluco: & mandou o Licenciado Gaspar Iorge q era desembargador pera ir a Malaca deuaslar do caso da morte de dom Rodrigo de Meneses (por que a residencia de Bernaldim de Sousa das cousas de Maluco ja la era encomendada ao Ouuidor) & pera tirar deuaassa dos casos de dom Aluaro de Tayde. E despachou d'orge Deça, que era prouido da capitania da carreira de Maluco, & lhe deu vm Galeão com muitos prouimentos pera aquella fortaleza. E assi despedio alguns capitaens com soldados pera irem inuernar a Cochim, & a Gran-ganor. Depois destes nauios partidos pera fora se ferrou o inuerno.

CAPITULO IX.

*De hũa armada de Malauares que foi a costa da Pescaria, & dos danos que por ella andou fazendo: & de como Gil Fernandez de Carualho armou alguns nauios a sua custa, & a foi buscar: & de como encontrou esta armada, & pelejou com ella, & a desbaratou & tomou.*



**D**EPOIS de Francisco Barreto ser partido da costa do Maluar pera Goa, que foi em Março: offerceose vni Rume que viuia a soldo do Camorim a ir esperar as naos de Bengala, & saquear toda a costa da Pescaria, & as cidades de Negapatao, & saõ Thome, prometendolhe hũas muito grandes prezas. E como o Camorim neste negocio do mar nunca entra com cabedal algum, mais que com licença pera quem quiser armar nauios o poder fazer, a deu facilmente a este, a quem logo se lhe offerceãõ pera esta jornada muitos, & se começaram a negociar de nauios, artelharia, monçoens, & soldados, & em poucos dias se juntarãõ de diferentes portos catorze nauios mूंy fermosos, & mूंy bem pesrechados, & com todos se fez o Rume a vela, indo elle

em hũa Galeota latina grande & possante: & fazendosse na volta do Sul, passaraõ o cabo de Comorim: & correndo a costa da outra banda chegaraõ ao porto de Ponicale, a onde estaua por capitaõ Manoel Rodriguez Coutinho, fidalgo honrado, que ali tinha sua mulher & familia: & pera sua guarda tinha vni forte de taipa q̃ cercaua a pouoçaõ que era de Christaõs, & assi elle era capitaõ de toda aquella costa da Pescaria.

Estã esta pouoçaõ de Ponicale em hũa ponta da terra que se corrou por hũa parte, & ficou em ilha (por q̃ era toda cercada de agoa.) Chegada esta armada, lançoõ logo o Rume em terra perto de quinhentos homens pera irem comer a pouoçaõ. Manoel Rodriguez Coutinho acodio á praya cõ setenta Portugueses que ali auia, em que entrauaõ alguns caualeros muito honrados, & cõ os Christaõs da pouoçaõ, que acodiraõ com suas armas, remeterãõ com os imigos, & trauaraõ com elles hũa fermosa batalha, em que os nossos pelejaraõ mूंy bem, asinalandosse antre todos vni Antonio Franco de Gusmaõ, que leuaua a bandeira, ou guiaõ: por que pondosse diante de todos como vni liaõ endereitou com vni Abexim que trazia a bandeira do Rume & liandosse com elle o tomou, & deu com elle no chaõ, & o matou ás punhaladas, & tomandolhe a bandeira

bandeira remeteo de nouo com os imigos, seguinđoo todos os Portugueſes, & de feiçaõ apertaraõ com elles que os fizeraõ lançar ao mar. O Rume que eftaua na proa da ſua Galeota, vendo o eſtrago dos ſeus, & a ſua bandeira perdida, & o pequeno numero dos noſſos, começou a bradar com os ſeus, afrõtandoos, & espancandoos, fazendoos lançar outra vez ao mar: & elle com toda a mais gente, que ſeriaõ perto de mil & quinhentos por todos, ſe pôs em terra. Os noſſos vendo a multidaõ dos imigos deſempararaõ os mais delles ao capitaõ, & foraõ ſe recolhendo pera a pouoaçaõ. Manoel Rodriguez Coutinho ficou com ſõ deſſete companheiros, em que entraraõ Nuno Pita, Antonio Camello ſeu irmaõ: Eſteuaõ de Lemos, & Antonio Franco: mas cõ eſtes taõ poucos fez roſto aos imigos, por que a honra não lhes daua lugar pera lhes virarem as coſtas. Vendo todauia Nuno Pita q̄ aquillo parecia mais temeridade que eſforço, chegouſe a elle, & tomandoo por vm braço, & lhe diſſe: que determinaes ſenhor? não vedes quaõ poucos ſomos? pera q̄ he perdermonos em couſa q̄ não ganhamos honra? recolhamonos, & ponhamos em cobro voſſa molher & filhos, que he o que mais importa. Manoel Rodriguez Coutinho ouuindo aquillo, foi virãdo com os companheiros, que nunca

o deixaraõ, & de quando em quando fazendo roſto a os imigos com as eſpingardas, com que derribaraõ alguns, & quis a deſauentura que deſſem hũa eſpingardada a Manoel Rodriguez Coutinho, de que cayo logo, mas os cõpanheiros o leuaraõ nos braços, & o recolheraõ pera a pouoaçaõ, que acharaõ ja deſpejada: por que como viraõ ir os primeiros em diſbarato, logo todos ſe paſſaraõ da outra banda do eſteiro, que eraõ terras de Biſme Naique, vm vaſſalo do Rey de Canará. Manoel Rodriguez Coutinho mandou tambem paſſar ſua molher & filhos, & elle com os que o ſeguirãõ tambem o fizeraõ.

Os Mouros entraraõ a pouoaçaõ, & a roubaraõ, & eſcalaraõ, tomando toda a fazenda que Manoel Rodriguez Coutinho, & os mais Portugueſes ali tinhaõ: por que não ſaluaraõ mais que o que leuaraõ ſobre ſi. Os Malauares depois que eſcalaraõ & roubaraõ tudo, ſe tornaraõ a embarcar, & ſe foraõ pella coſta adiante.

O Biſme Naique da outra bãda, tanto que teue rebate d'aquelle negocio, acodio com ſete ou oito mil homens, & achando todos os Portugueſes nas ſuas terras dãdolhe a cobiça de vm grande reſgate, lançou maõ de todos, & os prendeo. Manoel Rodriguez Coutinho deſpidio recados mūy apreſſados a Cochim, tratando de ſeu reſgate

resgate com o Naique (que por q̄ se resgatassem mais depressa & melhor, os tratou muito mal, & lhes estreitou as prizoens.) Os recados que partiraõ pera Cochim, foraõ em poucos dias na cidade, & se deiraõ ao capitaõ.

Estaua entaõ naquella cidade de Cochim Gil Fernãdez de Carualho, que auia pouco era chegado, depois d'aquelle honroso & esforçado feito que fez em Malaca, em tempo de dom Pedro da Sylua capitaõ d'aquella fortaleza, & auida aquella grande vitoria (como diffemos atras no capitulo nono do liuro nono) se tornou pera Quedá a fazer seu negocio: & depois de carregar de pimenta se foi a Bengala, a onde a vendeo, & carregou de outras fazendas com q̄ era chegado.

Corrêdo as nouas por Cochim da armada Malauar, & do negocio de Ponicali, pós toda aquella cidade em reuoltas, por que bem entenderaõ que não auia ali de parar o mal. Gil Fernandez de Carualho se foi logo á camara, a onde estauaõ os Vereadores, & capitaõ, & lhes disse, que elle estaua muito prestes pera acodir áquelle negocio, por q̄ pera o seruiço de Deos, & d'Elrey, tinha muito dinheiro, & muita obrigação, & vontade, q̄ lhe dessem nauios, & artelharia q̄ elle não tinha, que todos os soldados, & mantimentos, elle os embarcaria a sua custa, por que pera

aquellas & outràs semelhantes necessidades queria o que tinha. A cidade lhe agardeceo muito aquelle seruiço, que queria fazer a Deos & a Elrey, & lhe disse que lhe dariaõ coatro nauios, & artelharia pera elles. Gil Fernandez de Carualho lhos aceitou, & logo se foi pór na praça a onde se fazem os leiloës, armando mesa, & mandando lançar pregoës, offerecendo de sua casa dez pardaos a cada soldado que com elle se quisesse embarcar: & assi começou a pagar a todos os que acodiraõ que foraõ cento & setenta, & por outra parte mandou comprar todos os mantimētos & cousas necessarias, que se embarcaraõ logo nos coatro nauios, que a cidade lhe mandou pór no cais. Gil Fernãdez de Carualho mandou negociar pera sua pessoa hũa fermosa Galeota, o q̄ tudo se fez em tres dias, & se embarcou no fim d'Abril.

Dada a vela foi seguindo sua derrota ate dobrar o cabo de Comorim, & de longo da costa foi na demanda dos parós, & chegou a Calecare a onde os imigos estauaõ: & como ya com vento escasso não pode dobrar a restinga, em que se perdeu Manoel de Macedo (como na coarta decada no capitulo vndecimo do liuro setimo temos dito.) Vm capitaõ de vm nauio da sua companhia, que se chamaua Lourenço Coelho, natural de Tangere que ya diante, foi desaten-

defatentadaméte varar por cima da ponta da restinga a onde ficou em seco. O Rume capitão mór dos Malauares que estaua da outra banda, vendo varar aquelle nauio, mandou cinco ou seis a elle pera o tomarem. Chegaraõ estes nauios & acharaõ os nossos metidos no seu, sem nũca o quereré largar, & abalroãdo por todas as partes, tiueraõ com elle hũa fermosa batalha á vista de Gil Fernandez de Carualho, que lhe não pode socorrer por ser o vento contrairo, & muito rijo. Lourenço Coelho com seus companheiros posto q̄ estauaõ em seco cõ o nauio, quando se viraõ abalroados, poseraõse em defençaõ, & fizeraõ tudo o que o valor Portuguez lhes pedia, sustentandosse em dano dos inimigos muitas horas. Mas como o numero era taõ desigual, & elles não se quiseraõ render, foraõ todos mortos a espada: ficando só vm muito atassalhado, que se meteo debaixo do jugo da Fusta.

Vencida a batalha por elles, derãõ os inimigos cabo ao nosso nauio, & o tiraraõ pera fora, & o leuaraõ a vista de Gil Fernandez de Carualho, que lhe não pode valer. Gil Fernandez de Carualho voltou pera a ilha das Lebres, que era perto, a onde achou vm nauio de Portugueses, & tomandoo consigo ao outro dia, quis nosso Senhor (por ser vespora do seu triũpho da Ascensãõ, que foi aos ca-

torze dias do mes de Mayo) que se mudasse o tempo, & lhe ficasse prospero, & dando á vela foi em busca dos inimigos. E ao outro dia pella menhã que era de sua gloriosa Ascensãõ, ouue vista da armada imiga junto do lugar de Calcare: & pondosse em armas a foi demandar, & acometteo com grãde determinaçãõ, pôdo elle a proa na Galeota do Rume, dandolhe aquella primeira surriada com que lhe mataraõ muitos: & lançandosse dentro com os seus, teue hũa muito arriscada batalha, por que o Rume era muito caualeiro, & leuaua perto de duzentos homens na sua Galeota. Os outros quatro nauios da nossa companhia tambem abalroaraõ cada vm cõ o seu, & depois de grãdes refertas os renderãõ, & inuestiraõ outros. Gil Fernandez de Carualho, depois de muitas horas, & de ter feito grande estrago nos inimigos, deu com os mais ao mar, a onde tambem se saluou o Rume, & se foi pera a terra que era perto.

Rendida aquella Galeota, que era a mais importante; se foi meter no meyo das outras, & as falcoadas desaparelhõ duas, & inuestio com outras, que logo se lhe despejaraõ, ficandolhe os nauios nas mãos. Em fim quando foi sobre a tarde toda a armada era rendida: & os nauios ficaraõ em poder dos nossos, sem escapar vm só, que ate a Fusta de Lourenço Coelho

lho foi tomada com o soldado ainda viuo, que se tinha escondido de baixo do jugo.

Alcançada tão grande vitoria, foise Gil Fernandez de Carualho pera a costa de Negapatao, pera onde leuou todos os nauios, & inuernou naquella cidade. Estas nouas correrao logo a Cochim, & d'ahi a Goa, & foraõ tao estimadas & festejadas, que lhe fizeraõ logo cantigas, que se cantauao nas folias (que entao auia muitas, por q̄ tudo o d'aquelle tempo era alegria, & boas veturas) & dizia hũa. Gil Fernandez de Carualho, tomou os paros a quinze de Mayo.

O Bisme Naique, tao que soube da grande vitoria que a nossa armada ouue dos Malauares, logo se concertou com Manoel Rodriguez Coutinho, no resgate das pessoas de todos, & os largou, ficando em refens do preço o Padre Anrique Anriquez da Companhia: & depois de serem em Punical, ajuntaraõ o dinheiro, & o mandaraõ. Os Parauaz (que saõ os pescadores do aljofar, d'aquelle lugar) vendo que Manoel Rodriguez Coutinho ficaua muito pobre, lhe deraõ de seruiço vm dia de pescaria, que foraõ fazer a sua conta, & foi sua ventura tal, q̄ lhe rendeo sete ou oito mil pardaos. Gil Fernãdez de Carualho tomou nos Paros toda a fazenda de Manoel Rodriguez Coutinho, & dos mais Portugueses, & o que pode

saluar das maõs dos soldados, que foraõ os vestidos & joyas de sua molher, & algũas peças, que tudo lhe mandou.

CAPITVLO X.

*Do que aconteceu a dom Antaõ de Noronha na jornada a te Ormuz: & do que fez Pirbec tanto que chegou a Baçorã: & do que mais passou dom Antaõ de Noronha, a te entregar a armada a dom Diogo de Noronha.*



**A**R T I D O dom Antaõ de Noronha com a armada pera Ormuz (como atras dissemos no capitulo sexto deste decimo liuro) cursandolhe sempre bõs tempos, chegou aquella fortaleza no fim de Nouembro, a onde ja auia mais de vm mes, que dom Diogo, & dõ Antonio de Noronha eraõ chegados. O capitaõ dom Alvaro de Noronha lhe fez grande recebimento, & o pouo todo, que ainda estaua assombrado das Galés. Dõ Antaõ de Noronha despidio logo Gomez de Siqueira, & Luis d'Aguiar (dous grandes Catureiros) pera irem a te dentro de Baçorã vigiar as Galés, dandolhes por regimento, que vm lhe trouxesse nouas do que achasse, & o outro se deixaf-

deixasse ficar lá a te seu recado, ficando dom Antaõ negociando & prouendo a sua armada de nouo.

Aqui se conta delle hũa cousa q̄ se lhe notou a grande prudencia, & arteficio, como elle realmente tinha, & foi esta. Costumaõ os Reys de Ormuz, quando chega algum capitaõ mór aquella fortaleza mandalo visitar com presentes de brincos & coriosidades, conforme á pessoa, & á armada que leua: & por que dom Antaõ de Noronha por ambas aq̄llas cousas auia q̄ estaua no segundo lugar da India, querêdo q̄ todos o estimassẽ nisso, sabendo q̄ Elrey o auia demandar visitar com vm presente, quis que fosse mayor que todos os que ate entaõ mandara aos capitaõs que ali tinhaõ vindo: & pera isso se fiou de vm letrado que ali estaua por Veador da fazêda, que era de sua obrigaçaõ, & grãde amigo d'Elrey. Este estando vm dia ptaticando com Elrey, lhe deu elle conta do presente que queria mandar a dõ Antaõ de Noronha. O Bacharel lhe disse, que lhe mãdasse o mayor, & o mais rico q̄ podesse, que elle faria com dom Antaõ que lho tornasse depois: porq̄ não queria mais q̄ acreditar-se cõ os homens, & que pera segurança disso lhe daria vni asinado do mesmo dom Antaõ, & outro seu. Elrey o fez assi: & estando vm dia dom Antaõ de Noronha, com dõ Diogo de Noronha, dom Anto-

nio, & todos, ou os mais dos fidalgos, & caualeiros de sua armada, chegou a visitaçaõ d'Elrey, & o presente, que valia dez ou doze mil cruzados, por que era vni fio de perolas, riquissimo, algũas peças d'ouro & prata coriosas, alcatifas grandes, & pequenas, mũy finas, & outras cousas. Aceitado o presente em publico, tanto que foi noite o tornou a mandar a Elrey pello Bacharel, que recolheo os asinados que disto lhe tinha passado. Contamos isto, por que he necessario pera outras cousas que adiante auemos de tocar: & agora os deixaremos por vm pouco, por que he necessario continuar com o Pirbec.

Partido este Turco de Ormuz, com o recheyo que dissemos, foi ter a Baçorá a onde se deixou ficar. O Baxá de Baçorá tanto que soube que elle desembarcara em Mascate & Ormuz, contra o regimento do Turco, despidio logo pella posta recado disso a Constantinopla. Disto foi auisado o Pirbec, & como era sagaz & prudente, tomou todo o recheyo de Mascate, & de Ormuz, & Lareca, q̄ môtaria mais de vm milhaõ d'ouro, & embarcou tudo em tres Galés ligeiras, & ferrolhou nellas todos os Portugueses q̄ catiuou em Mascate & partiose de Baçorá cõ tējaõ de se ir a Constantinopla deitar aos pés do Turco cõ todas aquellas riquezas, pera com isso o abrandar:

*Sexta Decada. Da historia da India.*

por q̄ estaua certo q̄ se esperasse recado seu em Baçorá, q̄ lhe auia de mandar cortar a cabeça.

Partido de Baçorá tomou a derrota de longo da costa de Arabia, & tão auante como Catifa de noite deu hũa das Galés em hũa restinga a onde se desfez, & espedaçou: como isto era de noite, & os Portugueses q̄ yaõ aferrolhados não sabião a terra, receãdo de se afogarẽ se deixaraõ ficar na Galé ja desferrolhados. Pirbec q̄ ya diante achãdo logo a Galé menos, tornou a voltar atrás, & chegãdo á restinga, achou a Galé quebrada, & toda a gente nella, & deitando barquinhas fora, mãdou recolher todos, & os Portugueses q̄ foraõ tão mofinos, q̄ podendo se saluar em terra que era perto se deixaraõ ficar. Os Turcos recolheraõ as mais das cousas da Galé & foraõ seguindo sua derrota.

Os nossos nauios que andauaõ vigiando as Galés, tanto que sairãdo de Baçorá, logo ouueraõ vista dellas, & deixou se ficar o Siqueira, vigiandoas, indo sempre á sua vista. E o Luis d'Aguiar se foi com recado a Ormuz, com a mór pressa que pode: & chegando áquella fortaleza deu rebate a dom Antaõ de Noronha, que logo se embarcou com muita pressa, & com elle dom Diogo, & dom Antonio de Noronha: & ao partir de Ormuz chegou a elles o Siqueira, & lhes disse, que as Galés yaõ de longo

da Costa de Arabia pera fora: dõ Antaõ tornou a voltar a pos ellas, indo os Galeoens a meya boroa, & a armada de remo de longo da costa, & diante de todos o Siqueira, & Aguiar, pera descobrirem todas as enceadas, por que lhe não ficassen atras. Era isto no mês de Feuereiro em que cursaõ os ventos xamais, que saõ os Noroestes, que dentro naquelle estreito saõ mûy tormentosos: & assi teue a armada tanto trabalho q̄ esteue perdida, com hũa tormenta desfeita que lhes deu, com que corraõ cõ velas pequenas a te defronte de Mascate: & sendo vista a armada da terra, lhe sayo Fernaõ Diaz Cesar em vm Terranquim, & disse a dom Antaõ de Noronha que o dia d'antes passaraõ as duas Galés á vista da terra. Dom Antaõ mandou dar todas as velas, & as foi seguindo, mandando diante os nauios de remo, pera as embarçarem se as achassem: & chegou a te o cabo de Rosalgate sem auer vista dellas. Ali tomou parecer sobre o que faria, & se as seguiria a te o estreito de Meca: & assentou se que ja não era moução, por q̄ ventauaõ os ponentes, & que a armada não ya apercebida pera isso, mas que fosse esperar as naos de Iuda na ribeira de Teue, & as recolhesse, & se fosse com ellas pera Ormuz, & assi o fez que logo voltou pera aquella ribeira, a onde esteue a te todo Abril, & ainda alguns

guns dias de Mayo, & recolheo todos os nauios. Ali foi ter Pero de Tayde Inferno cō toda sua armada, estando dom Antaõ de Noronha pera dar á vela.

Este fidalgo tanto que partio de Goa, foi demãdar as portas do estreito, a onde esteue a te aquelle tempo, sem lhe acontecer cousa notauel, nem auer vista do Pirbec, por que parece que passou de noite por elle. Dom Antaõ de Noronha tanto que vio a sua armada teue com elle comprimento sobre as bandeiras, & todavia Pero de Tayde tirou a sua, & o foi seguindo a te Ormuz, a onde dom Antaõ de Noronha tomou posse da fortaleza, & entregou a armada a dom Diogo de Noronha o Corcós. Pero de Tayde Inferno achou vm regimento do Visorrey, em q̄ lhe mandaua entregasse a sua armada a dom Diogo de Noronha Corcós, como logo fez: & se embarcou com elle por seu soldado no Galeão saõ Lourenço. Dom Diogo tanto que tomou posse da armada a mandou negociar & reformar, & dom Antaõ de Noronha lhe fez paga aos soldados, & lhes ordenou mesas que se lhes de raõ todo o tempo que ali estiuerão. Dõ Diogo de Noronha despido alguns nauios ligeiros pera andarem de Ormuz a te Baçorá em paragens pera auerem fala das Gales, & lhe mandarem cada dous dias recado do que se lá passaua.

CAPITVLO XI.

*De como Francisco Lopez de Sousa chegou a Maluco, & das cousas que fez: & de como faleceo: & das differenças que ouue sobre quem succederia naquella capitania: & das cousas que sobre isso fez o Rey.*



**D**EIXAMOS Frácisco Lopez de Sousa o anno passado partido de Malaca pera Maluco, & tendo boa viagé chegou á fortaleza em Dezébro passado, & Baltesar Velloso lhe entregou a fortaleza, com cujas obrigaçoës começou a correr, & a primeira cousa q̄ fez foi apresentar a Elrey a prouisaõ do Visorrey q̄ tãbem leuou, em q̄ madaua q̄ nenhũa pessoa vedesse crauo, né o cõprasse, se naõ de cabeça, & limpo de pao & bastaõ, pellos incõuenientes q̄ atras dissemos. Este Rey como desejava de se mostrar muito leal a todos os mandados dos Visorreys & Governadores, mãdou apregoar a prouisaõ por todas suas ilhas, o q̄ tomaraõ muito mal todos seus vassallos, assi pella muita perda q̄ recebiaõ, como pello muito grãde trabalho q̄ se lhes offerencia no alimpar do crauo, mas Elrey trabalhou tanto nisso q̄ os quietou, & fez cõ elles q̄ obedecessem aos mandados do Visorrey, & assi

começaraõ logo a vender o crauo limpo, & a carregar-se no Galeaõ da carreira. Socedeo mais em sua entrada, dizerem-lhe os padres da Companhia, que era seruiço de Deos, mãdarem com elles alguns Portugueses ao lugar de Camafo (que era d'Elrey de Tidore) diuidir, & apartar os Christaõs q̄ ali viuiaõ dos Mouros & Gétios, por q̄ viuiaõ todos mesturados, & muitos Christaõs casados com Mouras & Gantias, & muitas mulheres Christans pella mesma maneira: o que era contra a ley de Deos, & grãde perturbação d'aquella Christandade. Isto praticou o capitaõ com Elrey, & lhe pedio algũas Corocoras pera mãdar áquelle negocio cõ os padres. Elrey lhe disse q̄ aquella obra era tamanha q̄ se ambos se naõ achassem em pessoa nella, naõ se poderia fazer cousa algũa, por q̄ receaua grandes alteraçõs & mouimétos, & q̄ elle estaua prestes pera isso. O capitaõ lhe agardeceo aquelle conselho, & lançou maõ dos comprimentos, pedindolhe q̄ se fizesse prestes, o q̄ elle logo fez, & ambos se embarcaraõ em suas Corocoras, leuando o capitaõ cem Portugueses, & deixou a fortaleza entregue a Gabriel Rabello.

Chegados ao lugar do Toloco duas legoas de Camafo, deixaraõ se ficar Elrey & o capitaõ, & mandaraõ vm padre da Companhia, & com elle Bastiaõ Velloso, & Pero de Ramos com algũs Portugue

ses, pera irem fazer aquella diligência. Chegados estes homẽs a Camafo, começou o padre a diuidir, & apartar os Gétios & Mouros dos Christaõs, as mulheres dos maridos, & elles dellas: pays de filhos, & filhos de pays: de maneira, que tal ordẽ tiueraõ, q̄ ficaraõ os Christaõs todos sobre si, & os mais em bairros q̄ pera isso lhes ordenaraõ. E os q̄ se naõ quise-raõ apartar das mulheres Christãs, & as si mesmo as Gétias, ou Mouras, q̄ quise-raõ viuer cõ seus maridos, receberaõ a agoa do santo bautismo.

Feita esta obra sem alteraçãõ algũa, se tornaraõ pera o Toloco, a onde estaua Elrey, & o capitaõ. Vêdo Elrey aquelle negocio, que elle tinha por muito duuidoso, & difficultoso, mouido de sua boa inclinaçãõ, & natureza, disse ao padre. Hora ja que vos padre viestes a fazer hũa obra taõ sancta, como foi apartar os Christaõs dos Mouros: eu tambem quero que se faça em mim justiça pois eu vos fauoreci, pera a fazerdes nos outros. Eu trago á muitos annos hũa mulher Christã por manceba, nunca Deos queira que eu fique com ella: & mandandoa vir logo lha entregou. O capitaõ & o padre passaraõ d'aquella obra, & lha louuaraõ & engrandeceraõ muito: & logo ordenaraõ casar a mulher, como fizeraõ, ajudandoa todos cõ seu quinhaõ.

Elrey de Tidore, como ncũr foi  
amigo

amigo dos Portuguezes, & defejava velos acabados, & fora d'aquellas ilhas, sabendo que estaua o capitão no Toloco, em poder d'Elrey de Ternate, despidio hũa Corocora muito ligeira com hũa carta pera Elrey, em que lhe dizia, q̄ pois tinha em sua mão o capitão & os Portuguezes, que lhe seria muito facil matalos, & que depois tomariaõ a fortaleza, & ficariaõ liures de sua sojeição. Elrey como era bom homem, tornou a despidir a Corocora, & respondeo a Elrey, que o naõ aconselhaua bem naquelle negocio, q̄ antes tinhaõ todos obrigaçãõ de pouparem as vidas dos Portuguezes: por q̄ depois que elles entraraõ naquellas ilhas, foraõ todos os dellas ricos, honrados, & politicos: sendo d'antes pobres & barbaros. E posto q̄ Elrey quis encobrir isto, por naõ homiziar aquelle Rey com o capitão, pellos parentescos que com elle tinha: elle o veyo a saber, & dissimulou com o negocio. Acabado tudo ao que foraõ, se recolheraõ pera Ternate, a onde o capitão adoeceo logo de hũas febres mortaes, de que ao seteno dia faleceo, com grande magoa de todos, por que era muito bom fidalgo. E abrindosse seu testamento, achouse nelle nomeado por capitão Christouaõ de Sá, que de Malaca se tornou cõ elle. Felipe d'Aguiar, que era Alcaide mór, acodio a requerer a capitania, confor-

me ao regimento, & trazia ja cõsi-go alguns soldados, & quis lançar mão das chaues da fortaleza com oniaõ, estando Francisco Lopez de Sousa ainda arquejando. A isto acodio Elrey, & o Ouuidor, & védo a coula reuolta, tomou a menagem ao Alcaide mór, & o mandou pera a torre, & lendo o testamento do capitão, entregou a fortaleza a Christouaõ de Sá. Feito isto trataraõ de enterrar o capitão, como logo se fez, & lhe fizeraõ seus officios com muita solennidade, a que Elrey com ser Mouro se achou vestido de dó á Portuguesa.

Passado o officio se assentou Elrey á porta da fortaleza, a onde se ajuntou todo o pouo, & mãdou soltar o Alcaide mór a seu requerimento pera o ouuir de sua justiça, & elle lhe requereo a posse d'aquella fortaleza, por que lhe pertencia conforme á ordenaçãõ do liuro vinte, titulo dos Alcaides mores: & com isto apresentou vm regimento do Governador Nuno da Cunha, em que mandaua, que por morte dos capitaens socedessem os Alcaides mores. Christouaõ de Sá acodio dizendo, que elle estaua ja de posse da capitania por virtude da verba do testamento, & que alem disso viera da India prouido da capitania d'aquella fortaleza por hũa prouisaõ do Governador Garcia de Sá. Sobre isto debateraõ ambos, & começou

a uer aluoroço, a que Elrey acodio, & os apaziguou, & por fim de todas as pretençoens se louuaraõ ambos em Elrey, do que o Ouuidor fez vm termo asinado por elles. Acabado isto fez Elrey a todos os Portugueses esta breue fala.

Ninguem vos pode negar valerosos Portugueses, que antes que viesseis a estas ilhas, eramos todos barbaros, & sem policia, nem ordẽ algũa boa de gouerno: & que todo o bom que oje temos, de vos o tomamos & aprendemos, por que vos gouernaes por rezaõ & justiça, por homens doutos & letrados, que endireitaõ as cousas tortas, pello que o vosso gouerno & ordẽ das cousas he tudo sancto, & bom, & hẽ rezaõ que todos o sigamos, & imitemos. E pois assi he peço-uos que me digais a qual destes direitos que estes douspretensores allegaõ por si eide obedecer, pera q̃ Elrey de Portugal meu senhor seja bem seruido, por que vos eide lançar a culpa do erro se o ouer, & a elle dareis conta de tudo, por que eu desejo de acertar em seu seruiço.

Acabada a fala estiuerã todos calados por vm espaço, & depois sayo de antre todos hũa voz que dizia, eu obedeço a Christouãõ de Sá, que está ja de posse: a isto differã todos o mesmo. Vendo Elrey aquillo, deu a sentença por elle, & lhe tornou de nouo a dar posse da fortaleza. Do que tudo o

Ouuidor fez vm auto asinado por Elrey, & por todos: & com isto se quietaraõ os tumultos.

## CAPITULO XII.

*Das cousas que este anno acontecerã em Ceilaõ: & de como Tribuly Pandar, que esta ua preso se fez Christãõ, & fugio da prisãõ, & dos danos que fez, & de outras cousas.*



**D**EIXAMOS as cousas de Ceilaõ, com a prisãõ de Tribuly Pandar, pay d'Elrey da Cota, & com a chegada de dom Duarte Deça: agora continuaremos com as cousas que este veraõ socederaõ. Entregue dom Duarte da capitania de Ceilaõ, tratou Elrey com elle sobre a soltura de seu pay, fazendo-lhe muito grandes partidos, & dandolhe todas as seguranças que quisesse, sem o poder acabar com elle. Corriaõ com este Principe os padres de saõ Francisco, a quem rogou que o fizessem Chr. staõ, porque estaua afeiçoado ás cousas da nossa fé, & por que em ninguẽ achara humanidade & caridade se naõ nelles. Os padres estimaraõ aquillo muito, & o catechizaraõ, & bautizaraõ, sem darem conta disso ao capitaõ, por que receuaõ de lho impedirem, mas depois de  
feito

feito lho fizeraõ a saber. Dó Duarte sintio o tãto, por se fazer aquillo sem lho communicarem, que logo mandou lançar ao Tribuly, vm façanhoso grilhaõ, & fechalo a hũa corrente, & tirarlhe a communicacão dos frades, por cujo meyo elle cuidaua tiuesse algum remedio, & todas as outras consolações que vm preso podia ter, com o q̄ pos aquelle atribulado Principe em grande desesperaçãõ. A molher mãy d'Elrey (que como difsemos, escandalizada da prisaõ do marido se tinha passado pera o lugar do Reigaõ) como era molher prudente, & varonil, sendo auisada do mau tratamẽto que se fazia ao marido, tratou de o tirar d'ali por industria, ja que naõ podia ser por força. E tendo practica com algũas pessoas de que se confiou, Portugueses, que tambem estauaõ escãdalizados d'aquelles excessos, peitou tanto, & deu tanto, que ordenaraõ hũa mina no quintal dos padres, a onde a prisaõ respondia, q̄ foi dar no lugar em que Tribuly estaua: & por ella o tiraraõ hũa noite, & foi lançado fora da fortaleza. Ao outro dia que deraõ rebate ao capitaõ d'aquelle negocio acodio a fazer suas diligencias, & prendeo algũas pessoas contra que se naõ prouou coufa algũa, & despidio logo recado ao Visorrey do que era passado. O Tribuly tanto que se vio fora da prisaõ, como leuaua no coraçãõ a magoa do mau

tratamento que lhe fizeraõ, ajuntando muita gente que a molher lhe tinha mandado, se foi pera a banda de Gale, & todas as igreijas, & Christaõs que achou, foi pondo a ferro & a fogo, sem perdoar a coufa algũa, & chegãdo a Gale fez o mesmo, & queimou hũa fermosa nao que ali estaua ja acabada, & no estaleiro, que era de vm Miguel Fernãdez: & passando a Reigaõ tomou a molher, & se foi pera o lugar de Pelande, que seria da Cota oito legoas, com tençaõ de fazer aos Portugueses toda a guerra que podesse.

Elrey seu filho tanto que teue auiso de sua fogida, & soube os danos que fora fazendo, pezoulhe muito, & lhe mandou pedir q̄ naõ quisesse proseguir mais naquelle negocio, nem lembrarse do agrauo que lhe fizeraõ: mas que possesse os olhos no Madune seu inimigo, que fora causa de todos aquelles trabalhos, & que se juntaassem todos em seu dano, porque d'outra maneira perderseya aquelle reino: & isto mesmo praticou com o capitaõ, & lhe pedio, que esquecidas as cousas passadas tratassem das presentes, & que se armassem todos contra o Madune, que estaua poderoso, & alterado cõ aquellas desauenças: & que soubesse de certo, que se se naõ acodia a isto muito de proposito, que se auia de perder toda aquella ilha, & ficar em poder do Rey inimigo, & que

Elrey de Portugal era o que nisso mais perdia, pois era senhor d'aquelle reino da Cota, & o comercio d'aquella canela lhe importava muito.

Dom Duarte Deça considerando todas aquellas cousas se cõcertou com Elrey contra o Madune, metendo na liga o Tribuly Pandar, pera que fosse do lugar de Pelande, a onde estaua com a sua gente contra Ceitauaca: & que Elrey mandasse o Camareiro mór com todo o poder, & cincoenta Portugueses que lhe daria. Estes concertos jurou o capitão de comprir sobre vm Missal, & Elrey lhe deu logo mil cruzados pera ajuda dos gastos dos cincoenta soldados, & começou a negociar as cousas pera a jornada, pondo no campo o Camareiro mór perto de tres mil homens, & quando esperaua pelos Portugueses que dom Duarte Deça ficou de lhe mandar, faltou-lhe com todos, mandandolhe dizer que os soldados não querião seruir sem paga, que lhe mandasse mais dinheiro pera isso. Elrey como estaua roubado, & despeso, não teue que lhe mandar, mas o Camareiro mór tirou hũa arelhana de ouro, que valeria quinhétos cruzados, & lha mandou pera que pagasse os cincoenta soldados. Dõ Duarte recebeu a arelhana, & lhe respondeo com vinte soldados q̃ lhe mandou, & por capitão delles Ioão Coelho. Elrey sintio muito

faltarlhe assi dom Duarte Deça com o que tinha jurado, & não deixou de mandar profeguir na empreza: & despidio o Camareiro mór com ordem, que se fosse ver com o Principe das Corlas pera o meter na liga. Partido o Camareiro mór chegou ao lugar de Madabe, a onde se vio cõ aquelle Principe, & concertou com elle q̃ o ajudasse contra o Madune por aquella banda, & lhe deixou quatrocentos homens pera ajuntar cõ a sua gente. Feito isto cometeo o Camareiro mór com os Portugueses as terras do Madune por hũa parte, o Principe das Corlas pella outra, & o Tribuly Pandar pella outra de Pelande. Pella parte por onde o Camareiro mór entrou lhe sayo ao encontro o capitão geral do Madune, com quem tiueraõ os nossos algũs recontros, em q̃ o desbaratao. Dom Duarte Deça (ou que o Madune o mandasse peitar em segredo) sabendo esta conjuraçãõ, pera que não fauorecesse o Rey da Cota, ou que elle por cobiça do que d'elle esperaua se lhe offerecesse, ou como quer que fosse, elles trouxeraõ antre si intelligencias, que não foraõ tão secretas, que o Tribuly Pãdar as não viesse a saber, & auisou disso logo ao filho.

Vendo Elrey tamanha maldade, como era muito amigo dos Portugueses, receandosse d'algũa traiçãõ, mandou recolher todos  
com

com o Camareiro mór. O Tribuly vendo aquella injustiça do capitão, & como por cima do que jurara se carteara com o Madune, quis tambem remediar-se, & sa-near-se cõ elle, & assi entraraõ em concertos, que se vieraõ a cõcluir por esta maneira.

Que o Tribuly Pandar casasse cõ hũa filha do Madune ja viuua, q̄ tinha hũa filha, & q̄ esta casasse cõ seu filho segũdo irmaõ d'Elrey, & disto fizeraõ seus assentos, q̄ logo se publicaraõ. Elrey tanto que o soube sintio o muito, por q̄ enten-deo da malicia do Madune, que todos aquelles concertos eraõ pe-ra segurar o Tribuly seu pay, pera vir a lhe tomar o reino, que era o q̄ elle pretendia. A Raynha velha auó d'Elrey, & do Madune (q̄ era hũa senhora muito graue, & de grã de prudencia) védo Elrey da Co-ta desemparedado a te de seu pro-prio pay, tomou consigo o Ca-mareiro mór, & se foi ao lugar de Reigaõ a onde o Tribuly estava, & vendosse com elle lhe fez sobre este negocio hũa fala muito hon-rosa, que teue tanta força, que lhe fez remouer todos os partidos que tinha feito com o Madune, tornã-do a pôr as cousas de seu filho em milhores esperanças: & quis Deos que acodisse esta senhora primei-ro que se consumassem os Matri-monios, com o Tribuly, por que se assi não fora tudo se perdera.

Declaradas estas cousas, foi dõ

Duarte Deça desapossado, & em seu lugar socedeo Fernão Carua-lho, Alcaide mór de Columbo. Elrey, o Tribuly Pandar seu pay, & o Principe das Corlas (que por ordem da Raynha velha tornaraõ a jurar noua liga) se fizeraõ prestes pera profeguirem na guerra, pe-dindo ajuda de cincoeta soldados a Fernão Carualho que lhos offe-receo, & elles lhe deraõ logo quin-hentos cruzados pera suas des-pezas. Postos todos em câpo, quã-do Elrey mandou pedir os solda-dos ao capitão, mandou selhe escu-sar, com dizer que andauaõ pella costa de Columbo alguns nauios Malauares, & que ya acodir por lhes não saquearem a terra: & assi se foi sem lhes mandar soldados, nem dinheiro. Vendo Elrey quã-to de mal em pior lhe ya com a-quelles capitaens, não desistio da empreza, & mandou profeguir nella. Os conjurados entraraõ pel-las terras do Madune, & lhe des-barataraõ seus capitaens muitas vezes, & o chegaraõ a estado, que mandou pedir misericordia ao ir-maõ, que como era bom homem a teue delle: & fizeraõ nouas pa-zes, com se effectuarem os casa-mentos que estauaõ concer-tados. Neste estado deixamos estas cousas.

CAPITULO

CAPITULO XIII.

*De como o Turco teue o recado do Baxâ de Baçorâ, das cousas que Pirbec fez em Mascate & Ormuz: & de como mandou Moradobec que lhe tornasse quinze Gales ao porto de Moçã: & de como Pirbec chegou à corte, & o Turco lhe mandou cortar a cabeça: & de como dom Diogo de Noronha se encontrou com Moradobec: & da muito notauel batalha que as Galês tiueraõ, com o Galeão de Gonçalo Pereira Marramaque.*



**A**NTO que Pirbec chegou a Baçorâ (como atras dissemos no capitulo decimo deste decimo liuro) logo o Baxâ auisou pella posta o Graõ Turco das cousas q̄ fizera em Mascate & Ormuz, & de como era partido com tres Galês: & que ficaua na fortaleza de Ormuz hũa poderosa armada de Portugueses que acodio a seu socorro. Com estas cartas lhe chegou tambem recado, que nas portas do estreito de Meca ficaua outra armada (que era a de Pero de Tayde Inferno.) E receandosse o

Turco que lhe entrasse a te a casa do seu falso profeta, & que lha destruissem de todo (por que ficaua aquelle estreito desemparado) asentou mandar leuar quinze Galês, das que Pirbec passou a Baçorâ, pera o estreito de Meca, pera sua guarda & defensão.

Isto soube Moradobec capitaõ que foi de Catifa, que andaua na corte muito desconfiado de largar taõ depressa aquella fortaleza a dó Antaõ de Noronha como atras dissemos no capitulo decimo coar to, do liuro nono. E querendo remediar a quebra que por elle passara, meteo suas valias pera q̄ lhe dessem aquella jornada, & assi lha concedeo o Turco, & o despido logo pella posta, dandolhe por regimento que se fosse a Baçorâ, & que das Galês que la leuara Pirbec tomasse quinze, & com ellas se fosse pera o estreito de Meca, & andasse em guarda delle: & que as mais Galês ficassem em Baçorâ fazendo guerra aos Gifares.

Partido este Moradobec, a menos de vm mes chegou Pirbec a Constantinopla: por que chegando a Suez com as Galês as varou, & tomou todos os tisouros & Portugueses catiuos em camelos, & se passou a Alexandria, & d'ali por mar a Constantinopla, a onde chegou muito confiado nas riquezas que leuaua, & com tudo se apresentou aos pés do Turco. Mas como este senhor ainda que barba-

ro, não

ro, não consente corromper suas leys, nem seus mandados com tiradouros, ou priuanças, ali logo mandou cortar a cabeça a Pirbec por quebrantador de seus regimentos, & os Portugueses mandou meter nas Galés a banco: donde a mór parte depois se resgatarão & vierão á India.

E tornando a Moradobec, deu-se tanta pressa que chegou a Baçorá no fim de Julho: & negociando quinze Galés que lhe melhor pareceraõ, metendolhe a melhor artelharia, & os milhores soldados de todas ellas, se sayo pera fora em Agosto. Dõ Diogo de Noronha tambem na entrada deste mes se tinha partido de Ormuz com toda a sua armada, & se foi pór no cabo de Moçandaõ, & d'ali despidio Gomez de Siqueira, & Luis d'Aguiar, com regimento q̄ fossem ate Baçorá, a tomar fala das Galés & que vm as ficasse vigiãdo, & outro lhe trouxesse recado do que achasse dellas.

Chegados estes nauios á boca do rio Eufrates, tomaraõ vm Tarranquim com alguns Mouros, que lhes disseraõ como Moradobec ficaua no mar com as Galés pera sair pera fora. Com este recado se partio vm dos nauios, & o outro ficou vigiando. Chegado este recado a dom Diogo de Noronha, preparou a sua armada muito bê, & tornou a mandar o nauio pera se ajuntar com o outro, pera lhe

trazerem recado como fossem faldas, & elle se deixou andar do cabo de Moçandaõ, a te a ilha de Angaõ, a onde as Galés forçado auiaõ de vir demandar. E sendo ja fim d'Agosto, chegaraõ as fustas a dom Diogo de Noronha, & lhe disseraõ que ali atras vinhaõ quinze Galés, & a pos este recado começaraõ de aparecer todos á vela, de longo da costa de Persia, com vento Ponente. Dom Diogo de Noronha estaua surto com toda a armada da banda de Arabia, & em lhe dando o recado mandou levar ancora, & dar á vela, & foi atravesando á costa de Persia: & chegando a tiro de bombardas das Galés se pos com ellas ás bombardadas: por que não ousou de se chegar mais á terra, pera onde as Galés yaõ metendo de ló tudo o que podiaõ, & desparando tambẽ sua artelharia: & quis a desaventura que acertasse vm tiro da coxia no Galeaõ do capitaõ mór ao lume da agoa, pella banda de gilauento, que o varou dentro, & começou a fazer tanta agoa, que se ya ao fundo. Os officiaes acodindo abaixo, viraõ o Galeaõ que se ya alagando, & requereraõ ao capitaõ mór que voltasse em outro bordo, por que se perdiaõ. Dom Diogo de Noronha o consintio ainda que contra sua vontade, & os officiaes viraraõ no outro bordo, & foraõ deitando rumbos có muita pressa. Era isto ás dez horas do

† do dia, em que o vento começou á calmar, & os Galeoens ficaraõ anhotos por esse mar, sem governarem, diuididos, & apartados de feição, que o Galeaõ de Gonçalo Pereira Marramaque ficou da bãda de Persia, afastado de toda a mais armada vm tiro de Espera. Moradobec vendo os faoures do tempo, tomou as velas, & foi com todas as Galés demãdar o Galeaõ de Gonçalo Pereira, & chegando a elle o rodearaõ por todas as partes, & o começaraõ a bater furiosamente, descarregando nelle hũa prolixa tempestade de pilouros: & depois que despendiaõ todas as cargas, tornauaõse a afastar, & a carregar de nouo, & a dar sua bataria por esta ordem. Gonçalo Pereira Marramaque tinha no seu Galeaõ cento & vinte homês, em que entrauaõ muitos fidalgos & caualeiros, muito nobres & esforçados: & vêdo que as Galés o demandauaõ, poseraõse em armas, & guarneceiraõ o Galeaõ de suas arrombadas, tomando os fidalgos a artelharia á sua cõta com os bõbardeiros: & assi com grande determinação esperaraõ os imigos, em quem despararaõ tambem sua artelharia, que se empregou de feição, que lhes desaparelharaõ as mais das Galés. Mas como o Galeaõ pelejava a pé quedo (como la dizem) sem se mouer de vm lugar, & as Galés por causa do remo se chegauaõ, & recolhiaõ cada vez q̃

queraõ: poseraõ o Galeaõ em estado, que lhe naõ ficou cousa em que pôr os olhos: porque todas as obras de cima estauaõ desfeitas em muitas rachas que feriraõ todos os do Galeaõ, á mezena toda quebrada, os mastos ambos rachados por muitas partes, & as vergas com as velas por esse mar. Mas assi estaua o piadoso Galeaõ no meyo de todas as Galés como vm fermoso & forte baluarte, deitando chamas de fogo, & coriscos por todas as partes: & todos os soldados ainda que feridos de muitas feridas, taõ esforçados, & animosos, q̃ desejavaõ que as Galés os cometessem de bordo a bordo, pera satisfazerem nos Turcos o furor cõ que todos andauaõ. Gonçalo Pereira Marramaque mostrou este dia os quilates de seu sangue & esforço, apresentandosse sempre nos lugares mais perigosos, ainda que ali naõ auia algum que o naõ fosse, & estiuesse: & em tudo era cõpanheiro de todos, assi nos trabalhos, como nas feridas, por que tãbem trazia tres muito crueis frechadas por seu corpo.

Dom Diogo de Noronha vendo aquella braueza, & que naõ podia socorrer o seu Galeaõ, esbranejava como homê sem siso, queixandosse de saõ Lourenço por q̃ lhe naõ daua vento, pera o socorrer, dizendolhe que era vm mancebo, & que lhe roubaua sua honra: & com esta paixãõ mandou esquipar

esquipar todos os bateis dos Galeoës, & darlhes toas, pera ver se podia chegar algũa cousa, mas tudo era em vão, & despido todos os nauios de remo pera q̄ fossé fauorecer o Galeaõ, no q̄ seus capitaes trabalharaõ bem, chegando algũs muito perto das Galés: mas como ellas tinhaõ rodeado o Galeaõ, naõ foi possiuel poderé chegar a elle. Gõçalo Pereira naõ lhe ficaua couisa algũa por fazer, por q̄ tudo corria, & tudo via cõ os olhos fazêdo bem o officio de capitaõ muito animoso & prudete. O Mestre, & o Piloto q̄ este dia trabalharaõ como Alifates, naõ se resguardando dos perigos, foraõ mortos de espingardadas, por q̄ de todas as partes chouiaõ pilouros & fogo, & nuues de frechas sobre o Galeaõ, de q̄ todos os nossos andauaõ empenados por muitas partes. Em fim todos pelejaraõ tãto q̄ naõ ouue algum q̄ naõ tiuesse inueja aos companheiros que tinhaõ a par de si.

Frãçisco da Cunha homẽ fidalgo pelejou sempre cõ vm falcaõ com muito valor & destreza, fazêdo tiros taõ certos, como se toda a vida vsara aquelle officio. E posto q̄ esta batalha era merecedora de se engrandecer cõ mais alto estilo, & com muitas mais palauras, nos o deixamos de fazer, porque nos falta pera isso tudo: basta que a brigadura a te horas de vespora, em q̄ a viraçãõ começou a ventar, & os Galeoës se foraõ chegãdo. Mora-

dobec tanto q̄ vio ventar o vento, achandosse cõ todas as Galés destroçadas, ouue por melhor conselho tornar se pera Baçora, & tomãdo o remo em punho se encostou á costa de Persia, & de longo della tornou a voltar pera dentro, ficãdolhe a nao q̄ era de Ioaõ Nunez Homem, que he a que Pirbec tomou em Ormuz, que leuauaõ carregada da artelharia, moniçoens, & mantimentos, pera prouimento da armada.

Dõ Diogo de Noronha chegou ao Galeaõ de Gõçalo Pereira Marramaque, q̄ se naõ via delle mais q̄ o casco, & metendosse no batel foi a elle: Gonçalo Pereira o esperou a bordo cõ todos os seus soldados, banhados em seu proprio sangue, & cheyos de poluora, & suor, & empenados de muitas frechas por todas as partes. Sobindo dõ Diogo de Noronha acima, foi Gõçalo Pereira Marramaque pera o abraçar & elle lhe disse afastaiuos senhor pera lá, que a vos naõ quero eu abraçar, nada se vos deue, por que o que vos fizestes, vosso sangue & hora vos obrigou a isso, & do ventre de vossa mãy trouxestes essas obrigaçoës: a estes soldados si, & abraçou a todos vm & vm, enchendosse de seu sangue, & de seu suor, dizendo a todos palauras de muitos & grandes lououres.

As pessoas principaes que aqui se acharaõ com Gonçalo Pereira Marramaque, saõ as seguintes.

*Sexta Decada. Da historia da India.*

dom Afonso Anriquez, Luis Freire d'Andrade, que foi capitão de Chaul, & sustentou o famoso cerco que o Zamaluco pôs áquella fortaleza o anno de setenta & viii. Iorge de Sousa seu tio, Andre Pereira de Berredo, dom Lionis Pereira, filho do Conde da Feira, dõ Luis Pereira, Manoel Furtado, Machado, Sebastião Machado, Diogo Nunez Pedroso, Vasco de Reboredo, Lionel Pereira, Francisco da Cunha, Christouão d'Araujo Euangelho, & outros muitos fidalgos, & caualeiros. Dom Diogo de Noronha deixou algúas Fustas cõ Gonçalo Pereira pera o leuarem a Ormuz, & elle cõ a mais armada foi a pos ás Galés, que yaõ cozidas cõ a terra. Os nossos nauios ligeiros foraõ demandar a nao q̄ lhes ya fogindo, a te a vararem na ilha de Queixome a onde os Turcos se lançaõ ao mar pera se saluarem em terra, mas a mór parte delles pereceraõ á espada, ficando a nao cõ todo seu recheyo em poder dos nossos. Dõ Diogo de Noronha foi seguindo as Galés, q̄ se foraõ metédo per antre as ilhas & a terra firme, a onde os nossos Galeoës não podiaõ chegar, & assi foraõ ate entraré pella boca do estreito de Bacorá, & rio Eufrates d'entro, seguindoas a nossa armada sete dias cõtinuos, ate as enfacar. Dõ Diogo de Noronha tâto q̄ as vio recolhidas, não tendo ali mais q̄ fazer voltou pera Moçandaõ, a onde se deixou

andar em quanto duraraõ os Ponentes: & como se acabaraõ se foi pera Ormuz, negociarse pera se partir pera a India, como tinha por regimento.

CAPITVLO XIII.

*Da armada q̄ este anno de cincoenta & tres partio do reino, de q̄ era capitão mór Fernão d'Alvarez Cabral. E das cousas em q̄ Elrey mãdou prouer: & de como o Visorrey dom Afonso de Noronha partio pera Cochim.*



**F**NTRANDO o ve  
raõ sendo poucos  
dias de Setembro,  
chegaraõ á barra de  
Goa duas naos do  
reino, hũa de q̄ era capitão dõ Iorge de Menses o Baroche, da cõpanhia de Fernão Soarez d'Albergaria, q̄ ficou o anno passado inuernãdo em Moçambique: & a outra era a nao saõ Bêto, em q̄ vinha Fernão d'Alvarez Cabral, q̄ o Marco atras passado de 53. tinha partido do reino por capitão mór de quatro naos, & dellas só esta chegou a Goa. Das que faltauaõ eraõ capitaens, Belchior de Sousa da nao Sancta Cruz, que com tempo arribou ao reino. Dom Payo de Noronha da nao Rosairo, que ficou inuernãdo em Moçambique. ERuy Pereira da Camara, que foi

foi em Nouebro tomar Cochim, como adiate diremos. O Visorrey recebeo muito bé o capitaõ mor q̄ lhe entregou o sacco das vias, a onde achou algũas instruções, de coufas em q̄ Elrey mãdaua prouer logo, & de algũas daremos rezaõ, porque conuem assi à historia.

Achou o Visorrey vm aluara, em que lhe mandaua Elrey que logo tanto q̄ aquelle visse, tornasse a Elrey de Ceilaõ todo o dinheiro & joyas q̄ lhe tomara, & q̄ sendo algũas vèdidas se lhe pagassem pella aualiaçaõ, porq̄ se ouue Elrey por muito deseruido das coufas que o Visorrey vsou cõ, aquelle Rey, de q̄ o reprendeo por cartas. O visorrey começou logo a dar execuçaõ ao aluara, & despido o Galeaõ da carreira de Ceilaõ, a onde mãdou embarcar Afonso Pereira de Lacerda, q̄ proueo da capitania d'aquella ilha, mãdando vir dom Duarte Deça, & por elle mandou áquelle Rey todas as joyas q̄ ainda estauaõ por véder: & dos mais q̄ poderiaõ ser perto de duzètos mil pardaos, ficou feita declaraçaõ na receita de Belchior Botelho (sobre quem tudo estaua carregado) pera se lhe ir pagãdo pouco & pouco: mas de tudo naõ logrou o pobre Rey vinte mil pardaos, por pedaços, & por peças q̄ lhe mãdaraõ, porq̄ tudo o mais se lhe descõtou, parte nas parreas, & a mór quãtidade em dadiuas & merces q̄ fez a capitaes, Alcaldes mòres, Sacretarios, fidalgos

officiaes, & criados dos Visorreys, & Governadores. E nestas dadiuas se cõprio bé aquelle adajo velho q̄ diz: Mouro q̄ naõ podes auer, dao por tua alma. Assi este Rey védo q̄ naõ podia arrãcar das maõs dos Governadores, q̄ depois socederaõ ate Mathias d'Albuquerque, o q̄ se lhe diuia: fazia merces largas aos q̄ lhas pediaõ, q̄ se pagauaõ por intelligências q̄ pera isso todos tinhaõ injustiça muito grãde, & muito v-fada na India, naõ se pagar aos homes o dinheiro, a fusta, o mâtimento, o cairo, & tudo o mais q̄ se toma pera as armadas, & pagar se a outros com quẽ se elles concertaõ pella terça parte. E deixando esta materia, & outras em que vimos pouca satisfaçaõ, & menos emenda, tornemos a nosso fio. Ficou este Rey puxãdo pellos Governadores & Visorreys pella sua diuida, sem nũca lha poder arrãcar das maõs, a te o anno de cincoèta & oito, q̄ sendo Governador Francisco Barreto, védo quãto aquelle Rey apertaua cõ elle, pòs aquelle negocio em Relaçã, depois do procurador d'Elrey vir cõ vm libello cõtra aquelle Rey, pellos desembargadores foi sentèciado, q̄ naõ estaua Elrey obrigãdo a lhe pagar coufa algũa, por q̄ muito mais tinha despendido o estado em armadas que lhe mandaua de socorro.

Esta sentença parecé que naõ ouue por boa Elrey dom Felipe, depois que socedeo nos reinos de

Portugal, por que no anno de oitenta & cinco passou vna aluara, assinado pello Cardeal Alberto regente do reino, em que mandaua que não se fizesse mais pagamēto às pessoas a quem aquelle Rey da Cota desse suas diuidas, & que à conta dellas lhe desse cada anno o q̄ lhe costumauão a dar de entretenimento, q̄ eraõ mil pardaos, como milhor & mais largamēte declararemos na nossa decima decada, porq̄ aqui não fazemos mais q̄ referilo, por irem estas coulas todas juntas.

Mandou Elrey tambem outra aluara em q̄ mandaua que prendesse Bernaldim de Sousa, & que lhe tomassem toda sua fazēda: por q̄ fora meter Elrey Aeiro de posse do reino de Maluco, & segundo nos disserão, que o mandaua Elrey levar preso pera o reino, mas estes papeis nem os vimos, né os achamos. E pera fazer esta execuçaõ, mandou Elrey na nao, com Fernão d'Alvarez Cabral, o Licenciado Antonio Rodriguez de Gãboa, porque a não quis fiar de Pedro Soarez, irmão de Andre Soarez q̄na India seruia de procurador da coroa: porq̄ tinha obrigações à casa do Governador de Lisboa, irmão de Bernaldim de Sousa. Esta execuçaõ assi crua madaua Elrey fazer, porq̄ lhe escreueo Iurdaõ de Freitas de Maluco, q̄ fora muito cõtra seu seruiço, levar Bernaldim de Sousa Elrey Aeiro a Maluco, & me-

telo de posse d'aquelle reino: porq̄ como todos os desgostos passados antre Elrey dõ Ioaõ, & o Emperador Carlos V. seu cunhado, foraõ sobre o direito das ilhas de Maluco, cujas differenças cessaraõ pello empenho, de q̄ na 4. decada no cap. 1. do liuro 7. fizemos mençaõ: q̄ tão q̄ os Reys Catholicos tornassem os trezentos & cincoenta mil cruzados, logo se tornaria a cõtender sobre o mesmo direito, como os pouos de Espanha muitas vezes lhe requereraõ. O q̄ não poderia fazer se Bernaldim de Sousa não metera de posse Elrey Aeiro, tendoa elle Iurdaõ de Freitas tomado por Elrey dom Ioaõ de Portugal, por virtude do testamento d'Elrey dom Manoel, que morreo em Malaca, porq̄ se ficaua acabando as contendas todas: porq̄ ja Elrey de Portugal, alem do direito q̄ alegaua da posse & propriedade, ficaua agora muito milhor pela herança, como verdadeiro herdeiro d'Elrey dõ Manoel de Maluco, q̄ o constituy o por esse, por não ter filhos, nem irmãos legitimos. E como isto importaua tanto, & Elrey não tinha outra informaçãõ mais q̄ a que lhe mandou Iurdaõ de Freitas, mandaua fazer aquella execuçaõ em Bernaldim de Sousa, estando elle sem culpa, pois fora por mandado do seu Governador, sobre sentença dada na Relaçãõ de Goa, porq̄ julgaraõ Elrey Aeiro por Rey de Maluco: & pera

o meteré de posse delle, mādou o Governador dom Ioaõ de Castro a Bernaldim de Sousa, como no principio desta sexta decada no capitulo 4. do liuro 1. fica dito.

O Visorrey como estaua informado d'aquelle negocio, & sabia a pouca, ou nenhũa culpa que Bernaldim de Sousa tinha, o mandou prender, & escreuerlhe a fazenda, pera melhor se poder liurar. E vêdo que lhe era necessario acodir ás cousas de Cochim, pella guerra que o Rey da Pimenta lhe fazia, começou a se preparar, & a fazer pagamento aos soldados, & a pôr a armada no mar. E dando despacho a muitas cousas apressadamente, entregando o gouerno aos deputados se embarcou no fim de Nouembro, & deu logo á vela cõ toda a armada, que era de mais de cem velas. Os capitaens que o acompanharão nesta jornada, dos que podemos saber os nomes são os seguintes.

Seu filho dom Fernão de Menezes, Bastião de Sá, Vasco da Cunha, dom Antonio de Noronha, Francisco de Mello Pereira, & Francisco de Sousa em Galés. Dom Pedro da Sylua da Gama, Antonio Moniz Barreto, Francisco Barreto, dom Ioaõ d'Almeida filho do Contador mór, & Pero de Tayde Inferno em Galeotas latinas. Gil Fernandez de Carualho, Fernão de Castanhofo & Belchior Botelho em Galeoens. Pero Botelho,

Aluaro de Mendocça, Manoel Mascarenhas, Luis Alvarez da Cunha, Diogo de Mello da Cunha, & Afonso Balto em Carauelas. O Veador da fazenda Simão Botelho, Gomez da Sylua, Duarte Paez de Mello, Iorge Pereira Coutinho, dom Diogo de Tayde, dom Ieronymo de Castello branco, Gil de Goes, Gomez Furtado, & outros muitos fidalgos & caualeiros em Fustas. O Visorrey ya embarcado na Galé Reliquias, & com elle Bernaldim de Sousa, que ja estaua solto pera se liurar, & lhe tinha recebido sua contrariedade, & dom Aluaro de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia, que tinha ja chegado de Ormuz de ser capitão & outros muitos fidalgos velhos: & dada a vela foraõ seguindo sua derrota.

## CAPITULO XV.

*De algũas cousas que acontecerão ao Visorrey dom Afonso de Noronha a te chegar a Cochim: & dos conselhos q̃ tomou sobre dar no Chembe: & de como se assentou darẽ nas ilhas alagadas, & de como as destruirão.*



HEGANDO o Visorrey a Cananor, chegou a elle hũa Fusta que vinha de

*Sexta Decada. Da historia da India.*

Cochim, que trazia as vias da nao de que era capitão Ruy Pereira da Camara, que auia poucos dias que era chegado áquella cidade. O Visorrey as abrio, & achou nelas vm aluara em que lhe mandaua que se não seruisse em cousa alguã de dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór, por que o tinha riscado de seus liuros, pellas rezoens que atras dissemos no capitulo decimo sexto do liuro nono. O Visorrey sintio aquillo muito por ser amigo d'aquelle fidalgo, & por que tinha elle partes pera puxarem por elle todos os Visorreys & Governadores. E por q̄ não podia remediar aquelle negocio, por lhe não deixar Elrey lugar algum aberto pera isso, tratou logo de o mandar tirar da fortaleza de Diu em que estaua: porque soubesse Elrey pellas naos o como compria seus mandados: & pera isso cometeo alguns fidalgos pera irem tomar posse d'aquella fortaleza, pera se dom Diogo vir pera elle: mas nenhum a quis aceitar, assi por não irem desapossar dom Diogo d'Almeida, como por não se embaraçarem por dous ou tres meses naquelle negocio: por que tinha aquelle anno vindo do reino aquella capitania a dō Diogo de Noronha o Corcós: que como chegasse de Ormuz, forçado auia de ir entrar nella. Só dō Iorge de Meneses Baroche a aceitou, o que lhe todos estranharaõ, por q̄

diziaõ que aquella diligencia auia o Visorrey de mandar fazer por vm Desembargador: que aquillo era mais profissão de vm bacharel, que de vm fidalgo taõ honrado, & sobre isso lhe fizeraõ muitas trouas: mas elle por cima de tudo se partio logo em hũa Fusta muito ligeira, & foi seu caminho em que o deixaremos.

Dom Diogo de Noronha o Corcós, chegou a Goa com toda sua armada, poucos dias depois do Visorrey ser partido, & tomando mantimentos & agoa, deu logo á vela a pos elle, & o foi tomar na barra de Cochim: por que foi o Visorrey fazendo detença em Cananor & Chale. O Visorrey o recebeu bem, & a todos os seus capitães, principalmente a Gonçalo Pereira Marramaque, pella grã de vitoria que ouue das Galés. O Visorrey deixando fora todos os Galeoens & Carauelas, entrou pela barra dentro nas Galés, & em todos os nauios de remo: & passando pella cidade, que o saluou soberbissimamente, foi aquella noite sorgir no castello de cima, a onde foi visitado dos Vereadores, & principaes da cidade.

Ali teue vm conselho geral em que se assentou que desembarcasse no Chembe, & destruísse aquelle reino. Com esta resoluçãõ foi sorgir com toda a armada defronte do Chembe. Ali teue outro conselho em que os principaes de Cochim

chim tornaraõ a reuogar o passa-  
do, dizendo quenaõ era bem que  
dessem no Chembe, por que ti-  
nhaõ espias, que estaua aquelle  
Rey muito fortificado, & com grã  
de poder, & q̃ se arriscaria a muito,  
mas q̃ dessem no Pagode de Bai-  
queta, que he na mesma ilha, & q̃  
o destruissem & assolassem: por q̃  
era a mór afronta & dano que se  
podia fazer áquelle Rey.

Com este parecer foi o Visorrey  
sorgir com toda a armada de-  
frente deste Pagode: & ordenan-  
do a desembarcaçãõ em terra, se  
deteue nisso por espaço de tres  
dias. No cabo delles tornou a auer  
outro conselho, em que se assen-  
tou que fossem dar nas ilhas ala-  
gadas, que eraõ d'aquelle Rey, por  
ser o mais importante rendimento  
do seu reino, & de que Elrey se su-  
stentaua, por serem de palmares  
fertillissimos, que era toda sua su-  
stancia. Com esta vltima resolu-  
çãõ se leuou o Visorrey, & foi sor-  
gir no mar largo, defrente de Te-  
cancute, & ali ordenou a desem-  
barcaçãõ no modo que auia de  
ser, que foi por esta maneira.

Que o Visorrey com os capitaes  
& gente de sua armada desembar-  
casssem pella banda do Sul: Ioãõ  
d'Afonseca capitãõ de Cochim cõ  
todos os casados, & gente d'Elrey  
de Cochim pella banda do Nor-  
te: pera o q̃ se ordenaraõ muitos  
Tones, & embarcaçoës pequenas  
pera entrarẽ por aquelles esteiros.

Assentado isto mandou o Vi-  
sorrey a Frãcisco Barreto, & a Ber-  
naldim de Sousa que fossem cada  
vm em seu nauio ligeiro ver, & no-  
tar a parte por onde elle auia de  
desembarcar, pera verem se tinha  
algum impedimento. Estes fidal-  
gos se embarcaraõ em os nauios  
& foraõ ambos juntos demandar  
o rio: & antes de chegarem a elle  
algum espaço, acharaõ o Siqueira  
Malauar, que era o homem q̃ mi-  
lhor sabia todas aquellas entradas  
que todos: & sabendo ao que yaõ,  
chegouse a Bernaldim de Sousa,  
& lhe disse que naõ yaõ bem, porq̃  
se entrassem o rio que nenhum  
delles auia de tornar, por que esta-  
ua atrauessado de estacadas gros-  
sas, & que era taõ estreito que naõ  
podiaõ voltar nelle, & que os imi-  
gos de cima das barranceiras os  
auiaõ de matar vm & vm ás fre-  
chadas & espingardadas. Bernal-  
dim de Sousa lhe respondeo, que  
fosse elle dizer aquillo ao Visor-  
rey, porque elles naõ auiaõ de dei-  
xar de ir seu caminho. O Siqueira  
voltou pera a Galé, & disse ao Vi-  
sorrey, que pera que arriscaua a-  
quelles fidalgos, que os mandasse  
recolher porque yaõ perdidos, q̃  
quem auia de entrar o rio, auia de  
passar auante, por que naõ podia  
tornar a voltar: que deuia de en-  
trar com todo o poder, & ir desem-  
barcar na cidade, & que perigasse  
quem perigasse: por que forçado  
na entrada auia d'auer dano. O

*Sexta Decada. Da historia da India.*

Visorrey mandou logo capear as Fustas, pera que se tornassem. Bernaldim de Sousa depois que se apartou delle, chegou-se a Francisco Barreto, & lhe perguntou se ya confessado, & com isso lhe contou tudo o que passara com o Siqueira. Ouvindo Francisco Barreto aquillo lhe perguntou o que fariaõ? ja não ha que tomar conselho lhe respondeo Bernaldim de Sousa, se não passar auante, & encomendar a Deos, & foi remando. Em quanto estiueraõ nestas praticas vio vm pagem de Bernaldim de Sousa capear, & lho disse, & Bernaldim de Sousa pelejou com elle, & lhe disse que se calasse. E passando auante lhe atiraraõ hũa bombardada, & a pos ella despidio o Visorrey a sua manchua apos elles. A bombardada disse Francisco Barreto a Bernaldim de Sousa, que aquillo era chamalos, Bernaldim de Sousa lhe respondeo que bem podia ser que fosse outra cousa, & foi remando a te que a manchua chegou a elles, & lhes disse que o Visorrey os chamaua. Com isto voltaraõ ambos de melhor vontade do que yaõ: o que não fizeraõ ao primeiro final por pura desconfiança.

Recolhidos á Galé, mandou o Visorrey negociar as Fustas todas, & fazer arrombadas, pera o outro dia desembarcar. E tanto que rópeo a menhá; abalou o Visorrey com todos os navios ligeiros: & seu filho dom Fernando de Mene-

ses, & Francisco Barreto na dianteira, & diante delles o Siqueira, & os mais capitaens Malauares. E chegando ás estacadas as arranca-raõ com muito trabalho, & risco: por que os imigos de cima dos valos descarregaraõ sobre elles nuuens de frechas, com que feriraõ muitos dos nossos. Tirado este impedimento, entraraõ os navios todos a fio a te chegarem ás ilhas em q̄ auiaõ de desembarcar, onde saltaraõ dom Fernando de Mene-ses, & Francisco Barreto com suas bandeiras, o que fizeraõ a poder de bombardadas, & espingardadas.

Franqueada a desembarcação chegou o Visorrey a terra, & desembarcou com todo o poder, & começou a assolar, & destruir, & pôr a ferro & a fogo todas aquellas ilhas d'aquella parte, matando & catiuando muita gente: & depois de não auer cousa algũa em pé, se tornou a embarcar, & se foi pera a armada. Ioão d'Afonseca capitão de Cochim com a gente de sua companhia, desembarcáraõ pella parte do Norte, & entraraõ naquelles esteiros, que estauaõ tambem intupidos com estacadas, & depois de as desfazerem, & arrancarem saltaraõ em terra, & meteraõ tudo a ferro & a fogo, matando & catiuando muita gente. Depois que Ioão d'Afonseca fez a mór destruição q̄ podia ser, mandou seu filho Antonio de Siqueira com

ra com recado ao Visorrey do q̄ era passado, que elle estimou muito, a vitoria que tinha auido por não perder naquella jornada mais que vm homem, & logo o despidio mandando dizer a Ioaõ d'Afonseca que se recolhesse pera elle, como fez.

O Visorrey vendo que tinha bem castigado aquelle Rey, & q̄ era necessario acodir â carga das naos, se partio pera Cochim, deixando por aquelles rios Gomez da Sylua, com doze ou quinze em barçaõens ligeiras pera ir continuando na guerra. Neste estado os deixaremos vm pouco porque he necessario contunarmos com o que neste tempo socedeo em Cambaya.

### CAPITULO XVI.

*Das reuoltas que ouue no reino de Cambaya, por morte de Soltaõ Mahamude: & de como dom Diogo d'Almeida deu na cidade de Diu, & a destruyto.*



**S**OLTAM Mahamude Rey de Cābaya era taõ mao, & taõ cruel, q̄ auorecia a todos os vassallos. E de muitas brutalidades q̄ delle se contaõ, sò duas diremos, pera proua bastante de sua malda

de. Hũa dellas he: tinha este barbaro trezentas molheres de suas portas a dentro, de que vsaua: destas, toda a que emprenhaua delle (porque d'outrem não podia ser pello grande resguardo com que as tinha) tanto que era de tempo, lhe mandaua abrir a barriga, & tirar-lhe o filho, ainda palpitando, re-creandosse naquella desumanidade. A outra he: costumaua elle ir muitas vezes avns paços de prazer que tinha fora da cidade, em q̄ estaua o mais rico & corioso jardim de quãtos lemos de todos os Emperadores do mundo, porque deixando agoas, fontes, esguichos, tanques, boninas, & eruas fresquissimas & suaves: todas as aruores de todas as sortes das do Oriente que ali tinha, que eraõ muitas, todos os seus troncos, dos pés do chaõ a te a rama e aõ forrados de veludos de cores, de borcados riquissimos, & de outras sedas muito coriosas, que todos os veroens as renouauaõ, porque nos inuernos apodreciaõ a mor parte. Auia neste jardim todas as aues brauas, & domesticas que se podiaõ imaginar, & todas as alimarias, porcos, veados, gazellas: & todas as mais que elle costumana a montar: Andando este barbaro vm dia neste jardim á cassa com suas molheres, correndo a pos vm veado, cayo do caualo, & ficou dependurado por vm pê, leuandoo o caualo a rasto vm espaço. Hũa d'aquelas

las molheres que ficou mais perto delle, teue tal acordo que arrácou de vm alfange, & cortando o loro do estribo ficou Elrey no chão estirado vm pouco, & mal tratado: & o caualo passou por diante. Levantandosse Elrey em lugar de pagar à pobre molher a vida que lhe deu) porque sem duuida o caualo o espedaçara, se ella o não liurara) chegandosse a ella a matou, dizendo, que molher de tamanho animo, & determinação, tambem o poderia vm dia matar.

Deste barbaro cruel se affirma, que de moço se começou criar cõ peçonha, & assi como veyo a ser Rey, logo começou a vsar de espantosas cruexas, & a temerse de tudo, & de todos, não se fiando de cousa algũa (que este he o mór trabalho que todos os tyrannos tem, & a mór vingança que se lhe pode desejar, como se lê de Dionysio de Cicilia, que falaua às partes de cima de vm eirado, & que nunca fazia a barba, por não entregar a garganta nas mãos d'algum barbeiro: & affirmaõ os escritores q̃ elle mesmo a fazia com tiçoês de fogo.) Assi este tyranno Soltaõ Mahamude não se fiaua de pessoa algũa, mais que de vm pagem que lhe tinha a chaue da sua agoa que elle criou de minino sempre dentro na sua camara, donde lhe nunca sayá, q̃ se chamaua Borandim. Este ou que fosse induzido d'alguns, ou que o demõnio lhe

metesse em cabeça que podia ser Rey: estando o Mahamude dormindo hũa noite o matou às punhaladas, & meteo em segredo no paço alguns capitaens de sua valia. Morto Elrey, mandou Borandim logo recado a todos os capitaens principaes que na corte auia a chamalos da parte d'Elrey, & assi como chegauão os recolhia pera dentro & là os mataua: & isto fez a dezassete. Só dous chamados Mostafa Carman, & Bearcan Abexim, deixou viuos recolhidos em hũa camara, porque eraõ grandes seus amigos, & tratou de os gear, pera que elles consintissem em sua tyrannia, & o sustentassem nella.

Antre os capitaes que chamaraõ foi vm Aimiticaõ Gentio de nação, que se tinha feito Mouro. Este como era muito prudente, & preuenido, dandolhe o recado da parte d'Elrey a desoras, cousa não costumada, parecendolhe mal a quelle negocio se sayo logo fora da cidade, & foise meter em hũa Mesquita. Borandim tanto que amanheceo, tomou as insignias reaes, & se pôs na cadeira, & mandou chamar Mostafa Carman, & Bearcan, & lhe fez grandes promessas, pera que lhe fizessem a veneração como a seu Rey, o que fez Bearcan Abexim: mas Mostafa Carman dissimulando com o negocio, saindosse pera fora se pôs em vm caualo muito ligeiro, & se

partio

partio pella posta pera Baroche a dar rebate a Madre Maluco, géro de Cogeçofar, que era vñ dos Regedores do reino.

A morte d'Elrey diuulgouse logo pella cidade, & acodiraõ todos ao paço a saberem o que aquillo era. Antre todos estes foi Xauascan Guzarate de nação, capitaõ muito animoso, & de grande posse: & entrando na casa em q̄ Borandim estava, que o vio com as insignias de Rey, ficou embaraçado, Borandim lhe disse que lhe fizesse a veneração como a seu Rey que elle lhe faria muitas honras & merces. O Xauescan, que era homem muito determinado, entendendo que o Rey era morto, embebeo vñ arco, & deu cõ hũa frecha pellos peitos a Borandim dizendo, que elle naõ fazia veneração a vñ escravo d'Elrey. Borandim cayou logo morto, & indosse o Xauascan recolhêdo, as molheres d'Elrey que estauaõ nas janelas q̄ cayaõ sobre a casa em que isto passou, vendo cair o Borandim, embebeo hũa dellas vñ arco, & atraveffou o Xauascan por hũa espada com hũa seta, dando com elle logo morto no chaõ.

Os criados da casa d'Elrey acodiraõ ao paço, & achandoo morto o enterraraõ com pompa real, em hũa Mesquita muito rica, & fermosa, que pera isso tinha feita, & o mesmo fizeraõ os criados dos capitaens q̄ Borandim tinha mor-

tos, & ao mesmo Borandim, ficando assi a coufa aquelle dia, & o outro, sem saberem determinar o q̄ auiaõ de fazer.

Mostafa Carman, que partio pella posta pera Baroche, deuse tanta pressa, que chegou aquella noite: & dando as nouas a Madre Maluco do que passaua, logo ao outro dia ajuntando dez ou doze mil homens, partiraõ pella posta pera a corte: & o mesmo fez Itimitican que se tinha acolhido pera hũa villa sua pera d'ali se pôr em cobro. E assi acodio outro capitaõ chamado Cide Mombareque, que tambem era de grande posse, & cada vñ destes tinha dez ou doze mil homens de sua obrigação.

Estes todos chegaraõ á corte juntamente, & entrando nos paços souberaõ tudo o que era passado: & vendosse sem Rey, composeraõ se antre si de feição, que repartiaraõ todos os tífouros reais irrammente, ficando todos tres de posse dos paços, & o Madre Maluco leuantou vñ arco com vñ coldre de frechas, sobre vñ alto do throno real, & lhe fizeraõ todos a veneração como a Rey, ate se mandar trazer vñ moço, que Madre Maluco dizia q̄ era filho do Rey morto, & que se criara em hũa aldeia em muito segredo, por que a mãy tanto que se sintio prenhe, temendosse que Elrey a mataffe, como fazia a todas, soubesse enco-

brir

brir de maneira, que nunca se finio seu parto, nem emprenhadao: & parindo o minino teue modo com que o deu a quem o leuou escondidamente sem se saber: & só Madre Maluco dizia que sabia delle: mas outros affirmauao que tal naõ era, & que o fingia o Madre Maluco filho d'Elrey, pera cõ aquella capa ficar tyrannizando o reino.

Em fim como quer que fosse elle mandou trazer o moço que se chamaua Hamedoxá, que seria de sete ou oito annos, que foi auido por filho d'Elrey, & assentado na sua cadeira, & ali venerado por tal de todos os capitaens: ficando em poder de Madre Maluco, como Regedor, & pessoa principal pera o criar como seu Ayo: naõ tendo o moço eleiçao de querer em nenhũa cousa, por que tudo governa ua, & mandaua o Ayo absolutamente, sem lhe ninguem ir a maõ, pella muita posse que tinha.

Deuulgadas estas nouas por todas as prouincias do reino, logo os Governadores dellas lãçaraõ maõ de tudo o que tinhaõ, entendêdo que o Madre Maluco trataua de tyrannizar o reino. Os capitaes que se leuantaraõ saõ os seguintes.

Cide Mombareque com as cidades de Cambayete, Mamadaba, Deolcá, & outras.

Alucan com a cidade de Damaõ: & com todas as suas Tanadarias, desde Bolcar, a te o rio de

Agaçaim. Abixcan Abexim cõ as terras de Diu desde terra de Vná, ate a de Lunager, & fez sua residência na villa de Nouanager duas legoas de Diu, de cuja cidade tambem lançou maõ, & mandou meter nella vm capitaõ Abexim chamado Cide Elal, & mandou Embaixadores a dom Diogo d'Almeida capitaõ d'aquella fortaleza a lhe pedir pazes cõ as condiçoens que estauao feitas: & que ficasse a Alfandega corredo, a metade pera Elrey de Portugal, & a outra pera o Cide Elal: & que teriaõ ambos seus officiaes nella, como estaua assentado pello contrato das pazes que fez dom Garcia de Noronha, & depois dõ Esteuaõ da Gama.

Tartarcan se aleuantou com a terra de Lunager, que era cousa inexpugnauillissima, & com toda a sua comarca, que se estendia ate o Pagode de Iaquete: & mais de vinte legoas pello sertao dentro. Passado Cide Elal á cidade de Diu, pós logo officiaes na Alfandega, & renouou a fortaleza velha, que estaua sobre vm tezo fora da cidade, que foi a antiga de Meliqueás, & se meteo nella com trezentos homens de guarniçao. E como todos os Mouros saõ per natureza soberbos, & entenderao no seu capitaõ inclinaçao contra os nossos, tanto que se encontravaõ na sua cidade, a onde os nossos soldados Portugueses yaõ comprar as cou-  
fas

fas que auiaõ mister, faziaõlhes afrontas, & vexaçõens, & desprezos grandes, que elles sofriaõ por que lho tinha assi encomendado o capitão. Em fim chegou a cousa a tanto, que mandou dom Diogo d'Almeida recado ao Cide Elal, pera que prouesse naquillo, & castigasse os seus soldados, por que não viessem a rompimento com os Portugueses, por que se lhe tinhaõ sofrido muitas cousas, era por lho elle assi tẽr mandado: por que desejava de conseruar com elle a amisade, & visinhança: & q̃ se não prouesse naquillo, q̃ o faria elle cõ dar licença aos seus pera se satisfazerem de quẽ os agrauasse. O Abexim respondeolhe bem, & com grandes comprimentos, mas todavia os seus não se emendaraõ, nẽ deixaraõ de vsar sua soberba: encontrando os nossos como os achauaõ na sua cidade, de má feição: trocendolhes os bigodes, & outras roncãs semelhantes.

Dom Diogo d'Almeida, a quẽ os soldados fizeraõ queixume, vẽdo que todo o mais sofrimento ficaua em descredito, determinou de castigar os Mouros: & ajuntando os Portugueses que auia na fortaleza, que seriaõ perto de quinhẽtos, deixando o Alcaide mór em guarda da fortaleza com alguns, deu hũa madrugada na cidade, & cometendo as casas dos Mouros, que eraõ conhecidas (por que nos naturaes não quiseraõ tocar) &

entrandoas mataraõ todos os que acharaõ sem perdoarem a algum assolandolhes, & destruindolhes as casas, & roubãdolhes as fazendas, fazendolhes tamanhas desumanidades, que foi espanto. E como vio que estaua satisfeito se recolheu a seu saluo, sã o capitão Abexim lhe sair, nem ousar a bolir comsigo: antes mandou recado a dom Diogo d'Almeida pedindo-lhe perdaõ do passado, & que tornassem a correr em amisades. E desta maneira ficaraõ os Mouros taõ domesticos, que a onde viaõ vm Portugues se desuiauaõ. Poucos dias depois disto passado, chegou a Diu dom Iorge Baroche com as prouisoens do Visorrey, pera lhe dom Diogo d'Almeida entregar a fortaleza, o que elle logo fez, & se embarcou no mesmo nauio em que dom Iorge foi: & com os Noroestes rijos veyo em oito dias a Cochim, & tomou ainda o Visorrey sobre o Chẽbe.

## CAPITVLO XVII.

*Das pazes que o Visorrey dom Afonso de Noronha fez com o Rey de Chembe. E das naos que partiraõ pera o reino: & de como se perdeu a nao São Bento na costa da Cafraria.*



**R**ECOLHIDO o Visorrey em Cochim, começou a dar pressa ás Naos do reino: & como não eraõ mais que duas, bastou pera a carga dellas hũa pouca pimenta que auia feita, & outra que veyo de Coulaõ: & coas mais drogas as acabou de encher & carregar. Gomez da Sylua que q̃o Visorrey deixou entre aquellas ilhas, andou por ellas fazendo tanta guerra, cortando & destruindo seus palmares, & fazendas: & catiuandolhe tanta gente, que pós áquelle Rey em necessidade de mandar pedir pazes ao Visorrey, & pera isto lhe despidio seus Embaixadores, que o Visorrey ouiuo, & começaraõ a tratar de pazes, que se assentaraõ na forma seguinte.

Que aquelle Rey deixaria correr por seus rios pimenta pera as Naos, & tornariaõ a ficar fixas as perfilhaçoens que tinha feito com Elrey de Cochim. E que o Visorrey lhe largaria as ilhas alagadas, que tinha tomadas. E lhe soltaria todos os capitaens q̃ na guerra foraõ presos.

Assentado isto, mandou o Visorrey recolher Gomez da Sylua, & largou logo a gente que estaua catiua: & deixou ordem a Ioão d'Afonseca capitão d'aquella cidade pera ir meter aquelle Rey de posse das ilhas que lhe tinha

tomado, o que elle depois no inuerno mandou fazer por seu filho Antonio de Siqueira. O Visorrey por que era ja cabo do veirão se recolheo pera Goa ficando aquelle Rey da pimenta correndo com as pazes com as cautelas & inuençoens com que o costumaõ fazer todos aquelles Reys Gentios.

As Naos do reino partiraõ a te quinze de Janeiro d'este anno de cincoenta & quatro: & na Nao capitaina com Fernão d'Alvarez Cabral se embarcou dom Alvaro de Noronha, filho do Visorrey dom Garcia de Noronha, que tinha acabado de seruir a capitania de Ormuz. Esta nao se foi perder na costa da Cafraria, antes da agoada de saõ Bras, saluandosse a gente della em algũas jangadas, que foraõ ter a terra: mas a em que ya Fernão d'Alvarez Cabral, & dom Alvaro de Noronha se viuou, & elle com toda a gente de sua obrigação se afogaraõ. A mais gente que chegou a terra se fiz em vm escoadraõ, & foraõ caminhãdo por ella: & alguns chegaraõ depois a Moçambique. Contamos esta viagem assi em soma, por q̃ não soubermos as particularidades della.

(?)

CAPITULO XVIII.

*Das cousas em que o Visorrey dō Afonso de Noronha pro-ueo, & de como mandou seu filho dō Fernando de Mene- ses cō hũa armada ao estreito. E da sentença q̄ se deu contra dō Aluaro de Tayde capitão de Malaca. E dos capitaes q̄ foraõ entrar em suas fortalezas : & do que aconteceu na jornada a dom Francisco de Menezes ate chegar a Ormuz.*



HEGADO o Visorrey dom Afonso de Noronha a Goa : a primeira cousa em q̄ entendeu foi em or-

denar hũa armada pera seu filho dō Fernãdo ir ao estreito de Meca, & de lá ir inuernar a Ormuz, pera esperar as Galés se saísse de Baçorã em Agosto : & mandou pagar mil & duzentos homens pera esta jornada, & tãta pressa lhe deu q̄ no fim de Feuereiro a teue toda prestes pera dar á vela. Bernaldim de Sousa q̄ estaua despachado pera ir entrar na capitania de Ormuz, andaua pejado de dō Fernãdo ir inuernar áq̄lla fortaleza, porq̄ por filho do Visorrey auia de querer leuar poderes sobre tudo : & como era muito seu amigo tratou de se desuiar de desgostos. E védosse cō elle lhe disse, q̄ se elle ya a Ormuz,

cō poderes sobre tudo, q̄ lho dissel se, q̄ se deixaria ficar, pera ir entrar naquella fortaleza em Outubro, por q̄ era seu seruidor, & naõ queria q̄ ouuesse antre elles algũ desgosto sobre a jurdição. Dō Fernando lhe respõdeo, q̄ elle naõ leuaua poderes algũs na fortaleza, a onde elle era capitão, mais q̄ os que lhe elle lá desse. Bernaldim de Sousa ficou com isso desaliuado.

Posta a armada na barra, foi o Visorrey fazela á vela, deitando grãdes bençoês a seu filho & a todos. Era esta armada de seis Galeoês, seis Carauelas, & vinte & cinco ou seis Fustas mūy bẽ negociadas. Dos Galeoês eraõ capitaes, dō Fernando de Menezes filho do Visorrey, do Galeão saõ Matheus Gomez da Sylua, fidalgo Galego, do de sancta Cruz: Gõçalo Falcaõ do de saõ Sebastiaõ: dom Aluaro Gõçaluez de Tayde do de Sãcti-ago: dom Aluaro da Sylueira do de saõ Lourêço: Baltesar Gomez feitor da armada, do Galeão saõ Thome, em q̄ leuaua muitas moniçoês, mãtimetos, & outras cousas pera a armada. Das Carauelas eraõ capitaens Nuno Alvarez de Crasto, Antonio de Valadares, dom Manoel Mascarenhas, Iorge de Moura, dom Ieronymo de Castel branco, & dō Fernando de Monroyo fidalgo Castelhana. Os capitaens das Fustas eraõ dō Duarte de Vasçócellos, Iorge Pereira Coutinho, Frãcisco de Sousa, Damiaõ de Sou

sa, Ruy de Craſto, Antonio Lopez de Carualho, Ioaõ de Mello da Cunha, Ioaõ Pereira, Diogo de Mendoça de Vaſconcellos, Ioaõ Mendez do Rio, Ioaõ Teixeira Pinto, Simaõ da Coſta, Simaõ de Souſa, Aluaro de Craſto, Antonio d'Almeida, Inofre do Soueral, Gõçalo Guedes, Baſtiaõ de Macedo, Antonio d'Espindola, Manoel de Siqueira, Ioaõ Vieira, Belchior Pirez, Pedralvarez de Cananor, Eitor Nunez, Cosmo Alvarez, Francisco Sanches, Gaſpar da Barca, & outros. Dada a vela foraõ ſeguindo ſua jornada a que logo tornaremos.

Partida a armada entrou logo o Viſorrey no deſpacho das couſas que auiaõ de ir pera fora: & mãdou dar preſſa aos feitos q̄ corriaõ contra Bernaldim de Souſa, pellas culpas que lhe Elrey mandou do reino, & contra dom Aluaro de Tayde da Gama capitãõ de Malaca: & depois de correrem ſeus termos foraõ conclusos á relaçaõ, & os deſembargadores pronũciaraõ, que Bernaldim de Souſa não tinha culpas nas couſas que lhe poſeraõ, por coanto fora por mandado do Governador dom Ioaõ de Craſto a meter Elrey Aeiro de poſſe do reino de Maluco, por hũa ſentença que elle diſſo ouuera na meſma relaçaõ de Goa, de que no principio deſta decada, no capitulo coarto do liuro primeiro fizemos meçaõ, & que foſſe entrar na

ſua fortaleza, & que ſe lhe tornaffe toda a fazenda que lhe eſtaua ſocreſtada. E no feito de dom Aluaro de Tayde da Gama por lhe acharem culpas graues, pronũciaraõ que foſſe preſo pera o reino, com os autos de ſuas culpas: & que foſſe vm deſembargador deſapofſalo: & que dom Antonio de Noronha, filho do Viſorrey dõ Garcia de Noronha foſſe entrar na fortaleza de Malaca de que era prouido.

Dadas eſtas ſentenças, ordenou logo o Viſorrey que foſſe o Licẽceado Antonio Rodriguez de Gãboa a Malaca dar a execuçaõ a ſentença contra dom Aluaro de Tayde da Gama, & a meter dom Antonio de poſſe d'aq̄lla fortaleza: & no meſmo tẽpo deſpachou Iorge de Mendoça pera ir entrar na capitania de Chaul: & dõ Diogo de Noronha na de Diu: & Anrique de Macedo na de Cananor: & dõ Duarte Deça na de Maluco, por terẽ vindo nouas da morte de Frãciſco Lopez de Souſa. E por q̄ todos eſtes capitaẽs auiaõ de dar as menagẽs de ſuas fortalezas, ordenou o Viſorrey q̄ o fizeſſem todos jũtos em vm dia: & pera aq̄lle auto (q̄ quis q̄ foſſe feito cõ grande ſolẽnidade) mandou armar a ſalla grãde cõ eſtrado, & docel: & mandou recado a todos os officiaes da fazẽda & juſtiça: & a todos os fidalgos, & capitaẽs, pera ſe acharẽ aq̄lle dia preſentes, os mais galãtes & bem

& bẽ tratados q̄ podessẽ, como fizeraõ, indo todos os q̄ auiaõ de dar as menagês, de plunias, & medalhas, só Bernaldim de Sousa não mudou o trajo ordinario, de que se tomou o Visorrey muito, auẽdo q̄ o fizera em desprezo d'aq̄lle auto, & os fidalgos amigos de Bernaldim de Sousa galátearaõ com elle sobre isso: & vm delles lhe disse, q̄ auia elle de dar algũa hora cinco d'apar dos paos: ao q̄ lhe elle respõdeo, effes senhores capitaes q̄ vẽ dar a menagê, he lhes necessario virem a este auto com seixinhos na boca, q̄ eu ja sou noiuo velho. Em fim o Visorrey fez aquelle auto com grande cerimonia, & tomou as menagês a todos, & os despido, & logo se começaraõ a embarcar pera suas fortalezas.

E por q̄ as cousas de Diu estauaõ arroinadas, pellas alteraçoes q̄ atras cõtamos no cap. 16. deste liuro 10. ordenou o Visorrey trezẽtos homẽs cõ seus capitaes pera lhes irẽ dar mesas, q̄ saõ os seguintes. Dõ Ioaõ d'Almeida filho do Contador mór, Ioaõ Lopez Leitaõ, pagem da lâça do Principe dõ Ioaõ, Tristaõ Vaz da Veiga, Felipe Carneiro sobrinho de Pero d'Alcaçoua, Fernão de Castanhoso, a fora outros fidalgos q̄ foraõ inuerner aq̄lla fortaleza por amor de dõ Diogo de Noronha, & pella guerra q̄ se esperaua. O Visorrey encomẽdou a dõ Diogo de Noronha, que trabalhasse por tomar a

fortaleza aos Mouros, & lançalos fora da ilha.

Pera Ormuz pagou o Visorrey quinhentos homẽs, q̄ repartio por coatro ou cinco nauios de mercadores de alto bordo, q̄ auiaõ de ir em companhia de Bernaldim de Sousa, a quem o Visorrey deu vm fermoso Galeaõ, de q̄ era capitãõ Ruy de Crasto, em q̄ yaõ embarcados trezẽtos homens, & lhe deu mais dous nauios de remo, cõ regimento q̄ como chegasse a Ormuz entregasse a gête a dõ Fernão de Meneses, & o Galeaõ a dõ Antaõ de Noronha, pera se vir nelle pera a India. Estes capitaes partiraõ por todo o mes de Março, & logo se ferrou o inuerno de Goa em q̄ não ha q̄ fazer, & por isso continuaremos cõ dõ Fernando de Meneses.

Partida esta armada de Goa foi seguindo sua derrota a te môtẽ de Felix, a onde se deixou andar esperando pellas naos do Achem & Cambaya, sobre q̄ teue grãdes vigias, & mãdou algũas Fustas ligeiras q̄ fossẽm às portas do estreito a tomar fala das Galês. Estes nauios tomaraõ algũas Geluas de mercadores, de que souberaõ q̄ no porto de Meca não auia mais q̄ as tres ou coatro Galeotas de que era capitãõ Casar, que foi cõ que Luis Figueira pelejou, & recolhẽdosse cõ este recado o deraõ ao capitãõ mór. Era ja isto entrada d'Abril, tẽpo em q̄ lhe era necessario recolheremse a Ormuz, o que fizeraõ

fem acharem coufa algúa.

Dada á vela foraõ correndo a costa de Arabia, & chegádo á fortaleza de Dofar, forgio com toda a armada, por q̄ leuaua dom Fernando por regimento de seu pay que lançasse della os Fartaquins, q̄ se tornaraõ a meter dentro. Ao outro dia se passou toda a géte da armada aos nauios de remo, & bateis dos Galeoens, & Carauelas, & cometeraõ a terra a onde os nossos desembarcaraõ com trabalho por causa da quebráça dos mares q̄ ali são muito soberbos. Os Fartaquins fairaõ da fortaleza perto de trezétos em caualos Arabios, & camelos q̄ pera isso trazem insinados, & se começaraõ a baralhar cõ os primeiros q̄ fairaõ em terra, metódosse antre ellés como brutos, se temor da morte, derribádo & ferindo d'aq̄lle primeiro encontro dez ou doze dos nossos, em q̄ entrava Ioão Velho capitaõ de vm nauio, Lopo Gõçaluez Maracote, & Thome Figueira caualeiros muito honrados. Os nossos que yaõ desembarcando deuagar por causa dos mares, védo os q̄ estauaõ em terra trauados cõ os imigos, com aquelle furor, se lançaraõ ao mar pera se acharé com os cõpanheiros naquella enuolta. A nossa espingardaria fez gráde estrago nos imigos, & dos primeiros tiros lhes derribaraõ muitos, vns mortos & outros feridos q̄ logo foraõ recolhidos. Os Fartaquins vendosse

apertados da arcabuzaria se recolheraõ pera a fortaleza, & trataraõ de se defenderem nella. Dom Fernando de Meneses desembarcou em terra cõtoda a géte, & chamádo a si os capitaes tomou cõ elles cõselho sobre o q̄ faria: & assentaraõ q̄ se naõ cometesse a fortaleza, ja q̄ se naõ podia desembarcar a artilharia pera se bater. Cõ esta resoluçaõ se foraõ embarcar adiante d'aquelle posto vm tiro de Espera a onde fazia mais remanço pera as embarcaçoens chegarem.

Recolhidos nellas deraõ á vela, & foraõ corrédo a costa de Arabia, Curia, Muria, Matraca, Amacieira, & os Palheiros, a te dobraré o cabo de Rosalgate. D'ali foraõ a Mascate, a onde a armada grossa entrou, & dom Fernando a entregou a Manoel de Vasconcellos (de q̄ falamos muitas vezes no cerco de Diu, na quinta decada, no liuro 4. cap. 1. & 6.) q̄ foi sogro de Diogo de Mesquita, & de Pátaliaõ de Sá, q̄ era vm fidalgo velho de muito bõ intendimento, q̄ o Visorrey mádou embarcado com seu filho pera o aconselhar em tudo: por q̄ auia de ficar ali cõ ella inuernádo, & dó Fernando era lhe necessário passar a Ormuz. E sabendo q̄ Bernaldim de Sousa naõ era ainda passado auante, despidio cinco nauios de remo a esperalo ao cabo de Rosalgate, & pera recolherem os nauios de mercadores.

Chegados estes nauios ao cabo, veyo

veyo logo ter cō elles Bernaldim de Sousa: & porq̃ o véto era póteiro, mudouse aos nauios de remo, & foi ter a Mascate, a onde achou dō Fernão q̃ o recebeo bem: d'ahi a poucos dias chegaraõ as naos da cōpanhia de Bernaldim de Sousa, & cō ellas se partio elle & dom Fernando pera Ormuz, a onde forraõ muito festejados, & dom Antaõ de Noronha entregou a fortaleza a Bernaldim de Sousa, & tomou posse do seu Galeaõ, que logo mandou pera Mascate a inuerner com os outros.

### CAPITVLO XIX.

*De como dom Diogo de Noronha capitaõ de Diu tomou a fortaleza aos Mouros. E da gente que Abiscan mãdou de socorro: & do recontro q̃ com ella teue Fernão de Castanhoso, em que foi morto com dezassete soldados. E de como dom Diogo de Noronha acodio, & lançou os Mouros fora da ilha.*

**D**ARTIDO dō Diogo de Noronha de Ormuz, chegou a Diu no fim de Abril, & dō Iorge lhe entregou a fortaleza, & se embarcou logo pera a outra costa. Entregue dō Diogo da fortaleza, tomou in-

formaçaõ das cousas da ilha, & soube como o Cide Elal, Abexim, naõ deixaua de vsar de sua natureza, nẽ nũca seria bõ visinho naquella ilha por sua soberba: por q̃ os seus esquecidos do castigo q̃ lhe deu dō Diogo d'Almeida, como dissemos no cap. 16. deste liuro 10. naõ deixauaõ de assoberbar os officiaes Portugueses q̃ estauaõ na alfandega, & de se encontrarẽ cō os q̃ yaõ á cidade fazédolhes despresos & a frótas, q̃ elles sofriaõ por lho ter afi mandado o capitaõ. E queredo vsar do regimẽto q̃ lhe o Visorrey deu sobre aquelle negocio determinou de tirar d'ali aq̃lle visinho, & desfazer aq̃lla fortaleza, pera o q̃ se fez prestes, & deu recado aos capitaes, que repartiraõ moniçoes pellos soldados, & mãdaraõ fazer escadas pera cometerẽ a fortaleza á escala vista. Prestes tudo sayo o capitaõ hũa tarde a horas de vespora da fortaleza, a onde deixou fõ velhos & mácos: & mãdou q̃ se fechassẽ as portas, & cō seiscentos homẽs repartidos por suas bãdeiras, ao som de muitos tãbores & pifaros atraueffou a cidade, que se lhe despejou toda de medo.

O Cide Elal tâto q̃ teue rebate de como o capitaõ ya, recolheose na fortaleza cō toda a gẽte q̃ pode, cō determinaçaõ de se defender. Os nossos chegaraõ á fortaleza, & cō grãdes estrôdos, gritas, & determinaçaõ acometeraõ, aruorandolhe logo muitas escadas, por onde começa-

começaraõ a sobir, & dos primeiros foi Felipe Carneiro, a q̄ deraõ hũa espingardada por hũa perna de q̄ ficou sempre manquejado, & a Alexãdre de Sousa hũa frechada na mão, & outros muitos. Vêdo dô Diogo de Noronha q̄ pellas escadas se não podia entrar a fortaleza, mandou trazer muita lenha & palha, pera queimar as portas, & em lhe pôdo o fogo mādou gritar aos de cima, por Coge Abrahaõ Iudeu, q̄ se entregasse, & q̄ lhes daria as vidas, & q̄ queria mādãr falar cõ Abiscan: de cima lhe respõdêraõ q̄ mādasse embora, & lâçaraõlhe hũa escada de cordas pera isso. Dô Diogo de Noronha mādou sobir acima Coge Abrahaõ, q̄ ainda oje viue, & lhe deu o seu anel de sinete pera credito do q̄ disse.

Posto Coge Ahrahaõ em cima disse ao capitaõ que dô Diogo de Noronha lhe mādaua dizer q̄ lhe entregasse a fortaleza, & q̄ deixaria sair della todos os q̄ lá estauaõ saluas suas pessoas: & q̄ pera penhor de sua palaura mādaua aq̄lle anel de suas armas: O Abexim tomou parecer cõ os seus sobre o q̄ faria, & assentaraõ q̄ aceitasse os partidos, & em recados q̄ foraõ & vierãõ sobre isto se gastou a noite toda, & em amanhecêdo abriãõ as portas, & se fãiraõ todos da fortaleza se leuarẽ mais q̄ suas pessoas, deixãdo dêtro ate as armas, & se foraõ recolhendo liuremente pera se pasarem á outra banda.

Dô Diogo de Noronha depois dos soldados escalarẽ a fortaleza, a mādou derribar por muitos trabalhadores & escrauos q̄ pera isso leuaua, cõ muitos picoes & aluioes.

E estãdo nesta obra lhe deraõ rebate, q̄ pello passo do Callado passauaõ da õutra bãda muitos Mouros, & q̄ era ali chegado Abiscan cõ coatro mil homẽs pera socorrer a fortaleza, porq̄ logo foi auisado pella posta. Dô Diogo de Noronha despidio logo Fernãõ de Castanhoõ cõ cento & vinte homẽs, q̄ partio taõ apressadamẽte, q̄ não esperou por todos os q̄ auiaõ de ir cõ elle: & chegado ao cãpo, deu cõ mais de trezẽtos de caualo, pello q̄ lhe foi forçado recolherse: nesta retirada se lhe desmãdaraõ os seus, & elle se achou com só deffazete q̄ sempre o seguiraõ. E vendo q̄ os imigos o yaõ entrando se recolheo a vni tezo todo de hũa lagea, a onde os caualos não podiaõ chegar: ali se fizeraõ os nossos fortes, & cõ suas espingardas se defenderãõ valerosamente. Os Mouros vẽdoos naq̄lle posto, decendõ se dos caualos os rodearaõ, & cometerãõ mũy determinadamẽte. Fernãõ de Castanhoõ cõ os companheiros pondo as costas vns nos outros pelejaraõ mũy animosamẽte, derribãdo muitos dos imigos, mas como o numero era taõ desigual, foraõ todos mortos ás frechadas, por que se não atreuerãõ os Mouros cometelos á espada, pellas

pellas façanhas, & cousas que com ella lhes viaõ fazer.

Mortos estes esforçados caualeiros, os imigos lhes abrião os peitos, & lhes tiraraõ aq̄lles grãdes, & m̄uy animosos corações, q̄ ainda estauão palpitando, pera os leuarẽ de presente a Abiscan, & de todos os q̄ se aqui acolherão s̄o dous escaparaõ, q̄ se recolherão, & escõde raõ em hũa vaza. Dom Diogo de Noronha teue rebate de como os da cõpanhia de Fernão de Castanho vinhaõ fogindo, & dãdolhe a paixão tomou o guiaõ de Christo apar de si, & abalou pera o cãpo cõ todo o corpo da gẽte. Luis Cabral q̄ era feitor de Diu, caualeiro m̄uy hõrado & esforçado, vẽdo ir as̄i dõ Diogo cheyo de cora, & tẽdo informaçaõ como o cãpo estaua ja cheyo de imigos, chegou se a elle & o liou dizẽdo, q̄ lhe requeria da parte d'Elrey q̄ naõ passasse d'ali, porq̄ a fortaleza d'Elrey ficaua s̄o, & q̄ poderiaõ os imigos ir por outra parte & tomarẽna: & ainda q̄ naõ tentasẽ isto, se lhe acontecessẽ vm defastre tudo se perderia. Dõ Diogo como a paixão o tinha cego, desasindosse delle lhe disse: como eu morrer, acabese tudo. Esta palavra souo mal a muitos, & pezoulhes de lha ouuirem: & a nõs nos affirmaraõ algũas pessoas muito graues, que se escreueo a Elrey, & que isso fora causa de naõ soceder nas vias, por naõ querer Elrey entregar a India nas

maõs de vm homẽ taõ arriscado.

Dom Diogo de Noronha foi caminhando pera o campo, & despido Coge Abrahaõ em vm caualo muito fermoso, pera q̄ fosse ver onde os imigos estauão, & o q̄ faziaõ: o Iudeu passou adiante & chegou ao lugar a onde Fernão de Castanho estaua morto cõ os cõpanheiros, & passando auãte descobrio os imigos q̄ naõ seriaõ mais q̄ aquelles q̄ pelejaraõ cõ Fernão de Castanho, q̄ estauão parados esperãdo por mais gẽte que vinha passando. E voltãdo chegou a dõ Diogo de Noronha, & lhe disse q̄ adiante tinha os imigos. E mandãdolhe q̄ o guiasse o fez: & como era Iudeu, & prudẽte, o foi desuiãdo do lugar em q̄ Fernão de Castanho estaua, de quẽ o capitaõ naõ sabia nouas: & dissimulãdo Coge Abrahaõ se chegou a elle á orelha, & lhe disse em segredo o q̄ vira: & dõ Diogo lhe disse q̄ se callasse porq̄ os seus se naõ desbarataassem por si. E chegãdo á vista dos imigos, mãdou algũs capitaes q̄ os fosse cometer, o q̄ elles fizeraõ m̄uy determinadamẽte, os imigos naõ ousando aos esperar se foraõ recolhẽdo pera o passo, ate onde os nossos os seguiraõ, & os apertaraõ de maneira, q̄ os fizeraõ lâçar a agoa, & se passaraõ da outra banda.

Abiscan vẽdo os seus desbaratados mandou a tirar aos nossos cõ algũas bombardas que trazia acarretadas. Como o campo era

todo descuberto, receando dom Diogo que lhe mataassem alguns, se foi recolhendo pera a cidade: & passando por onde os mortos estauão os mandou recolher á fortaleza, & darlhe hõrosas sepulturas: & naõ se quis apartar da fortaleza que se estaua derribando, ate ser toda posta por terra. E como teue aquella obra acabada, se recolheo á cidade, & mandou fechar as portas, & repartio pello muro (que a cerca de mar a mar) trezentos homens: & pòs pellas guaritas algũas peças pequenas de artelharia pera sua defenõ: porque bem entendo que Abiscan auia de cometer a cidade, como fez ao outro dia, mas foilhe tambem defendida dos nossos, que o fizeraõ recolher cõ muita gente morta.

Passado isto despido logo dõ Diogo de Noronha Coge Abrahão em vm catur ligeiro, & com elle vm Diogo Fernandez Castelhano, & por elle mandou dizer a Madre Maluco Regedor do reino, q̃ Abiscan se aleuõtara cõ aq̃llas terras, & q̃ por lhe parecer q̃ seruia nisso a Elrey de Cábaya, o castigara, como traidor, & lhe tomara a fortaleza, & cidade de Diu, cõ toda a alfãdega, mas q̃ tudo era d'Elrey de Cábaya, & q̃ o entregaria a quẽ elle mãdasse. Este recado estimou muito Madre Maluco, & mãdou os agardecimẽtos a dõ Diogo de Noronha, & lhe escreueo q̃ Abiscan ficaria na cidade de Noua-

nager, a onde Elrey mãdaua q̃ residisse, & q̃ naõ entẽdesse mais cõ os Portugueses, & que lhe deixasse arrecadar a metade da alfandega q̃ lhe Elrey daua conforme aos cõtratos das pazes, & sobre isto mandou vm largo formaõ a Abiscan: Dom Diogo de Noronha folgou muito com a reposta de Madre Maluco: & o Abiscan mandou logo visitar, & a tratar de pazes por lho mandar assi Madre Maluco: & concertaraõse que corresse a alfandega como d'antes: & que naõ fosse mais o recebedor della Cide Elal, por q̃ fora o aluoroçador de todas as cousas passadas. Abiscan o mandou tirar, & proueo em seu lugar d'outro Abexim chamado Cide Merjaõ. Neste estado deixamos estas cousas ate tornar a ellas.

## CAPITVLO VLTIMO.

*De como o Turco mãdou outro capitaõ chamado Alecheluby, pera lhe leuar as Gales de Baçorã a Suês: & de como sayo de Baçorã, & se encõtrou cõ a armada de dom Fernando de Meneses, & lhe tomou seis Galès.*



**R**ECOLHIDO Moradobec pera Baçorã cõ as Galès fogindo a dõ Diogo de Noronha, d'aquella grande batalha que teue com Gõçalo

çalo Pereira Marramaque, logo o Turco teue recado por terra do soffo, do que ficou muy enfadado. Andaua na corte vm coffairo q se chamaua Alecheluby, q fora tisoureiro do Cairo, homẽ muito rico, & valido antre os Baxás. Este em chegádo as nouas do que socedeo a Moradobec, o começou a vituperar diãte dos Baxás dizêdo, q homẽ q entregara a fortaleza de Cafifa aos Portugueses sem esperar golpe de espada, não se lhe ouuera d'entregar aquelle negocio nas maõs, offerecêdoſſe aos Baxás pera elle paſſar aquellas quinze Galés a Suez, como o Turco mandaua. Os Baxás por que eraõ seus amigos lhe ouueraõ a jornada, & elle partio pella poſta pera Baçorá, & tomando poſſe da armada, começou a negociar as quinze Galés muito bem pera partir na entrada d'Agosto.

Dom Fernãdo de Meneses como entrou o mês de Julho, deſpidio tres nauios de que eraõ capitaes Gomez de Siqueira, Luis d'Aguiar, & Baſtiaõ de Macedo da obrigação do Conde da Vidigueira, & deulhes por regimento que ſe foſſem pór na boca do estreito de Baçorá, & vigiaſſe as Galés: & q das nouas q achafſe o auifaſſe por vm dellas: & q ſempre os dous ficariaõ em vigia ate as Galés ſaire. Estes capitaes ſe foraõ pór na paraçõ q lhes mãdauaõ, onde ſe deixaraõ eſtar: & de algũas terradas q

tomaraõ ſouberaõ como era chegado Alecheluby, & q ficaua ja có as Galés no mar, negociãdoas pera ſair pera fora. Cõ eſte auifo partio o Gomez de Siqueira.

Bernaldim de Souſa teue tal maneira, q mãdou algũas eſpias a ſaber das Galés, q ſe foraõ em Terranquins feitos peſcadores, peſcãdo dẽtro no estreito, & leuauaõ o peixe a vender ás Galés, & viaõ, & notauaõ tudo ſem ninguem ſe recear dellas, & cada dous dias era Bernaldim de Souſa auifado do que ſe paſſaua.

Alecheluby tendo as Galés preſtes, ſendo ja alguns dias d'Agosto ſayo có ellas fora do estreito. Os noſſos nauios q lá andauaõ, tâto q ouueraõ viſta dellas voltaraõ pera Ormuz, & deraõ as nouas a dõ Fernãdo de Meneses, q no meſmo dia ſe embarcou nos nauios ligeiros q tinha preſtes, & partio pera Maſcate a ſe meter na ſua armada, & ſair em buſca das Galés, & em ſua cõpanhia foi dõ Antaõ de Noronha em hũa Galeota có corenta ſoldados & fidalgos. Chegãdo áquelle porto tomãdo depreiſa algũas couſas neceſſarias, ſe embarcou nos Galeoẽs, & cõ toda a armada tornou a voltar em buſca das Galés.

Bernaldim de Souſa tanto q ſe partio dõ Fernando de Meneses, armou vm Galeaõ q ali eſtaua de vm Gomez Farinha, & tres ou coatro naos de mercadores, & lhes meteo artelharia, & muitas moniçoẽs

& soldados, & se embarcou no Galeão, com tenção de tanto q̄ as Galés passassê, irse pór na boca do estreito de Baçorá, porq̄ se as Galés viesse fogindo da armada de dom Fernando de Meneses, lhes tiuesse as portas fechadas, pera se não poderê recolher, & assi não escaparia nenhũa, & disto auisou a dom Fernando por Terranquins muito ligeiros, auisandoo q̄ se as Galés lhe fogissê pera dentro as seguissê ate Baçorá a onde elle estaria, & q̄ assi lhe ficariao as Galés no meyo, & se perderiao todas: discurso & ardid de muito grande capitaão.

Dõ Fernãdo de Meneses tãto q̄ sayo de Mascate foi corredo a costa de Arabia pera dẽtro em busca das Galés, & mãdou diãte algũs catures ligeiros pera as espiarem, estes chegãdo ao cabo de Moçandaõ ouuerao vista das Galés, que erao quinze, & todas vinhaõ em hũa ála, & voltãdo ao capitaão mór lhe derao recado de como vinhaõ atras. Dõ Fernando negociou os seus Galeoens, & deu ordẽ no modo de como auiaõ de cometer as Galés, & indo adiãte encontrouse cõ ellas, & mãdou as Fustas & Carauelas por mais ligeiras pera pegarem com ellas como fizerao, ateandosse antre todos hũa fermosa batalha de bombardadas.

Alecheluby tanto q̄ vio a nossa armada, deixou se ir á vela, & foi arribando pera terra, & despindoo sua artelharia. Dom Antaõ de

Noronha q̄ ya no seu Galeão, me-reose em hũa Galeota cõ muitos fidalgos & soldados, & foi demãdar o capitaão mór pera se meter cõ elle, por lho ter assi escrito o Visorrey, & que seu filho não fizesse coufa algũa sem elle. O vento ya refrescãdo, & as Galés arribando pera terra, ficandolhe o Galeão de Gomez da Sylua muito perto ás bõbardadas cõ ellas, & sabia dom Antaõ q̄ leuaua pouca gẽte, por q̄ cõ a pressa lhe ficariao todos em Ormuz. E receãdo q̄ lhe acõtecesse algũ desfastre, por estar vm pouco desuiado da armada, pedio aos fidalgos q̄ cõ elle yaõ, q̄ se fossem meter naquelle Galeão, q̄ era assi necessario ao seruiço d'Elrey, & tomando o remo chegou a elle arribado ás Galés o cometerẽ, & deitãdolhe dẽtro vinte & tantos homens voltou pera o Galeão do capitaão mór, onde se meteo. As Galés foraõ arribãdo pera terra, & se recolheraõ na enceada de Lima, a onde os Galeoẽs não podiaõ chegar. Dom Fernando de Meneses vendosse atalhado tomou cõselho sobre o q̄ faria, porq̄ as Gales yaõ fazendo sua derrota cozidas com a terra, & vns diziaõ hũa coufa, outros outra: mas vm piloto velho & antigo, q̄ ya na armada, de qué parece q̄ falou o Espirito Sancto, disse q̄ os ventos eraõ Oestes, & Oesuduestes pella proa, & que os Galeoẽs naquelle bordo per nenhum caso poderiaõ sordir auãte, nem

nem tomar Mascate: q̄ era de parecer q̄ se fizessem na volta da costa de Persia, & que della na outra volta poderiaõ tomar Mascate (por que elle o anno passado indo em hũa nao do capitaõ de Ormuz pera Bengala naq̄lla mesma mouçaõ, tomara aquella derrota, & q̄ pella outra costa achara os ventos galernos, & fora correndo á vontade: & q̄ do cabo de lasques atruessara, & fora tomar Mascate muito folgadaméte.) Parecêdo aquillo bê a todos, voltaraõ no outro bordo, & foraõ ferrar Mascate, deixádo o capitaõ mór os nauios mais ligeiros pera vigiaré as Galés.

Chegada a armada áq̄lle porto forgio na baya, & mádou o capitaõ mór fazer agoa & lenha, & despidio mais nauios ligeiros a espisar as Galés. Nestes dias q̄ aqui esteue se notaraõ dous casos notaueis. Vm delles foi: estando a armada furta na baya, entrou vm dia por ella dentro vm monstro marinho muito mayor que hũa balea, & da mais estranha feiçaõ que nunca se vio: & chegádo ao Galeaõ de dõ Fernando de Meneses, o rodeou muito deuagar. Os Mouros da terra tendo rebate, se embarcaraõ alguns pescadores em vm grande & fermoso Terranquim, & tomádo betas grossas amarradas hũas nas outras, fizeraõ vm grande laço, & pondolhe suas iscas foi as o monstro demandar, & dando no laço ficou preso. Os Moutros tanto q̄

o sintiraõ foraõlhe largádo as betas todas, dandolhe fugalaça por q̄ os naõ metesse no fundo, leuandoos o monstro á toa pella barra fora: porq̄ com a força q̄ era mūy grande, foi dando pancadas, & tirando pella terrada, no q̄ se gastaraõ muitas horas. Cansada aquella alimaria, poseraõse os Arabios aos remos, & foraõ remando pera dentro, leuandoa a pos si a te a encuada de Mocalachina, & lançando os cabos em terra foraõ amarrados em parte segura: & ajuntandosse muita gente, alaraõ por elles, & poseraõ o monstro á borda da agoa, a onde o desfizeraõ, pello naõ poderem trazer a terra.

A outra coufa que se notou foi: hũa noite antes de pelejarem cõ as Galés, viraõ correr pello ceo vm Cometa desses errantes, muito grande & fogoso, & se foi desfazer naquella parte em q̄ depois os nossos tomaraõ as Galés, q̄ durou muito grande espaço. Estando a armada asy furta chegaraõ as Fustas q̄ as foraõ espisar, & disseraõ ao capitaõ mór, q̄ as Galés ficauaõ aos ilheos de Soar, doze legoas de Mascate. Com estas nouas se leuou, & mandou embandeirar a armada, & deu á vela em busca das Galés: & aos vinte & cinco dias do mes d'Agosto, dia de saõ Luis Confessor ás noue horas do dia oueraõ vista dellas.

O Alecheluby vendo os Galeoés cuidou que eraõ naos de mercadores,

dores, por q̄ tinha deixado atras a armada cō tépos taõ roins, q̄ depois q̄ a perdeu de vista a te li, pós quinze dias, & pareceolhe q̄ se tinha tornado pera Ormuz. As Galés vinhaõ todas a remo de longo da terra a fio com o vento pella proa: & aos ilheos que estaõ duas legoas de Mascate se encontraraõ na mais fermosa & limpa praya q̄ ha em toda a costa de Arabia. O capitaõ mór foi cingindo o már cõ toda a sua armada, porq̄ as Galés lhe naõ podessẽ escapar, & as foi demandando cõ os nauios de remo diante, & as Carauelas logo a pos elles, & os Galeoens estendidos pello mar todos embandeirados, que era hũa fermosa cousa de ver. O Alecheluby vendosse encurrealado á terra, & q̄ pera voltar pera tras ja o naõ podia fazer, determinou de passar a remo cozido com a terra pellas proas dos nossos nauios, & foraõ forçando o remo pera vingarem hũa ponta que ali lançaua ao mar. Dõ Fernando de Meneses chegou cõ o seu Galeaõ ate dar em oito braças, q̄ mandou lançar ferro, & as Carauelas foraõ arribando a terra sobre as Galés. O Alecheluby com noue Galés as mais ligeiras, q̄ ya diante, vingou a ponta primeiro q̄ as nossas Carauelas chegassẽ, & as seis q̄ ficaraõ mais atras, naõ a poderaõ passar. As Carauelas q̄ eraõ nauios mais pequenos, & ligeiros, foraõ se metendo bem a terra: a de dom

Ieronymo de Castel branco q̄ ya diante de todos foi prepassando pello Galeaõ do capitaõ mór. Dõ Antonio de Castelbranco irmaõ de dom Ieronymo q̄ ya com dom Fernando de Meneses, vendo ir o irmaõ diante de todos, se pós em cima do chapiteo, & bradou pello irmaõ dizendo: Ah rapaz varamẽ essa Carauela: o dom Ieronymo o fez asfi: por que metendo de ló tudo o que pode chegou a terra pella proa das Galés, & quis Deos que neste tempo desse do Galeaõ do capitaõ mór hũa bombardada em hũa Galé q̄ ya diante com q̄ atrauessou, & as outras foraõ encalhar nella. Ao mesmo tempo chegou dõ Ieronymo de Castelbranco, & atrauessouse antre as Galés, pondo a Carauela em seco no meyo de duas dellas, sobre quem lançou tanto fogo q̄ as abrazou. Dom Manoel Mascarenhas q̄ ya logo pegado a dom Ieronymo de Castelbranco chegou ás Galés em q̄ elle estava aferrado, & lançou tãto fogo sobre hũa que a abrazou, & passou adiante, & ferrou em outra. Dom Ieronymo lançou se cõ quinze ou vinte soldados em hũa das Galés em que estava encalhado, & á espada a axorou matando todos os Turcos.

As outras Carauelas foraõ chegãdo, & ferraraõ cada hũa da sua: Antonio de Valadares, & dõ Fernando de Menroy, tanto que poseraõ as proas em as Galés, logo se baldea-

baldearaõ dentro, & á espada & rodela tiueraõ hũa aspera batalha com os Turcos, & por fim della mataraõ muitos, & os mais se lançaõ ao mar.

Dom Manoel Mascarenhas de pois que axorou hũa das Galés, das em que dom Ieronymo estaua encalhado, foi pór a proa n'outra q̄ tambem rendeo.

Dom Ieronymo de Castelbrãco, depois que rendeo as suas duas Galés mandou lançar vm virador ao már, & alandossé por elle se tirou do seco, & leuou as Galés com figo, confessando publicamente, q̄ dom Manoel Mascarenhas rendera & abrasara hũa dellas, do que a dom Manoel lhe não deu cousa algũa.

Rendidas as seis Galés, a gente dellas que se lançou ao mar foi toda morta pella das nossas Fustas (que se meteraõ antre as Galés & a terra) sem darem vida a pessoa algũa. Alecheluby que tinha passado a ponta com noue Galés foise pór ao mar da nossa armada, & esteue olhando a briga, & vendo as Galés rendidas deu a vela, & se fez na volta da outra costa, com tenção de se passar a Cambaya, porque a Constãtinopla não auia de ir por que o Turco estaua certo cortarlhe a cabeça. As nossas Carauelas vendo ir as Galés, largaraõ as velas, & as foraõ seguindo ate a costa da India.

Dom Fernando de Meneses cõ

aquella vitoria se recolheo a Mascate pera se curarem algũs feridos que auia, que os capitaens das Carauelas passaraõ ás Fustas, & as seis Galés mandou reformar & concertar, & resgatou a chufma das maõs dos soldados, & as mandou benzer pellos sacerdotes, & lhes pos a todas nomes pera serem conhecidas, & as repartio por fidalgos capitaens das Fustas.

A Gale sancta Elena a Bastiaõ de Macedo, sancta Luzia a Manoel de Siqueira. A Conceiçãõ a Baltasar Monteiro: A Vitoria a Gomez de Siqueira: Sanctiago a Jorge Pereira: E saõ Miguel a Gõçalo Guedes. Tomaraõse nestas Galés corenta & sete peças d'artelharia de bronzo, em que entrauaõ Basaliscos, Esperas, & Canhoens forçados de ate corenta arrates de pilouro, & outros camelos & aguias.

Dom Fernando de Meneses em quanto prouia a armada despidio vm nauio ligeiro com as nouas da vitoria a seu pay, & elle ficou refazendo a armada. As nossas Carauelas que yaõ seguindo as Galés deraõlhe casta a te a costa da India, as sete se recolheraõ a Surrate, a onde as Carauelas de dom Ieronymo de Castelbranco, de Nuno de Crasto, & de dom Manoel Mascarenhas as enfacaraõ, & se deixaraõ ficar sobre a barra. As outras duas Galés foraõ seguindo dom Fernando de Monroy, & Antonio

tonio de Valadares, que as acossaraõ de maneira q̃ as fizeraõ varar, hũa em Damaõ, & outra em Darnu, a onde se espedaçaraõ, & elles se passaraõ a Baçaim. Francisco de Sá de Meneses capitão d'aquella fortaleza sabendo o que passava, & de como as outras Galés estauaõ recolhidas em Surrate, negociou dez ou doze nauios em que se embarcou, & se foi pór sobre aquella barra em companhia das Carauelas.

Chegando estas nouas a Iorge de Mendoça capitão de Chaul, armou com muita pressa outros dez

ou doze nauios em que se embarcou, & se foi ajuntar com Francisco de Sá. Era ja isto perto de vinte de Setembro, & aos vinte & tres forgio na barra de Goa dom Pedro Mascarenhas que vinha por Visorrey da India. E por que as cousas que mais socederaõ entraõ em seu tempo as guardaremos pera a setima decada seguinte, em q̃ com o fauor diuino entraremos, dando primeiro fim a esta sexta a gloria & honra de Deos nosso Senhor que viue & reina pera sempre. Amen.

*Fim da Sexta Decada.*

---

RES.  
417 ✓























